

JOHN GRISHAM TEMPO

DE MATAR

http://www.bibliomaniabrasil.blogspot.com.br

Para Renée,

Mulher de beleza fora do comum, Amiga incondicionalmente leal, Crítica compassiva,

mãe exemplar, esposa perfeita.

PREFÁCIO

Uma vez que tenho tendência para iniciar projetos que nunca chegam ao fim, o meu

objetivo ao começar a escrever este livro foi terminá-lo. Eu imaginava uma pilha de páginas

datilografadas num canto do meu escritório, para a qual, um dia, poderia apontar com certo

orgulho e dizer a clientes e amigos, ali está o livro que escrevi. Certamente, em qualquer

lugar, no mais profundo da minha mente, sonhei vê-lo publicado, mas, para ser franco, não

me lembro disso, pelo menos não quando comecei a escrever. Seria a minha primeira

tentativa no gênero da ficção. Comecei no Outono de 1984, três anos depois de me formar

em Direito e muito inexperiente ainda.

Naqueles primeiros anos da minha carreira eu passava muitas horas nos tribunais,

observando o trabalho de bons advogados. O ambiente do tribunal sempre me fascinou -

ainda hoje me fascina. Nos tribunais, as pessoas falam de coisas que jamais ousariam

mencionar fora de casa. Os grandes dramas não ocorrem nas telas ou nos palcos, mas nos

inúmeros tribunais deste país.

Certo dia assisti a um julgamento terrível no qual uma menina testemunhava contra o

homem que a havia violentado brutalmente. Foi uma experiência avassaladora para mim e

eu era apenas um espectador. Num momento, ela era toda coragem, no outro, dolorosamente

frágil. Fiquei estupefato. Não podia sequer imaginar o pesadelo pelo qual a menina e a família

tinham passado. Pensei no que faria se fosse minha filha. Enquanto eu a via sofrer em frente

do júri, tive vontade de matar o violador. Por um breve, mas interminável momento, desejei

ser seu pai. Eu queria justiça. Havia uma história em tudo aquilo. Fiquei obcecado com a

idéia de vingança do pai. Que faria um júri de cidadãos comuns com um pai que tivesse feito

justiça por suas próprias mãos? Naturalmente o veriam com muita simpatia, mas o suficiente

para uma absolvição?

A idéia deste livro ganhou corpo num período de mais de três meses, durante os quais

quase não pensei em outra coisa. Escrevi o primeiro capítulo à mão num bloco vulgar e pedi

a Renée, minha mulher, que o lesse. Ela ficou impressionada e disse que gostaria de ler o

segundo capítulo. Um mês depois, entreguei-lhe os capítulos dois e três e ela ficou

completamente encantada. Renée lê cinco ou seis livros por semana - mistério, suspense,

terror, espionagem, todo o tipo de ficção - e não tem paciência para uma história que não

funciona como deveria.

Encarei o trabalho como um passatempo, uma hora aqui, uma hora ali, e impondome

vagamente a disciplina de pelo menos uma página por dia, nunca o abandonei. Lembro -me

de um período de quatro semanas em que nada foi escrito. Ocasionalmente, saltava um dia,

mas de um modo geral prosseguia com teimosa diligência. Na minha opinião, a história era

maravilhosa, mas tinha dúvidas quanto à minha capacidade em escrevê -la. Renée gostou e

eu continuei. Ao cabo de um ano, admirei-me da rapidez com que a pilha de páginas

aumentava e percebi que tinha chegado no meio do livro. O objetivo original foi esquecido e

surpreendi-me pensando em contratos de publicação, royalties, almoços elegant es com

agentes e editores - os sonhos de todo o escritor nãopublicado.

Três anos depois de ter começado a escrever, Renée leu o último capítulo e o

mandamos para Nova York. O título provisório era Deathknell, uma péssima idéia que foi

abandonada assim que o manuscrito aterrou no escritório do meu novo agente, Jay Garon.

Jay tinha lido os três primeiros capítulos e imediatamente me enviou um contrato de

representação. Dezesseis outros agentes tinham recusado, bem como uma dezena de

editores. Jay aceitou o manuscrito e disse-me que começasse a escrever outro livro.

Segui o conselho dele. Passou um ano e nada aconteceu. Eu estava no meio do meu

segundo livro, A firma, quando Jay telefonou, em Abril de 1988, com a notícia maravilhosa

de que o meu livro ia ser publicado. Bill Thompson, da Wynwood Press, lera os originais e

comprara-os imediatamente. Sob a sua orientação, fiz diversas revisões e encontrei um novo

título, Tempo de matar. Acho que foi o sexto ou sétimo que escolhi. Não sou bom em títulos.

Wynwood imprimiu 5 mil exemplares e publicou o livro em Junho de 1989. Vendeu -se bem

num raio de 200 quilômetros da minha cidade, mas foi ignorado pelo resto do mundo. Não

houve negociação para a publicação em livro de bolso, nem requisição de direitos no exterior.

Mas era um primeiro livro e o primeiro livro geralmente é ignorado. Coisas melhores estão

para vir.

Terminei A firma em 1989 e mandei-a Jay. A Doubleday/Dell comprou-o e quando foi

publicado em capa dura, em Março de 1991, a minha carreira de escritor d eu uma guinada

espetacular. O sucesso de A firma despertou novo interesse por Tempo de matar.

Trata-se de um livro bastante autobiográfico. Eu deixei de fazer advocacia, mas

durante dez anos exerci-a muito à maneira de Jake Brigance. Representava indivídu os, e

não instituições financeiras, companhias de seguros ou grandes firmas. Eu era um advogado

das ruas. Jake e eu temos a mesma idade. A minha posição era a de defesa nos tempos de

colégio, embora eu não jogasse muito bem. Muitas das coisas que ele faz e diz são

exatamente o que eu acho que faria e diria nas mesmas circunstâncias. Nós dois temos

automóveis da mesma marca. Ambos sentimos a pressão insuportável do tribunal criminal,

uma coisa que procuro captar no livro. Ambos perdemos o sono por causa de c

lientes e

vomitamos nos banheiros do tribunal. Este livro saiu do coração. É um primeiro livro e às

vezes perde-se em digressões, mas eu não mudaria uma palavra, se me pedissem.

Oxford, Mississipi 30 de Janeiro, 1992

Billy Ray Cobb era o mais jovem e mais baixo dos dois homens brancos. Com vinte e

três anos era veterano de Parchman, a penitenciária estadual, tendo cumprido uma pena de

três anos. Posse, com intenção de venda. Era um vagabundo magro e rijo que t inha

sobrevivido à prisão graças a um bom estoque de drogas que ele vendia e às vezes dava

aos negros e aos guardas, em troca de proteção. No ano seguinte à sua saída da cadeia,

Billy Ray Cobb prosperou e o seu pequeno negócio de tráfico de drogas elevou - o à posição

de um dos mais ricos caciques brancos de Ford County. Era um homem de negócios com

empregados, obrigações, contratos e tudo, menos impostos. Na revendedora Ford de

Clanton, ele era conhecido como o último homem na história recente a pagar em din heiro

vivo por uma pick-up. Dezesseis mil dólares na ficha por uma pick-up Ford de luxo, feita sob

encomenda, tração nas quatro rodas, amarelo-canário. As rodas cromadas e os

pneus faziam

parte do acordo de compra. A bandeira rebelde, no vidro traseiro for a roubada por Cobb de

um rapaz bêbado durante uma partida de futebol em Ole Miss.

A pick-up era o objeto mais valioso de Billy Ray. Sentado na traseira da caminhonete,

bebendo cerveja e fumando um cigarro, Billy observava o amigo Willard na sua vez de se

divertir com a garotinha negra.

Willard era quatro anos mais velho e dez anos mais burro. De um modo geral era

inofensivo, nunca se tinha metido em problemas sérios nem em um emprego fixo. Talvez

uma noite na cadeia por causa de uma briga ocasional, mas n ada de importante. Dizia-se

lenhador, cortava madeira para a fábrica de papel até ao dia em que um problema na coluna

o afastou das florestas. Sofrera um acidente quando trabalhava numa plataforma marítima,

no Golfo, e recebera uma boa indenização da compa nhia de petróleo. O dinheiro

desapareceu quando a ex-mulher o deixou completamente liso. A principal ocupação dele

era trabalhar meio período para Billy Ray Cobb, que não pagava muito mas era um mãos

aberta com as drogas. Pela primeira vez em muitos anos, Willard podia ter sempre alguma

coisa. E ele estava sempre precisando delas. Isso desde o acidente que lhe tinha

afetado a

coluna.

A menina tinha dez anos e era baixa para a idade. Estava deitada sobre os cotovelos

amarrados atrás das costas com uma corda amarela de nylon. Tinha as pernas

grotescamente abertas, o pé direito amarrado a um pequeno carvalho e o outro à estaca

tombada de uma velha cerca. A corda cortava-lhe os tornozelos e o sangue escorria-lhe pelas

pernas abaixo. O rosto estava ensangüentado e inchado, com um dos olhos fechado, com o

outro via o homem branco sentado na caminhonete. Não olhava para o homem em cima dela.

Ele arquejava, suava e praguejava e a estava machucando.

Quando terminou, ele esbofeteou a menina e riu, o outro homem riu t ambém. Depois,

às gargalhadas, os dois rolaram na erva ao lado do carro como dois loucos, gritando e rindo.

Ela virou o rosto e chorou em silêncio. Eles a tinham espancado anteriormente porque ela

gritava e chorava. Tinham dito que a matariam se não ficasse quieta.

Cansados de rir, os homens saltaram para a parte de trás aberta da pick -up e Willard

limpou-se com a camiseta da menina negra, agora encharcada de sangue e de suor. Cobb

estendeu-lhe uma lata de cerveja gelada, da caixa de isopor, e fez um comen

tário qualquer

acerca da umidade do tempo. Observaram a menina que, depois de emitir alguns sons

estranhos e baixos ficou imóvel. A lata de cerveja de Cobb estava quase vazia e quente, e

ele atirou-a, acertando no estômago da criança. A espuma branca espalhou-se por todo o

lado e a lata rolou para o chão, ao lado de outras latas vazias saídas da mesma caixa de

isopor. Já tinham atirado duas dúzias de latas de cerveja ao mesmo alvo, rindo de cada vez

que lhe acertavam. Willard não tinha boa pontaria, mas Cob b tinha. Não costumavam atirar

cerveja fora, mas as latas mais pesadas acertavam com maior precisão e era divertido ver a

espuma a subir e a espalharse.

A cerveja quente misturada com o sangue escuro escorria pelo rosto e pelo pescoço

da menina, formando uma poça debaixo da cabeça dela. Ela não se mexeu. Willard

perguntou a Cobb se achava que ela estava morta.

Abrindo outra lata, Cobb explicou que não estava porque, normalmente, não era

possível matar um crioulo com pontapés, pancadas ou estupro. Era prec iso muito mais para

se acabar com eles, uma faca, um revólver ou uma corda. Embora nunca tivesse tomado

parte nesse tipo de assassinato, na prisão havia muitos negros e Cobb sabia tudo sobre

deles. Passavam a vida a matar-se uns aos outros e usavam sempre uma arma. Os que eram

só espancados e violentados nunca morriam. Alguns brancos, espancados e violentados,

morriam. Mas não os negros. As cabeças deles eram mais duras. Willard ficou satisfeito com

a explicação.

Willard perguntou-lhe o que pretendia fazer, agora que já tinham acabado de se

divertir com ela. Cobb deu uma tragada no cigarro, bebeu um gole de cerveja e disse que

não tinha terminado ainda. Saltou do carro e cambaleou para a pequena clareira onde a

menina estava amarrada. Gritou e praguejou a fim de acordá-la, depois lhe atirou cerveja

gelada à cara, rindo como um louco.

Ela o viu dar a volta à árvore à sua direita e depois olhar para o meio das suas pernas

abertas. Quando Cobb baixou as calças, ela virou o rosto para a esquerda e fechou os olh os.

Ele estava machucando-a de novo. A menina olhou para as árvores e viu o vulto de um

homem correndo desesperadamente por entre as trepadeiras e o mato alto. Era o pai, aos

gritos, apontando e correndo para salvá-la. A menina gritou por ele e ele

desapareceu. Ela

voltou a adormecer.

. Quando acordou, um dos homens estava deitado debaixo da carroceria e o outro debaixo

de uma árvore. Os dois dormiam. Os braços e pernas dela estavam dormentes. O sangue, a

cerveja e a urina misturados com a terra formavam uma pasta pegajosa que se colava ao

corpo e estalava a cada pequeno movimento. Fugir, pensou ela, mas o esforço maior só lhe

permitiu um pequeno movimento para a direita. Os pés amarrados estavam tão altos que as

suas nádegas mal tocavam no chão. Os braços e as pernas dormentes não se moviam.

Procurou o pai entre as árvores e chamou-o baixinho. Esperou e tornou a adormecer.

Quando acordou outra vez, eles estavam de pé, movendo -se ao lado do carro. O mais alto

cambaleou para ela com um canivete na mão. Segurou no tornozelo esquerdo da menina e

serrou furiosamente a corda. Depois, soltou a perna direita e ela enrolou -se na posição fetal,

de costas para eles.

Cobb passou o pedaço de corda de nylon por um galho de árvore e fez um nó

corrediço na ponta. Segurou a menina, passou o laço pela cabeça dela e caminhou para o

outro lado da clareira, com a outra ponta da corda na mão. Sentou -se na porta da

caminhonete, onde Willard fumava um cigarro e ria para Cobb, percebendo antecipadamente

o que ele ia fazer. Cobb esticou a corda e deu um puxão forte. O corpo pequenino saltou no

chão e foi arrastado para debaixo do ramo da árvore. Ela engasgouse e tossiu, e ele

gentilmente afrouxou um pouco a corda para a poupar durante mais alguns minutos. Amarrou

a corda no pára-choques do carro e abriu mais uma cerveja.

Ficaram ambos sentados na porta da caminhonete, bebendo, fumando e olhando para

ela. Tinham passado quase o dia todo no lago, onde o amigo de Cobb tinha um barco e

algumas garotas supostamente fáceis, mas que na ver dade eram intocáveis.

Cobb fora generoso com as drogas e a cerveja, mas as garotas não corresponderam.

Frustrados, deixaram o lago e seguiram pela estrada, sem destino, até que avistaram a

menina. Ela caminhava pela estrada de cascalho com um saco de comp ras, quando Willard

lhe acertou na nuca com uma lata de cerveja.

-

Vai fazer isso? - perguntou Willard, com os olhos vermelhos e

vidrados.

Cobb hesitou.

-

Não, deixo para você. A idéia foi tua.

Willard deu uma tragada no cigarro, cuspiu e disse:

-

A idéia não foi minha. Você é que és especialista em matar crioulos.

Faça isso.

Cobb desamarrou a corda do pára-choques e esticou-a outra vez. Pedaços da casca

do galho, arrancados pela corda de nylon, caíram sobre a menina, que agora os observava

atentamente. Tossiu.

De repente, ela ouviu um ruído - como o de um carro com o tubo de escape aberto.

Os dois homens voltaram-se rapidamente e olharam para a estrada alcatroada ao longe.

Praguejando, agiram rapidamente, um fechando a porta de trás do carro, e o outro cor rendo

para ela. Tropeçou e caiu perto da menina. Por entre uma troca de palavrões, agarraram-na,

tiraram-lhe a corda do pescoço, a arrastaram até o carro e a atiraram para dentro da parte de

trás, aberta. Cobb esbofeteou-a, ameaçando matá-la se não ficasse deitada no fundo do

carro e quieta. Disse-lhe que a levaria para casa se obedecesse, caso contrário, a

matariam.

Fecharam as portas e enfiaram rapidamente pela estrada de terra. Ela ia voltar para casa.

Desmaiou.

Cobb e Willard acenaram para o Firebird conversível, quando cruzaram com ele na

estrada estreita de terra. Willard virou-se para trás para verificar se a menina estava deitada.

Cobb entrou na estrada de asfalto e seguiu em frente.

-

E agora? - perguntou Willard, nervoso.

-

Não sei - respondeu Cobb, também nervoso. - Mas temos de fazer

alguma coisa depressa, antes que ela suje de sangue o carro todo. Olha para trás, há

sangue por toda a parte.

Willard pensou um minuto, enquanto acabava de beber a cerveja.

-

Vamos atirá-la de uma ponte - disse, orgulhoso.

-

Grande idéia. É mesmo uma puta de uma bela idéia. - Cobb parou de

repente. – Me dê uma cerveja - ordenou. Willard saiu do carro e pegou as cervejas na

parte de trás. - Ela sujou de sangue até a caixa de isopor - informou ele, e o carro

voltou a partir a toda a velocidade pela estrada.

Gwen Hailey teve um pressentimento horrível. Normalmente ela teria mandado um

dos rapazes ao armazém, mas estavam de castigo, tratando do jardim, por ordem do pai.

Tonya já tinha ido sozinha ao armazém - a dois quilômetros de casa - sem qualquer problema.

Porém, ao fim de duas horas, Gwen mandou as crianças procurarem a irmã. Pensaram que

ela devia estar na casa dos Pounder, brincando com as crianças, ou talvez se tivesse

aventurado para além do armazém para visitar a sua melhor amiga, Bessie Pierson.

O Sr. Bates do armazém disse que ela tinha saído há uma hora. Jarvis, o irmão do

meio, encontrou o saco com os mantimentos ao pé da estrada.

Gwen telefonou para o marido na fábrica de papel, a seguir meteu Carl Lee Jr. n o

carro e começou a percorrer as estradas de terra em volta do armazém. Foi até um conjunto

de casas velhas no Lugar Graham, para ver se ela estaria na casa de uma das tias. Parou

na loja Broadway a dois quilômetros do armazém e um grupo de negros velhos g arantiu-lhe

que não a tinham visto. Gwen percorreu uma vasta área de estradas de terra em

volta da sua

casa.

Cobb não conseguia encontrar uma ponte que não estivesse cheia de crioulos com

varas de pesca. Em cada uma delas havia quatro ou cinco pescando, com grandes chapéus

de palha, e mais alguns debaixo da ponte, sentados em baldes, também com chapéus de

palha e caniços de pesca, imóveis, a não ser por um ocasional movimento para espantar os

mosquitos.

Estava assustado. Willard, completamente bêbado, estava dormindo e não podia

ajudar em nada. Cobb tinha de se desfazer da menina de modo que ela nunca pudesse contar

o que tinha acontecido. Willard roncava enquanto ele percorria freneticamente as estradas

de terra e de asfalto à procura de uma ponte ou de uma rampa ao lado do rio, onde pudesse

parar e atirá-la à água sem ser visto por uma dezena de crioulos com chapéus de palha.

Olhou pelo retrovisor e viu que ela tentava ficar de pé. Freou bruscamente e a menina caiu

no fundo do carro, por baixo da janela. Willard ricocheteou no painel e escorregou para o

chão, onde continuou roncando. Cobb insultou-os a ambos.

O lago Chatulla não passava de um enorme buraco lamacento feito pelo homem,

com

uma represa coberta de mato de um quilômetro e meio de extensão nu ma das suas

extremidades. Ficava no extremo sudoeste de Ford County, e entrava ainda por alguns

hectares de Van Buren County. Na Primavera, o lago era elevado à posição de maior massa

de água do Mississipi. Mas no fim do Verão, terminadas as chuvas, o sol evaporava a água,

secando quase por completo o lago. As linhas das margens, antes ambiciosas, retraíam-se

agora, juntando-se praticamente no centro, criando uma bacia profunda cheia de água

castanho-avermelhada. Vários regatos, pântanos e riachos alimentavam-no, vindos de todas

as direções além de duas correntes que podiam ser consideradas como rios. A existência de

todos esses afluentes era a causa da construção de várias pontes em volta do lago.

E era sobre essas pontes que a pick-up amarela voava, num esforço frenético para

encontrar um lugar onde pudesse despejar a passageira indesejável. Cobb estava

desesperado. Conhecia mais uma ponte, estreita e de madeira, sobre o Foggy Creek. Ao

chegar lá, avistou mais crioulos e mais varas. Seguiu por outra estrad a de terra e parou. Abriu

a porta de trás da caminhonete, arrastou a menina para fora e atirou -a numa pequena ravina

cercada de mato seco.

Carl Lee Hailey não se apressou em voltar para casa. Gwen assustava -se com

facilidade e telefonava para a fábrica sempre que imaginava que uma das crianças fora

raptada. Ele marcou o ponto à hora habitual e, como sempre, fez em trinta minutos o percurso

da fábrica até a casa. Ficou preocupado quando viu o carro da policial parado na frente da

varanda. Os carros da família de Gwen estavam espalhados na frente da casa e no jardim e

estava lá um que ele não conhecia. Tinha varas de pesca saindo pelas janelas e pelo menos

sete chapéus de palha lá dentro.

Onde estavam Tonya e os rapazes?

Quando abriu a porta, ouviu o choro de Gwen. À sua direita, na pequena sala de estar,

viu um grupo de pessoas em volta de alguém deitado no sofá. A criança estava coberta com

toalhas e rodeada pelos parentes que choravam. Quando Carl Lee chegou perto do sofá, o

choro parou e todos recuaram. Só Gwen ficou, acariciando o cabelo da filha. Ele ajoelhou -se

ao lado do sofá e tocou no ombro da menina. Falou com Tonya e ela tentou sorrir. O seu

rosto era uma massa informe e sangrenta, cheia de equimoses e de golpes. Os dois olhos

estavam fechados e sangravam. Os olhos dele encheram-se de lágrimas ao olhar para o

corpo pequenino enrolado em toalhas e sangrando desde os tornozelos até à testa.

Carl Lee perguntou a Gwen o que tinha acontecido. Ela começou tremendo e

chorando alto e o irmão levou-a para a cozinha. Carl Lee levantou-se e perguntou aos

parentes o que tinha acontecido. Silêncio.

Ele perguntou pela terceira vez. O policial, Willie Hastings, primo de Gwen, adiantou -

se e explicou-lhe que uns homens estavam pescando no Foggy Creek e tinha m avistado

Tonya deitada no meio da estrada. Ela dissera o nome do pai e eles tinham-na trazido para

casa. Hastings calou-se e baixou a cabeça.

Carl Lee olhou para ele e ficou à espera, enquanto todos na sala continham a

respiração e olhavam para o chão.

- O que aconteceu, Willie? - gritou Carl Lee, olhando para o policial.

Hastings falou devagar e, olhando pela janela, repetiu o que Tonya tinha contado à

mãe sobre dois homens brancos e da pick-up, da corda e das árvores e de como a tinham

machucado quando a tinham violado. Parou de falar ao ouvir a sirene da ambulância.

Todos saíram, para a varanda, e olharam gravemente para os homens que retiraram

a maca da ambulância e se dirigiram até à casa.

Os paramédicos pararam no jardim quando a porta se abriu e Carl Lee apareceu com

a filha nos braços. Sussurrava-lhe palavras carinhosas e as lágrimas caíam-lhe queixo

abaixo. Foi até à ambulância e entrou. Os paramédicos fecharam a porta cuidadosamente e

tiraram-na dos braços do pai.

DOIS

Ozzie Walls era o único xerife negro em todo o Mississipi. Houve outros na história

recente do estado, mas, nesse momento, era o único. Orgulhava -se muito do fato, uma vez

que a população de Ford County era formada por setenta e quatro por cento de brancos e os

outros xerifes negros tinham sido eleitos em cidades onde a população negra era muito maior.

Desde a Restauração nenhum outro xerife negro fora eleito num condado branco do

Mississipi.

Ozzie fora criado em Ford County e era parente da maioria dos negros e de alguns

brancos. Terminada a segregação, no final dos anos 60, fizera parte da primeira turma mista

formada no liceu de Clanton. Ozzie queria jogar futebol em Ole Miss, mas já havia dois negros

na equipe. Entrou para o Alcom State, onde sobressaiu, e jogava na def esa dos Rams quando

teve um problema num dos joelhos e voltou para Clanton. Sentia falta do futebol, mas gostava

de ser xerife, especialmente na época das eleições quando recebia mais votos do que os

seus oponentes brancos. Os garotos brancos idolatravamno porque ele era um herói, uma

estrela do futebol que aparecia na TV e a sua fotografia saía nas revistas. Os pais

respeitavam-no e votavam nele porque era um policial duro que não fazia distinção entre

vagabundos negros e vagabundos brancos. Os políticos b rancos apoiavam-no porque, desde

que se tornara xerife, o Departamento de Justiça deixara de interferir nos assuntos de Ford

County. Os negros adoravam-no simplesmente por ele ser Ozzie, um deles.

Ozzie não jantou e permaneceu no seu escritório, no prédio da cadeia, esperando

Hastings para ouvir o relatório que o policial faria quando voltasse da casa dos Hailey. O

xerife tinha um suspeito. Billy Ray Cobb não lhe era desconhecido. Ozzie sabia que ele vendia

drogas - só que não conseguia prendê-lo. Sabia também que Cobb era cruel.

O operador de rádio chamou os policiais e Ozzie deu-lhes instruções para localizarem,

mas não prenderem, Billy Ray Cobb. Eram doze policiais ao todo - nove brancos e três

negros. Espalharam-se pela região à procura da pick-up Ford especial, amarelo-canário, com

uma bandeira rebelde no vidro traseiro.

Quando Hastings chegou, Ozzie seguiu com ele para o hospital. Como sempre,

Hastings dirigia e Ozzie dava instruções pelo rádio. Encontraram o clã dos Hailey na sala de

espera do segundo andar. Tias, tios, avós, amigos e estranhos amontoavam-se no pequeno

espaço e outros no corredor estreito. Ouviam-se murmúrios e viam-se lágrimas silenciosas.

Tonya estava na sala de cirurgia.

Carl Lee estava sentado com Gwen a seu lado e os rapazinhos ao lado dela. Com os

olhos fixos no chão, parecia não ver ninguém. Recostada no ombro dele, Gwen chorava

baixinho. Os filhos, muito rígidos, com as mãos nos joelhos, uma vez por outra olhavam para

o pai, como que à espera de uma palavra tranqüilizadora.

Ozzie atravessou a salinha, dando apertos de mão, palmadas nas costas e dizendo

em voz baixa que ia apanhar os culpados. Ajoelhou-se em frente de Carl Lee e de Gwen.

-

Como está ela? - perguntou.

Carl Lee não o viu. Gwen chorou mais alto e os filhos fungar am e enxugaram as

lágrimas. Ozzie bateu de leve no joelho de Gwen e levantou -se. Um dos irmãos dela levou-o

para o corredor, para longe da família. Apertou a mão de Ozzie e agradeceu a sua presença.

-

Como está ela? - perguntou Ozzie.

-

Não muito bem. Está na cirurgia e ao que parece vai demorar. Tem

ossos partidos e um traumatismo grave. Foi muito espancada. Tem também marcas

de uma corda no pescoço, como se tivessem tentado enforcá -la.

-

Foi violada? - perguntou Ozzie, apesar de saber a resposta.

-

Foi. Contou à mãe que eles se revezaram e a machucaram muito. Os

médicos confirmaram.

-

Como estão Carl Lee e Gwen?

-

Muito abalados. Acho que estão em estado de choque. Carl Lee ainda

não disse uma palavra desde que chegou.

Ozzie garantiu que ia encontrar os dois homens, que isso não ia demorar e que

quando os encontrasse ia trancá-los muito bem em lugar seguro. O irmão sugeriu-lhe que os

prendesse em outra cadeia, para própria segurança de ambos.

A cinco quilômetros de Clanton, Ozzie apontou para a entrada de terra de uma casa.

- Pare ali - disse a Hastings, que saiu do asfalto e parou em frente de um trailer velho.

Era quase noite. Ozzie bateu à porta com o cassetete. - Abra a porta, Bumpous!

O trailer estremeceu e Bumpous correu para o banheiro para atirar o cigarro de

maconha no vaso.

-

Abra, Bumpous! - Ozzie bateu de novo, com violência. - Sei que está

aí. Se não abrir, arrombo a porta com um pontapé. Bumpous abriu a porta

rapidamente e Ozzie entrou.

-

Sabe uma coisa, Bumpous, todas as vez que lhe faço uma visita, sinto

um cheiro esquisito e ouço a descarga do banheiro. Vista -se, tenho um trabalho para

você.

-

O-o quê?

-

Explico-lhe lá fora, onde consigo respirar. Trate de se vestir depressa.

-

E se eu não quiser?

-

Não há problema. Amanhã, arranjo uma maneira de acabar com a sua

liberdade condicional.

-

Saio já.

Ozzie sorriu e dirigiu-se para o carro. Bobby Bumpous era um dos seus favoritos.

Desde que obtivera a liberdade condicional, dois anos antes, levava uma vida razoavelmente

limpa, sucumbindo uma vez ou outra à compra fácil da droga a troco de uns tostões. Ozzie

vigiava-o como um gavião e sabia dessas transações e Bumpous sabia que Ozzie sabia. Por

isso, Bumpous estava sempre mais do que disposto a ajud ar o seu amigo, o xerife Ozzie

Walls. O plano de Ozzie era usar Bumpous para incriminar Billy Ray Cobb por tráfico de

drogas, mas isso tinha de ficar para mais tarde. Minutos depois Bumpous saiu, metendo a

camisa para dentro e puxando o fecho das calças.

-

De quem é que anda à procura? - perguntou. - De Billy Ray Cobb.

-

Ora, não precisa de mim para encontrar Billy Ray.

-

Cale a boca e ouça. Achamos que Cobb está envolvido num caso de

estupro que aconteceu esta tarde. Uma menina negra foi violada por dois home ns

brancos e eu acho que Cobb está metido nisso.

-

Cobb não é violador, xerife. O negócio dele é droga, lembra -se?

-

Cale a boca e ouça. Você encontra Cobb, passa algum tempo com

ele. Há cinco minutos, a pick-up dele foi vista em frente do Huey's. Pague-lhe uma

cerveja. Jogue bilhar, dados, qualquer coisa. Descubra o que fez ele hoje. Com quem

esteve. Onde foi. Você sabe como ele gosta de falar, certo?

-

Certo.

-

Quando o encontrar, telefone para o meu escritório. Eles me avisam.

Vou estar por ali. Compreendeu?

-

Claro, xerife, tudo bem.

-

Alguma pergunta?

-

Sim. Estou duro. Quem vai pagar tudo isto?

Ozzie deu-lhe vinte dólares e seguiu com Hastings na direção do Huey's, na margem

do lago.

-

Tem certeza de que pode confiar nele? - perguntou Hastings.

-

Em quem?

-

Neste tal Bumpous.

-

Claro que confio. Ele já provou que é digno de confiança desde a

liberdade condicional. É um bom rapaz que tenta andar direito, a maior parte do

tempo. Ele apóia o xerife local e faz qualquer coisa que eu lhe peça.

-

Porquê?

-

Porque eu o apanhei com 300 gramas de droga há um ano. O

Bumpous tinha saído da cadeia há um ano quando eu apanhei o irmão dele com 30

gramas e o avisei de que estava candidatando-se a trinta anos de prisão. Ele desatou

chorando e chorou e lamentou-se a noite inteira na cela. De manhã estava pronto

falando. Disse que o fornecedor era o irmão dele, Bobby. Nessa altura, soltei -o e fui

falar com Bobby. Bati à porta e ouvi a descarga do banheiro. Ele não veio abrir a porta

e eu abri-a com um pontapé. O Bumpous estava só de cuecas, no banheiro, tentando

desentupir o vaso. Havia droga por toda a parte. Não sei quanto ele já tinha

conseguido jogar fora, mas a maior parte estava vindo ao de cima no vaso entupido.

O susto foi tão grande que ele urinou nas cuecas.

-

Está brincando!

-

Sério. O rapaz mijou-se todo. Um espetáculo! Ele ali de pé com as

cuecas molhadas, o desentupidor numa das mãos, a droga na outra e o banheiro

inundado com a água do vaso.

-

E o que é que você fez?

-

Disse-lhe que o matava.

-

E ele?

-

Começou chorando. Chorou como uma criança. Chorou por causa da

mãe, da prisão, disto e daquilo. Prometeu que nunca mais ia sair da linha.

-

Prendeu-o?

-

Não, não tive coragem. Gritei com ele e ameacei-o mais um pedaço.

Declarei que estava em liberdade provisória, ali mesmo, no banheiro inundada. Desde

esse dia que tem sido divertido trabalhar com ele.

Passaram pelo Huey's e viram a caminhonete de Cobb no estacionamento de

cascalho, no meio de mais uma dúzia de outras, todas com tração nas quatro rodas.

Estacionaram atrás da igreja de negros numa colina de onde avistavam o pequeno inferno,

ou taberna, como chamavam ao Huey's, carinhosamente, os seus freqüentadores. Outro

carro da policial estava escondido atrás de umas árvores, na outra extremidade da estrada.

Logo a seguir, Bumpous passou por eles à desfilada e entrou no estacionamento. Parou de

repente, espalhando cascalho e pó e entrou, de ré, no lugar livre, ao lado do carro de Cobb.

Olhou em volta e calmamente entrou no Huey's. Trinta minutos depois, o rád io da policial

avisou que o informante avistara um elemento, um homem branco, no Huey's, um

estabelecimento na auto-estrada 305, perto do lago. Logo em seguida, duas outras viaturas

chegaram e esconderam-se perto do Huey's. Puseramse à espera.

-

Por que tem tanta certeza de que foi Cobb? - perguntou Hastings.

-

Não tenho certeza. É só uma intuição. A menina disse que era uma pick-up com rodas brilhantes e pneus grandes.

-

Isso descreve mais ou menos duas mil caminhonetes.

-

Ela disse também que era amarela, parecia nova e tinha uma bandeira grande dependurada no vidro traseiro.

-

Agora, já só são duzentas.

-

Talvez menos. Quantos desses homens são tão cruéis quanto Billy Ray Cobb? - E se não foi ele?

-

Mas foi.

-

Se não for...

-

Depressa ficaremos sabendo. Billy Ray fala demais, especialmente

quando bebe.

Esperaram duas horas, vendo as pick-ups que entravam e saíam do estacionamento.

Caminhoneiros, lenhadores da fábrica de papel, operários de fábrica e agricultores

estacionavam as suas pick-ups e os seus jipes no cascalho e entravam para beber, jogar

bilhar, ouvir o grupo musical, mas especialmente para encontrar mulheres. Alguns saíam e

iam até à casa vizinha, o Ann's, onde ficavam durante alguns minutos e depois voltavam para

o Huey's. O Ann's era mais escuro tanto por dentro quanto por fora e não tinha anúncios

coloridos de cerveja nem música ao vivo, o que fazia do Huey's o preferido lá do lugar. O

Ann's era conhecido pelo tráfico de drogas, ao passo que o Huey's tinha de tudo, música,

mulheres, flipers, máquinas de pôquer, jogo de dados, dança e muita pancadaria. Uma delas

estourou porta fora para o meio do estacionamento, com um grupo de brancos chutando -se,

empurrando-se e agarrando-se uns aos outros, até que, vencidos pelo cansaço, voltaram

para os dados.

-

Espero que não tenha sido o Bumpous - disse o xerife. Os banheiros

no Huey's eram pequenos e imundos e a maior parte dos freqüentadores preferia fazer

as necessidades entre as pick-ups estacionadas do lado de fora. Isso acontecia

especialmente às segundas-feiras, dia de promoção da cerveja a cinqüenta centavos,

que atraía os agricultores brancos de quatro condados; cada um dos carros recebia

pelo menos três regadelas. Mais ou menos uma vez por semana, algum viajante de

passagem ficava chocado com alguma coisa que via no estacionamento e Ozzie era

obrigado a efetuar uma prisão. Fora disso, não interferia.

Os dois pequenos infernos violavam uma porção de leis. Havia jogo, drogas, uísque

de contrabando, menores, nunca fechavam à hora determinada, etc. Logo depois de eleito

pela primeira vez, Ozzie cometeu o erro, devido em parte a uma precipitada promessa de

campanha, de fechar todos os pequenos infernos da zona. Foi um erro terrível. O índice de

criminalidade subiu alarmantemente. A cadeia ficou cheia. Os julgamen tos multiplicaram-se.

Os agricultores brancos uniram-se, foram em caravana até Clanton e estacionaram em volta

do tribunal de justiça, na praça. Às centenas. Todas as noites invadiam a praça, bebendo,

lutando, tocando música no volume mais elevado e gritan do obscenidades para a população

da cidade. Todas as manhãs a praça parecia um depósito de lixo, com latas e garrafas por

toda parte. Ozzie fechou também os bares dos negros. Arrombamentos, assaltos e lutas à

facada triplicaram num mês. Houve dois assassinatos numa semana.

Finalmente, com a cidade sitiada, um grupo de religiosos locais reuniu -se

secretamente com Ozzie e pediu-lhe que fosse menos rigoroso com os inferninhos.

Delicadamente, ele lembrou-lhes que, durante a sua campanha, tinham sido eles a insistir no

encerramento daqueles locais. Admitiram que tinham errado e pediram para suspender a

ordem. Sim, eles o apoiariam nas eleições. Ozzie cedeu e a vida voltou ao normal em Ford

County.

Não agradava a Ozzie que aqueles estabelecimentos prosperassem n o seu distrito,

mas estava mais do que convencido de que seus eleitores, cumpridores da lei, estariam muito

mais seguros com os inferninhos abertos.

Às dez e meia o rádio da policial preveniu que o informante estava ao telefone e queria

ver o xerife. Ozzie disse onde estava e, um minuto depois, viram Bumpous sair e cambalear

para o carro. Fazendo chiar os pneus e levantando cascalho, saiu disparado em direção à

igreja.

-

Está bêbado - disse Hastings.

Bumpous entrou no estacionamento da igreja e parou com uma travagem brusca a

poucos metros do carro-patrulha.

-

Como vai, xerife? - gritou ele. Ozzie foi até à pick-up.

-

Por que demorou tanto?

-

O xerife disse que eu tinha a noite toda.

-

Você encontrou-o há duas horas.

-

Isso é verdade, xerife, mas alguma vez tentou gastar vinte dólares em

cerveja que custa cinqüenta centavos a lata?

-

Está bêbado?

-

Nem pouco mais ou menos, só me diverti um pedaço. Não me quer

dar mais vinte?

-

O que descobriu?

-

Sobre quê?

-

Cobb!

-

Ah, está lá dentro, sim.

-

Eu sei que ele está lá dentro. E que mais?

O sorriso desapareceu e Bumpous olhou para o Huey's ao longe.

-

Ele está gozando com a história toda, xerife. Rindo às gargalhadas.

Diz que finalmente encontrou uma crioula virgem. Alguém pergunto u que idade ela

tinha e Cobb respondeu oito ou nove. Todos acharam graça.

Hastings fechou os olhos e baixou a cabeça. Ozzie rangeu os dentes e olhou para

longe.

-

Que mais ele disse?

-

Cobb está muito bêbado. Não se vai lembrar de nada amanhã.

Chegou mesmo dizendo que até era uma crioulinha jeitosinha.

-

Quem estava com ele?

-

Pete Willard.

-

Também está lá?

-

Claro, estão ambos rindo que nem uns perdidos.

-

Onde estão eles?

-

Do lado esquerdo, perto da slot-machine. - Ozzie sorriu.

-

Tudo bem, Bumpous. Trabalhou bem. Desapareça.

Hastings comunicou os dois nomes pelo rádio. A mensagem foi transmitida para o

policial Looney que estava parado na rua, em frente da casa do juiz do condado, Percy

Bullard. Looney tocou à campainha e entregou ao juiz duas declarações ajuramentadas e

dois mandatos de prisão. Bullard preencheu os mandatos e devolveu -os a Looney, que

agradeceu ao meritíssimo e foi embora. Vinte minutos depois, Looney entregou os mandatos

a Ozzie, atrás da igreja. Às onze horas em ponto, o grupo musical parou no meio de uma

música, os dados desapareceram, os dançarinos ficaram imóveis, as bolas de bilhar pararam

de rolar e alguém acendeu as luzes. Todos os olhos acompanharam o xerife e os seus

homens que atravessaram devagar a pista de dança na direção da mesa ao lado da slot -

machine. Cobb, Willard e dois outros homens estavam sentados em uma mesa cheia de latas

de cerveja vazias. Ozzie aproximou-se com um largo sorriso.

-

Desculpe-me, senhor, mas não permitimos pretos aqui - disse Cobb e

os quatro desataram às gargalhadas.

Ozzie continuou sorrindo. Quando eles pararam de rir, disse:

-

Está se divertindo bastante, Billy Ray?

-

Estávamos.

-

É o que parece. Detesto ser desmancha-prazeres, mas o senhor e o

Sr. Willard têm de vir comigo.

-

Aonde é que vamos? - perguntou Willard.

-

Dar um passeio.

-

Não saio daqui - afirmou Cobb. Os outros dois homens levantaram-se

e juntaram-se aos espectadores.

-

Eu estou dando voz de prisão a ambos - disse Ozzie.

-

Tem os mandatos? - perguntou Cobb.

Hastings estendeu os mandatos e Ozzie atirou-os para cima da mesa.

-

Sim, temos os mandatos. Agora, levantem-se.

Willard olhou desesperado para Cobb, que bebeu um gole de cerveja e disse:

-

Eu não vou para a cadeia.

Looney entregou a Ozzie o mais comprido e negro cassetete já usado em Ford

County. Willard entrou em pânico. Ozzie bateu com o cassetete no meio da mesa, atirando

as garrafas e as latas para todos os lados. Willard levantou -se de um salto e estendeu os

pulsos para Looney que esperava com as algemas. Foi levado para fora e empurrado para

dentro de um carro da policial.

Ozzie bateu com o cassetete na palma da mão e sorriu para Cobb.

-

Tem o direito de permanecer em silêncio. Qualquer coisa que diga

pode ser usada contra si no tribunal. Tem direito a um advogado. Se não puder pagar,

o estado arranja-lhe um. Alguma pergunta?

-

Sim, que horas são?

-

Hora de ir para a cadeia, grande homem.

-

Vá para o inferno, crioulo.

Ozzie segurou-o pelos cabelos e ergueu-o do banco, depois esfregou-lhe a cara no

chão. Pôs um joelho nas costas de Cobb, o cassetete sob o queixo e puxou para cima,

apertando o joelho para baixo. Cobb gritou até o cassetete começar a sufocá -lo.

As algemas

fecharam-se nos pulsos dele e Ozzie arrastou-o pelos cabelos através da pista de dança,

porta fora, pelo chão de cascalho. Atirou-o para o banco de trás do carro da policial, para

junto de Willard.

A notícia do estupro espalhou-se rapidamente. Mais amigos e parentes amontoaram-

se na sala de espera e nos corredores do hospital. Tonya saiu da sala de cirurgia e o estado

dela foi considerado crítico. Ozzie falou com o irmão de Gwen e contou-lhe a prisão dos dois

homens. Sim, tinham sido eles, tinha certeza.

Jake Brigance rolou na cama por cima da mulher e caminhou para a pequeno

banheiro a poucos metros da cama. A tatear no escuro, procurou o terrível despertador.

Encontrou-o onde o tinha deixado na noite anterior e acabou -lhe com a gritaria com um

poderoso safanão. Eram 5:30 da manhã de quarta-feira, 15 de Maio.

Jake parou um momento, com falta de ar, apavorado, com o coração aos saltos,

olhando para os números fluorescentes do relógio, daquele relógio que ele odiava. O grito

estridente podia ouvir-se na rua. Todas as manhãs, àquela hora, enfrentava o risco de uma

parada cardíaca, quando aquela coisa entrava em erupção. Umas duas vezes por ano ele

conseguia empurrar Carla para fora da cama e ela desligava o despertador, antes de voltar

para debaixo dos cobertores. Porém, a maior parte das vezes ela não cooperava. Carla

achava que o marido era louco por se levantar àquela hora.

O relógio ficava no peitoril da janela para obrigá-lo a dar alguns passos a fim de

silenciá-lo. Uma vez de pé, Jake não se permitia voltar para o aconchego dos cobertores. Era

uma das suas normas. Houve um tempo em que o despertador ficava na mesa -decabeceira,

com o volume reduzido. Carla estendia o braço e desligava -o, antes que Jake o tivesse

ouvido. Nessas alturas, dormia até às sete ou oito horas, o que lhe dava cabo do dia todo.

Não podia chegar ao escritório às sete horas, o que era outra das suas normas. O

despertador foi para o banheiro, onde servia perfeitamente o seu objetivo.

Jake lavou o rosto e molhou a cabeça com água fria. Acendeu a luz e, com uma

exclamação de horror, olhou para a imagem refletida no espelho. O cabelo castanho liso,

despenteado, espetava-se para todos os lados e a linha no alto da testa tinha -se afastado,

pelo menos cinco centímetros, durante a noite. Ou talvez a testa tivesse crescido. A remela

acumulava-se nos cantos dos olhos inchados e sem brilho. Uma linha vermelha, desenhada

por uma dobra do cobertor, marcava-lhe o lado esquerdo da cara, como uma

cicatriz. Jake

tocou-lhe e esfregou-a, temendo que nunca mais desaparecesse. Empurrou o cabelo para

trás com a mão direita e examinou a linha da testa. Aos trinta e dois anos, não tinha nen hum

cabelo branco. Mas o problema não eram os cabelos brancos. O problema era a calvície,

herdada dos dois lados da família. Jake sonhava com uma linha do cabelo que começasse

logo acima das sobrancelhas. Carla afirmava que ele ainda tinha muito cabelo. Ma s à

velocidade com que desaparecia, aquilo não ia durar muito. Ela garantia também que Jake

continuava belo como sempre, e ele acreditava. Carla explicara que a calvície incipiente dava

um ar de maturidade, essencial para um jovem advogado. Jake também acr editava nisso.

Mas, que dizer dos advogados velhos e carecas, ou até mesmo dos advogados

maduros, de meia-idade e carecas? Por que não podia voltar o cabelo quando ele tivesse

rugas e cabelos brancos, o que o fazia parecer muito amadurecido?

Jake pensava nisso debaixo do chuveiro. Depois do banho rápido, fez a barba e

vestiu-se depressa. Tinha de estar no Coffee Shop as 6 horas - outra norma. Acendeu a luz

do quarto e abriu e fechou as gavetas ruidosamente, tentando acordar Carla. Esse era o ritual

das manhãs de Verão, durante as férias da escola onde ela lecionava. Jake tinha explicado,

várias vezes, que Carla tinha o dia todo para recuperar o sono perdido e que deviam passar

juntos aqueles primeiros momentos da manhã. Ela gemeu e afundou -se mais debaixo dos

cobertores. Já vestido, Jake saltou para cima da cama e apoiado nas mãos e nos joelhos,

beijou a orelha de Carla, o pescoço, o rosto, até ela se virar para ele. Puxou, então, os

cobertores e riu quando Carla se encolheu, tremendo de frio e pedindo os c obertores. Jake

admirou as pernas bronzeadas, magras e quase perfeitas. A camiseta de dormir só chegava

até a cintura e pensamentos deliciosos dançaram-lhe na cabeça. Mais ou menos uma vez

por mês esse ritual ultrapassava os limites. Carla não protestava e os cobertores eram

afastados de comum acordo. Nessas manhãs, Jake despia-se, mais do que rapidamente, e

violava pelo menos três das suas normas. Fora assim que tinham concebido Hanna.

Mas não nessa manhã. Ele cobriu a mulher, beijou-a gentilmente e apagou a luz.

Carla respirou aliviada e voltou a adormecer.

No corredor, abriu silenciosamente a porta do quarto de Hanna e ajoelhou -se ao lado

da cama. Hanna tinha quatro anos, era filha única e não iam ter mais nenhum filho. Ela dormia

no meio das bonecas e bichinhos de pelúcia. Jake beijou-a de leve, na face. Hanna era tão

bela quanto a mãe e eram ambas idênticas em tudo. Tinham olhos grandes, cinza -azulados,

que podiam se encher de lágrimas num instante, quando necessário. Usavam o mesmo

penteado - o cabelo escuro cortado pela mesma pessoa, no mesmo dia. Até a roupa que

usavam era igual.

Jake adorava as duas mulheres da sua vida. Despediu-se da segunda com um beijo

e foi até à cozinha fazer café para Carla. Abriu a porta dos fundos para Max, o cão. Enqua nto

fazia o café, Max latia para o gato da vizinha, a Sra. Pickle.

Poucas pessoas enfrentavam a manhã como Jake Brigance. Foi rapidamente até o

portão e pegou os jornais para Carla. Estava escuro, o céu limpo e o ar frio, mas com a

promessa do Verão que se aproximava.

Jake olhou para os dois lados da rua escura e depois, voltando -se, admirou a sua

casa. Apenas duas residências em Ford County faziam parte do Patrimônio Histórico e Jake

Brigance era dono de uma delas. A pesada hipoteca não lhe diminuía o or gulho. Era uma

casa de estilo vitoriano, do século XIX, construída por um ferroviário aposentado que morrera

na primeira noite de Natal que passou na nova casa. A fachada era um enorme frontão central

com telhado esconso sobre um largo alpendre interno. So b o frontão, uma pequena coluna

coberta com a trave da empena apoiava-se suavemente no alpendre. Os cinco pilares de

sustentação eram redondos e pintados de branco e cinzento -azulado. Cada coluna exibia um

entalhe florido feito à mão, cada qual com uma flor diferente: narcisos, íris e girassóis. A

balaustrada entre os pilares mostrava um profuso rendilhado. No alto, três janelas salientes

abriam-se para uma pequena varanda, e à esquerda da varanda uma torre octogonal com

janelas de vitrais projetava-se acima do frontão, terminando num remate de ferro. Por baixo

da torre e à esquerda do alpendre, estendiase uma passagem coberta, larga e graciosa, com

grades ornamentais, que servia de abrigo para carros. As paredes da frente eram uma

colagem de rosquinhas de gengibre, telhas de cedro, festões, escamas de peixe, pequenos

frontões rebuscados e fusos em miniatura.

Carla encontrara um consultor de pintura em Nova Orleans e a bicha tinha escolhido

seis cores originais - a maior parte tonalidades de azul, cinzento, pêssego e branco. A pintura

levou dois meses, sem contar as horas intermináveis que ele e Carla passaram no alto de

escadas raspando paredes. Embora Jake não gostasse muito de algumas cores, jamais

ousou sugerir uma nova pintura.

Como todas as casas vitorianas, aquela era gloriosamente única. O seu ar alegre,

ingênuo, quase infantil, tornava-a picante, provocadora, simpática. Carla cobiçara-a muito

antes do casamento e, quando o proprietário morreu, em Memphis, e a casa foi fechada,

compraram-na bastante barata porque ninguém mais a queria. Estava abandonada há vinte

anos. Fizeram dois grandes empréstimos em dois dos três bancos de Clanton e passaram

os três anos seguintes trabalhando muito e valorizando a sua propriedade. Agora, muita

gente parava para ver a casa e tirar fotografias.

O terceiro banco local tinha a hipoteca do carro de Jake, o único Saab de Ford County.

E ainda por cima, vermelho. Jake limpou o orvalho do pára -brisa e abriu a porta. Max

continuava a latir, acordando o exército de azulões q ue morava no grande bordo do jardim

da Sra. Pickle. Os pássaros cantaram uma despedida e Jake sorriu, respondendo

com um

assobio. Saiu em marcha ré para a rua Adams. Seguiu para leste e dois quarteirões adiante

virou para sul, na Jefferson, que, dois quarteirões adiante, terminava na rua Washington.

Jake interrogava-se sempre sobre o motivo que levava todas as cidades pequenas do sul

dos Estados Unidos a ter uma rua Adams, uma Jefferson e uma Washington, mas nenhuma

Lincoln ou Grant. A rua Washington ficava a norte da praça de Clanton, no sentido leste-

oeste.

Clanton, como sede do condado, tinha uma praça e, no centro da praça, o tribunal de

justiça. O general Clanton fizera a planta da cidade com muito cuidado e a praça era comprida

e larga e, no gramado do tribunal, enfileiravam-se a intervalos regulares carvalhos altos e

maciços. O tribunal de justiça de Ford County fora construído há quase dois séculos, depois

dos ianques terem incendiado o primeiro. Era voltado para o sul, oferecendo

desafiadoramente as costas aos nortistas. Era antigo e imponente, com colunas brancas em

frente e persianas negras nas dezenas de janelas. O tijolo vermelho original há muito tempo

que fora pintado de branco e, de quatro em quatro anos, os escoteiros

acrescentavam uma

espessa camada de verniz brilhante, para o seu tradicional projeto de Verão. Várias emissões

de títulos garantiam, através dos anos, adições e renovações. O jardim em volta do prédio

era limpo e bem cuidado. Um grupo de prisioneiros tratava dele duas vezes por s emana.

Clanton tinha três restaurantes - dois para os brancos e um para os negros, os três

na praça. Não era ilegal nem fora do habitual, para os brancos, freqüentar o Claude's, o

restaurante dos negros, no lado oeste. E os negros podiam comer no Tea Shoppe, no lado

sul, ou no Coffee Shop, na rua Washington. Mas não o faziam, porque lhes tinham dito que

podiam retroceder para os anos 70. Como a maioria dos liberais de Clanton, Jake comia

churrasco no Claude's, todas as sextas-feiras. Mas seis vezes por semana tomava café no

Coffee Shop.

Estacionou o Saab em frente do seu escritório, na rua Washington e caminhou até ao

Coffee Shop, três portas adiante. O restaurante estava aberto há uma hora e já havia bastante

movimento. As empregadas serviam o café da manhã e conversavam o tempo todo com os

pequenos fazendeiros, mecânicos e policiais que eram fregueses habituais. Não

era um

restaurante de colarinho branco. Os colarinhos brancos reuniam-se mais tarde, no outro lado

da praça, no Tea Shoppe, para discutir política nacional, tênis, golfe e o movimento da Bolsa.

No Coffee Shop falava-se de política local, futebol e pescarias. Jake era um dos poucos

colarinhos brancos que podia freqüentar tranqüilamente o Coffee Shop. Os homens simples

do campo gostavam dele aceitavam-no e procuravam-no para lhes resolver problemas legais,

como divórcios, transações financeiras, uma defesa no tribunal ou outro qualquer. As

brincadeiras e as piadas de advogados não o perturbavam. Pediam explicação para as

determinações do Supremo Tribunal e outros assuntos legais e Jake dava muitas consultas

de graça no Coffee Shop. Uma das suas características era dispensar rodeios e ir direito ao

assunto. Era disso que eles gostavam. Nem sempre concordavam com ele, mas obtinham

sempre respostas honestas. Às vezes discutiam, mas sem ressentimentos.

Jake entrou no restaurante às seis horas e levou cinco minutos cumprimentando todas

as pessoas, trocando apertos de mãos, batendo nas costas de uns e de outros e dizendo

piropos às empregadas. Assim que se sentou, a sua favorita, Dell, serviu-lhe o café da manhã

de sempre, café, torradas, compota e flocos de aveia. Dell bateu de leve na mão dele,

chamando-lhe, como sempre, querido e meu amor e dispensando-lhe uma atenção especial.

Ela discutia e resmungava com os outros, mas com Jake era diferente.

Nessa manhã os companheiros de mesa de Jake eram Tim Nunley, mecânico da

Chevrolet, e dois irmãos, Bill e Bert West, que trabalhavam na fábrica de calçado a norte da

cidade. Pôs três gotas de Tabasco nos flocos de aveia e misturou tudo com um pouco de

manteiga. Passou na torrada uma camada espessa de compota de amora de fabricação

caseira. Tudo preparado, tomou um gole de café e começou a comer. Os quatro comiam

tranqüilamente e falavam sobre pesca.

Três policiais comiam e conversavam na mesa perto da janela, entre duas divisórias

baixas, a poucos metros da mesa de Jake. O policial mais alto, Prather, voltouse e perguntou

em voz alta:

-

Ouça, Jake, não foi você que defendeu Billy Ray Cobb há alguns

anos?

Fez-se silêncio de repente e todos olharam para o advogado. Admirado, não com a

pergunta, mas com a reação, Jake engoliu uma colherada de aveia e tentou lembrar -se.

-

Billy Ray Cobb - disse, em voz alta. - Que tipo de caso foi?

-

Droga - disse Prather. - Foi preso por vender droga há uns quatro

anos. Cumpriu pena na Parchman e saiu no ano passado.

Jake lembrou-se.

-

Não, não fui eu que o defendi. Acho que foi um advogado de Memphis.

Prather ficou satisfeito e voltou às suas panquecas. Jake esperou e finalmente

perguntou:

-

Porquê? Que fez ele desta vez?

-

Nós o prendemos na noite passada por estupro.

-

Estupro!

-

Isso mesmo, ele e Pete Willard.

-

Quem eles violentaram?

-

Lembra-se daquele negro, Hailey, que você livrou da acusação de assassinato há alguns anos?

-

Lester Hailey. É claro que me lembro.

-

Conhece o irmão dele, Carl Lee?

-

Claro. Conheço-o muito bem. Conheço todos os Hailey. Já defendi muitos deles. - Muito bem, foi a filha dele.

-

Está brincando!

-

É sério.

-

Que idade tem ela?

-

Dez.

O apetite de Jake desapareceu e o restaurante voltou ao normal. Sem comer, Jake

ouviu a conversa passar da pesca para carros japoneses e para a pesca novamente.

Quando os irmãos West saíram, Jack passou para a mesa dos policiais.

-

Como ela está? - perguntou.

-

Quem?

-

A filha do Hailey.

-

Muito mal - disse Prather. - Está no hospital.

-

Que aconteceu,

-

Não sabemos de tudo. Ela não conseguiu falar muito. A mãe mandou -

a ao armazém. Eles moram na Craft Road, por trás do armazém do Bates.

-

Eu sei onde eles moram.

-

Eles meteram-na na pick-up de Cobb, foram para o bosque e violaram-

na.

-

Os dois?

-

Os dois. Várias vezes. E deram-lhe pontapés e espancaram-na com violência.

Ela ficou em tal estado que alguns parentes nem a reconheceram.

Jake abanou a cabeça.

-

Isso é coisa de tarados.

-

Claro que é. A pior história que eu já vi. Tentaram matar a menina.

Pensaram que ela estivesse morta.

-

Quem a encontrou?

-

Um grupo de negros que estava pescando em Foggy Creek. Viram a menina caída no meio da estrada com as mãos amarradas atrás das costas. Ela conseguiu falar um pouquinho... disse o nome do pai e eles a levaram para casa.

-

Como sabem que foi o Billy Cobb?

-

Ela disse à mãe que era uma pick-up amarela com uma bandeira

rebelde no vidro traseiro. Ozzie não precisou de mais nad a. Quando ela chegou ao

hospital, Ozzie já tinha certeza.

Prather teve o cuidado de não falar demais. Gostava de Jake, mas ele era advogado

e atuava como defensor em muitos casos criminais.

-

Quem é esse Pete Willard?

-

Um amigo de Cobb.

-

Onde é que os encontraram?

-

No Huey's.

-

Tinha que ser. - Jake bebeu o café e pensou em Hanna.

-

Coisa nojenta, um nojo, coisa de gente doente - resmungou Looney.

-

Como está Carl Lee?

Prather limpou a compota do bigode.

-

Eu não o conheço pessoalmente, mas nunca ouvi nada de mau a

respeito dele. Ainda estão no hospital. Acho que o Ozzie conhece essa gente toda

muito bem. Hastings é parente da criança.

-

Quando vai ser a audiência preliminar?

-

Bullard marcou-a para a uma hora da tarde, hoje. Não foi, Looney?

Looney assentiu com um gesto.

-

Alguma fiança?

-

Ainda não foi determinada. Bullard vai esperar pela audiência

preliminar. Se ela morrer, a acusação será de homicídio, não é?

Jake fez que sim com a cabeça.

-

Não podem determinar fiança para homicídios, não é Jake?

-

Podem, mas nunca vi. Sei que Bullard não vai determinar fiança neste

caso e, se tentasse, não ia conseguir.

-

Se ela não morrer, quanto tempo é que eles apanham? - perguntou Nesbit, o terceiro policial. Jake explicou aos três homens atentos:

-

Podem apanhar prisão perpétua pelo estupro. Suponho que serão acusados também de seqüestro e agressão física qualificada.

-

Já foram.

-

Então, podem apanhar vinte anos pelo rapto e vinte anos pela agressão.

-

Sim, mas quanto tempo irão cumprir? - perguntou Looney. Jake pensou por um segundo.

-

Podem conseguir liberdade condicional ao fim de treze anos. Sete pelo estupro, três pelo rapto e três pela agressão. Isso, supondo que sejam condenados por todas as acusações e à pena máxima.

-

E Cobb? Ele tem antecedentes criminais.

-

Sim, tem, mas só é considerado reincidente se tiver duas

condenações anteriores.

-Treze anos - disse Looney, abanando a cabeça.

Jake olhou pela janela. A praça começava a acordar. Caminhonetes cheias de fruta

e de verduras chegavam e paravam no passeio em volta do tribunal de justiça. Os

agricultores, com macacões desbotados, arrumavam cuidadosamente os cestinhos com

tomates, pepinos e abóboras-menina em cima das portas traseiras dos carros. As melancias

da Florida eram arrumadas ao lado dos pneus empoeirados e os homens seguiam até ao

monumento ao Vietnã, sentavam-se nos bancos para mascar tabaco, aparar pedaços de

madeira e comentar as novidades. Provavelmente estão falando sobre o estupro, pensou

Jake. Já era dia, hora de ir para o escritório. Os policiais acabaram de comer e Jake levantou-

se. Abraçou Dell, pagou a conta e, durante um segundo, pensou em ir até casa para ver

Hanna.

Faltavam três minutos para as sete quando Jake girou a chave na fechadura da port a

do escritório e acendeu as luzes.

Carl Lee não conseguia dormir no sofá da sala de espera. O estado de Tonya era

grave, mas estável. Tinham-na visto à meia-noite, depois do médico ter prevenido que o

estado da criança não era bom. Não era. Gwen beijou a carinha envolta em ligaduras e Carl

Lee ficou parado ao pé da cama, calado, imóvel, abatido, olhando para a filha pequenina

rodeada de máquinas, tubos e enfermeiras.

Mais tarde Gwen tomou um sedativo e foi levada para casa da mãe, em Clanton. Os

filhos ficaram em casa, com o irmão de Gwen. Mais ou menos à uma hora da manhã, os

visitantes saíram, deixando Carl Lee sozinho no sofá. Às duas horas, Ozzie levou -lhe café e

rosquinhas e disse-lhe tudo o que sabia sobre Cobb e Willard.

O escritório de Jake ficava num prédio de dois andares, num q uarteirão de outros da

mesma altura, de frente para o tribunal, no lado norte da praça, logo a seguir ao Coffee Shop.

O prédio fora construído pela família Wilbanks na década de 1890, quando eram donos de

Ford County. Os Wilbanks tinham tido os seus escritórios de advocacia no prédio, desde a

construção até 1979, o ano da interdição. No prédio vizinho, a leste, ficava o escritório de um

corretor de seguros que Jake tinha processado por prejudicar uma reivindicação de Tim

Nunley, o mecânico da Chevrolet. A oeste ficava o banco que tinha a hipoteca do Saab.

Todos os prédios, em volta da praça, eram de tijolo vermelho, exceto os bancos. O que era

vizinho de Jake fora também construído pelos Wilbanks e tinha só dois andares, mas o da

esquina a sudeste da praça tinha três e o mais novo, na esquina a sudoeste, tinha quatro.

Jake trabalhava sozinho desde 1979, o ano da interdição. Preferia assim,

especialmente porque não havia mais nenhum advogado em Clanton com competência para

trabalhar com ele. Havia alguns bons advogados na cidade, mas a maioria trabalhava na

firma Sullivan de advocacia, no prédio do banco de quatro andares. Jake detestava a firma

Sullivan. Todos os advogados a detestavam, exceto os que trabalhavam para ela. Eram oito,

os oito imbecis.

Queria ser advogado criminal, e a clientela da antiga firma era toda constituída por

empresas. Ele queria estupros, assassinatos, crianças maltratadas, os casos escabrosos que

ninguém queria. A ambição dele era ser defensor dos direitos civis e sustentar as li berdades

civis. Mas, acima de tudo, Lucien desejava ser um advogado radical, inflamado, defendendo

casos e causas impopulares e, com isso, atrair sobre si as atenções.

Deixou crescer a barba, divorciou-se, renunciou à sua igreja, vendeu o título do

country club, entrou para a Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor e para

a União Americana das Liberdades Civis, pediu demissão da direção do banco e de um modo

geral tornou-se o flagelo de Clanton. Processava escolas por segregação, o governado r por

causa das condições carcerárias, a cidade porque não calçava as ruas no bairro negro, o

banco porque não tinha funcionários negros, o estado por causa da pena capital e as fábricas

porque não reconheciam os sindicatos. Batalhou e venceu muitos casos de homicídio e não

apenas em Ford County. A fama dele cresceu e tinha inúmeros seguidores entre os negros,

brancos pobres e os poucos sindicatos ao norte do Mississipi. Defendeu alguns casos

lucrativos que envolviam danos pessoais e reparação por morte com dor. Fez também alguns

acordos interessantes. A firma, ele e Ethel, estava mais lucrativa do que nunca. Lucien não

precisava de dinheiro. Tinha nascido rico e nunca se preocupava com essa parte, Ethel

encarregava-se da contabilidade.

A advocacia era a sua vida. Sem família, ele era o típico workaholic. Quinze

horas por

dia, sete dias por semana, Lucien praticava a advocacia apaixonadamente. Não tinha outros

interesses, exceto a bebida. No fim dos anos 60 descobriu uma grande afinidade com o Jack

Daniel's... No começo da década de 70 era um bêbado e quando contratou Jake, em 1978,

era um alcoólico inveterado. Porém, nunca deixou que a bebida interferisse com o seu

trabalho. Aprendeu a beber e trabalhar ao mesmo tempo. Lucien estava sempre meio bêbado

e, nessas condições, era um advogado perigoso. Ousado e agressivo por natureza, era

assustador quando bebia. No tribunal, embaraçava os advogados opositores, insultava o juiz,

maltratava as testemunhas e, por fim, pedia desculpas ao júri. Não respeitava ninguém e não

podia ser intimidado. Era temido por ser capaz de fazer e dizer qualquer coisa. Todos

andavam nas pontas dos pés junto dele.

Lucien sabia disso e gostava. Tornou-se cada vez mais excêntrico. Quanto mais

bebia, mais estranhamente agia, e as pessoas falavam a seu respeito e ele bebia mais

ainda.

De 1966 a 1978, Lucien contratou e despediu onze assistentes. Contratou negros,

judeus, hispânicos, mulheres e nenhum deles correspondeu às suas expectativas.

No

escritório era um tirano, sempre praguejando e gritando com os jovens advogados. Alguns

demitiam-se logo no primeiro mês. Um agüentou dois anos. Era difícil aceitar as loucuras de

Lucien. Tinha dinheiro bastante para ser excêntrico - os jovens advogados é que não tinham.

Jake foi contratado por Lucien em 1978, logo que se formou. Jake era de Karaway,

uma cidadezinha com dois mil e quinhentos habitantes, trinta quilômetros a oeste de Clanton.

Jake tinha boa apresentação, era conservador, presbiteriano devoto, com uma bela mulher

que queria ter filhos: Lucien contratou-o para ver se conseguia corrompê-lo. Jake aceitou o

emprego com muita hesitação, pois não tinha nada mais em vista perto de onde morava.

Um ano depois, Lucien foi expulso da ordem dos advogados. Foi uma tragédia para

as poucas pessoas que gostavam dele. O pequeno sindicato da fábrica de calçado, a norte

da cidade decretou uma greve. Era um sindicato organizado e representado por Lucien. A

fábrica começou a contratar novos empregados para substituir os grevistas, o que deu origem

à violência. Lucien apareceu na linha de piquetes para estimular a sua gente. Estava mais

bêbado do que o normal. Um grupo de fura-greves tentou atravessar a linha e começou a

briga. Lucien comandou o ataque e foi preso. O tribunal da cidade condenou -o por agressão

e espancamento e perturbação da ordem. Apelou e perdeu, e voltou a apelar e voltou a

perder.

A Ordem dos Advogados do Estado estava farta dos problemas de Lucien. Nenhum

outro advogado do estado fora alvo de tantas queixas como Lucien Wilbanks. Admoestaçõ es

particulares, admoestações públicas, suspensões, tudo foi tentado inutilmente. O Comitê

Disciplinar agiu rapidamente. Lucien foi expulso por conduta ultrajante, imprópria de um

membro da Ordem dos Advogados. Mais uma vez, apelou e perdeu, voltou a apela r e voltou

a perder.

Lucien ficou arrasado. Jake estava no escritório de Lucien, a sala grande do segundo

andar, quando chegou de Jackson a notícia de que o Supremo Tribunal tinha mantido a

exoneração. Lucien desligou o telefone e foi até às portas de vid ro que davam para a praça.

Jake observava-o atentamente, à espera da explosão. Mas Lucien não disse nada. Desceu

a escada vagarosamente, parou e olhou para Ethel, que chorava, e depois para Jake. Abriu

a porta e disse:

-

Tome conta disto. Falo com você depois.

Ambos se precipitaram para a janela da frente e viram-no sair da praça no Porsche

velho e amassado. Durante vários meses não tiveram notícias dele. Jake trabalhava

diligentemente nos casos deixados por Lucien, enquanto Ethel mantinha o escritório a sa lvo

do caos. Alguns dos casos foram resolvidos com acordos, alguns passaram para outros

advogados, outros foram a julgamento. Seis meses depois, ao voltar para o escritório depois

de um longo dia no tribunal, Jake encontrou Lucien dormindo deitado no tapet e persa, no

escritório do segundo andar.

-

Lucien! Sente-se mal? - perguntou.

Ele levantou-se de um salto e sentou-se na grande poltrona de couro atrás da sua

mesa. Estava sóbrio, bronzeado de sol, descansado.

-

Jake, meu rapaz, como vai isso? - perguntou, calorosamente.

-

Bem, muito bem. Onde esteve?

-

Nas Ilhas Caiman.

-

fazendo o quê?

-

Bebendo rum, descansando na praia, correndo atrás das nativas.

-

Parece ter sido divertido. Por que voltou?

-

Tornou-se monótono.

Jake sentou-se em frente da mesa.

-

Estou contente por vê-lo, Lucien.

-

Também estou, Jake. Como vão as coisas, por aqui?

-

Agitadas. Mas tudo bem, penso eu.

-

Chegou a um acordo com Medley?

-

Sim, pagaram oito mil.

-

Isso é bom. Ele ficou satisfeito?

-

Sim, pelo menos parece que ficou.

-

Cruger foi a julgamento?

Jake desviou os olhos.

-

Não, ele contratou Fredrix. Acho que o julgamento está marcado para

o próximo mês.

-

Eu devia ter falado com ele antes de ir viajar.

-

Ele é culpado, não é?

-

Sim, e muito. Não importa quem o represente. De um modo geral,

quase todos os acusados são culpados. Lembre-se disso. - Lucien foi até às portas

de vidro e olhou para o prédio do tribunal. - Quais são os seus planos, Jake?

-

Eu gostaria de ficar aqui. E os seus?

-

Você é boa pessoa, Jake, e quero que fique. Quanto a mim, não sei.

Pensei em morar nas Caraíbas, mas desisti. É muito bom para se visitar, mas uma

pessoa acaba por ficar farta. Na verdade, não tenho planos. Talvez viajar. Gastar

alguma grana... Eu valho uma tonelada, você sabe.

Jake concordou. Lucien voltou-se e estendeu os braços para a sala.

-

Quero que fique com tudo isto, Jake. Quero que fique aqui e mantenha

a aparência de uma firma em funcionamento. Mude para esta sala, use a mesa que o

meu avô trouxe da Virgínia, depois da Guerra Civil. Fique com os arquivos, os casos,

os clientes, os livros, tudo.

-

É muita generosidade sua, Lucien.

-

A maior parte dos clientes vai desaparecer. Não tem nada vendo com

você - um dia, Jake será um grande advogado. Mas a maior ia dos meus clientes está

comigo há anos.

Jake não queria os clientes de Lucien.

-

E o aluguel?

-

Pague o que puder. O dinheiro vai ser curto no princípio, mas vai

conseguir. Eu não preciso de dinheiro, mas você precisa.

-

É muita amabilidade.

-

O fato é que eu sou um cara muito bacana.

Riram ambos, um tanto constrangidos.

-

E Ethel? - perguntou Jake, novamente sério.

-

Isso Jake resolverá. Ela é uma boa secretária, que já esqueceu mais

do que Jake poderá aprender sobre Direito. Sei que não gosta dela, mas n ão vai ser

fácil encontrar quem a substitua. Despeça-a, se quiser. Eu não me importo.

Lucien encaminhou-se para a porta.

-

Se precisar é só telefonar. Vou ficar por aqui. Quero que trabalhe

neste escritório. Foi do meu pai e do meu avô. Ponha as minhas coisas numa caixa

que eu venho buscálas depois.

Cobb e Willard acordaram com os gritos de Ozzie, com uma tremenda dor de cabeça

e os olhos inchados e vermelhos. Estavam só os dois numa cela pequena. À direita, separada

pelas grades, ficava a cela dos prisioneiros do estado, que estavam à espera de ser enviados

para Parchman. Uns dez negros, encostados às grades, observavam, carrancudos, os dois

brancos que esfregavam os olhos, atordoados. À esquerda, havia uma cela menor também

cheia de negros. Acordem, gritou Ozzie, e fiquem quietos, do contrário vamos pô-los todos

juntos.

O período de calma de Jake ia das sete até à chegada de Ethel às oito e meia. Ele

aproveitava ciosamente esse tempo. Trancava a porta da frente, ignorava o telefone, não

marcava nenhum compromisso. Planejava meticulosamente o seu dia. Às oito e meia, já tinha

ditado o suficiente para manter Ethel ocupada e quieta até ao meio -dia. Às nove horas, estava

no tribunal conversando com os clientes. Não atendia ao telefone até às onze, quando

metodicamente respondia a todas as chamadas e mensagens da manhã - a todas.

Nunca

deixava para depois - outra norma. Jake trabalhava sistemática e eficientemente sem perder

tempo. Esses hábitos não tinha aprendido com Lucien.

Às oito e meia Ethel fez sua entrada habitual e espalhafatosa. Fez café fresco e abriu

a correspondência, como fazia há quarenta e um anos. Tinha sessenta e quatro anos e

aparentava cinqüenta. Era cheia de corpo, mas não gorda, bem-cuidada, mas não atraente.

Enquanto lia a correspondência de Jake, mastigava uma salsicha engordurada e um biscoito

trazidos de casa.

Jake ouviu vozes. A de Ethel e de outra mulher. Verificou a agenda: nada até às dez.

-

Bom dia, Dr. Brigance - disse Ethel pelo interfone.

-

Bom dia, Ethel. - Ela preferia que a tratassem por Sra. Twitty. Lucien

e todas as pessoas a tratavam assim. Mas Jake tratava-a por Ethel desde que a

despedira, logo depois da expulsão de Lucien.

-

Uma senhora quer falar com o Senhor Doutor.

-

Ela não tem hora marcada.

-

Não, Senhor Doutor, eu sei.

-

Marque para amanhã, depois das dez e meia. Agora estou ocupado.

-

Sim, Senhor Doutor, mas ela diz que é urgente.

-

Quem é? - perguntou Jake, irritado.

Era sempre urgente quando apareciam sem hora marcada, como se o seu escritório

fosse uma lavanderia ou uma agência funerária. Provavelmente, alguma pergunta sobre o

testamento do tio Luke ou o julgamento marcado para daí a três meses.

-

Sra. Willard - disse Ethel. - Primeiro nome?

-

Earnestine Willard. O Senhor Doutor não a conhece, mas o filho dela

está preso.

Jake atendia sempre os clientes à hora marcada, mas os que apareciam

inesperadamente eram outra conversa. Ethel mandava -os embora sumariamente ou

marcava hora para um ou dois dias depois. O Dr. Brigance estava muito o cupado, explicava

ela, mas podia atender daí a dois dias. Isso impressionava bem - Diga que não estou

interessado.

-

Mas ela precisa de um advogado. O filho vai ao tribunal esta tarde.

-

Diga-lhe que procure Drew Jack Tyndale, o defensor público.

Ethel transmitiu ocre oposição.

-

Mas, Dr. Brigance, ela quer contratar o senhor doutor. Alguém disse

que é o melhor advogado criminal da cidade.

A ironia era evidente na voz de Ethel.

-

Diga-lhe que é verdade, mas que não estou interessado.

Ozzie algemou Willard e conduziu-o pelo corredor até ao seu escritório na parte da

frente do prédio da cadeia de Ford County. Tirou-lhe as algemas e mandou-o sentar-se numa

cadeira no centro da pequena sala. Sentou-se na cadeira grande atrás da sua mesa e olhou

para o acusado.

-

Sr. Willard, este é o tenente Griffin da Patrulha Rodoviária do

Mississipi. Aquele é o investigador Rady, do meu departamento, e estes são os

policiais Looney e Prather, que conheceu ontem à noite mas acho que não se deve

lembrar. Eu sou o xerife Walls.

Willard virava a cabeça, assustado, a cada apresentação. Estava encurralado. A porta

fechada. Viu dois gravadores sobre a mesa do xerife.

-

Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas, está bem?

-

Eu não sei.

-

Antes de começar, quero ter certeza de que conhece os seus direitos.

Primeiro, tem o direito de ficar calado. Compreendeu?

-

Umm, umm.

-

Não precisa falar se não quiser, mas se falar, qualquer coisa que diga

pode e será usada contra você no tribunal. Compreendeu?

-

Umm, umm.

-

Sabe ler e escrever?

-

Sei.

-

Ótimo, então leia e assine isto. Diz aí que foi informado dos seus

direitos.

Willard assinou. Ozzie apertou o botão vermelho de um dos gravadores.

-

Percebe que o gravador está ligado?

Nenhuma resposta.

-

Tenente Griffin, diga ao Sr. Willard como os brancos são tratados na

Parchman.

Griffin sentou-se na ponta da mesa de Ozzie, olhando para Willard.

-

Há uns cinco anos, mais ou menos, um garoto branco de Helena

County, no delta, violou uma menina negra de doze a nos. Quando chegou à

Parchman, eles estavam à espera dele. Sabiam que ele ia chegar. Na primeira noite,

uns trinta negros ataram-no a um barril e sodomizaram-no. Os guardas assistiram,

rindo à gargalhada. Eles apanharamno todas as noites durante três meses e depois

mataram-no. Foi encontrado castrado e enfiado no barril.

Willard encolheu-se na cadeira, depois inclinou a cabeça para trás e respirou fundo,

deixando sair o ar dos pulmões para o teto.

-

Escute, Pete - disse Ozzie -, não é atrás de você que estamos.

Queremos Cobb. Estou atrás desse homem desde que ele saiu da Parchman. Cobb

é quem eu quero e quero muito. Você nos ajuda a apanhar Cobb e eu ajudo -o na

medida do possível. Não estou prometendo nada, mas eu e o promotor trabalhamos

juntos. Você me ajuda a apanhar Cobb e eu ajudo-o com o promotor. Limite-se

contando o que aconteceu.

-

Quero um advogado - disse Willard. Ozzie baixou a cabeça e gemeu.

-

O que é que um advogado vai fazer, Pete? Vai tirar os negros de cima

de você? Estou tentando ajudá-lo e você está querendo bancar o esperto.

-

Deve dar ouvidos ao xerife, homem. Ele está tentando salvar -lhe a pele - disse Griffin.

-

Você tem chance de pegar só alguns anos nesta cadeia - disse Rady.

-

É muito mais segura do que a de Parchman - explicou Prather.

-

A escolha é sua, Pete - disse Ozzie. - Pode morrer na Parchman ou ficar aqui.

Posso até resolver atenuar a sua prisão, se você se comportar.

Willard baixou a cabeça e passou as mãos pelas têmporas.

-

Está bem.

Ozzie apertou o botão vermelho.

-

Onde encontraram a menina?

-

Numa estrada de cascalho.

-

Umm, umm.

-

Hoje é quarta-feira, 15 de Maio, oito e quarenta e três horas da manhã.

-

Se o senhor está dizendo...

-

Como é o seu nome completo?

-

James Louis Willard.

-

Como é que o tratam?

-

Por Pete. Pete Willard.

-

Endereço?

-

Via 6, apartamento 14, Lake Village, Mississipi.

-

Em que rua?

-

Bethel Road.

-

Com quem vive?

-

Com a minha mãe, Earnestine Willard. Sou divorciado.

-

Conhece Billy Ray Cobb?

Willard hesitou e olhou para os pés. Os sapatos tinham ficado na cela. As meias

brancas, sujas, não escondiam os dedos grandes. Essa pergunta é segura, pensou ele.

-

É, conheço, sim.

-

Esteve com ele ontem?

-

Umm, umm.

-

Onde estiveram?

-

No lago.

-

A que horas saíram?

-

Mais ou menos às três.

-

Que tipo de carro conduzia?

-

Eu não estava guiando.

-

Que transporte é que usaram?

Willard hesitou. Olhou para os pés.

-

Acho que não quero dizer mais nada.

Ozzie desligou o gravador e respirou fundo. - Já esteve na Parchman?

Willard abanou a cabeça.

-

Sabe quantos negros há na Parchman?

Willard voltou a abanar a cabeça negativamente.

-

Mais ou menos cinco mil. Sabe quantos brancos?

-

Não.

-

Cerca de mil.

Willard apoiou o queixo no peito. Ozzie deixou que ele pensasse durante um minuto

e piscou o olho ao tenente Griffin.

-

Tem idéia do que aqueles negros vão fazer a um homem que violou

uma criança negra?

-

Em que estrada?

-

Não sei. Eu estava bêbado.

-

Para onde a levaram?

-

Não sei.

-

Só você e Cobb?

-

Isso mesmo.

-

Quem a violou?

-

Nós dois. Billy Ray primeiro.

-

Quantas vezes?

-

Não me lembro. Eu estava fumando maconha e bebendo.

-

Vocês dois violentaram-na?

-

Isso mesmo.

-

Onde a deixaram?

-

Não me lembro. Juro que não me lembro.

Ozzie desligou o gravador.

-

Vamos mandar datilografar isto e você assina.

Willard abanou a cabeça.

-

Não diga a Billy Ray.

-

Não vamos dizer - prometeu o xerife.

QUATRO

Percy Bullard remexeu-se nervoso na cadeira de couro, atrás da enorme mesa de

carvalho, no gabinete do juiz, atrás da sala do tribunal, onde uma multidão j á estava à espera.

Na pequena sala ao lado, os advogados, em volta da máquina de café, conversavam sobre

o estupro. A pequena toga negra de Bullard estava pendurada ao lado da janela que dava

para a parte norte da rua Washington. Calçava tênis nos pés pequ enos que mal tocavam no

chão. Era um homenzinho nervoso que se preocupava muito com audiências preliminares ou

com qualquer outra audiência de rotina. Ao fim de treze anos como juiz não aprendera ainda

a descontrair-se. Felizmente não precisava julgar casos importantes, que iam para o juiz da

tribunal distrital. Bullard era apenas um juiz de condado, e tinha chegado ao topo da sua

carreira.

O Sr. Pate, velho policial do tribunal, bateu à porta.

-

Entre! - ordenou Bullard.

-

Boa tarde, Senhor Doutor Juiz.

-

Quantos negros estão lá fora? - perguntou Bullard, bruscamente.

-

Metade da sala do tribunal.

-

Isso quer dizer uma centena! Nunca aparecem tantos para um bom julgamento de assassinato. Que querem eles?

O Sr. Pate abanou a cabeça.

-

Acho que pensam que os dois homens vão ser julgados hoje.

-

Eu acho que eles só estão preocupados - disse o Sr. Pate, em voz baixa.

-

Preocupados com quê? Não vou soltar nenhum deles. É só uma audiência preliminar. - E acalmando-se, olhou pela janela. - A família está lá?

-

Acho que sim. Reconheci alguns deles, mas não conheço os pais da criança.

-

E a segurança?

-

O xerife pôs todos os policiais e até os de reserva perto do tribunal.

Revistamos todas as pessoas à entrada.

-

Encontraram alguma coisa?

-

Não, senhor.

-

Onde estão os homens?

-

Com o xerife. Devem chegar dentro de um minuto.

O juiz ficou satisfeito. O Sr. Pate pôs um papel escrito à mão sobre a mesa.

- O que é isso?

O Sr. Pate respirou fundo.

-

Uma solicitação de um canal de TV de Memphis para filmar a

audiência.

-

O quê? - Bullard ficou rubro e abanou-se furiosamente na cadeira

giratória. - Câmaras - gritou. - No tribunal! - Rasgou o papel e atirou os pedaços na

direção do cesto. - Onde estão?

-

Na antecâmara.

-

Ponha-os fora do tribunal.

O Sr. Pate saiu rapidamente.

Carl Lee Hailey estava sentado na penúltima fila, rodeado por dezenas de parentes e

amigos que ocupavam as filas de bancos no lado direito do recinto do tribunal. Os bancos da

esquerda estavam vazios. Os policiais, armados e apreensivos, vigiavam nervosamente o

grupo de negros e especialmente Carl Lee que, curvado para frente, com os cotovelos nos

joelhos, olhava para o chão.

Jake, da sua janela, olhou para a parte de trás do tribunal. Era uma hora da tarde.

Como sempre, tinha dispensado o almoço e não tinha nada para fazer na rua, mas precisava

de um pouco de ar fresco. Passara a manhã toda no escritório e embora não estivesse

interessado nos detalhes do estupro, detestava a idéia de perder uma audiência. O tribunal

devia estar cheio porque não se via nenhum lugar vago disponível na praça. Um punhado de

repórteres e fotógrafos esperava ansiosamente ao lado da porta dos fundos do

tribunal, por

onde Cobb e Willard deveriam entrar.

A cadeia ficava a dois quarteirões, ao sul da praça. Ozzie dirigia o carro com Cobb e

Willard no banco de trás. Com um carro de policial em frente e outro atrás, a procissão deixou

a rua Washington e entrou no curto caminho de acesso à varanda do tribunal. Seis policiais,

que escoltavam os acusados, passaram pelos repórteres, entraram no prédio e subiram a

escada que levava à salinha de espera, ao lado do recinto do tribunal.

Jake pegou o casaco, ignorou Ethel e atravessou a rua correndo. Subiu a escada dos

fundos, passou pelo pequeno corredor e entrou na sala do tribunal por uma porta lateral, no

momento em que o Sr. Pate de pé para o tribunal chegou próximo à mesa.

Todos se levantaram. Bullard adiantou-se e sentou-se.

-

Sentem-se - gritou ele. - Onde estão os acusados? Onde? Tragam os

acusados!

Cobb e Willard foram conduzidos, algemados, da salinha de espera para a sala do

tribunal. Estavam com a barba por fazer, sujos e pareciam confusos. Willard olhou para o

grande grupo de negros, mas Cobb virou-lhes as costas. Looney retirou-lhes as

algemas e

os fez sentar ao lado de Drew Jack Tyndale, o defensor público, atrás da longa mesa da

defesa. Ao lado estava a mesa, longa também, do promotor Rocky Childers, que tomava

notas com ar de importância.

Willard olhou para trás, para os negros. Na primeira fila, logo atrás dele, estavam sua

mãe e a mãe de Cobb, cada uma protegida por um policial. Willard sentiu -se seguro com

todos aqueles policiais. Cobb nem uma só vez olhou para trás. Na penúltima fila, a vinte e

cinco metros de distância, Carl Lee levantou a cabeça e olhou para as costas dos dois

homens que tinham violentado a sua filha. Eram dois estranhos abatidos, com a barba por

fazer e sujos. Tapou o rosto com as mãos e curvou o corpo para frente. Os policiais estavam

de pé atrás dele, encostados à parede, observavam qualquer movimento.

-

Agora, ouçam - começou Bullard, em voz bem alta. - Isto é só uma

audiência preliminar, não um julgamento. O objetivo da preliminar é determinar se

existe prova suficiente de que um crime foi cometido para enviar os acusados ao

grande júri. Os acusados podem abrir mão desta audiência se quiserem.

Tyndale levantou-se.

-

Não, senhor, Meritíssimo, queremos prosseguir com a audiência.

-

Muito bem. Tenho aqui cópias das declarações juramentadas do xerife

Walls, acusando os dois homens de estupro de uma menina com menos de doze

anos, rapto e

danos corporais qualificados. Sr. Childers, pode chamar a sua primeira testemunha.

-

Meritíssimo, o estado chama para depor o xerife Ozzie Walls.

Jake estava na bancada dos jurados com vários outros advogados, todos fingindo

que liam algum material importante. Ozzie prestou juramento e sentou -se no banco das

testemunhas, à esquerda de Bullard, a poucos metros da bancada dos jurados.

-

Queira dizer o seu nome.

-

Xerife Ozzie Walls.

-

O senhor é o xerife de Ford County?

-

Sim.

-

Eu sei quem ele é - resmungou Bullard, examinando rapidamente os papéis na pasta sobre a sua mesa.

-

Xerife, ontem à tarde, o seu departamento recebeu um telefonema sobre uma criança desaparecida?

-

Sim, mais ou menos às quatro e meia.

-

O que fez o senhor?

-

Enviei o policial Willie Hastings à residência de Gwen e Carl Lee Hailey, os pais da criança.

-

Onde fica isso?

-

Na Craft Road, atrás do armazém Bates.

-

O que foi que ele encontrou?

-

Encontrou a mãe da criança, que tinha telefonado. Saiu de carro à procura da menina.

-

Encontrou-a?

-

Não. Quando voltou à casa, a menina estava lá. Tinha sido encontrada por uns homens que estavam pescando e que a levaram para casa.

-

Como estava a menina?

-

Tinha sido violada e espancada.

-

Estava consciente?

-

Sim. Podia falar, ou murmurar, um pouco.

-

O que disse ela?

Tyndale levantou-se de um salto.

-

Meritíssimo, por favor, eu sei que é admissível o testemunho auricular numa audiência preliminar, mas isto é testemunho auricular em terceira mão.

-

Objeção negada. Cale-se. Sente-se. Prossiga, Sr. Childers.

-

O que disse? Disse à mãe que tinham sido dois homens brancos numa

pick-up amarela com uma bandeira rebelde no vidro traseiro. Só isso. Não conseguiu

dizer mais nada. Tinha os dois maxilares partidos e o rosto cheio de marcas de

pontapés.

-

Que aconteceu depois?

-

O policial chamou uma ambulância e ela foi levada para o hospital.

-

Como está ela agora?

-

Dizem que o estado é crítico.

-

Que aconteceu a seguir?

-

Baseado no que sabíamos na ocasião, pensei num suspeito.

-

Então, o que fez?

-

Localizei um informante, um informante de confiança, e mandei-o a

um bar perto do lago.

Childers não era homem de perder tempo com detalhes, especialmente em frente de

Bullard. Jake sabia isso, e Tyndale também. Bullard enviava todos os casos para o júri de

instrução. Fosse qual fosse o caso, os fatos, as provas, independentemente fosse do que

fosse, Bullard mandava o acusado para o júri de instrução. Se as provas fossem insufic ientes,

o júri de instrução que os libertasse, não Bullard. Ele precisava ser reeleito, o júri de instrução,

não. Os eleitores ficavam descontentes quando os criminosos eram soltos. A maioria dos

advogados de defesa do condado desistia das preliminares no tribunal de Bullard. Não Jake.

Para ele, essas audiências eram o meio melhor e mais rápido de se conhecer as razões da

acusação. Tyndale raramente desistia de uma preliminar.

-

A que bar?

-

Ao Huey's.

-

E que descobriu?

-

Disse que Cobb e Willard, os dois acusados, estavam se gabando de

terem violentado uma menina negra.

Cobb e Willard entreolharam-se. Quem seria o informante? Lembravam-se de pouca

coisa no Huey's.

-

Que encontrou o senhor, no Huey's?

-

Efetuamos a prisão de Cobb e Willard, depois revistamos a pick-up

registrada em nome de Billy Ray Cobb.

-

E que encontraram?

-

Nós a rebocamos e a revistamos esta manhã. Muitas manchas de

sangue.

-

Que mais?

-

Encontramos uma camiseta pequena coberta de sangue.

-

De quem era a camiseta?

-

Pertencia a Tonya Hailey, a menina violada. O pai dela, Carl Lee

Hailey, identificou a camiseta esta manhã.

Ao ouvir seu nome, Carl Lee endireitou o corpo na cadeira. Ozzie olhou diretamente

para ele. Jake voltou-se e viu Carl Lee pela primeira vez.

-

Descreva a caminhonete.

-

Uma pick-up Ford nova, amarela, de meia tonelada. Rodas grandes

cromadas e pneus antiderrapantes. Bandeira rebelde no vidro traseiro.

-

Propriedade de quem?

Ozzie apontou para os acusados.

-

Billy Ray Cobb.

-

Combina com a descrição feita pela menina?

-

Sim.

Childers fez uma pausa e consultou as suas notas.

-

Agora, xerife, quais são as outras provas que tem contra esses acusados?

-

Falamos com Pete Willard esta manhã, na cadeia. Ele assinou uma confissão.

-

O que é que você fez?! - exclamou Cobb.

Willard encolheu-se e olhou em volta à procura de ajuda.

-

Ordem! Ordem! - gritou Bullard, batendo com o martelo. Tyndale separou os seus clientes.

-

Informou o Sr. Willard dos seus direitos?

-

Sim.

-

Ele compreendeu?

-

Sim.

-

Ele assinou uma declaração a esse respeito?

-

Sim.

-

Quem estava presente quando o Sr. Willard deu esse depoimento?

-

Eu, mais dois policiais, o meu investigador, Rady e o tenente Griffin

da Patrulha Rodoviária.

-

O senhor tem a confissão?

-

Tenho.

-

Por favor, leia-a.

O tribunal ouviu imóvel e em silêncio a leitura do breve depoimento. Carl Lee olhava

inexpressivamente para os dois acusados. Cobb olhou furioso para Willard, que limpou a

terra dos sapatos.

-

Muito obrigado, xerife - disse Childers, quando Ozzie terminou. - O Sr.

Willard assinou a confissão?

-

Sim, perante três testemunhas.

-

O estado não tem mais perguntas, Meritíssimo.

Bullard berrou:

-

A testemunha é sua, Sr. Tyndale.

-

Não tenho perguntas, no momento, Meritíssimo.

Boa jogada, pensou Jake. Um recuo estratégico era o melhor que a defesa tinha

fazendo, ficar calada, tomar notas, deixar que o testemunho fosse registrado pelo estenógrafo

do tribunal para que constasse dos autos. O júri de instrução ia estudar o caso, de qualquer

modo, portanto, para que é que ele se iria dar ao trabalho? E nunca permitir que o acusado

testemunhe. O testemunho dele não serve para nada e pode prejudicá -lo no julgamento. Jake

sabia que eles não iam testemunhar porque conhecia Tyndale.

-

Chame a sua próxima testemunha - ordenou o juiz.

-

Não temos outra testemunha, Meritíssimo.

-

Muito bem. Pode sentar-se. Sr. Tyndale, tem alguma testemunha?

-

Não, Meritíssimo.

-

Ótimo. Este tribunal considera que existem provas suficientes de que

um crime foi cometido por esses acusados e determina que o Sr. Cobb e o Sr. Willard

fiquem à disposição do júri de instrução de Ford County, cuja sessão está marcada

para o dia 27 de Maio, segunda-feira. Alguma pergunta?

Tyndale levantou-se devagar.

-

Sim, Meritíssimo, gostaríamos de pedir ao tribunal o estabelecimento

de uma fiança razoável para estes ac...

-

Nem pense nisso - interrompeu Bullard secamente. - A partir deste

momento está negada a fiança. Estou informado de que o estado da menina é crítico.

Se ela morrer, haverá outras acusações.

-

Bem, Meritíssimo, nesse caso, eu gostaria de pedir uma audiência

para determinação da fiança, daqui a alguns dias, na esperança de que ela melhore.

Bullard olhou atentamente para Tyndale. Boa idéia, pensou.

-

Concedido. Está marcada uma audiência para fiança na próxima

segunda-feira, dia 20 de Maio, neste tribunal. Até então, os acusados permanecerão

sob a custódia do xerife de Ford County. Esta audiência está encerrada.

Bullard bateu com o martelo e desapareceu. Os policiais rodearam os acusados,

algemaram a ambos e saíram da sala, entraram na salinha de espera, desceram a escada

dos fundos, passaram pelos repórteres e entraram no carro da polícia.

Fora uma audiência típica de Bullard - menos de vinte minutos. A justiça podia ser

rápida naquele tribunal.

Jake conversou com os outros advogados enquanto a multidão atravessava em

silêncio as enormes portas do tribunal. Carl Lee não se apressou e fez sinal a Jake para que

fosse ter com ele. Encontraram-se na antecâmara. Carl Lee despediu-se dos amigos e

parentes e prometeu encontrá-los no hospital. Ele e Jake desceram para o

primeiro andar.

-

Eu lamento profundamente, Carl Lee - disse Jake.

-

É, eu também.

-

Como está ela?

-

Vai conseguir.

-

Como está Gwen?

-

Bem, acho eu.

-

E você?

Seguiram vagarosamente pelo corredor, na direção dos fundos do prédio.

-

Ainda não consigo acreditar. Quero dizer, há vinte e quatro horas, tudo

estava bem. Agora, olhe para nós. A minha filha está no hospital cheia de tubos. A

minha mulher quase louca e os meus filhos mortos de medo, e a única coisa em que

consigo pensar, é em pôr as mãos naqueles desgraçados.

-

Eu gostaria de poder fazer alguma coisa, Carl Lee.

-

Tudo o que pode fazer é rezar por ela. Rezar por nós.

-

Sei que é doloroso.

-

Tem uma filha pequena, não tem, Jake?

-

Tenho.

Caminharam em silêncio durante algum tempo. Jake mudou de assunto.

-

Onde está o Lester?

-

Em Chicago.

-

Que ele está fazendo lá?

-

Trabalhando numa siderurgia. Um bom emprego. Casou.

-

Está brincando! Lester, casado?

-

Isso mesmo, casou com uma garota branca.

-

Branca! Que tem Lester que ver com uma garota branca?

-

Bom, você conhece o Lester. Sempre foi um negro tolo. Está a

caminho. Deve chegar esta noite.

-

Para quê?

Pararam na porta dos fundos. Jake perguntou:

-

Para que Lester vem para cá?

-

Negócios de família.

-

Está planejando alguma coisa?

-

Nada. Ele só quer ver a sobrinha. - Vejam se vão com calma.

-

É fácil para você dizer isso, Jake.

-

Eu sei.

-

No meu caso, o que faria, Jake?

-

De que é que está falando?

-

Tem uma filha, Jake! Suponha que ela está no hospital, espancada e

violada. O que é que faria?

Jake olhou para a pequena janela da porta e não respondeu. Carl Lee esperou.

-

Não faça nenhum disparate, Carl Lee.

-

Responda à minha pergunta. O que é que faria?

-

Não sei. Não sei o que faria.

-

Então deixe-me perguntar-lhe de outra maneira. Se fosse a sua filha

e se fossem dois negros, e você pudesse pôr as mãos neles, o que é que faria?

-

Matava a ambos.

Carl Lee sorriu.

-

É claro que matava, Jake, é claro. Depois, contratava um advogado muito bom para dizer que você é doido, como fez no julgamento do Lester.

-

Não dissemos que Lester é doido. Só dissemos que Bowie precisava ser morto. - Você livrou o Lester, não livrou?

-

Claro.

Carl Lee foi até à escada e olhou para cima.

-

É por aqui que eles sobem para o tribunal? - perguntou, sem olhar para Jake.

-

Quem?

-

Aqueles dois.

-

É. Geralmente, são levados por essa escada. É mais rápido e mais seguro.

Podem parar o carro bem em frente da porta e levá-los rapidamente lá para cima.

Carl Lee foi até à porta dos fundos e olhou para a varanda.

-

Quantos casos de homicídio já defendeu, Jake?

-

Três. O do Lester e mais dois outros.

-

Quantos eram negros?

-

Todos três.

-

Quantos ganhou?

-

Os três.

-

Você é bom de verdade com negros assassinos, não é?

-

Acho que sou.

-

Está pronto para outro?

-

Não faça uma coisa dessas, Carl Lee. Não vale a pena. E se for

condenado à câmara de gás? O que vai ser dos seus filhos? Quem vai criá -los? Esses

vagabundos não valem isso.

-

Você acabou de dizer que era o que faria.

Jake aproximou-se dele, em frente da porta.

-

Comigo é diferente. Eu teria maior probabilidade de sair livre.

-

Como?

-

Eu sou branco e esta cidade é branca. Com um pouco de sorte, eu

podia conseguir um júri só de brancos, que evidentemente estaria do meu lado. Não

estamos em Nova Iorque, nem na Califórnia. O homem deve proteger a sua família.

O júri iria achar que eu tinha procedido corretamente.

-

E eu?

-

Como acabei de dizer, isto não é Nova Iorque, nem a Califórnia.

Alguns brancos poderiam louvar o que você fez, mas a maioria iria querer que fosse

condenado. Seria muito mais difícil conseguir um veredicto de inocente.

-

Mas você podia fazer isso, não podia, Jake?

-

Não faça isso, Carl Lee.

-

Não tenho alternativa, Jake. Nunca mais vou dormir sossegado

sabendo que aqueles dois estão vivos. Devo isso à minha filha. Devo -o a mim mesmo

e devo-o à minha gente. Vai ser feito.

Abriram as portas, saíram para a varanda coberta e seguiram na direção da rua

Washington, no outro lado do prédio da cadeia. Despediram-se com um aperto de mão e

Jake prometeu passar pelo hospital no dia seguinte para ver Gwen e a família.

-

Mais uma coisa, Jake. Vai me visitar na cadeia quando eles me

prenderem?

Sem pensar, Jake fez que sim com a cabeça. Carl Lee sorriu e continuou pelo passeio,

na direção da sua caminhonete.

CINCO

Lester Hailey casou com uma sueca do Wisconsin e, embora ela garantisse que ainda

o amava, Lester tinha a impressão de que o poder de atração e novidade que a sua cor

exercia, começava a perder o encanto. Ela tinha pavor do Mississipi e recusou

terminantemente acompanhá-lo na viagem a Ford County, por mais que ele lhe garantisse

que não havia perigo. Ela não conhecia a família dele. Não que os parentes estivessem

ansiosos por conhecê-la - não estavam. Não eram raros os casos de negros que se mudavam

para o norte e casavam com brancas, mas nenhum Hailey tinha anteriormente feito isso.

Havia muitos Hailey em Chicago, quase todos parentes e casados com negros. A família não

estava impressionada com a mulher loura de Lester. Ele partiu para Clanton sozinho, no seu

Cadillac.

Chegou ao hospital na quarta-feira, noite alta, e encontrou alguns primos lendo

revistas na sala de espera do segundo andar. Abraçou Carl Lee. Não se viam desde o Natal,

quando metade dos negros de Chicago regressava ao Mississipi e ao Alabama.

Foram depois para o corredor, para longe dos familiares.

-

Como ela está? - perguntou Lester.

-

Melhor. Muito melhor. Acho que vai para casa no fim da semana.

Lester ficou aliviado. Quando saíra de Chicago, onze horas antes, ela estava à morte,

segundo o primo que lhe tinha telefonado e o tinha feito saltar da cama apavorado. Acendeu

um cigarro bem debaixo do aviso de NÃO FUMAR e olhou atentamente para o irmão mais

velho.

-

Como é que você está?

Carl Lee fez um gesto afirmativo e olhou para o fim do corredor.

-

Como está a Gwen?

-

Mais louca do que nunca. Está na casa da mãe. Veio sozinho?

-

Isso mesmo - disse Lester, na defensiva.

-

Ótimo.

-

Não banque o engraçadinho. Não guiei este tempo todo para ouvir

gracinhas sobre a minha mulher.

-

Pronto, pronto. Ainda sofre de gases?

Lester riu. Desde o casamento que vivia atormentado por gases estomac ais. A sueca

fazia pratos cujo nome ele nem sabia pronunciar e o organismo reagia violentamente. Ele

queria comer couve, ervilhas, quiabo, galinha frita, churrasco de porco e torresmos.

Chegaram a uma pequena sala de espera no terceiro andar, com cadeiras dobráveis

e uma mesa de jogo. Lester pegou em dois copos de café velho e forte de uma máquina e

mexeu o creme em pó com o dedo. Ouviu atentamente a descrição do estupro, das prisões

e da audiência. Depois agarrou alguns guardanapos de papel e desenhou um diagrama do

interior do tribunal e da cadeia. O seu julgamento fora há quatro anos e ele teve alguma

dificuldade em lembrar-se de tudo. Passara apenas uma semana na cadeia antes do

pagamento da fiança e não a voltara visitá-la desde o julgamento. Na verdade, fora para

Chicago logo a seguir. A vítima tinha parentes. Fizeram planos e mais planos, até

bem depois

da meia-noite.

Na quinta-feira, ao meio-dia, Tonya saiu da unidade de tratamento intensivo para um

quarto particular. O quadro clínico era de estabilidade. Os médicos ficaram mais calmos e a

família levou-lhe doces, brinquedos e flores. Com os dois maxilares quebrados e fios de

arame na boca, Tonya só conseguia olhar para os doces. Os irmãos comeram quase todos.

Eles ficavam junto da cama, pegando-lhe nas mãos, como para a protegerem e

tranqüilizarem. O quarto encheu-se de amigos e de estranhos, todos fazendo-lhe festas

delicadamente, dizendo que ela era um amor, tratando -a como uma pessoa especial, que

acabava de passar por uma dura experiência. Os grupos revezavam-se, do corredor para o

quarto e de volta ao corredor, sob a vigilância atenta das enfermeiras.

Tonya tinha dores e chorava de vez em quando. De hora em hora, as enfermeiras

abriam caminho por entre as visitas para aplicarem um analgésico na paciente. Naquela

noite, todos ficaram em silencio no quarto quando a estação de Memphis comentou o estupro.

A televisão mostrou retratos dos dois homens brancos, mas Tonya não conseguia ver muito

bem.

O tribunal de justiça de Ford County abria às 8 horas e fechava às 5 da tarde, todos

os dias, exceto à sexta-feira, em que fechava às quatro e meia. Às quatro e meia de sexta -

feira, Carl Lee estava escondido num banheiro do primeiro andar quando o tribunal foi

fechado. Sentado na tampa de um vaso, ficou imóvel, atentamente à escuta, durante uma

hora. Nenhum empregado da limpeza. Ninguém. Silêncio. Saiu para o corredor largo e quase

às escuras e espreitou pela janela. Ninguém à vista. Pôs-se de novo à escuta. O prédio do

tribunal estava deserto. Voltou-se e olhou para a outra ponta do corredor, para a antecâmara

e para as portas da frente, a sessenta metros de onde estava.

Carl Lee examinou o prédio. As duas portas duplas dos fundos abriam para dentro,

para uma área de entrada grande e retangular. Na extremida de direita havia duas escadas,

e à esquerda outra igual. A área aberta estreitava-se e terminava no corredor.

Carl Lee fez de conta que estava sendo levado para julgamento. Pôs as duas mãos

nas costas e encostou-se a uma das portas. Andou dez metros para a direita até a escada,

subiu dez degraus, chegou ao pequeno patamar, uma volta de noventa graus para a

esquerda, exatamente como Lester tinha dito. Depois, mais dez degraus até à salinha de

espera, pequena, quatro metros por quatro, com uma janela e duas portas. Carl Lee abriu

uma delas e entrou na enorme sala do tribunal, em frente das cadeiras dos espectadores.

Foi até à passagem central e sentou-se na primeira fila. Examinando a sala, viu na sua frente

a balaustrada, ou cerca, como dizia Lester, que separava o público do recinto onde ficavam

o juiz, o júri, as testemunhas, os advogados, os réus e funcionários do tribunal.

Carl Lee seguiu pela passagem central até às portas grandes de madeira e examinou

minuciosamente a sala do tribunal. Parecia muito diferente do que tinha visto na quarta-feira.

Voltou pela passagem para a salinha de espera e abriu a outra porta que dava para a parte

do tribunal onde se processava o julgamento. Sentou -se em frente da mesa comprida onde

Lester, Cobb e Willard tinham sentado. À direita estava a outra mesa grande onde ficava o

promotor. Atrás das mesas havia uma fila de cadeiras, depois a balaustrada com portas de

vaivém nas duas extremidades. O juiz sentava-se regiamente na cadeira no alto do estrado,

de costas para a parede de onde pendia o retrato desbotado de Jefferson Davis, olhando

carrancudo para toda a sala. A bancada dos jurados estava à sua direita e à esquerda do

juiz, encostada na parede, sob os retratos amarelados dos heróis confederados. O banco das

testemunhas era perto do estrado do juiz, mais baixo, evidentemente, e de frente para o júri.

À sua esquerda, de frente para a bancada do júri, estava uma mesa comprida com enormes

livros vermelhos de registro. Funcionários e advogados reuniam-se, geralmente, em volta

dessa mesa, durante os julgamentos. Atrás, do outro lado da parede, ficava a salinha de

espera dos réus.

Carl Lee levantou-se e, ainda como se estivesse algemado, passou vagarosamente

pela porta de vaivém da balaustrada e depois pela porta da salinha de espera. Desceu os

dez degraus da escada estreita e escura e parou. Do patamar, no meio da escada, podia ver

as portas do fundo do tribunal e grande parte da área de entrada entre as portas e o corredor.

Aos pés da escada, à direita, abriu a porta do armário do zelador, atulhado e em desordem.

Fechou a porta e examinou o pequeno espaço que fazia uma curva e acabava debaixo da

escada. Era escuro, empoeirado, cheio de vassouras e baldes raramente usados. Abriu a

porta e olhou para cima, para a escada.

Carl Lee andou pelo edifício durante mais uma hora. A outra escada dos fundos dava

para outra salinha de espera, por trás da bancada do júri, e continuava até ao terceiro andar,

onde ficava a biblioteca de Direito e duas salas para jurados, exatamente como Lester

dissera.

Descendo, subindo e tornando a descer, estudou os movimentos dos homens que

tinham violentado a sua filha. Sentou-se na cadeira do juiz e olhou para os seus domínios.

Sentou-se no banco dos jurados e soprou no microfone. Finalmente, às sete hora s, já noite,

Carl Lee levantou a janela do banheiro ao lado do armário do zelador e saiu silenciosamente

para o meio dos arbustos e para a noite.

-

A quem tenciona comunicar isso? - perguntou Carla, fechando a caixa

da pizza de 30 centímetros e servindo mais limonada.

Jake balançou suavemente o balanço duplo da varanda, ao mesmo tempo em que

olhava para Hanna que saltava à corda no passeio.

-

Está aí? - perguntou Carla.

-

Não.

-

A quem você pretende contar?

-

Não pretendo comunicar a ninguém - disse ele.

-

Eu acho que devia.

-

E eu acho que não devo.

-

Porquê?

Jake balançou-se mais depressa e bebeu um gole de limonada. Depois falou devagar.

-

Para começar, não tenho certeza de que um crime esteja sendo

planejado. Ele disse o que qualquer pai diria e sei que está pensando como qualquer

pai pensaria. Mas, quanto a planejar um crime, não acredito. Depois, o que ele disse

foi dito em confidência, como se fosse meu cliente. Na verdade, ele provavelmente

pensa que sou advogado dele.

-

Mas mesmo como seu advogado, se soubesse que ele está

planejando um crime, devia comunicar, não devia?

-

Sim. Se eu tivesse certeza dos planos dele. Mas não tenho.

Carla não desistiu.

-

Eu acho que você deve comunicar.

Jake não respondeu. Não tinha importância. Comeu o seu último pedaço de pizza tentando ignorá-la.

-

Quer que Carl Lee faça isso, não quer?

-

Quero que ele faça o quê?

-

Que mate aqueles dois homens.

-

Não, não quero. - Jake não parecia muito convincente. - Mas se ele o

fizer, não vou culpá-lo, porque eu faria a mesma coisa.

-

Não comece com isso outra vez.

-

Sabe perfeitamente que estou falando sério. Eu os mataria.

-

Jake, você não é capaz de matar um homem.

-Tudo bem. Seja lá o que for. Não quero discutir. Já falamos disto.

Carla gritou a Hanna que saísse do meio da rua. Sentou -se ao lado dele no balanço,

sacudindo os cubos de gelo no copo.

-

Você os defenderia?

-

Espero que sim.

-

Acha que o júri o condenaria?

-

E você, condenava?

-

Não sei.

-

Muito bem, pense na Hanna. Olhe para aquela criança doce e

inocente saltando à corda. Você é mãe. Agora, pensa na filhinha do Hailey,

espancada, ensangüentada, chamando pela mãe e pelo pai...

-

Pare com isso, Jake!

Ele sorriu.

-

Responda, está no júri. Votaria a favor da condenação do pai?

Carla pôs o copo no parapeito da janela e de repente ficou muito interessada nas próprias unhas. Jake farejou a vitória.

-

Vamos. Você faz parte do júri. Culpado ou inocente?

-

Eu faço sempre parte do júri por aqui. Ou sou do júri, ou estou sendo interrogada.

-

Culpado ou inocente?

Carla olhou para ele zangada.

-

Seria difícil dizer culpado.

Com um largo sorriso, a defesa encerrou o caso.

-

Mas não sei como ele vai matá-los, estando eles na cadeia.

-

Fácil. Nem sempre estão na cadeia. Vão ao tribunal e são le vados de um lado para outro. Lembra-se de Lee Oswald e de Jack Ruby. Além disso, se conseguirem fiança, podem sair da cadeia.

-

Quando?

-

A fiança vai ser determinada na segunda-feira. Se puderem pagar, estão livres.

-

E se não puderem?

-

Ficam na cadeia até ao julgamento.

-

Quando será o julgamento?

-

Provavelmente no fim do Verão.

-

Eu acho que você devia comunicar isso.

Jake levantou-se do balanço e foi brincar com Hanna.

SEIS

K. T. Bruster, ou Cat Bruster, como era conhecido, era, pelo que sabia, o único

milionário negro e zarolho de Memphis. Era dono de uma rede de night -clubs, todas

funcionando legalmente. Era proprietário de quarteirões de casas para alugar, que ele dirigia

legalmente, tinha duas igrejas no sul de Memphis, que também funcionavam legalmente.

Ajudava financeiramente várias causas dos negros, era amigo dos políticos e um herói para

seu povo.

Para Cat era importante ser popular na comunidade porque ele seria ind iciado outra

vez e julgado outra vez e quase certamente inocentado outra vez, por um júri cuja metade

era formada por negros. As autoridades não conseguiam condenar Cat por matar gente e

vender coisas como mulheres, cocaína, mercadorias roubadas, cartões d e crédito, senhas

de refeição, bebidas de contrabando, armas e artilharia leve.

Cat tinha um olho só. O outro ficara em algum arrozal do Vietnã. Perdera -o em 1971,

no mesmo dia em que o seu amigo, Carl Lee Hailey, fora ferido na perna e carregou com ele

às costas, durante duas horas, até serem socorridos. Depois da guerra, Cat voltou

para

Memphis com um quilo de maconha. Com o dinheiro da venda, comprou um pequeno bar na

South Main, e pouco faltou para morrer de fome até que ganhou uma prostituta num jogo de

pôquer. Cat prometeu-lhe que não precisaria mais ser prostituta se tirasse a roupa para

dançar entre as mesas do seu bar. Da noite para o dia Cat conseguiu mais fregueses do que

podia atender, tendo comprado depois outro bar e arranjado mais bailarinas. Encontrou o seu

lugar no mercado e, em dois anos, era um homem muito rico. O escritório dele ficava em

cima de um dos clubes, na South Main, entre Vance e Beale, no bairro mais perigoso de

Memphis. O letreiro luminoso na porta anunciava Budweiser e bustos , mas muitas outras

coisas eram vendidas por detrás daquelas janelas escuras. Carl Lee e Lester encontraram o

bar - Brown Sugar - por volta do meio-dia de sábado. Sentaram-se ao balcão, pediram cerveja

e olharam para os bustos.

-

Cat está? - perguntou Carl Lee ao barman quando ele passou por eles,

atrás do balcão. O homem resmungou e voltou a lavar as canecas de cerveja. Carl

Lee ficou de cara fechada, enquanto bebia uns goles de cerveja e apreciava a dança.

-

Outra cerveja! - disse Lester, em voz alta sem tirar os olhos das

bailarinas.

-

Cat Bruster está cá? - perguntou Carl Lee, com firmeza, quando o

homem serviu a cerveja.

-

Quem pergunta?

-

Eu.

-

E então?

-

Então, eu e Cat somos grandes amigos. Lutamos juntos no Vietnã.

-

Nome?

-

Hailey. Carl Lee Hailey. Do Mississipi.

O barman saiu e um minuto depois apareceu entre dois espelhos no meio das

garrafas de bebidas. Fez um sinal para os Hailey, que o seguiram por uma porta pequena,

passaram pelos banheiros, por outra porta, fechada à chave, e subiram uma escada. O

escritório era escuro e espalhafatoso. A alcatifa era dourada no chão, vermelha nas paredes

e verde no teto. Um teto de tapete espesso verde. Barras de aço finas protegiam as janelas

com vidros escuros e, por segurança, cortinas pesadas e poeirentas, cor de vinho, pendiam

do teto até o chão para apanhar e estrangular qualquer raio de sol mais ousado que

conseguisse penetrar através dos vidros pintados. Um lustre pequeno de metal cromado,

com placas espelhadas, girava lentamente pouco acima das suas cabeças.

Dois guarda-costas enormes com ternos completos pretos e idênticos mandaram

embora o barman, convidaram Carl Lee e Lester a sentarem-se e ficaram de pé atrás deles.

Os Hailey admiraram a decoração.

- Bonito, não é? - disse Lester.

B. B. King cantava os seus lamentos num estéreo fora das vistas. De repente, Cat

entrou por uma porta secreta entre a parede e a mesa de mármore e vidro. Praticamente,

atirou-se a Carl Lee.

-

Meu amigo! Meu amigo! Carl Lee Hailey! - gritou, abraçando Carl Lee.

- Que prazer em vê-lo, Carl Lee. Que grande prazer!

Carl Lee retribuiu o abraço.

-

Como está, companheiro? - perguntou Cat.

-

Muito bem, Cat, muito bem. E você?

-

Otimamente! Otimamente. Quem é este? - Estendeu a mão a Lester

que a apertou e abanou violentamente.

-

Este, é o meu irmão Lester - disse Carl Lee. - Ele é de Chicago.

-

É um prazer conhecê-lo, Lester. Eu e o grande homem aqui somos

muito amigos.

-Muito amigos.

-

Ele me falou de você - disse Lester.

Cat olhou outra vez para Carl Lee, com admiração.

-

Ora, ora, Carl Lee. Você está ótimo. Como vai a perna?

-

Vai bem, Cat. Incomoda-me um pouco quando chove, mas de resto

vai bem.

-

Somos muito amigos, não somos?

Carl Lee fez que sim com a cabeça e sorriu. Cat largou-o.

-

Aceitam um copo?

-

Não, obrigado - disse Carl Lee.

-

Aceito uma cerveja - disse Lester.

Cat fez estalar os dedos e um dos guarda-costas saiu da sala. Carl Lee sentou-se na

cadeira e Cat na ponta da mesa, balançando os pés como um garoto num cais. Sorriu para

Carl Lee que se remexeu na cadeira, envergonhado com tanta admiração.

-

Porque não vem para Memphis trabalhar para mim? - perguntou Cat.

Carl Lee já esperava isso. Há dez anos que Cat lhe oferecia empregos.

-

Não, obrigado, Cat. Estou satisfeito.

-

Pois fico satisfeito por você. Então, qual é o problema?

Carl Lee abriu a boca, hesitou, cruzou as pernas e franziu a testa. Inclinou levemente

a cabeça e disse.

-

Preciso de um favor, Cat. Um pequeno favor.

Cat abriu os braços.

-

Qualquer coisa, grande homem, seja o que for.

-

Lembras-se daquelas M-16 que usamos no Vietnã? Preciso de uma.

O mais depressa possível.

Cat cruzou os braços sobre o peito. Olhou para o amigo por um momento.

-

É uma arma perigosa. De que espécie de esquilo que anda caçando?

-

Não é para esquilos.

Cat olhou atentamente para os dois. Sabia o suficiente para não perguntar para que

era a arma. Era coisa séria, de contrário Carl Lee não estaria ali.

-

Semi-automática?

-

Não. A verdadeira.

-

É muita massa.

-

Quanto?

-

É ilegal, sabia?

-

Se eu pudesse comprar na Sears, não estaria aqui.

Cat perguntou-lhe com um largo sorriso:

-

Para quando é que precisa dela?

-

Para hoje.

A cerveja de Lester chegou e foi servida. Cat sentou-se na sua cadeira de capitão, de

vinil cor-de-laranja, atrás da mesa.

-

Mil dólares.

-

Eu tenho.

Cat não demonstrou a surpresa que sentiu. Aonde é que aquele negro humilde, de

uma cidadezinha do Mississipi, teria arranjado mil dólares? Talvez emprestados pelo irmão.

-

Mil para qualquer outra pessoa, mas não para você, companheiro.

-

Quanto?

-

Nada, Carl Lee, nada. Estou lhe devendo muito mais do que dinheiro.

-

Terei prazer em pagar.

-

Nada disso. Não se fala mais no assunto. A arma é sua.

-

É um grande favor que me faz, Cat.

-

Eu lhe daria cinqüenta se você quisesse.

-

Só preciso de uma. Quando?

-

Deixe-me verificar. - Cat fez um telefonema e resmungou qualquer

coisa em voz baixa. Dadas as ordens, desligou e disse que ia demorar mais ou menos

uma hora.

-

Podemos esperar - disse Carl Lee.

Cat tirou a venda do olho esquerdo e passou um lenço pela órbita vazia.

-

Tenho uma idéia melhor. - Voltou-se para os guarda-costas. - Tragam

o meu carro. Vamos buscar a arma.

Seguiram Cat por uma porta secreta e depois por um corredor.

-

Eu vivo aqui, sabe - apontou. - Por trás dessa porta, fica o meu

apartamento.

Geralmente tenho algumas mulheres nuas lá dentro.

-

Gostava de ver - disse Lester.

-

Tudo bem - disse Carl Lee.

Mais adiante, Cat apontou para uma porta larga, preta e brilhante, no fim de um

corredor curto.

-

É aí que eu guardo o dinheiro. Tem um guarda a postos dia e noite.

-

Quanto? - perguntou Lester, enquanto bebericava a cerveja.

Cat olhou carrancudo para ele. Carl Lee franziu a testa ao irmão e abanou a cabeça.

No fim do corredor subiram uma escada estreita até ao quarto andar, que era mais escuro.

Na escuridão, Cat encontrou um botão na parede. Os três esperaram em silêncio, durante

alguns segundos e então a parede abriu-se, revelando um elevador iluminado, com alcatifa

vermelha e o aviso de NÃO FUMAR. Cat carregou noutro botão.

-

Tem de subir para descer no elevador - disse ele, sorrindo. - Questão

de segurança.

Ambos menearam a cabeça aprovando e com admiração. As portas abriram-se no

subsolo. Um dos guarda-costas esperava ao lado da porta aberta de uma limusine enorme e

branca e Cat convidou os dois para um passeio. À saída da garagem, passaram lentamente

por uma fila de Fleetwoods, de outras limusines, de um Rolls-Royce e de uma série de carros

de luxo europeus.

-

São todos meus - disse Cat, com orgulho.

O motorista buzinou e uma porta pesada enrolou-se para cima, revelando uma rua

lateral.

-

Vá devagar. - gritou Cat ao chofer e ao guarda-costas, no banco da

frente. - Quero mostrar-lhes esta parte da cidade.

Carl Lee já tinha dado esse passeio anteriormente, na sua última visita. Viram filas e

filas de barracas velhas e sem pintura a que o grande homem chamava propriedades

arrendadas. Havia antigos armazéns de tijolo vermelho com janelas pintadas de preto ou

fechadas com tábuas, sem a menor indicação do que havia lá dentro. Viram uma igreja, com

aparência próspera e, logo adiante, mais outra. Ele era dono dos pastores também, disse

Cat. Havia dezenas de bares nas esquinas, com as portas abertas e grupos de jove ns negros

sentados nos bancos, no passeio, bebendo cerveja na garrafa. Cat apontou com orgulho para

um prédio incendiado perto da rua Beale e contou com entusiasmo a história de um

concorrente que tinha tentado disputar um lugar no ramo dos shows de topless. Disse que

não tinha concorrentes. Depois, havia também os clubes, com nomes como Angels e Cat's

House e Black Paradise, onde um homem podia encontrar boas bebidas, boa comida, boa

música, mulheres nuas e possivelmente mais coisas, disse ele. Os clubes tinham feito dele

um homem muito rico. Eram oito ao todo.

Os Hailey viram os oito. Além do que parecia ser a maior parte dos prédios do sul de

Memphis. No fim de uma rua sem nome e sem saída, perto do rio, o motorista enfiou por

entre dois armazéns e seguiu por uma passagem estreita até um portão aberto, à direita.

Passado o portão, abriu-se uma porta, ao lado de um cais, e a limusine entrou no prédio. O

carro parou e o guarda-costas desceu.

-

Fiquem sentados - disse Cat.

A mala foi aberta e fechada. Em menos de um minuto, a limusine percorria outra vez

as ruas de Memphis.

-

Que tal almoçarmos? - perguntou Cat e, antes que eles pudessem

responder, gritou para o motorista. - Para o Black Paradise. Avise que vou almoçar.

Tenho a melhor carne de Memphis, aqui mesmo nos meus clubes. É claro que não

vão ler nada sobre eles, no jornal de domingo. Tenho sido ignorado pelos críticos. Dá

para acreditar?

-

A mim, parece discriminação - disse Lester.

-

Isso mesmo. Tenho certeza de que é. Mas eu não faço uso disso, a

menos que seja indiciado.

-

Não temos lido muito sobre você, ultimamente, Cat - disse Carl Lee.

-

O meu último julgamento foi há três anos. Sonegação de impostos. A

polícia federal passou três semanas reunindo provas e o júri demorou vinte e sete

minutos e voltou com a palavra mais preciosa da língua afro -inglesa: "inocente".

-

Eu já a ouvi uma vez - disse Lester.

O porteiro estava à espera deles sob a marquise do clube e uma equipe de guarda
-

costas - não os mesmos do escritório - escoltou o grande homem e os seus

convidados para

um gabinete reservado, distante da pista de dança. Bebida e comida foram servidas por um

batalhão de empregados. Lester passou para scotch e já estava bêbado quando cheg ou o

prato principal. Carl Lee tomou chá gelado e reviveu velhas histórias com Cat. Quando

terminaram, um guarda-costas murmurou qualquer coisa ao ouvido de Cat. Com um largo

sorriso, este olhou para Carl Lee.

-

O Eldorado vermelho com placa de Illinois é teu?

-

É. Mas nós o deixamos no outro estacionamento.

-

Está aí fora... na mala.

-

O quê? - exclamou Lester. - Como...

Com uma gargalhada, Cat bateu-lhe nas costas.

-

Não pergunte, homem, não pergunte. Tudo foi providenciado, homem.

Cat é capaz de fazer seja o que for.

Como sempre fazia, Jake foi trabalhar no sábado, depois do café da manhã no

Coffee

Shop. Gostava da tranqüilidade do escritório, nas manhãs de sábado: nada de telefone, nada

de Ethel.

Fechava a porta à chave, ignorava o telefone e evitava os clientes. Organizava

arquivos, lia as decisões recentes do Supremo Tribunal e planejava a estratégia do seu

próximo julgamento. As suas melhores idéias e pensamentos surgiam nessas tranqüilas

manhãs de sábado. Às onze horas telefonou para a cadeia.

-

O xerife está? - perguntou.

-

Vou ver - respondeu o policial. Passado algum tempo o xerife atendeu.

- Xerife Walls.

-

Ozzie, Jake Brigance. Como está?

-

Muito bem, Jake. E você?

-

Bem. Vai ficar aí mais algum tempo?

-

Umas duas horas. O que há?

-

Nada de especial. Só quero um minuto. Estarei aí daqui a meia -hora.

-

Fico à espera.

Jake e o xerife simpatizavam um com o outro e respeitavam-se. Jake era duro com

ele, às vezes, nos interrogatórios, mas Ozzie sabia que não era nada pessoal. Jake ajudava

nas campanhas de Ozzie e Lucien financiava-as, portanto, o xerife não se importava com

algumas perguntas sarcásticas e agressivas nos julgamentos. E ele gostava de provocar

Jake falando a respeito do jogo. Em 1969, quando Jake era um defesa principiante da equipe

de futebol de Karaway, Ozzie era atacante da equipe campeã de Clanton. As duas equipes,

ambas invictas, defrontaram-se no jogo final em

Clanton, para a decisão do campeonato da liga de futebol. Durante quatro longos tempos do

jogo, Ozzie barbarizou o ataque do Karaway, muito menor e conduzido por um bravo mas

inexperiente capitão. No quarto tempo do jogo, com a sua equipe vencendo por 44 -0, Ozzie

partiu a perna de Jake num confronto. Durante anos, ameaçou que lhe partiria a outra.

Continuava dizendo que Jake coxeava e perguntava-lhe como ia a perna.

-

Qual é o problema, amigo? - perguntou Ozzie, quando Jake chegou ao seu escritório.

-

Carl Lee. Estou um pouco preocupado com ele.

-

Preocupado como?

-

Ouça, Ozzie, esta conversa é confidencial. Não quero que ninguém saiba o que vou dizer.

-

Parece coisa séria, Jake.

-

É sério. Falei com Carl Lee na quarta-feira, depois da audiência. Ele está completamente desnorteado e eu compreendo. Eu também estaria. Falou em matar os dois homens e falou sério. Eu achei que o senhor devia saber.

-

Eles estão seguros, Jake. Carl Lee não conseguiria chegar perto deles, nem que quisesse. Tivemos alguns telefonemas ameaçadores, anônimos, é claro. Os negros estão muito preocupados. Mas os homens estão seguros, só os

dois

numa cela, e estamos tendo todos os cuidados.

-

Isso é bom. Não fui contratado por Carl Lee, mas já representei quase

todos os Hailey e tenho certeza de que ele me considera seu advogado, e achei que

era minha obrigação falar com você.

-

Eu não estou preocupado, Jake.

-

Ótimo. Quero perguntar-lhe uma coisa. Eu tenho uma filha e você tem

uma filha, certo?

-

Tenho duas.

-

O que é que Carl Lee pensa? Quero dizer, como um pai negro?

-

A mesma coisa que você pensaria.

-

E o que é?

Ozzie recostou-se na cadeira, cruzou os braços e pensou um momento.

-

Está pensando se ela vai ficar bem, fisicamente, quero dizer. Se vai

viver e, se viver, quais serão as seqüelas de tudo isso. Se vai poder ter filhos. Depois,

está pensando se ela está bem mental e emocionalmente e como isso a irá afetar pelo

resto da vida. Terceiro, ele quer matar os desgraçados.

-

Você os mataria?

-

É fácil dizer que sim, mas a gente nunca sabe se o faria ou não. Acho

que os meus filhos precisam de mim muito mais do que a Parchman. Que pensaria

você, Jake?

-

Mais ou menos a mesma coisa, acho eu. Não sei o que faria. Talvez

ficasse louco. - Parou de falar e olhou para a mesa de Ozzie. - Mas pensaria

seriamente em matar o culpado. Seria muito difícil dormir de noite, sabendo que ele

estava vivo.

-

Que faria um júri?

-

Depende de quem são os jurados. Se você escolher o júri certo, sai

em liberdade. Se o promotor escolher o júri certo, você vai parar à câmara de gás.

Depende exclusivamente do júri e nesta cidade podemos escolher as pessoas certas.

Todos estão fartos de estupros, de roubos e de assassinatos. Sei que os brancos,

pelo menos, estão.

-

Todos estão.

-

O que eu estou dizendo é que todos veriam com simpatia o pai que

resolveu fazer justiça com as próprias mãos. Ninguém confia no sistema judiciário. Eu

acho que posso, pelo menos, fazer com que o júri fique indeciso. Basta convencer um

ou dois jurados de que o desgraçado merecia morrer.

-

Como o Monroe Bowie.

-

Exatamente. Como o Monroe Bowie. Ele era um safado de um negro

que merecia morrer e Lester ficou livre. A propósito, Ozzie, porque pensa que Lester

veio de Chicago?

-

Os dois irmãos são muito unidos. Estamos vigiando o Lester também.

Mudaram de assunto e finalmente Ozzie perguntou-lhe pela perna. Despediram-se

com um aperto de mãos e Jake saiu. Foi diretamente para casa, onde Carla o esperava com

a lista. Ela não se importava que ele fosse ao escritório no sábado de manhã, desde que

chegasse à hora do almoço e obedecesse a todas as suas ordens até o fim do dia.

No Domingo, à tarde, uma pequena multidão acompanhou a cadeira de rodas de

Tonya Hailey empurrada pelo pai, no corredor do hospital. Saíram para o estacionamento.

Carl Lee, com todo o cuidado, tirou-a da cadeira e a colocou no banco da frente e, com a filha

sentada entre ele e a mãe e os filhos no banco de tr ás, partiu, acompanhado pela procissão

de amigos, parentes e estranhos. A caravana seguiu devagar, deixando o centro da cidade.

Tonya estava sentada no banco da frente, como uma pessoa crescida.

O pai estava calado, a mãe chorosa, os irmãos silenciosos e rígidos.

Outra multidão estava à espera deles em casa e todos correram para a varanda,

quando o carro parou no amplo jardim. Carl Lee levou -a no colo para dentro, entre os

murmúrios discretos dos presentes, e deitou-a no sofá da sala. Tonya sentia-se feliz por estar

em casa, mas cansada dos espectadores. A mãe segurou-lhe nos pés enquanto primos, tios,

tias, vizinhos e toda a gente a tocavam e sorriam, alguns com lágrimas nos olhos, sem dizer

nada. O pai estava lá fora conversando com tio Lester e os outro s homens. Os irmãos

estavam na cozinha, com uma porção de gente, devorando a imensa quantidade de comida

em cima da mesa.

Rocky Childers era promotor em Ford County há mais tempo do que ele gostaria de

se lembrar. Era um emprego que pagava quinze mil dólares por ano e lhe tomava o tempo

todo, além de lhe ter destruído qualquer esperança de possuir um escritório particular de

advocacia. Aos quarenta e dois anos, Childers via o ponto final da sua carreira como

advogado num beco sem saída, com um emprego de tempo integral, sendo eleito

sucessivamente de quatro em quatro anos. Felizmente, a mulher tinha um bom emprego,

podendo assim terem sempre Buicks novos, eram sócios do country club e de um modo geral

correspondiam aos padrões dos brancos educados de Ford County. Quando era mais novo,

Childers tinha ambições políticas, mas os eleitores fizeram-no desistir, e agora, contra sua

vontade, exauria a carreira processando bêbados, ladrões de meia -tigela, delinqüentes

juvenis e agüentando os insultos do juiz Bullard que ele desprezava. Uma vez ou outra,

Childers animava-se, quando gente como Cobb e Willard fazia alguma coisa realmente

sensacional e Rocky, com a sua autoridade legal, era encarregado da preliminar e de outras

audiências, antes do caso ser enviado ao grande júri, e posteriormente ao tribunal distrital,

cujo promotor era o Sr. Rufus Buckley, de Polk County, o responsável pelo fim das ambições

políticas de Childers.

Normalmente, a audiência para estipulação da fiança não significava muito para

Childers, mas esta era um pouco diferente. Desde quarta-feira, que ele recebia dezenas de

telefonemas de negros, todos eleitores, ou pelo menos dizendo que o eram, muito

preocupados com a possibilidade de Cobb e Willard saírem da cadeia. Queriam que

continuassem presos, exatamente como os negros que não podiam pagar a fiança exigida,

antes do julgamento. Childers prometia fazer o melhor possível mas explicava que as fianças

seriam estabelecidas pelo juiz do condado, Percy Bullard cujo número do telefone também

constava da lista. Ele morava na rua Bennington. Todos prometiam estar no tribunal na

segunda-feira para ver o que ele e Bullard iam fazer.

Segunda-feira, ao meio-dia e meia, Childers foi chamado ao gabinete do juiz, onde

Bullard e o xerife o esperavam. O juiz estava tão nervoso que não conseguia permanecer

sentado.

-

Qual a fiança que quer? - perguntou Bullard.

-

Eu não sei, Sr. Dr. juiz. Não pensei muito no assunto.

-

Não acha que está mais do que na hora de começar a pensar? -

Bullard andava de um lado para o outro, da mesa até a janela, da janela até a mesa.

Ozzie observava, divertido e em silêncio.

-

Na verdade, não - respondeu Childers, com calma. - A decisão é sua.

O senhor é que é o juiz.

-

Obrigado! Obrigado! Obrigado! Quanto pediria?

-

Eu peço sempre mais do que espero conseguir - respondeu Childers

secamente, feliz com o nervosismo do juiz.

-

E, quanto é isso?

-

Não sei. Não pensei muito no assunto.

O pescoço de Bullard ficou rubro e ele olhou furioso para Ozzie.

-

O que acha, xerife?

-

Bom - disse Ozzie, com voz arrastada - eu sugiro fianças bem altas. Esses

homens precisam ficar na cadeia para sua própria segurança. Os negros estão inquietos lá

fora. Eles vão acabar mal se saírem sob fiança. É melhor fixar uma fiança bastante alta.

-

Que dinheiro têm eles?

-

Willard está liso. Cobb, não sei. É difícil seguir a pista do dinheiro da droga.

Ele pode arranjar uns vinte, trinta mil. Ouvi dizer que contratou um advogado importante de

Memphis. Deve chegar hoje. Suponho que Cobb tenha algum dinheiro.

-

Bolas, por que é que eu nunca sei dessas coisas? Quem é que ele contratou?

-

Bernard. Peter K. Bernard - disse Childers. Ele me telefonou esta manhã.

-

Nunca ouvi falar - disse Bullard com ar de superioridade, como se tivesse

decorado uma lista de casos judiciais de todos os advogados existentes. Bullard olhou para

as árvores lá fora e o xerife e o promotor trocaram uma piscadela de olho. As fianças seriam

exorbitantes, como sempre. Os agiotas de fianças adoravam Bullard por causa das suas

fianças absurdas. Viam satisfeitos as famílias desesperadas gastar o último centavo,

hipotecar casas e terras para pagar os juros que cobravam. Bullard fixava quantias elevadas

sem se preocupar. Politicamente era seguro manter os criminosos na cadeia. Os negros iam

gostar, o que era importante, apesar da maioria branca da sua jurisdição. Bullard devia alguns

favores aos negros.

-

Vamos fixar cem mil para Willard e duzentos mil para Cobb. Isso vai deixar

todos satisfeitos.

-

Todos quem? - perguntou Ozzie.

-

Bem, ora, o povo, o povo lá fora. Está de acordo?

-

Para mim, está bem - disse Childers. - Mas e a audiência? - perguntou com um largo sorriso.

-

Vamos conceder a audiência. Lhe daremos uma audiência justa e, a seguir, eu determino as fianças em cem e duzentos mil.

-

Suponho que devo pedir três mil, para que a sua decisão pareça justa? - perguntou Childers.

-

Pouco me importa quanto vai pedir! - gritou o juiz.

-

A mim, parece justo - disse Ozzie, dirigindo-se para a porta. - Vai chamar-me para testemunhar? - perguntou a Childers.

-

Não, não precisamos de você. Acho que o estado não vai chamar ninguém uma vez que vamos ter uma audiência tão justa...

Saíram da sala e Bullard ficou fulo. Fechou a porta, tirou uma garrafa de vodca da

pasta e, furioso, bebeu um trago. O Sr. Pate estava à espera no corredor. Cinco minutos

depois, Bullard entrou no tribunal completamente cheio, como um touro zangado.

-

Todos de pé! - gritou o Sr. Pate.

-

Sentem-se! - berrou o juiz, antes que as pessoas tivessem tempo de se pôr

de pé.

-

Onde estão os acusados? Onde?

Cobb e Willard foram escoltados da sala de espera para a mesa da defesa. O novo

advogado de Cobb sorriu para o cliente quando as algemas foram retiradas. O advogado de

Willard, Tyndale, defensor público, ignorou-o.

O mesmo grupo de negros da audiência preliminar estava presente, com mais alguns

amigos. Todos observavam atentamente os movimentos dos dois homens brancos. Lester

viu-os pela primeira vez. Carl Lee não estava no tribunal.

Do alto da sua cátedra, Bullard contou os policiais - nove ao todo. Devia ser um

recorde. Então contou os negros, centenas, todos juntos, todos olhando carrancudos para os

violadores que estavam entre os seus dois advogados. A vodca era um alívio. Bebeu um gole

do que parecia ser água gelada, no copo de plástico, e sorriu. A bebida desceu lentamente

como fogo brando e o sangue subiu-lhe ao rosto. O que ele devia fazer era mandar sair todos

os policiais e atirar Cobb e Willard aos negros. Seria divertido e a justiça teria sido feita.

Bullard quase conseguia ver as negras gordas pulando de contentes, enquanto os homens

espetavam os dois homens com facas e machadinhas. Depois, quando tudo estivesse

terminado, eles sairiam em silêncio da sala. Bullard sorriu. Fez um sinal ao Sr. Pate, que se

aproximou.

-

Tenho uma garrafa de água gelada na gaveta da minha mesa -

murmurou o juiz.

-

Sirva um pouco num copo de plástico.

O Sr. Pate fez um gesto afirmativo e saiu da sala.

-

Esta é uma audiência para se estipular a fiança - explicou o juiz, em

voz alta - e espero que seja breve. Os acusados estão prontos?

-

Sim, senhor - disse Tyndale.

-

Sim, Meritíssimo - disse o Sr. Bernard. - O estado está pronto?

-

Sim, senhor - respondeu Childers, sem se levantar. - Muito bem.

Chame a sua primeira testemunha.

Childers dirigiu-se ao juiz.

-

Meritíssimo, o estado não vai chamar nenhuma testemunha. O

Meritíssimo está a par das acusações contra os dois acusados, uma vez que presidiu

à audiência preliminar na quarta-feira. Fui informado de que a vítima já está em casa.

Sendo assim, não antecipamos novas acusações. Pediremos ao júri de instrução, na

segunda-feira, o indiciamento dos dois acusados por estupro, rapto e lesão corporal

qualificada. Devido à natureza violenta desses crimes, à idade da vítima e por ser o

Sr. Cobb um excondenado, o estado pede as fianças máximas, nem um centavo a

menos.

Bullard quase engasgou com a água gelada. Que máxima? Não existe nenhuma

fiança máxima.

-

O que sugere, Sr. Childers?

-

Meio milhão cada um! - disse Childers orgulhosamente, sentando-se.

Meio milhão! De jeito nenhum, pensou Bullard. Bebeu mais água gelada e olhou

furioso para o promotor. Meio milhão! Traído em pleno tribunal! Mandou o Sr. Pate buscar

mais água gelada.

-

Tem a palavra a defesa.

O novo advogado de Cobb levantou-se com ar decidido, tirou os óculos acadêmicos

de leitura, com aros de tartaruga pigarreou e , disse:

-

Com permissão do tribunal, Meritíssimo, o meu nome é Peter K.

Bernard. Sou de Memphis e fui contratado pelo Sr. Cobb para o representar.

-

Tem licença para advogar no Mississipi? – interrompeu Bullard.

Bernard foi apanhado de surpresa.

-

Bem, eu... não exatamente, Meritíssimo.

-

Já percebi. Quando diz "não exatamente", quer dizer alguma coisa

diferente de não?

Alguns advogados na bancada do júri riram divertidos. Bullard era famoso por essas

coisas. Detestava os advogados de Memphis e exigia que trabalhassem com um advogado

local antes de se apresentarem no seu tribunal. Anos antes, quando ele ainda advogava, um

juiz de Memphis expulsara-o do tribunal por não ser licenciado no Tennessee. Bullard

vingava-se desde o dia em que fora eleito juiz.

-

Meritíssimo, não sou licenciado no Mississipi, mas sou licenciado no

Tennessee.

-

Espero que sim... - respondeu o juiz. Mais risos abafados da bancada

do júri, - Conhece os regulamentos de Ford County? - perguntou o Meritíssimo.

-

Bem, eu, sim, Senhor Dr. Juiz.

-

Tem uma cópia desses regulamentos?

-

- Tenho sim, Meritíssimo.

-

E a leu atentamente antes de se aventurar no meu tribunal?

-

Bem, sim, a maior parte.

-

Compreendeu o Regulamento 14 quando o leu? Cobb olhou

desconfiado para o novo advogado.

-

Bem, não me lembro desse especificamente - admitiu Bernard.

-

Foi o que eu pensei, o Regulamento 14 determina que advogados de

outros estados, sem licença no Mississipi, se associem a um advogado local para

aparecerem no meu tribunal.

-

Sim, senhor.

A aparência e os maneirismos de Bernard eram de um advogado experiente. Pelo

menos, era essa a sua fama em Memphis. Entretanto, estava em via de ser totalmente

arrasado e humilhado por um juiz simplório de uma pequena cidade, com uma língua ferina.

-

Sim, senhor o quê? - vociferou Bullard.

-

Sim, senhor, acho que ouvi falar desse regulamento.

-

Então, onde está o advogado local?

-

Não há nenhum, mas eu pretendia...

-

Então, o senhor veio de Memphis, leu atentamente os meus

regulamentos e ignorou-os deliberadamente. Correto? Bernard baixou a cabeça e

olhou atordoado para o bloco de papel em branco sobre a mesa. Tyndale l evantou-se

devagar.

-

Meritíssimo, que fique registrado que eu me apresento como

advogado associado do Dr. Bernard, exclusivamente para fins desta audiência e de

mais nenhum.

Bullard sorriu. Boa jogada, Tyndale, boa jogada. A água gelada aqueceu -o e Bullard

aquietou-se.

-

Muito bem, chame as suas testemunhas.

Bernard empertigou-se outra vez e inclinou a cabeça para o lado.

-

Meritíssimo, como testemunha de defesa do Sr. Cobb, eu gostaria de

chamar o irmão, o Sr. Fred Cobb, para depor.

-

Seja breve - disse Bullard.

O irmão de Cobb prestou juramento e sentou-se. Bernard assumiu o pódio e começou

um longo e detalhado interrogatório direto. Estava bem preparado. Provou que Billy Ray Cobb

tinha um bom emprego, era proprietário de imóveis em F ord County, tinha crescido na cidade,

onde moravam quase toda a sua família e os seus amigos e que não tinha motivos para sair

de Ford County. Um cidadão sólido, com raízes profundas, teria muito a perder com uma

fuga. Era um homem no qual se podia confiar que compareceria ao julgamento. Um homem

que merecia uma fiança razoável.

Bullard bebeu um gole, bateu com a caneta na mesa e examinou os rostos dos

espectadores.

Childers não tinha nenhuma pergunta. Bernard chamou a mãe de Cobb, Cora,

que

repetiu o que o filho Fred dissera sobre o seu filho Billy Ray. Deixou escapar umas duas

lágrimas no momento errado e Bullard meneou a cabeça.

Chegou a vez de Tyndale. Fez o mesmo com a família de Willard.

Fiança de meio milhão de dólares! Qualquer coisa menor seria pouco e os negros não

iam ficar satisfeitos. O juiz tinha motivo para odiar Childers. Mas gostava dos negros porque

o tinham elegido na última eleição. Tivera cinqüenta e um por cento dos votos do condado,

mas todos os votos dos negros.

-

Mais alguma coisa? - perguntou, quando Tyndale terminou.

Os três advogados entreolharam-se, depois voltaram-se para o juiz. Meritíssimo, eu

gostaria de resumir a posição do meu cliente em relação a uma fiança razoável...

-

Esqueça, meu amigo. Já ouvi o bastante sobre o senhor e o seu cliente.

Sentese.

Bullard hesitou, e então disse rapidamente:

-

O tribunal decide determinar uma fiança de cem mil dólares para Pete Willard

e de duzentos mil dólares para Billy Ray Cobb. Os acusados permanecerão sob a custódia

do xerife até ao pagamento das fianças. Está encerrada a sessão. - Bateu com o martelo e

saiu da sala. No seu gabinete, esvaziou a garrafa de vodca e abriu outra.

Lester ficou satisfeito com as fianças. A dele fora de cinqüenta mil pelo assassinato

de Monroe Bowie. É claro que Bowie era negro e as fianças geralmente eram mais baixas

nesse caso.

O povo começou a caminhar para a porta, mas Lester não se moveu. Observou

atentamente os dois acusados sendo algemados e conduzid os para a sala de espera.

Quando eles desapareceram, Lester apoiou a cabeça nas mãos e recitou uma rápida oração.

Depois, pôs-se à escuta.

Pelo menos dez vezes ao dia, Jake passava pelas portas de vidro e ia até à varanda

para examinar o centro da cidade de Clanton. Às vezes, acendia um charuto barato e deitava

a fumaça lá para fora, por cima da rua Washington. Mesmo no Verão, deixava abertas as

janelas do escritório. Os sons do movimentado centro da cidade faziam-lhe companhia

enquanto ele trabalhava. Às vezes, admirava-se com o volume do som que subia das ruas

em volta do tribunal e, outras vezes, ia até à varanda para ver por que razão estava tudo tão

quieto.

Um pouco antes das duas horas da tarde, na segunda -feira, 20 de Maio, Jake foi até

à varanda e acendeu um charuto. Um silêncio pesado envolvia o centro de Clanton,

Mississipi.

Cobb desceu à frente, com as mãos algemadas nas costas, e atrás dele desceu

Willard e o policial Looney. Dez degraus, o patamar, virar para a direita, mais dez degraus

até ao primeiro andar.

Três policiais esperavam-nos do lado de fora, ao lado dos carros de policial, fumando

e olhando a movimentação dos repórteres. Quando Cobb chegou ao segundo degrau, de

baixo para cima, Willard no terceiro acima dele, e Looney no prime iro degrau depois do

patamar, a porta do pequeno, sujo e desordenado armário do zelador abriu -se bruscamente

e o Sr. Carl Lee Hailey saltou do escuro, empunhando uma M-16. Abriu fogo à queima-roupa.

Os estampidos rápidos e secos fizeram tremer o prédio d o tribunal, explodindo o

silêncio. Os violadores ficaram imóveis, depois gritaram quando foram atingidos - Cobb

primeiro, na barriga e no peito, e a seguir Willard, no rosto e no pescoço.

Giraram o corpo

inutilmente na direção do topo da escada, algemados e indefesos, caíram um por cima do

outro, misturando pedaços de pele e sangue, Looney foi atingido na perna, mas conseguiu

subir para a sala de espera, onde ficou agachado, ouvindo os gritos e os gemidos de Cobb e

Willard e o riso louco do negro. As balas ricocheteava entre as paredes da escada estreita e,

quando olhava para baixo, Looney via carne e sangue espirrando para as paredes e

escorrendo pelos degraus.

Com disparos rápidos e curtos, de sete ou oito balas cada um, o som trovejante da

M-16 ecoou pelo prédio durante uma eternidade. Entre os estampidos e o ruído das balas

batendo nas paredes, ouvia-se perfeitamente o riso louco de Carl Lee.

Quando acabou, atirou a espingarda para cima dos dois corpos e desatou a correr.

No banheiro, prendeu o trinco da porta com uma cadeira, saltou pela janela para os arbustos

e saiu para o passeio. Calmamente, dirigiu-se para a sua pick-up e foi para casa. Lester ficou

rígido quando começaram os tiros. Ouvia perfeitamente os estampidos na sala do tribunal. A

mãe de Willard gritou e a mãe de Cobb gritou também e os policiais

precipitaram-se para a

sala de espera, mas não desceram a escada. Lester ficou atento para ver se ouvia tiros de

revólveres e como não ouviu nenhum, saiu da sala.

Ao primeiro tiro, Bullard agarrou a garrafa de vodca e enfiou-se debaixo da mesa,

enquanto o Sr. Pate trancava a porta.

Cobb, ou o que dele restava, caiu sobre o corpo de Willard. O sangue misturado dos

dois formava poças nos degraus, e escorria para o seguinte, onde formava outra poça, antes

de pingar para baixo. Em questão de segundos, o chão, no fim da escada estreita, tornara -

se um lago de sangue.

Jake saiu correndo do escritório e atravessou a rua na direção da porta dos fundos

do tribunal. O policial Prather, agachado em frente da porta, de arma na mão, esbravejava

com os repórteres que tentavam aproximar-se. Os outros policiais estavam ajoelhados

prudentemente nos degraus, ao lado dos carros-patrulha. Jake correu para frente do prédio,

onde mais policiais guardavam a porta, ajudando a saída dos funcionários e das

testemunhas. Uma verdadeira multidão corria para a rua. Jake abriu caminho contra a

corrente e encontrou Ozzie no átrio, orientando as pessoas e gritando em todas as

direções.

Fez um sinal a Jake e seguiram ambos pelo corredor, a caminho das portas dos fundos, onde

uma meia dúzia de policiais, empunhando as suas armas, olhavam em silêncio para a

escada. Jake sentiu náuseas. Willard tinha quase chegado ao patamar. A parte da frente da

cabeça tinha desaparecido e a massa cinzenta escorria como geléia cobrindo-lhe a cara.

Cobb tinha conseguido virar o corpo e recebera a maior parte das balas nas costas. A cara

dele estava em cima da barriga de Willard e os pés tocavam no quarto degrau da escada, de

baixo para cima. O sangue continuava a escorrer dos corpos sem vida, cobrindo

completamente os últimos degraus da escada. A poça vermelha no chão avançava

rapidamente na direção dos policiais que iam recuando aos poucos. A arma estava entre as

pernas de Cobb, no quinto degrau, também coberta de sangue.

O grupo olhava em silêncio, horrorizado perante os dois corpos que, embora mortos,

continuavam a verter sangue. O cheiro espesso de pólvora pairava no ar e espalhava -se pelo

corredor até ao átrio do tribunal, onde os policiais continuava m a conduzir as pessoas para a

porta da frente.

-

Jake, acho melhor você ir embora - disse Ozzie, sem olhar para os

corpos.

-

Porquê?

-

Vá embora.

-

Porquê?

-

Porque preciso tirar fotografias e reunir provas e você não precisa ficar

aqui.

-

Está bem. Mas não o interrogue sem a minha presença.

Compreendeu?

Ozzie fez que sim com a cabeça.

As fotografias foram tiradas, a escada limpa, as provas reunidas, os corpos removidos

e, duas horas depois, Ozzie saiu do prédio do tribunal acompanhado por cinco carros -

patrulha. Era Hastings quem guiava e seguiu para fora da cidade, na direção do lago,

passaram pelo armazém Bates e entraram na Craft Road. Em frente da casa dos Hailey

estavam apenas o carro de Gwen, a pick-up de Carl Lee e o Cadillac vermelho com placa do

Illinois. Quando os carros pararam enfileirados em frente da casa. Ozzie não esperava

nenhum problema. Os policiais agacharam-se atrás das portas abertas, de armas em punho,

e o xerife dirigiu-se sozinho para a casa. A porta abriu-se lentamente e apareceu a família

Hailey. Carl Lee foi até à beira da varanda com Tonya nos braços. Olhou para o seu amigo,

o xerife, e depois para a fileira de carros e policiais. À sua direita estava Gwen e à esquerda

os três filhos, o menor chorando baixinho, mas os outros dois bra vos e orgulhosos. Atrás

deles estava Lester. Os dois grupos estudaram-se mutuamente, cada um deles à espera que

o outro dissesse ou fizesse alguma coisa, desejando cada um deles evitar o que estava para

acontecer. Só se ouvia o choro contido de Tonya, da mãe e do filho menor.

As crianças tinham tentado compreender. O pai contara o que tinha feito e explicara

as razões. Eles percebiam isso, mas não conseguiam compreender por que o pai tinha de ir

para a prisão. Ozzie deu um pontapé num torrão de terra, olh ou para a família, depois para

os seus homens. Por fim, disse:

-

É melhor vir comigo.

Carl Lee inclinou levemente a cabeça, mas não se mexeu. Gwen e o menino choraram

mais alto quando Lester tirou Tonya dos braços do pai. Então Carl Lee ajoelhou-se diante

dos filhos e em voz baixa repetiu que tinha que ir mas que voltaria em breve. Abraçou os três

e as crianças agarraram-se a ele, chorando. Carl Lee voltou-se e beijou a mulher. Depois,

desceu os degraus da varanda e foi ter com o xerife.

-

Quer me colocar as algemas, Ozzie?

-

Não, Carl Lee, entre no carro.

OITO

Moss Junior Tatum, o primeiro subdelegado, e Jake conversavam no escritório de

Ozzie enquanto policiais, tropas de reserva, prisioneiros com regalias por bom

comportamento e outros funcionários da prisão se amontoavam na sala de trabalho,

espaçosa, ao lado do escritório de Ozzie, esperando ansiosamente a chegada do prisioneiro.

Dois policiais espreitavam por entre as lâminas da persiana os repórteres e câmeras no

estacionamento, entre o edifício e a estrada. Os furgões de televisão de Memphis, Jackson

e Tupelo estavam espalhados pelo espaço completamente cheio. Moss não gostou. Foi até

ao passeio e mandou que os jornalistas se limitassem a uma determinada área e juntassem

também os furgões.

-

O senhor vai fazer uma declaração? - gritou um repórter.

-

Vou, ponham os furgões onde eu mandei.

-

Pode dizer alguma coisa sobre os crimes?

-

Posso, duas pessoas foram mortas.

-

E os pormenores?

-

Nada. Eu não estava lá.

-

Já têm um suspeito?

-

Temos.

-

Quem é?

-

Eu digo depois de terem mudado os furgões de lugar. A ordem foi

obedecida imediatamente e as câmaras e microfones juntaram-se no passeio. Moss

dirigiu o movimento até ficar satisfeito com o resultado, depois aproximou -se dos

repórteres. Enquanto mastigava calmamente um palito, enfiou os polegares nas alças

do cinto, abaixo da barriga avantajada.

-

Quem foi?

-

Está preso?

-

A família da menina está envolvida?

-

Foram ambos mortos?

Moss sorriu e abanou a cabeça.

-

Um de cada vez. Sim, temos um suspeito. Está preso e deve chegar a qualquer momento. Deixem os carros fora do caminho. E é tudo.

Moss voltou para o prédio da cadeia ignorando os repórteres que continuavam gritando perguntas e entrou na sala onde os outros esperavam.

-

Como está Looney? - perguntou.

-

Prather está com ele no hospital. Está bem - um ferimento leve na perna.

-

Sim, e um leve ataque do coração - sorriu Moss. Os outros riram.

-

Aí vêm eles! - gritou um prisioneiro e todos correram para as janelas

quando a fila de luzes azuis entrou no estacionamento.

Ozzie conduzia o primeiro carro com Carl Lee ao seu lado, sem algemas. Hastings,

recostado no banco de trás, acenou para as câmaras quando passaram por elas e

continuaram além dos furgões, deram a volta ao edifício, pararam na porta dos fundos e

entraram os três, calmamente. Carl Lee foi entregue ao carcereiro e Ozzie foi para o

escritório, onde Jake o esperava.

-

Pode vê-lo num minuto, Jake - disse o xerife.

-

Obrigado. Tem certeza de que foi ele?

-

Sim, tenho.

-

Ele não confessou, não é?

-

Não, ele não falou muito sobre coisa alguma. Acho que Lester o

instruiu.

-

Ozzie - disse Moss, entrando no escritório - aqueles repórteres querem falar com você. Eu disse-lhes que iria falar com eles daqui a minutos.

-

Obrigado, Moss - suspirou Ozzie.

-

Alguém presenciou o crime? - perguntou Jake. Ozzie enxugou a testa com um grande lenço vermelho.

-

Sim. Looney pode identificá-lo. Você conhece o Murphy, o homenzinho aleijado que varre o chão do tribunal?

-

Claro. Gagueja um pedaço.

-

Ele viu tudo. Estava sentado na escada do lado leste, bem de frente para o que aconteceu. Almoçando. Ficou tão assustado que não conseguiu falar durante uma hora. - Ozzie parou de falar e olhou para Jake. - Porque estou lhe contando tudo isto?

-

E qual é a diferença? Eu saberia, mais cedo ou mais tarde. Onde está o meu homem?

-

No fim do corredor, na cadeia. Eles têm de tirar fotografias e tudo o

mais. Uns trinta minutos, mais ou menos.

Ozzie saiu e Jake telefonou para Carla, recomendando-lhe que assistisse e gravasse

os noticiários.

Diante dos microfones e das câmaras, Ozzie disse:

-

Não vou responder a nenhuma pergunta. Temos um suspeito sob

custódia. O nome dele é Carl Lee Hailey de Ford County. Detido por dois

assassinatos. - É o pai da criança?

-

Sim, é.

-

Como sabem que foi ele?

-

É que somos muito espertos.

-

Alguma testemunha ocular?

-

Não que eu saiba.

-

Ele confessou?

-

Não.

-

Onde o encontrou?

-

Na casa dele.

-

Houve um policial que ficou ferido?

-

Houve.

-

Como está ele?

-

Está bem. Está no hospital, mas está bem.

-

Como é que ele se chama?

-

Looney. DeWayne Looney.

-

Quando vai ser a audiência preliminar?

-

Eu não sou juiz.

-

Alguma idéia?

-

Talvez amanhã, talvez na quarta-feira. Chega de perguntas, por favor.

No momento, não tenho mais nenhuma informação para a imprensa.

O carcereiro pegou a carteira de Carl Lee, dinheiro, relógio, chaveiro e canivete e

procedeu à sua relação, num inventário, que Carl Lee assinou e datou. Numa pequena sala,

ao lado da cadeia, foi fotografado e tiraram-lhe as impressões digitais, exatamente como

Lester dissera que fariam. Ozzie estava à espera no corredor e levou -o para uma sala onde

se faziam os testes de alcoolemia aos bêbados. Jake estava sentado ao lado da mesa com

o aparelho. Ozzie pediu licença e saiu.

Advogado e cliente, com a mesa separando-os, estudaram-se atentamente. Sorriram,

com admiração, mas em silêncio.

A família de Gwen era grande e todos evitavam problemas, mas não eram ricos. Carl

Lee tinha alguns hectares de terra e a casa que tinha hipotecado para ajudar Lester a pagar

a Jake.

Jake tinha cobrado cinco mil dólares pela defesa de Lester no julgamento por

assassinato. Metade foi paga antes do julgamento e o resto em prestações, durante três

anos.

Jake detestava falar sobre honorários. Era a parte mais difícil da sua profissão. Os

clientes queriam saber com antecedência, imediatamente, quanto teriam de pagar e as

reações variavam. Alguns ficavam chocados, outros engoliam em seco, alguns - poucos -

saíam furiosos do seu escritório. Outros ainda negociavam, mas a maioria pagava ou

prometia pagar.

Jake leu a ficha e o contrato, desesperadamente, tentando p ensar num preço justo.

Muitos outros advogados estariam dispostos a aceitar aquele caso praticamente de graça.

Só pela publicidade. Jake pensou no terreno da casa de Carl Lee, no emprego na fábrica de

papel e finalmente disse:

-

Os meus honorários são dez mil dólares.

Carl Lee não pestanejou.

-

Cobrou cinco mil ao Lester.

Jake já estava à espera disso.

-

Você tem três acusações. Lester só tinha uma.

-

Quantas vezes posso ir para a câmara de gás?

-

Boa pergunta. Quanto pode pagar?

-

Posso pagar mil agora - disse, com orgulho. - E o resto peço

emprestado dando as minhas terras como aval e dou tudo a você, Jake.

Jake pensou um minuto.

-

Tenho uma idéia melhor. Vamos combinar um preço. Você paga mil

agora e assina uma nota promissória pelo resto. Faça o empréstimo e pague mediante

apresentação da promissória.

-

Quanto é que quer? - perguntou Carl Lee.

-

Dez mil.

-

Pago cinco.

-

Pode pagar mais do que isso.

-

E você pode defender-me por muito menos.

-

Certo, posso fazer por nove.

-

Nesse caso, posso pagar seis.

-

Oito?

-

Sete.

-

Podemos concordar com sete mil e quinhentos?

-

Sim, acho que posso pagar isso. Depende do que irão emprestar pelas

minhas terras. Quer que eu pague mil agora e assine uma promissória de seis mil e

quinhentos?

-

Isso mesmo.

-

Está bem, negócio fechado.

Jake preencheu o formulário do contrato e fez a nota promissória e Carl Lee assinou

os dois documentos.

-

Jake, quanto é que pediria para defender um homem com muito

dinheiro?

-

Cinqüenta mil dólares.

-

Cinqüenta mil! Está falando a sério?

-

Exatamente.

-

Diabo, é muita grana. Já recebeu isso?

-

Não, mas não tenho encontrado muitas pessoas julgadas por

assassinato com todo esse dinheiro.

Carl Lee queria saber tudo sobre a fiança, o grande júri, o julgamento, as

testemunhas, quem ia fazer parte do júri, quando iria sair da cadeia, se Jake podia apressar

o julgamento, quando podia contar a sua própria versão e milhares de outras coisas. Jake

disse-lhe que teriam muito tempo para conversar. Prometeu telefonar para Gwen e para o

patrão de Carl Lee, na fábrica de papel.

Jake saiu e Carl Lee foi para a sua cela, ao lado da cela dos prisioneiros do estado.

O Saab estava bloqueado por um furgão da televisão. Jake perguntou quem era o

dono. A maioria dos repórteres tinha ido embora, mas algu ns continuavam por ali, à espera

de alguma novidade. Era quase noite.

-

O senhor trabalha no departamento do xerife? - perguntou um

repórter.

-

Não, sou advogado - respondeu Jake, descontraído, procurando

aparentar indiferença.

-

É o advogado do Sr. Hailey .

Jake olhou para o repórter. Os outros estavam atentos.

-

Para falar verdade, sou.

-

Estaria disposto a responder a algumas perguntas?

-

Pode perguntar. Não prometo responder.

-

Quer vir até aqui?

Jake caminhou para os microfones e as câmaras, tentando pare cer aborrecido com a

inconveniência. Ozzie e os policiais observavam-no de dentro do edifício.

-

Jake adora as câmaras - disse ele.

Às onze e quinze o telefone tornou a tocar e Jake recebeu a primeira ameaça de

morte, anônima, é claro. Chamaram-lhe filho da puta, defensor de pretos, e disseram-lhe que

não viveria se o negro fosse solto.

NOVE

Na manhã de terça-feira, depois dos crimes, Dell Perkins serviu mais café e aveia do

que nunca. Todos os freqüentadores habituais e mais alguns se reuniram muito cedo para

ler os jornais e falar sobre os crimes cometidos a menos de 30 metros da porta do Coffee

Shop. Claude's e o Tea Shoppe também ficaram cheios mais cedo que de costume. A

fotografia de Jake apareceu na primeira página do jornal de Tupelo e os jornais de Memphis

e de Jackson estampavam fotografias de Cobb e Willard, antes dos tiros e depois, quando

os corpos foram levados para a ambulância. Nenhuma fotografia de Carl Lee. Os três jornais

descreviam com detalhes os últimos seis dias em Clanton.

Todos tinham certeza de que Carl Lee era o autor dos crimes, mas boatos de outros

atiradores que teriam participado começaram a surgir e aumentaram até se transformarem,

numa das mesas do Tea Shoppe, numa quadrilha de negros selvagens. No Coffee Shop,

policiais, embora falando pouco, acabaram com essa fantasia. O estado do policial Looney

era regular e os médicos estavam preocupados com os ferimentos, que pareciam mais

graves do que tinham suposto. Continuava no hospital e tinha identificado o atirador como o

irmão de Lester Hailey.

Jake chegou às seis horas e sentou-se perto da entrada, com alguns fazendeiros.

Cumprimentou Prather e o outro policial com um aceno de cabeça, mas eles fingiram não o

ter visto. Isto vai passar quando Looney ficar bom, pensou Jake. Houve algumas observações

sobre a sua fotografia na primeira página, mas ninguém lhe fez perguntas sobre o seu cliente,

nem sobre os crimes. Notou uma certa frieza por parte de alguns dos fregueses habituais.

Comeu rapidamente e saiu.

Às nove horas, Ethel chamou-o pelo interfone. O juiz Bullard estava em linha.

-

Alô, senhor doutor juiz. Como tem passado?

-

Pessimamente. Você representa Carl Lee Hailey?

-

Sim, senhor.

-

Para quando quer a preliminar?

-

Porque pergunta a mim, senhor doutor juiz?

-

Tem razão. Ouça, os funerais vão ser amanhã de manhã, não sei a hora e acho que seria melhor esperar que enterrem aqueles miseráveis, não concorda?

-

Sim, senhor doutor juiz, boa idéia.

-

Que tal amanhã, às duas da tarde?

-

Ótimo.

Bullard hesitou.

-

Jake, você consideraria abrir mão da preliminar e deixar que eu envie o caso diretamente para o grande júri?

-

O senhor sabe muito bem que eu nunca desisto de uma preliminar.

-

Eu sei. Só pensei em lhe pedir um favor. Não vou presidir a este julgamento e não quero ter nada vendo com ele. Nos vemos amanhã.

Uma hora depois, a voz esganiçada de Ethel soou outra vez no interfone.

-

Dr. Brigance, estão aqui alguns repórteres que querem falar com o

senhor doutor.

Jake ficou encantado.

-

De onde?

-

Memphis e Jackson, parece-me.

-

Mande-os entrar para a sala de conferências. Desço já. Jake

endireitou a gravata e penteou-se. Depois, olhou para a rua para ver se havia algum

furgão de televisão. Resolveu fazê-los esperar e ao fim de uns dois telefonemas sem

importância desceu para o primeiro andar, passou por Ethel sem uma palavra e entrou

na sala de conferências. Pediram-lhe que se sentasse na cabeceira da comprida

mesa, por causa da luz. Jake recusou, dizendo a si mesmo que ia controlar as coisas,

e sentou-se a meio da mesa, de costas para os grossos e caros livros de Direito.

Os microfones foram postos na sua frente, as luzes da câmara ajustadas e então uma

atraente repórter de Memphis com cabelos e pestanas cor -de-laranja pigarreou e perguntou:

-

Dr. Brigance, o senhor representa Carl Lee Hailey?

-

Sim, represento.

-

E ele foi acusado dos assassinatos de Billy Ray Cobb e Pete Willard?

-

Exatamente.

-

E Cobb e Willard foram acusados de violentar a filha do Sr. Hailey?

-

Sim, isso mesmo.

-

O Sr. Hailey nega ter matado Cobb e Willard?

-

Ele vai declarar-se inocente dessas acusações.

-

Vai ser acusado de ter atirado no policial Looney?

-

Sim. Antecipamos uma terceira acusação de agressão qualificada

contra o policial.

-

O senhor espera uma defesa baseada em insanidade?

-

Não pretendo discutir a defesa neste momento, porque ele não foi

indiciado.

-

Está querendo dizer que há possibilidade de ele não ser indiciado?

Uma vantagem, com que Jake contava. O júri de instrução podia indiciar ou não e os

jurados só seriam escolhidos quando o tribunal itinera nte se reunisse no dia 27 de Maio,

segunda-feira.

Assim sendo, os futuros jurados estavam naquele momento andando nas ruas de

Clanton, tratando das suas lojas, trabalhando nas fábricas, arrumando as casas, lendo os

jornais, vendo TV e discutindo se o acusado devia ou não ser indiciado.

-

Sim, penso que há uma possibilidade de não ser indiciado. Depende

do júri de instrução ou dependerá, depois da audiência preliminar.

-

Quando vai ser a audiência preliminar?

-

Amanhã. Às duas da tarde.

-

O senhor supõe que o juiz Bullard vai submetê-lo ao júri de instrução?

-

Podemos contar com isso - disse Jake, sabendo que Bullard ia adorar a resposta. - Quando se reunirá o júri de instrução?

-

Um novo júri de instrução vai prestar juramento na segunda -feira de manhã.

Pode estudar o caso na tarde do mesmo dia.

-

Quando espera que seja o julgamento?

-

Partindo do princípio de que ele é indiciado, o caso pode ser julgado no fim do Verão ou no começo do Outono.

-

Em que tribunal?

-

No tribunal itinerante de Ford County.

-

Quem será o juiz?

-

O meritíssimo juiz Ornar Noose.

-

De onde é ele?

-

Chester, Mississipi, Van Buren County.

-

Quer dizer que o caso vai ser julgado aqui em Clanton?

-

Sim, a não ser que o foro seja transferido.

-

O senhor vai pedir transferência de foro?

-

Boa pergunta, mas não estou preparado para responder neste momento. É um pouco prematuro falar sobre a estratégia da defesa.

-

Por que razão poderia o senhor pedir a transferência do local do julgamento?

Para encontrar um lugar mais simpático aos negros, pe nsou Jake. Respondeu pensativamente:

-

Os motivos de sempre. Publicidade anterior ao julgamento, etc.

-

Quem decide a transferência?

-

O juiz Noose. A decisão depende unicamente dele.

-

Foi determinada a fiança?

-

Não e provavelmente não o será, até que ele seja indiciado. Neste

momento, ele tem direito a uma fiança razoável, mas neste município não é concedida

fiança em casos de assassinato, antes de o réu ser indiciado e acusado formalmente

pelo tribunal distrital.

Nessa ocasião a fiança será determinada pelo juiz Noose.

-

O que pode o senhor dizer-nos sobre o Sr. Hailey?

Jake pensou calmamente um instante, enquanto as câmaras continuavam a filmar.

Outra boa pergunta, com uma boa oportunidade de plantar algumas sementes para a defesa.

-

Tem trinta e sete anos. É casado há vinte anos com a mesma mulher,

tem quatro filhos: três rapazes e uma garota. Um bom homem, sem ficha criminal.

Nunca teve este tipo de problemas anteriormente. Condecorado no Vietnã. Trabalha

cinqüenta horas por semana na fábrica de papel, em Coleman. Tem os impostos em

dia e tem alguns hectares de terra. Vai à igreja todos os domingos com a família. Trata

da vida dele e espera que os outros o deixem em paz.

-

O senhor nos deixaria falar com ele?

-

É claro que não.

-

O irmão dele não foi julgado por assassinato, há alguns anos?

-

Sim, e o veredicto foi inocente.

-

O senhor foi o advogado de defesa?

-

Fui, sim.

-

Já defendeu vários casos de assassinatos em Ford County, certo?

-

Três.

-

Quantos veredictos de inocente?

-

Todos - respondeu Jake, lentamente.

-

Não é verdade que o júri tem várias opções no Mississipi?

-

Sim, é verdade. Com uma acusação formal de assassinato o júri pode

declarar o réu culpado de homicídio culposo, com pena de vinte anos, ou de crime

doloso, com pena de prisão perpétua ou de morte determinada pelo júri. E o júri pode

declarar o acusado inocente. - Jake sorriu para as câmaras. - Suponho, aqui também,

que ele seja indiciado.

-

Como está a menina dos Hailey?

-

Está em casa. Teve alta no domingo. Ao que parece, está bem.

Os repórteres olharam uns para os outros à procura de mais perguntas. Jake sabia

que aquele era o momento perigoso, quando começavam fazendo perguntas malucas.

Levantou-se e abotoou o casaco.

-

Ouçam, agradeço-lhes terem aqui vindo. Estarei sempre à disposição.

Basta avisarem-me com antecedência e terei muito prazer em conversar com vocês.

Eles agradeceram e foram embora.

Às dez horas da manhã de quarta-feira, numa cerimônia simples, na casa funerária,

os brancos enterraram os seus mortos. O pastor, recentemente ordenado na igreja, lutou

desesperadamente para encontrar palavras de consolo para os presentes, ao lado dos dois

caixões fechados. Foi uma cerimônia breve e com poucas lágrimas.

As pick-ups e os Chevrolets sujos acompanharam lentamente o carro funerário para

fora da cidade. Pararam atrás de uma pequena igreja de tijolos vermelhos. Os corpos foram

enterrados um de cada vez, nas extremidades opostas do pequeno cemitério coberto de

mato. Depois de mais algumas orações, as pessoas afastaram-se. Os pais de Cobb tinham-

se divorciado quando ele era pequeno e o pai viera de Birmingham para o funeral. Depois do

enterro, desapareceu. A Sra. Cobb morava numa casa branca de madeira,

pequena e limpa,

perto do aglomerado de Lake Village, dez milhas ao sul de Clanton. Os dois irmãos, primos

e amigos do morto reuniram-se debaixo de um carvalho, no quintal, enquanto as mulheres

rodeavam a Sra. Cobb. Os homens falavam sobre os negros em geral, mascavam tabaco,

bebiam uísque e evocavam com saudade um passado onde os negros conheciam o seu

lugar. Agora eram mimados e protegidos pelo governo e pela justiça. E os brancos não

podiam fazer nada. Um dos primos tinha um amigo ou conhecido que fora membro atuante

do Ku Klux Klan e disse que podia telefonar-lhe. O avô de Cobb tinha pertencido ao Klan,

muito antes de morrer, explicou o primo, e, quando ele e Billy Ray eram pequenos, costumava

contar histórias sobre enforcamentos de negros em Ford County e Tyler County. O que

deviam fazer era o mesmo que o negro tinha feito, mas ninguém se apresentou como

voluntário. Talvez o Klan se interessasse. Tinham uma filial ao sul, perto de Jackson e de

Nettles County, e o primo foi autorizado a entrar em contato com eles.

As mulheres fizeram o almoço. Os homens comeram em silêncio e voltaram ao uísque

debaixo do carvalho. Alguém mencionou a audiência do negro marcada para as duas horas

e todos entraram nos carros e seguiram até Clanton.

Agora havia uma Clanton de antes dos crimes e uma Clanton de depois dos crimes,

e só depois de muitos meses uma começaria a parecer -se com a outra. Uma tragédia

sangrenta, que durara menos de quinze segundos, transformara a tranqüila cidade sulista de

oito mil habitantes numa meca de jornalistas, repórteres, equipes de filmagem, fotógra fos,

alguns das cidades vizinhas, outros das redes nacionais de notícias. Cameramen e

repórteres de TV acotovelavam-se nas calçadas em volta da praça, perguntando pela

centésima vez o que a população pensava do caso Hailey e como votaria se fizesse parte d o

júri. Não havia um veredicto definido. Os furgões da televisão seguiam os pequenos carros

importados por toda a praça, à procura de escândalos, reportagens e entrevistas. No começo,

Ozzie era o favorito. Foi entrevistado uma dezena de vezes no dia seguin te ao crime, depois

arranjou outras coisas para fazer e delegou o encargo das entrevistas em Moss Junior, que

se divertia com a imprensa. Moss podia responder a vinte perguntas sem divulgar um único

detalhe novo. Também mentia bastante e os estranhos, igno rantes, nunca sabiam quando é

que mentia ou dizia a verdade.

-

Senhor, existe alguma prova de que havia outros atiradores?

-

Sim.

-

É verdade? Quem eram?

-

Temos provas de que o crime foi autorizado e financiado por um grupo

dos Black Panthers - respondia Moss Junior, muito sério.

-

Alguns repórteres, confusos, olhavam para ele sem entender, outros

repetiam o que ele tinha dito e escreviam furiosamente nos seus blocos Bullard não

saía do seu gabinete e nem atendia ao telefone. Ligou para Jake novamente, pedindo-

lhe que desistisse da audiência. Jake recusou. Havia repórteres que aguardavam na

sala de espera de Bullard, no primeiro andar do tribunal, mas ele estava a salvo com

a sua vodka, atrás das portas fechadas à chave.

Houve um pedido para filmar os funerais. Os irmãos de Cobb concordaram, mediante

uma certa quantia, mas a Sra. Willard vetou a proposta. Os repórteres ficaram no lado de

fora da agência funerária e filmaram tudo o que foi possível. Depois, seguiram a procissão

até ao cemitério e filmaram os enterros. Em seguida, acompanharam os carros até a casa da

Sra. Cobb, onde Freddie, o mais velho, os expulsou aos palavrões.

Na quarta-feira reinava silêncio no Coffee Shop. Os fregueses habituais, incluindo

Jake, observavam os estranhos que tinham invadido o seu santuário. Quase todos usavam

barba, falavam com sotaques diferentes e não pediam aveia.

-

O senhor não é o advogado do Sr. Hailey? - gritou um deles, do outro

lado do restaurante. - Jake, preparando a sua torrada, não respondeu. - Não é? O

senhor aí?

-

E se for? - disse Jake.

-

Ele vai declarar-se culpado?

-

Estou tomando meu café.

-

Vai?

-

Sem comentários.

-

Porquê sem comentários?

-

Sem comentários.

-

Mas porquê?

-

Não faço comentários durante o café da manhã. Sem comentários.

-

Posso falar com o senhor mais tarde?

-

Pode, marque uma hora. Eu falo a sessenta dólares a hora. Os

fregueses habituais riram alto, mas os estranhos não se abalaram.

Jake consentiu em dar uma entrevista, sem cobrar nada, para um jornal de Memphis,

na quarta-feira; depois, fechado na sala de guerra, preparou -se para a preliminar. Ao meio-

dia, foi visitar o seu famoso cliente na cadeia. Carl Lee estava tranqüilo e

descansado. Da

cela, via o movimento dos repórteres no estacionamento.

-

Como vai a cadeia? - perguntou Jake.

-

Não muito mal. A comida é boa. Eu como com o Ozzie no escritório

dele.

-

Como é que é?

-

É assim. Também jogamos cartas.

-

Está brincando, Carl Lee.

-

Não estou. Também vejo televisão. Vi você no noticiário ontem à noite.

Você estava ótimo. Vou torná-lo famoso, não vou, Jake?

Jake não disse nada.

-

Quando é que apareço na TV? Quero dizer, eu é que matei os homens

e você e o Ozzie é que estão ficando famosos. - O cliente sorria, o advogado não.

-

Hoje, daqui a uma hora.

-

Sim, ouvi dizer que vamos ao tribunal. Para quê?

-

Audiência preliminar. Não é grande coisa, pelo menos não deve ser.

Esta será diferente por causa das câmaras.

-

Que devo dizer?

-

Nada! Você não diz uma palavra a ninguém. Nem ao juiz, nem ao

promotor, nem aos repórteres, a ninguém. Nós nos limitamos a ouvir. Ouviremos o

promotor para sabermos como vai ser a acusação. Ao que parece, eles têm uma

testemunha ocular, que talvez seja chamada. Ozzie vai testemunhar para falar ao juiz

sobre a arma, as impressões digitais e Looney...

-

Como está Looney?

-

Não sei. Pior do que pensavam.

-

Homem, sinto-me mal quando penso que disparei sobre ele. Eu nem

sequer o vi.

-

Bem, vai ser acusado de lesão corporal qualificada por ter disparado

sobre Looney. De qualquer modo, a preliminar é só uma f ormalidade. O objetivo é

permitir que o juiz determine se existem provas suficientes para o enviar ao júri de

instrução. Bullard toma sempre essa decisão, portanto é só uma formalidade.

-

Então para que serve a audiência?

-

Podemos abrir mão da audiência - disse Jake, pensando nas câmaras

que perderia. - Mas não gosto de desistir. É uma boa oportunidade para saber como

será a acusação.

-

Bem, Jake, eu diria que eles têm uma causa e tanto, não acha?

-

Acho que sim. Mas vamos nos limitar a ouvir. É essa a estratégia da

audiência preliminar. Certo?

-

Está bem. Falou com a Gwen ou com o Lester, hoje?

-

Não, só na segunda-feira à noite.

-

Eles, ontem, estiveram no escritório do Ozzie. Disseram que vão estar

no tribunal hoje.

-

Acho que todas as pessoas vão estar no tribunal, hoje.

No estacionamento Jake passou por alguns repórteres que esperavam a saída de

Carl Lee para o tribunal. Não lhes fez nenhum comentário, nem aos que esperavam à porta

do seu escritório. Estava muito ocupado naquele momento para responder a pergun tas, mas

não ignorou as câmaras. A uma e meia seguiu para o tribunal e refugiouse na biblioteca do

terceiro andar.

Ozzie, Moss Junior e. os outros policiais observaram com desagrado o grupo de

repórteres e câmeras no estacionamento. Faltavam quinze para a s duas, hora de conduzir o

prisioneiro para o tribunal.

-

Parecem um bando de abutres à espera de que um cão seja

atropelado na estrada - disse Moss Junior, olhando para fora, por entre as tiras da

persiana.

-

Os tipos mais grosseiros que já vi - observou Prather.

-

Não aceitam não como resposta. Esperam que todas as pessoas

estejam à sua disposição.

-

E isto é só metade deles, a outra metade está à espera no tribunal.

Ozzie não disse nada. Um jornal tinha criticado a sua atuação, dizendo que a

segurança fora descuidada intencionalmente no tribunal. Estava farto da imprensa. Na

quarta-feira, por duas vezes, expulsara os repórteres do prédio da cadeia.

-

Tenho uma idéia - disse ele, por fim.

-

O quê? - perguntou Moss Junior. - Curtis Todd ainda está na cadeia?

-

Está. Sai na semana que vem.

-

Ele é parecido com o Carl Lee, não é?

-

O que quer dizer com isso?

-

Quero dizer que ele é quase tão negro como o Carl Lee, tem mais ou

menos a mesma altura e o mesmo peso.

-

Sim, e daí? - perguntou Prather.

Moss Junior olhou com um sorriso para Ozzie, que continuava olhando para fora.

-

Ozzie, não vai fazer isso...

-

Fazer o quê? - perguntou Prather.

-

Vamos. Vão buscar o Carl Lee e o Curtis Todd - ordenou Ozzie. -

Levem o meu carro para a porta dos fundos e tragam o Todd para algumas instruções.

Dez minutos depois, a porta da frente abriu-se e seis policiais escoltaram o

prisioneiro para o passeio, dois a frente, dois atrás e um de cada lado do homem com

óculos escuros e algemas que não estavam fechadas. Quando se aproximaram dos

repórteres, as câmaras começaram a filmar. As perguntas choviam de todos os lados.

-

O senhor vai declarar-se culpado?

-

O senhor vai declarar-se inocente?

-

Que vai declarar o senhor?

-

Sr. Hailey, vai alegar insanidade?

O prisioneiro sorriu e continuou a andar vagarosamente para o carro da policial. Os

policiais, com sorrisos fixos, ignoravam os repórteres. Os fotógrafos agitavam-se, procurando

o melhor ângulo do mais famoso justiceiro do país.

De repente, com toda a nação assistindo, rodeado de policiais, o prisioneiro desatou

a correr. Deu um salto, girou o corpo, atravessou correndo o estacioname nto, saltou uma

vala, atravessou a estrada e desapareceu entre as árvores, do outro lado. Os repórteres

gritaram, espalhando-se e alguns até o seguiram, durante um momento. Curiosamente, os

policiais correram para dentro do prédio da cadeia e fecharam a po rta, deixando os abutres

correndo em círculos, completamente atarantados. No meio das árvores, o prisioneiro retirou

as algemas e foi para casa. Curtis Todd começou a sua liberdade condicional

uma semana

antes do previsto...

Ozzie, Moss Junior e Carl Lee saíram rapidamente pela porta dos fundos e seguiram

por uma rua secundária até ao tribunal, onde outros policiais os esperavam.

-

Quantos negros estão lá fora? - gritou Bullard para o Sr. Pate.

-

Uma tonelada.

-

Maravilha! Uma tonelada de negros. Aposto que está lá também uma

tonelada de rufiões brancos.

-

Há bastante.

-

O tribunal está cheio?

-

Completamente.

-

Meu Deus, e é só uma preliminar! - berrou Bullard. Esvaziou a meia

garrafa de vodka e o Sr. Pate pegou outra.

-

Acalme-se, Senhor Doutor juiz.

-

Maldito Brigance. É tudo culpa dele. Podia desistir desta audiência. Eu

pedi que desistisse. Pedi duas vezes. Ele sabe que vou mandar o caso para o júri de

instrução. Ele sabe muito bem isso. Todos os advogados sabem. Mas agora vou pôr

os negros todos furiosos, porque não mando soltar o acusado, e todos os brancos

furiosos, porque não o mando executar no tribunal. O Brigance vai me pagar. Ele está

representando para as câmeras. Eu tenho de ser reeleito, mas ele não, certo?

-

Certo, Senhor Doutor juiz.

-

Quantos policiais estão no tribunal?

-

Muitos deles. O xerife convocou a tropa de reserva. O senhor está

seguro.

-

E a imprensa?

-

Estão todos sentados nas primeiras filas.

-

Nada de câmeras!

-

Nada de câmeras.

-

Hailey já chegou?

-

Sim, senhor. Está na sala do tribunal com o Dr. Brigance. Estão todos

prontos, à sua espera.

O meritíssimo encheu um copo de plástico com vodka pura.

-

Está bem, então vamos.

Como nos velhos tempos, antes dos anos 60, a sala do tribunal estava estritamente

segregada, com negros e brancos separados pela passagem central. Os policiais estavam

de pé na passagem e perto das paredes, em volta de toda a sala. Vigiavam com atenção

especial um grupo de brancos levemente embriagados que ocupavam duas filas de cadeiras.

Dois deles foram reconhecidos como irmãos ou primos do falecido Billy Ray Cobb. Os

policiais estavam atentos. Na primeira fila, na frente dos brancos e na frente dos negros,

estavam os jornalistas. Alguns tomavam notas, outros desenhavam o acusado, o seu

advogado e agora, finalmente, o juiz.

-

Eles vão fazer desse negro um herói - disse um dos brancos, em voz

alta, para os repórteres. Quando Bullard assumiu o seu posto, os policiais fecharam

as portas do tribunal.

-

Chame a sua primeira testemunha - ordenou o juiz para Rocky

Childers.

-

O estado chama para depor o xerife Ozzie Walls.

O xerife prestou juramento e ocupou o banco das testemunhas. Descontraído,

começou uma longa narrativa, descrevendo a cena do crime, os corpos, os ferimentos, a

arma e as impressões digitais do acusado. Childers apresentou um depoimento assinado

pelo guarda Looney e atestado pelo xerife e por Moss Junior. O documento identificava Carl

Lee como o autor dos disparos. Ozzie autenticou a assinatura de Looney e leu o depoimento

para constar dos autos.

-

Xerife, tem conhecimento de outra testemunha ocular? perguntou

Childers, sem grande entusiasmo.

-

Sim, Murphy, o zelador.

-

Qual é o primeiro nome dele?

-

Ninguém sabe. É só Murphy.

-

Está bem. O senhor falou com ele?

-

Não, mas o meu investigador falou.

-

Quem é o seu investigador?

-

O guarda Rady.

Rady prestou juramento e sentou-se no banco das testemunhas. O Sr. Pate foi buscar

outro copo com água gelada para o juiz. Jake já tinha páginas e páginas de anotações. Não

ia chamar nenhuma testemunha e resolveu não interrogar o xerife. Uma vez ou outra as

testemunhas da acusações atrapalhavam-se com mentiras na preliminar e Jake depois

interrogava-as para que as discrepâncias constassem dos autos. Mais tarde, no julgamento,

quando começavam a mentir outra vez, Jake apresentava o testemunho da preliminar para

confundir os mentirosos. Mas não naquele dia.

-

O senhor teve ocasião de falar com Murphy? - perguntou Childers.

-

Qual Murphy?

-

Eu não sei, apenas Murphy, o zelador.

-

Ah, ele. Sim, senhor.

-

Muito bem. O que foi que ele disse?

-

Sobre quê?

Childers baixou a cabeça. Rady era novo e não tinha testemunhado muitas vezes.

Ozzie achou que seria um bom treino para ele.

-

Sobre os tiros! Diga-nos o que contou ele sobre os tiros.

Jake levantou-se.

-

Meritíssimo. Eu tenho uma objeção. Sei que o testemunho indireto é

admissível na preliminar, mas o tal Murphy pode testemunhar. Ele trabalha aqui no

tribunal. Porque não chamá-lo?

-

Porque ele gagueja - respondeu Bullard.

-

O quê?

-

Ele gagueja. E não estou disposto a ouvi-lo gaguejar pelos próximos

trinta minutos. Objeção negada. Continue, Sr. Childers.

Jake sentou-se, sem poder acreditar. Bullard deu uma risadinha para o Sr. Pate que

saiu para ir buscar mais água gelada.

-

Muito bem. Sr. Rady, que disse Murphy acerca dos tiros?

-

Bem, foi difícil entender porque ele estava nervoso e quando está

nervoso gagueja de verdade. Quero dizer, ele gagueja sempre, mas...

-

Diga apenas o que ele disse! - gritou Bullard.

-

Está bem. Ele disse que viu um homem negro disparar sobre os dois homens brancos e sobre o policial.

-

Muito obrigado - disse Childers. - Agora, onde estava ele, quando isso aconteceu?

-

Quem?

-

Murphy!

-

Sentado na escada, de frente para a escada onde eles f oram atingidos.

-

E viu tudo?

-

Ele disse que tinha visto tudo.

-

Ele identificou o homem que disparou?

-

Sim, mostramo-lhe fotografias de dez homens negros e ele identificou

o acusado que está sentado ali.

-

Muito bem. Obrigado. Meritíssimo, sem mais perguntas.

-

Alguma pergunta, Dr. Brigance? - perguntou o juiz.

-

Não, Meritíssimo - respondeu Jake, levantando-se.

-

Alguma testemunha?

-

Não, senhor.

-

Alguma petição, moção, qualquer coisa?

-

Não, senhor.

Jake não ia fazer a tolice de pedir fiança. Em primeiro lugar, não iria adiantar. Bullard

não ia estabelecer fiança para um crime de morte. Depois, isso iria embaraçar o juiz.

-

Muito obrigado, Dr. Brigance. Este tribunal considera que existem

provas suficientes para enviar este acusado ao júri de instrução de Ford County. O

Sr. Hailey ficará sob custódia do xerife, sem fiança. A sessão está suspensa.

Carl Lee foi algemado rapidamente e escoltado para fora da sala. A área em volta da

porta dos fundos estava isolada e guardada. As câmeras, no lado de fora, conseguiram captar

uma rápida imagem do acusado entre a porta e o carro de policial que o esperava. Carl Lee

estava de novo na cela antes de toda a gente ter saído do recinto do tribunal.

Os policiais orientaram a saída dos brancos, de um lado, em primeiro lugar, depois,

dos negros.

Os repórteres pediram para falar com Jake e ele disse que estaria na antecâmara

dentro de alguns minutos. Fê-los esperar, indo primeiro ao gabinete do juiz cumprimentar

Bullard. Depois, foi ao terceiro andar consultar um livro. Quando o tribunal ficou vazio e os

repórteres já tinham esperado bastante, Jake entrou na ante -sala, de frente para as câmeras.

Um microfone com letras vermelhas foi-lhe quase encostado à cara.

-

Porque não pediu fiança, senhor doutor? - quis saber um repórter.

-

Isso fica para depois.

-

O Sr. Hailey vai alegar insanidade em sua defesa?

-

Como eu já disse, é muito cedo para responder a essa pergunta. Agora,

precisamos esperar pelo júri de instrução. O acusado pode ser ou não indiciado. Se for,

começaremos a planejar a defesa.

-

O promotor, o Dr. Buckley, declarou que espera uma condenação fácil. Algum

comentário?

-

Infelizmente, o Dr. Buckley fala sempre quando não deve. É idiotice da parte

dele fazer qualquer comentário antes do caso ser estudado pelo júri de instrução .

-

Ele disse também que se vai opor vigorosamente a qualquer pedido de

transferência do foro do julgamento.

-

Esse pedido ainda não foi feito. Na verdade, para ele não importa onde seja

feito. O Dr. Buckley julgaria este caso até no deserto, desde que a imp rensa estivesse

presente.

-

Podemos supor que existe alguma hostilidade entre o senhor doutor e o

promotor?

-

Mais ou menos. Ele é um bom promotor e um adversário válido. Só que fala

quando não deve.

Jake respondeu a mais algumas perguntas variadas e deu po r encerrada a entrevista.

Na quarta-feira, tarde na noite, os médicos amputaram a perna de Looney logo abaixo do

joelho. Telefonaram para Ozzie e o xerife contou a Carl Lee.

DEZ

Rufus Buckley examinou os jornais da manhã e leu com grande interesse as

descrições da audiência preliminar em Ford County. Com prazer, viu o seu nome mencionado

pelos repórteres e pelo Dr. Brigance. As críticas eram altamente compensadas pelo fato de

ver o nome impresso. Buckley não gostava de Brigance, mas ficou satisfeito por ele ter

mencionado o nome dele, frente às câmeras. Desde há dois dias que toda a atenção estava

voltada para Brigance e para o acusado e já era tempo de começarem a mencionar o

promotor. Brigance não devia criticar ninguém por procurar publicidade. Lu cien Wilbanks era

mestre em manipular a imprensa, antes e durante os julgamentos, Jake aprendera muito bem

com ele. Mas Buckley não guardava ressentimentos. Estava satisfeito. Gostava da idéia de

um julgamento longo e disputado, com a sua primeira oportunidade de aparecer realmente.

Mal podia esperar pela segundafeira, o primeiro dia das sessões de Maio do tribunal em Ford

County.

Buckley tinha quarenta e um anos, e nove anos antes, quando fora eleito pela primeira

vez, era o mais jovem promotor do Mississipi. Agora, concluía o primeiro ano do seu terceiro

mandato e começava a pensar nas suas ambições. Estava na hora de se candidatar a outro

cargo público, como, por exemplo, procurador do Estado, ou talvez governador. Depois, o

Congresso. Tinha tudo planejado mas não era muito conhecido fora da Vigésima Segunda

Circunscrição Judiciária (condados de Ford, Tyles, Polk, Van Buren e Milburn.) Precisava ser

visto e ouvido. Precisava de publicidade. O que Rufus precisava, acima de tudo, era de um

julgamento criminal com veredicto de culpa, de grandes proporções, controverso, disputado

e com muita publicidade.

Ford County ficava diretamente a norte de Smithfield, a sede distrital de Polk County,

onde Rufus morava. Ele era de Tyler County, perto da fronteira com o T ennessee, a norte de

Ford County. Tinha uma boa base política. Era um bom promotor. Nas suas campanhas,

afirmava ter uma média de noventa por cento de condenações e gabava -se de ter mandado

mais criminosos para o corredor da morte do que qualquer outro pro motor do estado. Era

espalhafatoso, mordaz, com ares de virtuoso. O seu cliente era a população do Mississipi,

por Deus, e ele levava a sério essa obrigação. A população odiava o crime e ele odiava o

crime, e juntos haveriam de erradicá-lo.

Buckley sabia dirigir-se a um júri, oh, e de que maneira! Podia pregar, rezar,

influenciar, implorar, pedir. Podia inflamar o júri, a ponto de os jurados não verem a hora de

voltar para a sala do júri, fazer uma oração em conjunto e votar pela condenação do acusado.

Ele sabia falar com os negros e sabia falar com os brancos e isso era suficiente para

satisfazer a maioria dos jurados da Vigésima Segunda. E os júris sempre se mostraram bons

para com ele em Ford County. Buckley gostava de Clanton.

Quando chegou ao escritório, no prédio do tribunal de Polk County, Rufus viu, com

satisfação, uma equipe de repórteres e uma câmera à sua espera. Explicou -lhes que estava

muito ocupado, consultou o relógio e disse que podia lhes dispensar um minuto para algumas

perguntas. Levou os repórteres para a sua sala e sentou-se esplendidamente na cadeira

giratória de couro, atrás da sua mesa de trabalho. O repórter era de Jackson.

-

Dr. Buckley, o senhor tem alguma simpatia pelo Sr. Hailey? Buckley

sorriu enigmaticamente, com ar de quem está pensando no assunto.

-

Sim, tenho. Tenho simpatia por qualquer pai ou mãe cuja filha tenha

sido violentada, é claro que tenho. Mas o que não posso admitir e o que o nosso

sistema não pode tolerar é que se faça justiça pelas próprias mãos.

-

O senhor tem filhos?

-

Tenho. Um filho pequeno e duas filhas, uma da idade da pequena

Hailey, e ficaria extremamente furioso se uma delas fosse violada. Mas esperaria que

o nosso sistema judiciário agisse adequadamente contra o violador. Tenho muita

confiança no nosso sistema.

-

Nesse caso, o senhor espera uma condenação.

-

Certamente. Em geral, eu consigo uma condenação quando luto por

ela e pretendo consegui-la neste caso.

-

O senhor vai pedir a pena de morte?

-

Sim, parece um caso evidente de assassinato premeditado. Acho que

a penalidade deve ser a câmara de gás.

-

O senhor prevê um veredicto de pena de morte?

-

É claro. Os jurados de Ford County sempre se mostraram dispostos a recomendar a pena de morte quando eu a peço e quando ela se aplica. Tenho tido ótimos júris em Clanton.

-

O Dr. Brigance, advogado do acusado, declarou que o júri de instrução pode não indiciar o seu cliente.

Buckley riu com ironia.

-

Bem, o Dr. Brigance não devia ser tão ingênuo. O caso será apresentado ao júri na segunda-feira e teremos os indiciamentos na tarde do mesmo dia. Prometo. Na verdade, o Dr. Brigance sabe isso.

-

O senhor acha que o caso vai ser julgado em Ford County?

-

Para mim tanto faz, eu vou conseguir a condenação.

-

O senhor espera uma defesa baseada na alegação de insanida de?

-

Eu espero qualquer coisa. O Dr. Brigance é um advogado de defesa

muito capaz.

Não sei que argumentos ele vai usar, mas o estado do Mississipi estará preparado.

-

Que acha de um acordo entre o senhor e a defesa?

-

Não acredito muito nesse tipo de acordo. O Dr. Brigance também não.

Não estou à espera disso.

-

Ele disse que nunca tinha perdido um julgamento de homicídio contra

o senhor.

O sorriso desapareceu imediatamente. Buckley inclinou-se para frente, sobre a mesa,

e olhou com ar severo para o repórter.

- É verdade, mas aposto que ele não mencionou um grande número de assaltos à

mão armada e de casos de cheques falsos, não é? Tive a minha parte de vitórias.

Noventa por cento, para ser exato.

A câmara foi desligada e os repórteres agradeceram a atenção do promotor. -

Está bem, disse Buckley. Estou à disposição.

Ethel subiu a escada com o seu andar gingado e parou em frente da mesa de Jake.

-

Dr. Brigance, o meu marido e eu recebemos um telefonema obsceno

ontem à noite e acabo de receber outro, aqui no escritório. Não gosto dessas coisas.

Jake estendeu o braço, convidando-a a sentar-se.

-

Sente-se, Ethel. O que foi que lhe disseram?

-

Não foram realmente obscenos, mas ameaçadores. Eles me

ameaçaram porque trabalho para o senhor. Disseram que vou me arrepender por

trabalhar para um amigo de pretos. No telefonema para o escritório ameaçaram o

senhor e a sua família. Eu estou com medo.

-

Mude o número do seu telefone, Ethel. Eu pago.

-

Não quero mudar o meu número. Tenho esse número há muitos anos.

-

Muito bem, então não mude. Eu mudei o meu e foi muito simples.

-

Pois eu não vou mudá-lo.

-

Como queira. Que mais quer?

-

Bem, acho que o senhor não devia ter aceitado este caso.

-

Pois fique sabendo que não estou interessado no que acha! Não é

paga para pensar nos meus casos. Quando eu quiser a sua opinião, peço -a. Até lá,

fique caladinha.

Ethel bufou, zangada, e saiu da sala. Jake telefonou outra vez para Ozzie. Uma hora

depois, Ethel disse, pelo interfone.

-

Lucien telefonou esta manhã. Pediu cópias de alguns casos recentes

e quer que o senhor os leve esta tarde. Disse que o senhor não vai visitá -lo, há cinco

semanas.

-

Quatro. Tire cópia dos casos que eu os levo.

Lucien passava pelo escritório, ou telefonava uma vez por mês. Lia casos e estava

sempre informado sobre os mais recentes assuntos legais. Não tinha muito que fazer, exceto

beber Jack Daniel's e investir na Bolsa, duas coisas que ele fazia temerariamente. Era um

bêbado inveterado e passava a maior parte do tempo na varanda da frente da sua casa

enorme, na colina, a oito quarteirões da praça, de onde se avistava quase toda Clanton,

bebendo uísque puro e lendo casos.

Tinha envelhecido bastante desde a expulsão. Tinha uma empregada de tempo

integral que era também enfermeira e que servia as bebidas na varanda, desde o meiodia

até à meia-noite. Lucien raramente comia ou dormia. Passava as horas na cadeira de balanço

Jake geralmente visitava-o uma vez por mês, como obrigação. Lucien era um homem velho,

doente, amargurado, que vivia amaldiçoando juizes, advogados e especialmente a Ordem

dos Advogados. Jake era o seu único amigo, a única audiência que ele conseguia prender

por algum tempo para os seus sermões. A par da pregação, dava conselhos não solicitado s

sobre os casos de Jake, um hábito extremamente irritante. Jake não compreendia como

Lucien podia saber tanto sobre os casos dele. Raramente era visto em Clanton, a não ser

uma vez ou outra quando comprava bebidas no bairro negro.

Jake estacionou o Saab atrás do Porsche amassado e sujo e entregou as cópias

dos

casos a Lucien. Não se cumprimentaram, não disseram uma palavra. Jake estendeu apenas

as pastas e Lucien pegou-as. Sentaram-se nas cadeiras de balanço de vime na ampla

varanda, olhando para Clanton. O último andar do edifício do tribunal erguia-se acima dos

outros edifícios, das casas e das árvores da praça.

Finalmente, Lucien ofereceu-lhe uísque, vinho, cerveja. Jake não aceitou. Carla era

contra qualquer bebida alcoólica e Lucien sabia isso.

-

Os meus parabéns.

-

Porquê? - perguntou Jake.

-

Pelo caso Hailey.

-

Porque me dá os parabéns?

-

Eu nunca tive um caso tão grande, e tive alguns bem grandes.

-

Grande em que sentido?

-

Publicidade. Tornar-se conhecido. Para os advogados, esse é o nome

do jogo,

Jake. Se você é desconhecido, morre de fome. Quando alguém tem problemas, chama um

advogado e chama sempre um de que já ouviu falar. Um advogado das ruas precisa vender

a própria imagem para o público. É claro que é diferente se trabalhar para uma grande f irma

ou companhia de seguros, sentado no traseiro e ganhando cem dólares por hora, dez horas

por dia, explorando os pequenos e...

-

Lucien - interrompeu Jake, calmamente -, já falamos sobre isso uma

porção de vezes. Vamos falar sobre o caso Hailey.

-

Pronto, pronto. Aposto que o Noose vai recusar o pedido de

transferência de foro.

-

E quem lhe disse a si que eu vou pedi-lo?

-

É muito burro se não pedir.

-

Porquê?

-

Simples estatística! Este condado é vinte e seis por cento negro.

Todos os outros da Vigésima Segunda têm pelo menos trinta por cento de negros.

Van Buren County tem quarenta por cento. Isso significa um potencial maior de

jurados negros. Se conseguir a transferência as suas chances de negros no júri vão

aumentar. Se ele for julgado aqui, corre o risco de ter um júri cem por cento branco e,

acredite, já vi muitos júris brancos neste condado. Tudo o que você precisa é de um

negro para criar o impasse e conseguir a anulação do julgamento.

-

Mas, depois, vai haver novo julgamento.

-

E você cria a mesma situação. Eles desistem depois do terceiro. Um

júri indeciso é o mesmo que um ponto perdido no placar de Buckley. Ele vai desistir

depois do terceiro julgamento.

-

Então, digo simplesmente ao Noose que quero o julgamento num

distrito com maior número de negros para ter um júri negro.

-

Pode dizer, se quiser, mas eu não faria isso. Eu usaria as bobeiras de sempre, como publicidade antes do julgamento, uma comunidade tendenciosa e assim por diante...

-

E acha que Noose vai acreditar.

-

Não. Este caso é muito grande e vai tornar-se ainda maior. A imprensa já começou o julgamento. Todo mundo ouviu falar do caso e não só em Ford County.

Não vai encontrar ninguém neste estado sem uma idéia preconcebida sobre o veredicto de culpado ou inocente.

-

Então, por que devo eu pedir a transferência?

-

Porque quando o pobre homem for condenado, terá bases para argumentar no recurso. Pode dizer que não teve um julgamento justo porque foi negada a transferência de foro.

-

Obrigado pelo encorajamento. Quais são as chances de conseguir a transferência, digamos, para algum lugar do delta?

-

Nem pense nisso. Pode pedir a transferência, mas não pode

determinar para onde.

Jake não sabia isso. Geralmente aprendia alguma coisa naquelas visitas. Abanou a

cabeça, confiante, e olhou para o velho com a barba comprida, branca e suja. Nunca vira

Lucien hesitar sobre algum ponto da legislação criminal.

-

Sallie! - gritou Lucien, atirando com os cubos de gelo para o meio dos

arbustos.

-

Quem é Sallie?

-

A minha empregada - disse Lucien, quando uma negra alta e bonita

abriu a porta de tela e sorriu para Jake.

-

Sim, Lucien? - disse ela.

-

O meu copo está vazio.

Com passos elegantes, ela atravessou a varanda e pegou o copo. Tinha menos de

trinta anos, corpo bem-feito, cara bonita e era muito escura. Jake pediu chá

gelado.

-

Onde a arranjou? - perguntou Jake.

Lucien olhou para o edifício do tribunal.

-

Onde a arranjou?

-

Não sei.

-

Que idade ela tem? Lucien não respondeu. - Vive aqui? Silêncio.

-

Quanto é que lhe paga?

-

Não é da sua conta, não acha? Mais do que você paga a Ethel. Ela é

enfermeira também, sabia?

É claro, pensou Jake, com um largo sorriso.

-

Aposto que ela faz uma porção de coisas.

-

Não se preocupe com isso.

-

Pelo que vejo, não está muito entusiasmado com as minhas

possibilidades de vencer este caso.

Lucien pensou um momento. A criada/enfermeira voltou com o uísque e o chá. -

Na verdade, não. Vai ser difícil.

-

Porquê?

-

Ao que parece, foi crime premeditado. Muito bem premeditado, p elo

que ouvi. Certo?

-

Sim.

-

Decerto que vai alegar insanidade.

-

Não sei.

-

Deve alegar insanidade - disse Lucien, em tom severo e professoral.

- Não existe outra defesa possível. Não pode dizer que foi acidente. Não pode alegar

que ele disparou sobre os dois homens, algemados e desarmados, com uma

metralhadora, em legítima defesa, não é?

-

Não.

-

Não vai inventar um álibi e dizer que ele estava em casa, com a

família.

-

É claro que não.

-

Então, que outra defesa é que tem? Vai ter de dizer que ele estava

louco.

-

Mas, Lucien, ele não estava louco, e nunca conseguirei encontrar um

psiquiatra de terceira categoria para afirmar que estava. Ele planejou tudo

meticulosamente, até o último detalhe.

Lucien sorriu e bebeu um gole de uísque.

-

Por isso está metido num grande enrosco, menino.

Jake pôs o copo com chá na mesa e balançou lentamente a cadeira. Lucien saboreou

o momento.

-

Por isso está num grande problema, Jake - repetiu.

-

E o júri? Você sabe que os jurados vão olhar para ele com simpatia.

-

Exatamente, é por isso que deve alegar insanidade. Deve dar uma

saída ao júri. Deve mostrar-lhes um modo de o declarem inocente, se for o que eles

quiserem. Se simpatizam com o acusado, se querem dar o veredicto de inocente,

você tem de fazer uma defesa que eles possam usar para esse fim. Não faz diferença

se acreditam ou não na história da loucura. Na sala dos jurados, isso não tem

importância. O importante é que o júri tenha uma base legal para o veredi cto de

inocente, supondo que é isso que eles querem.

-

Acha que é o que eles vão querer?

-

Alguns sim, mas o Buckley vai alegar crime premeditado. Ele é bom.

Vai neutralizar toda a simpatia do júri pelo acusado. Hailey será apenas mais um negro

julgado por matar um homem branco, quando o Buckley acabar com ele.

Lucien atirou fora os cubos de gelo e olhou para o copo.

-

E o policial? Agredir com intenção de matar um guarda civil implica prisão perpétua, sem condicional. Veja se consegue livrar -se dessa.

-

Não houve intenção.

-

Ótimo. Isso vai ser muito convincente quando o infeliz for coxeando para o banco das testemunhas e mostrar ao júri o coto de perna.

-

Coto?

-

Isso mesmo. Coto. Amputaram-lhe a perna, ontem à noite.

-

Looney!

-

Sim, o policial atingido por Hailey.

-

Eu pensei que ele estivesse bem.

-

Oh, ele está bem. Só que com uma perna a menos.

-

Como é que soube?

-

Tenho as minhas fontes.

Jake foi até à beira da varanda e encostou-se a uma coluna, sentindo-se fraco. Toda

a confiança o abandonou, levada mais uma vez por Lucien. Ele era mestre em cavar buracos

em todos os casos de Jake. Para Lucien não passava de um esporte e geralmente tinha

razão.

-

Ouça, Jake, não quero desanimá-lo. Pode ganhar este caso. Não vai

ser fácil, mas pode ganhar. Pode libertar Hailey e tem de acreditar nisso. Mas não

fique muito convencido. Já falou demais com a imprensa. Recue agora e comece a

trabalhar. Lucien foi até à beira da varanda e cuspiu para os arbustos.

-

Não esqueça nunca de que o Sr. Hailey é culpado, culpado mesmo. A

maioria dos réus é culpada, mas ele especialmente. Hailey fez justiça com as próprias

mãos e matou duas pessoas. Planejou tudo cuidadosamente. O nosso sistema legal

não admite esse tipo de justiça. Agora, você pode ganhar o caso e então a justiça terá

prevalecido. Mas se perder, a justiça prevalece também. Um caso estranho,

suponho.

Só queria que ele fosse meu.

-

Está falando sério?

-

Claro! É o sonho de qualquer advogado. Ganhe o caso e ficará

famoso. O melhor advogado do estado. Pode fazer de você um homem r ico.

-

Vou precisar da sua ajuda.

-

Já a tem. Ando mesmo precisando de alguma coisa para fazer.

Depois do jantar, quando Hanna já estava dormindo, Jake contou a Carla os

telefonemas para o escritório. Já tinham recebido um telefonema estranho quando Jake

estivera em outro julgamento de homicídio, mas sem ameaças, apenas alguém gemendo e

arquejando ao telefone. Mas estes eram diferentes. Citavam Jake e a família e prometiam

vingança se Carl Lee fosse ilibado.

-

Estás preocupado? - perguntou Carla.

-

Francamente, não. Provavelmente é coisa de garotos, ou de alguns

amigos de Cobb. E você, está com medo?

-

Preferia que não telefonassem.

-

Todos estão recebendo telefonemas. O Ozzie já teve centenas,

Bullard, Childers, todos. Não estou preocupado.

-

E se a coisa se tornar ainda mais séria?

-

Carla, eu nunca arriscaria a segurança da minha família. Não vale a

pena. Retirome do caso se tiver certeza de que as ameaças são autênticas. Prometo.

Carla não ficou convencida.

Lester contou nove notas de cem dólares e depositou -as majestosamente em cima

da mesa de Jake.

-

Aí só estão novecentos - disse Jake. - O nosso acordo foram mil

dólares.

-

A Gwen precisou comprar mantimentos.

-

Tem certeza de que Lester não precisou comprar uísque?

-

Ora, Jake, deixe disso, sabe que eu não ia roubar o meu irmão.

-

Pronto, pronto. Quando é que a Gwen vai ao banco pedir o

empréstimo?

-

Eu vou agora falar com o banqueiro. Atcavage?

-

Sim. Stan Atcavage, aqui ao lado, no Security Bank. Muito meu amigo.

Foi ele quem fez o empréstimo para pagar o seu julgamento. Tem a escritura?

-

No meu bolso. Quanto é que acha que ele vai emprestar?

-

Não faço idéia. Por que não vai tentar saber?

Lester saiu e, dez minutos depois, Atcavage telefonou.

-

Jake, não posso emprestar o dinheiro a essa gente. E se ele for

condenado, sem querer ofender, eu sei que é um bom advogado... o meu divórcio,

lembra-se?... mas como é que ele vai pagar se estiver no corredor da morte?

-

Muito obrigado, Stan; se ele não pagar, você fica com as terras dele,
certo?

-

Certo, com uma barraca no meio. Alguns hectares de árvores e erva
daninha mais uma casa velha. Exatamente o que a minha nova mulher deseja.
Francamente, Jake.

-

É uma boa casa e quase paga.

-

É uma barraca, uma barraca limpa. Mas não vale nada, Jake.

-

Tem de valer alguma coisa.

-

Jake, eu não quero. O banco não quer.

-

Você emprestou da outra vez.

-

E ele não estava preso, quem estava era o irmão, lembra-se? Ele
estava trabalhando na fábrica de papel. Um bom emprego. Agora, está a

caminho da

Parchman.

-

Muito obrigado, Stan, pelo voto de confiança.

-

Deixe disso, Jake, eu confio na sua habilidade, mas não posso investir

nela. Se alguém pode libertar esse homem, esse alguém é você. E eu espero que

consiga. Mas não posso conceder este empréstimo. Os auditores iam ficar loucos.

Lester tentou o Peoples Bank e o Ford National com o mesmo resultado. Eles

esperavam que o irmão dele fosse ilibado, mas e se não fosse?

Que maravilha, pensou Jake. Novecentos dólares por um caso de homicídio.

ONZE

Claude nunca tinha achado necessário mandar imprimir menus para o seu

restaurante. Anos atrás, quando inaugurara o café, não podia pagar e agora que podia, não

precisava, porque a maioria dos fregueses sabia o que ia ser servido. Para o café da manhã

ele fazia tudo, menos arroz e torradas, e os preços variavam. Às sextas -feiras, o almoço era

churrasco de lombo e costeletas de porco e todos sabiam. Claude tinha poucos fregueses

brancos durante a semana, mas às sextas-feiras o seu pequeno café ficava quase

inteiramente cheio de brancos. Há já algum tempo que sabia que os brancos gostavam tanto

de churrasco como os negros, só que não o sabiam fazer.

Jake e Atcavage sentaram-se numa mesa pequena, perto da cozinha. O próprio

Claude serviu dois pratos com costeletas e salada de repolho. Inclinou -se para Jake e disse:

-

Boa sorte para você. Espero que o liberte.

-

Obrigado, Claude. Espero que você seja um dos jurados.

Claude riu e disse, em voz mais alta:

-

Posso apresentar-me como voluntário?

Jake atacou as costeletas e censurou Atcavage por não fazer o empréstimo. O

banqueiro manteve-se firme mas ofereceu um empréstimo de cinco mil se Jake fosse fiador.

Isso seria antiético, disse Jake.

No passeio, os que esperavam na fila olhavam para dentro através do vidro das

janelas com as letras pintadas. Claude estava em toda a parte, anotando pedidos, dando

ordens, cozinhando, contando dinheiro, gritando, praguejando, cumprimentando fregueses e

pedindo-lhes que fossem embora. À sexta-feira, os fregueses tinham direito a vinte minutos

a partir do momento em que eram servidos. Depois disso, Claude exigia que pagassem e

fossem embora para que ele pudesse vender mais churrasco.

-

Deixe de falar e coma! - gritava ele.

-

Ainda tenho dez minutos, Claude.

-

Sete.

Às quartas-feiras, servia peixe frito e concedia trinta minutos, por causa das espinhas.

Os brancos evitavam o Claude's nesse dia e ele sabia porquê. Era a gordura, uma

receita

secreta herdada da sua avó, dizia ele. Era pesada e pegajosa e fazia misérias nos intestinos

dos brancos. Não afetava os negros, que às quartas-feiras enchiam o restaurante.

Dois estranhos, sentados perto da caixa registradora, olhavam cheios de medo para

Claude. Provavelmente repórteres, pensou Jake. Sempre que Claude se aproximava e

olhava carrancudo para eles, os dois obedientemente espetavam uma costeleta e

começavam a mastigar. Nunca tinham comido costeletas e não havia dúvida de que eram do

Norte. Tinham pedido saladas mistas, mas Claude, praguejando, mandou -os comer

churrasco ou desocupar a mesa. Depois disso, disse a todas as pessoas que aqueles idiotas

queriam salada mista.

-

Aqui está o seu almoço, Tratem de comê-lo depressa - disse-lhes,

quando os serviu.

-

Não tem faca de carne? - perguntou um deles, atrevidamente.

Claude revirou os olhos e afastou-se resmungando. Um deles viu Jake e depois de o

olhar fixamente, durante alguns minutos, foi até a mesa dele e baixou -se, apoiado num joelho,

ao seu lado.

-

O senhor não é o Dr. Brigance, advogado do Sr. Hailey?

-

Sim, sou. Quem é o senhor?

-

O meu nome é Roger McKittrick, do New York Times.

-

Muito prazer - disse Jake, com um sorriso e uma atitude mais simpática.

-

Estou fazendo a cobertura do caso Hailey e gostaria de falar com o senhor, quando puder. O mais breve possível, para ser franco.

-

Certo. Não estou ocupado esta tarde. Hoje é sexta-feira.

-

Podemos então conversar mais tarde.

-

Que tal às quatro horas?

-

Ótimo - disse McKittrick, vendo Claude sair da cozinha.

-

Nos encontramos às quatro, então.

-

Ora bem, meu amigo - berrou Claude para McKittrick. O seu tempo

acabou. Pague a sua conta e vá embora.

Jake e Atcavage terminaram em quinze minutos e ficaram à espera dos ataques

verbais de Claude. Lamberam as pontas dos dedos, passaram os guardanapos pel a cara e

fizeram notar como as costeletas eram tenras.

-

Vai ficar famoso com este caso, não vai, Jake? - perguntou Atcavage.

-

Espero que sim. Evidentemente não vai me tornar rico.

-

Falando sério, Jake, não vai ajudar a sua carreira?

-

Se eu ganhar, terei mais clientes do que os que conseguirei atender.

É claro que vai ajudar. Vou poder escolher os casos, escolher os clientes.

-

Financeiramente, quais serão as vantagens?

-

Não faço idéia. Não posso prever. É claro que a escolha dos casos

será maior e isso pode significar mais dinheiro. Vou deixar de me preocupar com as

despesas obrigatórias.

-

Não acredito que você se preocupe com as despesas.

-

Ouça, Stan, nem todos os advogados são podres de ricos. O diploma

de Direito não vale o que valia antes, somos muitos, hoje em dia. Catorze só nesta

pequena cidade. A concorrência é feroz, mesmo em Clanton: poucos casos bons e

muitos bons advogados. Nas grandes cidades é pior e cada ano é maior o número

dos que se formam em Direito e grande parte não consegue emprego. Num ano, cerca

de dez recémformados batem à minha porta à procura de trabalho. Uma firma grande

de Memphis dispensou alguns advogados alguns meses atrás. Dá para acreditar?

Como se fosse uma fábrica, despediu-os simplesmente. Imagino que tenham ido

todos para as filas das agências de emprego, ao lado dos mecânicos. Advogados,

não secretárias ou caminhoneiros, mas advogados.

-

Desculpe a pergunta.

-

É claro que me preocupo com as despesas do escritório. São quatro

mil por mês e eu trabalho sozinho. Significa cinqüenta mil por ano sem que eu possa

retirar um centavo. Alguns meses são bons, outros não. Sempre imprevisíveis. Eu não

seria capaz de fazer uma estimativa sobre o que vai ser o meu rendimento bruto no

próximo mês. Por isso este caso é tão importante. Nunca mais vou ter outro igual.

Este é o maior. Posso trabalhar o resto da vida sem nunca mais ter de ser procurado

por um repórter do New York Times num restaurante, para uma entrevista. Se eu

ganhar, serei o melhor advogado desta região. Posso então esquecer a s despesas.

-

E se perder?

Jake pensou um instante, olhando em volta à procura de Claude.

-

A publicidade será enorme, qualquer que seja o resultado. Quer perca

quer ganhe, este caso vai ajudar-me.

-

Mas uma derrota será dolorosa. Todos os advogados do país

secretamente estão desejando que eu perca. Querem que ele seja condenado. Eles

têm inveja, têm medo de que eu cresça demais e lhes roube os clientes. Os

advogados são extremamente invejosos.

-

Você também?

-

Claro. Veja a firma Sullivan. Tenho um profundo desprezo por todos

os advogados da firma, mas de certo modo invejo-os. Eu gostaria de ter alguns dos

clientes deles, um pouco da segurança deles. Eles sabem que todos os meses vão

receber um belo cheque, é praticamente certo, e no Natal recebem uma maravilhosa

bonificação. Eles representam dinheiro garantido, dinheiro antigo. Seria agradável,

para variar. Eu represento bêbados, desordeiros, maridos que batem nas mulheres,

mulheres que batem nos maridos, vítimas de agressões, a maior parte com pouco

dinheiro. E nunca sei, de um mês para o outro, quantos desses clientes vão aparecer

no meu escritório.

-

Ouça, Jake - interrompeu Atcavage. - Eu gostaria de continuar esta

conversa, mas Claude acaba de olhar para o relógio e para nós. Acho que nossos

vinte minutos terminaram. A conta de Jake tinha setenta e um centavos a mais do que

a de Atcavage e uma vez que tinham comido a mesma coisa, ele reclamou.

-

Pronto, disse Claude. Jake obteve mais uma costeleta.

McKittrick era bem apessoado e preciso, minucioso e agressivo. Estava em Clanton

desde quarta-feira, para investigar e escrever sobre o que era considerado o crime mais

famoso do país, naquele momento. Falou com Ozzie e Moss Junior e eles sugeriram que

procurasse Jake. Falou com Bullard, do outro lado da po rta fechada, e o juiz sugeriu que ele

falasse com Jake. Entrevistou Lester e Gwen, mas não permitiram que visse a menina.

Conversou com os fregueses habituais do Coffee Shop e do Tea Shoppe e com os

freqüentadores do Huey's e do Ann's. Falou com a ex-mulher de Willard e com a mãe dele,

mas a Sra. Cobb estava farta de repórteres. Um dos irmãos de Cobb concordou em ser

entrevistado mediante uma certa quantia. McKittrick não aceitou. Foi à fábrica de papel e

conversou com os companheiros de trabalho de Carl Lee e foi a Smithfield para entrevistar o

promotor. Ia ficar na cidade mais alguns dias, depois voltaria para o julgamento.

McKittrick era do Texas e, quando convinha, usava a fala arrastada do sul, o que

impressionava as pessoas e as fazia falar com maior liberdade. Ocasionalmente

até usava

expressões bastante típicas, o que o diferenciava da maioria dos repórteres que faziam

questão da pronúncia moderna, seca e precisa.

-

O que é isso? - perguntou McKittrick, apontando para o centro da

mesa de Jake.

-

Isso é um gravador - respondeu Jake. McKittrick pôs o seu gravador

sobre a mesa e disse:

-

Posso perguntar porquê?

-

Pode. Este é o meu escritório, e esta a minha entrevista. Logo, posso

gravar, se quiser.

-

Espera problemas?

-

Estou tentando evitar problemas. Não gosto de ser citado

erroneamente.

-

Não tenho fama de fazer isso.

-

Ótimo. Então, não se importará que nós dois gravemos a entrevista.

-

Não confia em mim, Dr. Brigance?

-

Claro que não. E meu nome é Jake.

-

Porque não confia em mim?

-

Porque é um repórter, é de Nova Iorque, está à procura de uma história sensacionalista e, se for igual aos outros, vai escrever um lixo cheio de imprecisões e moralista, vai descrever-nos como um bando de caipiras brancos, racistas e ignorantes.

-

Está enganado. Para começar, sou do Texas.

-

O seu jornal é de Nova Iorque.

-

Mas eu me considero sulista.

-

Há quanto tempo deixou o Sul?

-

Uns vinte anos.

Jake sorriu e abanou a cabeça, como que dizendo que era muito tempo.

-

E não trabalho para um jornal sensacionalista.

-

Veremos. O julgamento será dentro de alguns meses. Até lá teremos tempo de ler as suas reportagens.

-

Acho justo.

Jake ligou o seu gravador e McKittrick ligou o dele.

-

Carl Lee Hailey pode ter um julgamento justo em Ford County?

-

Porque não?

-

Bem, ele é negro. Matou dois homens brancos e vai ser julgado por um júri de brancos.

-

Quer dizer que vai ser julgado por um bando de racistas brancos.

-

Não, não foi o que eu disse, nem o que insinuei. Porque supõe automaticamente que eu considero que todas as pessoas daqui são racistas?

-

Porque é a verdade. Somos estereotipados e você sabe disso.

McKittrick encolheu os ombros e escreveu no bloco de notas.

-

Quer responder à pergunta?

-

Sim. Ele pode ter um julgamento justo em Ford County, se for julgado aqui.

-

Quer que ele seja julgado aqui?

-

Estou certo de que tentaremos transferir o local.

-

Para onde?

-

Não vamos sugerir o local. É atribuição do juiz.

-

Onde é que ele conseguiu a M-16?

Jake riu e olhou para o gravador.

-

Não sei.

-

Ele seria indiciado se fosse branco?

-

Ele é negro e não foi indiciado ainda.

-

Mas se fosse branco, seria indiciado?

-

Na minha opinião, seria.

-

Seria condenado?

-

Aceita um charuto? - Jake tirou um Roi-Tan da gaveta da mesa.

Desembrulhou o charuto e acendeu-o com um isqueiro a gás.

-

Não, obrigado.

-

Não, se fosse branco não seria condenado. Na minha opinião. Não no

Mississipi, não no Texas, não no Wyoming. Não tenho certeza quanto a Nova

Iorque.

-

Porquê?

-

Tem uma filha?

-

Não.

-

Então, não ia compreender.

-

Acho que compreendo. O Sr. Hailey vai ser condenado?

-

Provavelmente.

-

Então, o sistema não funciona com a mesma justiça para os negros.

-

Conversou com Raymond Hughes?

-

Não. Quem é ele?

-

Na última eleição, foi candidato a xerife e teve a infelicidade de ter por

adversário Ozzie Walls. Hughes é branco. Ozzie evidentemente não é. Se não estou

enganado, ele conseguiu trinta e um por cento dos votos. Num distrito com setenta e

quatro por cento de brancos. Por que não pergunta ao Sr. Hughes se o sistema trata

os negros com justiça?

-

Eu me referia ao sistema judiciário.

-

É o mesmo sistema. Por quem é que acha que o júri é formado? Os

mesmos eleitores registrados que elegeram Ozzie Walls.

-

Bem, se um homem branco não seria condenado e o Sr. Hailey

provavelmente será, explique-me como é que o sistema trata os dois com justiça.

-

Não trata.

-

Acho que não entendi.

-

O sistema reflete a sociedade. Nem sempre é justo, mas é tão justo

como o sistema de Nova Iorque, Massachusetts ou Califórnia. É tão justo quanto o

faz a emotividade e o preconceito dos seres humanos.

-

Então acha que o Sr. Hailey será tratado com justiça aqui, exatamente

como seria em Nova Iorque?

-

Estou querendo dizer que há tanto racismo em Nova Iorque como no

Mississipi.

Veja as escolas públicas, tão sem segregação como quaisquer outras.

-

Por ordem judicial.

-

Certo. Mas e os tribunais de Nova Iorque? Durante anos vocês,

imbuídos de uma hipocrisia piedosa, apontaram o dedo e o nariz para nós, exigindo

o fim da segregação. Aconteceu aqui e não foi o fim do mundo. Mas vocês, muito

convenientemente, ignoraram as suas escolas e os seus bairros residenciais, as suas

irregularidades em relação ao voto, os seus júris e conselhos municipais formados só

por brancos. Nós estávamos errados e pagamos caro o nosso erro. Mas aprendemos

e embora a mudança tenha sido lenta, pelo menos estamos tentando. Vocês

continuam a apontar o dedo acusador.

-

Eu não pretendia repetir a batalha de Gettysburg.

-

Desculpe. Qual a defesa que vamos usar? No momento ainda não sei.

Francamente, é muito cedo. Ele nem foi indiciado.

-

Mas, evidentemente, será.

-

É claro que ainda não sabemos. É mais do que provável. Quando é

que esta entrevista vai ser publicada?

-

Talvez no domingo.

-

Não faz diferença. Ninguém aqui lê o seu jornal. Sim, ele vai ser

indiciado.

McKittrick consultou o relógio e Jake desligou o gravador.

-

Ouça, eu não sou o "mau da fita" - disse McKittrick. - Vamos beber

uma cerveja um dia destes e acabar com isto.

-

Confidencialmente, eu não bebo. Mas aceito o convite.

A Primeira Igreja Presbiteriana de Clanton ficava do outro lado da rua, de frente para

a Primeira Igreja Metodista Unida de Clanton e as duas podiam ser vistas da Primeira Igreja

Batista. Os batistas tinham maior número de adeptos e mais dinheiro, mas os presbiterianos

e metodistas reuniam-se mais cedo aos domingos e chegavam antes dos batistas aos

restaurantes. Os batistas chegavam ao meio-dia e meia e ficavam na fila de espera, enquanto

os presbiterianos e metodistas comiam calmamente e lhes diziam adeus.

Jake estava satisfeito por não ser batista. Eram um pedaço rígidos e rigorosos

demais, e estavam sempre pregando sobre o ofício noturno aos domingos, com o qual Jake

não concordava. A família de Carla era batista, a de Jake metodista e durante o namoro

chegaram a um acordo e tornaram-se presbiterianos. Estavam satisfeitos com a sua igreja e

com as suas atividades às quais raramente faltavam.

Nesse domingo, sentados no lugar de sempre, com Hanna dormindo entre ambos,

ignoravam completamente o sermão. Jake fazia isso ao mesmo temp o em que olhava para

o pregador e ia imaginando o seu confronto com Buckley, no tribunal, perante doze cidadãos

bons e cumpridores da lei, enquanto a nação assistia e esperava, e Carla ignorava o sermão,

olhando para o pregador e redecorando mentalmente a sala de jantar. Jake percebeu alguns

olhares curiosos durante a cerimônia e imaginou que alguns dos fiéis estavam deslumbrados

e cheios de respeito por ter uma celebridade na sua igreja. Havia algumas caras

desconhecidas e podiam ser pecadores arrependidos ou repórteres. Jake só teve certeza

quando um deles insistiu em olhar fixamente para ele - nesse momento, não teve dúvidas de

que eram todos repórteres.

-

Gostei muito do seu sermão, reverendo - mentiu Jake, apertando a mão do

pastor nos degraus em frente da igreja.

-

É um prazer vê-lo, Jake - respondeu o reverendo. – Nós o vimos a semana

toda na televisão. Os meus filhos ficam entusiasmados cada vez que aparece.

-

Obrigado. Reze por nós.

Jake, Carla e Hanna foram almoçar com os pais dele em Karaway. Gene e Eva

Brigance moravam na antiga residência da família, uma espaçosa casa de fazenda com dois

hectares arborizados, no centro da cidade de Karaway, a três quarteirões da rua

principal e

a dois da escola onde Jake e a irmã tinham estudado durante doze anos. Eram ambos

aposentados, mas eram ainda bastante jovens e, durante o Verão, viajavam por todo o

continente numa caravana. Na segunda-feira iam partir para o Canadá e só voltariam depois

do Dia do Trabalhador. Jake era o único rapaz. A filha, mais velha, mora va em Nova Orleans.

O almoço na mesa de Eva era um típico banquete sulista com carnes fritas, legumes

frescos da horta, cozidos, em purê, assados e crus, rosquinhas e biscoitos feitos em casa,

molhos, melancia, melão, tortas de pêssego, de limão e de mora ngo. Pouca coisa era

consumida no almoço e o que sobrava Carla e Eva acondicionavam cuidadosamente e ia

tudo para Clanton, onde durava uma semana.

-

Como estão os seus pais, Carla? - perguntou o Dr. Brigance,

passando as rosquinhas.

-

Estão bem. Falei com minha mãe ontem.

-

Estão em Knoxville?

-

Não, senhor. Já foram para Wilmington para passar o Verão.

-

Vocês tencionam ir visitá-los? - perguntou Eva, servindo o chá no bule

de cerâmica de três litros.

Carla olhou para Jake, que estava servindo Hanna de feijão -manteiga. Jake não

queria falar sobre Carl Lee Hailey. Todas as noites, desde segunda -feira, era só o que

discutiam ao jantar, e Jake não estava disposto a responder às mesmas perguntas.

-

Sim, senhora. Pretendemos. Depende de Jake. Ele vai ter muito que

fazer este Verão.

-

Foi o que calculamos - disse Eva secamente, falando devagar, como

que lembrando ao filho que ele não telefonava desde o dia do crime.

-

Há algum problema com o seu telefone, filho? - perguntou o Dr.

Brigance.

-

Sim. Mandamos mudar o número.

Os quatro adultos comiam devagar, preocupados, e Hanna olhava para a torta de

morangos.

-

Sim, eu sei. Foi o que a telefonista nos disse. Para um número que não consta da lista.

-

Desculpe. Tenho tido muito que fazer. O tempo todo.

-

Foi o que lemos nos jornais - disse o pai.

Eva parou de comer e disse.

-

Jake, acha que consegue libertá-lo?

-

Estou preocupado com a sua família - disse o pai. - Pode ser um caso muito perigoso.

-

Ele os matou a sangue-frio - observou Eva.

-

Mãe, eles violaram a filha dele. O que é que vocês fariam se alguém violentasse a Hanna?

-

O que é violentar? - perguntou Hanna.

-

Não importa, minha querida - disse Carla. - Será que podemos mudar

de assunto? - Olhou para os três Brigances e eles recomeçaram a comer. A nora tinha

falado, como sempre com sabedoria. Jake sorriu para a mãe, sem olhar para o Dr.

Brigance.

-

Eu, pura e simplesmente, não quero falar sobre o caso, mãe. Estou

farto desse assunto.

-

Acho que temos de ler os jornais - disse o Dr. Brigance. Puseram-se

a falar sobre o Canadá.

Mais ou menos à hora em que os Brigances acabavam de almoçar, o santuário da

Capela Mount Zion estremecia e ondulava com o frenesi dos fiéis conduzidos pelo reverendo

Ollie Agee. Diáconos dançavam. Presbíteros cantavam. Mulheres desmaiavam. Homens

adultos gritavam e erguiam os braços para o céu, e as crianças olhavam para cima,

apavoradas. Os membros do coro cambaleavam e investiam para frente, cantando depois

com voz esganiçada estrofes diferentes do mesmo hino. O pianista tocava uma música, o

organista tocava outra e o coro cantava a combinação das duas coisas. O

reverendo pulava

em volta do púlpito com a longa veste branca debruada de vermelho, gritando, rezando,

berrando para Deus e suando.

O tumulto crescia e diminuía, aumentando a cada desmaio e decrescendo com o

cansaço. Anos de experiência tinham ensinado a Agee qual o momento exato em que a fúria

atingia o auge, em que o delírio dava lugar ao cansaço e quando o seu rebanho precis ava

de uma pausa. Nesse preciso momento, ele foi dançando até ao púlpito e bateu com a mão

na madeira com toda a força de Deus Todo-poderoso. Imediatamente a música parou, as

convulsões cessaram, as desmaiadas acordaram, as crianças pararam de chorar e a

multidão voltou obedientemente para os bancos. Estava na hora do sermão. Quando o

reverendo ia começar, as portas abriram-se e os Hailey entraram. A pequena Tonya vinha à

frente, coxeando, segurando na mão da mãe. Os irmãos marchavam atrás, seguidos pelo ti o

Lester. Caminharam lentamente pela passagem central e sentaram-se numa das primeiras

filas. A um sinal do reverendo, o organista começou a tocar suavemente e o coro começou a

ondular, murmurando baixinho. Os diáconos levantaramse balançando com o

coro. Para não

ficar atrás, os presbíteros também se puseram de pé e começaram a cantar. Então, sem que

ninguém esperasse, a irmã Crystal desmaiou violenta e contagiosamente. As outras irmãs

começaram a cair como moscas. Os presbíteros cantavam mais alto do que o coro, e o coro

tentou superá-los. Não conseguiam ouvir o organista, por isso este aumentou o volume. O

pianista fez o mesmo, martelando vigorosamente um hino diferente. O organista aceitou o

desafio. O reverendo Agee desceu fluidamente do pódio e dançou n a direção dos Hailey.

Todos foram atrás dele - o coro, os diáconos, os presbíteros, as mulheres, as crianças,

chorando -, todos seguiram o reverendo para cumprimentar a pequena Hailey.

A cadeia não perturbava Carl Lee. Era mais agradável estar em casa, mas, dadas as

circunstâncias, era tolerável. A cadeia era nova, fora construída com recursos do governo

federal por ordem de um processo sobre os direitos dos prisioneiros. A comida era preparada

por duas negras enormes que sabiam cozinhar e falsificar che ques. Estavam qualificadas

para serem soltas, mas Ozzie não se dera ao trabalho de informálas disso. A comida para os

quarenta detidos era servida pelos prisioneiros com regalias. Treze prisioneiros pertenciam

à Parchman que, naquele momento, estava superlotada. Assim, ali estavam à espera, sem

saberem quando seria o dia temido da viagem para a grande penitenciária, uma fazenda, no

delta, onde a comida não era tão boa, as camas não eram tão macias, não havia ar

condicionado, os mosquitos eram enormes, abundantes e ferozes e onde os vasos eram

escassos e entupidos.

A cela de Carl Lee ficava ao lado da cela dois, onde os prisioneiros do estado

esperavam a transferência. Salvo duas exceções, eram todos negros. Sem exceção, eram

todos violentos. Mas todos tinham medo de Carl Lee. Ele estava na cela um com dois

vigaristas que, mais do que medo, tinham verdadeiro pavor do famoso companheiro de cela.

Todas as noites Carl Lee era escoltado até ao gabinete do xerife, onde ambos jantavam e

viam o noticiário da televisão. Carl Lee era uma celebridade e gostava disso quase tanto

como o seu advogado e o promotor. Carl Lee queria explicar tudo aos repórteres, falar -lhes

sobre a filha e dizer-lhes por que não devia estar preso, mas o seu advogado não o permitia.

Naquele domingo, depois da visita de Gwen e Lester, no fim da tarde, Ozzie, Moss

Junior e Carl Lee saíram furtivamente pela porta dos fundos da cadeia e foram ao hospital. A

idéia fora de Carl Lee, e Ozzie não viu qualquer inconveniente. Quando entraram no quarto

particular, Looney estava sozinho. Carl Lee olhou para a perna do policial. Trocaram um

aperto de mão. Com lágrimas nos olhos e a voz trêmula, Carl Lee disse que lamentava muito,

que não tinha tido intenção de acertar em ninguém além dos dois homens, que g ostaria de

poder desfazer o que tinha feito a Looney. Looney aceitou as desculpas sem hesitar.

Quando entraram sorrateiramente no edifício da cadeia, Jake estava no escritório do

xerife. Ozzie e Moss Junior deixaram o acusado sozinho com o advogado.

-

Onde é que foi? - perguntou Jake.

-

Fui ao hospital ver Looney.

-

Foi onde? - Há problema? - Eu gostaria que me consultasse antes de

fazer outras visitas.

-

Qual é problema por ter ido visitar Looney?

-

Looney vai ser a testemunha principal da acusação quando ele s

tentarem mandá-lo para a câmara de gás. É só isso. Ele não está do nosso lado, Carl

Lee, e qualquer conversa que você tenha com Looney deve ser na presença do seu

advogado.

Compreendeu?

-

Para ser franco, não.

-

Eu não acredito que Ozzie tenha feito uma coisa destas. - resmungou

Jake.

-

A idéia foi minha - admitiu Carl Lee.

-

Está bem. Se tiver outras idéias, por favor informe-me. Está bem?

-

Está bem.

-

Tem falado com Lester ultimamente?

-

Tenho. Ele e a Gwen estiveram aqui hoje. Trouxeram alguns petiscos.

Falaram sobre os empréstimos negados.

Jake estava disposto a não ceder na questão dos honorários. De modo nenhum iria

aceitar a defesa de Carl Lee por novecentos dólares. O caso iria tomar -lhe o tempo todo,

durante os três meses seguintes, pelo menos, e novecentos dólares seriam menos do que o

salário mínimo. Não seria justo para ele nem para a sua família trabalhar de graça. Carl Lee

teria de arranjar o dinheiro. Tinha muitos parentes. A família de Gwen era grande. Teriam de

fazer sacrifícios, talvez vender alguns automóveis, algumas terras, mas Jake teria o seu

dinheiro. De contrário, Carl Lee teria de procurar outro advogado.

-

Eu lhe dou a escritura da minha casa e do terreno - ofereceu Carl Lee.

Jake ficou comovido.

-

Eu não quero a sua casa, Carl Lee. Quero dinheiro. Seis mil e

quinhentos dólares.

-

Então, me diga onde é que eu vou buscá-los... Você é o advogado,

pense numa maneira. Estou com você.

Jake tinha de admitir que fora vencido.

-

Carl Lee, não posso fazer isto por novecentos dólares. Não posso

permitir que este caso me leve à falência. Sou advogado. É disso que eu vivo.

-

Jake, eu vou pagar. Prometo. Pode levar muito tempo, mas eu vou

pagar. Confie em mim.

Não se estiver no corredor da morte, pensou Jake. Mudou de assunto.

-

Sabe que o júri de instrução se vai reunir amanhã para estudar o seu

caso?

-

Então eu vou ao tribunal?

-

Não, isso quer dizer que será formalmente acusado amanhã. O

tribunal vai estar à cunha com espectadores e repórteres. O juiz Noose estará

presente para a abertura dos trabalhos forenses no tribunal. Buckley vai andar

correndo de um lado para o outro, à procura das câmeras para promover -se. Vai ser

um grande dia. O juiz Noose começa o julgamento de um assalto à mão armada, na

parte da tarde. Se você for indiciado amanhã, estaremos no tribunal na quarta ou na

quinta para a leitura do libelo na presença do acusado.

-

Para a leitura do quê?

-

Do libelo. Num caso de homicídio, a lei exige que o juiz leia a acusação

em tribunal aberto, na presença do acusado, de Deus e de todas as pessoas. Vão

fazer um grande espetáculo disso. Nós daremos entrada na declaração de inocente

e o juiz Noose determina a data do julgamento. Pediremos uma fiança razoável e ele

vai negá-la. Quando eu mencionar a fiança, Buckley vai se pôr aos berros e aos pulos.

Quanto mais penso nele, mais o odeio. É só para irritá-lo.

-

Porque não vou ter fiança?

-

O juiz não precisa determinar fiança em casos de homicídio. Ele pode,

se quiser, mas a maioria não quer. Mesmo que o juiz Noose determine uma fi ança,

você não vai poder pagar, portanto, não se preocupe com isso. Vai ficar preso até ao

julgamento. - Perdi o emprego, já sabia?

-

Quando?

-

A Gwen foi à fábrica na sexta-feira receber o meu pagamento. E nessa altura, disseram-lhe. É simpático, não acha? Trabalhei para eles onze anos, faltei cinco dias e eles me despedem. Acho que pensam que não vou voltar.

-

Lamento muito, Carl Lee. Tenho mesmo muita pena.

DOZE

Sua Excelência, o juiz Omar Noose, nem sempre fora tão excelente. Antes de se

tornar o juiz itinerante da Vigésima Segunda Circunscrição Judiciária, era um advogado de

escasso talento e poucos clientes, mas um político extremamente habilidoso. Cinco

mandatos no Legislativo do Mississipi tinham-no corrompido e ensinado a arte da

manipulação e da fraude política. O senador Noose prosperou magnificamente como

presidente do Comitê de Finanças do Estado e poucas pessoas em Van Buren questionavam

o fato de ele e a família levarem uma vida de tanto luxo com o seu ordenado legislativo de

sete mil dólares por ano.

Como a maioria dos membros do Legislativo do Mississipi, cometeu o erro de se

candidatar uma vez a mais e, no Verão de 1971, sofreu a humilhação de ser vencido por um

oponente desconhecido. Um ano mais tarde, o juiz Loopus, seu predecessor n a magistratura,

morreu e Noose convenceu os amigos a apoiarem a sua indicação para o final do mandato

ainda não terminado. Foi assim que o ex-senador Noose se tornou o juiz itinerante Noose.

Foi eleito em 1975 e reeleito em 1979 e em 1983.

Arrependido, regenerado e muito humilde dada a sua rápida descida na escalada do

poder, o juiz Noose dedicou-se ao estudo das leis e depois de um começo difícil ficou à altura

do novo cargo. Ganhava sessenta mil dólares por ano e assim podia ser honesto. Com

sessenta e três anos, era um juiz velho e sábio, respeitado pela maioria dos advogados e

pelo Supremo Tribunal do estado, que raramente anulava uma decisão sua. Era discreto mas

encantador, paciente mas rigoroso e tinha um nariz monumental, muito comprido e

pontiagudo, que servia de trono para os óculos de leitura, de lentes hexagonais cor -de-laranja

e aros negros, que trazia sempre com ele, mas eram raramente usados. O nariz, aliado ao

corpo alto e desajeitado, mais o cabelo branco, rebelde e abundante, e a voz esgani çada

deram origem ao apelido secreto, murmurado entre os advogados, de Ichabod. Ichabod

Noose. O Meritíssimo Ichabod Noose.

O juiz Noose ocupou o seu lugar e o tribunal completamente cheio levantou -se

quando Ozzie murmurou incoerentemente um parágrafo de lei, leitura obrigatória para a

abertura oficial do período de Maio do Tribunal Itinerante de Ford County. Uma oração, longa

e rebuscada, foi recitada pelo pastor local e todos se sentaram. Os possíveis jurados

enfileiravam-se de um dos lados do recinto. Criminosos e outros litigantes, as famílias e

amigos, a imprensa e os curiosos, enchiam o outro lado. Noose exigia a presença de todos

os advogados do distrito na abertura do período forense e eles ocupavam a bancada dos

jurados, todos de beca e com ares de importância. Buckley e o seu assistente, D. R.

Musgrove, sentados frente à mesa da promotoria, representavam esplendidamente o estado.

Jake estava numa cadeira, em frente da balaustrada. Os funcionários e escriturários estavam

atrás dos grandes livros vermelhos dos autos, e todos observaram com atenção quando

Ichabod se sentou, ajeitou a toga, pôs os horríveis óculos e olhou por cima deles para os

presentes.

-

Bom dia - disse ele, com a sua voz estridente. Ajeitou o microfone e pigarreou.

- É sempre um prazer estar em Ford County para o meu período forense do mês de Maio.

Vejo que a maior parte dos advogados arranjou tempo para comparecer à abertura do tribunal

e, como sempre, pedirei à senhora escrituraria que anote os nomes dos ausentes,

para que

eu possa entrar pessoalmente em contato com eles. Vejo um grande número de jurados em

potencial e agradeço a cada um a sua presença. Sei que não tiveram escolha, mas a sua

presença é vital para o nosso processo judiciário. Selecionaremos um júri provisório e depois

escolheremos vários júris para servirem nesta semana e na próxima. Espero que todos os

advogados tenham uma cópia da agenda para este período e já devem ter notado que está

bastante carregada. O meu calendário marca pelo menos dois julgamentos por dia, na s duas

semanas, mas fui informado de que a maioria dos casos de foro criminal, marcados para

julgamento, serão resolvidos por meio de negociação das declarações dos acusados. Mesmo

assim, temos vários casos para serem julgados e eu peço a cooperação dilige nte dos

advogados. Uma vez escolhido e instalado o júri de instrução, e à medida que forem

aparecendo os indiciamentos, eu marcarei a ordem das leituras das acusações formais e o

protocolo de comparecimentos. Vamos chamar os casos protocolados rapidamente, primeiro

os criminais, depois os civis. Nessa altura, os advogados poderão retirar -se, enquanto

escolhemos os jurados.

"O estado contra Warren Moke. Assalto à mão armada, julgamento marcado para esta

tarde."

Buckley levantou-se com ar decidido.

-

O estado do Mississipi está pronto para o julgamento, Meritíssimo - anunciou

gloriosamente aos espectadores.

-

A defesa também está pronta - disse Tyndale, o advogado indicado pelo

tribunal.

-

Quanto tempo calculam que vai durar este julgamento? - perguntou o juiz.

-

Um dia e meio - respondeu Buckley. Tyndale concordou, inclinando a cabeça.

-

Muito bem. Selecionaremos o júri para o julgamento esta manhã e

começaremos o julgamento à uma hora da tarde de hoje. O estado contra William Daal,

falsificação, seis acusações, marcado para amanhã.

-

Meritíssimo - respondeu D. R. Musgrove - haverá negociação da declaração

do acusado neste caso.

-

Muito bem. O estado contra Roger Hornton, cheques sem cobertura, duas

acusações, marcado para amanhã.

Noose continuou a enumerar os casos da agenda. Cada um deles recebia a mesma

resposta. Buckley levantava-se e declarava que o estado estava pronto para o julgamento,

ou Musgrave informava rapidamente o tribunal que a declaração fora negociada. Os

advogados da defesa levantavam-se e concordavam com uma inclinação da cabeça. Jake

não tinha nenhum caso no período forense de Maio e embora fizesse o possível por parecer

aborrecido, gostava daquela chamada porque ficava sabendo a natureza dos casos e o que

os seus concorrentes andavam fazendo. Era também uma oportunidade para aparecer

perante a população da cidade. Metade dos membros da firma Sullivan estavam presentes e

também pareciam enfadados, arrogantes, todos juntos na primeira fila da bancada do júri. Os

sócios mais antigos da firma não se dignavam a comparecer à chamada do calendário e

depois mentiam ao juiz Noose, dizendo que tinham estado num julgamento do Tribunal

Federal, em Oxford, ou talvez do Supremo Tribunal, em Jackson. A dignidade impedia -os de

se misturarem com os outros advogados comuns, por isso os jovens representantes da firma

compareciam para satisfazer Noose e pedir a continuação, adiamento, deferimento ou

arquivamento dos casos civis, ou conseguir que fossem legislados de modo a que a firma

pudesse continuar a arrastá-los indefinidamente e continuar cobrando do cliente cada hora

de trabalho. Os clientes eram companhias de seguros, que geralmente preferiam não ir a

julgamento e pagavam por hora as manobras legais, cujo único objetivo era manter os casos

longe dos jurados. Saía mais barato e mais justo pagar um acordo razoável e evitar o litígio

e as firmas parasitas de defesa como a Sullivan & O'Hare, mas as companhias de seguros e

os seus assistentes administrativos eram idiotas e avarentos demais, de modo que os

advogados de rua, como Jake Brigance, ganhavam a vida processando essas companhias e

obrigando-as a pagar mais do que pagariam se tivessem agido corretamente, desde o início.

Jake detestava companhias de seguros, detestava os advogados de defesa dessas

companhias e detestava especialmente os jovens membros da firma Sullivan, todos da sua

idade e todos dispostos a cortar alegremente a garganta, a garganta dos seus companheiros

contratados, dos sócios, a garganta de qualquer um, para chegar a sócio da firma, ganh ar

duzentos mil dólares por ano e não comparecer à chamada do calendário do tribunal distrital.

Jake detestava especialmente Lotterhouse, ou L. Winston Lotterhouse, como anunciava o

seu papel timbrado, um caixa-de-óculos insignificante, com diploma de Harvard e um caso

agudo de megalomania, o primeiro da fila para ser sócio da firma, e que, por isso, usara de

pouca discriminação no seu corte de gargantas, no ano anterior. Estava sentado com o seu

ar arrogante entre dois outros contratados da Sullivan, com sete pastas na sua frente, cada

uma delas pagando cem dólares por hora para que ele respondesse à chamada do tribunal.

Noose começou a chamada dos casos civis.

-

Collins contra a Companhia Real de Títulos e Seguros Mútuos Gerais.

Lotterhouse levantou-se vagarosamente. Segundos significavam minutos. Minutos

significavam horas. Horas significavam honorários, bonificações, sociedades.

-

Meritíssimo, esse caso está marcado para a quarta-feira da próxima semana.

-

Eu sei - disse Noose.

-

Sim, senhor. Bem, senhor doutor juiz, infelizmente vejo-me obrigado a pedir

uma prorrogação. Há uma incompatibilidade no meu calendário jurídico de quarta -feira pois

tenho uma conferência para saneamento do processo no Tribunal Federal, em Memphis, que

o juiz se recusa a adiar. Lamento muito. Esta manhã dei entrada num recurso pedindo a

prorrogação do caso.

Gardner, o advogado do queixoso, ficou furioso.

-

Meritíssimo, este caso já foi marcado várias vezes. O julgamento foi marcado

para Fevereiro e o Sr. Lotterhouse teve um caso de morte na família da sua esposa. Foi

marcado para julgamento em Novembro último e um tio dele morreu. Foi marcado para

Agosto e houve outro enterro. Acho que devemos ficar agradecidos por ninguém ter morrido

desta vez.

Ouviram-se risos discretos e Lotterhouse corou.

-

Tudo tem um limite, Meritíssimo - continuou Gardner. - O Sr. Lotterhouse

gostaria de adiar este julgamento para sempre. O caso está pronto para ser julgado e o meu

cliente tem direito a um julgamento. Nós nos opomos rigorosamente à moção de adia mento.

Lotterhouse sorriu para o juiz e tirou os óculos.

-

Meritíssimo, se me permite responder...

-

Não, não permito, Sr. Lotterhouse - interrompeu Noose. - Chega de

adiamentos. O julgamento do caso está marcado para quarta -feira da próxima semana. Não

vai haver mais nenhuma prorrogação.

Aleluia, pensou Jake. Geralmente Noose era benevolente com a firma Sullivan. Jake

sorriu para Lotterhouse.

Dois dos casos civis de Jake foram prorrogados para Agosto. Quando Noose terminou

a chamada dos casos civis, dispensou os advogados e voltou a atenção para o grupo de

possíveis jurados.

Explicou o papel do júri de instrução, a sua importância e procedimento. Descreveu a

diferença entre o júri de instrução e os júris ordinários, igualmente importantes, mas que não

exigiam tanto tempo. Começou fazendo perguntas, dezenas delas, a maioria

exigidas por lei,

todas relacionadas com a capacidade de cada um para servir como jurado, integridade física

e moral, isenção e idade. Algumas perguntas não tinham utilidade, mas eram exigidas por

algum estatuto legal muito antigo: "São jogadores ou alcoólicos compulsivos?"

Ouviram-se risos, mas ninguém se apresentou como voluntário. Os que tinham mais

de sessenta e cinco anos estavam automaticamente dispensados, ao critério de cada um.

Noose concedeu a isenção habitual por doença, emergências e outras dificuldades reais,

mas poucos foram dispensados por razões de ordem econômica. Era interessante ver os que

se levantavam, um de cada vez, e humildemente explicavam que alguns dias servindo como

jurados significaria um prejuízo irreparável para a fazenda, ou para a oficina, ou para o cort e

da madeira na fábrica. Noose agiu com severidade e fez várias preleções sobre

responsabilidade cívica.

Do exame de mais ou menos noventa pessoas convocadas, dezoito seriam

escolhidas para o júri de instrução e o resto permaneceria à disposição para a fo rmação dos

júris ordinários. Quando Noose completou o interrogatório, a escrituraria retirou dezoito

nomes de uma caixa e colocou-os sobre a mesa, diante do juiz, que começou a

chamada.

Os jurados, um a um, levantavam-se e caminhavam até à frente do recinto, passavam pelo

portão da balaustrada e tomavam os seus lugares nas cadeiras estofadas e giratórias do

banco dos jurados. Havia catorze lugares na bancada, doze para os jurados, dois para os

suplentes. Quando a bancada estava completa, Noose chamou mais q uatro, que se sentaram

em cadeiras, frente à bancada.

-

Levantem-se e prestem juramento - disse Noose e a funcionária do tribunal

ficou de pé diante deles e começou a ler o livro que continha todos os juramentos.

-

Levantem a mão direita - disse ela. - Juram solenemente ou afirmam que

desempenharão fielmente os seus deveres de jurados, que ouvirão e decidirão com justiça

todos os assuntos e questões que lhes forem apresentados, em nome de Deus?

Depois do coro de "eu juro", o júri voltou a sentar -se. Dos cinco negros, duas eram

mulheres. Dos treze brancos, oito eram mulheres e a maioria era de trabalhadores do campo.

Jake reconheceu sete dos dezoito.

-

Minhas senhoras e meus senhores - Noose começou o discurso de praxe -,

foram escolhidos e prestaram juramento como jurados para Ford County e servirão nessa

qualidade até ser escolhido outro júri em Agosto. Quero acentuar que este dever não tomará

todo o seu tempo. Deverão reunir-se todos os dias, durante esta semana, depois algumas

horas todos os meses, até Setembro. A sua responsabilidade será estudar casos criminais,

ouvir o testemunho de policiais e das vítimas e determinar se existem ou não provas

razoáveis de que o acusado cometeu o crime. Se a resposta for positiva, devem determinar

o indiciamento, que consiste numa acusação formal contra o acusado. Os senhores são

dezoito ao todo e quando pelo menos doze concordarem que uma pessoa deve ser indiciada,

o indiciamento é promulgado. Os senhores têm um poder considerável. Por lei, podem

investigar qualquer ato criminoso, qualquer cidadão suspeito de ato ilícito, qualquer

funcionário público, na verdade qualquer pessoa ou qualquer coisa digna de suspeita. Podem

reunir-se quando quiserem, mas normalmente sempre que o promotor público, o Dr. Buckley,

os convocar. Têm o poder de intimar uma testemunha a depor na sua frente e podem também

intimar a apresentação de todos os atos processuais referentes a ela. As suas deliberações

são feitas em extrema privacidade, admitindo apenas a presença do promotor público e das

testemunhas. Não é permitido ao acusado apresentar -se perante os senhores. São

expressamente proibidos de discutir qualquer coisa dita ou que transpire na sala do júri.

-

Dr. Buckley, quer ter a bondade de se levantar? Obrigado. Este é o Dr.

Buckley, o promotor público. Ele é de Smithfield, Polk County. Ele vai agir como um supervisor

das suas deliberações. Muito obrigado, Dr. Buckley. Dr. Musgrove, quer ter a bondade de se

levantar? Este é D, R. Musgrove, assistente do promotor, também de Smithfield. Ele assist irá

o Dr. Buckley, quando o júri estiver em sessão. Muito obrigado, Dr. Musgrove. Muito bem,

estes cavalheiros representam o estado do Mississipi e apresentarão os casos ao júri de

instrução.

-

Agora, para concluir. O último júri de instrução de Ford County foi escolhido

em Fevereiro e o primeiro jurado foi um homem branco. sendo assim, de acordo com a

tradição e seguindo os desejos do Departamento de Justiça, vou nomear uma mulher negra

como primeiro jurado deste júri de instrução. Vejamos. Laverne Gossett. Onde está, Sra.

Gossett? Ah, está aí, Ótimo. A senhora é professora, correto? Muito bem. Estou certo de que

poderá desempenhar a contento os seus novos deveres. Chegou a hora de começarem a

trabalhar. Ao que sei, há mais de cinqüenta casos à sua espera. Peço que acompanhem o

Dr. Buckley à pequena sala que reservamos para os jurados. Muito obrigado e boa sorte.

Buckley, orgulhosamente, conduziu o seu novo júri de instrução para fora da sala.

Acenou aos repórteres e não fez nenhum comentário, por hora... Na pequena sala do tribunal

os jurados sentaram-se em volta de duas mesas compridas. Uma secretária entrou com um

carrinho cheio de pastas. Um policial muito velho, meio aleijado, meio surdo, há muito tempo

aposentado, com um uniforme desbotado, postou-se junto à porta. A sala estava segura.

Buckley pensou melhor e saiu para o corredor, para falar com os repórteres. Sim, disse ele,

o caso Hailey seria apresentado naquela mesma tarde. Na verdade ele ia convocar a

imprensa para uma entrevista coletiva, às 4 horas, na escadaria do tribunal e nessa altura já

teria os indiciamentos.

Depois do almoço o chefe do Departamento de Policial de Karaway, sentado a uma

das mesas compridas, procurou nervosamente alguma coisa entre as várias pastas.

Evitou olhar para o júri de instrução, que esperava ansiosamente o seu primeiro caso.

-

Declare o seu nome! - berrou o promotor.

-

Chefe Nolan Earnhart, Departamento de Policial da cidade de Karaway.

-

Quantos casos tem o senhor, chefe?

-

Temos cinco de Karaway.

-

Vamos ouvir o primeiro.

-

Muito bem, vejamos, sim - murmurou o chefe e gaguejou, sempre mexendo

nos papéis. - Muito bem, o primeiro caso é o de Fedison Bulow, homem negro, idade vinte e

cinco anos, apanhado em flagrante nos fundos do supermercado Griffin, de Karaway, às duas

horas da manhã, no dia 12 de abril. O alarme soou e nós o apanhamos dentro do mercado.

A caixa registradora estava arrombada e faltavam algumas sacas de fertilizante.

Encontramos o dinheiro e a mercadoria num carro registrado no nome dele, estacionado atrás

do mercado. Na cadeia, fez uma confissão de três páginas, cuja cópia tenho aqui comigo.

Buckley andava ao acaso pela sala, sorrindo para todos.

-

E o senhor quer que este júri faça duas acusações formais contra Fedison

Bulow, arrombamento e invasão de um estabelecimento comercial e furto qualificado.

-

Sim, senhor, exatamente.

-

Muito bem, os membros do júri têm direito a fazer perguntas. Esta é a sua

audiência. Alguma pergunta?

-

Sim, ele tem ficha na policial? - perguntou Mack Loyd Crowell, um

caminhoneiro desempregado.

-

Não - respondeu o chefe. - Este é o primeiro delito.

-

Boa pergunta, perguntem sempre isso, porque se eles tiverem antecedentes

criminais, talvez tenhamos de indiciá-los como reincidentes - ensinou Buckley. - Mais

perguntas? Nenhuma? Muito bem. Bem, neste ponto, alguém precisa apresentar ao júri o

pedido de pronúncia ou reconhecimento da veracidade da denúncia contra Fedison Bulow.

Silêncio. Os dezoito jurados olharam para a mesa e esperaram que alguém fizesse a

moção. Buckley esperou. Silêncio. Isto é Ótimo, pensou ele. Um júri com bom coração. Um

bando de almas tímidas, com medo de falar. Liberais. Porque não poderia ele ter um júri

sedento de sangue, ávido por recomendar o indiciamento de todas as pessoas por qualquer

coisa?

-

Sra. Gossett, não quer fazer a primeira moção, uma vez que a senhora é

primeiro jurado?

-

Proponho a moção - disse ela.

-

Muito obrigado - disse Buckley. - Agora vamos votar. Quantos votam a favor

de indiciar Fedison Bulow por arrombamento e invasão de um estabelecimento comercial e

furto qualificado? Levantem as mãos.

Dezoito mãos ergueram-se e Buckley ficou aliviado. O chefe apresentou os outros

quatro casos de Karaway. Todos tratavam de acusados tão culpados como Bulow e foram

unanimemente pronunciados. Buckley, pouco a pouco, foi ensinando o grande júri a funcionar

sozinho. Fê-los sentirem-se importantes, poderosos e sob a pesada carga da justiça.

Começaram a fazer perguntas. - Tem antecedentes?

-

Qual a pena para esse caso?

-

Quando é que sairá da prisão?

-

Quantas acusações podemos fazer?

-

Quando será julgado?

-

Ele está em liberdade neste momento?

Com cinco indiciamentos resolvidos, cinco pronunciamentos sem n enhuma oposição,

com o grande júri ansiando pelo caso seguinte, fosse qual fosse, Buckley resolveu que o

estado de espírito ideal estava garantido. Abriu a porta e fez sinal a Ozzie para

entrar. Ozzie

estava no corredor, conversando em voz baixa com um policial e observando os repórteres.

-

Apresente o Hailey primeiro - murmurou Buckley, quando se encontraram na

soleira da porta.

-

Meus senhores e minhas senhoras, este é o xerife Walls. Tenho certeza de

que quase todos o conhecem. Ele tem vários casos para ap resentar. Qual é o primeiro,

xerife? Ozzie procurou nos seus papéis, perdeu-se no meio do que estava à procura e

finalmente disse:

-

Carl Lee Hailey.

Os jurados emudeceram novamente. Buckley observou-os atentamente, para avaliar

a reação. Muitos voltaram a olhar para a mesa. Ninguém disse nada, enquanto Ozzie

examinava as suas pastas e depois pediu licença para pegar outra. Não estava preparado

para apresentar o caso Hailey em primeiro lugar. Buckley orgulhava -se da sua habilidade

para ler os pensamentos dos jurados, enquanto observava as suas expressões. Olhava

atentamente para o júri diversas vezes durante um julgamento, procurando prever o que cada

jurado estava pensando. Interrogava as testemunhas sem tirar os olhos do júri. Às vezes,

interrogava-as voltado para os jurados, observando a reação às respostas. Ao fim de

centenas de julgamentos, Buckley tornara-se muito bom nisso e percebeu imediatamente

que ia ter problema com o caso Hailey. Os cinco jurados negros ficaram tensos, com uma

expressão arrogante, como quem espera ansiosamente a inevitável discussão sobre o caso.

O primeiro jurado, a Sra. Gossett, especialmente, adotou uma atitude de concentrado

respeito, enquanto Ozzie resmungava baixinho, remexendo nos papéis. A maioria dos

brancos manteve-se neutra, mas Mack Loyd Crowell, um homem do campo, de meia idade

e com ar decidido, adotou a mesma atitude arrogante dos negros. Empurrou a cadeira,

levantou-se e foi até à janela que dava para o lado norte do pátio interno. Buckley não

conseguia lhe ver o rosto, mas sabia que Crowell ia criar problemas.

-

Xerife, quantas testemunhas tem o senhor para o caso Hailey? - perguntou

Buckley, um pouco nervoso.

Ozzie parou de mexer nos papéis e disse:

-

Bem, ah... só eu. Podemos arranjar mais uma, se for preciso.

-

Bem, bem... - disse Buckley. - Fale-nos então sobre o caso.

Ozzie recostou-se na cadeira, cruzou as pernas e disse:

-

Faça as perguntas, Rufus, todas as pessoas sabem o que aconteceu. O caso

está há uma semana na televisão.

-

Cite apenas a evidência.

-

A evidência. Está bem. Há uma semana, Carl Lee Hailey, negro, trinta e sete

anos, matou a tiros um certo Billy Ray Cobb e um certo Pete Willard e atingiu com um tiro um

policial, DeWayne Looney, que ainda está no hospital com a perna amputada. A arma foi uma

metralhadora M-16, ilegal, que está em nosso poder e que tem as impressões digitais do Sr.

Hailey. Tenho um depoimento juramentado assinado pelo policial Looney, onde ele declara

que o homem que atirou foi Carl Lee Hailey. Houve uma testemunha ocular, Murphy , o

aleijadinho que faz a limpeza do tribunal e que é muito gago. Posso chamá -lo, se quiser.

-

Alguma pergunta? - disse Buckley.

O promotor observou nervosamente os jurados que observavam nervosamente o

xerife. Crowell continuava de pé, de costas para os outros, olhando pela janela.

-

Alguma pergunta? - repetiu Buckley.

-

Sim - disse Crowell, voltando-se e olhando para o promotor e em

seguida para Ozzie. - Aqueles dois homens sobre quem ele disparou, violentaram-lhe

a filha, não foi, xerife?

-

Temos certeza que sim - respondeu Ozzie. - Bem, um deles

confessou, não confessou?

-

Sim.

Crowell, ousado e arrogante, deu alguns passos pela sala e parou além das duas

mesas. Olhou então para Ozzie.

-

O senhor tem filhos, xerife?

-

Tenho.

-

Tem uma filha pequena?

-

Tenho.

-

Suponha que ela seja violentada e que o senhor consiga pôr as mãos

no homem que fez isso. O que o senhor faria?

Ozzie olhou ansiosamente para o promotor. O pescoço de Buckley estava vermelho.

-

Não preciso responder a essa pergunta - disse Ozzie.

-

Não precisa? O senhor apresentou-se a este júri de instrução para

testemunhar, ou não? É uma testemunha, não é? Responda à pergunta.

-

Eu não sei o que faria.

-

Ora, vamos, xerife. Queremos uma resposta clara. Diga a verdade.

Que faria o senhor?

Ozzie ficou embaraçado, confuso e furioso com aquele estranho. Queria dizer a

verdade, explicar que teria grande prazer em castrar e mutilar e matar qualquer pessoa que

tocasse na sua filha. Mas não podia. O júri podia concordar e recusar -se a indiciar Carl Lee.

Não que Ozzie quisesse que ele fosse indiciado, mas sabia que a acusação formal era

necessária. Olhou timidamente para Buckley, que estava sentado e suava profusamente.

Crowell assestou as baterias no xerife com o entusiasmo e o fervor de um advogado que

acaba de apanhar a testemunha numa mentira patente.

-

Deixe disso, xerife - provocou ele. - Somos todos ouvidos. Diga a

verdade. Que faria o senhor ao violador? Diga lá, vamos...

Buckley estava quase em pânico. Estava prestes a perder o maior caso da sua

maravilhosa carreira, não num julgamento, mas na sala do júri de instrução, no primeiro

assalto da luta, derrotado por um caminhoneiro desempregado. Ficou de pé, à procura das

palavras.

-

A testemunha não precisa responder.

Crowell voltou-se e gritou para o promotor:

-

Sente-se e cale a boca! Não aceitamos ordens suas. Podemos indiciá-

lo, se quisermos, não podemos?

Buckley sentou-se e olhou para Ozzie. Crowell era um concorrente. Esperto demais

para fazer parte do júri de instrução. Devia ter sido pago por alguém. Ele sabia demais. Sim,

o júri podia indiciar qualquer um. Crowell recuou e voltou à janela. Todos o observaram e

esperaram até terem certeza de que ele não ia dizer mais nada.

-

Tem certeza absoluta de que ele atirou nos dois homens, Ozzie? -

perguntou Lemoyne Frady, um primo afastado e ilegítimo de Gwen Hailey.

-

Sim, temos certeza - respondeu Ozzie, falando devagar ao mesmo

tempo em que falava para Crowell.

-

E quer que ele seja formalmente acusado do quê? - perguntou Frady.

A admiração que ele sentia pelo xerife era mais do que evidente.

-

Duas acusações de crime de morte e uma acusação de agressão a um

policial.

-

Está falando de quanto tempo de prisão? - perguntou Barney Flaggs, outro

negro.

-

A pena para crime de morte é a câmara de gás. Para agressão a um pol icial

é prisão perpétua, sem condicional.

-

E é isso que você quer, Ozzie? - perguntou Flaggs.

-

Sim, Barney, eu acho que este júri deve indiciar o Sr. Hailey. É o que eu acho.

-

Mais alguma pergunta? - interrompeu Buckley.

-

Não tenha tanta pressa - disse Crowell, voltando-se da janela. - Acho que está

tentando enfiar-nos este caso pela garganta abaixo, Dr. Buckley, e não vou admitir isso.

Quero falar um pouco sobre o assunto. Fique sentado. Se precisarmos do senhor, nós o

chamamos.

Buckley, furioso, apontou o dedo para ele.

-

Eu não tenho de ficar sentado, nem de ficar quieto! - gritou.

-

Tem, sim - respondeu Crowell friamente, com um sorriso sarcástico. - Porque

se não ficar, podemos obrigá-lo a sair, não podemos, Dr. Buckley? Podemos pedir que saia

desta sala e, se o senhor recusar, vamos falar com o juiz e ele o fará sair, não é assim, Dr.

Buckley?

Rufus ficou imóvel, mudo e estupefato. O estômago revolvia-se e os joelhos pareciam

feitos de esponja, mas manteve-se firme onde estava.

-

Portanto, se quiser ouvir o resto da nossa deliberação, trate de se sentar e de

ficar calado.

Buckley sentou-se ao lado do meirinho, que agora estava acordado.

-

Muito obrigado - disse Crowell. - Eu quero perguntar uma coisa a todos os

jurados. Quantos dos senhores fariam ou teriam desejo de fazer o que o Sr. Hailey fez se

alguém tivesse violentado uma filha sua, ou talvez a sua mulher, ou até mesmo a sua mãe?

Quantos? Levantem as mãos.

Sete ou oito mãos ergueram-se e Buckley baixou a cabeça. Com um sorriso, Crowell

continuou:

-

Eu o admiro pelo que fez. Precisou de coragem. Eu só queria ter a coragem

de fazer o mesmo, porque, Deus sabe, era o que eu ia querer fazer . Às vezes, um homem

tem de fazer o que é preciso. Esse homem merece um prêmio, não um indiciamento.

Crowell caminhou lentamente entre as duas mesas, saboreando a atenção de todos.

-

Antes de votarem, quero que façam uma coisa. Quero que pensem naquela

pobre menina. Acho que ela tem dez anos. Procurem imaginar a menina deitada no chão,

com as mãos amarradas nas costas, chorando e chamando pelo pai. E pensem naqueles

dois bandidos, bêbados, drogados, revezando-se para a violentar, a espancar e dar pontapés

na criança. Que diabo, eles até tentaram matá-la! Pensem nas suas filhas. Imaginem as suas

filhas no lugar daquela pequenina Hailey. Ora bem, não diriam que eles tiveram exatamente

o que mereciam? Devemos estar gratos por estarem mortos. Sinto -me mais seguro por saber

que aqueles dois desgraçados não estão aqui para violentar e matar outras crianças. O Sr.

Hailey prestou-nos um grande serviço. Não vamos indiciá-lo. Vamos mandá-lo para casa,

para a sua família, que é o seu lugar. Ele é um bom homem que fez uma boa coisa.

Crowell terminou e voltou para a janela. Buckley olhou para ele, amedrontado, e

quando teve certeza de que o homem tinha terminado, pôs-se de pé.

-

O senhor acabou?

Nenhuma resposta.

-

Muito bem. Senhoras e senhores do júri de instrução. Eu g ostaria de explicar

algumas coisas. Um júri de instrução não julga os casos. Para isso temos os júris ordinários.

O Sr. Hailey terá um julgamento justo perante doze jurados justos e imparciais e, se for

inocente, será libertado. Mas a sua culpa ou a sua inocência não deve ser determinada pelo

júri de instrução. Os senhores devem decidir, depois de ouvir a versão do caso apresentada

pelo estado, se há uma forte possibilidade de ter sido cometido um crime. Muito bem, eu

espero que concordem que um crime foi cometido por Carl Lee Hailey. Três crimes na

verdade. Ele matou dois homens e feriu outro. Temos testemunhas oculares.

Buckley começou a adquirir mais confiança enquanto andava por entre as mesas.

-

O dever deste júri de instrução é pronunciá-lo, e se ele tiver uma justificação

válida, terá oportunidade de apresentá-la no julgamento. Se ele tiver um motivo legal para

fazer o que fez, pode prová-lo no julgamento. É para isso que servem os julgamentos. O

estado acusa-o de um crime e o estado deve provar, no julgamento, que ele cometeu o crime.

Se ele tiver uma justificativa e se conseguir convencer o tribunal do júri, será solto, garanto -

lhes. Ótimo para ele. Mas não cabe a este júri de instrução decidir hoje que o Sr.

Hailey deve ser solto. Haverá outro dia para isso, certo, xerife?

Ozzie fez que sim com a cabeça e disse:

-

Certo. O júri de instrução deve indiciar baseado na prova apresentada. O

tribunal do júri não o condenará se o estado não puder provar as suas alegações, ou se ele

apresentar uma boa defesa. Mas o júri de instrução não se preocupa com essas coisas.

-

Mais alguma coisa de parte do júri de instrução? - perguntou Buckley, ansioso.

- Muito bem, precisamos de uma moção.

-

Eu apresento uma moção para que ele não seja indiciado por coisa alguma -

gritou Crowell.

-

Apoiado - resmungou Bamey Flaggs.

Os joelhos de Buckley tremeram. Tentou falar e não conseguiu. Ozzie reprimiu o seu

contentamento.

-

Temos uma moção e uma manifestação de apoio - anunciou a Sra. Gossett.

- Todos os que são a favor levantem as mãos. Cinco mãos negras ergueram-se, junto com a

de Crowell. Seis votos. A moção não foi aprovada.

-

O que fazemos agora? - perguntou a Sra. Gossett. Buckley disse

rapidamente:

-

Alguém apresenta uma moção para indiciar o Sr. Hailey por duas acusações

de homicídio e uma acusação de agressão a um agente da autoridade.

-

Feita a moção - disse um dos brancos.

-

Apoiado - disse outro.

-

Todos os que estão a favor levantem as mãos - disse a Sra. Gossett. - Eu

conto doze mãos. Todos os que estão contra, conto cinco, mais a minha, seis. Doze a seis.

O que é que isso significa?

-

Significa que ele foi indiciado - respondeu Buckley, com orgulho. Respirava

normalmente e a cor voltou-lhe ao rosto. Sussurrou alguma coisa a uma secretária, depois

dirigiu-se aos jurados:

-

Vamos fazer uma pausa de dez minutos. Temos cerca de mais quarenta

casos para resolver, portanto, por favor, não demorem. Eu gostaria de lembrar uma coisa

que o juiz Noose disse esta manhã. Essas deliberações são estritamente confidenciais. Não

devem discutir o seu trabalho fora desta sala...

-

O que ele está querendo dizer - interrompeu Crowell - é que não podemos

dizer a ninguém que ele quase não conseguia os indiciamentos. Não é verdade, Dr. Buckley?

O promotor saiu da sala em silêncio e bateu a porta.

Rodeado por dezenas de câmeras e repórteres, Buckley, de pé nos degraus da frente

do edifício do tribunal, acenou com as cópias dos indiciamentos. Ele pregou, discursou,

moralizou, elogiou o júri de instrução, fez um sermão contra o crime e a justiça pela próprias

mãos e condenou Carl Lee Hailey. Que venha o julgamento. Que os jurados ocupem os seus

lugares. Ele garantia a condenação. Ele garantia a pena de morte. Ele foi antipático,

arrogante, agressivo, fanfarrão. Foi ele mesmo. O legítimo Buckley. Algun s repórteres

afastaram-se, mas ele continuou. Exaltou as suas próprias habilidades no tribunal e os seus

noventa, não, noventa e cinco por cento de condenações. Mais repórteres foram embora.

Outras câmeras foram desligadas. Ele elogiou a sabedoria e o espí rito de justiça do juiz

Noose. Aclamou a inteligência e o discernimento dos jurados de Ford County.

Foi o último a sair. Os repórteres tinham se cansado dele e tinham ido embora.

TREZE

Stump Sisson, o mago soberano do Klan do Mississipi, convocou uma reunião na

pequena cabana dentro da floresta de pinheiros, em Nettles County, trezentos e setenta

quilômetros a sul de Ford County. Não houve mantos, rituais nem discursos. O pequeno

grupo de membros do Klan local discutiu os acontecimentos d e Ford County com o Sr.

Freddie Cobb, irmão de Billy Ray Cobb, falecido. Freddie tinha telefonado para um amigo,

que telefonou para Stump, que providenciou a reunião.

O negro já tinha sido indiciado? Cobb não tinha certeza, mas pelo que se dizia, o

julgamento ia ser no final do Verão ou no começo do Outono. O que o preocupava agora era

toda aquela conversa sobre o negro alegar insanidade para ser libertado. Não havia direito.

O negro tinha matado o seu irmão a sangue-frio, planejado o crime. Tinha se escondido num

armário e esperado que o irmão aparecesse. Era assassinato a sanguefrio e agora dizia -se

que o negro ia ser libertado. Que podia Man fazer a esse respeito? Hoje em dia, os negros

tinham muita proteção - a Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor, a

União Americana das Liberdades Civis, milhares de outros grupos de direitos civis, além dos

tribunais e do governo. Que diabo! os brancos não podem fazer nada, a não ser recorrendo

ao Klan.

Quem mais é que está disposto a levantar-se em defesa dos brancos? Todas as leis

favorecem os negros e os políticos liberais, amigos dos negros, continuam fazendo mais leis

contra os brancos. Alguém tem de defender os brancos. Por isso ele recorreu ao Klan. O

negro está na cadeia? Sim, é tratado como um rei. A população tem um xerife negro, Walls,

e ele gosta desse negro. Concede-lhe privilégios especiais e proteção extra. O xerife é outra

história. Dizem que Hailey pode sair da cadeia esta semana, pagando a fiança. É só um

boato. Eles queriam mesmo que ele saísse.

E o seu irmão? Violentou a menina? Não temos certeza, provavelmente não. Willard,

o outro cara, confessou o estupro, mas Billy Ray não confessou nada. Billy Ray tinha muitas

mulheres. Porque iria violentar uma criança negra? E se violentou, o q ue tem isso?

Quem é o advogado do negro? Brigance, de Clanton. Rapaz novo ainda, mas muito

bom. Lida com processos criminais e tem boa reputação. Defendeu e ganhou várias causas

de homicídio. Ele disse a alguns repórteres que o negro vai alegar insanidade e sair livre.

Quem é o juiz? Não sabemos ainda. Bullard é o juiz de Ford County, mas diz-se que

não vai ser o juiz do julgamento. Falam em levar o caso para outro distrito, por isso ninguém

sabe quem vai ser o juiz.

Sisson e os homens do Klan ouviram atentamente o palerma. Gostaram da parte

sobre as associações de proteção aos negros, o governo e os políticos, mas eles também

liam jornais e viam televisão e sabiam que com o irmão dele tinham feito justiça. Mas pelas

mãos de um negro. Isto era inadmissível!

O caso tinha futuro. Com o julgamento marcado para vários meses depois, teriam

tempo para armar um protesto. Poderiam marchar durante o dia em volta do tribunal de justiça

com seus mantos brancos e capuzes fechados e pontiagudos. Poderiam discursar par a uma

audiência atenta e desfilar frente às câmeras. A imprensa iria adorar - odeia o Klan, mas

gosta de discussões e de polêmica... E à noite, poderiam intimidar as pessoas através das

cruzes de fogo e de telefonemas ameaçadores. Os alvos eram fáceis e de

sprevenidos. A

violência era inevitável. Eles sabiam como provocá-la. Sabiam perfeitamente o efeito que a

marcha dos homens com mantos brancos e capuzes pontiagudos produzia nos negros.

Ford County poderia servir de parque de diversões para um jogo, de ca ça à raposa,

poderiam atacar e fugir. Teriam tempo para se organizar e chamar os companheiros de outros

estados. Que membro do Ku Klux Klan iria querer perder aquela oportunidade de ouro? E os

novos recrutas? Ora, aquele caso iria alimentar a chama do racismo, tirar do meio do mato e

trazer para as ruas todos aqueles que odiavam os negros. Hailey seria o seu novo grito de

guerra, o ponto de união.

-

Sr. Cobb, pode arranjar-nos os nomes e endereços do negro, da sua

família, do seu advogado, do juiz e dos jurados? - perguntou Sisson.

Cobb avaliou as dificuldades da tarefa.

-

Todos, menos dos jurados. Ainda não foram escolhidos.

-

Quando é que vai ficar sabendo quem são?

-

Sei lá. Acho que no julgamento. O que pretendem fazer?

-

Não temos certeza, mas o Klan pode vir a envolver-se neste caso.

Precisamos exercitar um pedaço os nossos músculos e esta pode ser uma boa

oportunidade.

-

Posso ajudar? - perguntou Cobb, avidamente.

-

Claro, mas precisa entrar para o Klan.

-

Não há Klan em Ford County. Acabou há muito tempo. O meu avô

pertencia ao Klan.

-

Está dizendo que o avô da vítima foi um membro da Ku Klux Klan?

-

Isso mesmo - disse Cobb, com orgulho.

-

Muito bem. Nesse caso, temos obrigação de nos envolvermos. - Os

membros do Klan menearam a cabeça incrédulos e juraram vingança. Disseram a

Cobb que, se ele pudesse arranjar cinco ou seis amigos com a mesma motivação e o

mesmo modo de pensar, dispostos a entrar para o Klan, realizariam uma grande

cerimônia secreta no meio da floresta, em Ford County, com uma enorme cruz em

chamas e todos os rituais da praxe. Eles seriam aceitos como membros, membros

verdadeiros do Ku Klux Klan, responsáveis pelo Klan de Ford County. E todos juntos

fariam um espetáculo do julgamento de Carl Lee Hailey. Iriam perturbar tanto Ford

County naquele Verão que nenhum jurado sequer iria sonhar inocentar o negro. Trate

de recrutar uma meia dúzia, que nós faremos de você o líder do Klan de Ford County.

Cobb disse que tinha o número suficiente de primos para começar a organizar um

Klan. Saiu da reunião embriagado de entusiasmo com a expectativa de ser membro do Klan,

como o seu avô.

Buckley tinha calculado mal. A sua entrevista das 4 da tarde não apareceu no

noticiário das seis. Jake procurou em todos os canais da pequena televisão a preto -ebranco

do escritório e riu alto quando os noticiários de Memphis, depois Jackson e Tupelo,

terminaram sem nenhuma notícia sobre o indiciamento. Ele podia imaginar a família de

Buckley, colada à televisão, mudando de estação para estação, procurando

desesperadamente o seu herói enquanto este gritava, mandando se calar todas as pessoas.

Nessa altura, às sete horas, depois da previsão meteorológica, na estação de Tupelo, a

última previsão do dia, todos sairiam da sala deixando-o sozinho, na sua cadeira reclinável.

Talvez às dez, ele deve ter dito.

Às dez, Jake e Carla estavam no sofá, com as pernas cruzadas e muito juntos, à

espera do noticiário. Finalmente, lá estava ele na frente do tribunal, sacudindo papéis e

gritando como um pregador bíblico, enquanto o repórter, no local da entrevista, explicava que

aquele era Rufus Buckley, o promotor encarregado da acusação no julgamento de Carl Lee

Hailey, agora que o acusado fora indiciado. Depois de uma imagem rápida de Buckley, a

câmara percorreu a praça para a vista maravilhosa do centro da cidade de Clanton e

finalmente voltou ao repórter que disse duas frases acerca do julgamento no final do Verão.

-

Ele está na ofensiva - disse Carla. - Para quê convocar uma coletiva

para dizer que o acusado foi indiciado?

-

Buckley é o promotor. Nós os advogados de defesa, odiamos a

imprensa.

-

Sim, já percebi isso. O meu álbum de recortes está quase cheio...

-

Não se esqueça de fazer fotocópias das fotografias para a minha mãe.

-

Vai autografá-las?

-

Só se ela pagar. A sua, posso autografar de graça.

-

Esplêndido. E se perder, mando a conta dos cantos e da cola.

-

Devo lembrá-la, minha querida, de que nunca perdi um caso de

homicídio. Três a zero, para ser mais preciso. Carla apertou um botão do controle

remoto, deixando só o homem da previsão do tempo, sem som.

-

Sabe o que eu mais detesto nos julgamentos de homicídio? - Ela

afastou as almofadas com as pernas esguias, bronzeadas e quase perfeitas.

-

O sangue, a carnificina, as descrições escabrosas?

-

Não. - Ela soltou o cabelo que ia até os ombros, espalhando -o no

braço do sofá.

-

A perda de vidas, por mais insignificantes que sejam?

-

Não. - Carla vestia uma camisa social de Jake, velha, engomada,

tamanho médio, e começou a brincar com os botões muito pequenos.

-

A visão horrível de um homem inocente ameaçado de ir para a câmara

de gás?

-

Não. - Carla começou a desabotoar a camisa. A luz azul-acinzentada

da televisão iluminava a sala escura como um estroboscópio e o apresentador sorriu

e disse boa-noite só com o movimento dos lábios.

-

O medo de uma família jovem quando o pai entra no tribunal para

enfrentar o júri formado pelos seus pares?

-

Não. - A camisa estava desabotoada e uma faixa de seda fina e

transparente brilhou contrastando com a pele bronzeada.

-

A injustiça latente do nosso sistema judiciário?

-

Não. - Ela ergueu vagarosamente uma perna bronzeada, fina e quase

perfeita, mais para cima, mais para cima e finalmente apoiou-a nas costas do sofá.

-

As táticas antiéticas e sem escrúpulos empregadas pelos policiais e

promotores para condenarem homens inocentes?

-

Não. - Carla abriu a faixa de seda entre os seios quase perfeitos.

-

O fervor, a fúria, a intensidade, as emoções descontroladas, os

embates da alma humana, a paixão irrefreável?

-

Está esquentando - disse ela.

Camisas e outras peças de roupa fizeram ricochete nos abajures e nas mesas de

centro e os corpos fundiram-se sob as almofadas. O velho sofá, presente dos pais dela, vibrou

e rangeu sobre o soalho antigo de madeira de lei. Era resistente e acostumado

àqueles

balanços e rangidos. Max, o cão, instintivamente correu pelo corredor afora e foi montar

guarda ao lado da porta de Hanna.

CATORZE

Harry Rex Vonner era um advogado grandalhão e atrapalhado, especialista em

divórcios litigiosos, que punha sempre algum infeliz atrás das grades por não pagar a pensão

obrigatória para sustento dos filhos. Era vil e perverso e muito solicitado para questões de

divórcio em Ford County. Conseguia os filhos, a casa, a fazenda, o vídeo, o micro -ondas,

tudo! Um fazendeiro rico mantinha-o sob contrato para que a atual mulher não pudesse

contratá-lo para o seu futuro divórcio. Harry Rex enviava os seus casos de homicídio a Jake

e Jake mandava-lhe os seus divórcios litigiosos. Eram ambos amigos e não gostavam dos

outros advogados, especialmente os da firma Sullivan.

Na terça-feira, pela manhã, ele apareceu no escritório e resmungou para Ethel.

- Jakètá aí? - Subiu a escada, olhando carrancudo para ela, desafiando-a a dizer

alguma coisa. Ethel apenas inclinou a cabeça, dizendo que sim, sem cair na tolice de

perguntar se ele tinha hora marcada. Rex já a tinha gozado antes. Na verdade, ele já tinha

gozado todas as pessoas.

A escada estremeceu com o peso dele e Rex resfolegava ao chegar ao escritório de

Jake.

-

Bom dia, Harry Rex. Ainda está vivo?

-

Porque não põe o escritório no primeiro andar? - perguntou Rex,

ofegante.

-

Está precisando de exercício. Se não fossem essas escadas, pesava

com certeza mais de cento e cinqüenta quilos.

-

Obrigado. Ouça, acabo de vir do tribunal. Noose quer vê -lo no

gabinete dele às dez e meia, se for possível. Quer falar com você e com Buckley

acerca do Hailey. Acertar denúncia, data de julgamento, toda essa trapalhada. Pediu-

me que o avisasse.

-

OK.! Estarei lá.

-

Suponho que teve notícias do júri de instrução.

-

Claro! Tenho uma cópia do indiciamento aqui.

Harry Rex sorriu.

-

Não, não. Estou falando da votação sobre o indiciamento.

Jake olhou intrigado para ele. Harry Rex movia-se em círculos escuros e silenciosos,

como uma nuvem. Era uma fonte inesgotável de mexericos e boatos e orgulhava -se de

espalhar somente verdade - a maior parte do tempo. Era sempre o primeiro a saber de quase

tudo. A lenda de Harry Rex começara vinte anos antes, com o seu primeiro aparecimento no

tribunal. A via férrea que ele processava em milhões de dólares recusou -se a pagar um

centavo que fosse e, ao fim de três dias de julgamento, o júri finalmente retirou -se para

deliberar. Os advogados da companhia, que esperavam um rápido veredicto a seu favor,

começaram a ficar preocupados quando o júri demorou a voltar. No segundo dia de espera

ofereceram a Rex vinte e cinco mil dólares por um acordo. Com nervos de aço, mandou -os

para o inferno. O cliente dele queria o dinheiro. Ele mandou o cliente para o inferno. Horas

depois, um júri exausto reapareceu com um veredicto favorável a cento e cinqüenta mil. Harry

Rex riu dos advogados da companhia, ignorou os clientes e foi para o bar no

Best Western.

Pagou bebidas a todas as pessoas e durante a longa noite contou que tinha posto escutas

na sala do júri e sabia exatamente o que os jurados estavam fazendo. A história espalhou -se

e Murphy encontrou uma porção de fios que passavam pelos canos do aquecimento da sala

do júri. A Ordem dos Advogados do estado fez algumas investigações mas não encontrou

nada. Nos últimos vinte anos, os juizes mandavam os funcionários do tribunal verificar a sala

do júri sempre que se deliberava um caso de Harry Rex.

-

Como é que sabe do voto? - perguntou Jake, desconfiado. - Tenho as

minhas fontes.

-

Muito bem, como foi a votação?

-

Doze a seis. Menos um e não estaria com essa cópia na mão...

-

Doze a seis... - repetiu Jake.

-

Buckley por pouco morria. Um cara chamado Crowell, branco, tomou

conta do espetáculo e ia convencendo um número suficiente de jurados a negar o

indiciamento do seu homem.

-

Você conhece esse Crowell?

-

Eu lhe fiz o divórcio, há dois anos. Ele vivia em Jackson, até a mulher

ser violentada por um negro. Ela enlouqueceu e eles divorciaram-se. A mulher cortou

os pulsos com um facão de cozinha. Depois, ele veio para Clanton e casou com uma

garota insignificante. Durou mais ou menos um ano. Ele arrumou o Buckley! Mandou -

o sentar-se e calar a boca! Eu pagaria para ter assistido...

-

Está falando como se tivesse visto.

-

Não. É que eu tenho uma boa fonte.

-

Quem?

-

Ora, Jake, não insista.

-

Está colocando escutas nas salas outra vez?

-

Não é nada disso. Eu me limito a ouvir... É um bom sinal, não acha?

-

O quê?

-

O voto apertado. Seis dos dezoito votaram contra o indiciamento.

Cinco negros e Crowell. É um bom sinal. Consiga uns dois negros no júri e pronto.

Certo?

-

Não é assim tão fácil. Se ele for julgado aqui, é bem possível que

tenhamos um júri branco. São muitos em Ford County e, como sabe, ainda são

constitucionalistas. Além disso, esse cara, esse Crowell, parece que veio do nada.

-

Foi exatamente o que Buckley pensou. Devia ter visto o cretino. Está

no tribunal, desfilando de um lado para o outro, pronto para assinar autógrafos por

causa do seu grande sucesso na TV ontem à noite. Como ninguém quer falar no

assunto, ele procura intrometer-se em todas as conversas. Parece um garoto pequeno

implorando atenção.

-

Tenha calma. Ele pode ser o seu próximo governador.

-

Não se ele perder o caso Hailey. E vai perder, Jake. Nós vamos

arranjar um bom júri, doze bons e fiéis cidadãos, e depois compramos todos.

-

Nem pensar.

-

Funciona sempre.

Alguns minutos depois das dez e meia Jake entrou no gabinete do juiz, atrás do

tribunal, e apertou friamente as mãos de Buckley, Musgrove e Ichabod. Estavam à espera

dele. Noose indicou-lhe uma cadeira e sentou-se atrás da mesa.

-

Jake, isto não vai tomar-lhe mais do que alguns minutos - olhou por

cima do narigão. - Eu gostaria de ler a acusação formal de Carl Lee Hailey às nove

horas da manhã. Algum problema?

-

Não. Está bem - disse Jake..

-

Teremos outras acusações formais da parte da manhã, depois

daremos início a um caso de furto às dez horas. Certo, Rufus?

-

Sim, senhor.

-

Muito bem. Agora vamos falar sobre a data do julgamento do Sr.

Hailey. Como sabe, o próximo período do tribunal aqui será no final de Agosto, na

terceira segunda-feira do mês, e estou certo de que o calendário vai estar repleto

nessa época. Devido à natureza deste caso e, francamente, devido à publicidade,

acho que seria melhor fazermos o julgamento o mais depressa possível.

-

Quanto antes melhor - disse Buckley. - Jake, de quanto tempo precisa

para se preparar para o julgamento?

-

Sessenta dias?

-

Sessenta dias! - exclamou Buckley, incrédulo. - Porquê tanto tempo?

Jake ignorou-o e olhou para o juiz, que pôs os óculos e consultou o calendário. -

Seria possível antecipar um pedido de transferência de foro? - perguntou ele.

-

Sim.

-

Isso não vai fazer diferença nenhuma - disse Buckley. - Vamos

conseguir a condenação em qualquer lugar.

-

Guarde isso para as câmeras, Rufus - disse Jake, com voz calma.

-

Se fosse você não diria isso... - refilou Buckley. - Ao que parece gosta

muito delas.

-

Senhores, por favor - disse Noose. - Que outras moções prévias

podemos antecipar da parte da defesa?

Jake pensou um momento:

-

Haverá outras.

-

Posso saber quais são as outras? - perguntou Noose, um pouco

irritado.

-

Senhor Doutor Juiz, francamente, não quero discutir a minha defesa,

por enquanto. Acabamos de receber o indiciamento e ainda não conversei com o meu

cliente.

Não há dúvida de que temos muito que fazer.

-

De quanto tempo precisa?

-

Sessenta dias.

-

Está brincando! - exclamou Buckley. - É uma piada nova? O estado

pode fazer esse julgamento amanhã, Senhor Juiz. Sessenta dias é ridículo!

Jake começou a ferver mas ficou calado. Buckley foi até à janela, resmungando, incrédulo. Noose estudou o calendário.

-

Porquê sessenta dias?

-

Pode ser um caso complicado.

Buckley riu e continuou a abanar a cabeça.

-

Então, podemos esperar alegação de privação momentânea de

sentidos? - perguntou o juiz.

-

Sim, senhor. E vai demorar algum tempo o exame de um psiquiatra.

E depois, o estado vai querer que ele seja examinado pelos seus própri os médicos.

-

Compreendo.

-

E somos capazes de ter outras questões preliminares. É um caso

grande e quero ter tempo suficiente para prepará-lo.

-

Dr. Buckley - disse o juiz.

-

Seja! Não faz nenhuma diferença para o estado. Estaremos prontos.

Podemos julgar amanhã.

Noose escreveu no calendário e ajustou os óculos de leitura, que ele usava na ponta

do nariz, ancorado numa verruga. Devido ao tamanho do nariz e à forma estranha da sua

cabeça, o meritíssimo tinha de mandar fazer óculos especiais com hastes muito compridas.

Noose nunca os usava para ler ou para qualquer outra coisa que não fosse o esforço inútil

de distrair a atenção do tamanho e da forma do nariz. Jake sempre suspeit ara disso mas não

tinha coragem para informar o meritíssimo que os óculos ridículos, com lentes hexagonais

cor laranja, dirigiam toda a atenção diretamente para o nariz.

-

Quanto tempo calcula que vai durar o julgamento, Jake? - perguntou

Noose. - Três ou quatro dias. Mas podemos levar três dias para escolher os jurados.

-

Dr. Buckley?

-

Sim, acho que está certo. Mas não compreendo por que são

necessários sessenta dias de preparação para um julgamento de três dias. Acho que

devia ser antes.

-

Acalme-se, Rufus - disse Jake. - As câmeras estarão aqui dentro de

sessenta dias, ou de noventa, se fosse o caso. Não se vão esquecer de você. Pode

dar entrevistas, conferências de imprensa, fazer sermões, tudo. O espetáculo

completo. Mas não se preocupe muito. Vai ter a sua oportunidade.

Buckley semicerrou os olhos e ficou vermelho. Deu três passos na direção de Jake.

-

Se não me engano, Dr. Brigance, deu mais entrevistas e viu mais

câmeras do que eu, nesta última semana.

-

Eu sei, e está com inveja, não está?

-

Não, não estou com inveja! Não me importo com as câmeras...

-

Desde quando?

-

Senhores, por favor - interrompeu Noose. - Este caso promete ser

longo e repleto de emoções. Espero que os meus advogados se comportem como

profissionais. Agora, o meu calendário está mais do que cheio. A única vaga que tenho

é na semana de 22 de Julho. Há algum problema?

-

Podemos fazer o julgamento nessa semana - disse Musgrove.

Jake sorriu para Buckley e folheou a sua agenda de bolso.

-

Para mim está bem.

-

Ainda bem. Todas as moções devem ser apresentadas e todas as

questões preliminares resolvidas até ao dia 8 de Julho, segunda -feira. A leitura da

acusação está marcada para amanhã, às nove da manhã. Alguma pergunta?

Jake levantou-se, apertou as mãos de Noose e Musgrove e saiu.

Após o almoço, foi visitar seu famoso cliente no escritório de Ozzie, na cadeia. Carl

Lee tinha recebido na cela uma cópia do indiciamento. Ele tinha algumas perguntas a fazer

ao seu advogado.

-

O que é homicídio doloso?

-

O pior tipo de crime.

-

Quantos tipos existem?

-

Basicamente três. Homicídio culposo, homicídio qualificado e

homicídio doloso. - O que é homicídio culposo?

-

Vinte anos.

-

O que é homicídio qualificado?

-

De vinte a perpétua.

-

O que é homicídio doloso?

-

Câmara de gás.

-

O que é agressão qualificada a um policial?

-

Perpétua. Sem condicional.

Carl Lee estudou o indiciamento atentamente.

-

Quer dizer que eu tenho duas câmeras de gás e uma perpétua.

-

Ainda não. Tem direito a julgamento primeiro. Por falar nisso, foi

marcado para o dia 22 de Julho.

-

Daqui a dois meses! Porquê tanto tempo?

-

Precisamos de tempo. É o tempo que preciso para encontrar um

psiquiatra que ateste que você estava louco. Nessa altura, Buckley o mandará para

Smithfield, para ser examinado pelos médicos do estado e eles todos vão dizer que

você não estava louco quando cometeu os crimes. Nós entramos com moções.

Buckley apresenta moções e temos algumas audiências. Tudo isso leva tempo.

-

Não há como ser antes?

-

Não queremos que seja antes.

-

E se eu quiser? - perguntou Carl Lee, irritado.

Jake estudou atentamente o seu cliente.

-

Qual é o problema, grande homem?

-

Tenho de sair daqui e bem depressa.

-

Pensei que não achasse a cadeia tão desagradável.

-

Não é, mas preciso ir para casa. A Gwen está sem dinheiro , não

consegue arranjar um emprego. O Lester está com problemas com a mulher. Ela

passa a vida a telefonar, por isso eu sei que ele não vai ficar muito tempo por aqui.

Eu detesto ter de pedir ajuda aos meus parentes.

-

Mas eles vão ajudar, não vão?

-

Um pouco. Todos têm os seus problemas. Tem de me tirar daqui,

Jake.

-

Ouça, você vai ser denunciado amanhã, às nove horas. O julgamento

é no dia 22 de Julho e esta data não vai ser mudada, portanto, esqueça. Eu já lhe

expliquei o que é a denúncia?

Carl Lee abanou negativamente a cabeça.

-

Não leva mais de vinte minutos. Nós comparecemos perante o juiz

Noose, no grande tribunal. Ele faz algumas perguntas a você, depois faz algumas

perguntas a mim. Lê o indiciamento para você, em sessão pública, e pergunta - lhe se

recebeu uma cópia. Depois pergunta-lhe como se declara, culpado ou inocente.

Quando responder "inocente", ele marcará a data do julgamento. Você se senta, e eu

e Buckley começamos uma grande batalha em torno da sua fiança. Noose recusará

estabelecer uma fiança e aí você volta para a cadeia, onde ficará até ao dia do

julgamento.

-

E depois do julgamento? Jake sorriu.

-

Não, você, não ficará na cadeia depois do julgamento.

-

Promete?

-

Não. Nada de promessas. Alguma pergunta sobre amanhã?

-

Não. Diga, Jake, humm, quanto é que eu já lhe paguei?

Jake hesitou, prevendo problemas.

-

Porque pergunta?

-

Estava só pensando.

-

Novecentos e uma promissória.

Gwen tinha menos de cem dólares. As contas estavam vencidas e a comida

acabando. No domingo, quando o tinha visitado, chorara durante uma hora. O pânico fazia

parte da sua vida, da sua constituição, da sua estrutura. Mas ele sabia que não tinham um

tostão e ela estava com medo. A família de Gwen pouco podia ajudar, talvez

alguns legumes

da horta e algum dinheiro para leite e ovos. Quando se tratava de enterros e contas de

hospital, eles nunca faltavam com a ajuda. Eram generosos e cediam grande parte do seu

tempo para chorar e lamentar, dando um verdadeiro show. Mas quando se tratava de dinheiro

vivo, fugiam como galinhas assustadas. Carl Lee não gostava da família dela e a sua não era

muito melhor.

Ele queria pedir cem dólares a Jake, mas resolveu esperar até que Gwen estivesse

completamente sem dinheiro. Seria mais fácil. Jake folheou o bloco de notas, à espera de

que Carl Lee pedisse dinheiro. Os clientes das ações penais, especialmente os negros,

pediam sempre de volta uma parte dos honorários depois de pagos. Jake duvidava da

possibilidade de receber mais do que novecentos dólares e não tinha i ntenção de restituir

coisa alguma. Além disso, os negros cuidavam sempre dos seus. As famílias iriam cooperar

e as igrejas também. Ninguém morreria de fome.

Esperou e guardou o bloco e o dossiê na pasta.

-

Mais alguma pergunta, Carl Lee?

-

Sim. O que é que eu posso dizer amanhã?

-

Que quer dizer com isso?

-

Quero dizer ao juiz por que disparei sobre aqueles homens. Eles

violaram a minha filha. Eles tinham de morrer.

-

E quer explicar isso ao juiz amanhã?

-

Quero.

-

E pensa que ele vai soltá-lo depois de ter explicado tudo?

Carl Lee não disse nada.

-

Ouça, Carl Lee, você me contratou como seu advogado. E me

contratou porque tem confiança em mim, certo? E se eu quiser que diga alguma coisa

amanhã, eu o previno. Se eu não disser nada, fica quietinho. Quando for a julgamento,

em Julho, terá oportunidade de contar a sua história. Mas, por enquanto, sou só eu

que falo. - Tem razão.

Lester e Gwen amontoaram os meninos e Tonya no Cadillac vermelho e foram para

o consultório do médico, ao lado do hospital. A violação fora duas semanas antes. Tonya

ainda coxeava um pouco e queria correr e subir escadas com os irmãos. Mas a mãe não

largava a mão dela. O ferimento nas pernas e nas nádegas tinha quase desaparecido, as

ligaduras nos pulsos e nos tornozelos tinham sido retiradas pelo médico na semana anterior

e os cortes estavam cicatrizando muito bem. A gaze com algodão entre as pernas continuava

lá. Numa salinha, despiu-se e sentou-se ao lado da mãe numa mesa acolchoada. Gwen

abraçou-a para aquecê-la. O médico examinou-lhe a boca e o maxilar. Depois, os pulsos e

os tornozelos. Ele a fez deitar na mesa e apalpou-a entre as pernas. Tonya gritou e agarrou-

se à mãe, que se debruçou sobre ela. Estava doendo outra vez.

QUINZE

Na quarta-feira, às cinco da manhã, Jake bebeu um gole de café no escritório e olhou

através das portas de vidro para a praça escura. Depois de algumas horas de sono

intermitente tinha deixado o calor da cama numa tentativa alucinada de localizar um processo

sem nome, julgado na Geórgia, que, segundo se lembrava das aulas da faculdade, pedia ao

juiz que concedesse fiança num caso de crime de morte desde que o acusado não tivesse

antecedentes criminais, possuísse bens no condado, tivesse um emprego fixo e vários

parentes nas vizinhanças. Não conseguiu encontrá-lo. Encontrou uma pilha de processos

recentes, lógicos, claros e sem ambigüidades, julgados no Mississipi, que concediam ao juiz

a faculdade de negar fiança a tais acusados. Era essa a lei e Jake, agora, conhecia-a bem,

mas precisava de alguma coisa para tentar convencer Ichabod. Temia pedir fiança para Carl

Lee. Buckley iria gritar e citar todos aqueles casos maravilhosos e Noose ia ouvir com um

sorriso, para em seguida negar a fiança. Jake ia ser derrotado na primeira escaramuça.

-

Chegou cedo, hoje, meu querido - disse Dell para o seu freguês

favorito enquanto servia o café.

-

Pelo menos estou aqui.

Desde a amputação da perna de Looney que Jake não aparecia no Coffee Shop.

Looney era popular e havia um certo ressentimento entre os fregueses do restaurante e em

toda a cidade contra o advogado de Hailey. Jake sabia disso e tentava ignorar. Muitos se

ressentiam do fato de um advogado estar disposto a defender um negro culpado da morte de

dois homens brancos.

-

Tem um minuto? - perguntou Jake.

-

É claro - disse Dell, olhando em volta.

Às cinco e quinze, o local não estava cheio ainda. Sentou -se de frente para Jake e

serviu-lhe o café.

-

De que é que as pessoas andam falando por aqui? - perguntou.

-

Da mesma coisa de sempre. Política, pescaria, lavoura. Sempre a

mesma coisa... Trabalho aqui há vinte e um anos, servindo as mesmas coisas, às mesmas pessoas, e todos continuam falando das mesmas coisas.

-

Nada de novo?

-

Hailey. Falam muito disso. Exceto quando temos estranhos. Aí as conversas voltam ao de sempre.

-

Porquê?

-

Porque se você der a impressão de que sabe alguma coisa sobre o caso, um repórter vai sair atrás de você com uma porção de perguntas.

-

Uma chatice, não é?

-

Não. É formidável. Nunca tivemos tanto movimento.

Jake sorriu, pôs manteiga na aveia, depois acrescentou Tabasco.

-

O que acha do caso?

Dell coçou a ponta do nariz com as unhas postiças, longas e vermelhas e soprou o

café na xícara. Ela era famosa por dizer o que pensava e Jake esperava uma resposta

sincera.

-

Ele é culpado. Matou os dois homens. Não há nenhuma dúvida. Mas

tinha a melhor desculpa que já vi. Há alguma simpatia por ele.

-

Suponhamos que você faria parte do júri. Culpado ou inocente?

Dell olhou para a porta e acenou para um freguês.

-

Bem, o meu instinto me diz que perdoe qualquer pessoa que mate um

violador. Especialmente um pai. Por outro lado, não podemos permitir que as pessoas

arranjem armas e andem por aí fazendo justiça pelas próprias mãos. Você pode

provar que ele estava louco quando cometeu o crime?

-

Vamos supor que posso.

-

Nesse caso, votaria inocente, mesmo sabendo que ele não estava

louco.

Jake pôs geléia de morango na torrada e concordou com uma inclinação de cabeça.

-

Mas, e Looney? - perguntou ela. - Ele é meu amigo.

-

Foi um acidente.

-

Isso basta para a defesa?

-

Não, não basta. A arma não disparou por acidente. Looney foi atingido

acidentalmente, mas duvido que seja uma defesa válida. Você o condenaria por ter

disparado sobre Looney?

-

Talvez - disse ela, devagar. - Ele perdeu uma perna... Como é que

Hailey podia estar louco quando matou o Cobb e o Willard e não qua ndo disparou

sobre o Looney, pensou Jake, mas não perguntou. Mudou de assunto.

-

Que andam dizendo a meu respeito?

-

Mais ou menos a mesma coisa. Um dia destes alguém perguntou por

onde andava e disse que agora já não tem tempo para nós porque é famoso. Ouvi

qualquer coisa sobre você e o negro, mas tudo muito discreto. Eles não o

criticam em

voz alta. Eu não permitiria.

-

Você é um amor.

-

Não sou nada, sou uma megera e você sabe isso.

-

Não. Só tenta ser.

-

Será? Pois então, veja!

Dell levantou-se de um salto e gritou uma meia dúzia de palavrões para alguns

fazendeiros que tinham pedido mais café. Jake terminou de comer sozinho e voltou para o

escritório.

Quando Ethel chegou, às oito e meia, dois repórteres estavam à espera no pass eio,

ao lado da porta fechada. Entraram com Ethel e disseram-lhe que queriam falar com o Dr.

Brigance. Ela recusou e mandou-os sair. Eles recusaram e insistiram no pedido. Jake ouviu

a discussão e fechou a porta à chave. Ethel que se entendesse com eles.

Do escritório Jake viu a equipe de filmagem instalar -se na porta dos fundos do

tribunal. Sorriu, sentindo uma forte descarga de adrenalina. Podia ver a sua

imagem no

noticiário das seis, atravessando a rua com passo decidido, muito sério, muito concentrado ,

seguido pelos repórteres que procuravam o diálogo mas não conseguiam nem uma palavra.

E aquilo era apenas a denúncia! Imagine o julgamento! Câmeras por toda a parte, repórteres

fazendo perguntas aos gritos, artigos nas primeiras páginas dos jornais, talv ez nas capas das

revistas. Um jornal de Atlanta dizia que o caso Hailey era o crime mais sensacional ocorrido

no Sul, nos últimos vinte anos. Jake teria aceitado o caso de graça, ou quase.

Alguns minutos depois, interrompeu a discussão no andar de baixo e foi

calorosamente recebido pelos repórteres. Ethel desapareceu na sala de conferências.

-

Pode responder a algumas perguntas? - perguntou um deles.

-

Não - disse Jake, delicadamente. - Tenho um encontro com o juiz

Noose.

-

Só algumas perguntas?

-

Não. Mas haverá uma conferência de imprensa, às três horas - Jake

abriu a porta e os repórteres seguiram-no até ao passeio.

-

Onde será a conferência de imprensa?

-

No meu escritório.

-

Para quê?

-

Para falar sobre o caso.

Jake atravessou a rua com passos lentos e seguiu na direção do tribunal, respondendo às perguntas.

-

O Sr. Hailey vai estar presente na conferência de imprensa?

-

Sim, com a família.

-

A menina também?

-

Sim, ela também.

-

O Sr. Hailey vai responder a perguntas?

-

Talvez. Não resolvi ainda.

Jake despediu-se e entrou no tribunal e os repórteres ficaram comentando como seria

a entrevista.

Buckley entrou no tribunal pelas enormes portas de madeira da frente, mas não havia

fanfarra. A esperança dele em ver uma ou duas câmeras acabou quando soub e que os

repórteres estavam todos na porta dos fundos, à espera do réu. No futuro, ele entraria pela

porta dos fundos.

O juiz Noose estacionou na frente do correio, perto de uma boca de incêndio,

atravessou a praça a passos largos e entrou no tribunal. Ele também não atraiu nenhuma

atenção, a não ser alguns olhares curiosos.

Ozzie espreitou pela janela da frente do edifício da cadeia e viu a multidão à espera

de Carl Lee, no estacionamento. Pensou em outro plano para evitar a imprensa, mas desistiu.

O seu escritório tinha recebido duas dúzias de ameaças de morte a Carl Lee e algumas delas

foram levadas a sério por Ozzie. Eram específicas, com datas e locais. Porém, a maior parte

era de ameaças vagas e comuns. E tudo aquilo para a leitura da denúncia. Ozzi e pensou no

julgamento e resmungou alguma coisa para Moss Junior. Os policiais fardados cercaram Carl

Lee e saíram para a rua, passaram pela imprensa e entraram em um furgão alugado. Seis

policiais e o motorista. Escoltado pelos três carrospatrulha mais no vos, o furgão se dirigiu

rapidamente para o edifício do tribunal.

Noose tinha marcado uma dúzia de leituras formais de acusação para as nove horas

da manhã e quando se sentou na sua cadeira, no tribunal, procurou o dossiê do caso Hailey.

Viu na primeira fila um grupo de tipos suspeitos, todos recentemente indiciados. Na

extremidade da fila, Jake Brigance falava em voz baixa com um réu algemado e ladeado por

dois policiais. Devia ser Hailey. Noose pegou um dossiê vermelho que continha os autos e

ajustou os óculos de modo a não atrapalhar a leitura.

-

O estado contra Carl Lee Hailey, processo número 3889. Queira

aproximar-se, Sr. Hailey.

As algemas foram retiradas e Carl Lee e o seu advogado aproximaram-se da mesa

do juiz que, em silêncio e nervoso, examinou as acusações escritas. O silêncio era completo.

Buckley levantou-se e parou a alguns passos do acusado. Os artistas, perto da

grade,

desenhavam a cena.

Jake olhou carrancudo. para Buckley, que não tinha nenhum motivo para estar na

frente do juiz durante a leitura. O promotor estava com o seu melhor terno de poliéster e com

cada fio de cabelo meticulosamente penteado. Parecia um pastor evangélico da TV. Jake

aproximou-se dele e disse, em voz baixa:

-

Belo terno, Rufus.

-

Obrigado - respondeu ele, apanhado de surpresa.

-

Ele brilha no escuro? - perguntou Jake e voltou para o lado do seu

cliente. - O senhor é Carl Lee Hailey? - perguntou o juiz.

-

Sim.

-

O Dr. Brigance é o seu advogado?

-

Sim.

-

Tenho aqui uma cópia de um indiciamento proferido contra o senhor,

pelo júri de instrução. Recebeu uma cópia?

-

Sim.

-

Leu-a?

-

Sim.

-

Falou sobre ela com o seu advogado?

-

Sim.

-

O senhor compreendeu?

-

Sim.

-

Muito bem. A lei determina que eu a leia em sessão pública do tribunal

- Noose pigarreou. - "Os membros do júri de instrução do estado do Mississipi,

oriundos do conjunto de cidadãos probos e cumpridores da lei de Ford County,

devidamente eleitos, sorteados ajuramentados e incumbidos de investigar no e

para

o dito condado e o estado supramencionado, em nome e sob a autoridade do estado

do Mississipi, sob juramento denunciam que Carl Lee Hailey, do condado e do estado

acima citados, dentro da jurisdição deste tribunal, de maneira ilegal, deliberada,

perversa e intencional e com premeditada intenção criminosa abateu e assassinou

Bill Ray Cobb, um ser humano, e Pete Willard, um ser humano, e alvejou e tentou

matar DeWayne Looney, um agente da autoridade, em d ireta violação do código do

Mississipi, e contra a paz e a dignidade do estado do Mississipi. Este é o veredicto do

júri. Assinado, Laverne Gossett, primeiro jurado do júri de instrução."

Noose tomou fôlego.

-

Compreende as acusações que lhe são feitas?

-

Sim.

-

Compreende que se for condenado pode ser executado na câmara de

gás na penitenciária estadual de Parchman?

-

Sim.

-

Deseja declarar-se culpado ou inocente?

-

Inocente.

Noose examinou outra vez o calendário, enquanto todos observavam com atenção.

Os repórteres tomavam notas. Os artistas concentravam-se nas figuras principais, inclusive

Buckley, que conseguira entrar no quadro e ficar de lado, para uma pose de perfil. Estava

ansioso por dizer alguma coisa. Olhou carrancudo e desdenhoso para a nuca de Car l Lee

Hailey como se não pudesse esperar para dar cabo daquele assassino. Caminhou até à mesa

onde estava Musgrove e ambos conversaram em voz baixa, com ar de importância.

Atravessou a sala e conversou, também em voz baixa, com um dos funcionários do tribu nal.

Depois voltou para frente do juiz, onde o acusado permanecia imóvel, ao lado de Jake, que

percebia e tentava a todo custo ignorar o teatro de Buckley.

-

Sr. Hailey - disse Noose com sua voz esganiçada -, o seu julgamento

está marcado para segunda-feira, 22 de Julho. Todas as moções e questões

preliminares do julgamento devem estar protocoladas até 24 de Junho e resolvidas

até 8 de Julho. Carl,Lee e Jake inclinaram a cabeça afirmativamente. - Mais alguma

coisa?

-

Sim, Meritíssimo - trovejou Buckley com sonoridade suficiente para

ser ouvido pelos repórteres na antecâmara. - O estado opõe-se a qualquer pedido de

fiança para este acusado.

Jake fechou as mãos com força e teve vontade de gritar.

-

Meritíssimo, o acusado ainda não pediu fiança. O Dr . Buckley, como

sempre, está confuso quanto aos procedimentos. Ele não pode recusar um pedido

que não foi feito. Devia ter aprendido isso na faculdade de Direito.

Embora atingido em cheio, Buckley continuou.

-

Meritíssimo, o Dr. Brigance costuma sempre pedir fiança e tenho

certeza de que vai fazê-lo hoje. O estado se oporá a qualquer pedido.

-

Muito bem, porque não espera que o pedido seja feito? - perguntou

Noose, com uma ponta de irritação.

-

Está bem - respondeu Buckley. Vermelho de raiva, olhou para Jake.

-

O senhor planeja pedir fiança? - perguntou Noose.

-

Eu tinha planejado fazê-lo no momento oportuno, mas antes que eu

tivesse uma oportunidade, o dr. Buckley interveio com sua atitude teatral...

-

Deixe lá o Dr. Buckley - interrompeu Noose.

-

Eu sei, Sr. Dr. Juiz, ele está apenas confuso.

-

Fiança, Dr. Brigance?

-

Sim, eu tinha planejado solicitá-la.

-

Foi o que pensei e já considerei a conveniência ou não de conceder a

fiança neste caso. Como deve saber, a decisão depende exclusivamente de mim e eu

nunca concedo fiança num caso de homicídio doloso. Não acho que uma exceção se

aplique a este caso.

-

Quer dizer que decidiu negar a fiança?

-

Sim.

Jake encolheu os ombros e pôs um dossiê em cima da mesa.

-

Está bem.

-

Mais alguma coisa? - perguntou Noose.

-

Não, Meritíssimo - disse Jake. Buckley abanou a cabeça, sem dizer

nada.

-

Muito bem. Sr. Hailey, este tribunal ordena que o senhor permaneça

sob a custódia do xerife de Ford County até ao julgamento. Está dispensado.

Carl Lee voltou para a primeira fila, onde o policial o esperava com as algemas.

Jake abriu a pasta e estava guardando os papéis quando Buckley lhe segurou no braço.

-

Foi um golpe baixo, Brigance - disse ele, com os dentes cerrados.

-

Você estava pedindo... - respondeu Jake. – E tire a mão de cima de

mim.

Buckley largou-o.

-

Eu não gostei daquilo.

-

É uma pena, Excelência. Não devia falar tanto. Os tagarelas acabam

por se queimar.

Buckley era uns oito centímetros mais alto e pesava uns vinte e cinco quilos mais do

que Jake, e a sua irritação ia crescendo. A conversa atraiu a atenção de um policial que se

colocou entre ambos. Com uma piscadela de olho a Buckley, Jake saiu da sala.

Às duas horas, o clã dos Hailey, conduzido por Lester, en trou no escritório de Jake

pela porta dos fundos. Jake recebeu-os numa sala pequena, ao lado da sala de conferências,

no primeiro andar.

Falaram sobre a entrevista à imprensa. Vinte minutos depois, Ozzie e Carl Lee

entraram calmamente pela porta dos fundos e Jake levou-os para o escritório onde estava a

família de Carl Lee. Jake e Ozzie saíram da sala.

A entrevista à imprensa foi cuidadosamente orquestrada por Jake, que ficou admirado

com a própria habilidade para manipular a imprensa e com a disposição d a imprensa de se

deixar manipular.

Jake sentou-se a um lado da mesa de conferências com os três filhos de Hailey de

pé atrás dele. Gwen sentou-se à sua esquerda, Carl Lee à direita, com Tonya no colo.

As normas legais proibiam a divulgação da identidade de uma criança vítima de

estupro, mas Tonya era diferente. O seu nome, o seu rosto e a sua idade eram muito

conhecidos por causa do pai. Ela já fora mostrada ao mundo e Jake queria que fosse vista e

fotografada com o seu vestido dos domingos, sentada nos joelhos do pai. Os jurados, fossem

eles quem fossem, ou onde vivessem, estariam vendo.

Os repórteres enchiam a sala, o corredor e a recepção, onde Ethel secamente os

mandou sentar e deixarem-na em paz. Um policial guardava a porta da frente e dois outros

estavam sentados nos degraus dos fundos. O xerife Walls e Lester, um pouco constrangidos,

estavam de pé, atrás dos Hailey e do seu advogado. Os microfones foram amontoados em

cima da mesa, em frente de Jake, e as câmeras clicavam, sob as luzes quentes da te levisão.

-

Quero fazer algumas observações preliminares - começou Jake. - Em

primeiro lugar, sou eu quem responde a todas as perguntas. Nenhuma pergunta deve

ser dirigida ao Sr. Hailey ou à sua família. Se lhe fizerem alguma pergunta, lhe direi

que não responda. Segundo, quero apresentar-lhes a sua família. À minha esquerda

está sua mulher, Gwen Hailey. De pé, atrás de nós, estão os filhos Carl Lee Jr., Jarvis

e Robert.

Atrás deles está o irmão do Sr. Hailey, Lester Hailey.

Depois de ter feito uma pausa, Jake sorriu para Tonya.

-

Sentada no colo do pai, está Tonya Hailey. Agora, estou pronto para

responder às perguntas.

-

Que aconteceu no tribunal, esta manhã?

-

O Sr. Hailey foi formalmente acusado, declarou-se inocente e o

julgamento foi marcado para o dia 22 de Julho.

-

Houve uma altercação entre o senhor e o promotor?

-

Sim. Depois da leitura da acusação, o Dr. Buckley aproximou -se,

segurou-me no braço e parecia querer me agredir, quando um policial interferiu.

-

O que provocou essa atitude?

-

O Dr. Buckley tem tendência para se descontrolar quando está sob

pressão. - O senhor e o Dr. Buckley são amigos?

-

Não.

-

O julgamento vai ser em Clanton?

-

A defesa vai apresentar uma moção para transferência de foro. O local

do julgamento será determinado pelo juiz Noose. Não tenho nenhuma previsão de

qual será ele.

-

Pode descrever o efeito de tudo isso na família Hailey? Jake pensou

um instante, enquanto as câmeras rodavam. Olhou rapidamente para Carl Lee e

Tonya.

-

Estão vendo uma família simples. Até há duas semanas, a vida era

boa e simples. Tinha um bom emprego na fábrica de papel, algum dinheiro no banco,

segurança, estabilidade, igreja todos os domingos, uma família unida. Então, por

motivos só conhecidos de Deus, dois vagabundos bêbados e drogados cometeram

um terrível ato de violência contra esta menina. Nós todos ficamos chocados e

enojados. Arruinaram a vida dela e as vidas dos pais e dos familiares. Foi demais para

o pai dela. Descontrolouse. Perdeu a razão. Agora, está na cadeia à espera do

julgamento e da possibilidade da câmara de gás. O emprego deixou de existir. O

dinheiro acabou. A inocência foi perdida. As crianças enfrentam a possibilidade de

crescer sem o pai. A mãe precisa encontrar um emprego para sustentar os filhos e

pedir emprestado aos amigos e familiares para sobreviver. Enfim, para responder à

sua pergunta, senhor, a família foi devastada e destruída.

Gwen começou a chorar em silêncio e Jake deu-lhe um lenço.

-

O senhor está sugerindo uma defesa baseada em insanidade?

-

Sim.

-

Vai ser feita realmente a alegação de insanidade?

-

Sim.

-

O senhor pode provar essa alegação?

-

Isso ficará a cargo do júri. Vamos apresentar especialistas no campo da psiquiatria.

-

Já consultou algum desses especialistas?

-

Sim - mentiu Jake.

-

Pode dizer-nos os nomes deles?

-

Não, não seria apropriado neste momento.

-

Ouvimos falar de ameaças de morte contra o Sr. Hailey, O senhor pode confirmar isso?

-

As ameaças continuam contra o Sr. Hailey, a família dele, a minha família, o xerife, o juiz, quase todos ligados ao caso. Eu não sei até que ponto

devemos dar-lhes crédito.

Carl Lee bateu de leve na perna de Tonya e olhou para a mesa. Ele parecia

assustado, infeliz, precisando de apoio. Os meninos também estavam assustados, mas de

acordo com as ordens rigorosas recebidas, continuavam de pé, com medo de fazer um

movimento. Carl Lee Jr., o mais velho, com quinze anos, estava atrás de Jake. Jarvis, o do

meio, atrás do pai. E Robert, onze anos, atrás da mãe. Estavam os três de terno azulmarinho,

camisa branca e laço vermelho. O terno de Robert fora de Carl Lee Jr. e depois de Jarvis e

parecia um pouco mais usado do que os outros dois. Mas estava limpo, bem passado e com

os punhos perfeitos. Os meninos pareciam inteligentes. Como é que um jurado podia votar a

favor de privá-los do pai?

A conferência de imprensa foi um sucesso. Fragmentos da entrevista apareceram nas

redes nacionais e nas estações locais, tanto no primeiro, q uanto no último noticiário. Na

quinta-feira, os Hailey e o seu advogado apareceram nas primeiras páginas dos jornais.

DEZESSEIS

A sueca telefonara inúmeras vezes durante as duas semanas em que o marido esteve

no Mississipi. Ela não confiava nele, naquela cidade. Lester já tinha confessado vários casos

amorosos antes do casamento. Cada vez que ela telefonava, Lester não estava em casa e

Gwen explicava que ele tinha ido pescar ou estava corta madeira para a fábrica de papel,

para poder comprar mantimentos. Gwen estava cansada de mentir e Lester cansado das

escapadelas, cada um deles estava farto do outro. Quando o telefone tocou, na madrugada

de sexta-feira, Lester atendeu. Era a sueca.

Duas horas depois, o Cadillac vermelho parou em frente da cadeia . Moss Junior levou

Lester até à cela de Carl Lee. Os irmãos conversaram em voz baixa para não acordar os

outros prisioneiros.

-

Tenho de ir para casa - disse Lester, meio envergonhado, meio tímido.

-

Porquê? - perguntou Carl Lee, como se já esperasse aquilo.

-

A minha mulher telefonou esta manhã. Se eu não voltar para o

trabalho amanhã, vão me despedir. Carl Lee meneou a cabeça afirmativamente.

-

Lamento muito, Bubba. Não fico nada satisfeito com isso, mas tenho

de ir.

-

Compreendo. Quando volta?

-

Quando quer que eu volte?

-

Para o julgamento. Vai ser duro para a Gwen e as crianças. Pode

voltar?

-

Sabe que vou estar presente. Tenho alguns dias de férias e mais o

resto. Estarei aqui.

Sentaram-se na beira da cama de Carl Lee, olhando para os outros prisioneiros, e m

silêncio. A cela estava escura e sossegada. Os dois beliches em frente da cama de Carl Lee

estavam vazios.

-

Com a breca, eu já tinha esquecido de como este lugar é horrível -

disse Lester.

-

Só espero não ter de ficar aqui muito tempo. Puseram-se de pé e,

depois de um abraço, Lester chamou Moss Junior para abrir a porta.

-

Tenho orgulho em você, Bubba - disse Lester ao irmão mais velho e

voltou para Chicago.

A segunda visita daquela manhã foi o advogado de Carl Lee, no escritório de Ozzie.

Jake estava irritado e com os olhos vermelhos.

-

Carl Lee, falei com dois psiquiatras de Memphis, ontem. Sabe qual é o mínimo

que cobram para uma avaliação para fins legais? Sabe?

-

Tenho obrigação de saber? - perguntou Carl Lee.

-

Mil dólares - exclamou Jake. - Mil dólares. Onde é que você vai arranjar mil

dólares?

-

Dei a você todo o dinheiro que tinha. Até ofereci...

-

Não quero a escritura das suas terras. Para quê? Ninguém quer comprá -las

e, se você não puder vender, não adianta nada. Precisamos de dinheiro, Carl Lee. Não para

mim, mas para os psiquiatras.

-

Porquê?

-

Porquê!? - disse Jake, incrédulo. - Porquê? Porque eu quero evitar que você

vá para a câmara de gás e ela fica apenas a cento e sessenta quilômetros daqui. Não é longe.

E para fazer isso, preciso convencer o júri de que você estava louco quando matou aqueles

homens. Não posso dizer que você estava louco. Você não pode dizer que estava louco.

Quem tem de o dizer é um psiquiatra. Um especialista. Um médico. E eles não trabalham de

graça. Compreendeu?

Carl Lee acocorou-se para olhar para uma aranha no tapete empoeirado. Ao fim de

doze dias na cadeia e de duas apresentações no tribunal, estava farto do sistema judiciário.

Lembrou-se das horas e dos minutos antes do crime. Quais eram os seus pensamentos? É

claro que os homens tinham de morrer. Carl Lee nem pensou em remorso. Mas, teria pensado

em prisão, pobreza, advogados ou psiquiatras? Talvez, mas só por breves instantes. Essas

coisas desagradáveis eram subprodutos que deviam ser enfrentados e suportados durante

algum tempo, até à sua libertação. Depois do crime, o sistema ia processá -lo, justificar o seu

ato e mandá-lo de volta para junto da família. Ia ser fácil, exatamente como o caso de Lester

que tinha sido praticamente sem problemas.

Mas o sistema não estava funcionando agora. Estava conspirando para mantê -lo na

prisão, para lhe quebrar o ânimo, e lhe deixar os filhos órfãos. Parecia resolvido a punilo por

um ato que ele considerava inevitável. E agora, o seu único aliado fazia -lhe exigências que

ele não podia atender. O seu advogado pedia-lhe o impossível. O seu amigo Jake estava

zangado e aos gritos.

-

Arranje o dinheiro - gritou Jake, encaminhando-se para a porta. - Arranje-o

com seus irmãos e irmãs, a família da Gwen, seus amigos, sua igreja. Mas arranje o dinheiro.

E o mais rápido possível.

Jake bateu com a porta e saiu do edifício.

O terceiro visitante daquela manhã chegou antes do meio-dia numa limusine negra

com motorista e placas do Tennessee. Depois de manobrar no pequeno estacionamento,

parou ocupando três vagas. Um enorme guarda-costas negro saiu do carro e abriu a porta

ao patrão. Seguiram ambos pelo passeio e entraram no edifício da cadeia.

A secretária parou de escrever à máquina e sorriu, desconfiada.

-

Bom dia.

-

Bom dia - disse o mais baixo deles, o homem com a pala no olho. -

Chamo-me Cat Bruster e gostaria de falar com o xerife Walls.

-

Posso perguntar qual é o assunto?

-

Pode sim, minha senhora. É a respeito do Sr. Hailey, um morador do

seu belo estabelecimento.

O xerife ouviu o seu nome e apareceu à porta para cumprimentar o infame visitante.

-

Sr. Bruster, sou Ozzie Walls. - Estendeu a mão, que Cat apertou. O

guardacostas não se mexeu.

-

É um prazer conhecê-lo, xerife. Eu sou Cat Bruster, de Memphis.

-

Sim, eu sei quem o senhor é. Tenho-o visto nos noticiários. O que o

traz a Ford County?

-

Bem, tenho um amigo com um grande problema. Carl Lee Hailey.

Estou aqui para ajudá-lo.

-

Muito bem. E quem é ele? - perguntou Ozzie, olhando para o guarda-

costas. Ozzie media cerca de um metro e noventa e cinco e era pelo menos dez

centímetros mais baixo do que homem.

O guarda-costas devia pesar no mínimo cento e cinqüenta quilos, a maior parte nos

braços.

-

Este aqui é Tiny Tom - explicou Cat. - Chamamos-lhe Tiny para

abreviar.

-

Entendi.

-

É como se fosse um guarda-costas. - Ele não está armado, ou está?

-

Ora, xerife, ele não precisa de arma.

-

É claro. Por que é que o senhor e Tiny não entram no meu escritório?

No escritório, Tiny fechou a porta e ficou de pé em frente dela. Cat sentou -se na cadeira, diante da mesa do xerife.

-

Ele pode sentar, se quiser - disse Ozzie a Cat.

-

Não, xerife, ele fica sempre de pé junto da porta. Foi treinado assim.

-

Como se fosse um cão policial?

-

Exatamente.

-

Ótimo. Quer falar sobre quê?

Cat cruzou as pernas e apoiou no joelho a mão cheia de anéis de brilhantes.

-

Bem, xerife, eu e Carl Lee nos conhecemos há muito tempo. Lutamos

juntos no Vietnã. Fomos encurralados perto de Da Nang, no verão de 71. Eu fui ferido

na cabeça e, bam! dois segundos depois ele foi ferido na perna. O nosso esquadrão

desapareceu e os amarelos praticavam tiro ao alvo em nós. Carl Lee arrast ou-se até

onde eu estava, pôsme no ombro e correu no meio do tiroteio para uma vala perto de

um caminho. Comigo pendurado às costas, arrastou-se ao longo de quase cinco

quilômetros. Salvou a minha vida. Ganhou uma medalha por ter feito isso. Sabia?

-

Não.

-

É verdade. Ficamos juntos no hospital em Saigon durante dois meses,

depois regressamos ambos do Vietnã. E não pretendo voltar lá.

Ozzie ouvia atentamente.

-

E agora que aquele meu camarada está metido numa embrulhada, eu

gostaria de ajudá-lo.

-

Foi a você que ele foi pedir a M-16? Tiny rosnou e Cat sorriu.

-

É claro que não.

-

Gostaria de vê-lo?

-

É claro! É assim tão fácil?

-

É. Se puder tirar Tiny da frente da porta, eu vou buscá -lo.

Tiny afastou-se para o lado e dois minutos depois Ozzie voltou com o prisioneiro. Cat

gritou de alegria, abraçou Carl Lee e cumprimentaram-se ambos, aos murros, como lutadores

de boxe.

Carl Lee olhou embaraçado para Ozzie, que percebeu a deixa e saiu da sala. Tiny

fechou a porta e ficou de guarda. Carl Lee juntou duas cadeiras para que ficassem um na

frente do outro e bem próximos. Cat foi o primeiro a falar.

-

Estou orgulhoso do que fez, bela figura. Porque não me disse que era

para isso que queria a arma?

-

Achei melhor não dizer.

-

Como foi?

-

Igualzinho ao Vietnã, só que eles não podiam atirar em mim.

-

É essa a melhor maneira.

-

É, acho que sim. Eu só queria que nada disto tivesse acontecido.

-

Não está arrependido, não é?

Carl Lee balançou-se na cadeira e olhou para o teto.

-

Eu faria tudo outra vez, portanto não sinto remorsos. Eu só queria que

eles não tivessem maltratado a minha filha. Eu queria que ela estivesse como antes.

Queria que nada daquilo tivesse acontecido.

-

Claro, claro... Deve ser difícil para você estar aqui pr eso.

-

Não estou preocupado comigo. O que me atormenta é a minha família.

-

Claro, claro, como vai a sua mulher?

-

Está bem. Vai aguentar.

-

Vi no jornal que o julgamento vai ser em Julho. Ultimamente, você tem

aparecido nos jornais mais do que eu.

-

Pois é, Cat, mas você sempre escapa. Eu não tenho tanta certeza

disso.

-

Você tem um bom advogado, não tem?

-

É. Ele é bom.

Cat levantou-se e deu alguns passos pela sala, admirando os troféus e certificados

de Ozzie.

-

Foi especialmente por isso que eu vim te ver, meu...

-

Por isso o quê? - perguntou Carl Lee, sem saber o que o amigo

pretendia, mas certo de que a visita tinha um objetivo.

-

Carl Lee, sabe quantas vezes já fui julgado?

-

Tenho a impressão de que passa o tempo todo no tribunal.

-

Cinco! Cinco vezes eles me levaram a julgamento. Os federais. Os

estaduais. Os municipais. Drogas, jogo, suborno, contrabando de armas, prostituição.

Por tudo quanto possa imaginar, eles já me julgaram! E quer saber o melhor, Carl

Lee? Eu era sempre culpado. Todas as vezes que fui ao tribunal eu era culpado como

o diabo. Sabe quantas vezes fui condenado?

-

Não.

-

Nenhuma! Não me apanharam uma única vez. Cinco julgamentos,

cinco vezes inocente!

Carl Lee sorriu com admiração.

-

Sabe por que é que eles não conseguem me condenar?

Carl Lee tinha uma idéia, mas abanou a cabeça.

-

Porque, Carl Lee, eu tenho o mais esperto, o mais danado, o mais

desonesto advogado criminal desta região. Ele mente, ele faz jogo sujo e os policiais

o odeiam. Mas estou sentado aqui e não numa prisão. Ele f az qualquer coisa para

ganhar uma causa.

-

Quem é ele? - perguntou Carl Lee, com curiosidade.

-

Já o viu na televisão entrando e saindo do tribunal. Está sempre nos

jornais. Sempre que algum velhaco importante se mete em problemas, lá está ele...

Ele defende os traficantes de drogas, os políticos, eu, todos os assassinos

importantes.

-

Como é que ele se chama?

-

Ele só pega em causas criminais, especialmente drogas, suborno,

extorsão, coisas assim. Mas quer saber de que é que ele gosta mais?

-

De quê?

-

Homicídio. Ele adora casos de homicídio. Nunca perdeu um. Agarra

todos os grandes, em Memphis. Lembra-se de quando eles apanharam aqueles dois

negros em flagrante, atirando um cara da ponte, no Mississipi? Apanharam os caras

em flagrante. Há uns cinco anos, mais ou menos.

-

Sim, me lembro.

-

Foi um grande julgamento que durou duas semanas e eles saíram

livres. Foi esse advogado. Tirou os dois de lá. Julgados inocentes.

-

Acho que me lembro de ter visto esse advogado na televisão.

-

É claro que viu. É um sujeito mau, Carl Lee. Estou dizendo, o homem

não perde nunca.

-

Qual é o nome dele?

Cat sentou-se e olhou solenemente para Carl Lee.

-

Bo Marsharfsky - disse ele.

Carl Lee olhou para o teto como se se lembrasse do nome.

-

E daí?

Cat pôs cinco dedos com oito quilates no joelho de Carl.

-

Daí, que ele quer te ajudar, meu !

-

Eu já tenho um advogado a quem não posso pagar. Como é que vou

pagar a outro?

-

Não precisa pagar, Carl Lee. É aí que eu entro. Ele está às minhas

ordens. É propriedade minha. Paguei ao cara quase cem mil dólares, no ano passado,

só para me manter fora de chatices. Você não pagará nada.

De repente Carl Lee ficou muito interessado em Bo Marsharfsky.

-

Como é que ele sabe de mim?

-

Porque lê os jornais e vê televisão. Sabe como são os advogados. Eu

estive no escritório dele, ontem, e ele estava lendo um jornal com a sua fotografia na

primeira página. Falei-lhe de nós. Ficou doido! Disse que tem de pegar o seu caso.

Eu disse-lhe que podia ajudar.

-

E é por isso que está aqui?

-

Claro! Ele disse que conhece as pessoas certas para te livrar.

-

Quem, por exemplo?

-

Médicos, psiquiatras, gente desse tipo. Ele conhece todos.

-

Eles custam dinheiro.

-

Eu pago, Carl Lee! Ouça o que estou dizendo! Eu pago tudo. Terá o

melhor advogado e os melhores médicos que o dinheiro pode comprar, e o seu velho

amigo Cat paga a conta. Não te preocupe com o dinheiro.

-

Mas eu tenho um bom advogado.

-

Que idade tem ele?

-

Acho que uns trinta.

Cat revirou os olhos, atônito!

-

É uma criança, Carl Lee. Não foi há muito tempo que saiu da escola!

Marsharfsky tem cinqüenta anos e já defendeu mais assassinos do que o seu garoto

jamais vai ver. É a tua vida, Carl Lee. Não a deixe nas mãos de um principiante.

De repente, Jake tornou-se muito jovem. Mas, no julgamento de Lester, ele era ainda

mais novo.

-

Ouça, Carl Lee, estive em muitos julgamentos e aquelas coisas todas

são complicadas e muito técnicas. Um erro e está feito. Se esse rapaz cometer um

engano, isso pode ser a diferença entre vida e morte. Você não pode se arriscar a ter

nenhum garoto na sua defesa e esperar que ele não cometa nenhum erro. Um engano

- Cat fez estalar os dedos para efeito especial - e você está na câmara de gás.

Marsharfsky não comete erros.

Carl Lee estava num beco sem saída.

-

Acha que ele trabalharia com o meu advogado? - perguntou, à procura

de um acordo.

-

Não! De maneira nenhuma. Ele não trabalha com ninguém. Ele não

precisa de nenhuma ajuda. O seu advogado sai! Carl Lee apoiou os cotovelos nos

joelhos e olhou para os pés. Era impossível arranjar mil dólares para o médico. Ele

não compreendia a necessidade disso, uma vez que não estava louco quando fizera

aquilo, mas evidentemente ia precisar de um médico. Todas as pessoas achava que

era necessário. Mil dólares para um médico barato. Cat estava oferecendo -lhe o

melhor que o dinheiro podia comprar.

-

Detesto fazer isso com o meu advogado - murmurou ele.

-

Não seja burro, homem - disse Cat. - Acho melhor que comece a

pensar em Carl Lee e para o diabo com esse rapaz. Não é o momento de se preocupar

com sentimentalismos. Ele é um advogado. Vai sobreviver.

-

Mas eu já paguei...

-

Quanto? - quis saber Cat, fazendo estalar os dedos para Tiny.

-

Novecentos.

Tiny tirou do bolso um maço de notas, Cat separou nove notas de cem e colocouas

no bolso da camisa de Carl Lee.

-

Aqui está alguma coisa para as crianças - disse ele, separando uma

nota de mil e juntando-a às outras, no bolso da camisa.

As pulsações de Carl Lee aceleraram-se, quando pensou no dinheiro sobre o seu

coração. Sentiu o dinheiro entrar no bolso e comprimir -lhe de leve o peito. Queria olhar para

a nota de mil e segurá-la firme entre os dedos. Comida, pensou, comida para as crianças.

-

Negócio fechado? - perguntou Cat com um sorriso.

-

Quer que eu despeça o meu advogado e contrate o seu? - quis saber

Carl Lee, cauteloso.

-

Isso mesmo.

-

E você vai pagar tudo?

-

Claro, claro.

-

E este dinheiro?

-

É seu. Avise se precisar de mais.

-

Você é um grande amigo, Cat.

-

Eu sou um homem muito bom. Estou ajudando dois amigos. Um

salvou a minha vida há muitos anos e o outro salva a minha pele de dois em dois

anos.

-

Porque ele quer tanto o meu caso?

-

Publicidade. Sabe como são os advogados. Repare na quantidade de

publicidade que o outro já conseguiu graças a você. É o sonho de qualquer advogado.

Estamos combinados?

-

Sim, estamos combinados.

Cat bateu afetuosamente com o punho fechado no ombro de Carl Lee e dirigiu - se ao

telefone, na mesa de Ozzie. Marcou o número.

-

A cobrar ao 901-566-9800. De Cat Bruster para Bo Marsharfsky.

No vigésimo andar de um edifício de escritórios, no centro da cidade, Bo Marsharfsky

desligou o telefone e perguntou à secretária se estava pronto o material para a imprensa. Ela

entregou-lhe o papel e o advogado leu-o atentamente.

-

Parece-me bem - disse ele. - Mande para os dois jornais

imediatamente. Digalhes que usem a fotografia do arquivo, a nova. Fale com Frank

Fields, no Post. Diga-lhe que quero isto na primeira página, amanhã de manhã. Ele

está me devendo um favor.

-

Sim, senhor. E as estações de televisão? - perguntou ela.

-

Mande uma cópia. Não posso falar agora, mas darei uma conferência

de imprensa em Clanton, na semana que vem.

Lucien telefonou no sábado, às seis e meia da manhã. Carla estava aninhada entre

os cobertores e não atendeu. Jake rolou para o lado da parede e tropeçou no candeeiro até

que finalmente conseguiu encontrar o telefone.

-

Alô - disse com voz sonolenta.

-

O que é que você está fazendo? - perguntou Lucien.

-

Estava dormindo até o telefone tocar.

-

Viu o jornal?

-

Que horas são?

-

Vá buscar o jornal e depois me telefone.

Lucien desligou. Jake olhou para o telefone e depois desligou também. Sentou -se na

beira da cama, esfregou os olhos e tentou lembrar -se da última vez que Lucien tinha

telefonado para sua casa. Devia ser importante.

Jake fez café, abriu a porta para o cão e caminhou rapidamente com os seus shorts

de ginástica e a camiseta até o portão onde estavam os três jornais da manhã, um muito

perto do outro. Tirou os elásticos e abriu os jornais ao lado da xícara de café, na

mesa da

cozinha. Nada no jornal de Jackson. Nada no de Tupelo. The Memphis Post tinha uma

manchete sobre morte no Médio Oriente, e aí ele encontrou. Na parte inferior da primeira

página estava a sua fotografia e debaixo dela a frase "Sai Jake Brigance". Ao lado, estava

uma foto de Carl Lee e junto dela uma magnífica fotografia de uma cara que ele já vira antes,

com a legenda "Entra Bo Marsharfsky". O título anunciava que o famoso advogado criminal

de Memphis fora contratado para representar o "justiceiro assassino".

Jake ficou atônito, trêmulo e confuso. Devia ser um engano. Tinha falado com Carl

Lee na véspera. Leu a notícia devagar. Não tinha muitos detalhes, apenas uma relação dos

maiores veredictos de Marsharfsky. O advogado prometia uma conferência de imprensa, em

Clanton. Dizia que o caso representava novos desafios, etc. E que confiava nos jurados de

Ford County.

Jake trocou os shorts por calças cáqui engomadas e vestiu uma camisa social. Carla

dormia ainda, sob os cobertores. Ele lhe diria depois. Não seria prudente ir ao Coffee Shop.

Na mesa de Ethel, Jake leu o jornal novamente e olhou para sua fotografia na

primeira página.

Lucien não foi muito encorajador. Ele conhecia Marsharfsky, ou "O Tubarão", como

era conhecido. Era um vigarista com muita elegância e finesse. Lucien admirava -o.

Moss Junior conduziu Carl Lee ao escritório de Ozzie, onde Jake o esperava com o

jornal na mão. O policial saiu e fechou a porta. Carl Lee sentou -se no pequeno sofá de couro

preto. Jake atirou-lhe o jornal.

-

Já viu isto? - perguntou.

Carl Lee olhou-o com ferocidade e ignorou o jornal.

-

Porquê, Carl Lee?

-

Não tenho de lhe dar explicações, Jake.

-

Tem, sim. Não teve coragem de me telefonar como um homem e dar

a notícia de homem para homem. Deixou que eu soubesse pelo jornal. Eu exijo uma

explicação.

-

Você queria dinheiro demais, Jake. Está sempre falando em dinheiro.

Aqui estou eu, na cadeia, e você a atormentar-me com coisas que não posso fazer.

-

Dinheiro! Você não me pode pagar. Como é que pode pagar a

Marsharfsky? - Não vou pagar.

-O quê?!

-

Ouviu o que eu disse. Não vou pagar.

-

Suponho que ele trabalha de graça.

-

Não. Alguém vai pagar.

-

Quem? - gritou Jake.

-

Não lhe vou dizer. Não é da sua conta, Jake.

-

Você contratou o maior advogado criminal de Memphis e é outra

pessoa quem lhe vai pagar?

-

É isso mesmo.

A Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor, pensou Jake. Não, eles

não contratariam Marsharfsky. A associação tem os seus próprios advogados. Além disso,

ele era caro demais para eles. Quem mais?

Carl Lee apanhou o jornal e dobrou-o cuidadosamente. Estava envergonhado e não

se sentia bem, mas a decisão tinha sido tomada. Tinha pedido a Ozzie que telefonasse a

Jake e lhe desse a notícia, mas o xerife não quisera meter -se nisso. Carl Lee devia ter

telefonado, mas não ia pedir desculpa. Olhou para o retrato na primeira página. Gostou do

"justiceiro".

- E não me vai dizer quem? - perguntou Jake, mais calmo.

- Não, Jake, não vou dizer.

- Falou com Lester sobre isto?

A raiva voltou a aparecer nos olhos dele.

-

Não. Não é o Lester que vai ser julgado, e não é da conta dele.

-

Onde está ele?

-

Em Chicago. Foi embora ontem. E não adianta telefonar -lhe. Eu tomei

a minha decisão, Jake.

Veremos, pensou Jake. Em breve, Lester iria ficar sabendo. Jake abriu a porta.

-

Então é isso. Estou despedido. Desta maneira.

Carl Lee olhou para a sua fotografia no jornal e não disse nada.

Carla tomava café e estava à espera. Um repórter de Jackson tinha telefonado para

falar com Jake e contara-lhe a respeito de Marsharfsky.

Não houve palavras, só movimentos. Jake colocou café numa xícara e foi para a

varanda dos fundos. Enquanto bebia o café quente, olhou para as cercas -vivas mal cuidadas

que marcavam os limites do seu quintal estreito e comprido. Um sol forte aquecia o verde -

escuro dos pés de cebola e secava o orvalho, formando uma névoa pegajosa que subia do

chão e lhe colava a camisa no corpo, Os arbustos das cercas e o gramado esperavam a poda

semanal. Jake atirou para o lado os moçassem - estava sem meias - e caminhou sobre a

relva molhada para examinar um pequeno chafariz quebrado onde os passarinhos se

banhavam, perto de um enfezado pé de pervinca, a única árvore que merecia esse nome no

jardim.

Carla seguiu-lhe as pegadas na relva e pôs-se atrás dele. Jake pegou-lhe na mão e

sorriu.

-

Está bem? - perguntou Carla.

-

Sim, estou bem.

-

Falou com ele?

-

Falei.

-

Que foi que ele disse?

Jake abanou a cabeça, sem dizer nada.

-

Tenho muita pena, Jake.

Ele inclinou a cabeça afirmativamente e olhou para o chafariz.

-

Haverá outros casos - disse Carla, sem muita convicção.

-

Eu sei. - Jake pensou em Buckley e ouviu a gargalhada dele. Pensou

nos fregueses do Coffee Shop e jurou que não voltaria lá. Pensou nas câmeras e nos

repórteres e uma dor surda apertou-lhe o estômago. Pensou em Lester, a sua única

esperança de recuperar o caso.

-

Quer comer alguma coisa? - perguntou Carla.

-

Não. Não estou com fome. Obrigado.

-

Procure ver o lado positivo - disse ela. - Já não precisamos ter medo

de atender ao telefone.

-

Acho que vou cortar a relva - disse Jake.

DEZESSETE

O Conselho de Ministros era um grupo de pregadores negros criado para coordenar

as atividades políticas nas comunidades negras de Ford County. Reunia -se raramente, a não

ser nos anos de eleições, quando realizava reuniões semanais nas tardes de domingo para

entrevistar candidatos, discutir problemas e especialmente determinar a benevolência de

cada um dos candidatos a um cargo público. Acordos eram feitos, estratégias planejadas,

dinheiro pago e recebido. O conselho já tinha provado que podia garantir o voto dos negros .

Donativos e ofertas às igrejas negras cresciam significativamente na época das eleições.

O reverendo Ollie Agee convocou uma reunião extraordinária do conselho na tarde

de domingo na sua igreja. Fez o seu sermão mais cedo e, às 4 horas da tarde, os fiéi s já

tinham saído quando os Cadillacs e Lincolns chegaram ao seu estacionamento. As reuniões

eram secretas e só os membros do conselho eram convidados. Havia vinte e três igrejas

negras em Ford County e vinte e dois membros do conselho estavam presentes qu ando o

reverendo Agee deu início à reunião. Seria uma reunião breve, uma vez que

alguns pastores,

especialmente os da Igreja de Cristo, deviam oficiar os cultos da noite.

O objetivo da reunião, explicou ele, era organizar o apoio moral, político e finance iro

a Carl Lee Hailey, um membro proeminente da sua igreja. Deviam estabelecer um fundo para

sua defesa, a fim de lhe garantirem a melhor representação legal. Outro fundo seria

estabelecido para ajudar o sustento da família de Hailey. Ele, o reverendo Agee , seria o

presidente do movimento de recolha de fundos e cada ministro seria responsável pela sua

congregação, como sempre. Uma coleta especial seria feita durante as cerimônias matinais

e noturnas, a partir do domingo seguinte. Agee se encarregaria de ent regar o dinheiro à

família. Metade do que fosse arrecadado iria para os fundos de defesa. O tempo era

importante. O julgamento estava marcado para o mês seguinte. Precisavam arranjar dinheiro

rapidamente, enquanto o assunto estava quente e a população disp osta a colaborar.

A aprovação do conselho foi unânime. O reverendo Agee continuou. A Associação

Nacional para o Progresso dos Homens de Cor devia tomar parte ativa no caso Hailey. Ele

não seria levado a julgamento se fosse branco. Não em Ford County. Ia a julgamento só

porque era negro, e isso devia ser questionado pela associação. O diretor nacional fora

contatado. As sedes locais de Memphis e Jackson tinham prometido ajudar. Realizariam

conferências de imprensa. Manifestações e passeatas eram importantes . Talvez o boicote a

firmas de brancos - era uma tática popular naquele momento e funcionava com resultados

espantosos.

Tudo isso devia ser feito imediatamente enquanto a população estava disposta a

ajudar. Os ministros religiosos concordaram unanimemente e saíram para os seus cultos

noturnos.

Em parte devido ao cansaço e em parte devido ao constrangimento, Jake dormiu até

mais tarde e não foram à igreja. Carla preparou panquecas e eles fizeram um longo café da

manhã com Hanna no pátio. Jake pôs de lado os jornais do domingo depois de ter

encontrado, na primeira página do segundo caderno do The Memphis Post, uma reportagem

de página inteira sobre Marsharfsky e seu famoso novo cliente. A história era completa, com

fotos e declarações do grande advogado. O caso Hailey representava o seu maior

desafio,

dizia ele. Assuntos importantes de ordem legal e social irão ser discutidos. A sua defesa iria

ser completamente nova, prometia ele. Gabava-se de não ter perdido nenhuma causa nos

últimos doze anos. Seria difícil, mas ele confiava na sabedoria e na justiça dos jurados do

Mississipi.

Jake leu o artigo sem fazer comentários e atirou o jornal para o caixote do lixo.

Carla sugeriu um piquenique e, embora precisasse trabalhar, Jake não disse nada.

Puseram a comida e os brinquedos no Saab e foram para o lago. As águas escuras e

lamacentas do lago Chatulla estavam na sua altura máxima e, dentro de alguns dias,

começariam a sua retirada para o centro. A enchente atraiu uma flotilha de barcos com

esquiadores, barcos de pesca, catamarãs e caiaques.

Carla estendeu duas mantas pesadas debaixo de um carvalho na encosta de uma

colina enquanto Jake descarregava a comida e a casa de bonecas. Hanna arrumou a sua

grande família, com animais de estimação e automóveis, numa das mantas e começou a dar

ordens enquanto armava a casa. Os pais ouviam, sorrindo. O nascimento de Hanna fora um

pesadelo doloroso e muito sofrido, dois meses antes do tempo, assombrado por sintomas e

prognósticos divergentes. Durante onze dias, Jake, sentado ao lado da incubadora na UTI,

viu aquele corpo pequenino, arroxeado, lindo, com um quilo e meio, lutar pela vida enquanto

um exército de médicos e enfermeiras observavam os monitores, ajustavam tubos e agulhas

e abanavam a cabeça. Quando ficava sozinho, Jake tocava na incubadora e enxugava as

lágrimas. Rezou como nunca tinha rezado. Dormia numa cadeira de balanço, ao lado da filha,

sonhando com uma bela menina de olhos azuis e cabelos negros brincando com bonecas e

dormindo no seu ombro. Conseguia até ouvir a voz dela.

Passado um mês, as enfermeiras começaram a sorrir e os médicos ficaram mais

calmos. Os tubos foram removidos, um todos os dias, durante uma seman a. O peso de Hanna

subiu para dois quilos e vinte e cinco gramas e os pais muito felizes levaram-na para casa.

O médico sugeriu que não tivessem mais filhos, a não ser que fossem adotados.

Hanna estava perfeita agora e o som da sua voz podia ainda encher de lágrimas os

olhos de Jake. Comeram e riram ao ouvirem Hanna ensinar as normas de higiene às

bonecas.

-

É a primeira vez que descansa, em duas semanas - disse Carla,

quando estavam deitados em cima da manta.

Catamarãs de cores vivas cruzavam o lago, lá em baixo, desviando-se dos barcos a

motor que puxavam esquiadores meio-bêbados.

-

Fomos à igreja no domingo passado - disse ele.

-

E você pensou o tempo todo no julgamento.

-

Ainda estou pensando.

-

Acabou, não acabou?

-

Não sei.

-

Será que ele vai mudar de idéia?

-

É possível, se Lester falar com ele. É difícil dizer. Os negros são

imprevisíveis, especialmente quando estão metidos em problemas. Ele fez um bom

negócio. Conseguiu o melhor advogado criminal de Memphis e está livre.

-

Quem é que paga?

-

Um velho amigo de Memphis, um cara chamado Cat Bruster.

-

Quem é ele?

-

Um bandido. Traficante de drogas, assassino, ladrão. Marsharfsky é advogado dele. Dois canalhas.

-

Carl Lee te contou isso?

-

Não. Ele não quis me dizer, por isso perguntei ao Ozzie.

-

Lester sabe?

-

Ainda não.

-

Que quer dizer? Não vai lhe telefonar?

-

Bem, sim, estava pensando nisso.

-

Não acha que é ir longe demais?

-

Acho que não. O Lester tem direito de saber, e...

-

Então o Carl Lee que lhe diga.

-

Sim, devia, mas não vai dizer. Cometeu um erro e ainda não percebeu.

-

O problema é dele, não seu. Pelo menos, deixou de ser.

-

Carl Lee não tem coragem de contar ao Lester. Sabe que Lester vai ficar furioso e lhe dizer que cometeu outro erro.

-

Por isso cabe a você interferir nas questões da família...

-

Não. Mas eu acho que Lester devia saber.

-

Tenho certeza de que vai ler isso nos jornais.

-

Talvez não - disse Jake, sem muita convicção. - Acho que Hanna quer mais suco de laranja.

-

E eu acho que você quer mudar de assunto.

-

O assunto não me incomoda. Eu quero a causa, e pretendo reavê -la.

O Lester é a única pessoa que pode fazer isso.

Jake sentiu o olhar de censura de Carla. Olhou para um barco de pesca que derivava

para um banco de lama na margem.

-

Jake, sabe muito bem que isso é antiético. - A voz era calma, mas

firme. As palavras saíam lentas e acusadoras.

-

Não é verdade, Carla. Eu sou um advogado muito ético.

-

Você sempre pregou a ética, mas neste momento está planejando

solicitar a causa. Isso é imoral, Jake.

-

Recuperar, não solicitar.

-

Qual é a diferença?

-

Solicitar é antiético. Nunca vi nenhuma proibição contra recuperar.

-

Não é correto, Jake. Carl Lee contratou outro advogado e está na hora

de você esquecer o caso.

-

E suponho que você acha que Marsharfsky se importa com opiniões

sobre ética. Como é que julga que ele conseguiu o caso? Foi contratado por um

homem que nunca ouviu falar dele. Ele foi ao encalço e conseguiu.

-

E isso faz com que seja correto que seja você, agora, a ir ao encalço?

-

Recuperar, não é correr atrás dele.

Hanna pediu biscoitos e Carla procurou no cesto de piquenique. Apoiado num

cotovelo, Jake ignorou ambas. Pensou em Lucien. Que faria ele naquela situação?

Provavelmente alugaria um avião, iria a Chicago e depois de dar a lgum dinheiro a Lester, o

traria para Ford County, para intimidar Carl Lee e fazê -lo desistir do novo advogado. Diria ao

Lester que Marsharfsky não pode advogar no Mississipi e, como ele é um estranho, os

brancos do júri não iriam acreditar nele. Lucien telefonaria para Marsharfsky acusando-o de

oportunismo e ameaçando-o com uma queixa formal contra seu comportamento antiético,

assim que ele pusesse os pés no Mississipi. Mandaria os seus amigos negros falar com a

Gwen e Ozzie e convencê-los de que o único advogado com alguma chance de ganhar a

causa era Lucien Wilbanks. Finalmente, Carl Lee seria vencido e contrataria Lucien. Era isso

exatamente o que Lucien faria. E estamos falando de ética.

-

Porque você está sorrindo? - perguntou Carla.

-

Estava pensando como é bom estar aqui com você e com a Hanna.

Não fazemos isso muitas vezes.

-

Ficou desiludido, não ficou?

-

Claro! Não vai aparecer mais nenhum caso como este. Ganhando -o,

sou o maior advogado destas bandas. Não precisaríamos nos preocupar com dinheiro

nunca mais.

-

E se perdesse?

-

Mesmo assim seria um trunfo. Mas não posso perder o que não tenho.

-

Constrangido?

-

Um pedaço. Não é fácil aceitar uma coisa destas. Todos os advogados

de Ford County devem estar me gozando, exceto talvez Harry Rex. Mas vou conseguir

superar tudo isso.

-

Que faço com o álbum de recortes?

-

Guarde-o. Talvez consiga completá-lo.

A cruz era pequena, dois metros e setenta e cinco centímetros de comprimento por

um metro e vinte de largura, feita para caber deitada numa pick -up sem chamar a atenção.

Cruzes muito maiores eram usadas para os rituais, mas as pequenas funcionavam melhor

nas investidas noturnas aos bairros residenciais. Não eram usadas com frequência, ou pelo

menos não com a frequência desejada pelos homens que as armavam. Na verdade, há

muitos anos não eram usadas em Ford County. A última fora erguida no quintal

de um negro

acusado de violentar uma mulher branca.

Algumas horas antes do amanhecer, na segunda-feira, a cruz foi retirada rápida e

silenciosamente da pick-up e plantada em um buraco com 25 centímetros de profundidade,

recém-cavado no jardim da elegante casa vitoriana da rua Adams. Uma pequena tocha foi

atirada ao pé da cruz e em segundos ela estava em chamas. A pick-up desapareceu na noite

e parou num telefone público na periferia da cidade, onde uma chamada foi feita para a

central de polícia.

Momentos depois, o subdelegado Marshall Prather entrou na rua Adams e viu

imediatamente a cruz em chamas no jardim da casa de Jake. Ele enveredou pela entrada de

automóvel e parou atrás do Saab. Tocou à campainha e ficou na varanda, olhando para as

chamas. Eram quase três e trinta. Tocou outra vez. A rua estaria escura e silenciosa não

fossem o clarão da cruz e o crepitar da madeira ardendo a quinze metros de distância.

Finalmente, Jake passou aos tropeções pela porta da frente e parou bruscamente,

apavorado, junto do subdelegado. Ambos estavam lado a lado na varanda, embasbacados

não só pela cruz em chamas mas também pela intenção que havia naquilo.

-

Bom dia, Jake - disse Prather, por fim, sem tirar os olhos do fogo.

-

Quem fez uma coisa destas? - perguntou Jake com voz rouca.

-

Não sei. Não disseram o nome. Só telefonaram avisando.

-

Quando é que telefonaram?

-

Há quinze minutos.

Jake passou os dedos pelo cabelo tentando evitar que ficasse inteiramente revoltado

na aragem suave.

-

Vai arder durante quanto tempo? - perguntou, certo de que Prather

sabia tanto como ele, ou ainda menos, sobre cruzes em chamas.

-

Não faço a mínima idéia. Provavelmente está encharcada em

querosene. É a isso que cheira, em todo o caso. Pode arder durante umas duas horas.

Quer que eu chame os bombeiros?

Jake olhou para um lado e depois para o outro da rua. Todas as casas estavam

silenciosas e escuras.

-

Não. Não precisa acordar todas as pessoas. Deixe arder. Não vai danificar nada, não é?

-

O jardim é seu.

Prather não se moveu. Ficou ali parado, com as mãos nos bolsos, a barriga caída sobre o cinturão.

-

Há muito tempo não tínhamos uma destas por aqui. A última de que me lembro foi em Karaway, em mil novecentos e sessenta...

-

Sessenta e sete.

-

Lembra-se?

-

Sim. Eu estava no Liceu. Fomos de carro vê-la arder.

-

Como era o nome do negro?

-

Robinson, não sei quê Robinson. Disseram que ele atacou Velma

Thayer.

-

Tinha sido ele mesmo? - perguntou Prather.

-

O júri achou que sim. Ele está em Parchman colhendo algodão até o fim da vida.

Prather pareceu satisfeito.

-

Vou chamar a Carla - disse Jake, entrando. Voltou com Carla atrás de si. - Meu Deus, Jake. Quem é que fez isto?

-

Sei lá...

-

É o KKK? - perguntou ela.

-

Deve ser - respondeu o subdelegado. - Não conheço mais ninguém que queime cruzes, você conhece, Jake?

Jake abanou a cabeça.

-

Pensei que eles tinham ido embora de Ford County há muitos anos - disse Prather.

-

Pois parece que voltaram - observou Jake.

Carla ficou imóvel, cobrindo a boca com a mão, apavorada. O brilho do fogo

avermelhava-lhe o rosto.

-

Faça alguma coisa, Jake. Apague aquilo.

Jake olhou para o fogo e outra vez para os dois lados da rua. Os estalidos e o crepitar

estavam cada vez mais altos e as chamas alaranjadas subiam na noite. Durante um momento

ele esperou que se apagasse logo, sem ser visto por mais ninguém a não ser por eles três,

e que simplesmente se extinguisse e fosse esquecido e que ninguém em Clanton viesse

alguma vez a saber. Depois sorriu da própria ingenuidade. Prather resmungou e era evidente

que estava cansado de ficar de pé na varanda.

-

Ouça, Jake, ah, eu não queria tocar no assunto, mas pelo que li nos

jornais eles vieram incomodar o advogado errado. É ou não é verdade?

-

Acho que não sabem ler - murmurou Jake.

-

Provavelmente não sabem.

-

Diga-me uma coisa, Prather, sabe da existência de algum membro do

Klan em Ford County?

-

Nenhum. Temos alguns no sul do estado, mas não por aqui. Não que

eu saiba. O FBI disse-nos que o Klan era coisa do passado.

-

Isso não é muito reconfortante.

-

Porquê?

-

Porque esses caras, se são membros do Klan, não são daqui.

Visitantes vindos não sabemos de onde. Significa que não estão brincando, não acha,

Prather?

-

Não sei. Ficaria mais preocupado se fosse gente daqui trabalhando

com o Klan.

Podia significar que o Klan está de volta.

-

O que é que isso significa, a cruz? - perguntou Carla ao policial.

-

É um aviso. Quer dizer, pare com o que anda fazendo, ou da próxima

vez vamos queimar mais do que um pedaço de madeira. Usaram essas coisas

durante anos para intimidar os brancos que simpatizavam com negros e com toda

aquela coisa dos direitos civis. Se os brancos não deixavam de proteger os negros,

começava a violência. Bombas, dinamite, espancamentos, até assassinatos. Mas isso

foi há muito tempo, julgo eu. No seu caso, este é o modo que eles têm de dizer a Jake

que fique longe do Hailey. Mas como ele deixou de ser o advogado do Hailey, não sei

o que significa.

-

Vá ver a Hanna - disse Jake a Carla e ela entrou.

-

Se tiver uma mangueira, eu me encarrego de apagar o fogo - ofereceu

Prather.

-

Boa idéia - disse Jake. - Eu não gostaria que os vizinhos vissem.

Jake e Carla, de roupão, ficaram na varanda vendo o subdelegado borrifar a cruz em

chamas. A madeira chiou e deitou fumo quando a água cobriu a cruz e apagou o fogo. Prather

ensopou-a durante quinze minutos, depois enrolou cuidadosamente a mangueira e colocou -

a atrás dos arbustos, no canteiro, perto dos degraus da frente da casa.

-

Obrigado, Marshall. Vamos manter isso entre nós, está bem?

Prather enxugou as mãos nas calças e ajeitou o chapéu.

-

Claro. Tranque bem tudo. Se ouvir qualquer coisa, telefone para a

central. Estaremos de olho aberto durante os próximos dias. Saiu em marcha ré e

desceu lentamente a rua Adams em direção à praça. Jake e Carla sentaram-se no

balanço da varanda e ficaram olhando para a cruz fumegante.

-

Sinto-me como se estivesse olhando para um número antigo da

revista Life - disse Jake.

-

Ou um capítulo de um manual de história do Mississipi. Talvez lhes

devêssemos dizer que foi despedido.

-

Obrigado.

-

Obrigado?

-

- Por ser tão direta.

-

Desculpe. Devia ter dito dispensado, ou exonerado,

-

Diga apenas que ele arranjou outro advogado. Está mesmo

assustada, não está?

-

Sabe perfeitamente que estou. Estou apavorada. Se eles podem

queimar uma cruz no nosso jardim, o que é que os impede de incendiar a nossa casa?

Não vale a pena, Jake. Eu quero que você seja feliz, que tenha sucesso e todas essas

coisas maravilhosas, mas não à custa da nossa segurança. Nenhuma causa vale isso.

-

Estás satisfeita por eu ter sido despedido?

-

Estou satisfeita por ele ter arranjado outro advogado. Talvez nos

deixem em paz agora.

Jake enlaçou-a com o braço e puxou-a para o seu colo. O balanço oscilou

suavemente. Ela estava linda, às três e trinta da manhã, no seu roupão.

-

Eles não vão voltar, não é? - perguntou ela.

-

Não. Não têm mais nada a ver conosco. Vão descobrir que estou fora

do caso e vão telefonar, pedindo desculpas.

-

Não tem graça nenhuma, Jake.

-

Eu sei.

-

Acha que as pessoas vão saber?

-

Não durante uma hora... Quando o Coffee Shop abrir, às cinco, Dell

Perkins ficará sabendo todos os detalhes antes de servir a primeira xícara de café.

-

O que é que vai fazer com ela? - perguntou Carla indicando com um

movimento de cabeça a cruz agora quase invisível sob a meia-lua.

-

Tive uma idéia. Vamos pôr a cruz no carro, levá-la para Memphis e

queimá-la no jardim do Marsharfsky.

-

Eu vou para a cama.

Às nove horas, Jake tinha terminado de ditar a sua moção para retirar o nome dos

autos como advogado de Hailey. Ethel datilografava com satisfação o documento quando

interrompeu Jake:

-

Dr. Brigance, tem um Dr. Marsharfsky ao telefone. Eu disse-lhe que o

senhor estava em reunião e ele disse que esperava.

-

Eu falo com ele - Jake pegou no auscultador. - Alô?

-

Dr. Brigance, Bo Marsharfsky, de Memphis. Como está?

-

Muito bem.

-

Ainda bem. Estou certo de que leu o jornal da manhã no sábado e no

domingo.

Vocês recebem jornais em Clanton?

-

Recebemos e temos telefone e correio.

-

Então viu as reportagens sobre o Sr. Hailey?

-

Vi. O senhor escreve artigos muito bons.

-

Vou ignorar isso. Se tiver um minuto, eu gostaria de conversar sobre
o caso Hailey.

-

Seria um prazer.

-

De acordo com as normas de procedimento do Mississipi, o advogado
de outro estado deve associar-se a um advogado local para fins de julgamento.

-

Quer dizer que não tem licença para advogar no Mississipi? -
perguntou Jake, incrédulo.

-

Bem, não, não tenho.

-

Não mencionou isso nos seus artigos.

-

Vou ignorar isso também. Os juizes exigem a presença de advogado s

locais em todos os casos?

-

Alguns exigem, outros não.

-

Compreendo. E o juiz Noose?

-

Às vezes.

-

Obrigado. Bem, eu, geralmente, associo-me a um advogado local

quando atuo em processos pelo país fora. O pessoal do lugar sente -se melhor quando

vê um dos seus sentado ao meu lado.

-

Ainda bem.

-

Não creio que esteja interessado em...

-

Deve estar brincando! - gritou Jake. - Acabo de ser despedido e agora

o senhor me quer para lhe carregar a pasta! Está maluco! Eu não associaria nunca o

meu nome ao seu.

-

Espere um pouco, seu provinciano...

-

Espere o senhor, doutor. Pode ser uma surpresa para você, mas neste

estado temos um código de ética e leis contra o aliciamento de causas e clientes.

Custear processos alheios visando proveito pessoal é crime no Mississipi, bem como

na maioria dos estados, não sabia? Temos princípios éticos que proíbem que se corra

atrás de ambulâncias e se aliciem pacientes. Ética, Sr. Tubarão, já ouviu falar nisso?

-

Eu não corro atrás de causas, meu filho. Elas é que me procuram.

-

Como Carl Lee Hailey. Quer que eu acredite que ele encontrou o seu

nome nas páginas amarelas. Tenho certeza de que seu anúncio ocupa uma página

inteira, ao lado das clínicas de aborto.

-

Ele me foi recomendado.

-

Sim, pelo seu patrão. Sei exatamente como conseguiu o caso.

Aliciamento puro e simples. Eu talvez apresente queixa à Ordem dos Advogados.

Melhor ainda, poderia fazer com que o júri de instrução examinasse os seus métodos.

-

Sim, sei que o senhor e o promotor são muito amigos. Bom dia, doutor.

Marsharfsky ficou com a última palavra. Jake ferveu de raiva durante uma hora, antes

de conseguir se concentrar no parecer que estava escrevendo. Lucien teria ficado orgulhoso

dele. Um pouco antes do almoço, Jake recebeu um telefonema de Walter Sullivan, da firma

Sullivan.

-

Jake, meu amigo, como está?

-

Muito bem.

-

Ainda bem. Ouça, Jake, Bo Marsharfsky é um velho amigo meu.

Defendemos há alguns anos dois funcionários de bancos acusados de fraude.

Ganhamos a causa. É um advogado de alto lá com ele! Vou me associar a ele como

advogado local no caso de Carl Lee Hailey. Eu só queria saber...

Jake desligou o telefone e saiu do escritório. Passou a tarde na varanda da casa de

Lucien.

DEZOITO

Gwen não tinha o número do telefone de Lester. Nem Ozzie, nem ninguém. A

telefonista disse que havia duas páginas de Hailey na lista de Chicago, pelo menos uns doze

Lester Hailey e vários L. S. Hailey. Jake pediu os números dos cinco primeiros Lester Hailey

e telefonou para todos. Eram todos brancos. Ligou para Tank Scales, dono de um dos mais

seguros e sofisticados bares de negros do condado. Tank's, como era chamado. Lester era

freqüentador assíduo. Tank era um cliente e muitas vezes dava a Jake informações valiosas

e confidenciais sobre vários negros, o que faziam e onde estavam. Tank parou no escritório

de Jake, na terça de manhã, a caminho do banco.

-

Viu o Lester Hailey nas duas últimas semanas? - perguntou-lhe Jake.

-

Claro. Passou vários dias no bar jogando bilhar e bebendo cerveja.

Voltou para Chicago neste último fim de semana, disseram-me. Deve ter voltado,

porque não voltei a vê-lo.

-

Com quem andava ele?

-

Quase sempre sozinho.

-

E Iris?

-

Pois, ele levou Iris umas duas vezes quando Henry estava fora da

cidade. Eu fico nervoso quando ele lá vai com ela. Henry é uma praga. Ele é capaz

de fazer os dois em pedaços se souber que os dois andam se encontrando.

-

Há dez anos que eles se encontram, Tank!

-

Pois é... e ela tem dois filhos do Lester. Todos sabem disso, menos o

Henry.

Pobre e velho Henry. Um dia destes descobre e você terá outro caso de homicídio.

-

Ouça, Tank, pode falar com a Iris?

-

Ela não aparece muito.

-

Não foi isso que perguntei. Preciso do telefone do Lester, em Chicago.

Pensei que a Iris devia ter.

-Tenho certeza que tem. Acho que Lester lhe manda dinheiro -

Pode pedir-lhe para mim? Preciso falar com o Lester.

-

Claro, Jake. Se ela o tiver, eu o arranjo.

Na quarta-feira, o escritório de Jake voltou ao normal. Os clientes começaram a

aparecer. Ethel procurava ser agradável, tanto quanto uma velha rabugenta pode sê -lo. Jake

continuou na sua rotina, mas visivelmente abatido. Deixou de ir ao Coffee Shop e evitava o

tribunal, encarregando Ethel de entregar documentos, verificar o andamento dos processos,

ou qualquer outra coisa que exigisse a sua presença no edifício do outro lado da praça. Jake

estava desiludido, humilhado e preocupado, e com dificuldade em concentrar -se em outros

casos. Pensou em tirar umas longas férias, mas naquele momento não podia fazê -lo. O

dinheiro era escasso e não se sentia motivado para o trabalho. Passava a maior parte do

tempo no escritório, fazendo muito pouco, olhando para o edifício do tr ibunal e para a praça

abaixo.

Pensava em Carl Lee, na cela, a poucos metros do seu escritório, e pela milésima

vez perguntava a si mesmo por que fora traído. Insistira muito para que Carl Lee

arranjasse

dinheiro, esquecendo-se de que havia muitos advogados dispostos a aceitar o caso de graça.

Odiava Marsharfsky. Lembrava-se das vezes em que tinha visto Marsharfsky entrando e

saindo dos tribunais, em Memphis, proclamando a inocência dos seus pobres clientes e

denunciando maus-tratos sofridos por eles. Traficantes, "protetores", políticos corruptos e

nojentos, assassinos de aluguel. Todos culpados, todos merecedores de longas sentenças,

até mesmo de morte. Marsharfsky era ianque, com uma pronúncia anasalada de algum lugar

no centro-oeste, capaz de irritar qualquer pessoa ao sul de Memphis. Um ator consumado,

olhava diretamente para a câmara e choramingava, "O meu cliente foi horrivelmente

maltratado pela policial de Memphis". Jake tinha visto isso uma dúzia de vezes. "O meu

cliente é completa, total e absolutamente inocente. Não devia estar sendo julgado. O meu

cliente é um cidadão exemplar, paga todos os impostos exigidos por lei." E o que me diz das

quatro condenações anteriores por extorsão? "Foi uma armadilha do FBI. Armada pelo

governo. Além disso, ele pagou a dívida. Desta vez, é inocente." Jake odiava-o e, por aquilo

de que conseguia se lembrar, Marsharfsky tinha perdido tantas causas quantas tinha

ganhado.

Na tarde de quarta-feira, Marsharfsky ainda não tinha aparecido em Clanton. Ozzie

prometeu informar Jake se ele aparecesse na cadeia.

O Tribunal Itinerante estaria em sessão na sexta-feira, e seria de boa educação fazer

uma breve visita ao juiz Noose e explicar as circunstâncias do seu afastamento do caso. O

meritíssimo presidia ao julgamento de uma questão cível e havia uma boa chance de Buckley

estar ausente. Tinha de estar. Jake não podia ser visto nem ouvido.

Noose, geralmente, fazia um intervalo de dez minutos, por volta das três horas, e,

exatamente, a essa hora, Jake entrou no gabinete do juiz pela porta lateral. Não foi visto por

ninguém. Sentou-se pacientemente ao lado da janela, esperando que Ichabod descesse do

seu estrado e entrasse no gabinete. Cinco minutos depois a porta abriu -se e o meritíssimo

entrou.

-

Jake, como tem passado? - perguntou.

-

Bem, Sr. Dr. Juiz. Pode conceder-me um minuto? - perguntou Jake,

quando o juiz fechou a porta.

-

É claro que sim, sente-se. De que se trata? - Noose tirou a toga, atirou-

a para cima de uma cadeira e estendeu-se na mesa, fazendo cair livros, dossiês e o

telefone. Ficou imóvel, cruzou as mãos sobre a barriga, fechou os olhos e respirou

fundo. - São as minhas costas, Jake. O médico mandou-me deitar numa superfície

dura sempre que possível.

-

Ah, é claro, Sr. Dr. Juiz. Quer que eu saia?

-

Não, não. De que se trata?

-

Do caso Hailey.

-

Foi o que eu pensei. Eu vi a sua moção. Ele arranjou outro advogado,

não foi?

-

Sim, senhor. Eu não fazia a mínima idéia. Esperava que o caso fosse

julgado em Julho.

-

Não precisa se desculpar, Jake. A moção para se retirar do caso será deferida. A culpa não é sua. Acontece muitas vezes. Quem é esse Marsharfsky?

-

Sim, senhor. De Memphis.

-

Com um nome desses, deve fazer sucesso em Ford County...

-

Sim, senhor.

-

Quase tão ruim quanto Noose, pensou Jake.

-

Ele não tem licença para advogar no Mississipi.

-

Isso é interessante. Ele está a par das nossas normas de procedimento?

-

Não sei se ele já atuou alguma vez no Mississipi, disse-me que, normalmente, se associa a um advogado local quando anda pelo país.

-

Pelo país?

-

Foi o que ele disse.

-

Bem, é melhor que se associe se pretende entrar no meu tribunal.

Tenho tido péssimas experiências com advogados de outros estados, especialmente

de Memphis.

-

Sim, senhor.

Noose respirava com mais força e Jake resolveu ir embora.

-

Sr. Dr. Juiz, tenho de ir indo... Se não o vir em Julho, o verei em

Agosto. Tome cuidado com as suas costas.

-

Obrigado, Jake. Cuide-se, também.

Jake estava quase na porta dos fundos do pequeno gabinete quando a porta da frente

se abriu e o ilustre L. Winston Lotterhouse e outro ferrabrás da firma Sullivan entraram no

gabinete.

-

Olá, Jake - disse Lotterhouse. - Conhece K. Peter Otter, o nosso novo contratado?

-

Prazer em conhecê-lo, K. Peter - disse Jake.

-

Interrompemos alguma coisa?

-

Não, eu ia mesmo saindo. O juiz Noose está descansando as costas e eu ia embora.

-

Sentem-se, meus senhores - disse o juiz. Lotterhouse farejou sangue.

-

Ouça, Jake, estou certo de que Walter Sullivan o informou de que a nossa firma será a representante local na defesa de Carl Lee Hailey.

-

Foi o que me disseram.

-

Lamento muito que aconteceu com você.

-

Os seus sentimentos me comovem.

-

É um caso interessante para a nossa firma. Como sabe, não temos

muitas causas criminais.

-

Sim, eu sei - disse Jake, à procura de um buraco para se esconder. -

Preciso ir embora. Foi muito agradável falar consigo, L. Winston. Foi um prazer

conhecê-lo, K. Peter. Os meus cumprimentos ao J. Walter e ao R Robert e à rapaziada

toda.

Jake saiu pela porta dos fundos do tribunal e amaldiçoou a si mesmo por mostrar a

cara onde podia ser esbofeteado. Correu para o escritório.

-

Tank Scales telefonou? - perguntou a Ethel já na escada. - Não. Mas

o Sr.

Buckley está à sua espera.

Jake parou no primeiro degrau.

-

À espera onde? - perguntou sem mexer os maxilares.

-

Lá em cima, no seu gabinete.

Jake caminhou vagarosamente até à mesa de Ethel e inclinou -se de modo a ficar a

algumas polegadas do rosto dela. Ethel pecara e sabia. Jake olhou para ela ferozmente.

-

Eu não sabia que ele tinha hora marcada.

Novamente os maxilares não se mexeram.

-

Não tinha - respondeu ela, com os olhos pregados na mesa.

-

Não sabia que ele era dono deste prédio.

Ethel não se mexeu, nem respondeu.

-

Não sabia que ele tinha uma chave do meu escritório.

Ela não se mexeu nem disse uma só palavra. Jake aproximou -se mais.

-

Eu devia despedi-la por causa disto.

O lábio dela tremeu. Parecia completamente indefesa.

-

Estou farto de você, Ethel. Farto da sua atitude, da sua voz, da sua

insubordinação. Farto do modo como trata as pessoas, farto de tudo em você.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

-

Lamento muito.

-

Não, não lamenta. Sabe, e sabe há anos que ninguém, n inguém neste

mundo, nem mesmo a minha mulher, sobe esta escada e entra no meu escritório se

eu não estiver aqui.

-

Ele insistiu...

-

Ele é um cretino. É pago para intimidar. Mas não neste escritório.

-

Psiu. Ele pode ouvir.

-

Pouco me importa. Ele sabe que é um cretino.

Jake aproximou-se mais, até os narizes quase se tocarem.

-

Quer continuar neste emprego, Ethel?

Ela fez que sim com a cabeça, incapaz de dizer uma palavra.

-

Pois então faça exatamente o que vou lhe dizer. Vá ao meu gabinete,

pegue o Sr. Buckley e leve-o para a sala de conferências. Eu vou falar com ele lá. E

nunca mais faça isto!

Ethel enxugou as lágrimas e subiu a escada correndo. Momentos depois, o promotor

público estava sentado na sala de conferências com a porta fechada. À espera... Jake estava

perto, na cozinha, bebendo suco de laranja e avaliando Buckley. Bebia devagar. Passado um

quarto de hora, abriu a porta e entrou na sala. Buckley estava sentado numa ponta da

comprida mesa de conferências. Jake sentou-se na outra ponta, bem longe dele.

-

Olá, Rufus. Que quer?

-

Belo lugar este. Os antigos escritórios de Lucien, se não estou

enganado.

-

Está certo. O que o traz aqui?

-

Queria apenas fazer uma visita.

-

Tenho muito que fazer.

-

E queria conversar sobre o caso Hailey.

-

Procure o Marsharfsky.

-

Eu estava ansioso para começar a luta, especialmente com você do outro lado. Você é um adversário de valor, Jake.

-

Muito honrado...

-

Não me interprete mal. Não gosto de você, e não gosto há muito tempo.

-

Desde Lester Hailey.

-

Sim, acho que tem razão. Você ganhou, mas fez barulho demais.

-

Ganhei, e isso é que importa. E não fiz barulho. Você foi apanhado com as calças na mão.

-

Você trapaceou e o juiz Noose permitiu.

-

Pode dizer o que quiser. Eu também não gosto de você.

-

Ótimo. Isso faz com que me sinta melhor. O que é que sabe sobre Marsharfsky? - É por isso que está aqui?

-

Talvez.

-

Não o conheço pessoalmente, mas se ele fosse meu pai, eu não diria nada a você. Que mais você quer?

-

Tenho certeza de que você falou com ele.

-

Trocamos algumas palavras ao telefone. Não vá me dizer que está preocupado com ele.

-

Não. Apenas curioso. Ele tem uma boa reputação.

-

Sim, tem. Não veio até aqui para falar comigo sobre a reputação dele.

-

Não, realmente. Eu queria falar sobre o caso.

-

O quê, por exemplo?

-

As chances de absolvição, as possíveis defesas, estaria ele realmente

insano? Essas coisas.

-

Pensei que você tinha garantido uma condenação. Em frente das

câmeras, lembra-se? Logo a seguir ao indiciamento. Numa das suas conferências de

imprensa.

-

Já está sentindo falta das câmeras, Jake?

-

Fique tranqüilo, Rufus. Eu estou fora do jogo. As câmeras são todas

suas, pelo menos suas, do Marsharfsky e do Walter Sullivan. Vá ao encontro delas,

campeão. Se roubei um bocadinho do seu foco de luz, peço mil d esculpas. Sei quanto

isso foi doloroso. - Desculpas aceitas. Marsharfsky esteve na cidade?

-

Não sei.

-

Ele prometeu uma conferência de imprensa para esta semana.

-

E você veio aqui falar sobre essa conferência, certo?

-

Não. Eu queria falar sobre Hailey, mas é claro que você tem mais que

fazer.

-

Tem razão. Além disso, não tenho nada para conversar com você,

senhor governador.

-

Isso é ofensivo.

-

Porquê? Sabe que é verdade. Você acusaria a própria mãe em troca

de umas poucas manchetes nos jornais.

Buckley levantou-se e começou a andar de um lado para o outro atrás da cadeira.

-

Eu queria que ainda estivesse no caso, Brigance - disse, elevando a voz.

-

Eu também.

-

Eu iria lhe ensinar algumas coisas sobre acusação de assassinos. Eu

queria mesmo era arrasá-lo.

-

Não foi muito bem-sucedido no passado.

-

Por isso é que eu queria você neste caso, Brigance. Queria muito. - A

cara dele voltou ao vermelho vivo que Jake conhecia tão bem.

-

Haverá outros, governador.

-

Não me chame assim - gritou ele.

-

É verdade, não é, governador? É por isso que persegue as câmeras

com tanta insistência. Todas as pessoas sabem disso. Lá vai o velho Rufus, à caça

das câmeras, na corrida para governador. É claro que é verdade. - Faço o meu

trabalho. Acuso facínoras.

-

Carl Lee Hailey não é nenhum facínora.

-

Você vai me ver dando cabo dele.

-

Não vai ser assim tão fácil...

-

Espere e verá!

-

São necessários doze votos de doze jurados.

-

Não há problema.

-

Como o seu júri de instrução?

Buckley interrompeu os passos. Semicerrou os olhos e franziu a testa. Três imensas

rugas apareceram na testa enorme.

-

O que sabe você sobre o júri de instrução?

-

Tanto quanto você. Um voto a menos e faria figura de idiota.

-

Não é verdade!

-

Deixe disso, governador. Não está falando com um repórter. Sei

exatamente o que aconteceu. Fiquei sabendo algumas horas depois.

-

Vou dizer isso a Noose.

-

E eu digo aos jornais. Será uma beleza antes do julgamento.

-

Não teria coragem de fazer isso!

-

Agora não. Não tenho motivo para isso. Fui despedido, lembra -se? É

por isso que está aqui, não é, Rufus? Para me lembrar que eu deixei de estar no caso,

mas que você está. Para esfregar um pouco de sal na ferida. Muito bem, já o fez.

Agora, quero saia. Vá tratar do seu júri de instrução. Ou talvez um repórter esteja à

sua espera no tribunal. Vá embora.

-

Com prazer. Lamento se o incomodei.

-

Eu também.

Buckley abriu a porta que dava para o corredor e parou.

-

Eu menti, Jake. Estou satisfeitíssimo por você não estar neste caso. -

Eu sei que mentiu. Mas não fique tão certo de que estou fora.

O júri de instrução de Ford County tinha andado atarefado e, na quinta -feira da

segunda semana de sessões, Jake foi contratado por dois acusados recém-

indiciados. Um

era um negro que tinha esfaqueado outro negro na taberna Massey's, em Abril. Jake

apreciava os esfaqueamentos porque as absolvições eram possíveis; bastava conseguir um

júri de brancos que tinham mais que fazer do que se importarem com os negros que se

esfaqueavam mutuamente. Eles estavam divertindo-se na taberna, as coisas aqueceram, um

foi esfaqueado, mas não morreu. Se não há lesão, não há condenação. Era semelhante à

estratégia que Jake utilizara com Lester Hailey. O novo cliente prometeu mil e quinhentos

dólares, mas antes tinha de pagar a fiança.

O outro novo indiciado era um garoto branco apanhado dirigindo uma pick -up

roubada. Era a terceira vez que o apanhavam em um carro roubado e não era possível evit ar

que passasse sete anos em Parchman. Ambos estavam presos e isso dava a Jake a

oportunidade, e o dever, de visitá-los e de consultar Ozzie; no fim da tarde de quintafeira,

encontrou o xerife no escritório.

-

Está ocupado? - perguntou Jake. Uns cinqüenta quilos de papel

estavam espalhados na mesa e no chão.

-

O que é que isso quer dizer?

-

Até à próxima, Rufus.

-

Não, só papelada. Mais alguma cruz em chamas?

-

Não, graças a Deus. Uma chega.

-

Ainda não vi o seu amigo de Memphis.

-

É estranho - disse Jake. - Imaginei que ele já estivesse aqui. Tem

falado com o Carl Lee?

-Todos os dias. Ele está ficando nervoso. O advogado nem sequer telefonou, Jake.

-

Ótimo. Deixe-o suar um pouco. Não tenho pena dele.

-

Acha que ele cometeu um erro?

-

Eu sei que sim. Conheço esses caras, Ozzie, e sei como agem quando

fazem parte de um júri. Não vão ficar impressionados com um estranho de fala mansa.

Você não concorda?

-

Não sei. O advogado é você. Não duvido do que diz, Jake. Eu já o vi trabalhando.

-

Ele nem licença tem para advogar no Mississipi. O juiz Noose está à caça. Ele detesta advogados de fora do estado.

-

Está brincando?

-

Não. Falei com ele ontem.

Ozzie pareceu perturbado e olhou atentamente para Jake.

-

Quer falar com ele?

-

Falar com quem?

-

Com o Carl Lee.

-

Não! Não tenho nenhum motivo para vê-lo. - Jake passou os olhos pelo interior da sua pasta. - Preciso ver Leroy Glass, agressão qualificada.

-

Ficou com o Leroy?

-

Sim. A família dele procurou-me esta manhã.

-

Venha comigo.

Jake esperou na sala do teste de alcoolismo enquanto um preso com regalias foi

buscar o novo cliente. Leroy usava o uniforme da cadeia de Ford County, macacão laranja

que brilhava no escuro. Estava com a cabeça cheia de rolos de cabelo de esponja cor de

rosa e duas tranças ensebadas coladas na nuca. Os pés negros, grossos e secos como couro

eram protegidos do chão sujo por chinelos verde-limão de veludo frisado. Sem meias. Uma

cicatriz antiga e feia começava perto da orelha direita, passava pelo alto do rosto e ia parar

na narina direita. Era uma prova, além de qualquer dúvida razoável, de que Leroy não era

estranho a punhaladas e golpes. Ostentava a cicatriz como uma medalha. Fumava Kools.

-

Leroy, sou Jake Brigance. - Jake apresentou-se, apontando para uma

cadeira de lona ao lado da máquina da Pepsi. - A sua mãe e o seu irmão contrataram-

me esta manhã.

-

É um prazer conhecê-lo, Dr. Jake.

Um preso com regalias esperava no corredor, ao lado da porta, enquanto Jake falava

com o cliente. Jake encheu três páginas do seu bloco de notas sobre Leroy Glass. Naquele

momento, o dinheiro tinha prioridade. De quanto dispunha o cliente e onde podia arranjar

mais. Falariam das facadas depois. Tias, tios, irmãos, irmãs, amigos, qualquer pessoa com

um bom emprego que pudesse fazer um empréstimo. Jake anotou os números dos telefones.

-

Quem me recomendou? - perguntou Jake.

-

Eu vi o senhor na TV, Dr. Jake. O senhor e Carl Lee Hailey.

Jake ficou orgulhoso, mas não sorriu. A televisão era apenas uma parte do seu

trabalho.

-

Conhece Carl Lee?

-Isso mesmo, e Lester também. O senhor foi advogado do Lester, não foi?

-

Fui.

-

Eu e Carl Lee estamos na mesma cela. Puseram-me lá, na noite

passada.

-

Ah, sim?

-

Ele não fala muito. Disse que o senhor é um advogado muito bom e

tudo, mas que ele encontrou outro, de Memphis.

-

Exatamente. Que é que ele acha do novo advogado?

-

Não sei, Dr. Jake. Hoje de manhã ele estava danado da vida porque

o novo advogado ainda não apareceu. Disse que o senhor vinha sempre conversar

com ele sobre o processo, mas que o novo advogado , com um nome complicado,

nem sequer ainda o conhece.

Jake ficou muito sério para disfarçar a satisfação, o que não foi fácil. -

Vou lhe dizer uma coisa, se você prometer não contar a Carl Lee.

-

Diga.

-

O novo advogado não pode vir falar com ele.

-

Não? Porquê?

-

Porque não tem licença para advogar no Mississipi. É do Tennessee.

Se entrar sozinho no tribunal, vai ser expulso. Acho que Carl Lee cometeu um grande

erro.

-

Porque não lhe diz isso?

-

Porque ele já me despediu. Já não posso aconselhá-lo...

-

Alguém devia dizer-lhe.

-

Você prometeu que não ia dizer nada, certo?

-

Está bem, não digo.

-

Promete?

-

Juro!

-

Muito bem. Agora, tenho de ir andando. Vou me encontrar com o fiador

de manhã, e talvez você saia dentro de um dia ou dois. Nem uma palavra ao Car l Lee,

certo?

-

Certo.

Tank Scales estava encostado ao Saab, no estacionamento, quando Jake saiu da

cadeia. Esmagou com o pé uma ponta de cigarro e tirou um papel do bolso da camisa.

-

Dois números. O de cima é da casa, o de baixo, do trabalho. Mas só

telefone para o trabalho em último caso.

-

Bom trabalho, Tank. Foi a Iris?

-

Foi. Não queria... Passou pelo bar, ontem à noite, e eu enfrasquei-a.

-

Fico em dívida com você.

-

Você vai me pagar, mais cedo ou mais tarde.

Estava escuro, eram quase oito horas. O jantar estava frio, mas isso era habitual. Por

isso Jake comprara um micro-ondas. Carla estava habituada ao horário e ao jantar

requentado e não se queixava. Jantavam quando ele chegava em casa, fosse às seis da

tarde ou às dez da noite.

Jake seguiu da cadeia para o escritório. Não queria telefonar para Lester da sua casa,

não com Carla por perto. Sentou-se à sua mesa e olhou para os números que Tank tinha

conseguido. Carl Lee tinha dito para ele não telefonar. Por que não devia telefonar? Seria

suplicar? Seria antiético? Seria antiético telefonar para Lester e contar que Carl Lee o

despedira e contratara outro advogado? Não. Deveria responder às perguntas de Lester

sobre o novo advogado? Não. E dizer que estava preocupado? Não. E criticar o novo

advogado? Provavelmente não. Seria antiético convencer Lester a falar com o irmão? Não.

E convencer Carl Lee a despedir Marsharfsky? Provavelmente sim. E contratar Jake outra

vez? Sim, sem dúvida alguma. Isso seria completamente antiético. E se telefonasse para

Lester só para falar sobre Carl Lee e deixar que a conversa seguisse o próprio curso?

-

Alô?

-

É de casa de Lester Hailey?

-

É. Quem fala? - perguntou a sueca com o sotaque dela. - Jake

Brigance, do Mississipi.

-

Um momento.

Jake consultou o relógio. Oito e meia. Era a mesma hora em Chicago, não era?

-

Jake!

-

Lester, como tem passado?

-

Bem, Jake. Cansado, mas bem. E você?

-

Muito bem. Ouça, falou com o Carl Lee, esta semana?

-

Não. Saí daí na sexta-feira e tenho trabalhado dois turnos desde

domingo. Não tenho tempo para nada.

-

Tem lido os jornais?

-

Não. Aconteceu alguma coisa?

-

Não vai acreditar, Lester.

-

O que foi, Jake?

-

Carl Lee me despediu e contratou um advogado importante de

Memphis.

-

O quê? Está falando sério? Quando?

-

Na sexta-feira. Acho que logo a seguir a você ter ido embora. Ele nem

se deu ao trabalho de me dizer. Soube pelo jornal de Memphis, no sábado de manhã.

-

Ele está louco. Porque é que ele fez uma coisa dessas, Jake? Quem

é que ele contratou?

-

Conhece um cara chamado Cat Bruster, de Memphis?

-

Claro.

-

É o advogado desse cara. Cat é que paga. Veio de Memphis na sexta-

feira e falou com Carl Lee na cadeia. Na manhã seguinte, vi o meu retrato no jornal e

fiquei sabendo que tinha sido despedido.

-

Quem é o advogado?

-

Bo Marsharfsky.

-

É bom?

-

É um safado. Defende todos os mafiosos e traficantes de Memphis.

-

Parece um nome polaco.

-

E é. Acho que é de Chicago.

-

Tem razão, há montes de polacos por aqui. Ele fala como eles?

-

Como se tivesse a boca cheia de favas. Vai fazer sucesso em Ford

County.

-

Burro, burro, burro. Carl Lee nunca foi muito inteligente. Tive sempre

de pensar por ele. Burro, burro.

-

Sim, ele cometeu um erro, Lester. Você sabe o que é um julgamento

por homicídio porque já esteve em um deles. Sabe a importância do júri quando ele

deixa o tribunal e vai para a sala deliberar. A sua vida está nas mãos deles. Doze

residentes da região brigando e discutindo sobre o seu caso, a sua vida. O papel do

júri é a coisa mais importante em um julgamento. Por isso, a gente precisa saber falar

com o júri.

-

Tem razão, Jake. Eu nem quero acreditar que ele tenha feito uma

coisa dessas.

Está outra vez metido numa embrulhada.

-

Exatamente, Lester, e eu estou preocupado.

-

Já falou com ele?

-

No sábado, depois de ver o jornal, fui diretamente falar com ele.

Perguntei-lhe porquê e ele não me respondeu. Estava embaraçado. Não voltei a falar

com ele. O Marsharfsky também não. Ainda não encontrou Clanton no mapa e,

segundo me disseram, Carl Lee está furioso. Tanto quanto eu sei, não foi feito nada

pelo caso esta semana.

-

Ozzie falou com ele?

-

Falou. Mas você conhece o Ozzie. Não fala muito. Sabe que o Bruster

é um canalha e que o Marsharfsky é outro canalha, mas não vai pressionar Carl Lee.

-

Meu Deus, nem quero acreditar... Ele é estúpido se pensa que aqueles

camponeses vão ouvir um palhaço de Memphis. Que diabo, Jake, eles não confiam

nem nos advogados de Tyler County que é logo ao lado... Caramba!

Jake sorriu. Até agora, nada contra a ética.

-

Que devo fazer, Jake?

-

Não sei, Lester. Ele precisa de ajuda e você é o único que ele ouve.

Sabe como Carl Lee é teimoso.

-

Acho melhor eu ligar para ele.

Não, pensou Jake. Seria mais fácil para Carl Lee dizer não pelo telefone. Era preciso

que os irmãos falassem pessoalmente. O fato de Lester pegar o carro e ir de Chicago a Ford

County ia causar um impacto.

-

Acho que não consiga grande coisa pelo telefone. Carl Lee já

resolveu. Só você pode fazer com que ele mude de idéia e não pode fazer isso pelo

telefone.

Lester ficou calado por alguns segundos e Jake esperou, ansioso.

-

Que dia é hoje?

-

Terça-feira, 6 de Junho.

-

Deixe me ver - resmungou Lester. - Estou a dez horas de Clanton.

Amanhã e depois, no domingo, trabalho no turno das quatro à meia -noite. Posso sair

daqui à meianoite de amanhã e estarei em Clanton às dez da manhã de sábado.

Depois, posso sair sábado cedo e estar no trabalho às quatro. Vou dirigir muitas horas,

mas agüento.

-

É muito importante, Lester. Acho que vale a viagem.

-

Onde é que você estará, no sábado, Jake?

-

Aqui, no escritório.

-

Certo. Eu vou até à cadeia e se precisar de você telefono para o seu

escritório.

-

Está certo. Mais uma coisa, Lester. Carl Lee me disse para não lhe

telefonar.

Não fale sobre o meu telefonema.

-

Que é que lhe digo?

-

Diga que telefonou a Iris e ela lhe contou a história.

-

Que Iris?

-

Ora, vamos, Lester. Todas as pessoas daqui sabem dessa história há

anos! Todas as pessoas, menos o marido e um dia destes também ele irá descobrir...

-

Espero que não. Se ele descobrir, vamos ter outro assassinato. E

você, outro cliente.

-

Por favor, não. Mal posso conservar os que tenho. Telefone -me no

sábado.

Ele jantou às dez e meia a comida aquecida no micro-ondas. Hanna estava dormindo.

O assunto foi Leroy Glass, o rapaz branco que tinha roubado a pick -up, Carl Lee, mas não

Lester. Ela estava mais calma agora, sentindo-se mais segura sem o problema de Carl Lee

Hailey. Tinham acabado os telefonemas. Ninguém ia queimar mais cruzes. Acabados os

olhares na igreja. Haveria mais causas, tinha certeza disso. Ele falou pouco. Apenas c omeu

e sorriu.

DEZENOVE

Um pouco antes de o tribunal fechar na sexta-feira, Jake telefonou para saber se

estava acontecendo algum julgamento. Não, disse a secretária. Noose, Buckley, Musgrove e

os outros todos já tinham saído. Não havia ninguém no tribunal. Jake atravessou a rua, entrou

pela porta dos fundos do prédio e seguiu pelo corredor até à sala dos funcionários. Brincou

com as secretárias e datilógrafas, enquanto procurava o dossiê de Carl Lee Hailey. Examinou

os autos do processo, ansiosamente. Muito bem! Exatamente aquilo que estava à espera...

Nada fora acrescentado naquela semana, à exceção da sua moção para se retirar do caso.

Marsharfsky e o seu associado local não tinham tocado no processo. Nada tinha sido feito.

Despediu-se e voltou para o escritório.

Leroy Glass ainda estava na cadeia. A fiança era de dez mil dólares e a família não

conseguira levantar o dinheiro para pagar a um fiador. Assim, continuava na cela com Carl

Lee. Jake tinha um amigo que era fiador dos seus clientes. Se um cliente precisava sair da

cadeia, e havia pouco perigo de que desaparecesse ao se ver livre, a fiança era concedida.

As condições eram acessíveis aos clientes de Jake. Por exemplo, cinco por cento de entrada

e um tanto por mês. Se Jake quisesse Leroy fora da cadeia, a fiança podia ser paga a

qualquer momento. Mas Jake precisava dele lá dentro.

-

Ouça, Leroy, sinto muito. Estou conversando com o fiador - explicou

Jake ao cliente, na sala dos testes de alcoolismo.

-

Mas o senhor disse que eu já estaria livre.

-

A sua família não tem dinheiro, Leroy. E eu não tenho condições de

pagar. Vamos tirá-lo daqui, mas vai levar alguns dias. Quero que você saia para poder

trabalhar e ganhar algum dinheiro para me pagar.

Leroy ficou satisfeito com a explicação.

-

De acordo, Dr. Jake, faça o que puder.

-

A comida é boa aqui, não é? - perguntou Jake com um sorriso.

-

Não é má. A de casa é melhor.

-

Vamos soltá-lo - prometeu Jake.

-

Como está o negro que eu feri?

-

Não sei bem.

-

Ozzie disse que ele está no hospital. Moss Tatum diz que já teve alta.

Quem é que sabe? Acho que o ferimento não foi muito grave.

-

Quem era a mulher? - perguntou Jake, que não se lembrava dos

pormenores. - Era a mulher do Willie.

-

Que Willie?

-

Willie Hoyt.

Jake pensou um segundo, tentando lembrar-se dos termos da acusação.

-

Não foi ele que você feriu.

-

Não, foi Curtis Sprawling.

-

Quer dizer que vocês lutaram por causa da mulher de outro homem?

-

Isso mesmo.

-

Onde estava Willie?

-

Ele também andou aos murros.

-

Com quem?

-

Com outro cara qualquer.

-

Então, vocês quatro brigaram por causa da mulher do Willie?

-

Foi isso, agora já entendeu.

-

Qual o motivo da luta?

-

O marido dela estava fora da cidade.

-

Ela é casada?

-

É.

-

Como é que se chama o marido?

-

Johnny Sands. Quando ele está fora da cidade, há sempre

pancadaria.

-

Porquê?

-

Porque ela não tem filhos, não pode ter e gosta de companhia.

Entende o que quero dizer? Quando ele vai viajar, todas as pessoas ficam sabendo.

Se ela aparece num bar, pode estar certo de que vai haver porrada.

"Que julgamento!", pensou Jake.

-

Mas não me disse que ela estava com esse tal Willie Hoyt?

-

Disse. Mas não quer dizer nada, porque todos no bar dão em cima

dela, pagando bebidas, e querendo dançar. Não se pode fazer nada.

-

Uma mulher dos diabos, certo?

-

Oh, Dr. Jake, ela é uma coisa!... O senhor precisava ver.

-

Hei de ver. No banco das testemunhas.

Leroy olhou sonhadoramente para a parede, sorrindo e desejando a mulher de Johnny

Sands. Não importava o fato de ter esfaqueado um homem, sujeito a apanhar vinte anos.

Tinha provado a sua coragem no combate, de homem para homem.

-

Ouça, Leroy, não falou com Carl Lee, não é?

-

Claro que sim. Ainda estou na cela dele. A gente passa o tempo

conversando.

Não há muita coisa para fazer.

-

Contou-lhe a nossa conversa de ontem?

-

Oh, isso não. Eu disse-lhe que não ia contar.

-

Muito bem.

-

Mas vou dizer uma coisa, Dr. Jake, ele está preocupado. Ainda não

teve notícias do advogado. Está muito aborrecido. Tive de morder a língua para não

dizer nada, mas não disse. Disse-lhe que o senhor é o meu advogado.

-

Está bem.

-

Ele disse que o senhor é bom, que vem aqui conversar com a gente.

Disse-me que eu tinha contratado um bom advogado.

-

Mas não suficientemente bom para ele.

-

Eu acho que o Carl Lee está confuso. Não sabe em quem confiar, só

isso. É um bom cara.

-

Muito bem, não lhe conte a nossa conversa, certo? É confidencial.

-

Certo. Mas alguém tem de falar com ele.

-

Ele não consultou ninguém para me despedir e contratar esse novo

advogado. É um homem adulto. Tomou uma decisão. Problema dele. - Jake

aproximou-se mais de Leroy e disse em voz baixa: - Vou lhe dizer outra coisa que

também não lhe pode contar. Verifiquei o processo dele há meia hora. O novo

advogado não fez nada a semana inteira.

Nada foi acrescentado ao processo. Nada.

Leroy franziu a testa e abanou a cabeça.

-

Credo, que coisa.

O seu advogado continuou:

-

Esses caras importantes trabalham assim. Falam um pedaço, fazem

um grande estardalhaço, fazem muito barulho. Aceitam mais cau sas do que podem e

acabam por perder mais vezes do que ganham. Conheço essa gente. Vejo esse tipo

a toda hora no tribunal. A maior parte é só fachada.

-

Por isso ele ainda não veio ver o Carl Lee?

-

Claro. Tem muito trabalho. Além disso, tem muitas outras ca usas

grandes. Ele não liga a mínima importância a Carl Lee.

-

Isso é mau. O Carl Lee merece coisa melhor.

-

A escolha foi dele. Agora é aguentar e cara alegre!...

-

Acha que ele vai ser condenado, Dr. Jake?

-

Tenho certeza. Está a um passo da câmara de gás. Contratou essa

porcaria de advogado importante que não tem tempo para trabalhar no processo dele,

nem tempo para ver o cliente na cadeia.

-

Quer dizer que o senhor pode libertar o Carl Lee? Jake cruzou as

pernas e recostou-se na cadeira.

-

Não, nunca prometi isso e não prometo no caso dele. É estupidez um

advogado prometer uma coisa dessas. Muita coisa pode correr mal num julgamento.

-

O Carl Lee disse que o advogado dele prometeu um veredicto de

inocente no jornal.

-

Ele é uma besta!

-

Onde é que você foi? - perguntou Carl Lee ao companheiro de cela

quando o carcereiro trancou a porta.

-

Fui conversar com o meu advogado.

-

Jake?

-

Não tenho outro...

Leroy sentou-se no beliche, de frente para Carl Lee, que relia o jornal. Carl Lee dobrou

o jornal e o colocou em cima do seu beliche.

-

Você parece preocupado - disse ele. - Más notícias sobre o seu caso?

-

Não. Só que não consigo pagar a minha fiança. Jake diz que vai

demorar alguns dias.

-

Jake falou de mim?

-

Não, não muito.

-

Não muito? O que é que ele disse?

-

Só perguntou como estava.

-

Só isso?

-

Só.

-

Ele não está zangado comigo?

-

Não. Pode estar preocupado contigo, mas não me pareceu que estivesse zangado.

-

Preocupado comigo por quê?

-

Não sei - disse Leroy, deitando-se no beliche com as mãos cruzadas sob a cabeça.

-

Ora, vamos, Leroy. você sabe alguma coisa que não quer contar. O

que foi que Jake disse?

-

Jake me disse que não posso dizer o que ele me disse. Diz que é

confidencial.

Também não ia querer que o seu advogado repetisse as suas conversas com ele, não é?

-

Ainda não vi meu advogado.

-

Tinha um bom advogado até o ter despedido.

-

Tenho um bom advogado agora.

-

Como é que sabe? Ainda nem o viu. Ele tem trabalho demais para vir

falar com você e se está muito ocupado, não tem tempo para trabalhar no seu caso.

-

Como é que você sabe?

-

Perguntei ao Jake.

-

É? E o que foi que ele disse? Leroy ficou calado.

-

Quero saber o que foi que ele disse - exigiu Carl Lee, sentando-se na

beira do beliche de Leroy. Olhou furioso para o companheiro de cela, menor e mais

fraco.

Leroy reconheceu que estava com medo e agora tinha uma boa desculpa para contar

tudo. Ou contava ou apanhava...

-

Ele é um velhaco - disse Leroy. - Um velhaco importante que te vai

entregar de bandeja! Não se importa nada com o seu caso. Só quer publicidade. Não

tocou no seu processo a semana inteira. Jake sabe, ele verificou o processo no

tribunal, esta tarde. Nem sinal de Sua Excelência! Ele tem muitos outros clientes

delinqüentes em Memphis, incluindo o seu amigo, o Sr. Bruster.

-

Você enlouqueceu, Leroy?!

-

Enlouqueci. Espere para ver quem vai alegar insanidade. Espere para

ver o que ele vai fazer com o seu caso.

-

Como é que de repente ficou tão sabido?

-

Você perguntou, eu estou respondendo.

Carl Lee foi até a porta e segurou as grades, apertando -as com força com as mãos

enormes. A cela tinha encolhido naquelas três semanas e quanto menor ela se tornava, mais

difícil era para Carl Lee pensar em qualquer coisa, raciocinar, planejar, reagir. Não conseguia

concentrar-se na cadeia. Sabia só o que lhe diziam e não podia confiar em ninguém. Gwen

era irracional, Ozzie neutro, Lester estava em Chicago. Não confiava em ninguém, a não ser

em Jake e, por qualquer motivo, tinha contratado outro advogado.

Dinheiro, era esse o motivo. Mil e novecentos em dinheiro, pagos pelo maior mafioso

e traficante de Memphis, cujo advogado era especialista em defender bandidos e traficantes,

qualquer tipo de assassino e delinqüentes. Será que Marsharfsky defendia também gente

decente? O que iria pensar o júri quando visse Carl Lee sentado à mesa da defesa junto de

Marsharfsky? Sim, ele era culpado. De contrário, porque iria ele contratar um famoso filho da

mãe da cidade grande, como Marsharfsky?

-

Sabe o que é que aqueles caras brancos do júri vão dizer quando

virem Marsharfsky? - perguntou Leroy.

-

O quê?

-

Vão pensar: esse pobre negro é culpado e vendeu a alma para

contratar o maior sacana de Memphis para nos dizer que não é culp ado...

Carl Lee resmungou, em voz baixa.

-

Eles vão te lixar, Carl Lee!

No sábado, Moss Junior Tatum estava de serviço às seis e meia da manhã quando o

telefone tocou no escritório de Ozzie. Era o xerife.

-

O que está fazendo acordado? - perguntou Moss.

-

Não tenho certeza se estou acordado - respondeu o xerife. - Ouça,

Moss, lembras-se de um velho pregador negro chamado Street, reverendo Isaiah

Street?

-

Para dizer a verdade, não.

-

Lembra-se sim. Ele pregou durante cinqüenta anos na Igreja de

Springfield, ao norte da cidade. Primeiro membro da Associação Nacional para o

Progresso dos Homens de Cor em Ford County. Ele ensinou os negros daqui a fazer

manifestações e greves, nos anos sessenta.

-

Sim, agora já me lembro. O Klan, não o apanhou, uma vez?

-

Apanhou. Espancaram-no e incendiaram-lhe a casa, mas nada de

grave. No Verão de 65.

-

Pensei que tivesse morrido há anos...

-

Nada disso, há dez anos que está semimorto, mas ainda mexe.

Telefonou-me às cinco e meia e falou durante uma hora. Obrigou-me a recordar todos

os favores políticos que lhe devo.

-

Que quer ele?

-

Vai estar aqui às sete horas para falar com Carl Lee. Porquê, não sei.

Mas veja se trata bem o homem. Leve-o ao meu escritório e deixe-os conversar à

vontade. Mais tarde, eu irei.

-

Certo, xerife.

No seu apogeu, na década de sessenta, o reverendo Isaiah Street fora a força

propulsora das atividades a favor dos direitos civis em Ford County. Marchou ao lado de

Martin Luther King em Memphis e em Montgomery. Organizou manifestações e protestos em

Clanton e Karaway e em outras cidades do Mississipi. No Verão de 64 recebeu estudantes

do Norte e coordenou os esforços dele para registrar eleitores negros. Alguns viveram na

casa dele naquele Verão memorável e ainda o visitavam de tempos em tempos. Não era um

radical. Era calmo, compassivo, inteligente e tinha conquistado o respeito de negros e

brancos. Era uma voz com alma e sensatez no meio do ódio e da controvérsia. Dirigiu, não

oficialmente, o grande movimento de não-segregação das escolas públicas em 1969 e

poucos foram os problemas em Ford County.

Em 1975, um derrame paralisou-lhe o lado direito do corpo mas o cérebro continuou

perfeito. Agora, com setenta e oito anos, andava sozinho, devagar, apoiado numa bengala.

Orgulhoso, cheio de dignidade, tão ereto quanto possível. Foi conduzido ao escritório do

xerife e sentou-se. Recusou o café e Moss Junior foi buscar o acusado.

-

Está acordado, Carl Lee? - murmurou Moss, para não acordar os

outros prisioneiros, que iam começar a pedir aos gritos o café, remédios, a dvogados,

fiadores e namoradas. Carl Lee sentou-se imediatamente no beliche.

-

Estou. Não dormi muito.

-

Tem uma visita. Venha. - Moss abriu a cela silenciosamente.

Carl Lee conhecera o reverendo anos antes, quando ele fizera uma palestra para os

alunos do liceu East High, a escola dos negros. Depois veio a não-segregação e a East High

passou a ter curso secundário. Carl Lee não via o reverendo desde o derrame.

-

Carl Lee, conhece o reverendo Isaiah Street? - perguntou Moss,

formalmente.

-

Sim, conhecemo-nos há uns anos.

-

Muito bem. Vou fechar a porta para que possam conversar.

-

Como tem passado, senhor? - perguntou Carl Lee.

Sentaram-se lado a lado no sofá.

-

Muito bem, meu filho, e você?

-

Tão bem quanto possível.

-

Eu também estive preso, sabe. Há muitos anos. É um lugar horrível

mas acho que é necessário. Tem sido bem tratado?

-

Muito bem, muito bem. Ozzie me deixa fazer tudo que eu quiser.

-

Sim, o Ozzie. Temos muito orgulho dele, não é verdade

-

Sim, senhor. É um bom homem. - Carl Lee olhou para homem frágil

com a bengala. O corpo estava fraco e cansado, uma mente alerta, a voz forte.

-

Nós também nos orgulhamos de você, Carl Lee. Não sou favor da

violência, mas às vezes é necessária também. Praticou uma boa ação, meu filho.

-

Sim, senhor - disse Carl Lee sem saber qual era a resposta certa.

-

Imagino que se interrogue por que razão estou aqui. Carl Lee fez que

sim com a cabeça. O reverendo bateu com bengala no chão.

-

Estou preocupado com o seu julgamento. A comunidade negra está

preocupada. Se você fosse branco, o mais provável seria, que fosse a julgamento e

inocentado. O estupro de uma criança é um crime horrível e quem pode culpar um pai

por retificar o erro Um pai branco, quero dizer. Um pai negro gera a mesma simpatia

entre os negros, mas há um problema. O júri vai ser branco. Desse modo, um pai

negro e um pai branco não têm chances iguais com o júri. Está compreendendo?

-

Acho que sim.

-

O júri é essencialmente importante. Culpado ou inocente Liberdade ou

prisão. Vida ou morte. Tudo sendo decidido pelo júri. É um sistema frágil este que

confia vidas a doze pessoas vulgares que não conhecem a lei e que ficam intimidadas

com todo o processo.

-

Sim, senhor.

-

O seu veredicto de inocente, dado por um júri, pelo assassinato de

dois homens brancos vai fazer mais pelos negros do Mississipi do que qualquer outra

coisa, desde que integramos as escolas. E não só no Mississipi, mas pelos negros de

toda a parte. Seu caso é famoso e está sendo observado com atenção por muita

gente.

-

Só fiz o que tinha que fazer.

-

Exatamente. Fez o que achou que era correto. Foi correto. Embora

brutal e terrível, foi correto. E a maioria das pessoas, negras e brancas, pensa da

mesma maneira. Mas será que vai ser tratado como se fosse branco? A questão é

essa.

-

E se eu for condenado?

-

A sua condenação será outra bofetada no nosso povo, um símbolo do

racismo profundamente enraizado, dos antigos preconceitos, dos velhos ódios. Será

um desastre.

Você não pode ser condenado.

-

Estou fazendo tudo o que posso.

-

Acha que sim? Vamos falar do seu advogado, se me permite.

Carl Lee inclinou a cabeça afirmativamente.

-

Conhece-o?

-

Não - Carl Lee baixou a cabeça e esfregou os olhos. - E o senhor?

-

Conheço.

-

Conhece? Quando é que o conheceu?

-

Em Memphis, 1968. Eu estava com o Dr. King. Marsharfsky era um

dos advogados que representavam os homens do lixo em greve contra a

administração do condado. Ele pediu ao Dr. King que saísse de Memphis, alegando

que ele estava agitando os brancos e incitando os negros, e impedindo as

negociações. Foi arrogante e mal-educado. Insultou verbalmente o Dr. King, em

particular, é claro. Pensamos que ele tinha vendido os trabalhadores e recebido

dinheiro do governo para fazer aquilo. Parece que tínhamos razão.

Carl Lee respirou fundo e esfregou as têmporas.

-

Tenho acompanhado a carreira dele - continuou o reverendo. -

Conseguiu fama defendendo bandidos, ladrões e assassinos. Consegue livrar alguns,

mas são todos os culpados. Se é cliente dele, é culpado... É isso o que mais me

preocupa agora. Tenho medo de que seja considerado culpado por ser cliente dele.

Carl Lee afundou-se no sofá, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

-

Quem mandou o senhor falar comigo? - Perguntou em voz baixa.

-

Tive uma conversa com um velho amigo.

-

Quem?

-

Só um velho amigo, meu filho. Ele também está preocupado com

você. Estamos todos.

-

Ele é o melhor advogado de Memphis.

-

Aqui não é Memphis, não é?

-

Ele é especialista em Direito Penal.

-

Talvez por ser um criminoso...

Carl Lee levantou-se de um salto e começou a andar pela sala, virando as costas ao

reverendo.

-

Ele faz isto de graça. Não me custa um centavo.

-

Os honorários dele não vão parecer importantes quando você estiver

no corredor da morte., meu filho.

Ficaram em silêncio durante algum tempo. Finalmente, o reverendo pôs -se de pé com

dificuldade, apoiado na bengala.

-

Já falei o suficiente. Vou embora. Boa sorte, Carl Lee.

Carl Lee apertou-lhe a mão:

-

Agradeço a sua preocupação e a sua visita.

-

O que eu queria dizer é muito simples, meu filho. Vai ser difícil ganhar

a sua causa. Não a torne mais difícil com um pulha como Marsharfsky.

Lester saiu de Chicago na sexta-feira, um pouco antes da meia-noite e seguiu para o

Sul, sozinho, como de costume. Um pouco antes, sua mulher tinha partido para o Norte, para

passar o fim de semana com a família em Green Bay. Lester não gostava tanto de Green

Bay como do Mississipi e não tinha nenhuma vontade de visitar a família dela. Eram boas

pessoas, os suecos, e certamente o tratariam como da família se ele lhes desse

oportunidade. Mas eram diferentes e não só pelo fato de serem brancos. Lester tinha crescido

com brancos, no Sul, e conhecia-os bem. Não gostava deles e não gostava do que a maioria

sentia por ele, mas pelo menos conhecia-os... Porém, os brancos do Norte, especialmente

os suecos, eram diferentes. Os costumes, a maneira de falar, a comida, quase tudo era

estranho para ele e Lester nunca se sentia à vontade com eles.

Provavelmente, dali a um ano, estariam divorciados. Ele era negro, e um primo mais

velho da mulher casara com uma negra no começo dos anos 70, e o casamento tinha sido

muito comentado. Lester tinha sido um capricho, e a mulher já estava farta dele. Ainda bem

que não tinham filhos. Ele desconfiava que a mulher tinha outro. Mas Lester também tinha

outra e Iris tinha prometido casar com ele e ir viver em Chicago assim que pusesse Henry

para correr...

Os dois lados da Interestadual 57 pareciam iguais depois da meia -noite: luzes

esparsas das pequenas e bem-tratadas propriedades e ocasionalmente uma cidade maior,

como Champaign ou Effingham. O Norte era onde ele vivia e trabalhava, mas não era o seu

lar. O lar era onde estava a sua mãe, no Mississipi, embora ele nunca mais fosse vive r lá.

Muita ignorância e pobreza. Lester não se importava com o racismo. Não era tão intenso

como anteriormente e ele já estava habituado. Sempre existiria, mas pouco a pouco tornava -

se menos evidente. Os brancos eram ainda os donos e, os controladores de tudo, e isso não

era insuportável. Não ia mudar. O que Lester achava insuportável era a ignorância e a

pobreza absoluta da maioria dos negros. As casas podres e velhas, o alto índice de

mortalidade infantil, os desempregados crônicos, as mães solteiras e s eus bebês

subnutridos. Era deprimente a ponto de ser intolerável e intolerável a ponto de fazer com que

ele fugisse do Mississipi como milhares de outros, emigrando para o Norte, à procura de um

emprego, de qualquer emprego que pagasse decentemente, para a liviar a dor da pobreza.

Voltar para o Mississipi era deprimente e agradável ao mesmo tempo. Agradável

porque ia ver a família. Deprimente porque ia ver a pobreza em que viviam. Havia certas

coisas boas. Carl Lee tinha um emprego decente, uma casa limpa e filhos bem vestidos. Ele

era uma exceção e agora tudo isso corria perigo por causa de dois montes de lixo brancos e

bêbados. Os negros tinham uma desculpa para serem imprestáveis, mas os brancos, num

mundo de brancos, não tinham nenhuma. Graças a Deus, es tavam mortos e Lester

orgulhava-se do irmão mais velho.

Quando estava a seis horas de Chicago, cruzando o rio Cairo, o sol apareceu. Duas

horas depois, Lester atravessou o rio outra vez em Memphis. Seguiu para Sudeste, para o

Mississipi, e uma hora depois deu a volta ao edifício do tribunal de Clanton. Estava acordado

há vinte horas.

-

Carl Lee, você tem uma visita - disse Ozzie, do outro lado da porta de

grades.

-

Não me surpreende. Quem é?

-

Venha comigo. Acho melhor usar meu escritório. Pode ser demorado.

Jake estava no escritório à espera do telefonema de Lester. Dez horas. Se veio de

fato, pensou, Lester deve estar na cidade. Onze. Jake consultou o arquivo e escreveu

algumas notas para Ethel. Meio-dia. Telefonou para Carla e mentiu dizendo que se ia

encontrar com um novo cliente à uma hora, portanto que não esperasse por ele para almoçar.

Mais tarde, trabalharia no jardim. Uma hora. Encontrou um processo antigo do Wyoming no

qual fora julgado inocente um homem que tinha perseguido e encontrado o homem q ue

violentara a sua mulher. Em 1893. Copiou o processo, depois atirou -o para o lixo. Duas horas.

Lester estaria na cidade? Podia visitar Leroy e dar uma espiadela na cadeia. Não, não era

correto. Passou pelas brasas no sofá.

Às duas e um quarto, o telefone tocou. Jake levantou-se imediatamente com o

coração batendo apressado.

-

Alô!

-

Jake aqui é Ozzie.

-

Sim, Ozzie, o que há?

-

A sua presença é requisitada aqui na cadeia.

-

O quê? - perguntou Jake, fingindo inocência.

-

Precisam de você aqui.

-

Quem?

-

Carl Lee quer falar com você.

-

Lester está aí?

-

Está. E também quer vê-lo.

-

Estarei aí num minuto.

-

Eles estão lá dentro há quatro horas - disse Ozzie, apontando para a

porta do escritório.

-

Fazendo o quê? - perguntou Jake.

-

Falando, praguejando, aos gritos. Há trinta minutos mais ou menos a

coisa acalmou-se. Carl Lee saiu e me pediu para chamá-lo.

-

Obrigado. Vamos entrar.

-

Nem pense nisso! Eu não entro aí. Eles não me chamaram. Você vai

sozinho. Jake bateu à porta.

-

Entre!

Abriu devagar, entrou e tornou a fechar a porta. Carl Lee estava sentado na cadeira

de Ozzie, Lester deitado no sofá. Este levantou-se e apertou a mão a Jake.

-

Prazer em vê-lo, Jake.

-

Prazer em vê-lo, Lester. O que o traz aqui?

-

Negócios de família.

Jake olhou para Carl Lee, foi até à mesa e apertou-lhe a mão. O acusado estava visivelmente irritado.

-

Mandaram me chamar?

-

Mandamos, Jake, sente-se. Precisamos conversar - disse Lester. -

Carl Lee quer dizer-lhe uma coisa.

-

Diga você - resmungou Carl Lee.

Lester suspirou e esfregou os olhos. Estava cansado e frustrado.

-

Não vou dizer nem mais uma palavra. Isto é entre você e o Jake. -

Lester fechou os olhos e tornou a deitar-se no sofá.

Jake sentou-se numa cadeira estofada que encostou à parede, de frente para o sofá.

Observou Lester atentamente, mas não olhou para Carl Lee, que se balançava levemente na

cadeira de Ozzie.

Carl Lee ficou calado. Lester ficou calado. Passados três minutos de silêncio, Jake se

aborreceu.

-

Quem é que mandou me chamar? - perguntou.

-

Fui eu - respondeu Carl Lee.

-

Muito bem, o que quer?

-

Quero que se encarregue outra vez da minha defesa.

-

E porque pensa que eu quero?

-

O quê? - exclamou Lester, olhando para Jake.

-

Não é um presente que você dá e tira quando quer. É um acordo entre

você e seu advogado. Não pense que me está fazendo um grande favor. - A voz de

Jake subia cada vez mais. Estava visivelmente irritado.

-

Quer ou não quer me defender? - perguntou Carl Lee.

-

Está querendo contratar-me novamente, Carl Lee?

-

Exatamente.

-

Porque quer me contratar de novo?

-

Porque o Lester quer.

-

Muito bem, então não quero. - Jake levantou-se e dirigiu-se para a

porta. - Se Lester quer que eu fique com a sua defesa e você quer o Marsharfsky,

fique com o Marsharfsky. Se não é capaz de pensar pela sua cabeça, então precisa

do Marsharfsky.

-

Espere, Jake. Acalme-se, homem - disse Lester, indo até à porta. -

Sente-se, sente-se. Não o culpo por estar zangado com Carl Lee. Ele cometeu um

erro quando o despediu. Certo, Carl Lee?

Carl Lee examinou as unhas.

-

Sente-se, Jake, sente-se e vamos conversar - pediu Lester, levando-

o de volta para a cadeira. - Ótimo. Agora, vamos discutir a situação. Carl Lee, quer

que Jake seja seu advogado?

Carl Lee fez que sim com a cabeça.

-

É isso mesmo...

-

Muito bem. Agora, Jake...

-

Explique-me porquê - disse Jake dirigindo-se a Carl Lee.

-

O quê?

-

Explique-me por que quer que eu fique com a sua defesa. Explique -

me por que razão está despedindo Marsharfsky.

-

Não tenho de dar explicações.

-

Tem sim. Deve-me pelo menos uma explicação. Há oito dias, me

despediu e nem teve coragem de me telefonar. Soube p elos jornais. Depois, li coisas

acerca do seu advogado de luxo que evidentemente ainda não descobriu o caminho

para Clanton. Agora, manda me chamar e espera que eu largue tudo o que estou

fazendo porque mudou de idéia outra vez. Explique-me, por favor...

-

Explique-lhe, Carl Lee. Fale com ele - disse Lester. Carl Lee inclinou-

se para frente e apoiou os cotovelos na mesa. Cobriu o rosto com as mãos e falou

entre os dedos.

-

Estou confuso. Este lugar está me deixando doido. Tenho os nervos

em frangalhos. Estou preocupado com a minha filha. Preocupado com a minha

família. Preocupado com a minha pele. Cada um me diz para fazer uma coisa

diferente. Eu nunca estive numa situação destas e não sei o que devo fazer. Tudo o

que posso fazer é confiar nas pessoas. Confio em Lester e confio em você, Jake. É

tudo o que eu posso fazer.

-

Confia nos meus conselhos? - perguntou Jake.

-

Sempre confiei.

-

E confia em mim para defender o seu caso?

-

Sim, Jake, quero que fique com ele.

-

Está bem.

Jake descontraiu-se e Lester recostou-se no sofá.

-

Vai ter de notificar o Marsharfsky. Enquanto não fizer isso, não posso trabalhar no seu caso.

-

Vamos fazer isso esta tarde - disse Lester.

-

Ótimo. Depois de falar com ele, ligue para mim. Há muita coisa a ser feita e o tempo é curto.

-

E o dinheiro? - perguntou Lester.

-

A mesma coisa. O que combinamos. Acha satisfatório?

-

Para mim está bem - disse Carl Lee. - Vou pagar como puder.

-

Falamos sobre isso depois.

-

E os médicos? - perguntou Carl Lee.

-

Havemos de arranjar uma maneira. Não sei. Vou conseguir.

O acusado sorriu. Lester ressonava alto e Carl Lee riu.

-

Eu pensei que tivesse lhe telefonado, mas Lester jura que não. Jake

sorriu amarelo e não disse nada. Lester era um mentiroso de primeira, um talento que

tinha sido extremamente valioso no seu julgamento.

-

Desculpe, Jake. Procedi mal.

-

Nada de desculpas. Temos trabalho demais para perdermos tempo

com desculpas.

Ao lado do estacionamento, um repórter, à sombra de uma árvore, esperava que

alguma coisa acontecesse.

-

Com licença, senhor. Não é o Dr. Brigance?

-

Quem pergunta?

-

O meu nome é Richard Fly e sou do Jackson Daily. O senhor é Jake

Brigance.

-

Sim.

-

O ex-advogado do Sr. Hailey.

-

Não. O advogado do Sr. Hailey.

-

Pensei que ele tivesse contratado Bo Marsharfsky. Na verdade, é por

isso que estou aqui. Ouvi dizer que Marsharfsky estaria em Clanton esta tarde.

-

Se o vir, diga-lhe que chegou atrasado.

Lester dormiu profundamente no sofá do escritório de Ozzie. O policial de plantão

acordou-o às 4 da manhã de domingo e depois de beber um copo de café puro, partiu para

Chicago. No sábado à noite, ele e Carl Lee tinham telefonado para o escritório de Cat, por

cima do clube, e informaram-no da nova decisão de Carl Lee. Cat estava muito ocupado e

aparentemente não se importou. Disse que ia telefonar para Marsharfsky. Ninguém falou em

dinheiro.

VINTE

Logo a seguir à partida de Lester para Chicago, Jake saiu de casa, de roupão, para ir

buscar os jornais. Clanton ficava a uma hora de distância a Sudoeste de Memphis, tr ês horas

a Norte de Jackson e a quarenta e cinco minutos de Tupelo. As três cidades tinham

volumosas edições de domingo que podiam ser compradas em Clanton. Jake ficou satisfeito

por ser há muito tempo assinante dos três. Agora Carla teria muito material p ara o álbum de

recortes. Abriu os jornais e começou a procurar.

Nada no jornal de Jackson. Jake esperava que Richard Fly tivesse informado alguma

coisa. Devia ter dado mais atenção ao repórter, na véspera. Nada no de Memphis. Nada no

de Tupelo. Não foi surpresa para Jake. Apenas esperava que alguém tivesse descoberto.

Mas tinha acontecido muito tarde, no sábado. Talvez na segundafeira. Jake estava farto de

se esconder, cansado de se sentir constrangido. Enquanto não aparecesse nos jornais e

fosse lido pelos fregueses do Coffee Shop, pelos fiéis da igreja e pelos outros advogados,

incluindo Buckley e Sullivan e Lotterhouse, até que todas as pessoas soubesse que o caso

era seu outra vez, ia ficar quieto e escondido. Como devia dar a notícia a Sullivan? Carl L ee

ia telefonar para Marsharfsky, ou para o mafioso, provavelmente para o mafioso, que então

daria a notícia a Marsharfsky. O que iria Marsharfsky dizer à imprensa? Depois, o grande

advogado ia telefonar para Walter Sullivan com a maravilhosa notícia. Tudo isso devia

acontecer na segunda-feira de manhã, se não antes. A notícia ia se espalhar rapidamente na

firma Sullivan e os sócios, antigos e novos, e os pequenos assistentes iriam reunir -se na

ampla sala com lambris de mogno e amaldiçoar Brigance, a sua fa lta de ética, o seu golpe

baixo. Os assistentes tentariam impressionar os patrões, citando regulamentos e os artigos

do código de ética provavelmente violados por Brigance. Jake odiava -os, a todos. Enviaria

uma carta curta e seca a Sullivan e uma cópia a Lotterhouse.

Não ia telefonar nem escrever a Buckley, que ia ficar em estado de choque depois de

ler a notícia no jornal. Uma carta ao juiz Noose com uma cópia para Buckley seria suficiente.

Não daria a Buckley a honra de receber notificação pessoal.

Jake teve uma idéia, depois hesitou, depois ligou para Lucien. Passavam alguns

minutos das sete. A enfermeira/criada e bartender atendeu.

-

Sallie?

-

Sim.

-

É o Jake. O Lucien está acordado?

-

Um momento. - Ela virou-se na cama e entregou o telefone a Lucien.

-

Alô?

-

Lucien, é Jake.

-

Sim, que quer?

-

Boas notícias. O Carl Lee Hailey contratou-me outra vez, ontem. O

caso é meu outra vez.

-

Que caso?

-

O caso Hailey!

-

Ah, o justiceiro. Ele é seu?

-

Desde ontem. Temos muito trabalho pela frente.

-

Quando é o julgamento? Em Julho, certo?

-

Vinte e dois.

-

Está bem próximo. Quais são as prioridades?

-

Um psiquiatra. Um psiquiatra barato que esteja disposto a dizer

qualquer coisa.

-

Eu conheço um - disse Lucien.

-

Isso é Ótimo. Comece a trabalhar. Eu telefono daqui a dois dias.

Carla acordou a horas decentes e encontrou o marido na cozinha com os jornais

espalhados por cima e por baixo da mesa. Fez café e, sem uma palavra, sentou-se de frente

para ele. Jake sorriu-lhe e continuou lendo.

-

A que horas se levantou? - perguntou Carla.

-

Cinco e meia.

-

Porquê tão cedo? Hoje é domingo.

-

Não consegui dormir.

-

Entusiasmado? Jake baixou o jornal.

-

Para falar a verdade, estou. Muito mesmo. Pena que o entusiasmo

não seja compartilhado.

-

Lamento no que se refere a ontem à noite.

-

Não precisa pedir desculpa. Sei o que sente. O seu problema é que

só está vendo o lado negativo, não o positivo. Não imagina o que este caso pode fazer

por nós.

-

Jake, este caso me assusta. Os telefonemas, as ameaças, a cruz de

fogo. Se o caso significa um milhão de dólares, será que vale a pena se alguma coisa

nos acontecer?

-

Não vai acontecer nada. Mais algumas ameaças e olhares de

esguelha na igreja e na rua, mas nada de grave.

-

Mas você não tem certeza.

-

Já falamos sobre isso ontem à noite e não quero voltar a repetir tudo

outra vez.

Mas tenho uma idéia.

-

Mal posso esperar...

-

Você e a Hanna apanham um avião para a Carolina do Norte e ficam

com os seus pais até ao fim do julgamento. Eles vão adorar a visita e deixamos de

nos preocupar com o Klan ou com qualquer pessoa que goste de queimar cruzes.

-

Mas o julgamento é daqui a seis semanas! Você quer que a gente

fique seis semanas em Wilmington?

-

Quero, sim.

-

Eu adoro os meus pais, mas isso é ridículo.

-

Você quase não os vê e eles quase não têm oportunidade de ver a Hanna.

-

E nós quase não vemos a você! Não vou ficar fora seis semanas...

-

Tenho de preparar muita coisa. Vou comer e dormir este processo até terminar o julgamento. Vou trabalhar à noite, nos fins de semana.

-

E isso é alguma novidade?

-

Vou ignorar vocês duas e só vou pensar neste caso.

-

Já estamos habituadas.

Jake sorriu.

-

Está querendo dizer que consegue aguentar?

-

Consigo aguentar a você! O que me assusta é aquela gente doida, lá fora.

-

Quando os doidos começarem a falar sério, eu desisto. Eu largo este caso se minha família estiver em perigo.

-

Promete?

-

É claro que prometo. Vamos mandar a Hanna.

-

Se não há perigo, para que havemos de mandar a Hanna?

-

Por segurança. Ela vai adorar passar o Verão com os avós. Eles também.

-

A Hanna não agüenta uma semana longe de mim.

-

E você não agüenta uma semana longe dela.

-

É verdade. Está fora de questão. Não me preocupo com ela desde

que possa abraçá-la e apertá-la. O café estava pronto e Carla colocou-o nas xícaras.

- Alguma coisa nos jornais?

-

Não. Pensei que o jornal de Jackson pudesse trazer alguma coisa,

mas aconteceu tarde demais, eu acho.

-

Talvez a sua maneira de calcular o tempo está um pouco enferrujada

depois desses dias de descanso.

-

Espera por amanhã de manhã.

-

Como é que sabe?

-

Prometo.

Carla abanou a cabeça e procurou o suplemento de modas e de cozinha. -

Vai à igreja?

-

Não.

-

Porque não? Já tem o caso. É uma estrela novamente.

-

Sim, mas ninguém sabe.

-

Compreendo. No próximo domingo.

-

É evidente.

Em Mount Hebron, Mount Zion, Mount Pleasant e na Brown's Chapel, na Green's

Chapel e Norris Road, Secção Line Road, Bethel Road e no God's Temple, no Christ's Temple

e Saint's Temple, os cestinhos e baldes e bandejas passaram e voltar am a passar e foram

deixados nos altares e nas portas da frente para a recolha de fundos para Carl Lee Hailey e

sua família. Os recipientes, tamanho-família, da Kentucky Fried Chicken foram usados em

várias igrejas. Quanto maior o recipiente, fosse balde o u cesto, menores as oferendas

pessoais pareciam, ao cair no fundo, dando ensejo a que o pastor mandasse passar

novamente entre os fiéis. Era uma oferenda especial, separada da oferenda comum, e em

quase todas as igrejas foi precedida por um relato emociona nte do que tinha acontecido à

preciosa menina dos Hailey e o que aconteceria ao pai dela e à família se os recipientes não

ficassem cheios. Em vários casos foi evocado o nome sagrado da Associação para o

Progresso dos Homens de Cor e o efeito era a generosa abertura das carteiras e das bolsas.

Deu resultado. Os baldes e cestos foram esvaziados, o dinheiro contado e o ritual

repetido nos serviços noturnos. As oferendas da noite de domingo foram acrescentadas às

da manhã e da tarde e contadas por cada um dos pastores, que depois entregaria uma

grande percentagem do total ao reverendo Agee, na segunda -feira de manhã. Ele guardaria

o dinheiro num local qualquer da sua igreja e uma grande parte seria gasta em benefício dos

Hailey.

Todos os domingos, das duas às cinco da tarde, os prisioneiros da cadeia de Ford

County eram levados para um grande pátio cercado, do outro lado da pequena passagem

atrás do edifício da prisão. Um máximo de três amigos e/ou parentes de cada um dos

prisioneiros tinha ordem para ficar no pátio, durante uma hora. Havia duas árvores de sombra,

algumas mesas partidas de piquenique e um cesto de basquete em bom estado. Policiais e

cães vigiavam do outro lado do muro.

Foi estabelecida uma rotina. Gwen e os filhos saíam da igreja depois da b ênção, mais

ou menos às três horas, e seguiam de carro até a prisão. Ozzie permitia que Carl Lee fosse

mais cedo para o pátio para ficar com a melhor mesa de piquenique, a única que tinha quatro

pernas e ficava debaixo de uma das árvores. Carl Lee sentava -se sozinho, sem falar com

ninguém, assistindo à competição no cesto de basquete, até a sua família chegar. Não era

bem basquete, mas uma mistura de rúgbi, luta livre, judô e basquete. Ninguém tinha coragem

de ser o juiz. Não havia sangue, nem marcação de faltas. E, surpreendentemente, não havia

lutas. Uma luta significava a solitária e suspensão do recreio durante um mês.

Os visitantes eram poucos, algumas namoradas e mulheres que se sentavam com os

seus homens na relva, ao lado do muro, assistindo em silê ncio à algazarra debaixo da rede

de basquete. Um casal perguntou a Carl Lee se podiam usar a mesa para almoçar. Ele disse

que não com a cabeça e o casal almoçou sentado na relva. Gwen e os filhos chegaram antes

das três. O policial Hastings, primo dela, abriu o portão e as crianças correram para o pai.

Gwen arrumou a comida. Carl Lee percebeu os olhares dos menos afortunados e saboreou

a inveja deles. Se ele fosse branco, ou mais baixo e mais fraco, ou talvez acusado de um

crime mais leve, certamente pediriam para partilhar da sua comida. Mas ele era Carl Lee

Hailey e ninguém ficou olhando por muito tempo. O jogo voltou à sua fúria e violência e a

família pôde comer em paz. Tonya sentava-se sempre ao lado do pai.

-

Esta manhã eles começaram um peditório a nosso favor - disse Gwen,

depois do almoço.

-

Eles quem?

-

A igreja. O reverendo Agee disse que todas as igrejas de negros vão

pedir dinheiro, todos os domingos, para nós e para pagar o advogado.

-

Quanto?

-

Não sei. Ele disse que vão passar o balde todos os domingos, até ao

julgamento.

-

É simpático da parte deles. O que é que ele disse de mim?

-

Só falou sobre o seu caso e o resto.... Disse que vai ser muito caro e

que precisamos da colaboração das igrejas. F alou sobre a generosidade cristã e

essas coisas. Disse que você eras um verdadeiro herói para o nosso povo.

Que surpresa agradável, pensou Carl Lee. Ele esperava alguma ajuda da sua igreja,

mas não financeira.

-

Quantas igrejas?

-

Todas as igrejas de negros do condado.

-

Quando é que recebo o dinheiro?

-

Ele não disse.

Depois de tirar a parte dele, pensou Carl Lee.

-

Meninos, levem a sua irmã e vão brincar ali, perto do muro. Eu e a

mãe precisamos conversar. Tomem cuidado. Carl Lee Jr. e Robert seguraram cada

um deles uma das mãos de Tonya e obedeceram.

-

O que diz o médico? - perguntou Carl Lee, olhando para as crianças.

-

Que ela está melhor. Os maxilares sarando. Pode ser que tire os

arames dentro de um mês. Ela não pode correr, saltar nem brincar ainda, mas em

breve poderá fazê-lo.

Um pouco dolorida ainda.

-

E quanto ao... ao resto?

Gwen baixou a cabeça, tapou os olhos com a mão e começou a chorar e a enxugar

as lágrimas. Falou com voz entrecortada.

-

Ela nunca poderá ter filhos. Ele me disse... - Parou, enxugou os olhos

e tentou continuar. Começou a soluçar alto e escondeu a cara com um guardanapo

de papel.

Carl Lee sentiu-se mal. Apoiou a testa nas palmas das mãos, cerrou os dentes com

força e os olhos encheram-se de lágrimas.

-

O que foi que ele disse?

Gwen ergueu a cabeça e disse com a voz tremendo, lutando para conter as lágrimas:

-

Na terça-feira, ele disse que a lesão foi muito grave. - Gwen enxugou

a cara com a mão. - Mas quer mandar Tonya a um especialista em Memphis.

-

Ele não tem certeza? Ela meneou a cabeça.

-

Noventa por cento. Mas acha que ela deve ser examinada por outro

médico, em Memphis. Temos de levá-la daqui a um mês.

Gwen tirou outro guardanapo de papel do rolo e enxugou a cara. Deu um ao marido

que o passou rapidamente pelos olhos. Junto ao muro, Tonya ouvia a discussão dos irmãos

sobre qual ia ser o policial e qual ia ser o prisioneiro. Viu os pais conversando, abanando a

cabeça e chorando. Sabia que se passava qualquer coisa com ela que não estava bem.

Esfregou os olhos e começou a chorar também.

-

Os pesadelos são cada vez piores - disse Gwen, quebrando o silêncio.

- Tenho de dormir com ela todas as noites. Ela sonha com homens correndo atrás

dela, homens escondidos no armário, sonha que está sendo perseguida no bosque.

Acorda aos gritos e suando. O médico diz que ela precisa consultar um psiquiatra. Diz

que vai ficar pior antes de melhorar.

-

Quanto é que isso vai custar?

-

Não sei. Ainda não telefonei para saber.

-

É melhor telefonar. Onde é esse psiquiatra?

-

Em Memphis.

-

Tinha de ser. Como é que os rapazes a têm tratado?

-

Eles têm sido Ótimos. Tratam a irmã de modo especial. Mas ficam

assustados com os pesadelos. Quando ela acorda aos gritos, acorda todos eles. Os

rapazes correm para a cama dela e tentam ajudar, mas ficam assustados. A noite

passada, ela só voltou a adormecer depois que eles se deitaram no chão, ao lado da

cama dela. Ficamos ali deitados, acordados, com as luzes acesas...

-

Os rapazes não são problema.

-

Sentem a falta do pai. Carl Lee forçou um sorriso.

-

Já não vai demorar muito.

-

Acha que não?

-

Já não sei em que pensar. Mas não pretendo passar o resto da vida

na cadeia. Contratei o Jake outra vez.

-

Quando?

-

Ontem. Aquele advogado de Memphis não apareceu, nem telefonou.

Eu o despedi e contratei o Jake outra vez.

-

Mas você tinha dito que o Jake era muito novo.

-

Eu não tinha razão. Ele é novo mas é bom. Pergunte ao Lester.

-

É o seu julgamento!

Carl Lee pôs-se a andar devagar pelo pátio, sempre ao lado do muro. Pensou nos dois homens, mortos e enterrados em qualquer parte, com a carne apodrecendo,

as almas a

arderem no inferno. Antes de morrer, eles tinham conhecido a sua filha, por um breve instante

e no espaço de duas horas tinham-lhe destruído o pequeno corpo e arruinado o cérebro. A

agressão fora tão brutal que ela nunca poderia vir a ter filhos. Tão violenta a agressão que

ela os via agora escondidos a fim de a apanharem, à esper a dentro dos armários. Será que,

um dia, ela ia conseguir esquecer, bloquear a memória, apagar aquilo da cabeça para poder

ter uma vida normal? Talvez um psiquiatra pudesse fazer isso. As outras crianças iriam

permitir que ela fosse normal?

Tonya não passava de uma menina negra, era o que todas as pessoas deviam

pensar. Uma pretinha filha de alguém. Na certa ilegítima, como todos eram. Para ela, estupro

não era nenhuma novidade.

Carl Lee recordou os outros dois no tribunal. Um orgulhoso, o outro com medo.

Lembrou-se dos dois descendo a escada enquanto ele os esperava para executá - los. Depois,

a expressão de horror, quando ele apareceu com a M-16. O som dos tiros, os gritos de

socorro, os gritos quando caíram juntos para trás, um em cima do outro, algemados , aos

berros e contorcendo-se, sem conseguir fugir. Lembrou-se de ter sorrido, de ter

rido alto,

enquanto via ambos estrebuchando com as metades das cabeças despedaçadas e de

quando os corpos ficaram imóveis e ele fugiu. Carl Lee sorriu outra vez. Estava o rgulhoso. O

primeiro amarelo que ele matara no Vietnã o tinha deixado muito mais preocupado...

A carta para Walter Sullivan era objetiva:

Caro J. Walter,

Estou certo de que nesta altura o Sr. Marsharfsky já o informou de que a contratação

dele por Carl Lee Hailey terminou. Os seus serviços como advogado local deixaram

evidentemente de ser necessários. Desejo-lhe muito bom dia. Jake Brigance

Enviou uma cópia a L. Winston Lotterhouse. A carta para Noose foi também sucinta.

Caro Juiz Noose,

Quero informá-lo de que fui contratado por Carl Lee Hailey. Estamos nos preparando

para o julgamento no dia 22 de Julho. Por favor, faça constar nos autos o meu nome como

advogado de defesa. Com os melhores cumprimentos, Jake Brigance

Uma cópia foi enviada a Buckley.

Marsharfsky telefonou na segunda-feira, às nove e meia. Jake deixou piscar o botão

de espera, durante dois minutos, antes de atender.

-

Alô?

-

Como é que fez isso?

-

Quem fala?

-

A sua secretária não lhe disse? É Bo Marsharfsky e eu quero saber como é que fez isso.

-

Como é que fiz o quê?

-

Roubou-me o caso.

Tenha calma, pensou Jake. O homem é um provocador.

-

Se bem me lembro, o caso me foi roubado antes - respondeu. - Eu não conhecia o réu quando ele me contratou.

-

Nem precisava. O senhor mandou o seu mafioso, lembra-se?

-

Está me acusando de correr atrás de causas?

-

Estou.

Marsharfsky fez uma pausa e Jake preparou-se para os insultos.

-

Quer saber uma coisa, Dr. Brigance, o senhor tem razão. Eu corro

atrás de causas todos os dias. Sou um mestre em conseguir causas. É assim que

ganho tanto dinheiro. Se aparece um grande caso, quero -o para mim. E uso todos os

métodos que achar necessários.

-

Engraçado, isso não foi mencionado no jornal. - E se eu quiser o caso

Hailey, eu o conseguirei.

-

Pois então, tente! - Jake desligou e riu durante dez minutos. Acendeu

um charuto barato e começou a trabalhar na moção para a transferência de foro.

Dois dias depois, Lucien telefonou e pediu a Ethel que dissesse a Jake que fosse vê -

lo. Era importante. Lucien tinha uma visita que Jake tinha de conhecer.

O visitante era o Dr. W. T. Bass, um psiquiatra aposentado, de Jackson. Ele conhecia

Lucien há anos e tinham colaborado em dois processos de criminosos insanos. Os dois

criminosos estavam ainda na Parchman. A sua aposentadoria, concedida um ano depois da

expulsão de Lucien, foi precipitada pelas mesmas razões que muito tinham contribuído para

a expulsão do advogado, ou seja, uma forte afeição pelo uísque Jack Daniel's... Vez por

outra, visitava Lucien em Clanton e Lucien visitava-o com maior frequência em Jackson, e os

dois apreciavam essas visitas porque gostavam de se embriagar juntos. Sentaram-se na

grande varanda à espera de Jake.

-

Diga apenas que ele estava louco - aconselhou Lucien.

-

E estava? - perguntou o médico.

-

Isso não é importante.

-

O que é importante?

-

O importante é dar ao júri uma desculpa para inocentar o homem. Não

vão querer saber se ele estava louco ou não. Mas precisam de um motivo para dizer

que é inocente.

-

Seria interessante examiná-lo.

-

Pode examiná-lo. Pode falar com ele à vontade. Ele está na cadeia à

espera de alguém com quem possa conversar.

-

Vou precisar falar com ele muitas vezes.

-

- Eu sei.

-

E se eu achar que ele não estava louco no momento do crime?

-

Então, não irá testemunhar no julgamento e não terá o nome e a

fotografia nos jornais e não será entrevistado na TV. Lucien parou o tempo suficiente

para um longo trago. - Faça o que lhe estou dizendo. Entreviste o homem, tome uma

porção de notas. Faça perguntas estúpidas. Sabe perfeitamente o que tem que fazer.

Depois, diga que ele estava louco.

-

Eu não estou tão certo disso. Não funcionou muito bem no passado.

-

Ouça, o senhor é médico, não é? Pois então seja orgulhoso, vaidoso, arrogante. Aja como um médico deve agir. Dê o seu parecer e desafie qualquer pessoa a fazer-lhe perguntas.

-

Não sei... Não funcionou muito bem no passado...

-

Faça o que lhe estou dizendo.

-

Eu já fiz isso uma vez e ambos estão na Parchman.

-

Eram casos perdidos. O de Hailey é diferente.

-

Ele tem alguma chance?

-

Muito remota.

-

Pensei que fosse diferente.

-

Ele é um homem decente com uma boa razão para matar.

-

Então por que são remotas as chances?

-

A lei diz que o motivo dele não é suficiente.

-

Um ponto a favor da lei.

-

Além disso, ele é negro e esta é uma cidade branca. Eu não confio

nesses intolerantes daqui.

-

E se ele fosse branco?

-

Se fosse branco e matasse dois negros que lhe tivessem violentad o a

filha, o júri dava-lhe o edifício do tribunal de presente.

Bass terminou a sua bebida e serviu-se de outra. Uma garrafa de scotch e um balde

com gelo estavam sobre a mesa de vime entre os dois.

-

E o advogado dele? - perguntou o médico.

-

Daqui a pouco deve chegar.

-

Ele trabalhou para você?

-

Trabalhou. Mas acho que o senhor não chegou a conhecê -lo. Ele

estava na firma há dois anos quando eu saí. É jovem, trinta e poucos anos, honesto,

agressivo, trabalhador.

-

E trabalhou para você?

-

Foi isso que eu disse. Tem bastante experiência de tribunal para a

idade. Este não é o primeiro caso de homicídio dele, mas, se não me engano, é o

primeiro com alegação de insanidade.

-

É bom saber disso. Não quero que ninguém comece a fazer uma

porção de perguntas.

-

Gosto da sua confiança. Espere até conhecer o promotor.

-

Não estou gostando nada disto. Tentamos duas vezes, e não deu

certo.

Lucien abanou a cabeça, surpreendido.

-

O senhor deve ser o médico mais modesto que já conheci.

-

E o mais pobre.

-

Tem de ser pomposo e arrogante. O especialista é o senhor. Aja como

se fosse.

Quem é que vai questionar o seu parecer em Clanton, Mississipi?

-

O estado terá especialistas.

-

Vai haver um psiquiatra de Whitfield. Irá examinar o acusado durante

algumas horas, depois aparece no julgamento e diz que o réu é o homem mais são

que já viu. Ele nunca viu um réu legalmente insano. Para ele, ninguém é louco. Todas

as pessoas foram abençoadas com perfeita saúde mental. Whitfield está cheia de

gente mentalmente sã, a não ser quando entra com pedido de aposentadoria do

governo, então, metade do estado é louco. Ele seria despedido se começasse a dizer

que os acusados são legalmente insanos. É isso que o senhor vai ter de enfrentar.

-

E o júri vai acreditar em mim automaticamente?

-

Até parece que nunca esteve num julgamento desse tipo.

-

Duas vezes, lembra-se? Um violador e um assassino. Nenhum dos

dois estava louco, apesar do que eu disse. Os dois estão trancados onde devem estar.

Lucien tomou um longo gole e estudou atentamente o líquido castanho -claro onde

nadavam os cubos de gelo.

-

O doutor disse que ia ajudar. Deus é testemunha de que me deve um

favor.

Quantos divórcios lhe fiz?

-

Três. E fiquei completamente liso as três vezes.

-

Era o que merecia, nas três. A escolha era dar tudo ou ir a julgamento

e ter os seus hábitos discutidos em pleno tribunal.

-

Eu me lembro.

-

Quantos clientes, ou pacientes, é que eu mandei a você, durante

muitos anos?

-

Não o suficiente para pagar a pensão da minha ex-mulher.

-

Lembra-se do processo de prática ilegal movido por uma senhora cujo

tratamento consistia especialmente em sessões semanais no seu sofá -cama? A firma

que defendia os processos de prática ilegal da medicina recusou aceitar a defesa dela

e então senhor chamou o seu querido amigo Lucien que, por pouco dinheiro,

conseguiu um acordo para evitar que o caso fosse a tribunal.

-

Não havia testemunhas.

-

Apenas a cliente. E os autos provavam que qualquer das suas ex-

mulheres tinha pedido o divórcio por adultério.

-

Nunca conseguiram provar.

-

Não tiveram oportunidade. Nós não deixamos, lembra-se?

-

Pronto! Chega, chega... Eu disse que vou ajudar. E que fazemos com

minhas referências?

-

Será que me apareceu um destes pessimistas compulsivos...

-

Não, é que fico nervoso só de pensar em tribunais.

-

A sua papelada está em ordem. Foi qualificado como perito para efeito

de testemunho. Não fique tão preocupado.

-

E quanto a isto? - ergueu o copo.

-

Não devia beber tanto - disse Lucien, virtuosamente.

O médico baixou o copo e deu uma sonora gargalhada. Levantou -se pesadamente

da cadeira e foi até à beira da varanda, rindo ao mesmo tempo em que segurava a barriga.

-

O senhor está bêbado - disse Lucien, entrando em casa para ir buscar

outra garrafa.

Quando Jake chegou, uma hora depois, Lucien estava balançando -se suavemente

na enorme cadeira de vime. O médico dormia no balanço de dois lugares, na outra

extremidade da varanda. Estava descalço, com os pés enfiados nos arbustos. Jake subiu os

degraus e Lucien voltou-se sobressaltado.

-

Jake, meu rapaz, como está? - perguntou com voz pastosa.

-

Bem, muito obrigado, Lucien. Vejo que está ótimo. - Olhou para a

garrafa vazia e a outra pela metade.

-

Queria que você conhecesse aquele homem - disse Lucien, fazendo

um esforço para endireitar o corpo na cadeira.

-

Quem é?

-

O nosso psiquiatra. Dr. W T. Bass, de Jackson. Um grande amigo

meu. Ele vai nos ajudar no caso Hailey.

-

Ele é bom?

-

O melhor. Trabalhamos juntos em vários casos de insanidade.

Jake deu alguns passos na direção do balanço e parou. O médico estava deitado de

costas com a camisa desabotoada e a boca escancarada. Roncava alto. Um moscardo quase

do tamanho de um pardal voava em volta do nariz dele e era atirado ao ar cada vez que ele

respirava. Um cheiro rançoso saía da boca do médico e pairava como uma névoa invisível

no ar.

-

Ele é médico?-perguntou Jake, sentado ao lado de Lucien.

-

Psiquiatra - disse Lucien, com orgulho.

-

Ele o ajudou nisso? - apontou para as garrafas.

-

Eu é que o ajudei. Ele bebe como uma esponja, mas está sempre

sóbrio no tribunal.

-

É um alívio saber disso...

-

Vai gostar dele. É barato. Está me devendo um favor. Não vai custar

nada.

-

Já estou gostando dele...

A cara de Lucien estava tão vermelha como os olhos.

-

Quer um copo?

-

Não. São três e meia da tarde.

-

São? Que dia é hoje?

-

12 de Junho, quarta-feira. Há quanto tempo é que estão bebendo?

-

Uns trinta anos. - Lucien riu e fez tilintar os cubos de gelo no copo.

-

Quero dizer, hoje.

-

Tomamos o café da manhã. Que importância é que isso tem?

-

Ele trabalha?

-

Não, está aposentado.

-

Aposentadoria voluntária?

-

Quer dizer, se foi expulso, ou coisa assim?

-

Ou coisa assim.

-

Não. Ainda tem a licença e as referências são impecáveis.

-

Ele parece impecável.

-

A bebida apoderou-se dele há alguns anos. A bebida e as pensões

alimentares. Fui eu quem tratou dos três divórcios dele. Chegou a um ponto em que

tudo quanto ganhava ia para as pensões e sustento dos filhos, por isso parou de

trabalhar.

-

De que é que ele vive?

-

Nós, bem, quero dizer, ele tinha algum dinheiro guardado. Conseguiu

escondê-lo das mulheres e dos seus ávidos advogados. Na verdade, ele governa-se

muito bem.

-

Sim, parece que sim.

-

Além disso, vende um pouco de droga, mas só para uma clientela rica.

Não realmente drogas, mas narcóticos que ele pode receitar legalmente. Na verdade,

não é ilegal, apenas um pouco contra a ética.

-

Que faz ele, aqui?

-

Vem visitar-me uma vez por outra. Vive em Jackson, mas detesta a

cidade. Eu telefonei no domingo à noite, depois de ter falado com você. Ele quer ver

o Hailey o mais depressa possível, amanhã, se puder.

O médico rosnou e virou-se de lado, fazendo oscilar bruscamente o balanço. Esticou

a perna direita e o pé foi encostar-se num galho grosso do arbusto. O balanço virou-se de

lado e atirou o bom doutor ao chão. A cabeça bateu no soalho de madeira e o pé direito ficou

preso na ponta do balanço. O médico fez uma careta, tossiu e continuou dormindo. Jake

instintivamente adiantou-se para ele, mas parou quando percebeu que não tinha

se

machucado e dormia calmamente.

- Deixe o homem em paz! - ordenou Lucien, com uma gargalhada.

Lucien atirou um cubo de gelo, fazendo-o deslizar pelo soalho na direção do médico

e quase lhe acertou na cabeça. O segundo cubo acertou-lhe a ponta do nariz.

- Pontaria perfeita! - disse Lucien, com uma gargalhada. - Acorde, seu bêbado!

Jake desceu os degraus da varanda e encaminhou-se para o carro, ao som das

gargalhadas e das imprecações do seu antigo patrão, que continuava a at irar cubos de gelo

no Dr. W T. Bass, psiquiatra, testemunha da defesa.

O policial DeWayne Looney saiu do hospital de muletas e foi de carro com a mulher

e os três filhos para o edifício da cadeia, onde o xerife, os sub delegados, os reservas e

alguns amigos esperavam com um bolo e presentes. Looney ia ser operador de rádio, com

direito ao distintivo, uniforme e salário integral.

VINTE E UM

O salão de reuniões da igreja Springdale fora lavado e encerado e fora limpo o pó das

mesas e cadeiras de dobrar colocadas em filas perfeitas em volta da sala. Era a maior igreja

negra de Ford County e ficava em Clanton, por isso o reverendo Agee achou que era o lugar

mais indicado. O objetivo da conferência de imprensa era tornar público o apoio ao cidadão

bem sucedido e anunciar a criação do Fundo para a Defesa Legal de Carl Lee Hailey. O

diretor nacional da Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor compareceu

com um cheque de cinco mil dólares e a promessa de uma soma ainda maior depois. O

diretor-executivo da filial de Memphis pôs cinco mil na mesa, com um gesto imponente.

Sentaram-se com Agee atrás das duas mesas de dobrar na frente da sala, com todos os

membros do conselho sentados atrás deles e duzentos fiéis das igrejas negras no templo

completamente cheio. Gwen sentou-se ao lado de Agee. Alguns repórteres e algumas

câmeras, em número muito menor do que esperavam, no centro da sala, filmavam a cena.

Agee foi o primeiro a falar e sentiu-se inspirado pelas câmeras. Falou dos Hailey,

da

sua bondade e inocência, e de ter batizado Tonya quando ela tinha apenas oito anos. Falou

de uma família arrasada pelo racismo e pelo ódio. Assoaram-se narizes no auditório. A seguir,

tornou-se áspero. Criticou acerbamente o sistema judiciário por processar um ho mem bom e

decente que não tinha feito nada de mal, um homem que, se fosse branco, não iria a

julgamento, um homem que ia ser julgado porque era negro, e isso era o que não era justo

no processo e na acusação a Carl Lee Hailey. Agee encontrou o ritmo e os o uvintes

acompanharam-no, e a entrevista vibrou com o fervor de uma cerimônia religiosa. Agee falou

durante quarenta e cinco minutos.

Ele era difícil de igualar. Mas o diretor nacional não hesitou. Durante trinta minutos

proferiu uma eloqüente condenação do racismo. Aproveitou a oportunidade e citou as

estatísticas nacionais de crimes, prisões, condenações e população carcerária, concluindo

com a afirmação de que o sistema judiciário penal era controlado por brancos que

perseguiam injustamente os negros. Então, numa desconcertante guinada na exposição, ele

transportou as estatísticas nacionais para Ford County e declarou que o sistema não tinha

competência para julgar Carl Lee Hailey. As luzes das câmeras mostraram um fio de suor

acima das suas sobrancelhas e ele começou a ficar inflamado. Mais furioso do que o

reverendo Agee, batia com as mãos no pódio, fazendo saltar e estremecer os microfones.

Exortou os negros de Ford County e do Mississipi a doar todo o dinheiro que pudessem.

Prometeu manifestações. O julgamento seria um grito de guerra para negros e oprimidos de

toda a parte.

Respondeu a perguntas. Quanto dinheiro pretendiam levantar? Pelo menos cinqüenta

mil, esperavam. A defesa de Carl Lee Hailey ia ser muito dispendiosa, e cinqüenta mil talvez

não bastassem, mas eles conseguiriam tanto quanto fosse necessário. Porém, o tempo era

curto. Para onde iria o dinheiro? Honorários advogados e custos processuais. Uma bateria

de advogados e médicos seria mobilizada. Seriam usados advogados da associação? Sem

dúvida. A equipe jurídica de Washington já estava trabalhando no caso. A unidade de defesa

de processos de pena capital se encarregaria de todos os aspectos do julgamento. Carl Lee

Hailey tornara-se a sua principal prioridade e todos os recursos disponíveis seriam dirigidos

para a defesa dele.

Quando terminou, o reverendo Agee voltou ao pódio e fez com a cabeça um sinal

para o pianista num canto da sala. Começou a música. Todos se puseram de pé, de mãos

dadas, e produziram uma arrebatadora interpretação de "We Shall Overcome".

Jake leu no jornal de terça-feira a reportagem sobre o levantamento de fundos. Já

tinha ouvido alguma coisa sobre o peditório especial que seria administrado pelo conselho,

mas constava que o dinheiro era para ajudar a família. Cinqüen ta mil para os honorários dos

advogados! Ficou furioso, mas interessado. Será que ia ser despedido outra vez? E se Carl

Lee recusasse os advogados da associação, o que ia acontecer ao dinheiro? Faltavam cinco

semanas para o julgamento, tempo suficiente para a equipe de defesa da associação invadir

Clanton. Jake lera acerca desses advogados, uma equipe de seis especialistas em crimes

puníveis com pena de morte que percorriam o sul defendendo negros acusados de crimes

hediondos e famigerados. "O esquadrão da morte", como era conhecido. Eram advogados

brilhantes, cheios de talento, muito cultos, que se dedicavam à tarefa de salvar

das câmeras

de gás e das cadeiras elétricas, em todo o Sul, os assassinos negros. Tratavam unicamente

de crimes de homicídio e eram muito bons no que faziam. A sua interferência era conduzida

pela associação, que levantava fundos, organizava os negros da região, gerando publicidade.

O racismo era a sua melhor e, às vezes, única tática de defesa e embora perdessem mais

do que ganhavam, os resultados finais não eram dos piores. Os processos em que

trabalhavam eram todos supostamente causas perdidas. O objetivo era apresentar o réu

como vítima perante os jurados, na esperança de evitar que o júri chegasse a uma decisão.

Agora vinham a Clanton.

Uma semana antes, Buckley dera entrada nos requerimentos pedindo que Carl Lee

fosse examinado pelos médicos do estado. Jake solicitou que os médicos fizessem os

exames em Clanton, de preferência no escritório de Jake. Noose indeferiu e mandou o xeri fe

conduzir Carl Lee ao Hospital de Alienados do Estado do Mississipi em Whitfield. Jake

requereu que lhe fosse permitido acompanhar o seu cliente e estar presente durante os

exames. Noose indeferiu de novo.

Na quarta-feira, muito cedo, Jake e Ozzie tomavam café no escritório do xerife

enquanto Carl Lee tomava banho e mudava de roupa. Whitfield ficava a três horas de carro

de Clanton e ele devia estar no hospital às nove. Jake queria dar as últimas instruções ao

seu cliente.

- Quanto tempo é que vão lá ficar? - perguntou Jake a Ozzie. - O senhor é que é o

advogado. Quanto tempo vai demorar?

- Três ou quatro dias. Já lá esteve lá, não esteve?

- É claro que sim, tivemos de transportar uma porção de gente maluca. Mas nada

igual a isto. Aonde vai ele ficar?

- Eles têm todo o tipo de celas.

O sub delegado Hastings entrou negligentemente no escritório, com ar de sono e

mastigando uma carcaça da véspera. - Quantos carros levamos?

-

Dois - respondeu Ozzie. - Eu conduzo o meu e você o seu. Levo Pirtle

e Carl Lee e você leva Riley e Nesbit. - Armas?

-

Três em cada carro. Muitas munições. Todas as pessoas com colete

à prova de bala, incluindo Carl Lee. Prepare os carros. Quero sair às cin co e meia.

Hastings resmungou qualquer coisa e saiu.

-

Está à espera de problemas? - perguntou Jake.

-

Recebemos alguns telefonemas. Dois em especial mencionaram a

viagem a Whitfield. Há muito chão daqui até lá.

-

Que caminho vão fazer?

-

A maioria das pessoas vai pela 22 para a interestadual, não é? Talvez

seja mais seguro escolher estradas secundárias. Provavelmente, seguiremos pela 14

para o Sul até à 89.

-

Ninguém vai pensar nesse caminho.

-

Ainda bem. E ainda bem que você aprova.

-

Ele é meu cliente, sabe?

-

Pelo menos por enquanto.

Carl Lee comeu rapidamente os ovos e biscoitos, enquanto Jake o informava do que

o aguardava na sua estada em Whitfield.

-

Eu sei, Jake. Você quer que eu banque o maluco, certo? - disse ele,

rindo.

Ozzie também achou graça.

-

Isto é sério, Carl Lee! Ouça o que lhe digo.

-

Porquê? O senhor mesmo disse que não tem importância o que eu

disser ou fizer lá. Eles não vão dizer que eu estava louco quando matei os dois. Os

médicos trabalham para o estado, certo? O estado é que está me processando, certo?

Que diferença faz o que eu fizer ou disser. Eles já têm uma opinião. Não é isso, Ozzie?

-

Eu não tenho nada a ver com isso. Eu trabalho para o estado.

-

Você trabalha para o condado - disse Jake.

-

Nome, patente e número. Isso é tudo o que eles vão conseguir de mim

- disse Carl Lee, esvaziando um saquinho de papel.

-

Muito engraçado - disse Jake.

-

Ele está maluco, Jake - disse Ozzie.

Carl Lee enfiou dois canudinhos no nariz e começou a andar pela sala, olhando para

o teto e depois agarrando em qualquer coisa por cima da cabeça. Pegava -lhe e guardava no

saco de papel. Hastings voltou e parou na porta. Com um largo sorriso e

olhos furiosos, Carl Lee apanhou outra coisa imaginária no ar.

-

Que diabo ele está fazendo? - perguntou Hastings.

-

Caçando borboletas - disse Carl Lee.

Jake pegou a pasta e encaminhou-se para a porta.

-

Eu acho que você devia deixá-lo em Whitfield. - Bateu com a porta e

saiu.

Noose tinha marcado para segunda-feira, 24 de Junho, em Clanton, a audiência para

determinar o local do julgamento. Seria uma audiência demorada e com muita publicidade.

Jake solicitara a transferência de foro e competia à defesa provar que Carl Lee

não teria um

julgamento justo e imparcial em Ford County. Ia precisar de testemunhas. Pessoas com

credibilidade na comunidade, dispostas a testemunhar no sentido de que não era possível

um julgamento justo. Atcavage disse que poderia testemunhar como um favor pessoal, mas

o banco talvez não aprovasse o seu envolvimento no caso. Harry Rex of ereceu-se como

voluntário. O reverendo Agee disse que teria prazer em testemunhar, mas isso fora antes da

associação anunciar que os seus advogados iriam tratar do caso. Lucien não tinha

credibilidade e Jake não pensou seriamente em lhe pedir.

Buckley, por seu lado, ia apresentar uma dúzia de testemunhas com credibilidade -

pessoas eleitas para cargos públicos, advogados, homens de negócios, talvez outros xerifes

- todas dispostas a declarar que tinham ouvido falar vagamente de Carl Lee Hailey e garantir

que ele podia ter um julgamento justo em Clanton. Pessoalmente, Jake preferia que o

julgamento fosse em Clanton, no seu tribunal do outro lado da rua, em frente de toda a

população. Julgamentos significavam pressão intensa e constante, noites sem dormir,

experiências penosas e difíceis. Seria muito melhor passar por tudo isso numa arena

conhecida, a três minutos do seu prédio. Durante os intervalos, poderia aproveitar o tempo

livre para fazer pesquisas no escritório, preparar testemunhas, ou descansar. Pod ia comer

no Coffee Shop ou no Claude's, ou ir até casa para um almoço rápido. O seu cliente podia

ficar na cadeia de Ford County, perto da família.

Além disso, é claro, a sua presença na mídia seria mais constante. Os repórteres iam

se reunir em frente do seu escritório, todas as manhãs, e acompanhar o seu passo lento até

o tribunal. Era uma visão que lhe agradava. Teria importância o local onde eles iam julgar

Carl Lee Hailey? Lucien tinha razão. A publicidade alcançara todos os condados do

Mississipi. Então, por que mudar o local? A sua culpa ou a sua inocência já tinha sido pré -

julgada por cada um dos possíveis jurados do estado.

Mas era claro que importava. Alguns desses jurados eram brancos, outros negros.

Pela lógica da estatística, em Ford County os brancos seriam em maior número do que nos

outros condados. Jake adorava jurados negros, especialmente para casos de homicídio e

especialmente quando o acusado era negro. Não tinham ânsia de condenar. Tinham a mente

aberta. Jake também preferia os negros para as ações cíveis. Identificavam-se sempre com

o desprivilegiado, contra as grandes firmas ou companhias de seguros, e eram mais liberais

com o dinheiro dos outros. Via de regra, Jake escolhia o maior número possível de jurados

negros, mas em Ford County eles eram escassos.

Era imperioso que o caso fosse julgado em outro condado, numa cidade mais negra.

Um só negro podia impedir uma decisão por unanimidade. Uma maioria podia forçar, talvez,

uma absolvição. Não era agradável a idéia de passar duas semanas num motel e num tribunal

desconhecido, mas os pequenos desconfortos eram grandemente superados pela

necessidade de contar com rostos negros no júri.

Lucien havia analisado minuciosamente a questão da transferência de local.

Obedecendo, embora com relutância, às instruções, Jake chegou a casa de Lucien

pontualmente às oito horas da manhã. Sallie serviu o café da manhã na varanda. Jake bebeu

suco de laranja e café, Lucien, uísque e água. Durante três horas, estudaram todos os

aspectos da transferência de foro. Lucien tinha cópias de todos os casos do Supremo

Tribunal nos últimos oitenta anos e deu uma verdadeira aula. O aluno tomou notas, discutiu

uma ou duas vezes, mas, durante o resto do tempo, limitou -se a ouvir.

Whitfield ficava a poucos quilômetros de Jackson, na região rural de Rankin County.

Dois guardas esperavam no portão, discutindo com os repórteres. Carl Lee devia chegar às

nove. Era tudo quanto sabiam. Às oito e meia, dois carros-patrulha com a insígnia de Ford

County pararam em frente do portão. Os repórteres e os seus cameramen correram para o

motorista do primeiro carro. O vidro, no lado de Ozzie, estava descido.

-

Onde está Carl Lee Hailey? - gritou um repórter, em pânico.

-

Está no outro carro - disse Ozzie, com voz arrastada, piscando o olho

a Carl Lee, sentado no banco de trás.

-

Ele está no segundo carro! - gritou alguém e eles correram para o

carro de Hastings.

-

Onde está Hailey? - perguntaram.

Pirtle, no banco da frente, apontou para Hastings, que estava ao volante.

-

Aí está ele.

-

O senhor é Carl Lee Hailey? - gritou um repórter para Hastings.

-

Sou eu.

-

Porque vem a guiar o carro?

-

Porque está de uniforme?

-

Porque agora sou um policial - respondeu Hastings, com a cara mais

séria do mundo.

O portão abriu-se e os dois carros entraram. Carl Lee foi identificado no edifício

principal e depois conduzido, com Ozzie e os policiais, para outro edifício onde o puseram

numa cela, ou quarto, como lhe chamavam. Fecharam a porta. Ozzie e os seus homens

foram dispensados e voltaram para Clanton.

A seguir ao almoço, um assistente com uma prancheta e bata branca entrou no quarto

e começou a fazer perguntas. Começando pelo nascimento, fez perguntas acerca de todos

os acontecimentos e de todas as pessoas importantes da sua vida. O interrogatório durou

duas horas. Às quatro da tarde, dois guardas de segurança algemaram Carl Lee e levaram-

no num carrinho de golfe para um edifício moderno, de tijolos, a seiscentos metros do quarto

dele. Foi conduzido ao consultório do Dr. Wilbert Rodeheaver, chefe da equipe. Os guardas

esperaram no corredor, ao lado da porta.

VINTE E DOIS

Billy Ray Cobb e Pete Willard estavam mortos há cinco semanas. Faltavam quatro

semanas para o julgamento. Os três motéis de Clanton estavam com todas as reservas

esgotadas para a semana do julgamento. O Best Westem era o maior e melhor e foi o

preferido pela imprensa de Jackson e de Memphis. O Clanton Court tinha o melhor bar e

restaurante e estava reservado para os repórteres de Atlanta, Washington e Nova York. No

menos elegante East Side Motel o preço das diárias duplicou para o mês de Julho, mas

mesmo assim todos os quartos estavam reservados.

De início, a cidade tratara cordialmente aqueles estranhos, a maioria mal - educada e

com sotaques diferentes. Porém, algumas reportagens sobre Clanton foram pouco lisonjeiras

e os moradores obedeciam agora a um código secreto de silêncio. Um café barulhento ficava

silencioso assim que aparecia um estranho. Os comerciantes da praça não atendiam de boa

vontade os desconhecidos. Os funcionários do tribunal eram surdos às perguntas, repetidas

milhares de vezes, pelos intrusos barulhentos. Até os repórteres de Jackson e de Memphis

tinham dificuldade em sacar alguma informação. A população da cidade estava farta de ser

descrita como atrasada, burra e racista. Todos ignoravam os estranhos e tratavam da própria

vida.

O bar no Clanton Court tornou-se o ponto de reunião dos repórteres. Era o único lugar

na cidade onde podiam encontrar uma cara amiga e uma boa conversa. Sentavamse às

mesas entre as divisórias baixas sob a grande tela de televisão, e falavam sobre a cidade e

o julgamento. Comparavam notas, reportagens e boatos, e bebiam até se embriagarem

porque não tinham mais nada para fazer em Clanton durante a noite.

Na noite de domingo, 23 de Junho, véspera da audiência para transferência do local

do julgamento, os motéis ficaram cheios. Na segunda-feira de manhã, reuniram-se no

restaurante do Best Westem para tomar café e fazer conjecturas. A audiência era o primeiro

confronto importante e podia ser a única ocorrência no tribunal, antes do julgamento. Correu

o boato de que Noose estava doente, que não queria presidir ao julgamento e que ia pedir

ao Supremo Tribunal a indicação de outro juiz. Apenas um boato, sem fonte e nada mais

definido, disse um repórter de Jackson. Às oito horas, pegaram as câmeras e os microfones

e foram para a praça. Um grupo ficou no lado de fora da cadeia, outro nos fundos do edifício

do tribunal, mas a maioria foi para a sala do tribunal. Às oito e meia, o recinto estava cheio.

Da varanda do seu escritório, Jake observava a atividade em volta do tribunal. Tinha

o pulso acelerado e sentia um nó no estômago. Jake sorriu. Estava pronto para Buckley,

pronto para as câmeras.

Noose olhou para baixo, para além do nariz avantajado, por c ima dos óculos de

leitura, e examinou a sala repleta. Todas as pessoas estava a postos.

-

O tribunal tem diante de si - começou ele - o requerimento do acusado

com vista à transferência de foro. O julgamento deste caso está marcado para 22 de

Junho, segunda-feira. Quatro semanas a partir de hoje, pela minha agenda.

Estabeleci um prazo fatal para a apresentação de moções e a solução das mesmas

e acredito que sejam os dois únicos prazos marcados, entre o dia de hoje e o dia do

julgamento.

-

Exatamente, Meritíssimo - trovejou Buckley, levantando-se a meio da

cadeira.

Jake revirou os olhos e abanou a cabeça.

-

Muito obrigado, Dr. Buckley - disse Noose secamente. - O acusado comunicou formalmente que pretende alegar insanidade em sua defesa. Ele foi examinado em Whitfield?

-

Sim, senhor, Meritíssimo, na semana passada - respondeu Jake.

-

Ele vai usar o seu psiquiatra particular?

-

É claro, Meritíssimo.

-

Ele foi examinado pelo seu psiquiatra?

-

Sim, Meritíssimo.

-

Muito bem. Então, isto está resolvido. Que outras moções espera apresentar?

-

Meritíssimo, esperamos apresentar uma moção pedindo ao oficial de

justiça para citar mais do que o número habitual de possíveis jurados...

-

O estado fará objeção a essa moção - gritou Buckley, levantando-se

de um salto.

-

Sente-se, Dr. Buckley! - disse Noose com severidade, arrancando os

óculos do nariz e olhando furioso para o promotor. - Por favor, não volte a gritar

comigo... É claro que se vai opor. O senhor vai objetar contra toda e qualquer moção

apresentada pela defesa. É esse o seu trabalho. Não interrompa outra vez. O senhor

terá ampla oportunidade, depois de suspendermos a sessão, de apresentar a sua

performance aos meios de comunicação.

Buckley sentou-se pesadamente e procurou esconder a cara vermelha. Era a primeira

vez que Noose gritava com ele.

-

Continue, Dr. Brigance.

Jake ficou assustado com o mau humor de Ichabod. O juiz parecia cansado e doente.

Talvez fosse a pressão do caso.

-

Vamos talvez apresentar por escrito algumas objeções às provas

previstas. - Moções in limine?

-

Sim, senhor.

-

Ouviremos isso no julgamento. Mais alguma coisa?

-

Não, de momento.

-

Agora o senhor, Dr. Buckley, o estado vai apresentar alguma moção?

-

De momento não me ocorre nenhuma - respondeu Buckley, com

mansidão.

-

Ótimo. Quero ter certeza de que não haverá surpresas de hoje até o

julgamento. Estarei na cidade uma semana antes do julgamento para ouvir e resolver

qualquer pendência anterior ao julgamento. Esper o que qualquer moção seja

apresentada imediatamente, para que possa ser resolvida muito antes do dia 22 de

Julho. Noose examinou os autos e leu a moção apresentada por Jake para

transferência de local. Jake falou em voz baixa com Carl Lee, cuja presença nã o era

exigida para aquela audiência, mas que insistira em comparecer. Gwen e os três rapazes estavam na primeira fila, atrás dele. Tonya não estava presente.

-

Dr. Brigance, a sua moção parece estar em ordem. Quantas testemunhas?

-

Três, Meritíssimo.

-

Dr. Buckley, quantas vai chamar?

-

Temos vinte e uma - disse Buckley, com orgulho.

-

Vinte e uma! - berrou o juiz.

Buckley encolheu-se e olhou para Musgrove.

-

M-m-as provavelmente não precisaremos de todas. Na verdade, sei que não chamaremos todas.

-

Escolha as cinco melhores, Dr. Buckley. Não pretendo passar o dia inteiro aqui.

-

Sim, Meritíssimo.

-

Dr. Brigance, o senhor pediu transferência de foro. A moção é sua.

Pode prosseguir.

Jake caminhou lentamente pela sala, passou por trás de Buckley e foi até ao pódio

de madeira em frente da bancada dos jurados.

-

Meritíssimo, o Sr. Hailey submete à aprovação deste tribunal o seu

pedido para que o local do seu julgamento seja transferido de Ford County. A razão é

óbvia. A publicidade neste caso impedirá que seja feito um julgamento justo. O bom

povo deste condado já pré-julgou a culpa ou a inocência de Carl Lee Hailey. Ele é

acusado da morte de dois homens, ambos nascidos e com família nesta cidade. As

vidas não foram famosas, mas as suas mortes foram, sem dúvida... Até ag ora, o Sr.

Hailey era conhecido por poucas pessoas estranhas a esta comunidade. Agora, todos

neste condado sabem quem ele é, sabem tudo sobre a família dele e sobre a filha e

o que lhe aconteceu, e conhecem a maioria dos detalhes dos crimes alegados. Será

impossível encontrar uma dúzia de pessoas em Ford County que não tenha pré - julgado o caso. Este julgamento deve ser feito noutro local do estado, onde a população não esteja tão familiarizada com os fatos.

-

O senhor poderia sugerir algum local? - interrompeu o juiz.

-

Eu não recomendaria nenhum local específico, mas deveria ser o mais distante possível. Talvez a Costa do Golfo.

-

Porquê?

-

Por motivos óbvios, Meritíssimo. Fica a mais de seiscentos quilômetros de Ford County e tenho certeza de que a população de lá não sabe tanto sobre o caso como a daqui.

-

E o senhor acha que a população do Sul do Mississipi não ouviu nada sobre o caso?

-

Tenho certeza de que ouviu. Mas está muito mais distante.

-

Mas eles têm televisão e jornais, não têm, Dr. Brigance?

-

Estou certo que sim.

-

Acredita que poderá encontrar, em qualquer condado deste estado,

doze pessoas que não tenham conhecimento dos detalhes deste caso?

Jake olhou para o seu bloco de notas. Ouvia os artistas desenhando nos seus blocos,

atrás dele. Com o canto dos olhos viu o sorriso sarcástico de Buckley.

-

Seria difícil, Meritíssimo - disse Jake, em voz baixa.

-

Chame a sua primeira testemunha.

Harry Rex Vonner prestou juramento e sentou-se. A cadeira giratória de madeira

estalou e rangeu sob seu peso. Ele soprou no microfone e um silvo agudo ecoou no recinto.

Vonner sorriu para Jake e inclinou levemente a cabeça.

-

Como se chama?

-

Harry Rex Vonner.

-

Residência?

-

Cedarbush 8493, Clanton, Mississipi.

-

Há quanto tempo vive em Clanton?

-

Desde que nasci. Quarenta e seis anos.

-

Profissão?

-

Sou advogado. Licenciado há vinte e dois anos.

-

Conhece Carl Lee Hailey?

-

Eu o vi uma vez.

-

O que sabe a respeito dele?

-

Que supostamente matou dois homens, Billy Ray Cobb e Pete

Willards e feriu um policial, DeWayne Looney.

-

Conhecia algum desses homens?

-

Não pessoalmente. Tinha ouvido falar de Billy Ray Cobb.

-

Como soube dos crimes?

-

Bem, aconteceu numa segunda-feira, se não me engano. Eu estava

no tribunal, no primeiro andar, verificando o título de propriedade de umas terras na

sala do escriturário, quando ouvi os tiros. Corri para o corredor e a confusão era geral.

Perguntei a um policial o que estava acontecendo e ele me disse que os homens

tinham sido mortos perto da porta dos fundos do edifício do tribunal. Fiquei por ali

mais algum tempo e pouco depois ouvi dizer que o assassino era o pai da menina

violentada.

-

Qual foi sua primeira reação?

-

Fiquei chocado, como a maior parte das pessoas. Mas também fiquei

chocado quando soube do estupro.

-

Quando soube que o Sr. Hailey tinha sido preso?

-

Naquela mesma noite. Foi noticiado em todas as estações de

televisão.

-

O que viu o senhor na televisão?

-

Bem, procurei ver o máximo possível. Havia noticiários sobre o crime

nas estações locais, em Memphis e Tupelo. Nós temos televisão a cabo, como o

senhor sabe, e eu vi os noticiários de Nova Iorque, Chicago e Atlanta. Quase todos

os canais tinham alguma notícia sobre os crimes e a prisão. Mostravam o tribunal de

justiça e a cadeia. Foi um grande acontecimento. O maior em toda a história de

Clanton, Mississipi.

-

Qual foi sua reação quando soube que o pai da menina era o suposto

assassino dos dois homens?

-

Não foi surpresa para mim. Quero dizer, nós todos, de certa forma,

achamos que devia ter sido ele. Admirei-o. Tenho filhos, e simpatizo com o que ele

fez. E continuo a admirá-lo.

-

O que sabe sobre o estupro?

Buckley levantou-se de um salto.

-

Protesto! O estupro é irrelevante!

Noose arrancou outra vez os óculos do nariz e olhou furioso para o promotor. Alguns

segundos se passaram e Buckley olhou para a mesa. Passou o peso do corpo de um pé para

outro e sentou-se. Noose, inclinado para frente, continuava olhando para ele.

-

Dr. Buckley, não grite comigo! Se fizer isso outra vez, juro por Deus,

que mando prendê-lo por desacato. Talvez tenha razão, o estupro é irrelevante. Mas

isto não é um julgamento, ou será que é? Isto é simplesmente uma audiência, não é?

Não temos um júri, ou temos? Objeção negada e inoportuna. Agora, fique sentado.

Sei que é difícil, com este tipo de audiência, mas eu ordeno que fique sentado a não

ser que tenha alguma coisa importante para dizer. Nesse caso, pode levantar -se e

dar a sua opinião, educadamente e sem gritar.

-

Obrigado, Meritíssimo - disse Jake, sorrindo para Buckley. - Agora, Dr.

Vonner, como eu estava dizendo, o que sabia sobre o estupro?

-

Só o que ouvi dizer.

-

E o que foi que ouviu?

Buckley levantou-se e inclinou o corpo para frente como um japonês lutador de sumô.

-

Se me permite, Meritíssimo - disse suavemente, em voz baixa. - Eu

gostaria de fazer uma objeção, com a autorização do tribunal. A testemunha deve

apenas prestar declarações sobre o que sabe em primeira mão, não so bre o que ouviu

a outrem.

Noose respondeu com a mesma suavidade:

-

Muito obrigado, Dr. Buckley. A sua objeção foi anotada e indeferida.

Por favor, Dr. Brigance, continue.

-

Obrigado, Meritíssimo. O que ouviu sobre o estupro?

-

Cob e Willard apanharam a menina Hailey e levaram-na para um lugar

qualquer do bosque. Estavam bêbados. Eles amarraram-na a uma árvore,

violentaram-na várias vezes e tentaram enforcá-la. Até urinaram nela.

-

Eles o quê?!!! - perguntou Noose.

-

Urinaram nela, Sr. Dr. Juiz.

Um murmúrio percorreu o tribunal. Jake não tinha ouvido falar nisso, Buckley também

não e evidentemente ninguém sabia, a não ser Harry Rex. Noose abanou a cabeça e bateu,

de leve, com o martelo. Jake fez algumas anotações no seu bloco, admirado com esse

conhecimento abstruso do amigo sobre o fato.

-

Onde ouviu falar do estupro?

-

Em toda a cidade. É público e notório. Na manhã seguinte, os policiais

descreviam os detalhes no Coffee Shop. Todos sabem.

-

É de conhecimento público em todo o condado?

-

Sim. No último mês, todas as pessoas com quem falei sabiam

detalhes do estupro.

-

Conte o que sabe sobre a morte dos dois homens.

-

Bem, como eu já disse, foi na tarde de segunda-feira. Os homens

estavam no tribunal para a audiência que decidiria a fiança, s e não me engano, e

quando saíram do tribunal, foram algemados e conduzidos pelos policiais pela escada

dos fundos. Quando estavam no fundo da escada, o Sr. Hailey saltou de dentro de

um armário com uma M-16. Os dois foram mortos e DeWayne Looney foi ferido. Uma

parte da perna dele teve de ser amputada.

-

Exatamente, onde aconteceu isso?

-

Bem mais abaixo de onde nos encontramos agora, na entrada dos

fundos do edifício do tribunal. O Sr. Hailey estava escondido no armário do contínuo

e saiu lá de dentro, de repente, começando a disparar.

-

Acredita que isso seja verdade?

-

Eu sei que é.

-

Onde ficou sabendo todas essas coisas?

-

Aqui e ali. Na cidade. Nos jornais. Todas as pessoas sabem.

-

Onde ouviu conversas sobre o crime?

-

Em toda parte. Nos bares, nas igrejas, no banco, na lavanderia, no Tea Shoppe, nos cafés, nos bares. Em toda parte.

-

Conversou com alguém que acredite que o Sr. Hailey não matou Bill Ray Cobb e Pete Willard?

-

Não. Não vai encontrar uma única pessoa neste condado que acredite nisso.

-

A maioria das pessoas da cidade tem opinião formada sobre a culpa ou a inocência do Sr. Hailey?

-

Todos, sem exceção. Ninguém está à margem no que diz respeito a

este caso. É um assunto quente e todos têm opinião formada.

-

Na sua opinião, o Sr. Hailey poderia ter um julgamento justo em Ford

County?

-

Não, senhor. Não há três pessoas neste condado de trinta mil

habitantes que não tenham opinião formada, de uma maneira ou de outra. O Sr. Hailey

já foi julgado. Não é possível formar um júri imparcial.

-

Muito obrigado, Dr. Vonner. Não tenho mais perguntas, Meritíssimo.

Buckley ajeitou o penteado, passando as mãos sobre as orelhas para se certificar de

que todos os cabelos estavam no lugar. Caminhou com passos decididos para o pódio. - Dr.

Vonner - disse com voz sonora e imponente -, o senhor já julgou previamente o Sr. Hailey?

-

Com todos os diabos, é claro que sim.

-

Modere a linguagem, por favor - advertiu Noose.

-

E qual foi seu veredicto?

-

Dr. Buckley, deixe-me que lhe diga da seguinte forma. Vou explicar

lenta e cuidadosamente e tenho certeza de que até o senhor vai compreender. Se eu

fosse o xerife, eu não teria efetuado a prisão do Sr. Hailey. Se eu tivesse feito parte

do grande júri, eu não o teria indiciado. Se eu fosse o juiz, eu não o julgaria. Se eu

fosse o promotor, eu não o acusaria. Se eu fizesse parte do tribunal do júri, votaria

para que entregassem, a ele, a chave desta cidade, uma placa para pendurar na

parede da casa dele e o mandaria de volta para a família. E, Dr. Buckley, se a minha

filha for violentada algum dia, só espero ter a coragem de fazer o que ele fez.

-

Compreendo. Acha que as pessoas devem possuir armas e resolver

as suas disputas com tiroteios?

-

Eu acho que as crianças têm o direito de não serem violentadas e que

os pais têm o direito de protegê-las. Eu acho que filhas pequenas são especiais e se

a minha fosse amarrada a uma árvore e violada por dois viciados, tenho certeza de

que ia ficar louco. Acho que pais bons e decentes deveriam ter o direito assegurado

pela Constituição de executar qualquer pervertido que tocasse nos seus filhos. E acho

que o senhor é um covarde mentiroso quando afirma que não teria vontade de matar

o homem que violentasse a sua filha.

-

Dr. Vonner, por favor! - disse Noose. Com esforço Buckley manteve a

calma. - Evidentemente, este caso exerce grande impacto no senhor, não é verdade?

-

O senhor é muito observador.

-

E o senhor quer ver o acusado absolvido, não é?

-

Pagaria para isso se tivesse dinheiro.

-

E acha que ele terá melhor oportunidade de ser absolvido em outro

condado, não é assim?

-

Acho que ele tem direito a um júri formado por pessoas que não

saibam tudo sobre o caso, antes do começo do julgamento.

-

O senhor o absolveria, não é?

-

Foi o que eu disse.

-

E, sem dúvida, falou com outras pessoas que também pensam assim?

-

Falei com muitas.

-

Haverá pessoas em Ford County que votassem pela condenação?

-

É claro. Muita gente. Ele é negro, não é?

-

Em todas as suas conversas neste condado, detectou uma maioria

evidente de um lado ou de outro?

-

Na verdade, não.

Buckley fez uma anotação no seu bloco.

-

Dr. Vonner, Jake Brigance é seu amigo?

Harry Rex sorriu e revirou os olhos para Noose.

-

Dr. Buckley, eu sou advogado. Os meus amigos são poucos e raros.

Mas, sim, ele é um deles. Sim, senhor.

-

E ele pediu-lhe para testemunhar?

-

Não. Eu entrei por acaso neste recinto há alguns momentos e sentei

nesta cadeira. Nem sequer sabia que ia haver uma audiência esta manhã.

Buckley atirou o bloco de notas para cima da mesa e sentou-se. Harry Rex foi

dispensado.

-

Chame a sua próxima testemunha - ordenou Noose.

-

Reverendo Ollie Agee - disse Jake.

O reverendo foi levado da sala de espera para o banco das testemunhas. Jake o tinha

procurado na véspera, na igreja, com uma lista de perguntas. Ele queria testemunhar. Não

falaram sobre os advogados da associação. O reverendo era uma excelente testemunha. A

sua voz profunda e áspera não precisava de microfone para chegar até o fundo da sala. Sim,

ele conhecia os detalhes do estupro e da morte dos dois homens. Os Hailey eram membros

da sua igreja. Há anos que os conhecia, eram quase como parentes e ele tinha segurado nas

mãos deles, sofrendo com eles, depois do estupro. Sim, tinha falado com inúmeras p essoas

sobre o ocorrido e todos tinham opinião formada sobre a culpa ou a inocência de Hailey. Ele

e outros vinte e dois pastores pertenciam ao conselho e todos tinham conversado sobre o

caso Hailey. E, não, não havia ninguém sem opinião formada em Ford Co unty. Na sua

opinião, não seria possível um julgamento justo em Ford County.

Buckley fez uma única pergunta.

-

Reverendo Agee, conversou com algum negro que votasse a favor da

condenação de Carl Lee Hailey?

-

Não, senhor.

O reverendo foi dispensado e foi sentar-se entre dois dos seus irmãos do conselho.

-

Chame a próxima testemunha - disse Noose.

Jake sorriu para o promotor e disse:

-

Xerife Ozzie Walls.

Buckley e Musgrove imediatamente juntaram as cabeças e confabularam. Ozzie

estava do lado deles, do lado da lei e da ordem, o lado da acusação. Não fazia parte do seu

trabalho ajudar a defesa. Isto só prova que não se pode confiar num preto, pensou Buckley.

Eles unem-se todos quando sabem que um deles é culpado.

Jake conduziu o interrogatório de Ozzie para o tema do estupro e o passado de Cobb

e Willard. Foi monótono e repetitivo e Buckley queria objetar. Mas já fora censurado o

suficiente, para um dia. Jake percebeu que Buckley ia ficar calado e tratou o estupro

demoradamente, com todos os detalhes impressionantes. Finalmente, Noose perdeu a

paciência.

-

Por favor, Dr. Brigance, o tópico seguinte.

-

Sim, Meritíssimo. Xerife Walls, o senhor efetuou a prisão de Carl Lee

Hailey?

-

Sim.

-

Acredita que ele tenha matado Billy Ray Cobb e Pete Willard?

-

Acredito.

-

Conversou com alguém neste condado que ache que Hailey não os matou?

-

Não, senhor.

-

A crença geral é de que o Sr. Hailey os matou?

-

Sim. Todos acreditam nisso. Pelo menos, todos aqueles com quem falei.

-

Xerife, o senhor circula bastante pelo condado?

-

Sim, senhor. É meu dever saber o que se passa.

-

E fala com muita gente?

-

Mais do que posso desejar.

-

Encontrou alguém que não tenha ouvido falar do caso Hailey?

Depois de uma pausa, Ozzie respondeu, falando devagar:

-

Só um surdo, mudo e cego não sabe do caso de Carl Lee Hailey.

-

Encontrou alguém sem opinião formada sobre a sua culpa ou inocência?

-

Essa pessoa não existe...

-

Ele pode ter um julgamento justo, aqui?

-

Não sei dizer. Sei apenas que não vai encontrar doze pessoas que não saibam tudo sobre o caso.

-

Não tenho mais perguntas - disse Jake dirigindo-se a Noose.

-

Esta é a sua última testemunha?

-

Sim, senhor.

-

Vai interrogá-la, Dr. Buckley?

Sem se levantar, Buckley abanou negativamente a cabeça.

-

Muito bem - disse o meritíssimo. - Vamos fazer um pequeno intervalo.

Eu gostaria de falar com os advogados no meu gabinete.

O murmúrio de conversas encheu o recinto quando os advogados seguiram o juiz e

o Sr. Pate para o gabinete. Noose fechou a porta e tirou a toga. O Sr. Pate serviu - lhe uma

xícara de café puro.

-

Senhores, estou pensando em proibir o acesso da imprensa ao caso,

a partir de hoje, até o fim do julgamento. Estou preocupado com a publicidade e não

quero que este caso seja julgado pela imprensa. Algum comentário?

Buckley empalideceu, profundamente abalado. Abriu a boca mas não conseguiu dizer

nada.

-

Boa idéia, Meritíssimo - concordou Jake, engolindo em seco. - Eu tinha

pensado em requerer essa ordem.

-

Sim, é claro que pensou. Já notei como o senhor foge da publicidade...

O que acha, Dr. Buckley?

-

Bem, a quem se aplicaria a ordem?

-

Ao senhor, Dr. Buckley. O senhor e o Dr. Brigance ficariam proibidos

de revelar à imprensa qualquer aspecto do caso ou do julgamento. Seria aplicada a

todos, pelo menos a todos sob o controle deste tribunal. Os advogados , os

funcionários de tribunal, o xerife.

-

Mas, porquê? - perguntou Buckley.

-

Não me agrada a idéia de tê-los, a ambos, julgando este caso através

da mídia. Ambos disputam as luzes das câmeras e já estou imaginando como vai ser

o julgamento... Um circo, é o que vai ser! Não um julgamento, mas um circo com três

pistas! - Noose foi até à janela, resmungando. Parou por um momento, depois

continuou a resmungar. Jake e Buckley trocaram um olhar, depois olharam para o

juiz, alto e desajeitado perto da janela.

-

Vou impor a ordem de silêncio, que passa a vigorar imediatamente,

até ao fim do julgamento. A violação da ordem será punida como desobediência ao

tribunal. Estão proibidos de comentarem qualquer aspecto deste caso com a

imprensa. Alguma pergunta?

-

Não, senhor - disse Jake, rapidamente.

Buckley olhou para Musgrove e meneou a cabeça.

-

Agora, voltando à audiência. Dr. Buckley, disse que tem mais de vinte

testemunhas. De quantas vai precisar, realmente?

-

Cinco ou seis.

-

Isso é muito melhor. Quem são?

-

Floyd Loyd.

-

Quem é?

-

Supervisor. Primeiro Distrito. Ford County.

-

Ele vai testemunhar a respeito de quê?

-

Ele vive aqui há cinqüenta anos, e ocupa o cargo de supervisor há uns

dez, mais ou menos. Na opinião dele, é possível um julgamento justo neste cond ado.

-

Devo supor que ele nunca ouviu falar do caso? - perguntou Noose,

sarcástico. - Não tenho certeza...

-

Quem mais?

-

Nathan Baker. Juiz de Paz. Terceiro Distrito. Ford County.

-

O mesmo testemunho?

-

Bem, basicamente o mesmo.

-

Quem mais?

-

Edgar Lee Baldwin, ex-supervisor, Ford County.

-

Ele foi indiciado criminalmente há alguns anos, não foi? - perguntou

Jake.

Jake nunca tinha visto Buckley tão vermelho. A boca enorme abriu -se e os olhos

brilharam de fúria.

-

Não foi condenado - disse Musgrove.

-

Eu não disse que foi condenado. Apenas que foi indiciado. O FBI, não

foi isso?

-

Chega, chega - disse Noose. - Que vai nos dizer o Sr. Baldwin?

-

Ele vive aqui desde que nasceu. Conhece a população de Ford County

e acha que o Sr. Hailey pode ter um julgamento justo aqui - respondeu
Musgrove.

Buckley continuava mudo, olhando fixamente para Jake.

-

Quem mais?

-

O Xerife Harry Bryant, Tyler County.

-

O Xerife Bryant? O que vai ele dizer? Musgrove falava agora pelo

estado.

-

Meritíssimo, vamos submeter duas teorias à apreciação do tribunal,

em oposição à moção para transferência de foro. Em primeiro lugar, afirmamos que é

possível um julgamento justo em Ford County. Segundo, se a opinião do tribunal é a

de que não é possível um julgamento justo aqui, o estado contesta, afirmando que a

imensa publicidade sobre o caso já alcançou qualquer jurado em potencial deste

estado. Os mesmos preconceitos e opiniões, contra e a favor, que existem neste

condado, existem em todos os outros condados. Sendo assim, de nada adiantará a

transferência do local do julgamento. Temos testemunhas que apóiam a segunda

teoria.

-

É um novo conceito, Sr. Musgrove. Acho que nunca ouvi na da

parecido!

-

Nem eu - disse Jake. - Quem mais?

-

Robert Kelly Williams, promoter do Nono Distrito.

-

Onde fica isso?

-

No extremo sudoeste do estado.

-

E ele veio de tão longe, só para testemunhar que todas as pessoas no seu distrito já julgaram previamente o caso?

-

Sim, senhor.

-

Quem mais?

-

Grady Liston, promotor, Décimo Quarto Distrito.

-

O mesmo testemunho?

-

Sim, senhor.

-

E mais algum?

-

Bem, Meritíssimo, temos muitos mais. Mas os depoimentos seriam

mais ou menos semelhantes aos das testemunhas já citada s. - Muito bem, então

podemos limitar as provas a essas seis testemunhas?

-

Sim, senhor.

-

Vou ouvir as provas deles. Depois, concedo a cada um dos senhores

advogados cinco minutos para concluírem os seus argumentos e dentro de duas

semanas darei a decisão sobre esta moção. Alguma pergunta?

VINTE E TRÊS

Era frustrante ter de dizer não aos repórteres. Eles seguiram Jake quando ele

atravessou a praça Washington. Do outro lado, Jake pediu licença, não fez nenhum

comentário e procurou refúgio no edifício do seu escritório. Um repórter mais ousado, da

Newsweek, entrou atrás dele e pediu para tirar uma fotografia. Queria uma pose com um ar

muito severo tendo como fundo os livros grossos com capa de couro. Jake ajeitou a gravata

e levou o fotógrafo para a sala de conferências, onde posou observando a ordem de silêncio

do tribunal. O fotógrafo agradeceu e saiu.

-

Pode conceder-me alguns minutos? - perguntou Ethel delicadamente

quando Jake se dirigia para a escada.

-

Evidentemente.

-

Porque não se senta? Precisamos conversar. Finalmente, resolveu

demitir-se, pensou Jake, sentando-se ao lado da janela.

-

Qual é o problema?

-

Dinheiro.

-

A senhora é a secretária de escritório de advocacia mais bem paga da

cidade. Teve um aumento há três meses.

-

Não se trata do meu dinheiro. Por favor, ouça. O senhor não tem

dinheiro suficiente no banco para pagar as contas do mês. Junho está quase no fim e

o nosso rendimento bruto foi de mil e setecentos dólares. Jake fechou os olhos e

passou a mão pela testa.

-

Veja estas contas - disse Ethel, empurrando sobre a mesa uma pilha

de faturas. - Um total de quatro mil dólares! Como vou pagar tudo isto?

-

Quanto temos no banco?

-

Mil e novecentos dólares, até sexta-feira. Não entrou nada hoje.

-

Nada?

-

Nem um centavo.

-

E o acordo do caso Liford? São três mil de honorários. Ethel abanou a cabeça.

-

Dr. Brigance, aquele caso não foi encerrado. O Sr. Liford não assinou a quitação.

O senhor ficou de levá-la a casa dele. Há três semanas, lembra-se?

-

Não, não me lembro. E o adiantamento do caso Buck Britt? São mil dólares.

-

O cheque dele não tinha cobertura. O banco devolveu-o e está na sua

mesa há duas semanas.

Ethel respirou fundo.

-

O senhor deixou de atender os seus clientes. Não responde aos telefonemas deles e...

-

Não me venha com sermões, Ethel!

-

E todo o seu trabalho está atrasado um mês!

-

Chega.

-

Desde que aceitou o caso Hailey. Não pensa noutra coisa. Está obcecado. Esse caso vai nos levar à falência.

-

Vai nos levar! Quantos cheques já deixou de receber, Ethel? Quantas dessas contas estão vencidas? Quantas?

-

Algumas.

-

Mas não mais do que de costume, certo?

-

Certo, mas e o próximo mês? Faltam quatro semanas para o

julgamento.

-

Cale-se, Ethel. Cale-se. Se não consegue aguentar a pressão, vá-se

embora. Se não pode ficar calada, então está despedida.

-

O senhor gostaria de me despedir, não é?

-

A mim, tanto faz...

Ethel era uma mulher forte, sólida. Catorze anos com Lucien tinham-lhe endurecido a

pele e a consciência, mas era mulher e, naquele mome nto, o lábio tremeulhe e os olhos

ficaram cheios de lágrimas. Baixou a cabeça.

-

Desculpe - murmurou ela. - É só que estou preocupada.

-

Preocupada com quê?

-

Comigo e com Bud.

-

O que é que aconteceu ao Bud?

-

Está muito doente.

-

Eu sei.

-

Continua com crises de pressão alta. Especialmente depois dos

telefonemas. Já teve três derrames em cinco anos e está prestes a ter outro. Ele está

assustado, nós dois estamos assustados.

-Quantos telefonemas?

-Vários. Ameaçam queimar e explodir a nossa casa. Dizem sempre que sabem onde

moramos, e que se Hailey for libertado vão queimar ou explodir com dinamite a nossa casa,

quando estivermos dormindo... Houve dois que ameaçaram nos matar. Eu acho que este

caso não vale isso.

-

Talvez seja melhor você deixar o emprego.

-

E morrer de fome? Sabe que Bud não trabalha há dez anos. Onde é

que eu posso trabalhar?

-

Ouça, Ethel, eu também tenho recebido ameaças, mas não as levo a sério. Prometi à Carla que abandonaria o caso se representasse perigo real para a minha família, e a senhora pode consolar-se com isso. Você e Bud podem ficar tranqüilos. As ameaças não são sérias. Há uma porção de malucos por aí, à solta.

-

É isso que me preocupa. Há por aí gente louca capaz de tudo!

-

Não, você preocupa-se demais. Vou pedir ao Ozzie para vigiar a sua casa.

-

Vai fazer isso?

-

Claro. A minha também está sob vigilância. Acredite em mim, Ethel, não precisa se preocupar. Provavelmente, são só alguns garotos desordeiros.

Ela enxugou os olhos.

-

Desculpe, eu não queria chorar e peço desculpa por an dar tão irritada, ultimamente.

Anda irritada há quarenta anos, pensou Jake.

-

Está bem.

-

E o que fazemos com isto? - apontou para as faturas.

-

Vou arranjar o dinheiro. Não se preocupe.

Willie Hastings terminou o segundo turno às dez horas da noite e marcou o ponto ao

lado do escritório do xerife. Foi diretamente para casa dos Hailey. Era a sua noite de dormir

no sofá.

Todas as noites alguém dormia no sofá da sala de Gwen, um irmão, um primo ou um

amigo. Quarta-feira, era a vez de Hastings.

Era impossível dormir com as luzes acesas. Tonya nem se aproximava da cama se

todas as luzes da casa não estivessem acesas. Aqueles homens podiam estar no escuro, à

sua espera. Tonya os tinha visto muitas vezes, rastejando para a cama dela, à espreita dentro

dos armários. Ouvia as vozes deles do lado de fora da janela e via -lhes os olhos injetados de

sangue, a espreitarem quando ela ia para a cama. Ouvia ruídos no sótão, como os passos

das pesadas botas de cowboy que lhe tinham dado pontapés. Sabia que estavam lá em cima,

à espera de que todos estivessem dormindo, para descerem e a levarem outra vez para o

bosque.

Uma vez por semana, Gwen e o seu irmão mais velho subiam a escada dobrável e

examinavam o sótão com uma lanterna e um revólver.

Nenhuma divisão da casa devia ficar às escuras, quando ela ia para a cama. Certa

noite, quando estava deitada, acordada, ao lado da mãe, a lâmpada do corredor fundiuse.

Tonya pôs-se a gritar freneticamente até o irmão de Gwen voltar do supermercado com mais

lâmpadas. Tonya dormia com a mãe que a abraçava com força até os demônios

desaparecerem na noite e a menina adormecer finalmente. No começo Gwen não conseguia

dormir com as luzes acesas, mas, passado cinco semanas, passou a dormir

intermitentemente durante a noite. O corpo peque nino a seu lado estremecia e agitava-se

mesmo quando Tonya dormia.

Willie disse boa-noite aos rapazes e beijou Tonya. Mostrou-lhe a sua arma e prometeu

ficar acordado no sofá. Examinou toda a casa e os armários. Só então Tonya se deitou ao

lado da mãe, olhando para o teto e chorando baixinho.

Mais ou menos à meia-noite, Willie tirou as botas e deitou-se no sofá. Tirou o cinturão

com o coldre e a arma e colocou-os no chão, ao seu lado. Estava quase dormindo quando

ouviu o grito. Era o grito horrível e estridente de uma criança sendo torturada. Pegou a arma

e correu para o quarto. Tonya estava sentada na cama, de frente para a parede, aos gritos e

tremendo. Ela os tinha visto na janela, à sua espera. Gwen abraçou -a com força. Os três

rapazes correram para os pés da cama. Carl Lee Jr. foi até à janela e não viu nada. Naquelas

cinco semanas tinham passado várias vezes por aquilo e sabiam que não podiam fazer nada

para a ajudarem.

Gwen a acalmou e a fez deitar no travesseiro.

- Está tudo bem, minha querida, mamãezinha está aqui e o tio Willie também.

Ninguém te vai fazer mal. Está tudo bem, querida.

Tonya queria que tio Willie se sentasse ao lado da janela com a arma e que os irmãos

se deitassem no chão. Eles obedeceram. Tonya gemeu dolorosamente durante alguns

minutos e, a seguir, ficou quieta e imóvel. Willie ficou sentado no chão, ao lado da janela, até

ter certeza de que todos dormiam. Depois, pegou os rapazes, um por um, e levou -os para as

suas camas e cobriu-os carinhosamente. Sentou-se outra vez ao lado da janela e esperou

pelo nascer do dia.

Jake e Atcavage encontraram-se no Claude's, na sexta-feira, para almoçar. Pediram

costeletas e salada de repolho. O restaurante estava cheio como sempre e, pela primeira

vez, em quatro semanas, não havia nenhum rosto estranho. Os fregueses habituais

conversavam e contavam mexericos como sempre. Claude estava em grande forma -

vociferando, metendo-se com os fregueses fiéis e apressando-os. Claude era uma dessas

raras pessoas que podia meter-se com um homem e fazer com que este gostasse que

"entrassem" com ele.

Atcavage tinha assistido à audiência para a transferência de foro e teria testemunhado

se fosse preciso. O banco tinha desaconselhado o seu envolvimento e Jake não queria criar -

lhe problemas. Os banqueiros têm um medo inato de tribunais e Jake admirou o amigo por

conseguir dominar essa paranóia e comparecer à audiência. Ao fazer isso, Atcavage tornou -

se o primeiro banqueiro na história de Ford County a aparecer voluntariamente em um

tribunal, sem ser intimado, durante uma sessão do tribunal. Jake estava orgulhoso dele.

Claude passou correndo e disse-lhes que tinham dez minutos e que, portanto, deviam

calar a boca e comer. Jake terminou uma costeleta e limpou a boca com o guardanapo.

-

A propósito, Stan, por falar em empréstimos, preciso de cinco mil a

noventa dias, sem garantia.

-

Quem falou em empréstimo?

-

Você disse qualquer coisa sobre bancos.

-

Pensei que estávamos falando mal de Buckley e eu estava achando

isso ótimo.

-

Não se deve criticar, Stan. É um hábito fácil de adquirir e impossível

de se perder. Rouba o caráter da sua alma.

-

Lamento profundamente. Como é que posso perdoar a mim mesmo?

-

E o que é que me diz do empréstimo?

-

Certo. Para que é que precisa dele?

-

- Isso é relevante?

-

O que quer dizer com "isso é relevante"?

-

Ouça, Stan, você só tem de se preocupar em saber se eu vou pagar

ou não ao fim de noventa dias.

-

Está bem. Pode devolver o dinheiro dentro de noventa dias?

-

Boa pergunta. É claro que posso.

O banqueiro sorriu.

- O caso Hailey tomou conta de você, certo?

O advogado sorriu.

-

Sim - admitiu. - É difícil pensar em outra coisa. O julgamento vai ser

daqui a três semanas e, até lá, não vou poder concentrar -me em mais nada.

-

Quanto é que vai ganhar com esse caso?

-

Novecentos menos dez mil...

-

Novecentos dólares!

-

Isso mesmo, ele não conseguiu o empréstimo com a garantia do

terreno, lembrase?

-

Barato demais.

-

É claro, se tivesse emprestado o dinheiro a Carl Lee, eu não precisaria

deste empréstimo.

-

Prefiro emprestar a você.

-

Ótimo. Quando recebo o cheque?

-

Parece que está desesperado...

-

Eu sei como vocês são demorados, com os seus Comitês de

empréstimos, auditores, vice-presidentes para cá e vice-presidentes para lá, e talvez

um vice-presidente que, por fim, vá assinar o meu empréstimo daqui a um mês ou

dois, se o manual disser que ele pode e se o escritório central estiver de bom humor.

Eu sei como vocês funcionam.

Atcavage viu as horas.

-

Às três horas, está bem?

-

Acho que sim.

-

Sem garantia?

Jake limpou a boca com o guardanapo e inclinou-se para frente. Disse, em voz baixa:

-

A minha casa é um patrimônio histórico, com hipotecas de patrimônio

histórico e você já tem a hipoteca do meu carro, lembra -se? Eu lhe dou a primeira

hipoteca sobre a minha filha, mas se você tentar executá-la, eu mato-o!... Agora, em

que garantia é que está pensando?

-

Desculpe ter perguntado.

-

Quando é que recebo o cheque?

-

Às três da tarde.

Claude apareceu e encheu os copos de ambos com chá gelado. Têm cinco minutos...

- disse ele, em voz alta.

-

Oito - disse Jake.

-

Ouça lá, seu figurão - disse Claude com um largo sorriso. - Isto aqui

não é um tribunal e a sua fotografia no jornal não vale dois centavos aqui. Eu disse

cinco minutos.

-

Pronto. A costeleta estava mesmo muito dura.

-É claro, já notei que não deixou nem um osso no prato...

-Pelo preço, a única solução é comer tudo.

-

Cobro mais caro de quem reclama.

-

Já nos vamos embora - disse Atcavage, levantando-se e deixando três

dólares em cima da mesa.

Na tarde de domingo, os Hailey fizeram seu piquenique debaixo da árvore, longe da

violência, debaixo da rede de basquete. Com a primeira onda de calor, a umidade pesada e

pegajosa, junto ao solo, penetrava na sombra. Gwen espantava as moscas, e as crianças e

o pai comiam galinha frita e suavam. As crianças comeram rapidamente e correram para um

novo balanço instalado por Ozzie.

-

O que é que eles te fizeram, em Whitfield? - perguntou Gwen.

-

Nada. Fizeram muitas perguntas, alguns testes. Uma monte de

besteiras.

-

Foi bem tratado?

-

Com algemas e paredes acolchoadas.

-

Estás brincando... Te puseram num quarto acolchoado? - Gwen achou

graça e um sorriso, raro agora, ergueu-lhe os lábios.

-

Claro que puseram. Olhavam para mim como se eu fosse um animal.

Disseram que sou famoso. Os meus guardas disseram que estavam orgulhosos de

mim - um era branco, o outro, negro. Disseram que eu tinha feito o que devia e que

esperavam que eu saísse livre. Foram bons para mim.

-

E o que disseram os médicos?

-

Não vão dizer nada antes do julgamento e, nesse momento, vão dizer

que estou ótimo.

-

Como é que você sabe o que eles vão dizer?

-

Jake me disse. Até agora, ele nunca se enganou.

-

Ele arranjou um médico?

-

Arranjou, um bêbado maluco que ele foi desencantar não sei onde...

Diz que é psiquiatra. Conversamos duas vezes, no escritório de Ozzie.

-

Que disse ele?

-

Não muito. Jake disse que ele vai dizer tudo o que a gente quiser que

ele diga.

-

Deve ser um médico muito bom.

-

Ele não se devia dar mal com o pessoal internado em Whitfield...

-

De onde é que ele é?

-

Jackson, me parece. Ele não tem certeza de nada. Parecia julgar que

eu iria matá-lo também! Juro que ele estava bêbado das duas vezes em que

conversou comigo! Fez algumas perguntas que nem eu nem ele entendemos...

Tomou notas como se fosse uma pessoa muito importante. Disse que achava que

podia me ajudar. Falei com Jake e ele disse que não preciso de me preocupar, que

ele vai estar sóbrio no julgamento. Mas eu acho que Jake também está preocupado.

-

Então, por que é que vamos usar esse médico?

-

Porque é de graça. Deve alguns favores não sei a quem. Um

psiquiatra sério custa mais de mil dólares, só para me examinar e outros mil para

testemunhar no julgamento. Um psiquiatra barato. Não é preciso dizer que não posso

pagar.

O sorriso de Gwen desapareceu e ela desviou os olhos.

-

Precisamos de dinheiro em casa - disse ela, sem olhar para ele.

-

Quanto?

-

Uns duzentos para a comida e as contas.

-

Quanto você tem?

-

Menos de cinqüenta.

-

Vou ver o que posso fazer. Gwen olhou para ele.

-

O que quer dizer com isso? Pensa que consegue arranjar dinheiro,

aqui na cadeia?

Carl Lee ergueu o sobrolho e apontou para ela. Gwen não devia fazer -lhe perguntas.

Ainda era ele quem usava calças, mesmo estando na cadeia. Era ele quem mandava.

-

Desculpe - murmurou ela.

VINTE E QUATRO

O reverendo Agee espreitou através de uma fresta do vitral enorme da sua igreja e,

com satisfação, viu os Cadillacs e os Lincolns chegando, um pouco antes das cinco da tarde.

Ele tinha convocado uma reunião do conselho para estudar a situação de Hailey e planejar a

estratégia para as últimas três semanas antes do julgamento e se preparar para a chegada

dos advogados da associação. O peditório semanal fora muito bom - mais de sete mil dólares

em todo o condado e quase seis mil tinham sido depositados pelo reverendo numa conta

especial para a defesa legal de Carl Lee Hailey. Não tinham entregado nada à família. Agee

estava à espera de instruções da associação sobre a maneira de gastar o dinheiro, e achava

que a maior parte devia ir para o fundo de defesa. As irmãs da igreja podiam sustentar a

família, se faltasse comida. Precisavam do dinheiro para outras coisas.

O conselho falou sobre maneiras de se obter mais dinheiro. Não era fácil conseguir

dinheiro entre os pobres, mas o assunto estava na ordem do dia e o momento era propício e

se não conseguissem o dinheiro agora, não teriam outra oportunidade. Concordaram em se

reunir, no dia seguinte, na igreja Springdale, em Clanton. O pessoal da associação devia

chegar de manhã. Nada de imprensa, ia ser uma sessão de trabalho. Norman Reinfield, aos

trinta anos, era um gênio em Direito Penal, com o recorde de ter se formado na Faculdade

de Direito, em Harvard, aos vinte e um anos. Logo a seguir, recusara a oferta generosa do

pai e do avô para trabalhar numa grande firma de advocacia em Wall Street, preferindo aceitar

um emprego na associação e passar o tempo numa luta ferrenha a fim de evitar que os

negros do Sul fossem parar ao corredor da morte. Ele era muito bom no que fazia, embo ra,

não por sua culpa, não muito bemsucedido. A maioria dos negros do Sul ameaçados com a

câmara de gás, tal como os brancos, mereciam-na. Mas Reinfield e sua equipe de

especialistas na defesa de crimes de homicídio conseguiam algumas vitórias e, quando

perdiam, conseguiam manter os condenados com vida por meio de uma infinidade de

recursos e prorrogações. Quatro dos seus clientes tinham sido executados na câmara de

gás, na cadeira elétrica ou com injeção letal, e para Reinfield era demais. Ele os vira morr er

e, a cada execução, renovava os seus votos de violar qualquer lei, qualquer código de ética,

desobedecer a qualquer tribunal, desrespeitar qualquer juiz, ignorar qualquer mandato, ou

fazer tudo o que fosse possível para evitar que um ser humano matasse legalmente outro ser

humano. Não se preocupava muito com o assassinato ilegal de seres humanos, como os que

eram cruel e friamente perpetrados pelos seus clientes. Não competia a ele pensar nesses

crimes e, por isso, não pensava. Descarregava toda a sua ra iva justificada e teimosa sobre

os assassinatos legais.

Reinfield raramente dormia mais de três horas por noite. Era difícil dormir com trinta

e um clientes no corredor da morte. Além dos dezessete que esperavam julgamento. Além

dos oito advogados egocêntricos que devia supervisar. Reinfield tinha trinta anos e

aparentava quarenta e cinco. Era velho, cáustico e mal-humorado. No decurso normal do seu

trabalho, estaria muito ocupado para comparecer a uma reunião de ministros religiosos

negros em Clanton, Mississipi. Mas aquele não era um caso normal. Era o caso Hailey. O do

justiceiro. O do pai que se vingou. O processo criminal mais famoso do país, naquele

momento. No Mississipi, onde há anos que os brancos continuavam a matar negros, com ou

sem razão, e ninguém ligava. Onde os brancos violavam os negros, por esporte. Onde os

negros eram enforcados por reagirem a isso. E agora, um pai negro acabava de matar dois

homens brancos que tinham violentado a sua filha e estava ameaçado de ir para a câmara

de gás por uma coisa que trinta anos atrás teria passado despercebida, se ele fosse branco.

Esse era o caso, o seu caso, e Reinfield queria tratar dele pessoalmente.

Na segunda-feira, o reverendo Agee apresentou-o ao conselho e abriu a reunião com

um longo e detalhado relato das atividades em Ford County. Reinfield foi breve. Ele e a sua

equipe não podiam representar o Sr. Hailey porque não tinham sido contratados pelo Sr.

Hailey, portanto era imperioso que ele pudesse falar com o acusado. De preferência, naquele

mesmo dia. Na manhã seguinte, o mais tardar, porque ele ia apanhar um avião para

Memphis, ao meio-dia. Tinha de comparecer a um julgamento criminal em um lugar qualquer

da Geórgia. O reverendo Agee prometeu um encontro com o acusado. Ele era amigo do

xerife. Muito bem, disse Reinfield, pois faça isso.

-

Quanto dinheiro conseguiram? - perguntou Reinfield.

-

Quinze mil da nossa gente - respondeu Agee.

-

Isso eu sei! Quanto, em termos locais?

-

Seis mil - disse Agee, com orgulho.

-

Seis mil! - repetiu Reinfield. - Só isso? Eu pensei que vocês fossem

organizados. Onde está todo esse grande apoio local de que falou? Seis mil! Quanto

é que conseguem arranjar mais? Temos só três semanas.

Os membros do conselho ficaram calados. Aquele judeu tinha coragem. O único

branco do grupo e estava em franco ataque.

-

De quanto precisamos? - perguntou Agee.

-

Isso depende, reverendo, do tipo de defesa que querem para o Sr.

Hailey. Eu tenho só oito advogados na minha equipe. Cinco estão trabalhando em

julgamentos, neste momento. Temos trinta e uma condenações por crime de

homicídio sob recurso judicial. Temos dezessete julgamentos marcados em dez

estados, nos próximos cinco meses. Todas as semanas temos dez pedidos para

representar acusados, oito dos quais recusamos, simplesmente porque não temos

pessoal suficiente nem dinheiro. Para o Sr. Hailey, duas sedes locais e o escritório

central contribuíram com mil e quinhentos dólares, cada um. Agora vêm me dizer que

só conseguiram arrecadar seis mil, em termos locais! Isso dá um total de vinte e um

mil. Por esse preço, podem ter a melhor defesa possível. Dois advogados, um

psiquiatra pelo menos, mas nada muito especial. Vinte e um mil conseguem uma boa

defesa, mas não do tipo de defesa que eu estava pensando.

-

Em que era exatamente que o senhor estava pensando?

-

Numa defesa de primeira classe. Três ou quatro advogados. Uma

bateria de psiquiatras. Meia dúzia de investigadores. Um psicólogo para o júri, só para

falar de alguns. Este não é um caso sem esperanças. Eu quero ganhar. Pensei que

os senhores também quisessem...

-

Quanto? - perguntou Agee.

-

Cinqüenta mil, no mínimo. Cem mil seria Ótimo.

-

Ouça, Dr. Reinfield, o senhor está no Mississipi. A nossa gente é

pobre. Até agora foram todos muito generosos, mas de modo nenhum podemos

conseguir mais trinta mil dólares.

Reinfield endireitou os óculos com aro de tartaruga e coçou a barba grisalha.

-

Quanto é que podem conseguir?

-

Mais cinco mil, talvez.

-

Isso não é muito dinheiro.

-

Não para o senhor, mas é muito para os negros de Ford County.

Reinfield olhou para o chão e continuou a passar a mão na barba.

-

Quanto foi que a sede de Memphis deu?

-

Cinco mil - respondeu alguém de Memphis.

-

Atlanta?

-

Cinco mil.

-

E a sede estadual?

-

De que estado?

-

Mississipi.

-

Nada.

-

Nada?

-

Nada.

-

Porque não?

-

Pergunte a ele - disse Agee, apontando para o reverendo Henry

Hillman, o diretor estadual.

-

Bem, estamos agora tentando recolher algum dinheiro - disse Hillman,

timidamente. - Mas...

-

Quanto é que já conseguiu, até agora? - perguntou Agee.

-

Bem, conseguimos...

-

Nada, não foi? Não conseguiu nada, não foi, Hillman? - disse Agee,

em voz alta.

-

Vamos, Hillman, diga quanto - insistiu o reverendo Roosevelt, vice-

presidente do conselho.

Confuso, Hillman não podia falar. Estava sentado calmamente na primeira fila,

tratando da própria vida, quase dormindo e, de repente, eles o atacavam.

-

A sede estadual vai contribuir.

-

Eu sei, Hillman. Vocês, na sede estadual, estão sempre insistindo com

as sedes locais para contribuírem para esta ou para aquela, e nunca vemos o seu

dinheiro. Passam a vida lamentando-se, dizendo que estão falidos e nós sempre

mandando dinheiro... Mas quando precisamos de ajuda, o estado não faz nada, a não

ser aparecer por aqui e falar.

-

Não é verdade.

-

Não comece a mentir, Hillman.

Reinfield percebeu, embaraçado, que tinha atingido um ponto delicado.

-

Senhores, senhores, vamos continuar - disse, diplomaticamente.

-

Boa idéia - aprovou Hillman.

-

Quando é que podemos falar com o Sr. Hailey? - perguntou Reinfield.

- Vou arranjar o encontro para amanhã cedo - disse Agee.

-

Onde?

-

Eu penso que o melhor lugar é o escritório do xerife Walls, no edifício

da cadeia. Ele é negro, sabe, o único xerife negro do Mississipi.

-

Sim, já ouvi dizer.

-

Acho que ele nos deixará falar com Hailey, no escritório dele.

-

Muito bem. Quem é o advogado do Sr. Hailey?

-

É de Clanton. O Dr. Jake Brigance.

-

Não deixe de convidá-lo. Nós lhe pediremos para nos ajudar neste

caso. Assim, não ficará muito ofendido.

A voz irritante, estridente e mal-humorada de Ethel quebrou a tranqüilidade do fim da

tarde e sobressaltou o seu patrão.

-

Dr. Brigance, o xerife Walls na linha dois - disse ela, pelo interfone.

-

Está bem.

-

O senhor doutor ainda vai precisar de mim?

-

Não. Até amanhã.

Jake apertou o botão da linha dois.

-

Olá, Ozzie. O que houve?

-

Ouça, Jake, temos aqui um bando de figurões da associação na cidade.

-

Qual é a outra novidade?

-

Não, isto é diferente. Eles querem falar com o Carl Lee, amanhã de manhã.

-

Porquê?

-

Um fulano chamado Reinfield.

-

Já ouvi falar dele. É o chefe da equipe de criminologistas. Norman Reinfield.

-

Isso, esse mesmo.

-

Eu estava à espera disso.

-

Muito bem, ele está aqui e quer falar com o Carl Lee.

-

E o que tem você vendo com isso?

-

O reverendo Agee telefonou-me. Pediu um favor, é claro. Pediu para telefonar a você.

-

A resposta é não. Decididamente não!

Passados alguns segundos de silêncio, Ozzie disse:

-

Jake, eles querem que esteja presente.

-

Quer dizer que fui convidado?

-

Sim. Agee disse que Reinfield insistiu. Ele quer que esteja presente.

-

Onde?

-

No meu escritório. Às nove horas da manhã.

Jake respirou fundo e respondeu lentamente:

-

Está bem, estarei lá. Onde está o Carl Lee?

-

Na cela.

-

Leve-o para o seu escritório. Estarei aí daqui a cinco minutos.

-

Para quê?

-

Para rezarmos o terço!

Os reverendos Agee, Roosevelt e Hillman sentaram-se enfileirados nas cadeiras de

armar, de frente para o xerife, o acusado e Jake, que fumava um charuto b arato, decidido a

poluir o ar da pequena sala. Jake soltava grandes baforadas, olhando para o chão,

esforçando-se por demonstrar um desprezo absoluto por Reinfield e os reverendos. Não era

fácil vencer a arrogância de Reinfield que nem sequer tentava disfa rçar o seu desprezo por

aquele advogado simplório e insignificante. Ele era arrogante e insolente por natureza. Jake

tinha que fazer um esforço para parecer arrogante ou insolente.

-

Quem convocou esta reunião? - perguntou Jake, impaciente, depois

de um silêncio longo e embaraçoso.

-

Bem, hum, acho que fomos nós - respondeu Agee, olhando para Reinfield.

-

Muito bem, então vamos... O que querem?

-

Calma Jake - disse Ozzie. - O reverendo Agee pediu para arranjar este encontro para que Carl Lee pudesse conhecer o Dr. Reinfield.

-

Ótimo. Já se conheceram. Agora, que mais, Dr. Reinfield?

-

Estou aqui para oferecer ao Sr. Hailey os meus serviços e os serviços da minha equipe e de toda a associação - disse Reinfield.

-

Que tipo de serviço? - perguntou Jake.

-

Jurídico, é claro.

-

Carl Lee, você pediu ao Dr. Reinfield para vir aqui? - perguntou Jake.

- Eu não.

-

Dr. Reinfield, isto parece aliciamento ilegal.

-

Pode esquecer o sermão, Dr. Brigance. O senhor sabe o que eu faço

e sabe por que estou aqui.

-

Quer dizer que corre atrás de todos os seus casos?

-

Nós não corremos atrás de coisa alguma. Somos chamados por

membros da associação e outras entidades de direitos civis. Trabalhamos com casos

de homicídio e somos muito bons.

-

Devo supor que o senhor é o único advogado com competê ncia para

defender um caso desta amplitude?

-

Já trabalhei em alguns.

-

E já perdeu alguns.

-

A maioria dos meus casos é praticamente perdida.

-

Compreendo. É essa a sua posição neste caso? Espera perder?

Reinfield levou a mão à barba e olhou furioso para Jake.

-

Não estou aqui para discutir com você, Dr. Brigance.

-

Eu sei. Está aqui para oferecer a sua formidável assistência jurídica a

um acusado que nunca ouviu falar no senhor e que está satisfeito com o seu

advogado. Está aqui para roubar o meu cliente. Eu sei exatamente por que está aqui.

-

Estou aqui porque a associação me convidou. Nada mais, nada

menos.

-

Compreendo. Obtém todos os seus casos junto da associação?

-

Eu trabalho para a associação, Dr. Brigance. Sou o chefe da equipe

de criminologistas. Eu vou onde a associação me manda ir.

-

Quantos clientes têm?

-

Algumas dúzias. Que importância tem isso?

-

Todos tinham advogados antes de vocês forçarem a sua participação

no caso?

-

Alguns tinham, outros não. Procuramos sempre trabalhar com o

advogado local.

Jake sorriu.

-

Isso é maravilhoso. Está oferecendo-me a chance de transportar a sua

pasta e de ser o seu motorista em Clanton. Posso até ir buscar -lhe uma sanduíche,

no intervalo do almoço... Estou deslumbrado.

Carl Lee estava imóvel, com os braços cruzados, olhando para o chão. Os reverendos

observavam-no atentamente, à espera de que ele dissesse alguma coisa ao seu advogado,

que mandasse se calar, que ele estava despedido e que os advogados da associação iam

defender o caso dele. Observavam e esperavam, mas Carl Lee apenas ouvia, calmamente.

-

Temos muito para oferecer, Sr. Hailey - disse Reinfield. Era melhor

ficar calmo, até o acusado resolver quem ia representá -lo. Uma explosão podia

estragar tudo.

-

Por exemplo? - perguntou Jake.

-

Pessoal, recursos, prática, advogados criminologistas experientes

que só trabalham na defesa de crimes de homicídio. Além disso, temos vários

médicos competentes que usamos nesses casos. Em qualquer coisa que pense, nós

temos.

-

Quanto dinheiro têm para gastar com este caso?

-

Isso não é da sua conta.

-

Não é? E será da conta do Sr. Hailey? Afinal, o caso é dele. Talvez o

Sr. Hailey queira saber quanto vão gastar com a defesa dele. O senhor gostaria de

saber, Sr. Hailey?

-

Gostaria.

-

Muito bem, Dr. Reinfield, quanto têm para gastar?

Reinfield olhou constrangido para os reverendos, que olharam para Carl Lee.

-

Aproximadamente vinte mil, até agora - admitiu Reinfield,

timidamente.

Jake riu e abanou a cabeça, incrédulo.

-

Vinte mil! Os senhores levam esta coisa a sério, não levam? Vinte mil!

Eu pensei que vocês jogassem na equipe dos campeões. Conseguiram cento e

cinqüenta mil dólares para o assassino do policial, em Birmingham, no ano passado.

E, a propósito, ele foi condenado... Gastaram cem mil dólares com a prostituta que

matou o cliente, em Shreveport. E ela também foi condenada, devo acrescentar. E

acha que este caso vale só vinte mil?

-

Quanto tem o senhor para gastar? - perguntou Reinfield. - Se

conseguir explicarme o que tem o senhor a ver com isso, terei muito prazer em discutir

o assunto.

Reinfield começou a falar, depois inclinou-se para frente e passou as mãos nas

têmporas.

-

Porque não fala com ele, reverendo Agee?

Os reverendos olharam para Carl Lee. Queriam ficar a sós com ele, sem nenhum

branco por perto. Poderiam falar então como se fala com um negro. Poderiam explicar muitas

coisas, dizer-lhe para despedir aquele rapaz branco e contratar advogados de verdade,

advogados da associação. Advogados que sabiam como lutar pelos negros. Mas não

estavam sozinhos com ele e não podiam descarregar a sua fúria. Precisavam demonstrar

respeito pelos brancos presentes. Agee foi o primeiro a falar.

-

Ouça lá, Carl Lee, estamos tentando ajudá-lo. Trouxemos o Dr.

Reinfield e ele tem todos os seus advogados e todas as pessoas à sua disposição,

para ajudá-lo. Não temos nada contra o Jake, ele é um jovem advogado muito bom.

Mas ele pode trabalhar com o Dr. Reinfield. Não queremos que você despeça o Jake,

só queremos que contrate o Dr. Reinfield também. Eles podem trabalhar juntos.

-

Esqueça isso - disse Jake.

Agee olhou desanimado para Jake.

-

Ora, vamos, Jake. Não temos nada contra você. Pode trabalhar com

advogados realmente importantes. Vai ganhar experiência. Nós...

-

Reverendo, deixe-me esclarecer as coisas. Se Carl Lee quiser os seus

advogados, tudo bem. Mas não vou ser o ajudante de ninguém! Estou dentro ou fora.

Nada no meio. É meu caso, ou o seu caso. O tribunal não tem espaço suficiente para

mim, o Dr. Reinfield e Rufus Buckley.

Reinfield revirou os olhos para o teto e abanou a cabeça com um sorriso arrogante e

superior.

-

Está querendo dizer que depende de Carl Lee? - perguntou o

reverendo Agee.

-

É claro que depende dele. Ele me contratou. Ele pode me despedir.

Já fez isso uma vez. Não sou eu quem está ameaçado com a câmara de gás.

-

Então, que diz, Carl Lee? - perguntou Agee. Carl Lee descruzou os

braços e olhou para Agee. - Esses vinte mil, para que são?

-

Na verdade, são trinta mil - disse Reinfield. - A população daqui já

prometeu mais dez mil. O dinheiro vai ser usado para a sua defesa. Nada para os honorários dos advogados. Vamos precisar de uns dois ou três investigadores. Dois, talvez três psiquiatras experientes. Geralmente usamos psicólogos de júri para a seleção dos jurados. A nossa defesa é muito dispendiosa.

-

Hum, hum. Quanto conseguiram da população daqui? -perguntou Carl Lee.

-

Mais ou menos seis mil dólares - disse Reinfield.

-

Quem recolheu esse dinheiro?

Reinfield olhou para Agee.

-

As igrejas - respondeu o reverendo.

-

Quem recebeu o dinheiro das igrejas? - perguntou Carl Lee.

-

Nós - respondeu Agee.

-

Quer dizer, o senhor - disse Carl Lee.

-

Bem, sim, quero dizer, cada uma das igrejas entregou-me o dinheiro

e eu o depositei numa conta bancária especial.

-

Certo, e depositou todo o dinheiro que recebeu?

-

É claro que depositei.

-

É claro. Deixe-me perguntar uma coisa... Quanto desse dinheiro

ofereceu à minha mulher e aos meus filhos?

Agee empalideceu, tanto quanto possível, e olhou rapidamente para os outros

reverendos que, naquele momento, estavam preocupados com um percevejo malcheiroso de

jardim que caminhava no tapete e não podiam ajudá-lo. Ambos sabiam que Agee tinha tirado

a sua parte e sabiam que a família de Carl Lee não tinha recebido nada.

Agee tinha tirado mais proveito do que a família. Eles sabiam e Carl Lee sabia.

-

Quanto, reverendo? - repetiu Carl Lee.

-

Bem, nós achamos que o dinheiro...

-

Quanto, reverendo?

-

O dinheiro vai ser usado para os honorários dos advogados e coisas

assim.

-

Não foi isso que disse aos membros da sua igreja, não é? Disse-lhes

que era para ajudar a minha família. O senhor quase que chorou quando disse que a

minha família podia morrer de fome se eles não dessem o máximo possível. Não é

verdade, reverendo?

-

O dinheiro é para você, Carl Lee. Para você e para a sua família. Neste

momento, achamos que será melhor gastá-lo com a sua defesa.

-

E se eu não quiser os seus advogados? O que acontece aos vinte mil?

Jake riu discretamente.

-

Boa pergunta. O que acontece com o dinheiro se o Sr. Hailey não o

contratar, Dr.

Reinfield?

-

O dinheiro não é meu - disse Reinfield.

-

Reverendo Agee? - perguntou Jake.

A paciência do reverendo esgotou-se. Estava agora desafiador e beligerante. Apontou

para Carl Lee.

-

Ouça aqui, Carl Lee. Nós quase nos matamos para conseguir esse

dinheiro. Seis mil dólares dos pobres deste condado, de gente que nada tinha para

dar! Trabalhamos muito para conseguir esse dinheiro e foi dado por gente pobre, pela

sua gente, gente que vive da caridade social, gente que n ão podia dar nem um

centavo! Mas deram por uma única razão. Acreditam em você e no que fez e querem

que saia livre daquele tribunal. Não venha me dizer que não quer o dinheiro!

-

Não me venha com sermões! - replicou Carl Lee, com calma. - Diz que

os pobres daqui doaram seis mil dólares?

-

Isso mesmo.

-

De onde veio o resto do dinheiro?

-

Da associação. Cinco mil de Atlanta, cinco de Memphis e cinco da

seção nacional. Unicamente para pagar a sua defesa.

-

Se eu aceitasse o Dr. Reinfield?

-

Certo.

-

E se eu não aceitar, o dinheiro desaparece?

-

Certo.

-

E os outros seis mil?

-

Boa pergunta. Ainda não resolvemos isso. Pensamos que ia nos

agradecer por angariar o dinheiro e por tentar ajudá -lo. Estamos oferecendo-lhe os

melhores advogados e, ao que parece, você não dá a menor importância!

O silêncio durou uma eternidade. Advogados, reverendos e o xerife esperavam uma

mensagem do acusado. Carl Lee mordeu o lábio inferior e olhou para o chão. Jake acendeu

outro charuto. Já fora despedido uma vez, podia ague ntar mais uma.

-

Precisam de uma resposta já, imediatamente? - perguntou Carl Lee,

por fim.

-

Não - disse Agee.

-

Sim - disse Reinfield. - Faltam menos de três semanas para o

julgamento e já estamos com dois meses de atraso. A minha equipe é muito valiosa

para ficar à sua disposição, Sr. Hailey. Ou me contrata agora, ou pode esquecer.

Tenho de ir apanhar um avião.

-

Bem, vou dizer-lhe uma coisa, Dr. Reinfield. O senhor pode ir apanhar

o seu avião e não precisa se preocupar em voltar a Clanton por minha causa. Vou

arriscar aqui com o meu amigo Jake.

VINTE E CINCO

O Klan de Ford County foi fundado à meia-noite de quinta-feira, em 11 de Junho, num

pequeno pasto ao lado de uma estrada de terra batida, no meio da floresta, num ponto

qualquer a Norte do condado. Os seis novos recrutas, de pé diante da enorme cruz em

chamas, repetiram nervosamente as palavras ditas por um mago. Um dragão e vinte e quatro

membros do Klan, com os seus mantos brancos, assistiam e cantavam nos momentos

oportunos. Um guarda armado vigiava a estrada, observando ocasionalmente a cerimônia,

mas especialmente atento a qualquer convidado indesejável. Não apareceu nenhum.

À meia-noite em ponto, os seis ajoelharam-se, fecharam os olhos e os capuzes

pontiagudos foram cerimoniosamente postos nas suas cabeças. Agora eram homens do

Klan, aqueles seis, Fred die Cobb, irmão do morto, Jerry Maples, Clift on Cobb, Ed Wilbum,

Morris Lancaster e Terrell Grist. O grande dragão parou em frente de cada um deles entoando

os votos sagrados do Klan. Ás chamas da cruz chamuscavam os rostos dos novos membros,

ajoelhados, sufocados sob os mantos e os capuzes. O suor e scorria das caras muito

vermelhas e eles rezavam com fervor para que o dragão acabasse rapidamente com aquela

estupidez e terminasse a cerimônia. Quando cessou a cantoria, os novos membros

levantaram-se e afastaram-se rapidamente da cruz. Foram abraçados pelos novos irmãos,

que os agarravam pelos ombros com força e lhes martelavam encantamentos primitivos

sobre as clavículas cobertas de suor. Os capuzes pesados foram removidos e os membros

do Klan, novos e antigos, caminharam solenemente até uma cabana rúst ica, do lado oposto

da estrada de terra. O mesmo guarda sentou-se nos degraus da frente enquanto o uísque

era servido e planos eram feitos para o julgamento de Carl Lee Hailey.

O sub delegado Pirtle chefiava o último turno, das dez da noite às seis da man hã, e

tinha parado para tomar um café com uma fatia de torta no Gurdy's, que ficava aberto a noite

toda, na auto estrada a Norte da cidade, quando o rádio o avisou de que estavam à sua

espera na cadeia. Passavam três minutos da meia-noite, madrugada de sexta-feira.

Pirtle deixou a rua e seguiu para o edifício da prisão, um quilômetro e meio a Sul.

-

Que aconteceu? - perguntou ao operador de rádio.

-

Recebemos um telefonema, há alguns minutos, anônimo, de alguém

que procurava o xerife. Expliquei que ele não estava de serviço e perguntaram então

quem é que estava. Eu disse que era você. Disseram que era muito importante e que

voltariam a telefonar daí a um quarto de hora.

Pirtle serviu-se de café e sentou-se na cadeira grande de Ozzie. O telefone tocou.

-

É para você - gritou o operador.

-

Alô? -atendeu Pirtle.

-

Quem fala? - perguntaram.

-

Sub delegado Joe Pirtle. Quem fala?

-

Onde está o xerife? - Dormindo, creio eu.

-

Muito bem, ouça e preste bem atenção porque é importante e não vou

voltar a telefonar. Conhece o negro Hailey?

-

Conheço.

-

Conhece o advogado dele, Brigance?

-

Conheço.

-

Então, ouça. A qualquer instante, a partir de agora e até às três horas, vão explodir a casa dele.

-

Quem?

-

Brigance.

-

Não, estou perguntando quem é que vai explodir a casa dele.

-

Não se preocupe com isso, sub delegado, limite-se a ouvir. Isto não é nenhuma brincadeira, e se pensa que é, fique aí e espere pela explosão. Pode acontecer a qualquer momento.

A voz calou-se mas não desapareceu. Pirtle ficou à escuta.

-

Está ouvindo-me?

-

Boa noite, sub delegado. - Ouviu-se o clique do telefone. Pirtle deu um

salto da cadeira e correu para o operador de rádio.

-

Ouviu?

-

Claro que ouvi.

-

Telefone para Ozzie e diga-lhe que venha imediatamente. Estou na

casa do Brigance.

Pirtle escondeu o carro da policial na entrada de automóvel de uma casa da rua

Monroe e atravessou o gramado da frente da casa de Jake. Não viu nada. Eram doze e

cinqüenta e cinco. Caminhou em volta da casa com a lanterna e não notou nada de estranho.

Todas as casas da rua estavam às escuras e adormecidas. Desatarraxou a lâmpada do

terraço da frente e sentou-se numa cadeira de vime. Esperou. O carro estrangeiro, de

aparência esquisita, estava parado ao lado do Oldsmobile debaixo da varanda. Ele ia esperar

e consultar Ozzie para saber se devia avisar Jake.

Faróis dianteiros surgiram no fim da rua. Pirtle baixou-se na cadeira, certo de que não

podia ser visto. Uma pick-up vermelha, um pedaço suspeita, dirigiu-se para casa de Brigance,

mas não parou. Pirtle endireitou-se na cadeira e a viu desaparecer, rua abaixo.

Momentos depois notou dois vultos saírem da praça correndo. Desabotoou o coldre

e tirou a arma. O primeiro vulto era muito maior do que o segundo e parecia correr com mais

facilidade e elegância. Era Ozzie. O outro era Nesbit. Pirtle encontrou-se com eles na entrada

de automóvel e os três refugiaram-se na escuridão do terraço da frente. Falavam baixinho e

observavam a rua.

-

O que foi exatamente que ele disse? - perguntou Ozzie. - Disse que

alguém ia explodir a casa de Jake, daqui até às três horas da manhã. Disse que não

era nenhuma brincadeira.

-

Só isso?

-

Só. Não foi nada amigável.

-

Há quanto tempo é que está aqui?

-

Vinte minutos.

Ozzie voltou-se para Nesbit.

-

Dê-me o seu rádio e vá esconder-se no fundo do quintal. Fique quieto

e de olhos abertos.

Nesbit desatou a correr para a parte de trás da casa e encontrou uma pequena

abertura entre os arbustos da cerca. Gatinhando, desapareceu no meio dos arbustos. Do seu

esconderijo, avistava toda a parte dos fundos da casa.

-

Vai avisar o Jake? - perguntou Pirtle.

-

Ainda não. Talvez daqui a pouco. Se batermos à porta, eles acenderão

as luzes, e não precisamos disso agora.

-

É verdade, mas... e se o Jake ouvir a gente e sair de casa aos tiros?

Pode pensar que somos dois negros tentando assaltar a casa dele.

Ozzie olhou para a rua e não disse nada.

-

Ouça, Ozzie, ponha-se no lugar dele. Os policiais cercam a sua casa

à uma hora da manhã, à espera de que alguém atire uma bomba. Então, vai querer

ficar na cama ou prefere saber o que se passa?

Ozzie olhou para as outras casas, ao longe.

-

Ouça, xerife, acho melhor acordá-los. E se a gente não conseguir

deter quem está planejando isto e alguém dentro de casa fica ferido?... Nós é que

ficamos com a culpa, certo?

Ozzie levantou-se e tocou à campainha.

-

Desatarraxe aquela lâmpada - ordenou ele, apontando para o teto do

terraço.

-

Já fiz isso.

Ozzie voltou a tocar à campainha. A porta de madeira abriu -se e Jake veio até à porta

de Inverno e fitou o xerife. Usava um camisão de dormir, todo amassado, que ia até abaixo

dos joelhos, e tinha na mão direita um 38 carregado. Devagarinho abriu a porta. - O que é,

Ozzie? - perguntou.

-

Posso entrar?

-

Claro. Que está acontecendo?

-

Fique aqui no terraço - disse Ozzie a Pirtle. - É só um minuto.

Ozzie fechou a porta da frente atrás deles e apagou a luz do vestíbulo. Sentaramse

na sala de estar às escuras que dava para o terraço e o jardim da frente.

-

Fale, homem! - disse Jake.

-

Há coisa de meia hora, recebemos um telefonema anônimo de alguém

que dizia que uma pessoa tinha planejado explodir sua casa entre a meia -noite e as

três horas da manhã. Estamos levando a coisa a sério.

-

Obrigado.

-

Estou com Pirtle no terraço da frente, e Nesbit no fundo do quintal. Há

uns dez minutos, Pirtle viu uma pick-up passar devagar como se alguém estivesse

interessado na casa, mas foi tudo o que vimos.

-

Já procuraram em volta da casa?

-

Já, nada. Eles ainda não estiveram aqui. Mas qualquer coisa me diz

que isto é sério.

-

Porquê?

-

É só um palpite.

Jake pôs o 38 a seu lado, no sofá, e passou as mãos pelas têmporas.

-

O que é que sugere?

-

Sentar e esperar. É tudo que podemos fazer. Tem uma espingarda?

-

Tenho armas suficientes para invadir Cuba.

-

Porque não agarra essa aí e vai se vestir? Tome posição numa

daquelas janelas pequeninas do segundo andar. Nós vamos nos esconder lá fora e

esperar.

-

Tem homens suficientes, Ozzie?

-

Tenho. Acho que os outros devem ser só um ou dois.

-

Quem são eles?

-

Não sei. Podem ser do Klan, podem ser mercenários. Quem sabe?

Os dois homens mergulharam nos seus pensamentos, olhando para a rua escura.

Viam o alto da cabeça de Pirtle curvado na cadeira de vime, do lado de fora da janela.

-

Jake, lembra-se daqueles três militantes dos direitos civis mortos pelo

Klan em 64? Foram encontrados enterrados num dique perto de Filadélfia.

-

Claro. Eu era pequeno mas me lembro.

-

Aqueles homens nunca teriam sido encontrados se não tivesse havido

alguém que dissesse onde eles estavam. Quem o fez foi um membro do Klan. Um

informante.

Parece que isso acontecia sempre, no Klan. Havia sempre um informante no meio deles.

-

Acha que é o Klan?

-

Pelo menos parece. Se fossem apenas um ou dois mercenários, quem mais poderia saber? Quanto maior o grupo, maior a possibilidade de alguém nos avisar.

-

Faz sentido, mas, por qualquer motivo, isso não me consola.

-

É claro que também pode ser uma brincadeira.

-

Não acho graça nenhuma.

-

Vai contar à sua mulher?

-

Vou. Acho melhor.

-

Eu, no seu caso, também contaria. Mas não acendam nenhuma luz. Poderia afugentá-los.

-

Mas eu gostaria de afugentá-los.

-

E eu quero apanhá-los! Se não os apanharmos agora, vão tentar

novamente e nessa altura podem se esquecer de telefonar com antecedência.

Carla vestiu-se apressadamente, no escuro. Estava apavorada. Jake deitou Hanna

no sofá da sua sala de trabalho. Hanna resmungou e continuou dormindo. Carla, com a

cabeça da filha no colo viu Jake carregar a espingarda.

-

Vou ficar lá em cima, no quarto de hóspedes. Não acenda a luz. Os

policiais cercaram a casa, portanto não fique preocupada.

-

Não ficar preocupada?! Você está doido?

-

Tente não adormecer.

-

Adormecer! Jake, você está doido!

Não tiveram de esperar muito. De onde estava, escondido entre os arbustos na frente

da casa, Ozzie foi o primeiro a vê-lo. Um vulto solitário andando devagar, vindo da direção

oposta à praça. Transportava uma caixa ou mala pequena. Duas casas antes da de Jake, ele

saiu do passeio e atravessou os gramados vizinhos. Ozzie empunhou o revólver e

o

cassetete e viu o homem caminhar diretamente para ele. Jake tinha o homem na mira da sua

espingarda. Pirtle deslizou como uma cobra pelo chão da varanda e esc ondeu-se entre os

arbustos, pronto para atacar.

De repente, o homem passou correndo pelo gramado do vizinho e seguiu para um

dos lados da casa de Jake. Depositou a caixa cuidadosamente debaixo da janela do quarto

de Jake. Quando se voltou para fugir, um cassetete enorme e negro bateu-lhe num dos lados

da cabeça, cortando-lhe a orelha em dois lugares, fazendo-a quase em pedaços. O homem

gritou e caiu.

-

Apanhei-o! - gritou Ozzie.

Pirtle e Nesbit correram para o lado da casa. Jake desceu a escada calmamente.

-

Volto num minuto - disse a Carla.

Ozzie agarrou no homem pelo pescoço e o fez sentar -se perto da casa. Estava

consciente, mas atordoado. A mala estava a poucos centímetros.

-

Nome? - perguntou Ozzie.

O homem gemeu, segurou a cabeça com as duas mãos e nã o disse nada.

-

Eu fiz uma pergunta - disse Ozzie, de pé ao lado do homem.

Pirtle e Nesbit estavam a seu lado, com as armas na mão, assustados demais para

falar ou fazer um movimento. Jake olhou para a maleta.

-

Não respondo - disse o homem.

Ozzie ergueu o cassetete acima da cabeça e baixou-o com força no tornozelo direito

do homem. O osso partiu-se com um estalo impressionante. Ele gritou e agarrou a perna.

Ozzie deu-lhe um pontapé na cara. O homem caiu para trás e bateu com a cabeça na parede.

Rolou para o lado, gemendo de dor. Jake ajoelhou-se e encostou o ouvido na maleta.

Levantou-se de um salto e recuou.

-

Está armada - disse, com voz fraca.

Ozzie inclinou-se para o homem e encostou o cassetete ao nariz dele.

-

Tenho outra pergunta, antes de lhe partir todos os ossos do corpo. O

que tem naquela maleta?

Nenhuma resposta. Ozzie ergueu o cassetete e partiu-lhe o outro tornozelo.

-

O que tem naquela maleta? - berrou ele.

-

Dinamite! - foi a resposta trêmula.

Pirtle deixou cair a arma. A pressão arterial de Nesbit subiu-lhe acima do boné e o fez

se encostar à parede. Jake ficou branco e os joelhos dele começaram a tremer.

Correu para a porta da frente, gritando a Carla:

-

Pegue nas chaves do carro! Pegue nas chaves do carro!

-

Para quê? - perguntou ela, nervosa.

-

Faça o que estou dizendo. Pegue as chaves e meta-se no carro.

Ele ergueu Hanna do sofá, atravessou a cozinha, dirigiu -se ao telheiro dos carros e

deitou-a no banco de trás do Cutlass de Carla. Agarrou no braço de Carla e ajudou -a a entrar

no carro.

-

Vá embora daqui e não volte antes de meia hora.

-

Jake, o que é que aconteceu? - perguntou ela.

-

Eu explico mais tarde. Não temos tempo agora. Vá embora. Dê umas

voltas durante meia hora. Fica longe desta rua.

-

Mas, porquê, Jake? O que é que vocês encontraram?

-

Dinamite.

Carla engatou marcha ré e saiu para a rua. Quando Jake voltou para o lado da casa,

a mão esquerda do homem estava algemada ao contador de gás, perto da janela. Ele gemia,

resmungava e proferia insultos. Ozzie levantou a maleta cuidadosame nte pela alça e colocou-

a entre as pernas quebradas do suspeito. Ozzie deu-lhe um pontapé nas pernas para ele as

afastar. O sujeito gemeu mais alto. Ozzie, os sub delegados e Jake recuaram lentamente,

olhando para ele. O homem começou a gritar.

-

Eu não sei desarmar isto - disse, com os dentes cerrados.

-

É melhor aprender depressa - disse Jake, com a voz um pouco mais

forte.

O suspeito fechou os olhos e baixou a cabeça. Mordeu os lábios, respirando rápida e

ruidosamente. O suor pingava-lhe do queixo e das sobrancelhas. A orelha estava cortada,

pendurada como uma folha prestes a cair.

- Dê-me uma lanterna.

Pirtle estendeu-lhe uma lanterna.

- Preciso das duas mãos - disse o homem.

- Tente só com uma - disse Ozzie.

O homem pousou os dedos ao de leve no fecho e fechou os olhos.

-

Vamos sair daqui - disse Ozzie.

Deram a volta correndo à casa e entraram na garagem, o ponto mais afastado

possível.

-

Onde está a sua família? - perguntou Ozzie.

-

Foi embora. Conhece-o?

-

Não - disse Ozzie.

-

Nunca vi este cara - disse Nesbit.

Pirtle abanou a cabeça. Ozzie chamou o operador de rádio, que chamou o sub delegado Riley, o homem que aprendera sozinho a lidar com explosivos.

-

E se ele desmaiar e a bomba explodir? - disse Jake.

-

Tem seguro, não tem, Jake? - perguntou Nesbit.

-

Não tem graça nenhuma.

-

Vamos lhe dar alguns minutos, depois Pirtle pode ir verificar o que aconteceu com o sujeito - disse Ozzie.

-

Porquê eu?

-

Eu acho que o Jake é que deve ir - disse Nesbit. - A casa é dele.

-

Muito engraçado - disse Jake.

Esperaram enquanto conversavam cheios de nervoso. Nesbit fez outra observação idiota sobre o seguro.

-

Quieto! - disse Jake. - Ouvi qualquer coisa.

Ficaram imóveis. Alguns segundos depois o homem gritou outra vez. Eles

atravessaram correndo o gramado e depois viraram muito devagar para o lado da casa. A

maleta vazia tinha sido atirada para um lado. Ao lado do homem, estavam empilhados doze

tubos de dinamite. Entre as pernas dele, estava um relógio grande, redondo, com uma porção

de fios presos com fita adesiva prateada.

-

Está desarmada? - perguntou Ozzie, ansioso.

-

Está - disse o homem, ofegante.

Ozzie ajoelhou-se diante dele e retirou o relógio e os fios. Não tocou na dinamite.

-

Onde estão os seus amigos?

Silêncio. Ele tirou o cassetete da bainha e aproximou-se mais do homem.

-

Vou começar a partir costelas, uma de cada vez. Acho melhor

começar a falar. Vamos, onde estão os seus amigos?

-

Vá à merda.

Ozzie levantou-se, olhou em volta rapidamente, não para Jake nem para os policiais,

mas para a casa vizinha. Não viu nada e ergueu o cassetete. O braço do homem estava

pendurado no contador de gás e o golpe atingiu -o abaixo da axila esquerda. Ele gritou e

saltou para a esquerda. Jake quase teve pena dele.

-

Onde estão? - perguntou Ozzie.

Silêncio. Jake virou a cara quando o xerife desfechou outro golpe nas costelas.

-

Onde estão? Silêncio. Ozzie ergueu o cassetete.

-

Pare... por favor, pare - pediu o homem.

-

Onde estão?

-

Daquele lado. A uns dois quarteirões.

-

Quantos?

-

Um.

-

Que carro?

-

Uma pick-up vermelha.

-

Chame os carros patrulha - disse Ozzie.

Jake esperou impaciente na garagem dos carros a volta de Carla. Às duas e quinze,

ela entrou devagar e estacionou.

-

Hanna está dormindo? - perguntou Jake, ao abrir a porta.

-

Está.

-

Ótimo. Deixa-a onde está. Vamos embora daqui a minutos.

-

Para onde?

-

Falaremos nisso lá dentro.

Jake serviu o café e procurou ficar calmo. Carla estava assustada, tremendo e

zangada, e era quase impossível, para ele, não perder a calma. Ele falou-lhe da bomba e do

homem e explicou que Ozzie estava, naquele momento, à procura do cúmplice.

-

Quero que você e Hanna vão para Wilmington e fiquem com os seus

pais até depois do julgamento - disse ele.

Carla olhou para a xícara de café e não disse nada.

-

Já telefonei para o seu pai explicando tudo. Eles também estão

assustados e insistem para que vocês fiquem na casa deles até tudo isto acabar.

-

E se eu não quiser ir?

-

Por favor, Carla. Como é que consegue discutir num momento

destes?

-

E você?

-

Não há problema... Ozzie vai me arranjar um guarda-costas e a casa

vai ser vigiada dia e noite. Uma vez por outra, durmo no escritório. Estarei seguro,

prometo.

Carla não ficou convencida.

-

Ouça, Carla. Tenho muitas coisas em que pensar! Tenho um cliente

que pode ir parar à câmara de gás e faltam dez dias para o julgamento. Não posso

perder este caso. Vou trabalhar dia e noite, até ao último momento e, de qualquer

modo, você não me ia pôr a vista em cima enquanto durasse o julgamento. A última

coisa que eu quero é ter de me preocupar contigo e com a Hanna. Por favor, vá.

-

Eles iam nos matar, Jake. Eles tentaram nos matar.

Jake não podia dizer que não.

-

Você prometeu largar o caso se houvesse qualquer perigo.

-

Já não é possível. Noose nunca permitiria que eu deixasse o caso

agora.

-

Sinto-me como se você tivesse mentido.

-

Isso não é justo. Acho que subestimei a coisa toda e agora é tarde

demais.

Carla foi para o quarto e começou a fazer as malas.

-

O avião sai de Memphis às seis e meia. O seu pai vai esperá-las no

aeroporto Raleigh às nove e meia.

-

Sim, senhor.

Quinze minutos depois saíram de Clanton. Jake dirigia e Carla não disse uma palavra.

Às cinco horas, tomaram café no aeroporto de Memphis. Hanna estava com s ono, mas

contente com a idéia de ver os avós. Carla falou muito pouco. Tinha muito a dizer mas

nenhum deles discutia na frente da criança. Ela comeu calada e tomou o café olhando para

o marido que lia o jornal como se nada tivesse acontecido.

Jake beijou as duas e prometeu telefonar todos os dias. O avião saiu à hora prevista.

Às sete e meia, estava no escritório de Ozzie.

-

Quem é ele? - perguntou Jake.

-

Não fazemos idéia. Sem carteira, sem identidade, nada. E não fala.

-

Ninguém o reconheceu? Ozzie pensou um momento.

-

Bem, Jake, neste momento é um pedaço difícil reconhecer o homem.

Está com uma porção de ligaduras na cara.

Jake sorriu.

-

Você quando bate, bate forte e feio, não é grandalhão?

-

Só quando é preciso. Não ouvi da sua parte qualquer objeção...

-

Não. Eu queria ajudar. E o amigo?

-

Nós o encontramos dormindo dentro de uma pick-up vermelha, a um

quilômetro da sua casa. Terrell Grist. É da região. Mora perto de Lake Village. Acho

que é amigo da família Cobb. Jake repetiu o nome várias vezes.

-

Nunca ouvi falar. Onde é que ele está?

-

No hospital. No mesmo quarto que o outro.

-

Meu Deus, Ozzie, também lhe quebrou as pernas?

-

Jake, meu amigo, ele resistiu à prisão. Tivemos de lutar com ele.

Depois, tivemos de interrogá-lo. Ele não queria cooperar.

-

O que foi que ele disse?

-

Nada de especial. Não sabe nada. Tenho certeza de que ele não

conhece o homem da dinamite.

-

Quer dizer que eles contrataram um profissional?

-

É possível. Riley examinou os explosivos e o relógio e disse que é um

trabalho muito bom. Não ia sobrar nada de você, nem da sua mulher nem da sua filha,

talvez nem sequer da casa... Estava armada para as duas da manhã. Sem o aviso,

você estaria morto, Jake. E a sua família toda.

Aturdido, Jake sentou-se no sofá. A reação lenta atingiu-o como um murro no

estômago. Sentiu-se agoniado e com a sensação de que não ia conseguir controlar os

intestinos.

-

Já mandou embora a família?

-

Já - disse ele, com voz fraca.

-

Vou designar um sub delegado para tomar conta de você em tempo integral. Tem alguma preferência?

-

Não.

-

Pode ser o Nesbit?

-

Ótimo. Obrigado.

-

Outra coisa. Penso que queira manter isto em segredo.

-

Se for possível. Alguém sabe?

-

Só eu e os sub delegados. Acho que podemos manter isto em segredo até depois do julgamento, mas não posso garantir nada.

-

Compreendo. Faça o possível.

-

Vou fazer.

-

Eu sei, Ozzie. Agradeço-lhe muito.

Jake foi para o escritório, fez café e deitou-se no sofá. Queria dormir um pouco, mas

não conseguiu. Os olhos ardiam-lhe, mas não conseguia fechá-los. Olhou para o ventilador

do teto.

-

Dr. Brigance - chamou Ethel pelo interfone. Jake não respondeu.

-

Dr. Brigance!

Em algum recanto do seu inconsciente, Jake percebeu que alguém o chamava.

Levantou-se de um salto.

-

Sim! - gritou.

-

O juiz Noose ao telefone.

-

Está bem, está bem - resmungou Jake, dirigindo-se para a mesa com

passos incertos. Olhou para o relógio. Nove horas da manhã. Tinha conseguido

uma

hora de sono.

-

Bom dia, Sr. Dr. Juiz - disse, alegremente, tentando parecer alerta e

acordado.

-

Bom dia, Jake. Como está?

-

Bem, obrigado, Sr. Dr. Juiz. Com muito trabalho, preparando o

julgamento.

-

Foi o que pensei. Jake, como está a sua agenda hoje?

Que dia é hoje, pensou ele. Pegou a agenda de compromissos.

-

Só trabalharei no escritório.

-

Ótimo. Gostaria que viesse almoçar comigo, a minha casa. Digamos,

lá para as onze e meia.

-

Será um prazer, Sr. Dr. Juiz. Qual é a comemoração?

-

Quero conversar sobre o caso Hailey.

-

Está bem, Sr. Dr. Juiz. Estarei lá às onze e meia.

Os Noose moravam numa majestosa casa construída antes da Guerra Civil, ao lado

da praça central em Chester. A casa pertencia à família da mulher do juiz h á mais de um

século e embora precisasse de algumas obras e cuidados, mantinha uma aparência decente.

Era a primeira vez que Jake ia a casa do juiz e não conhecia a Sra. Noose. Mas sabia que

ela era uma esnobe de sangue azul, cuja família tivera muito dinhe iro, mas tinha perdido tudo.

Era tão feia como Ichabod, e Jake imaginou como seriam os filhos. A Sra. Noose recebeu

Jake delicadamente, falando sobre banalidades enquanto o conduzia ao pátio, onde o

meritíssimo tomava chá e examinava a correspondência. Uma empregada arrumava uma

mesa pequena, ao lado dele.

-

É um prazer vê-lo, Jake - disse Ichabod calorosamente. - Muito

obrigado por ter vindo.

-

Eu é que agradeço, Sr. Dr. Juiz. O senhor tem uma bela casa.

Discutiram o caso Hailey enquanto comiam a sopa e as sanduíches de galinha com

alface. Embora não admitisse, Ichabod estava apreensivo com a proximidade do julgamento.

Parecia cansado, como se o caso lhe pesasse demais nos ombros. Surpreendeu Jake ao

dizer que detestava Buckley. Jake disse que também o detestava.

-

Jake, estou perplexo com este pedido de transferência de foro - disse

ele. - Estudei as suas razões e as de Buckley e procurei na lei. É uma questão difícil.

No último fim de semana estive numa conferência de juízes, na Costa do Golfo, e bebi

alguns copos com o juiz Denton, do Supremo Tribunal. Estudamos juntos na

faculdade e fomos colegas no Senado. Somos muito amigos. O juiz Denton é de

Dupree County, no Sul do Mississipi, e disse que todos no condado dele comentam o

caso. As pessoas, na rua, perguntam-lhe qual será a decisão dele se o caso for para

o Tribunal de apelação. Todos têm opinião formada e Dupree County fica a mais de

seiscentos quilômetros daqui. Desse modo, se eu concordar com a transferência de

foro, para onde iremos? Não podemos sair do estado e tenho certeza de que todas

as pessoas não só ouviram falar no seu cliente, como também já o pré -julgaram.

Não

concorda comigo?

-

Bem, tem havido muita publicidade - disse Jake, cautelosamente.

-

Fale comigo, Jake. Não estamos no tribunal. Por isso o convidei para

minha casa. Quero que pense. Eu sei que tem havido muita publicidade. Se sairmos

daqui, para onde podemos ir?

-

Que tal o delta?

Noose sorriu.

-

É disso que gostaria, não é?

-

Claro. Poderíamos escolher um bom júri no delta. Jurados capazes de

compreender realmente o problema.

-

Sim, um júri metade negro.

-

Eu não tinha pensado nisso.

-

Acredita mesmo que eles não pré-julgaram o acusado? - Suponho que

sim.

-

Então, para onde vamos?

-

O juiz Denton fez alguma sugestão?

-

Na verdade, não. Falamos sobre a tradicional recusa dos tribunais à

transferência de foro, a não ser em casos de crimes hediondos. É um problema difícil

com casos notórios que despertam paixões tanto contra como a fav or do acusado.

Com a televisão e todos os recursos da mídia hoje em dia, esses crimes tornam-se

imediatamente notícia e todas as pessoas ficam a par dos detalhes muito antes do

julgamento. É este caso mais do que todos... O próprio Denton admitiu que nunca viu

um caso com tanta publicidade e na opinião dele é impossível encontrar um júri justo

e imparcial em todo o Mississipi. Suponha que eu não autorize a transferência e ele

seja condenado aqui em Ford County. Nesse caso, você apela, alegando que o foro

devia ter sido transferido. Denton deu a entender que aprovaria a minha decisão de

não fazer a transferência. Ele acha que terei o apoio de uma maioria do tribunal. É

claro, não se pode garantir, e conversamos sobre o assunto ao longo de muitos copos.

Aceita uma bebida? - Não, obrigado.

-

Eu não vejo motivo para mudar o local do julgamento. Estaríamos nos

enganando a nós próprios, se acreditássemos que é possível encontrar doze pessoas

sem opinião formada sobre a inocência ou a culpa de Hailey.

-

Parece que já decidiu, Sr. Dr. juiz.

-

Sim. Não vamos mudar. O julgamento será em Clanton. Não posso

dizer que me agrade, mas não vejo razão para a transferência. Além disso, eu gosto

de Clanton. Fica perto da minha casa e o ar-condicionado do tribunal funciona muito

bem.

Noose pegou uma pasta e retirou um envelope.

-

Jake, isto é uma ordem, com data de hoje, negando o pedido de

transferência de foro. Mandei uma cópia a Buckley e uma cópia para você. O original

está aqui e eu gostaria que a mandasse registrar nos autos, e m Clanton.

-

Com prazer, Sr. Dr. Juiz.

-

Só espero estar procedendo corretamente. Já pensei muito no

assunto.

-

É um trabalho difícil - disse Jake, tentando ser agradável.

Noose chamou a criada e pediu um gin tônica. Insistiu em mostrar o seu jardim de

rosas a Jake e passaram uma hora na parte de trás da casa, admirando as flores do

meritíssimo. Jake pensou em Carla, em Hanna, na sua casa e na dinamite, mas sem deixar

de demonstrar interesse pela jardinagem de Ichabod.

As tardes de sexta-feira faziam sempre Jake recordar a Faculdade de Direito quando,

dependendo do tempo que fazia, ele e os amigos se reuniam no seu bar favorito, em Oxford,

para beber cerveja e debater as novas teorias sobre Direito ou criticar os professores de

Direito, insolentes, arrogantes, dominadores, ou, quando um dia estava quente e ensolarado,

empilhavam as latas de cerveja no velho conversível de Jake e seguiam para a praia em

Sardis Lake, onde as garotas besuntavam o corpo de óleo e suavam ao Sol, ignorando os

gracejos dos estudantes de Direito embriagados e dos marmanjos locais. Jake sentia

saudades daqueles dias inocentes. Ele detestava a Faculdade de Direito - todos os alunos

com um mínimo de bom senso detestavam - mas sentia falta dos amigos e dos bons

momentos, especialmente das tardes de sexta feira. Sentia saudades do estilo de vida sem

pressões, embora, às vezes a pressão se tornasse insuportável, especialmente no primeiro

ano, quando os professores eram mais insultuosos do que o normal. Tinha saudades de não

ter dinheiro, porque quando não tinha nada, não devia nada e a maioria dos seus colegas de

turma estava na mesma situação. Agora que tinha rendimentos, estava sempre preocupado

com as hipotecas, com o excesso de despesas, cartões de crédito e tentando realizar o sonho

americano de ter dinheiro suficiente. Não ficar rico, mas ter o suficiente. Tinha saudades do

seu Volkswagen porque fora o seu primeiro carro, presente de fim do liceu e completamente

pago, ao contrário do Saab. Uma vez por outra, tinha saudades do tempo de s

olteiro, embora

fosse feliz no casamento. E sentia falta da cerveja, fosse ela imperial, de lata ou de garrafa,

tanto fazia. Bebia sempre socialmente, só com amigos, e passava o maior tempo possível

com os amigos. Na Faculdade, não bebia todos os dias e ra ramente se embriagava. Mas

lembrava-se de algumas ressacas memoráveis e terríveis.

Depois, aparecera Carla. Ele conheceu-a no começo do seu último semestre, e seis

meses depois estavam casados. Ela era muito bonita e foi isso que primeiro lhe chamou a

atenção. Era calma e, no princípio, um pouco esnobe, como a maioria das meninas ricas da

"irmandade" de Ole Miss. Mas Jake descobriu nela grande calor humano, personalidade forte

e pouca auto-confiança. Nunca compreendeu como uma pessoa tão bonita podia ser t ão

insegura. Ela estava no Quadro de Honra de Ciências Humanas, mas pretendia apenas

lecionar durante alguns anos. A família era abastada e a mãe nunca tinha trabalhado. Isso

agradou a Jake: o dinheiro da família e a ausência de ambição para fazer carreira . Ele queria

uma mulher que pudesse ficar em casa, sempre bonita, que quisesse ter filhos e que não

tentasse mandar nele. Foi amor à primeira vista.

Mas Carla não aprovava bebidas de qualquer tipo. Guardava lembranças penosas da

infância, quando o pai bebia demais. Assim, Jake passou o último semestre da faculdade "a

seco" e perdeu sete quilos e meio. Estava com ótimo aspecto, sentia -se ótimo e estava

loucamente apaixonado. Mas sentia saudades da cerveja.

Havia um armazém a alguns quilômetros de Chester, com um anúncio de Coors, na

janela. Coors era a sua cerveja favorita, na Faculdade, embora naquele tempo não fosse

vendida a leste do rio. Era algo especial em Ole Miss e o contrabando da Coors no campus

era um negócio muito lucrativo. Agora que podia ser comprada em toda parte, todas as

pessoas preferiam a Budweiser.

Era sexta-feira e estava calor. Carla estava a mais de mil quilômetros de distância.

Jake não queria ir para o escritório e tudo que tinha para fazer podia esperar até ao dia

seguinte. Um doido acabara de tentar matar a sua família e eliminar a casa dele do Patrimônio

Histórico. Faltavam dez dias para o maior julgamento da sua carreira. Ele não estava pronto

e a pressão aumentava. Acabava de perder a sua moção mais importante antes do

julgamento. E estava com sede. Jake parou e comprou uma caixa com seis latas de Coors.

Levou quase duas horas para percorrer os noventa e seis quilômetros de Chester a

Clanton. Aproveitou com prazer a diversão, a paisagem, a cerveja. Parou duas vezes para

urinar e uma para comprar mais seis latas. Sentia-se maravilhosamente bem. Naquele estado

de espírito, só podia ir para um lugar. Não para casa, nem para o escritório, certamente que

não para o tribunal, para registrar a ordem maldita de Ichabod. Estacionou o Sa ab atrás do

pequeno e maltratado Porsche e deslizou para a varanda, com a cerveja gelada na mão.

Como sempre, Lucien balançava-se suavemente na varanda, bebendo e lendo um tratado

sobre defesa por privação momentânea de sentidos. Fechou o livro e, vendo a cerveja, sorriu

para o seu antigo contratado. Jake respondeu com um largo sorriso.

-

Qual é a comemoração, Jake?

-

Na verdade, nenhuma. Deu-me apenas a sede...

-

Ah é... E a sua mulher?

-

Ela não manda em mim. Sou um homem independente. Sou o chefe.

Se quero cerveja, bebo cerveja e ela não vai dizer nada. - Jake bebeu um longo gole.

-

Ela deve estar fora da cidade.

-

Carolina do Norte.

-

Quando partiu?

-

Às seis da manhã. Partiu de Memphis com a Hanna. Vai ficar com os

pais em Wilmington até ao fim do julgamento. Eles têm uma bela casa de praia onde

passam o Verão.

-

Ela partiu esta manhã e você está bêbado no meio da tarde...

-

Não estou bêbado - disse Jake - ainda.

-

Há quanto tempo é que está bebendo?

-

Há umas duas horas. Comprei seis latas quando saí da casa do

Noose, mais ou menos à uma e meia. Há quanto tempo é que está bebendo?

-

Normalmente, eu bebo o meu café da manhã. Porque foi a casa dele?

-

Falamos sobre o julgamento durante o almoço. Ele negou a

transferência de foro.

-

O quê?

-

Ouviu muito bem. O julgamento vai ser em Clanton. Lucien bebeu um

gole e sacudiu o gelo no copo.

-

Sallie! - gritou. - Ele explicou porquê?

-

Explicou. Disse que seria impossível encontrar jurados, fosse onde

fosse, que não tivessem ouvido falar do caso.

-

Eu bem tinha dito... Essa é uma boa e sensata razão para negar a

transferência, mas legalmente é uma razão muito fraca. o juiz Noose não devia fazer

isso.

Sallie apareceu com a bebida e levou a cerveja de Jake para o frigorífico. Lucien

bebeu um bom gole de uísque e fez estalar os lábios. Enxugou a boca com a braço e bebeu

outro gole.

-

Sabe o que isso significa, não sabe? - perguntou.

-

Claro que sei. Um júri branco.

-

Isso e mais a negação do recurso quando ele for condenado.

-

Não aposte nisso. o juiz Noose já consultou o Supremo Tribunal. Ele

acha que o Supremo ratificará a decisão se for impugnada. Acha que está em terreno

firme.

-

Ele é um idiota. Posso mostrar a ele vinte casos que dizem que o local

deve ser mudado. Eu acho é que ele está com medo de transferir.

-

Porque iria o juiz Noose ter medo?

-

Está sendo pressionado.

-

Por quem?

Lucien admirou o líquido dourado no copo e fez girar os cubos de gelo com o dedo.

Sorriu como se soubesse alguma coisa que só revelaria se Jake pedisse.

-

Por quem? - perguntou Jake, olhando furioso para o amigo com olhos

brilhantes e vermelhos.

-

Buckley - disse Lucien, com ar misterioso.

-

Buckley - disse Jake.

-

Não compreendo.

-

Eu sei que não compreende.

-

Pode explicar?

-

Acho que sim. Mas não vá contar a ninguém. É estritamente

confidencial. As minhas fontes são muito boas.

-

Quem?

-

Não posso dizer.

-

Quem são as suas fontes? - insistiu Jake.

-

Eu disse que não posso dizer. Não quero dizer. Certo?

-

Como é que Buckley pode pressionar o juiz Noose?

-

Se quiser ouvir, eu digo.

-

Buckley não tem influência sobre o juiz Noose. O juiz Noose detesta -

o. Ele mesmo me disse. Hoje. Ao almoço.

-

Eu sei.

-

Então, como é que pode dizer que o juiz Noose está sendo

pressionado por ele?

-

Se ficar quieto, eu digo.

Jake terminou uma cerveja e chamou Sallie.

-

Você sabe que Buckley é uma puta velha em política e não tem

escrúpulos.

Jake fez que sim com a cabeça.

-

E também sabe como ele quer ganhar este julgamento. Ele pensa que,

se ganhar, estará lançando a campanha para Secretário de Justiça.

-

Governador - disse Jake.

-

Seja lá o que for. Ele é ambicioso, certo?

-

Certo.

-

Muito bem, ele tem pedido aos seus amigos políticos de todo o distrito

que telefonem ao Noose sugerindo que o julgamento se realize em Ford County.

Alguns chegaram a ser grosseiros com o juiz Noose. Tipo: transfira o julgamento e

não votamos em você, nas próximas eleições. Deixe que se realize em Clanton e o

ajudaremos a ser reeleito.

-

Não acredito nisso.

-

O.K. Mas é verdade.

-

Como é que soube?

-

Fontes.

-

Quem é que lhe telefonou?

-

Um exemplo. Lembra-se daquele assassino que era xerife em Van

Buren County? Motley? O FBI apanhou-o, mas já está livre. Ainda é muito popular

naquele distrito.

-

Lembro-me, sim.

-

Sei, com certeza absoluta, que ele foi a casa do juiz Noose com dois

capangas e sugeriu com muita ênfase que o juiz Noose deixasse o julgamento em

Ford County.

Foram mandados pelo Buckley.

-

E que disse o juiz Noose?

-

Trocaram uma porção de insultos. Motley disse-lhe que ele não

conseguiria nem cinqüenta votos em Van Buren nas próximas eleições. Prometeram

encher as urnas de votos nulos, intimidar os negros, falsificar os votos dos ausentes,

tudo o que costumam fazer nas eleições em Van Buren County. E o juiz Noose sabe

que farão isso.

-

Porque é que ele se preocupa com isso?

-

Não seja idiota, Jake. Ele é um velho que não pode fazer mais nada

senão ser juiz. Consegue imaginar o juiz Noose tentando começar uma carreira de

advogado? Ele ganha sessenta mil por ano e morreria de fome se fosse derrotado. A

maioria dos juízes é assim. Ele precisa assegurar aquele emprego. Buckley sabe isso,

e por isso mesmo conversa com os fanáticos locais dizendo que esse miserável preto

pode ser inocentado se o julgamento for em outra cidade e que eles devem dar um

apertão no juiz. Por isso o juiz Noose está sob pressão.

Beberam em silêncio durante alguns minutos, balançando -se calmamente nas

cadeiras de madeira. A cerveja estava ótima.

-

E há mais - disse Lucien.

-

Sobre quê?

-

Sobre o juiz Noose.

-

O que é?

-

Ele recebeu algumas ameaças. Não ameaças políticas, mas ameaças

de morte. Ouvi dizer que está morto de medo. Pediu à policial para lhe vigiarem a

casa. Agora anda armado.

-

Eu sei como é - murmurou Jake.

-

Sim, eu soube.

-

Soube o quê?

-

Da dinamite. Quem era ele?

Jake ficou atônito. Olhou para Lucien, incapaz de dizer uma palavra.

-

Não pergunte. Eu tenho contatos. Quem é ele?

-

Ninguém sabe.

-

Parece profissional.

-

Obrigado.

-

Você é bem-vindo se quiser ficar aqui em casa. Tenho cinco quartos

de dormir.

O sol tinha desaparecido às oito e quinze, quando Ozzie parou o carro atrás do Saab,

que continuava estacionado atrás do Porsche. Caminhou para os degraus da varanda. Lucien

foi o primeiro a vê-lo.

-

Olá, xerife - tentou dizer, com a língua pastosa.

-

Boa noite, Lucien. Onde está o Jake?

Lucien inclinou a cabeça na direção da extremidade da varanda. Jake estava deitado

no balanço.

-

Está dormindo uma soneca - explicou Lucien, prestimoso. Ozzie aproximou-

se do balanço e parou, olhando para Jake, que roncava discr etamente. Tocou de leve as

costelas do advogado. Jake abriu os olhos e lutou valentemente para conseguir sentar -se.

-

A Carla telefonou para o meu escritório à sua procura. Está apavorada.

Telefonou durante toda a tarde e não o encontrou. Ninguém o viu hoje . Ela pensa que você

está morto.

Jake esfregou os olhos, sacudindo levemente o balanço.

-

Diga-lhe que não estou morto. Diga-lhe que me viu e falou comigo e que está

convencido, sem sombra de dúvida, de que não estou morto. Diga -lhe que

telefono amanhã.

Diga-lhe, Ozzie, por favor, diga-lhe.

-

De maneira nenhuma, meu amigo. Já está crescidinho. Telefone e diga -lhe...

- Ozzie saiu da varanda. Não estava achando graça nenhuma.

Jake pôs-se em pé e cambaleou para dentro da casa.

-

Onde fica o telefone? - gritou para Sallie. Enquanto marcava o número, ouvia a gargalhada incontrolável de Lucien na varanda.

VINTE E SEIS

A última ressaca fora há seis ou sete anos, na Faculdade, Jake já não se lembrava.

A data, isso... ele não se lembrava da data, mas a cabeça latejante, a secura na boca, a

respiração curta e o ardor nos olhos traziam lembranças vívidas e terríveis de longas e

inesquecíveis sessões com a deliciosa bebida.

Assim que abriu o olho esquerdo, percebeu que tinha problemas. As pálpebras do

olho direito estavam coladas e só podiam ser abertas com a ajuda dos dedos, mas Jake não

tinha coragem de se mexer. Ficou deitado no sofá, no quarto escuro, completamente vestido,

até com os sapatos, ouvindo as marteladas na cabeça e olhando para a ventoinha que rodava

lentamente no teto. Sentia náuseas. O pescoço doía-lhe porque estava sem travesseiro. Os

pés latejavam por causa dos sapatos. O estômago dava voltas e saltos, ameaçando uma

erupção. A morte seria bem-vinda.

Jake tinha problemas com ressacas porque não conseguia dormir até ficar bom.

Assim que abria os olhos e o cérebro acordava e começava a girar outra vez, e começavam

as marteladas nas têmporas, ele não conseguia dormir mais. Os amigos dele, na

Faculdade,

dormiam dias seguidos quando estavam de ressaca, mas Jake não. Nunca conseguia mais

do que algumas horas, depois da última lata ou da última garrafa.

Porquê? Essa era a eterna pergunta da manhã seguinte. Porque tinha feito aquilo?

Uma cerveja gelada era repousante. Talvez duas ou três. Mas dez, quinze, talvez vinte?

Tinha perdido a conta. Depois da sexta, a cerveja perde o gosto e a partir daí bebia só para

beber, para se embriagar. Lucien tinha ajudado muito. Antes do anoitecer mandou Sallie

comprar uma caixa de Coors, que ele pagou alegremente, e de pois encorajou Jake a beber.

Poucas latas tinham sobrado. A culpa era de Lucien.

Jake levantou as pernas devagar, uma de cada vez, e pôs os pés no chão. Massageou

as têmporas com cuidado, inutilmente. Respirou fundo, mas o coração começou a bater

acelerado, enviando mais sangue para o cérebro, abastecendo os martelinhos que

trabalhavam dentro da sua cabeça. Precisava beber água. Tinha a língua tão desidratada e

tão inchada que era mais fácil ficar com a boca aberta como um cão com calor. Porquê, oh,

porquê?

Jake se pôs em pé, cuidadosamente, muito devagar, e cambaleou até à cozinha. A

luz por cima do fogão era fraca, sob a proteção do globo de plástico, mas mesmo assim

penetrava o escuro, fazendo-lhe doer os olhos Jake esfregou os olhos, tentando limpá -los

com os dedos malcheirosos. Bebeu a água quente devagar e deixou que escorresse da boca

para o chão. Não fazia mal. Sallie limparia. O relógio marcava duas e meia.

Ganhando ânimo, Jake atravessou desajeitada mas silenciosamente a sala de estar,

passou pelo sofá sem travesseiro e saiu para a varanda, cheia de latas e de garrafas vazias.

Porquê?

Quando chegou ao escritório, Jake sentou-se debaixo do chuveiro quente durante

uma hora, incapaz de se mexer. A água quente aliviou -lhe algumas dores, mas não a

violência deflagrada no cérebro. Certa vez, na Faculdade, conseguira arrastar -se da cama

até ao frigorífico para ir buscar uma cerveja. Bebera e sentira -se melhor. Então, bebera outra

e sentira-se ainda melhor. Lembrou-se disso, ali sentado no chuveiro, e ao pensar em outra

cerveja, vomitou.

Deitou-se na mesa de conferências só com a roupa de baixo e fez o possível para

morrer. Tinha um monte de seguros de vida. Ninguém iria ficar com a casa. O novo advogado

podia conseguir um adiamento do julgamento.

Nove dias para o julgamento. O tempo era escasso, precioso, e ele acabava de

desperdiçar um dia inteiro com aquela tremenda ressaca. Aí, pensou em Carla e a cabeça

martelou com mais força. Tentara parecer sóbrio ao telefone. Dissera -lhe que ele e Lucien

tinham passado a tarde toda revendo casos de insanidade e que teria telefonado antes, mas

os telefones não funcionavam, pelo menos os de Lucien não funcionavam. Mas tinha a língua

pesada e a fala arrastada e Carla percebeu que ele estava bêbado. Ficou furiosa - uma fúria

controlada. Sim, a casa ainda estava de pé. Foi a única coisa em que ela acreditou.

Às seis e meia, Jake telefonou-lhe novamente. Ela ia ficar impressionada por saber

que ele estava no escritório, trabalhando diligentemente. Carla não ficou. Com g rande

sofrimento e coragem ele procurou falar alegremente, até demais. Carla não ficou

impressionada.

-

Como é que se sente? - insistiu ela.

-

Muito bem! - respondeu ele, com os olhos fechados.

-

A que horas foi para a cama? Que cama! pensou Jake.

-

Logo a seguir ao telefonema.

Ela não disse nada.

-

Cheguei ao escritório às três da manhã - disse ele, com orgulho.

-

Três!

-

Isso mesmo. Não conseguia dormir.

-

Mas você não dormiu, na noite de quinta-feira. - A sugestão de

ansiedade na voz fria animou-o.

-

Estou bem. Talvez fique com o Lucien, esta semana e na próxima.

Talvez seja mais seguro.

-

E o guarda-costas?

-

Sim, o sub delegado Nesbit. Está lá fora, dormindo no carro.

Carla hesitou e Jake sentiu que as linhas telefônicas começavam a descongelar.

-

Estou preocupada com você - disse ela, afetuosa.

-

Vai correr tudo bem, querida. Eu lhe telefono amanhã. Preciso

trabalhar. Jake desligou, correu para a banheira e vomitou outra vez.

Durante quinze minutos, Jake ignorou a campainha insistente, da porta da fre nte, mas

fosse quem fosse sabia que ele estava lá e continuava batendo. Foi até à varanda do segundo

andar.

-

Quem é? - gritou para a rua.

A mulher saiu do passeio, debaixo da varanda, e encostou -se a um BMW preto parado

perto do Saab. As mãos dela estavam enfiadas nos bolsos dos jeans desbotados e elegantes.

O sol do meio-dia ofuscou-a quando olhou para cima. Iluminou-lhe também o cabelo louro-

avermelhado.

-

O senhor é Jake Brigance? - perguntou, protegendo os olhos com um

braço.

-

Sou. O que é que quer?

-

Preciso falar com o senhor.

-

Estou muito ocupado.

-

É muito importante.

-

Não é minha cliente, não é? - perguntou ele ao mesmo tempo em que observava o corpo esbelto e se certificava de que não podia ser uma cliente.

-

Não. Só quero cinco minutos do seu tempo.

Jake abriu a porta. Ela entrou tranqüilamente, como se fosse dona do prédio.

Apertou-lhe a mão com firmeza.

-

Eu sou Ellen Roark.

Jack apontou para uma cadeira perto da porta.

-

Muito prazer. Sente-se, por favor.

Jake sentou-se na ponta da mesa de Ethel.

-

Uma sílaba ou duas?

-

Como disse?

O sotaque era típico do nordeste, mas temperado por algum tempo passado no Sul.

-

É Rork ou Row Ark?

-

R-o-a-r-k. Isto dá Rork em Boston e Row Ark no Mississipi.

-

Posso tratá-la por Ellen?

-

Por favor, com duas sílabas. Posso tratá-lo por Jake?

-

Sim, claro.

-

Bom, eu não tinha pensado em tratá-lo por senhor.

-

Boston, hein?

-

Sim. Nasci lá. Estudei no Boston College. O meu pai é Sheldon Roark,

um famoso advogado criminologista de Boston.

-

Acho que não o conheci. O que a traz ao Mississipi?

-

Estou na Faculdade de Direito em Ole Miss.

-

Ole Miss! Como veio parar aqui?

-

A minha mãe é de Natchez. Ela foi uma amável integrante da

irmandade estudantil de Ole Miss, depois mudou-se para Nova Iorque, onde conheceu

o meu pai.

-

Eu me casei com uma amável integrante da irmandade estudantil de

Ole Miss.

-

Eles têm uma grande seleção.

-

Aceita um café?

-

Não, obrigada.

-

Bem, agora que nos conhecemos, o que a traz a Clanton?

-

Carl Lee Hailey.

-

Não me surpreende.

-

Acabo o curso de Direito em Dezembro e não tenho nada para fazer,

em Oxford, durante este Verão. Estou estudando Direito Processual Penal com o

Guthrie, e acho muito chato.

-

George Guthrie, o Louco.

-

Sim, continua louco.

-

Ele me reprovou em Direito Constitucional no primeiro ano.

-

Bem, o que acontece é que eu gostaria de ajudá-lo, no julgamento.

Jake sorriu e sentou-se na cadeira rotativa, pesada e resistente de Ethel e olhou

atentamente para Ellen. A camisa pólo preta de algodã o era elegantemente desbotada e

muito bem passada. Os contornos externos e as sombras discretas revelavam seios firmes,

sem sutiã. O cabelo ondulado e farto descia perfeito até os ombros.

-

Porque pensa que preciso de ajuda?

-

Sei que trabalha sozinho e sei que não tem um estagiário de Direito.

-

Como sabe tudo isso?

-

Newsweek.

-

Ah, sim, uma revista maravilhosa. Foi uma boa fotografia, não achou?

-

Ficou um pedaço empertigado, mas estava bem. Parece melhor

pessoalmente.

-

Que credenciais traz com você?

-

A inteligência é uma característica da minha família. Concluí summa

cum laude no Boston College e sou a segunda da turma na Faculdade de Direito. No

último Verão, passei três meses com a Liga de Defesa dos Presos do Sul em

Birmingham, e fui assistente em sete julgamentos de homicídio. Vi Elmer Wayne Doss

morrer na cadeira elétrica, na Florida, e Willie Ray Ash levar a injeção letal, no Texas.

Nas horas livres, em Ole Miss, escrevo recensões para a União Americana em prol

das Liberdades Civis e estou trabalhando em dois recursos de pena de morte para

um escritório de Spartanburg, Carolina do Sul. Cresci no escritório do meu pai e era

versada em investigação judiciária antes de saber guiar. Vi-o defender criminosos de

delito comum, violadores, defraudadores, esteliona tários, terroristas, assassinos

profissionais, molestadores de crianças, corruptores de menores, assassinos de

crianças e crianças que matam os próprios pais. Trabalhava quarenta horas por

semana no escritório dele quando estava no liceu e cinqüenta quando estava na

Faculdade. Ele tem dezoito advogados na firma dele, todos muito brilhantes, muito

cheios de talento. É um grande campo de treino para criminologistas e eu andei por

lá durante catorze anos. Tenho vinte e cinco anos e quando crescer quero ser uma

criminologista radical como o meu pai e viver uma carreira gloriosa reprimindo a pena

de morte.

-

Mais nada?

-

O meu pai é podre de rico e apesar de sermos irlandeses católicos,

sou filha única. Tenho mais dinheiro do que você e por isso trabalho de graça. Sem

encargos. Uma estagiária não remunerada durante três semanas. Farei todo o

trabalho de investigação, datilografia, ligações telefônicas. Prometo até carregar a sua

pasta e fazer-lhe café.

-

Eu estava com medo que quisesse ser minha sócia.

-

Não. Sou mulher e estou no Sul. Conheço o meu lugar.

-

Porque está tão interessada neste caso?

-

Quero estar no tribunal. Adoro processos penais, grandes julgamentos

onde uma vida está em jogo e a pressão é tão forte que pode ser vista no ar. Onde a

sala do tribunal fica cheia e a segurança é rígida. Onde metade das pessoas odeia o

acusado e a outra metade reza para que ele seja absolvido. Adoro isso. E este é o

julgamento de todos os julgamentos. Eu não sou Sulista e, de um modo geral,

acho

esta região incrível, mas desenvolvi um amor perverso por ela. Nunca fará sentido

para mim, mas é fascinante. As implicações raciais são enormes. O julgamento de um

pai negro que matou dois brancos que lhe violaram a filha... o meu pai disse que

aceitaria o caso de graça.

-

Diga-lhe que continue em Boston.

-

É o sonho de qualquer advogado criminologista. Eu apenas quero

estar lá. Não vou atrapalhar, prometo. Basta me deixar trabalhar nos bastidores e

assistir ao julgamento.

-

O juiz Noose odeia advogadas.

-

Todos os advogados do Sul também. Além disso, não sou advogada,

sou uma estudante de Direito.

-

Eu lhe darei a honra de explicar a ele...

-

Então consegui o lugar.

Jake parou de olhar fixamente para ela e respirou fundo. Uma leve onda de náusea

sacudiu-lhe o estômago e os pulmões e cortou-lhe a respiração. As marteladas tinham

voltado com fúria e ele precisava estar perto do banheiro.

-

Sim, conseguiu o lugar. Eu sou capaz de usar alguma investigação

independente. Esses casos são complicados, como muito bem sabe.

Ela sorriu com graça e confiança.

-

Quando começo?

-

Já.

Jake mostrou-lhe todo o escritório rapidamente e instalou-a na sala de guerra, no

andar de cima. Puseram o arquivo de Hailey sobre a mesa de conferências e ela passou uma

hora tirando cópias.

Às duas e meia, Jake acordou de uma soneca no sofá e desceu para a sala de

conferências. Metade dos livros das estantes estava espalhada sobre a mesa com

marcadores que apareciam mais ou menos de cinqüenta em cinqüenta páginas. Ellen estava

concentrada, tomando notas.

-

Uma biblioteca razoável - disse ela.

-

Alguns desses livros não são usados há vinte anos.

-

Percebi pelo pó.

-

Está com fome?

-

Estou. Faminta.

-

Há um pequeno café na esquina cuja especialidade é toucinho e broa

de milho. O meu organismo está precisando de uma injeção de gordura.

-

Que delícia!

Rodearam a praça e entraram no Claude's, onde a freguesia era pouca para uma

tarde de sábado. Não havia outros brancos no local, Claude estava fora e o silêncio era

ensurdecedor. Jake pediu um cheeseburger, rodelas de cebola e três envelopes de

analgésico em pó para as dores de cabeça.

-

Está com dor de cabeça? - perguntou Ellen.

-

Tenho uma dor de cabeça colossal.

-

Stress?

-

Ressaca.

-

Ressaca? Pensei que fosse abstêmio.

-

E onde ouviu falar isso?

-

Newsweek. O artigo dizia que você era um típico homem de família,

workaholic, presbiteriano devoto, que não bebia e fumava charutos baratos. Não se

lembra? Como é que podia esquecer, certo?

-

Acredita em tudo que lê?

-

Não.

-

Ótimo, porque ontem à noite eu apanhei um porre e passei a manhã

inteira vomitando.

A estagiária achou graça.

-

O que é que costuma beber?

-

Eu não bebo... lembra-se? Pelo menos não bebia até à noite passada.

Esta é a minha primeira ressaca desde a Faculdade e espero que seja a última. Eu tinha esquecido de como estas coisas são horríveis.

-

Porque os advogados bebem tanto?

-

Aprendem na Faculdade. O seu pai bebe?

-

Está brincando? Somos católicos. Mas ele é cuidadoso.

-

E você bebe?

-

Claro, sempre - disse ela com orgulho.

-

Então vai ser uma grande advogada.

Jake misturou cuidadosamente o pó dos três envelopes num copo de água gelada

e

bebeu de um trago. Fez uma careta e passou o guardanapo pela boca. Ellen observavao

atentamente com um sorriso divertido.

-

O que foi que a sua mulher lhe disse?

-

Sobre quê?

-

Sobre a ressaca de um homem tão de família e tão devoto.

-

Ela não sabe. Ela deixou-me ontem, de manhã cedo.

-

Lamento.

-

Vai ficar com os pais até terminar o julgamento. Há dois meses que

andamos recebendo telefonemas anônimos e ameaças de morte e, ontem de manhã,

puseram dinamite do lado de fora da janela do nosso quarto. A polícia a encontrou a

tempo e apanhou os homens, provavelmente do Klan. Dinamite suficiente para arrasar

a casa e matar a todos nós. Foi um bom pretexto para apanhar um porre.

-

Lamento saber isso.

-

O trabalho que acaba de conseguir pode ser muito perigoso. Quero

que saiba isso desde já.

-

Já fui ameaçada de outras vezes. No Verão passado, em Dothan,

Alabama, defendemos dois adolescentes negros que tinham sodomizado e

estrangulado uma mulher de oitenta anos. Nenhum advogado do estado quis aceitar

o caso. Aí, chamaram a Liga de Defesa. Entramos na cidade montados em cavalos

negros e, assim que aparecemos, formaram-se grupos de linchamento em todas as

esquinas. Nunca me senti tão odiada em toda a minha vida. Nos escondemos em um

motel, em outra cidade, e achamos que estávamos a salvo, até à noite em que dois

homens me cercaram no átrio do motel e tentaram me seqüestrar.

-

Que aconteceu?

-

Eu ando sempre com um 38 cano curto na bolsa e os convenci que

sabia usá-lo.

-

Um 38 cano curto?

-

Um presente do meu pai quando fiz quinze anos. Tenho porte de

arma.

-

Ele deve ser uma destas pessoas...

-

Dispararam sobre ele muitas vezes. Ele aceita casos muito

controversos, do tipo que aparece nos jornais, quando o público fica furioso e ofendido

e exige que o acusado seja enforcado sem julgamento e sem advogado. São os casos

que o meu pai mais gosta. Ele tem um guarda-costas permanente.

-

Grande coisa! Eu também tenho! O nome dele é sub delegado Nesbit

e não é capaz de acertar na parede de um celeiro co m uma espingarda. Ontem, foi

destacado para me proteger.

O almoço chegou. Ellen tirou a cebola e o tomate do seu claudeburger e ofereceu a

Jake as batatas fritas. Partiu a sanduíche ao meio e começou a comer com

pequenas

dentadas em volta do pão, como um passarinho. A gordura quente pingou para o prato. A

cada dentada ela limpava a boca cuidadosamente.

O rosto dela era suave e agradável, com um sorriso fácil que desmentia as ligas

feministas, as palavras de ordem do tipo queimem-o-sutiã, eu-posso-ser-mais-agressivado-

que-você, que, Jake sabia, estarem à espreita próximo da superfície. Não havia vestígios de

maquiagem em parte alguma do rosto. Não precisava. Ela não era bela, nem engraçadinha,

e evidentemente estava decidida a não ser. Tinha a pele pálida d e uma ruiva, mas saudável,

com sete ou oito sardas espalhadas no nariz pequeno e pontiagudo. A cada sorriso,

freqüente, os lábios alargavam-se maravilhosamente, formando simples e breves covinhas

em cada lado do rosto. Os sorrisos eram confiantes, desafiad ores e misteriosos. Os olhos

verdes metálicos irradiavam uma fúria mansa e não piscavam quando ela falava.

Era um rosto inteligente, atraente como o diabo.

Enquanto mastigava o sanduíche, Jake tentava com forçada indiferença ignorar os

olhos dela. A comida pesada aconchegou-lhe o estômago e, pela primeira vez em dez horas,

começou a pensar que iria viver.

-

Falando sério, porque escolheu Ole Miss? - perguntou ele.

-

É uma boa escola de Direito.

-

É a minha escola. Mas normalmente não atraímos os mais brilha ntes

alunos do nordeste. É lá que estão as escolas de maior prestígio acadêmico e social.

É para lá que mandamos os nossos melhores alunos.

-

O meu pai detesta todos os advogados formados naquelas bandas.

Ele era um pobretão e fez o curso de Direito em uma escola noturna. Agüentou a vida

inteira as afrontas dos advogados ricos, bem-criados e incompetentes. Agora troça

deles. Disse que eu podia estudar Direito em qualquer lugar do país, mas que se eu

escolhesse uma escola famosa do leste, ele não custearia as despesas. Mas há

também a minha mãe. Fui criada ouvindo aquelas deliciosas histórias da vida nas

profundezas do Sul e queria ver isto de perto. Além disso, os estados do Sul pareciam

decididos a aplicar a pena de morte. Portanto acho que acabarei por vir para cá.

-

Porque se opõe tanto à pena de morte?

-

Você, não?

-

Não. Sou totalmente a favor dela.

-

Isso é incrível! Vindo da parte de um advogado de defesa.

-

Eu gostaria de voltar ao tempo dos enforcamentos públicos no jardim

do tribunal. - Está brincando, não está? Diga que está.

-

Não estou.

Ela parou de mastigar e de sorrir. Os olhos faiscaram furiosos, procurando um sinal

de fraqueza nele.

-

Está falando sério!...

-

Muito sério! O problema com a pena de morte é que não a usamos

com muita frequência.

-

Já explicou isso ao Sr. Hailey?

-

O Sr. Hailey não merece pena de morte. Mas os dois homens que

violaram a filha dele sem dúvida mereciam.

-

Compreendo. Como é que determina quem merece e quem não

merece?

-

É muito simples. Você olha para o crime e olha para o criminoso. Se

é um traficante que abate a tiros um policial à paisana da seção de narcóticos, merece

a câmara de gás. Se é um vagabundo que viola uma menina de três anos e depois a

afoga segurando-lhe na cabeça dentro da água lamacenta, e depois atira o co rpo do

alto de uma ponte, você mesma o mata e dá graças a Deus por ele estar morto. Se é

um fugitivo da prisão que assalta uma propriedade, a altas horas da noite, espanca e

tortura um casal de velhinhos antes de queimá-los juntamente com a casa, amarra-o

a uma cadeira, prende-lhe alguns fios, reza-lhe pela alma e liga a chave. E se são

dois drogados que se revezam no estupro de uma menina de dez anos e lhe dão

pontapés no corpo todo com botas bicudas de cowboy até lhe partirem os

maxilares,

então você se sente feliz, contente, agradecida quando os fecha numa câmara de gás

e ouve os gritos que eles dão. É muito simples.

-

É coisa de selvagens.

-

Os crimes deles foram selvagens. Morrer é bom demais para eles,

bom demais.

-

E se o Sr. Hailey for condenado à morte?

-

Se isso acontecer, tenho certeza de que vou passar os próximos dez

anos entrando com recursos e lutando furiosamente pela vida dele. E se eles o

amarrarem na cadeira, tenho certeza de que estarei do lado de fora da prisão com

você, os jesuítas e mais uma centena de outras almas caridosas protestando, com

velas acesas e cantando hinos. E depois vou ficar de pé, ao lado do túmulo dele, no

fundo da igreja dele, com a viúva e os filhos e desejando nunca tê -lo conhecido.

-

Já assistiu a alguma execução?

-

Não que eu me lembre.

-

Eu já assisti a duas. Se assistir, vai mudar de idéia.

-

Ótimo. Não verei nem uma.

-

É uma coisa horrível.

-

As famílias das vítimas estavam presentes?

-

Sim, nos dois casos.

-

Ficaram horrorizadas? Mudaram de opinião? É claro que não. Os pesadelos deles tinham acabado!

-

Você me surpreende.

-

E gente como você me deixa perplexo. Como pode ser tão fanática e dedicada ao trabalho de salvar pessoas que pediram a pena de morte e que, de acordo com a lei, vão tê-la?

-

A lei de quem? Não é a lei de Massachusetts.

-

Não me diga. O que espera do único estado em que McGovern venceu

as eleições de 1972? Vocês estão sempre muito sintonizados com o resto do país.

Os claude-burgers tinham ficado esquecidos e ambos estavam falando alto demais.

Jake olhou em volta e percebeu alguns olhares intrigados. Ellen sorriu outra vez e pegou uma

rodela de cebola do sanduíche dele.

-

O que é que pensa da União Americana pelas Liberdades Civis? -

perguntou ela, mastigando.

-

Suponho que tenha um cartão de sócia na carteira...

-

Tenho.

-

Então está despedida.

-

Me associei quando tinha dezesseis anos.

-

Porquê tão tarde? Você deve ter sido a última no seu grupo de

bandeirantes a tornar-se sócia.

-

Tem algum respeito pela Carta de Direitos?

-

Eu adoro a Carta de Direitos. Desprezo os juizes que os interpretam.

Coma!

Terminaram os claude-burgers em silêncio, estudando-se um ao outro,

cuidadosamente. Jake pediu café e mais dois envelopes para as dores de cabeça.
- Então,

como é que planejamos ganhar este caso? - perguntou ela.

-

Nós?

-

Ainda tenho o lugar, não tenho?

-

Tem. Mas lembre-se de que eu sou o patrão e você a estagiária.

-

Certo, patrão. Qual é a sua estratégia?

-

Como conduziria as coisas?

-

Bem, pelo que sei, o nosso cliente planejou cuidadosamente as

mortes e disparou sobre eles a sangue-frio, seis dias depois do estupro. Tudo indica

que ele sabia exatamente o que estava fazendo.

-

Sabia.

-

Então não temos defesa e acho que deve declará-lo culpado visando

uma sentença de prisão perpétua e evitando assim a câmara de gás.

-

Você esta se saindo uma lutadora de primeira!...

-

Estou só brincando. Insanidade é a nossa única defesa. E parece

impossível provar.

-

Conhece o Regulamento M'Naghten? - perguntou Jake.

-

Sim. Temos um psiquiatra?

-

Digamos que sim. Ele dirá tudo quanto nós quisermos que diga; isto

é, se estiver sóbrio no julgamento. Uma das suas tarefas mais difíceis, como minha

nova estagiária de Direito, será garantir que ele esteja sóbrio no julgamento. Não vai

ser fácil, acredite.

-

Eu vivo para novos desafios no tribunal.

-

Ótimo, Row Ark, pegue uma caneta. Aqui está um guardanapo. O seu

patrão vai lhe dar algumas instruções.

Ela começou a tomar notas num guardanapo de papel.

-

Quero um apanhado das decisões do Supremo Tribunal do Mississipi

sobre o M'Naghten, nos últimos cinqüenta anos. Deve haver umas cem. Há um caso

importante de 1976, o estado contra Hill, onde o tribunal ficou dividido, cinco a quatro,

com os dissidentes optando por uma definição mais liberal de insanidade. Faça uma

coisa curta, menos de vinte páginas. Sabe escrever à máquina?

-

Noventa palavras por minuto.

-

Já devia adivinhar... Quero tudo na quarta-feira.

-

Você o terá.

-

Há alguns pontos comprobatórios que eu quero que sejam

investigados. Viu aquelas fotografias impressionantes dos dois corpos. O juiz Noose

geralmente permite que o júri veja o sangue e a carnificina, mas eu gostaria que essas

fotografias não fossem vistas pelo júri. Veja se há uma maneira.

-

Não vai ser fácil.

-

O estupro é decisivo para a defesa do réu. Quero que o júri conheça

os detalhes. Isso precisa ser investigado a fundo. Pode começar por dois ou três casos

que já separei e acho que podemos provar ao Noose que o estupro é extremamente

relevante.

-

Correto. Que mais?

-

Não sei. Quando o meu cérebro estiver vivo novamente, pensarei em

mais qualquer coisa, mas isso chega por ora.

-

Apresento-me na segunda-feira de manhã?

-

Sim, mas não antes das nove. Eu gosto do meu tempo de paz.

-

Qual é o código indumentário?

-

Parece-me bem assim...

-

Jeans e sem meias?

-

Tenho outra funcionária, uma secretária chamada Ethel. Tem

sessenta e quatro anos, é forte e graças a Deus usa sutiã. Não seria uma má idéia para você.

-

Vou pensar nisso.

-

Eu não necessito desse tipo de distração.

VINTE E SETE

Segunda-feira, 15 de Julho. Uma semana para o julgamento. No fim de semana,

espalhou-se a notícia de que o julgamento seria em Clanton e a cidadezinha preparou -se

para o espetáculo. Os telefones dos motéis tocaram sem parar, atendend o os jornalistas que

queriam confirmar as suas reservas. Os cafés fervilhavam de expectativa. Uma equipe

municipal de manutenção cercou o edifício do tribunal a seguir ao café da manhã e começou

a pintá-lo e a retocá-lo. Ozzie mandou os faxineiros da cadeia com os seus cortadores de

relva e erradicadores de ervas daninhas. Os velhos, sob o monumento do Vietnã, afiavam os

seus pedaços de madeira cuidadosamente e observavam toda aquela atividade. O preso de

confiança, que supervisava o trabalho da limpeza, pe diu-lhes que cuspissem o tabaco que

mascavam na relva, não no passeio. Eles mandaram-no para o inferno. A relva das

Bermudas, espessa e escura, recebeu uma camada extra de fertilizante, e uma dúzia de

borrifadores de gramado estavam assobiando e salpicando -a, às nove da manhã.

Às dez horas, a temperatura era de trinta e três graus. Os donos das lojinhas em volta

da praça abriram as portas e ligaram os ventiladores do teto. Telefonaram para Memphis,

Jackson e Chicago para fazerem as suas encomendas para a semana seguinte.

Noose telefonara a Jean Gillespie, a escrivã do Tribunal Itinerante, na tarde de sexta -

feira, informando-a de que o julgamento seria na sala do tribunal da alçada dela. Instruiu -a

para que convocasse cento e cinqüenta possíveis jurados. A defesa havia solicitado uma lista

ampliada da qual seriam selecionados os doze, e Noose concordara. Jean e dois auxiliares

passaram o sábado esquadrinhando os livros de registro dos eleitores e escolhendo

aleatoriamente os nomes dos jurados potenciais. Seguindo as instruções específicas de

Noose, selecionaram os que tinham mais de sessenta e cinco anos. Mil nomes foram

escolhidos, e cada nome com o respectivo endereço foi escrito numa pequena ficha e atirado

para dentro de uma caixa de papelão. Em seguida, os dois auxiliares revezaram-se retirando

as fichas da caixa, ao acaso. Um auxiliar era branco, o outro negro. Cada um deles tirava, às

cegas, uma ficha da caixa e colocava-a por ordem sobre uma mesa de dobrar com as outras

fichas. Quando a contagem chegou a cento e cinqüenta, cessou o sorteio e uma lista-mestra

foi datilografada. Esses eram os jurados do estado contra Hailey. Cada passo da seleção

fora cuidadosamente ditado pelo Meritíssimo Ornar Noose, que sabia exatamente o que

estava fazendo. Se houvesse um júri só de brancos, e uma condenação, e uma sentença de

morte, cada passo isolado e elementar do procedimento de seleção do júri seria impugnado

na apelação. Ele já tinha passado por isso, em outras ocasiões, e a sua decisão fora anulada.

Mas desta vez não.

Da lista-mestra o nome e o endereço de cada jurado eram datilografados numa carta

separada de convocação do júri. A pilha de convocações foi guardada a sete chaves, no

escritório de Jean, até às oito horas da manhã de segunda -feira quando o xerife Ozzie Walls

chegou. Este tomou café com Jean e recebeu as instruções dela.

-

O juiz Noose quer que sejam entregues entre as quatro horas da tarde

e a meianoite de hoje - disse ela.

-

Certo.

-

Os jurados devem apresentar-se na sala do tribunal, na próxima

segunda-feira, às nove horas em ponto.

-

Certo.

-

A convocação não indica o nome nem a natureza do julgamento, e

aos jurados não se deve dizer coisa alguma.

-

Eu penso que eles sabem.

-

É provável, mas o juiz Noose foi muito claro. Os seus homens não

devem dizer uma palavra sobre o caso quando entregarem as convocações. Os

nomes dos jurados são estritamente confidenciais, pelo menos até quarta -feira. Não

pergunte porquê. São ordens de Noose.

Ozzie examinou a pilha.

-

Quantos temos aqui?

-

Cento e cinqüenta.

-

Cento e cinqüenta! Porquê tantos?

-

É um grande caso. Ordens do Noose.

-

Vou precisar de todos os meus homens para entregar estes papéis.

-

Lamento mas tem que ser.

-

Ah, tudo bem. Se é isso que o meritíssimo quer.

Ozzie saiu e, segundos depois, Jake estava de pé junto ao balcão, brincando com as

secretárias e sorrindo para Jean Gillespie. Seguiu-a quando ela se dirigiu para o escritório

dela. Jake fechou a porta. Ela refugiou-se atrás da sua mesa e apontou para ele. Jake

continuou a sorrir.

-

Eu sei por que está aqui - disse ela séria - e não vai conseguir.

-

Dê-me a lista, Jean.

-

Não antes da quarta-feira. Ordens do Noose.

-

Quarta-feira? Porquê quarta-feira?

-

Não sei. Mas o Ornar foi muito claro.

-

Dê-me a lista, Jean.

-

Jake, não posso. Quer que eu me meta em problemas?

-

Não se vai meter em problemas porque ninguém saberá. Sabe muito

bem que eu sei guardar segredo - Jake estava agora sério. - Jean, dê-me essa maldita

lista.

-

Jake, não posso.

-

Eu preciso dela, e preciso dela já. Não posso esperar até quarta -feira.

Tenho muito que fazer.

-

Não seria justo para Buckley - disse ela, com voz fraca.

-

Quero que o Buckley se lixe. Você pensa que ele joga limpo? Ele é

uma cobra e você o detesta tanto como eu.

-

Talvez até mais...

-

Dê-me a lista, Jean.

-

Ouça, Jake, nós sempre fomos amigos. Tenho por você mais respeito

do que por qualquer outro advogado que conheço. Quando o meu filho esteve em

dificuldades, eu chamei você, não foi? Confio em você e quero que ganhe este caso.

Mas não posso desobedecer às ordens de um juiz.

-

Quem a ajudou a ser eleita da última vez? Eu ou o Buckley?

-

Ora, vamos, Jake.

-

Quem impediu que o seu filho fosse para a cadeia, eu ou o Buckley?

-

Por favor.

-

Quem procurou meter o seu filho na cadeia, eu ou o Buckley?

-

Isso não é justo, Jake.

-

Quem ficou do lado do seu marido quando todas as pessoas, e foram

todas as pessoas mesmo, na igreja, queria despedi-lo quando o balanço não fechava?

-

Não é uma questão de lealdade, Jake. Eu gosto de você, da Carla e

da Hanna, mas não posso fazer uma coisa dessas.

Jake bateu com a porta e saiu furioso do escritório. Jean sentou -se à sua mesa e

enxugou as lágrimas que lhe escorriam pela rosto abaixo.

Às dez da manhã, Harry Rex entrou como um furacão no escritório de Jake e atirou

para cima da mesa uma cópia da lista de jurados.

-

Não faças perguntas - disse.

Ao lado de cada nome, tinha feito anotações, tais como "Não conheço", ou "Antigo

cliente - odeia negros", ou "Trabalha na fábrica de calçado, poderia ser favorável".

Jake leu cada um dos nomes lentamente, tentando associá -lo a uma cara ou a uma

reputação. Havia somente nomes. Sem endereço, idade , profissão. Nada além dos nomes.

O seu professor da quarta classe em Karaway. Uma das amigas da mãe, no Clube de

Jardinagem. Um antigo cliente, desleixado, pensou. Um nome de uma pessoa da igreja. Um

freqüentador do Coffee Shop. Um fazendeiro importante. A maioria parecia nome de brancos.

Havia um Willie Mae Jones, Leroy Washington, Roosevelt Tucker, Bessie Lou Bean e outros

nomes de negros. Mas a lista parecia terrivelmente incolor.

Jake reconheceu trinta nomes no máximo.

-

O que é que acha? - perguntou Harry Rex.

-

É difícil dizer. A maioria é branca, mas isso era de se esperar. Onde

conseguiu isto?

-

Não pergunte. Fiz anotações em vinte e seis nomes. É o máximo que

posso fazer. O resto, não conheço...

-

Você é um grande amigo, Harry Rex.

-

Sou um príncipe. Está pronto para o julgamento?

-

Ainda não. Mas descobri uma arma secreta.

-

O quê?

-

Vai conhecê-la mais tarde.

-

Ela?

-

Isso mesmo. Você tem o que fazer, na quarta-feira à noite?

-

Acho que não. Porquê?

-

Ótimo. Venha me encontrar aqui, às oito. Lucien também vai estar

aqui. Talvez mais uma ou duas pessoas. Quero ter umas duas horas para conversar

a respeito do júri. Quem é que nós queremos? Faremos o perfil do jurado ideal e

partiremos daí. Vamos examinar cada um dos nomes e, espero, identif icar a maior

parte deles.

-

Parece divertido. Estarei aqui. Como é o seu jurado ideal?

-

Não sei ao certo. Penso que o justiceiro agrada aos lavradores

brancos. Armas, violência, proteção das mulheres. Os agricultores adoram isso. Mas

o meu cliente é negro e muitos proprietários brancos gostariam de fritá-lo vivo. Ele

matou dois deles.

-

Concordo. Eu evitaria escolher mulheres. Elas não têm simpatia pelos

violadores, mas dão mais valor à vida. Pegar uma M-16 e arrebentar a cabeça de

alguém é uma coisa que as mulheres não compreendem. você e eu compreendemos,

porque somos pais. Gostamos da idéia. Violência e sangue não nos impressionam.

Nós admiramos o cara. Tem que contar com alguns admiradores neste júri. Pais

jovens com alguma instrução.

-

Isso é interessante. Lucien disse que escolheria mulheres porque são

mais compassivas.

-

Eu não acho. Conheço algumas mulheres que te cortariam o pescoço

se você as contrariasse.

-

Alguma das suas clientes?

-

Sim, e uma delas está nessa lista. Frances Burdeen. Escolhe -a e eu

digo-lhe como deve votar.

-

Estás falando sério?

-

Estou. Ela faz tudo o que eu mandar.

-

Você pode estar no tribunal, na segunda-feira? Quero que veja o júri

durante o processo de seleção, depois quero que me ajude a escolher os doze.

-

Não perderia isso, por nada deste mundo.

Jake ouviu vozes no andar de baixo e levou o dedo aos lábios. Escutou, depois fez

sinal a Harry Rex para segui-lo. Foram em pontas de pés até o alto da escada e ficaram

ouvindo a conversa acalorada.

-

Você certamente não trabalha aqui - insistia Ethel.

-

É claro que trabalho. Fui contratada no sábado pelo Dr. Jake Brigance,

que, creio, é o seu patrão.

-

Contratada como quê? - quis saber Ethel.

-

Estagiária.

-

Bem, ele não me disse nada.

-

Conversou comigo e me deu o emprego.

-

Quanto é que ele lhe vai pagar?

-

Cem dólares à hora.

-

Ai, meu Deus! Tenho que falar com ele primeiro.

-

Eu já falei com ele, Ethel.

-

Sra. Twitty, se faz favor. - Ethel examinou-a dos pés à cabeça. Jeans

lavadas com ácido, tênis baratos, sem meias, uma camisa larga demais de algodão

branco, abotoada à frente, evidentemente sem nada por baixo.

-

Você não está vestida apropriadamente para este escritório. Está...

está indecente!

Harry Rex ergueu o sobrolho e sorriu para Jake. Eles continuaram no alto da escada,

à escuta.

-

O meu patrão, que acontece ser o seu patrão, disse -me que eu

poderia me vestir assim.

-

Mas você se esqueceu de qualquer coisa, não se esqueceu?

-

Jake disse que eu podia esquecer... Ele me disse que a senhora tinha

passado vinte anos sem usar sutiã. Disse que a maioria das mulheres de Clanton não

usa. Por isso deixei o meu em casa.

-

Ele o quê? - gritou Ethel, cruzando os braços no peito.

-

Ele está lá em cima? - perguntou Ellen friamente.

-

Está. Vou chamá-lo.

-

Não é preciso.

Jake e Harry Rex voltaram para o escritório, à espera da estagiária. Ela entrou com

uma enorme pasta executiva.

-

Bom dia, Row Ark - disse Jake. - Quero apresentar-lhe um grande

amigo meu, Harry Rex Vonner.

Harry Rex apertou-lhe a mão e olhou para a blusa dela.

-

Muito prazer. Como se chama?

-

Ellen.

-

Pode tratá-la por Row Ark - disse Jake. - Ela vai ser estagiária aqui até

ao fim do julgamento.

-

Isso é Ótimo - disse Harry Rex, sem tirar os olhos da blusa de Ellen.

-

Harry Rex é um advogado local, Row Ark, é um dos muitos em quem

não pode confiar.

-

Porque contratou uma mulher como estagiária, Jake? - perguntou

Harry Rex, sem rodeios.

-

Row Ark é um gênio em Direito Penal, como a maioria dos estudantes

do terceiro ano. E trabalha a troco de um salário muito baixo.

-

O senhor tem alguma coisa contra as mulheres? - perguntou Ellen.

-

Não, minha senhora, eu adoro mulheres. Já casei com quatro.

-

O Harry Rex é o mais hábil advogado em processos de divórcio de

Ford County - explicou Jake. - Na verdade, ele é o mais hábil dos advogados, ponto

final. E pensando bem, é o homem mais hábil que eu conheço.

-

Muito obrigado - disse Harry Rex.

-

Ele tinha deixado de olhar para ela. Ela olhou para os sapatos

enormes, sujos, gastos, de bico largo, as meias de nylon caneladas que caíam em

grossos chumaços em volta dos tornozelos, as calças cáqui surradas e manchadas,

o blazer azul-marinho puído, a gravata brilhante de lã cor-de-rosa que ficava quinze

centímetros acima do cinto, e disse:

-

Acho-o uma delícia.

-

Eu bem podia fazer de você a minha mulher número cinco - disse

Harry Rex.

-

A atração é puramente física - respondeu Ellen.

-

Alto lá - disse Jake. - Desde que o Lucien foi embora, nunca houve

sexo neste escritório.

-

Muita coisa foi embora com o Lucien - disse Harry Rex.

-

Quem é Lucien?

Jake e Harry Rex entreolharam-se.

-

Vai conhecê-lo muito em breve - disse Jake.

-

A sua secretária é uma graça - disse Ellen.

-

Eu já sabia que vocês se iam dar bem. Ela é de fato um amor depois

que a gente a conhece.

-

Isso leva quanto tempo?

-

Eu a conheço há vinte anos - disse Harry Rex - e ainda estou

esperando.

-

Como vai a investigação? - perguntou Jake.

-

Devagar. Há dezenas de casos M'Naghten e todos muito compridos.

Estou mais ou menos no meio. Estava pensando em trabalhar nisto o dia todo, aqui,

isto é, se aquele touro bravo lá em baixo não me atacar.

-

Eu cuido da Ethel - disse Jake. Harry Rex encaminhou-se para a porta.

- Foi um prazer, Row Ark. A gente se vê.

-

Obrigado, Harry Rex - disse Jake. - Vemo-nos na quarta, à noite.

O estacionamento de terra e cascalho do Tank's estava cheio quando Jake,

finalmente, conseguiu dar com ele, à noite. Nunca tinha tido motivo, anteriorme nte, para

visitar o Tank's e não estava exatamente entusiasmado. Ficava bem escondido, afastado da

estrada de terra, a dez quilômetros de Clanton. Jake estacionou longe do prédio de cimento

de cinzas e pensou em deixar o motor ligado para o caso de Tank nã o estar e ter de sair a

toda depressa. Mas desistiu da idiotice porque gostava do seu carro e a probabilidade de ser

roubado era muito grande naquele lugar. Jake trancou o Saab, verificou duas vezes as portas

e os vidros, quase com certeza de que o carro todo, ou parte dele, teria desaparecido quando

voltasse.

A música do juke-box, no máximo, saía pelas janelas abertas e Jake teve a impressão

de ouvir o barulho de uma garrafa partindo-se no chão, na mesa ou na cabeça de alguém.

Ficou parado perto do carro, pensando em ir embora. Não, era importante. Encolheu a

barriga, respirou fundo e abriu a porta de madeira arranhada. Quarenta pares de olhos negros

fixaram-se imediatamente no pobre homem branco perdido, de terno e gravata, que tentava

habituar a vista à imensa escuridão da taberna. Jake ficou parado, embaraçado, à procura

desesperadamente de um amigo. Não viu nenhum. Michael Jackson terminou a canção no

juke-box e o silêncio durou uma eternidade. Jake ficou perto da porta, cumprimentando com

uma inclinação de cabeça, sorrindo, tentando agir como se pertencesse ao grupo. Não viu

nenhum sorriso.

De repente percebeu um movimento no bar e os joelhos tremeram.

-

Jake! Jake! - gritou alguém, as duas palavras mais doces de toda a

sua vida. Viu Tank atrás do bar, tirando o avental e dirigindo -se a ele. Trocaram um

caloroso aperto de mãos.

-

O que o traz aqui?

-

Preciso falar com você um minuto. Podemos ir lá fora?

-

Claro! O que há?

-

Só negócios.

Tank baixou um interruptor, ao lado da porta.

-

Eh, pessoal, este aqui é o advogado de Carl Lee Hailey, o Dr. Jake

Brigance. Meu amigo. Uma salva de palmas para ele.

A pequena sala explodiu em aplausos e bravos. Vários homens que estavam no bar

apertaram a mão de Jake.

Tank tirou da prateleira do bar uma porção de cartões de visita de Jake e distribuiu -

os como se fossem doces. Jake respirava de novo e a cor voltara -lhe à cara. Lá fora,

encostaram-se ao capo do Cadillac amarelo de Tank. A voz de Lionel Richie soava através

das janelas e tudo voltou ao normal. Jake entregou a Tank uma cópia da lista.

-

Leia esses nomes e veja quais é que conhece. Mostre -os aos seus

amigos e descubra tudo o que puder.

Tank aproximou o papel dos olhos. A luz do letreiro luminoso brilhava acima do seu

ombro:

-

Quantos são negros?

-

Isso é o que você vai me dizer... Esse é um dos motivos por que quero

que você verifique. Faça um círculo em volta dos nomes de negros. Se não tiver

certeza, descubra.

Se alguém conhecer algum dos brancos, que faça uma anotação.

-

É um prazer ajudá-lo, Jake. Isto não é ilegal, não é?

-

Não, mas não diga a ninguém. Quero a resposta na quarta -feira de

manhã.

-

O doutor manda.

Tank guardou a lista e Jake foi para o escritório. Er am quase dez horas. Ethel tinha

datilografado cópias da lista de Harry Rex, que foram entregues em mãos a amigos

escolhidos e de confiança.

Lucien, Stan Atcavage, Tank, Dell, no Coffee Shop, um advogado de Karaway,

chamado Roland Isom, e mais alguns. Até Ozzie recebeu uma cópia.

A menos de cinco quilômetros da taberna ficava a casa de madeira onde Ethel e Bud

Ttwitty moravam, há quase quarenta anos. Era uma casa agradável com lembranças

agradáveis dos filhos que estavam agora espalhados pelo Norte. O filho caçula, o

que se

parecia muito com Lucien, morava em Miami. A casa estava mais sossegada agora. Há anos

que Bud não trabalhava, desde o primeiro derrame em 1975. Depois tivera um enfarte,

seguido de mais dois derrames sérios e de vários outros menore s. Tinha os dias contados e

há muito que aceitava o fato de que a qualquer momento poderia sofrer o derrame final e

morrer na varanda da frente, enquanto descascava feijão. Pelo menos era o que ele

esperava.

Na noite de segunda-feira, estava na varanda, debulhando feijão e ouvindo o jogo dos

Cardinals, na rádio. Ethel estava na cozinha. No final do oitavo tempo, com os Cardinais

prestes a fazerem um lançamento e a ganharem por dois pontos, ouviu um barulho ao lado

da casa. Baixou o volume do rádio. Provavelmente um cão. Ouviu novamente o ruído.

Levantou-se e foi até ao fim da varanda. De repente, um vulto enorme, vestido de preto, com

tinta de guerra vermelha, branca e preta, com a cara tapada, saltou dos arbustos, agarrou

Bud e arrastou-o para fora da varanda. O grito angustiado de Bud não foi ouvido na cozinha.

Outro homem apareceu e os dois arrastaram o pobre velho até os degraus da varanda. Um

deles imobilizou-o agarrando-o pelo pescoço, enquanto o outro lhe esmurrava a barriga

flácida e lhe ensangüentava a cara. Em poucos minutos Bud estava inconsciente.

Ethel ouviu o barulho e correu para a porta da frente. Foi agarrada por um terceiro

membro do bando, que lhe torceu o braço para cima, nas costas, e pôs o braço à volta do

pescoço. Ethel não podia gritar, nem falar, nem mexer-se e ficou ali na varanda, apavorada,

vendo os bandidos revezarem-se no espancamento do marido. No passeio, a um metro da

cena de violência, estavam mais três homens com mantos brancos debruados de vermelho

e capuzes altos e pontiagudos, com máscaras vermelhas e brancas. Saíram do escuro e

observaram a cena como três reis magos ao lado da manjedoura.

Ao fim de um longo e terrível minuto, o espancamento tornou -se monótono.

-

Chega - disse o homem de branco que estava no meio. Os três

terroristas vestidos de negro fugiram. Ethel desceu os degraus e ajoelhou -se ao lado

do marido espancado. Os três homens de branco desapareceram.

Jake saiu do hospital depois da meia-noite. Bud ainda estava vivo, mas os

prognósticos não eram bons. Além das fraturas, tivera outro ataque cardíaco. Ethel fez uma

cena, jogando a culpa para cima dele.

-

Disse que não havia perigo! - gritou ela. - Vá dizer isso ao meu marido!

A culpa é toda sua!

Jake ouviu-a gritar e esbravejar, e o embaraço transformou-se em raiva. Olhou em

volta, na pequena sala de espera, para os amigos e parentes. Todos olhavam para ele. Sim,

pareciam dizer, a culpa é toda tua.

VINTE E OITO

Na terça-feira, muito cedo, Gwen telefonou para o escritório de Jake e Ellen Roark, a

nova secretária, atendeu. Lutou com o interfone até estragá -lo e depois foi até à escada e

gritou:

-

Jake, a mulher do Sr. Hailey.

Jake fechou com força o livro que estava lendo e pegou o telefone, irritado.

-

Sim.

-

Jake, está ocupado?

-

Muito. Qual é o problema? Ela começou a chorar.

-

Jake, precisamos de dinheiro. Estamos sem nenhum e as contas

todas vencidas. Há dois meses que não pago a hipoteca da casa e o banco telefona

todos os dias. Não sei a quem mais é que hei de recorrer.

-

E a sua família?

-

A minha família é pobre, Jake, o senhor sabe... Eles os dão comida e

fazem o que podem, mas não podem pagar a hipoteca e as contas da casa.

-

Falou com Carl Lee?

-

Não sobre dinheiro. Não ultimamente. Ele não pode fazer nada, a não

ser ficar preocupado, e Deus sabe que já tem muito com que se preocupar.

-

E as igrejas?

-

Não vi um centavo.

-

De quanto é que precisa?

-

Pelo menos de quinhentos dólares, só para pôr as contas em dia. Não

sei como vai ser no mês que vem. Mas só vou pensar nisso quando isso chegar.

Novecentos, menos quinhentos, deixavam para Jake quatrocentos pela defesa de um

crime de homicídio. Devia ser um recorde. Quatrocentos dólares! Então, teve uma

idéia.

-

Pode vir ao meu escritório às duas horas da tarde, hoje?

-

Tenho de levar as crianças.

-

Está bem. Venha.

Jake desligou e procurou na lista o número do reverendo Ollie Agee. O reverendo

estava na igreja. Jake inventou uma história dizendo que queria falar com ele sobre o

julgamento de Hailey e sobre o testemunho que ele ia prestar. Disse que o reverendo seria

uma testemunha muito importante. Agee prometeu estar no escritório de Jake às duas horas.

O clã dos Hailey chegou mais cedo e Jake os fez sentar em volta da mesa de

conferências. Os rapazes lembravam-se da sala, no dia da conferência de imprensa, e

olhavam encantados para a mesa comprida, as cadeiras giratórias, as filas de livros nas

estantes. O reverendo chegou, abraçou Gwen e acariciou as crianças, especialmente Tonya.

- Serei muito breve, reverendo - disse. - Precisamos conversar sobre certas coisas.

Durante várias semanas, o senhor e os outros religiosos negros têm angariado

dinheiro para

os Hailey. E conseguiram uma boa quantia. Mais de seis mil, se não me engano. Não sei

onde está o dinheiro e nem quero saber. Os senhores ofereceram dinheiro aos advogados

da associação para defender Carl Lee, mas, como sabemos, esses advogados não vão

trabalhar neste caso. Eu sou o advogado, o único advogado e, até agora, nenhuma parte

desse dinheiro me foi oferecida. Eu não espero que me ofereçam. Evidentemente, os

senhores não se importam com o tipo de defesa que ele vai ter, já que não podem escolher

o advogado. Está tudo bem. Posso passar por cima disso. O que me incomoda realmente,

reverendo, é o fato de que nenhum, repito, nenhum dinheiro foi entregue aos Hailey. Certo,

Gwen?

O olhar vazio de Gwen foi substituído primeiro por espanto, incredulidade e ,

finalmente, fúria contra o reverendo.

-

Seis mil dólares - disse ela.

-

Mais de seis mil, segundo a última informação - disse Jake. - E o dinheiro está

num banco, parado, enquanto Carl Lee está na cadeia, Gwen sem emprego, as

contas

vencidas, a comida dada exclusivamente pelos amigos e a execução da hipoteca da casa

marcada para daqui a poucos dias. Agora diga-nos, reverendo, o que pretende fazer com o

dinheiro?

Agee sorriu e disse com voz melosa:

-

Não é da sua conta.

-

Mas é da minha conta! - disse Gwen, em voz alta. - Usou o meu nome e o da

minha família para levantar esse dinheiro, não usou, reverendo? Eu mesma o ouvi. Disse a

todos, na igreja, que essa oferenda de amor, como lhe chamou, era para a minha família. Eu

pensei que tinham gasto tudo para pagar aos advogados, ou qualquer coisa assim. E agora,

hoje, venho a saber que o dinheiro está enfiado no banco. Acho que o senhor pretende ficar

com ele.

Agee não se abalou.

-

Espere um pouco, Gwen. Achamos que seria melhor gastar o dinheiro com

Carl Lee. Ele recusou o dinheiro quando não quis contratar os advogados da

associação.

Então, perguntei ao Dr. Reinfield, o chefe da equipe, o que devia fazer com o dinheiro. Ele

disse-me que o guardasse porque Carl Lee iria precisar dele para entrar com o recurso em

caso de condenação.

Jake inclinou a cabeça para o lado e cerrou os dentes. Ia começar a disparatar com

aquele tolo ignorante, mas compreendeu que Agee não sabia o que dizia. Jake mordeu os

lábios.

-

Eu não compreendo - disse Gwen.

-

É simples - explicou o reverendo com um sorriso superior. - O Dr. Reinfield

disse que o Carl Lee vai ser condenado porque não o contratou. Então, vamos ter de apelar

da sentença, certo? E depois de Jake perder o julgamento, você e Carl Lee naturalmente vão

procurar outro advogado que possa salvar a vida dele. É quando vão precisar de Reinfield e

é para isso que precisamos do dinheiro. Assim, como está vendo, o dinheiro é para Carl Lee.

Jake balançou a cabeça e praguejou mentalmente. Amaldiçoou Reinfield mais do que

Agee. Os olhos de Gwen encheram-se de lágrimas e ela fechou os punhos com força.

-

Eu não compreendo nada disso, e não quero compreender. Só sei que estou

farta de pedir comida, farta de depender dos outros e farta de ter medo de perder a casa.

Agee olhou tristemente para ela.

-

Eu compreendo, Gwen, mas...

-

E se o senhor tem seis mil dólares do nosso dinheiro no banco, faz mal em

não nos entregar esse dinheiro. Somos capazes de usar o dinheiro do modo certo.

Carl Lee Jr. e Jarvis estavam ao lado da mãe, procurando reco nfortá-la. Olharam para

Agee.

-

Mas é para Carl Lee - disse o reverendo.

-

Muito bem - disse Jake. - Já perguntou ao Carl Lee como é que ele quer que

esse dinheiro seja usado?

O sorriso safado desapareceu dos lábios de Agee e este remexeu -se nervoso na

cadeira.

-

Carl Lee compreende o que estamos fazendo - disse, sem muita

convicção.

-

Muito obrigado. Não foi isso que perguntei. Ouça com atenção. Já

perguntou ao Carl Lee como ele quer que esse dinheiro seja usado?

-

Acho que já foi discutido com ele - mentiu Agee.

-

É o que vamos ver. - Jake levantou-se e foi até à porta da pequena

sala de conferências ao lado do escritório.

O reverendo observava-o nervoso, quase em pânico. Jake abriu a porta e fez um sinal

a alguém. Carl Lee e Ozzie entraram calmamente no escritório. As crianças gritaram de

alegria e correram para o pai. Agee ficou arrasado. Ao fim de alguns minutos de beijos e

abraços, Jake preparou-se para o golpe de misericórdia.

-

Vamos, reverendo, porque não pergunta ao Carl Lee como é que ele

quer que sejam usados os seis mil dólares?

-

Não lhe pertencem exatamente a ele - disse Agee.

-

E não lhe pertencem exatamente a você! - disse Ozzie.

Carl Lee tirou Tonya dos joelhos e aproximou-se da cadeira de Agee. Sentou-se na

ponta da mesa, ficando mais alto do que o reverendo, pronto para o ataque, se fosse

necessário.

-

Deixe que eu explique tudo do modo mais simples, reverendo, para

que o senhor possa entender. O senhor levantou aquele dinheiro em meu nome, em

benefício da minha família. Tirou-o dos negros desta cidade, e tirou-o com a promessa

de que iam me ajudar e à minha família. O senhor mentiu. Angariou o dinheiro para

impressionar a associação, não para ajudar a minha família. Mentiu na igreja, mentiu

nos jornais, mentiu em toda a parte.

Agee olhou em volta e viu que todos olhavam para ele, até as crianças, sacudindo a

cabeça para cima e para baixo, concordando com Carl Lee. Carl Lee pôs o pé na cadeira de

Agee e, inclinando-se para frente, ficou muito perto do reverendo.

-

Se não nos der esse dinheiro, vou dizer a todos os negros que

conheço que o reverendo é um mentiroso e um ladrão! Vou telefonar para cada um

dos membros da sua igreja, e eu sou um deles, lembre-se, e dizer que não recebemos

um centavo e, quando eu acabar, o senhor não vai conseguir nem dois dólares no

peditório de domingo. Vai perder os seus Cadillacs e os seus ternos de luxo. Pode até

perder a sua igreja, porque vou pedir para todos irem embora.

-

Já terminou? - perguntou Agee. - Se terminou, quero apenas dizer que

estou magoado. Muito magoado por você e a Gwen pensarem assim.

-

É exatamente o que pensamos e pouco me importa que esteja

magoado.

Ozzie adiantou-se.

-

Concordo com eles. Reverendo Agee, o senhor não agiu

corretamente, e sabe disso muito bem.

-

Isso dói, Ozzie, vindo de você. Dói de verdade.

-

Deixe-me dizer-lhe o que vai doer muito mais... No próximo domingo,

eu e Carl Lee estaremos na sua igreja. Vou tirá-lo às escondidas da cadeia, muito

cedo, para um pequeno passeio. Quando for começar o seu sermão, entraremos pela

porta da frente, seguiremos pela passagem central até ao púlpito... Se quiser me

impedir, eu o algemo! Carl Lee vai fazer o sermão. Vai dizer à sua gen te que o dinheiro

que deram com tanta generosidade até agora não saiu do seu bolso, que a Gwen e

os filhos estão prestes a perder a casa porque o senhor está bancando o importante

com a associação. Vai dizerlhes que o senhor mentiu. Carl Lee pode falar dur ante

uma hora, ou mais. E quando ele terminar, eu acrescentarei algumas palavrinhas. Vou

dizer-lhes que o senhor é um preto mentiroso e salafrário. Vou contar -lhes do Lincoln

roubado que o senhor comprou em Memphis por cem dólares e que por pouco era

indiciado por isso. Vou falar-lhes acerca dos pagamentos que recebe da agência

funerária. Vou contar-lhes da acusação de falsificação de cheques que eu consegui

retirar em Jackson, há dois anos. E, reverendo, vou contar...

-

Não faça isso, Ozzie - pediu o reverendo.

-

Vou contar um segredinho sujo que só nós dois e uma certa mulher

de má reputação conhecemos...

-

Quando é que querem o dinheiro?

-

Quando é que pode levantá-lo? - perguntou Carl Lee.

-

Rapidamente.

Jake e Ozzie deixaram os Hailey e subiram para o escr itório, onde Ellen trabalhava

no meio aos livros de Direito. Jake apresentou Ozzie à sua estagiária e os três sentaramse

em volta da grande mesa.

-

Como vão os meus amigos? - perguntou Jake.

-

Os rapazes da dinamite? Estão se recuperando muito bem. Vão fica r

no hospital até ao fim do julgamento. Instalamos uma fechadura na porta e tenho um

policial no corredor. Não vão a parte alguma.

-

Quem é o líder?

-

Ainda não sabemos. O resultado das impressões digitais não chegou

ainda.

Talvez não tenham a ficha das impressões dele. O homem não diz nada.

-

O outro é um homem daqui mesmo, não é? – perguntou Ellen.

-

É. Terrell Grist. Ele quer processar-nos porque foi ferido durante a

prisão. Imagine!

-

Nem acredito que o caso ainda seja segredo - disse Jake. - Nem eu.

É claro que Grist e o Sr. X não falam com ninguém. Os meus homens estão calados.

Portanto, só o Jake e a sua assistente é que sabem.

-

E o Lucien, mas não soube por mim.

-

Era de esperar.

-

Quando vão processá-los?

-

Depois do julgamento vamos levá-los para a cadeia e começar a dar

entrada com a papelada. Só depende de nós.

-

Como está o Bud? - perguntou Jake.

-

Passei pelo hospital esta manhã para ver os outros dois e desci para

ver a Ethel. O estado dele continua crítico. Nenhuma alteração.

-

Algum suspeito?

-

Tem de ser o Klan. Com os mantos brancos e tudo o mais. Tudo

combina. Primeiro a cruz de fogo no seu jardim, depois a dinamite, e agora o Bud.

Além das ameaças de morte. E temos um informante.

-

Têm o quê?

-

Ouviu bem. Ele diz que se chama Mickey Mouse. Telefonou para

minha casa no domingo e disse que tinha salvado a sua vida. "O advogado do preto",

foi como ele lhe chamou. Disse que o Klan chegou oficialmente a Ford County.

Fundaram uma Klavern, ou o que seja!

-

Quem são eles?

-

Ele não sabe os pormenores. Prometeu telefonar -me apenas se

alguém estiver para ser atacado.

-

Mas que simpático! Podemos confiar nele?

-

Ele salvou-lhe a vida.

-Tem razão. É membro do Klan?

-

Não disse. Eles programaram um grande desfile para quinta-feira.

-

O Klan?

-

Sim. A associação vai fazer um comício amanhã, em frente do tribunal.

E, a seguir, vão marchar durante algum tempo. O Klan vai aparecer na quinta - feira

para um desfile pacífico.

-

Quantos?

-

Mickey Mouse não disse. Como eu já lhe disse ele não entra em detalhes.

-

O Klan desfilando em Clanton. Nem quero acreditar!

-

Acontecimento de peso - disse Ellen.

-

As coisas vão piorar - observou Ozzie. - Pedi ao governador para manter a patrulha de trânsito em alerta. Pode ser uma semana difícil.

-

Dá para acreditar que o juiz Noose está disposto a julgar este caso na sua cidade? - perguntou Jake.

-

É grande demais para tirar daqui, Jake. Em qualquer lugar íamos ter desfiles, protestos e o Klan.

-

Talvez tenha razão. Como vai a sua lista de jurados? - Amanhã, estará pronta.

Na terça-feira, depois do jantar, Joe Frank Perryman estava sentado na varanda

da

frente com o jornal e um pedaço de tabaco Red Man na boca. Mascava e cuspia com cuidado

num buraco feito à mão no chão da varanda. Esse era o seu ritual de todas as noites. Quando

acabava de lavar os pratos, Leia fazia dois copos de chá gelado e ambos, sentados na

varanda, conversavam até tarde sobre a colheita, os netos, a umidade. Moravam perto da

cidade de Karaway, em três hectares de terra cultivada, roubada pelo pai de Frank durante a

depressão. Era um casal pacífico, trabalhador e cristão.

Ao fim de algumas cuspidelas no buraco no chão, uma pick-up diminuiu a marcha na

estrada e entrou na passagem de terra que levava à casa dos Perryman. Parou ao lado do

gramado e apareceu uma cara conhecida. Era Will Tierce, ex-presidente do Conselho

Supervisor de Ford County. Will trabalhara para o seu distrito durante vinte e quatro anos,

seis mandatos consecutivos, mas perdera a última eleição, em 1983, por sete votos. Os

Perryman votavam sempre em Tierce porque este sempre os presenteava, ora com um

carregamento de cascalho, ora com alguns metros de tubos para canalizações.

-

Boa noite, Will - disse Joe Frank, quando o ex-supervisor atravessou

o gramado e se aproximou da varanda.

-

Boa noite, Joe Frank. Depois do aperto de mãos, sentaram-se

calmamente.

-

Dê-me um pouco de tabaco de mascar - disse Tierce.

-

Claro. O que o traz aqui?

-

Estou apenas de passagem. Pensei no chá gelado de Lela e fiquei

com uma sede danada. Há tempos que os não via. Conversaram, mascaram,

cuspiram e beberam chá gelado até escurecer e chegar a hora dos mosquitos. A

estiagem exigia trabalho constante e Joe Frank falou longamente sobre a pior seca

dos últimos anos. Não chovia nem uma gota desde a terceira semana de Junho. Se

não chovesse, podia dizer adeus à colheita de algodão. O feijão era capaz de resistir,

estava preocupado era com o algodão. - Ouça, Joe Frank, ouvi dizer que você

recebeu uma daquelas intimações para ser jurado do julg amento da semana que vem.

-

Sim, infelizmente recebi. Quem lhe disse?

-

Não sei. Ouvi dizer.

-

Não sabia que era do domínio público.

-

Bem, penso que devo ter ouvido em Clanton, hoje. Fui tratar de uns

assuntos no edifício do tribunal. Foi lá que ouvi. É o julgamento daquele negro, sabe.

-

Foi o que imaginei.

-

O que acha de o negro ter matado os homens daquela maneira?

-

Eu não o culpo - disse Leia.

-

Pois, mas uma pessoa não pode fazer justiça pelas próprias mãos -

explicou Joe Frank à velhota. - Para isso é que existe o sistema judiciário. Vou lhes

dizer o que me preocupa - disse Tierce. - É essa história de insanidade. Eles vão dizer

que o preto estava louco e vão soltá-lo alegando loucura. Como aquele maluco que

atirou no Reagan. É um modo pouco honesto de se conseguir uma absolvição. Além

disso, é uma mentira. Aquele negro planejou matar os homens e ficou sentado, à

espera. Foi assassínio a sangue-frio.

-

E se fosse a sua filha, Will? - perguntou Leia.

-

Eu entregaria o caso nas mãos da justiça. Quando a gente apanha um

violador por estas bandas, especialmente um negro, em geral, o prendemos. A

Parchman está cheia de violadores que nunca mais vão sair de lá. Isto não é a

Califórnia, ou Nova Iorque, ou outro lugar qualquer de gente doida, onde os criminosos

podem andar à solta. Temos um bom sistema, e o velho juiz Noose dá sentenças bem

duras. Você tem de deixar que a justiça trate do assunto. O nosso sistema não poderá

sobreviver se deixarmos que a população, especialmente os negros, faça justiça pelas

próprias mãos. É isso que me assusta. Suponham que esse negro saia livre do

julgamento. Todas as pessoas vão ficar sabendo e os negros vão ficar doidos. Sempre

que alguém irritar um negro, ele vai matar e depois dizer que estava louco. É esse o

perigo deste julgamento.

-

A gente tem de manter os negros sob controle - concordou Joe Frank.

-

Pode acreditar. E se Hailey se livrar desta, nenhum de nós está seguro. Cada negro deste distrito vai andar armado e à procura de problemas.

-

Eu não tinha pensado nisso - admitiu Joe Frank.

-

Espero que faça o que é correto, Joe Frank. Espero que o ponham no júri.

Precisamos de gente com juízo.

-

Gostaria de saber por que me escolheram.

-

Ouvi dizer que distribuíram cento e vinte intimações. Esperam que compareçam pelo menos cem.

-

Quais são as minhas chances de ser escolhido?

-

Uma em cem - disse Leia.

-

Já me sinto melhor. Na verdade, eu não tenho tempo para servir no

júri, com o trabalho da fazenda e todo o resto.

-

Precisamos de você naquele júri - disse Tierce.

A conversa passou para a policial local, o novo supervisor e o péssimo trabalho que

ele estava fazendo nas estradas. O escuro da noite significava cama para os Perryman.

Tierce disse boa-noite e foi embora. Sentou-se na mesa da cozinha de sua casa com uma

xícara de café e examinou novamente a lista dos jurados. O seu amigo Rufus iria ficar

orgulhoso. Seis nomes da lista de Will estavam dentro de um círculo e ele já tinha falado com

os seis. Marcou um OK na frente de cada um. Seriam bons jurados, gente com quem Rufus

podia contar para manter a lei e a ordem em Ford County. Dois estavam indecisos, a princípio,

mas o seu bom amigo Will Tierce, em quem podiam confiar, explicara -lhes a justiça e agora

estavam prontos a condenar.

Rufus ia ficar orgulhoso. E tinha prometido que o jovem Jason Tierce, seu sobrinho,

não seria julgado por aquelas acusações de posse de drogas...

Jake comia sem vontade as gordas costeletas de porco com feijão branco, olhando

para Ellen, que fazia o mesmo à sua frente. Lucien, na cabeceira da mesa, ignorava a comida,

acariciando com a mão o copo de bebida, enquanto examinava a lista de jurados,

comentando todos os nomes que conhecia. Estava mais bêbado do que ha bitualmente. Não

conhecia a maior parte, mas comentava do mesmo modo. Ellen, divertindo -se, piscava o olho

uma vez por outra ao patrão. Lucien deixou cair a lista e deixou cair o garfo no chão.

-

Sallie! - gritou. - Sabe quantos ativistas da União Americana para as

Liberdades Civis há em Ford County? - perguntou Lucien a Ellen.

-

Pelo menos oitenta por cento da população - respondeu ela

-

Um. Eu. Fui o primeiro na história e provavelmente o último. Esta

gente daqui é muito tola, Row Ark. Não aprecia as liberda des civis. São um bando de

republicanos conservadores, de direita, bajuladores e fanáticos, como o nosso amigo

Jake, aqui.

-

Não é verdade. Eu almoço no Claude's pelo menos uma vez por

semana.

-

E isso faz de si um progressista? - perguntou Lucien.

-

Faz de mim um radical.

-

Pois continuo a achar que você é republicano!

-

Ouça, Lucien, pode falar da minha mulher, dos meus pais ou dos meus antepassados, mas não me chame de republicano!

-

Parece um republicano - disse Ellen.

-

E ele parece um democrata? - perguntou Jake, apontando para Lucien.

-

Claro que parece! Assim que o vi, adivinhei que ele era democrata.

-

Então eu sou republicano, pronto!

-

Está vendo? Está vendo? - gritou Lucien. Fez cair no chão o copo que se partiu. - Sallie! - Row Ark, adivinhe quem foi o terceiro homem no Mississipi

a entrar

para a associação dos negros?

-

Rufus Buckley - disse Jake.

-

Eu. Lucien Wilbanks. Entrei em 1967. Os brancos pensaram que eu

estava louco. - Imagine! - disse Jake.

-

É claro que os negros, ou os homens de cor, como nós lhes

chamávamos nesse tempo, também pensaram que eu estivesse maluco. Ora, que

diabo, naquele tempo, todas as pessoas pensavam que eu er a doido.

-

Chegou a fazer essa gente toda mudar de idéia? - perguntou Jake.

-

Cale-se, seu republicano! Row Ark, por que não vem viver em Clanton

e abrimos uma firma de advocacia só para os processos da União Americana para as

Liberdades Civis? Que diabo, traga o seu velho de Boston e a gente faz dele nosso

sócio.

-

Porque não vai simplesmente para Boston? – perguntou Jake.

-

Porque é que simplesmente você não vai para o inferno?

-

Que nome daremos à firma? - perguntou Ellen.

-

A casa de doidos - disse Jake.

-

Wilbanks, Row e Ark, Advogados.

-

Nenhum dos quais com licença para advogar... - disse Jake.

As pálpebras de Lucien pareciam pesar uma tonelada cada uma. A cabeça balançava

para frente. Ele deu uma palmada no rabo de Sallie quando ela começou a varrer os ped aços

do copo.

-

Foi um golpe baixo, Jake - disse ele, muito sério.

-

Row Ark - disse Jake, imitando Lucien. - Adivinhe quem foi o último

advogado expulso da Ordem pela Supremo Tribunal do Mississipi?

Ellen sorriu graciosamente para os dois e não disse nada .

-

Row Ark - disse Lucien, em voz alta. - Adivinhe quem vai ser o próximo advogado deste distrito sendo expulso do seu escritório? - Começou a rir às gargalhadas, aos gritos e oscilando na cadeira. Jake piscou o olho para Ellen. Quando

Lucien se acalmou, perguntou:

-

Para que é a reunião amanhã à noite?

-

Quero estudar a lista de jurados com você e com mais algumas

pessoas.

-

Quem?

-

Harry Rex, Stan Atcavage, talvez mais uma pessoa.

-

Onde?

-

Oito horas. No meu escritório. Nada de álcool!

-

O escritório é meu e eu levo uma caixa de uísque, se quiser. O meu

avô construiu o prédio, lembra-se?

-

Como é que haveria de esquecer?

-

Row Ark, vamos nos embebedar.

-

Não, obrigada, Lucien. Gostei muito do jantar e da conversa, mas

tenho de voltar para Oxford.

Jake e Ellen levantaram. Jake declinou o convite habitual para se sentar na varanda.

Ellen saiu e ele foi para seu quarto no segundo andar. Tinha prometido a Carla que não ia

dormir em casa. Telefonou-lhe. Carla e Hanna estavam bem. Preocupada, mas bem. Jake

não mencionou Bud Tvitty.

VINTE E NOVE

Uma caravana de ônibus escolares adaptados, com a pintura original, branco e

vermelho, ou verde e preto, ou uma centena de combinações, cada um deles com o nome

de uma igreja em faixas laterais, debaixo das janelas, entrou lentamente na praça de Clanton,

na quarta-feira depois do almoço. Eram trinta e um ao todo, a abarrotar de negros idosos que

abanavam leques de papel e lenços, tentando inutilmente aliviar o calor abafado. Depois de

rodearem três vezes o edifício do tribunal, o primeiro ônibus parou em frente dos correios e

trinta e uma portas abriram-se. Os passageiros desembarcaram apressadamente. Foram

todos para o coreto no gramado do tribunal, onde o reverendo Ollie Agee gritava ordens e

entregava cartazes azuis e brancos com os dizeres LIBERTEM CARL LEE.

O trânsito nas ruas que levavam à praça ficou congestionado. Os carros seguiam

devagar e por fim estacionaram. Centenas de negros saíram deles e caminharam

solenemente até à praça. Juntaram-se aos outros no coreto e esperaram pelos seus cartazes

e espalhando-se em seguida por entre os carvalhos e magnólias, à procura de sombra e

cumprimentando amigos. Chegaram mais ônibus das igrejas e não conseguiram dar a volta

à praça por causa do movimento. Desceram perto do Coffee Shop.

Pela primeira vez, naquele ano, a temperatura chegou aos trinta e sete graus e

prometia subir ainda mais. Não havia nenhuma nuvem no céu para proteger do calor, nem

um vento, nem uma brisa para minimizar a força do sol ou absorver a umidade. Ao fim de um

quarto de hora à sombra das árvores, as camisas ficavam molhadas de suor e colavam-se à

pele dos homens, depois de cinco minutos fora da sombra. Os mais velhos e mais fracos

refugiaram-se dentro do edifício do tribunal.

A multidão aumentava cada vez mais. A maioria era de pessoas idosas, mas havia

muitos jovens negros, militantes e decididos que tinham perdido as grandes marchas pelos

Direitos civis dos anos 60 e compreendiam que esta podia ser uma oportunidade rara para

gritar, protestar e cantar "We Shall Overcome", e comemorar de um modo geral o fato de

serem negros e oprimidos num mundo de brancos. Vagueavam pela praça, esperando que

alguém os organizasse. Finalmente, três estudantes marcharam para os degraus do edifício

do tribunal, ergueram os seus cartazes e gritaram "Libertem Carl Lee.

Libertem Carl Lee."

Imediatamente a multidão repetiu o grito de guerra: Libertem Carl Lee!

Libertem Carl Lee! Libertem Carl Lee!

Deixaram a sombra das árvores e o abrigo do edifício do tribunal e aproximaramse

dos degraus onde tinham improvisado um palanque e um sistema de som. Gritavam em

uníssono para ninguém, para nenhum lugar em particular, apenas gritavam o novo grito de

guerra num coro perfeito.

Libertem Carl Lee! Libertem Carl Lee!

As janelas abriram-se e os funcionários do tribunal olharam boquiabertos para o

movimento. Os gritos podiam ser ouvidos de longe e as lojas e escritórios em volta da praça

ficaram vazios.

Lojistas e fregueses saíram para o passeio e olhavam atônitos. Os manifestantes , ao

verificarem que tinham auditório, intensificaram o canto em ritmo e em volume. Os abutres

que estavam por perto, à espera e a observar, ficaram entusiasmados com o barulho e

desceram para a praça com as câmeras e microfones.

Ozzie e os seus homens orientaram o tráfego até a estrada e as ruas ficarem

completamente engarrafadas. Ficaram na praça, embora, evidentemente, a sua presença

não fosse necessária. Agee e todos os pregadores negros, a tempo integral, em meio

expediente, aposentados e futuros, de três condados, desfilaram entre a massa densa de

rostos negros que gritavam e se dirigiram ao palanque. A presença dos pregadores serviu de

alento à multidão e o canto reverberou na praça, nas ruas próximas, nos sonolentos bairros

residenciais e no campo. Milhares de negros agitavam cartazes e gritavam a plenos pulmões.

Agee balançava com a multidão. Dançava no pequeno palanque. Batia com a palma da mão

nas palmas das mãos dos outros pregadores. Conduzia o barulho ritmado como um regente

de coro. Era um espetáculo.

Libertem Carl Lee! Libertem Carl Lee!

Durante quinze minutos, Agee transformou a multidão esparsa numa massa frenética

e unida. Então, quando o seu ouvido apurado detectou os primeiros sinais de fadiga, foi até

aos microfones e pediu silêncio. Os rostos ofegantes e suados continuaram o canto, porém

mais baixo. Os cantos de liberdade cessaram rapidamente. Agee pediu para abrirem um

espaço, em frente do palanque, para que a imprensa pudesse trabalhar. Pediu que se

acalmassem para erguerem as suas preces ao Senhor. O reverendo Roosevelt ofereceu uma

maratona a Deus, uma festa eloqüente, retórica, que provocou lágrimas em muitos olhos.

Quando, finalmente, disse "amem", uma negra enorme com peruca vermelha

brilhante aproximou-se do microfone e abriu a sua enorme boca. A primeira estrofe de "We

Shall Overcome" jorrou num rio profundo, rico, melodioso de um glorioso coro de capela. Os

pregadores, atrás dela, deram as mãos e começaram a ondular. A espontaneidade tomou

conta da multidão e duas mil vozes juntaram-se à dela numa harmonia surpreendente. O hino

triste e cheio de promessas ergueu-se acima da pequena cidade.

Quando terminaram, alguém gritou: "Libertem Carl Lee", acendendo outra rodada de

canto. Agee pediu silêncio outra vez e aproximou-se dos microfones. Tirou uma ficha do bolso

e começou o sermão.

Como era de esperar, Lucien chegou atrasado e meio bêbado. Trazia uma garrafa e

ofereceu um copo a Jake, Atcavage e Harry Rex. Ninguém aceitou.

-

Falta quinze para as nove, Lucien - disse Jake. - Estamos à espera há

quase uma hora.

-

Por acaso, alguém me paga para fazer isto? – perguntou.

-

Não. Mas eu lhe pedi que estivesse aqui às oito em ponto.

-

E disse-me também para não trazer uma garrafa. E eu informei-o de

que este prédio é meu, construído pelo meu avô, alugado por você, meu inquilino, e

onde eu entro e saio quando quero, com ou sem uma garrafa.

-

Esqueça. Você...

-

O que estão fazendo aqueles negros do outro lado da rua, às voltas

ao tribunal, às escuras?

-

Chama-se vigília - explicou Harry Rex. - Fizeram voto de andar em

volta do tribunal com velas, mantendo a vigília até o homem ser libertado.

-

Pode ser uma vigília tremendamente longa. Quero dizer, aquela pobre

gente pode ficar ali andando até morrer. Quero dizer, esta pode ser uma vigília de

doze, quinze anos. Talvez estabeleçam um recorde. Podem encher o rabo com a cera

das velas... Boa noite, Row Ark.

Ellen estava sentada à frente da escrivaninha de tampo corrediço, debaixo do

retrato

de William Faulkner, lendo uma cópia da lista de jurados, cheia de sinais e de anotações.

Inclinou a cabeça e sorriu para Lucien.

-

Row Ark - disse ele -, tenho o maior respeito do mundo por você

Considero-a como uma igual. Acredito no seu direito de remuneração igual para

trabalho igual. Acredito no seu direito de escolher ter um filho ou abortar. Acredito em

todas essas baboseiras. É mulher e não tem direito a nenhum privilégio por causa do

seu sexo! Deve ser tratada exatamente como um homem - Lucien meteu a mão no

bolso e tirou um maço de notas presas por um clipe de papel. - E uma vez que é

estagiária, sem gênero definido aos meus olhos, acho que é quem deve ir comprar

uma caixa de Coors.

-

Não, Lucien - disse Jake.

-

Cale-se, Jake.

Ellen pôs-se em pé e olhou para Lucien.

-

Certo, Lucien. Mas eu pago a cerveja.

Ela saiu do escritório. Jake abanou a cabeça e olhou furioso para Lucien.

-

Esta pode ser uma noite longa.

Harry Rex mudou de idéia e serviu-se de uma dose de uísque na xícara de café.

-

Por favor, não fiquem bêbados - pediu Jake. - Temos muito trabalho.

-

Eu trabalho melhor quando estou bêbado - disse Lucien.

-

Eu também - disse Harry Rex.

-

Isto pode vir a ser interessante - observou Atcavage. Jake pôs os pés

em cima da mesa e expeliu uma baforada do charuto.

-

Muito bem, a primeira coisa que quero fazer é resolver qual é o tipo

de jurado ideal.

-

Negro - disse Lucien.

-

Negro como o rabo do velho Coaly - disse Harry Rex.

-

De acordo - disse Jake. - Mas não vamos ter essa sorte. Buckley vai

reservar as maiores objeções para os negros. Precisamos nos concentrar nos

brancos.

-

Mulheres - disse Lucien. - Escolha sempre mulheres para homicídio.

Elas são mais compreensivas. Escolha sempre mulheres.

-

Não - disse Harry Rex. - Não neste caso. As mulheres não

compreendem coisas como pegar uma arma e arrebentar os miolos de alguém. Você

precisa de pais, de pais jovens que gostariam de fazer o mesmo que Hailey fez. Pais

com filhas pequenas.

-

Desde quando é que você se tornou um especialista na escolha de

jurados? - perguntou Lucien. - Pensei que fosse só um espalhafatoso advogado de

divórcio.

-

Sou um espalhafatoso advogado de divórcio, mas sei escolher

jurados.

-

E escutá-los através das paredes...

-

Não me provoque!

Jake ergueu os braços.

-

Amigos, por favor. O que me dizem de Victor Onzell? Conhece-o,
Stan?

-

Conheço. É nosso cliente. À volta dos quarenta, casado, três ou quatro filhos. Branco. De algures no Norte. Dirige a estação de parada de caminhões, na estrada ao Norte da cidade. Está aqui há cerca de cinco anos.

-

Eu não o escolheria... - disse Lucien. - Se é do Norte, não pensa como nós. Provavelmente, é a favor do controle de armamento e dessa burrice toda. Os ianques apavoram-me sempre em casos de homicídio. Considerei sempre que devíamos ter uma lei no Mississipi proibindo os ianques de serem jurados, independentemente da quantidade de anos de residência aqui.

-

Muito obrigado - disse Jake.

-

Eu o escolheria - disse Harry Rex.

-

Porquê?

-

Tem filhos, provavelmente uma filha. Se é do Norte, não deve ter

preconceito. A mim, ele me parece bom.

-

John Tate Aston.

-

Morreu - disse Lucien.

-

O quê?

-

Eu disse que morreu. Morreu há três anos.

-

Porque está na lista? - perguntou Atcavage, o único que não era

advogado.

-

Eles não atualizam a lista dos eleitores - explicou Harry Rex, entre

dois goles. - Alguns morrem, outros mudam de cidade ou de estado e é impossível

manter a lista em dia. Distribuíram cento e cinqüenta intimações e podemos esperar

que apareçam uns cento e vinte. O resto morreu ou mudou -se.

-

Caroline Baxter. Ozzie diz que ela é negra - disse Jake, examinando

as anotações. - Trabalha numa fábrica de carburadores em Karaway.

-

Fique com ela - disse Lucien.

-

Se dependesse só de mim... - disse Jake.

Ellen voltou com a cerveja. Pôs a caixa no colo de Lucien e pegou numa lata. Abriu-

a e voltou para a escrivaninha. Jake não aceitou, mas Atcavage resolveu que estava com

sede. Jake era o único que não estava bebendo.

-

Joe Kitt Shepherd.

-

Parece ser camponês branco - disse Lucien.

-

Porquê? - perguntou Harry Rex.

-

Dois nomes - explicou Lucien. - A maioria dos camponeses tem dois

nomes. Como Billy Ray, Johnny Ray, Bobby Lee, Harry Lee, Jesse Earl, Billy Wayne,

Jerry Wayne, Eddie Mack. Até as mulheres têm dois nomes. Bobbie Sue, Betty Pearl,

Mary Belle, Thelma Lou, Sally Faye.

-

E que me diz de Harry Rex? - perguntou Harry Rex.

-

Não conheço nenhuma mulher chamada Harry Rex. - Estou falando

de um camponês homem.

-

Acho que serve. Jake interrompeu.

-

Dell Perry disse que este tinha uma loja de iscas, perto do la go.

Suponho que ninguém o conhece...

-

Não, mas aposto que é um camponês - disse Lucien. - Por causa do

nome. Eu não o escolheria.

-

Vocês não têm endereço, idade, profissão, informações básicas? -

perguntou Atcavage.

-

Não, até ao dia do julgamento. Na segunda-feira, cada um dos possíveis jurados preenche um questionário no tribunal. Mas até lá temos só os nomes.

-

De que tipo de jurado é que estamos à procura, Jake? - perguntou Ellen.

-

Homens jovens ou de meia-idade, com família. Eu preferia não ter nenhum com mais de cinqüenta anos.

-

Porquê? - perguntou Lucien agressivamente.

-

Os brancos jovens são mais tolerantes com os negros.

-

Como Cobb e Willard - disse Lucien.

-

A maioria das pessoas idosas sempre será contra os negros, mas a nova geração aceita uma sociedade integrada. De um modo geral, os jovens são menos intolerantes.

-

Concordo - disse Harry Rex - e evitaria mulheres e camponeses

brancos.

-

É o meu plano.

-

Acho que você faz mal - disse Lucien. - As mulheres são mais

compreensivas. Veja Row Ark. Ela simpatiza com todas as pessoas. Não é, Row Ark?

-

Certo, Lucien.

-

Ela simpatiza com criminosos, corruptores de menores, ateus,

imigrantes ilegais, pederastas. Não é verdade, Row Ark?

-

Certo, Lucien.

-

Ela e eu temos os únicos cartõezinhos de sócios da união que existem

neste momento em Ford County, Mississipi.

-

Isto é intolerável! - disse Atcavage, o banqueiro.

-

Clyde Sisco - disse Jake, em voz alta, tentando minimizar a

controvérsia.

-

Esse pode ser comprado - disse Lucien com ar de quem sabe das

coisas.

-

Que quer dizer com "esse pode ser comprado"? - quis saber Jake.

-

Exatamente o que disse. Pode ser comprado.

-

Como sabe? - perguntou Harry Rex.

-

Está brincando? Ele é um Sisco. O maior bando de malandro s da parte

leste do distrito. Todos eles vivem em torno da comunidade Mays. São ladrões

profissionais e peritos em fraudes de seguros. Queimam as próprias casas de três em

três anos. Nunca ouviu falar neles? - perguntou aos gritos a Harry Rex.

-

Não. Como sabe que pode ser comprado?

-

Porque já o comprei uma vez!... uma ação cível, há dez anos. Ele

estava na lista de jurados e eu mandei-lhe um recado dizendo que lhe daria dez por

cento do veredicto do júri. Esse é fácil de persuadir.

Jake largou a lista de jurados e esfregou os olhos. Sabia que isso provavelmente era

verdade, mas não queria acreditar.

-

E então? - perguntou Harry Rex.

-

Ele foi escolhido para o júri e eu consegui o maior veredicto da história

de Ford County. Ainda é o recorde.

-

Stubblefield? - perguntou Jake, incrédulo.

-

Isso mesmo, rapazinho. Stubblefield contra North Texas Pipeline.

Setembro de 1974. Oitocentos mil dólares. Houve apelação e foi confirmado pelo

Supremo Tribunal.

-

E pagou-lhe?... - perguntou Harry Rex. Lucien bebeu um longo gole e

fez estalar os lábios.

-

Oitenta mil em dinheiro vivo, em notas de cem dólares - disse, com

orgulho. - Construiu uma nova casa e depois incendiou-a.

-

Qual foi a sua parte? - perguntou Atcavage. - Quarenta por cento,

menos oitenta mil.

No silêncio que se seguiu, todos, menos Lucien, fizeram os cálculos.

-

Irra! - murmurou Atcavage.

-

Está brincando, não está, Lucien? - perguntou Jake, sem muita

convicção.

-

Sabe muito bem que estou falando sério, Jake. Sabe que sou um

mentiroso compulsivo, mas nunca sobre coisas como esta... Estou dizendo a verdade

e estou dizendo que esse cara pode ser comprado.

-

Quanto? - perguntou Harry Rex.

-

Esqueça!-disse Jake.

-

Cinco mil em dinheiro, um mero palpite.

-

Esqueça!

Fez-se uma pausa e todos olharam para Jake para se certificarem de que ele não

estava interessado em Clyde Sisco, e quando se tornou evidente que não estava, cada um

bebeu um copo e esperou o nome seguinte. por volta das dez e meia, Jake bebeu a primeira

cerveja e uma hora depois a caixa estava vazia e faltavam quarenta nomes. Lucien

cambaleou até à varanda e ficou olhando para os negros com as suas velas nos passeios

próximos em torno do edifício do tribunal.

-

Jake, por que há ali um policial sentado no carro em frente do meu

escritório? - perguntou ele.

-

É o meu guarda-costas.

-

Como é que ele se chama?

-

Nesbit.

-

Ele está acordado?

-

Provavelmente não. Lucien inclinou-se perigosamente para fora.

-

Ei, Nesbit! - gritou.

Nesbit abriu a porta do carro de policial.

-

Sim, o que é?

-

O Jake quer que vá ao armazém comprar mais cerveja. Ele está com muita sede.

Aqui estão vinte dólares. Ele quer uma caixa de Coors.

-

Não posso fazer compras quando estou de serviço - protestou Nesbit.

-

Desde quando? - riu Lucien.

-

Não posso.

-

Não é para você, Nesbit. É para o Dr. Brigance, e ele está mesmo muito necessitado. Ele já telefonou ao xerife e está tudo bem.

-

Quem telefonou ao xerife?

-

O Dr. Brigance - mentiu Lucien. - O xerife disse que não lhe interessa

o que faça, contanto que você não beba.

Nesbit encolheu os ombros e pareceu satisfeito. Lucien atirou-lhe os vinte dólares.

Passados poucos minutos, Nesbit estava de volta com uma caixa, menos uma lata que

estava aberta sobre o seu controle de radar. Lucien pediu a Atcavage que descesse para

buscar a cerveja e distribuísse o primeiro pacote de seis latas.

Uma hora depois, a lista estava concluída e a reunião encerrada. Nesbit acomodou

Harry Rex, Lucien e Atcavage no seu carro e levou-os para casa. Jake e a estagiária

sentaram-se na varanda, bebericando e vendo o tremeluzir das velas que desfilavam

lentamente em volta do edifício do tribunal. Vários carros estavam estacionados no lado oeste

da praça, e um pequeno grupo de negros sentados por perto, em cadeiras de dobrar,

esperava a sua vez de conduzir as velas.

-

Acho que fizemos um bom trabalho - disse Jake, contemplando o

desfile. - Dos cento e cinqüenta só não obtivemos informações sobre vinte.

-

E agora, que fazemos?

-

Vou tentar descobrir alguma coisa sobre esses vinte, depois faremos

uma ficha para cada jurado. Na segunda-feira, vamos conhecê-los como se fossem

da família.

Nesbit voltou à praça e rodeou-a duas vezes , observando os negros. Estacionou

entre o Saab e o BMW.

-

O relatório sobre M'Naghten é uma obra-prima. O nosso psiquiatra, o

Dr. Bass, vem aqui amanhã e gostaria que revisse esse relatório com ele. Você

precisa preparar detalhadamente as perguntas que terão de lhe ser feitas no

julgamento e estudá-las, uma por uma, com ele. O Dr. Bass me preocupa. Eu não o

conheço e não confio em Lucien. Veja se consegue o currículo dele e investigue os

antecedentes. Faça os telefonemas que forem necessários. Verifique junto da

Associação de Medicina do Mississipi se ele não tem nenhum problema de ordem

disciplinar. Ele é muito importante para o nosso caso e não quero surpresas

desagradáveis...

-

Às suas ordens, chefe!

Jake acabou a sua última cerveja.

-

Ouça, Row Ark, isto é uma cidade muito pequena. A minha mulher foi

embora há cinco dias e tenho certeza de que todas as pessoas sabem disso. Para

esta gente parece suspeita. As pessoas gostam de falar, portanto, seja discreta. Fique

no escritório e faça a sua investigação e diga a quem lhe perguntar que é a substituta

da Ethel.

-

É um sutiã grande pra preencher.

-

Poderia fazê-lo se quisesse...

-

Espero que saiba que não sou nada boazinha como sou obrigada a

parecer.

-

Já percebi.

Viram os negros revezarem-se e outro grupo empunhar as velas. Nesbit atirou uma

lata de cerveja vazia para o passeio.

-

Não vai para casa de carro, não é? - perguntou.

-

Não seria boa idéia. Registraria pelo menos 20 pontos na detector...

-

Pode dormir no sofá do meu escritório.

-

Obrigada. Farei isso.

Jake disse boa-noite, fechou o escritório e falou rapidamente com Nesbit. Depois

colocou-se cuidadosamente atrás do volante do Saab. Nesbit seguiu -o até à sua casa, na rua

Adams. Jake estacionou debaixo do telheiro, perto do carro de Carla, e Nesbit parou na

entrada dos automóveis. Era uma hora da manhã de qu inta-feira 18 de Julho.

TRINTA

Eles chegaram em grupos de dois e três, vindos de todas as partes do estado.

Estacionaram os carros, na estrada de cascalho, ao lado da cabana no bosque. Entraram

com a roupa normal de trabalho mas, uma vez lá dentro, envergaram os mantos e os capuzes

brancos, limpos e bem passados. Ao mesmo tempo em que iam admirando os uniformes,

ajudavam-se mutuamente a vesti-los. Grande parte já se conhecia, mas foram necessárias

algumas apresentações. Eram quarenta, uma boa participação.

Stump Sisson estava satisfeito. Bebendo uísque, andava pela sala como um treinador

desportivo tranqüilizando os jogadores antes do jogo. Inspecionava os uniformes e fazia os

ajustas necessários. Tinha orgulho dos seus homens e dizia -lhes isso. Era a maior reunião

em muitos anos, disse Sisson. Admirava-os e compreendia o sacrifício que estavam fazendo.

Sabia que tinham empregos e família, mas isto era importante. Falou sobre os dias gloriosos

quando eram temidos e tinham poder. Esses tempos tinham d e voltar e competia àquele

grupo de homens dedicados tomar posição definida em defesa do homem branco. O desfile

podia ser perigoso, advertiu. Os negros têm direito a fazer desfiles e comícios o dia inteiro,

que ninguém se importa. Mas se os brancos resolvem fazer o mesmo, correm perigo. Tinham

autorização formal do condado, e o xerife negro tinha prometido que haveria ordem, mas

quase todas as desfiles do Klan, nos dias de hoje, eram atacadas por bandos de jovens

marginais negros. Portanto, tenham cuidado e cerrem fileiras. Ele, Stump, se encarregaria

dos discursos.

Ouviram atentamente a palavra de incentivo de Stump e, quando este terminou,

entraram nos carros e seguiram-no até à cidade.

Em Clanton, poucas eram as pessoas, talvez nenhuma, que já tivessem visto um desfile do

Ku Klux Klan e, um pouco antes das duas horas, uma onda de excitação percorreu a praça.

Os lojistas e os respectivos fregueses inventavam pretextos para sair para o passeio.

Andavam de um lado para o outro lentamente, olhando para as ruas transversais. Os abutres,

em grande número, reuniram-se perto do coreto, no gramado na frente do tribunal. Um grupo

de jovens negros parou perto, debaixo de um imenso carvalho. Ozzie farejou problemas. Eles

tinham garantido que estavam ali só para ver e ouvir. Ozzie ameaçou levar todos

para a

cadeia se começassem qualquer conflito. Os policiais estavam a postos em volta do edifício.

"Aí vêm eles!" gritou alguém e os espectadores esticaram os pescoços para ver os

homens do Klan que surgiram, marchando imponentemente de uma pequena rua e entraram

na rua Washington, na extremidade Norte da praça. Caminhavam cautelosos, mas

arrogantemente, com as caras escondidas pelas sinistras máscaras brancas e vermelhas na

frente do capuz. As pessoas olhavam boquiaber tas para os vultos sem cara e a procissão

seguiu lentamente pela rua Washington, virou para Sul na rua Caffey, depois para Leste, na

rua Jefferson. Stump marchava orgulhoso à frente dos seus homens. Quando se

aproximaram do edifício do tribunal, virou bruscamente para a esquerda e conduziu os

homens para o longo passeio no centro do gramado. Cerraram fileiras formando um

semicírculo em volta do palanque, nos degraus do tribunal.

Os abutres corriam e empurravam-se uns aos outros para acompanharem o desfile e

quando Stump parou com os seus homens no palanque foi imediatamente assediado por

uma dúzia de microfones, com os longos fios estendidos pelo chão até onde

estavam as

câmeras e os gravadores. Cresceu o número de negros jovens agrupados debaixo da árvore

e alguns deles adiantaram-se, parando a poucos metros do semicírculo. Os passeios

esvaziaram-se quando os comerciantes, lojistas, fregueses e outros curiosos correram para

o gramado para ouvir o que o líder, o homenzinho baixo e gordo, iria dizer. Os polic iais

caminhavam devagar no meio das pessoas, sem prestar atenção especial ao grupo de

negros. Ozzie parou debaixo do carvalho; rodeado pelos seus agentes.

Jake observava atentamente da janela do escritório de Jean Gillespie, no segundo

andar do edifício do tribunal. Com uma sensação quase de náusea, Jake via os homens do

Klan, com os seus uniformes de gala e os rostos covardemente ocultas sob as máscaras

sinistras. O capuz branco, que durante décadas fora um símbolo de ódio e violência no Sul,

estava de volta. Qual daqueles homens teria posto a cruz de fogo no jardim dele? Teriam

todos eles tomado parte ativa no plano de fazer explodir a sua casa? Qual deles iria tentar

outra coisa? Do segundo andar, via perfeitamente os negros.

-

Vocês, negros, não foram convidados para este comício! . berrou Stump pelo

microfone, apontando para os negros. - Esta é uma reunião do Klan, não de um bando de

pretos!

Das ruas transversais e pequenas passagens atrás da fila de prédios de tijolos

vermelhos, um grupo compacto de negros caminhou na direção do tribunal, juntando-se aos

outros. Num segundo, Stump e seus homens estavam suplantados em número, uma média

de dez para um. Ozzie pediu reforços pelo rádio.

-

Chamo-me Stump Sisson - disse ele, retirando a máscara. - Tenho orgulho

em dizer que sou o mago soberano do império invisível do Ku Klux Klan do Mississipi. Estou

aqui para dizer que a população cumpridora da lei do Mississipi está cansada de ver negros

roubando, violando e assassinando impunemente. Exigimos justiça e exigimos que esse

negro Hailey seja condenado e mandado para a câmara de gás.

"Libertem Carl Lee!" gritou um negro. "Libertem Carl Lee!" repetiram em uníssono.

"Libertem Carl Lee!"

-

Calem a boca, seus negros selvagens! - berrou Stump. - Calem a boca, seus

animais!

Os homens do Klan. estavam imóveis, de frente para ele, de costas voltadas para a

multidão que gritava. Ozzie e seis policiais entraram no meio dos dois grupos.

"Libertem Carl Lee!" "Libertem Carl Lee!"

A cara naturalmente corada de Stump ficou rubr a. Os dentes quase tocavam os

microfones.

- Calem a boca, negros selvagens! Tiveram o seu comício ontem e nós não os

perturbamos. Temos direito a reunir-nos em paz, exatamente como vocês. Agora, calemse!

O canto ficou mais forte. "Libertem Carl Lee!" "Libertem Carl Lee!"

- Onde está o xerife? O seu dever é manter a lei e a ordem. Xerife, faça o seu trabalho.

Cale esses negros para que possamos nos reunir em paz. Não é capaz de fazer o seu

trabalho, xerife? Não pode controlar a sua própria gente? Estão ve ndo, amigos, é isto que

acontece quando se elegem negros para cargos públicos.

Os gritos continuaram e Stump afastou-se dos microfones e olhou para os negros. Os

fotógrafos e as equipes de televisão giravam em volta da multidão, tentando gravar tudo.

Ninguém notou uma pequena janela no terceiro andar do edifício do tribunal. Foi aberta

lentamente e do escuro alguém atirou uma bomba de fabricação caseira para o centro do

palanque. A bomba caiu perto dos pés de Stump e explodiu, envolvendo o mago em chamas.

A desordem começou. Stump gritou e rolou pelos degraus da frente do edifício. Três

dos seus homens tiraram os mantos e as máscaras e cobriram-no com eles, tentando apagar

o fogo. O palanque de madeira e a plataforma incendiaram-se, com o cheiro forte de gasolina.

Os negros avançaram, atacando com paus e facas todos os que tivessem caras ou mantos

brancos. Debaixo de cada manto havia um cassetete e os homens do Klan demonstraram

que estavam preparados para as agressões. Segundos depois da explosão, o gramad o na

frente do Tribunal de Justiça de Ford County era um campo de batalha com homens aos

berros, praguejando e gritando de dor no meio da fumaça espessa e pesada. Pedras e

cassetetes subiam no ar e os dois grupos defrontavam-se num combate corpo-a-corpo.

Começaram a cair corpos na relva verde e viçosa. Ozzie foi o primeiro a cair, vítima

de um golpe na nuca com uma marreta de demolição. Nesbit, Prather, Hastings, Pirtle, Tatum

e outros policiais tentavam inutilmente separar vários manifestantes antes que s e matassem.

Ao invés de procurar abrigo, os abutres corriam de um lado para o outro no meio

da fumaça

e da violência, tentando corajosamente captar as melhores cenas da carnificina. Eles eram

alvos indefesos. Um cameramen com o olho direito encostado à câmara foi atingido no olho

esquerdo por um pedaço de tijolo.

Ele e a câmara caíram no passeio e imediatamente apareceu outro cameramen para

filmar o companheiro caído. Uma repórter destemida de uma televisão de Memphis saltou

para o meio da luta com o microfone na mão e com o seu cameramen atrás dela. Desviou -

se de um tijolo, depois conseguiu chegar perto de um homenzinho do Klan que agredia dois

negros adolescentes. De repente, com um grito agudo, o homem acertou a bela cabeça da

repórter com o seu cassetete, desatando a chutá-la quando ela caiu, e em seguida atacou

brutalmente o cameramen.

Chegaram os reforços da Policial Municipal de Clanton. No centro da batalha, Nesbit,

Prather e Hastings juntaram-se, costas contra costas, e começaram a atirar para o ar com os

revólveres Magnum e Smith & Wesson. Os tiros acabara m com a desordem. Os

manifestantes ficaram imóveis procurando a origem dos tiros, separando -se rapidamente,

com olhares furiosos. Recuaram devagar para os seus respectivos grupos. Os oficiais

formavam uma linha divisória entre os negros e os homens do Klan , dando todos graças a

Deus pela trégua.

Uma dezena de feridos não conseguiu recuar. Ozzie sentou -se, atordoado, passando

a mão na nuca. A repórter de Memphis estava inconsciente, sangrando profundamente na

cabeça. Alguns homens do Klan, com os mantos brancos sujos e ensangüentados, estavam

caídos perto do passeio. O palanque continuava a arder. As sirenes aproximaram-se e,

finalmente, os carros de bombeiros e as ambulâncias chegaram ao campo de batalha.

Bombeiros e médicos socorreram os feridos. Nenhum mo rto. Stump Sisson foi levado

primeiro. Ozzie foi meio arrastado e meio puxado para dentro de um carro - patrulha. Outros

policiais chegaram e dispersaram a multidão.

Jake, Harry Rex e Ellen comiam uma pizza morna na frente da pequena televisão, na

sala de conferências, ao mesmo tempo em que viam com atenção o noticiário sobre a

ocorrência daquele dia e Clanton, Mississipi. A CBS usou metade do noticiário para mostrar

a batalha campal. Aparentemente o seu repórter tinha escapado incólume e fazia o relato

enquanto mostravam a gravação do desfile, dos gritos, da explosão da bomba e dos conflitos.

"Até ao fim desta tarde", disse ele, "não era conhecido o número exato de feridos. Os

ferimentos mais graves são, sem dúvida, as queimaduras sofridas pelo Sr. Sisson, que se

identificou como um mago imperial da Ku Klux Klan. Está internado no Hospital de

Queimados de Mid South, em Memphis, e o seu estado é grave." A gravação mostrou um

plano aproximado de Stump em chamas e o começo do conflito. O repórter continuou. "O

julgamento de Carl Lee Hailey está marcado para segunda -feira, aqui em Clanton. Por

enquanto não se sabe qual será o efeito desta ocorrência na decisão do julgamento. Há

rumores de que o julgamento vai ser adiado e/ou realizado em outro condado".

- Isso é novidade para mim - disse Jake.

- Não ouviu falar nada? - perguntou Harry Rex.

- Nem uma palavra. E acredito que eu seria notificado antes da CBS...

O repórter desapareceu e Dan Rather disse que ele voltaria dentro de alguns minutos.

-

O que significa isto? - perguntou Ellen.

-

Significa que o juiz Noose é bastante estúpido para não mudar o local do julgamento.

-

Deve ficar satisfeito com isso - disse Harry Rex. - É mais um argumento para a apelação.

-

Obrigado, Harry Rex. Aprecio a sua confiança na minha habilidade de advogado criminologista.

O telefone tocou. Harry Rex atendeu e disse olá a Carla. Passou o auscultador a Jake.

-

É a sua mulher. Podemos ouvir?

-

Não! Vai buscar outra pizza. Olá, querida. - Jake. Estás bem?

-

É claro que estou.

-

Acabo de ver o noticiário. Foi horrível! Onde é que você estava?

-

Vestido com um daqueles mantos brancos.

-

Jake, por favor. Não tem graça nenhuma.

-

Estava no escritório de Jean Gillespie, no segundo andar. Um lugar maravilhoso. Vi tudo! Foi muito interessante.

-

Quem é aquela gente?

-

Os mesmos que puseram queimaram a cruz no nosso jardim e tentaram explodir nossa casa.

-

De onde são eles?

-

De toda a parte. Cinco estão no, hospital e as residências deles estão espalhadas por todo o estado. Um até é daqui! Como está a Hanna?

-

Muito bem. Ela quer voltar para casa. O julgamento vai ser adiado?

-

Duvido.

-

Você não corre perigo?

-

Claro que não! Tenho um guarda-costas em tempo integral e ando

com um 38 na minha pasta. Não se preocupe.

-

Mas estou preocupada, Jake. Preciso estar em casa com você.

-

Não.

-

A Hanna pode ficar aqui até tudo acabar, mas eu quero voltar para

casa.

-

Não, Carla. Eu sei que aí não corres perigo. E em Clanton corre.

-

Então, você também corre...

-

Estou tão seguro quanto possível... Mas não quero correr r iscos com

você e com a Hanna. Não se fala mais nisso. Ponto final. Como estão os seus pais?

-

Não te telefonei para falar dos meus pais. Telefonei porque estou com

medo e quero estar ao pé de você.

-

E eu quero estar perto de você, mas não agora. Por favor, me entenda.

- Ela hesitou.

-

Onde está hospedado?

-

Quase sempre na casa do Lucien. Uma vez por outra, vou para casa,

com o meu guarda-costas à entrada.

-

Como está a minha casa?

-

No mesmo lugar. Suja, mas no mesmo lugar.

-

Estou com saudades dela.

-

E ela tem saudades de você, pode ter certeza.

-

Eu te amo, Jake, e estou assustada.

-

E eu também te amo e não estou assustado. Tente se distrair e tome

conta da nossa filha.

-

Até logo.

-

Até logo.

Jake estendeu o auscultador a Olen para que o desligasse.

-

Onde é que ela está?

-

Em Wilmington, na Carolina do Norte, onde os pais passam o Verão.

Harry Rex tinha saído para comprar mais uma pizza.

-

Tem saudades dela, não tem? - perguntou Ellen.

-

Mais do que pode imaginar.

-

Oh, eu posso imaginar.

À meia-noite, estavam na cabana bebendo uísque, insultando os negros e

comparando ferimentos. Alguns já tinham regressado do hospital de Memphis, onde tinham

conversado brevemente com Stump Sisson. Ele os mandara continuar de acordo com o

plano. Onze tiveram alta do Hospital de Ford County com vários golpes e

equimoses e os

outros contemplavam os ferimentos e cada um deles descrevia com detalhes a sua luta

corajosa contra vários negros, antes de serem feridos, geralmente pelas costas ou pelo lado.

Eles eram os heróis, os homens com ligaduras. A seguir, os outros contaram as suas histórias

e o uísque foi livremente consumido.

Encheram de elogios o maior de todos, quando ele descreveu o seu ataque à bela

repórter da televisão e ao seu cameramen negro. Depois de terem be bido e contado histórias

durante duas horas, a conversa passou para o que tinham de fazer. Os membros locais

apontaram num mapa do condado os pontos exatos dos alvos. Vinte casas estavam

programadas para aquela noite - vinte nomes tirados da lista dos jurados convocados,

fornecidos por alguém. Cinco grupos, de quatro homens cada um, saíram da cabana nas

suas pick-up para continuarem a sua obra de violência. Em cada uma das pick - up levavam

quatro cruzes de madeira de tamanho pequeno, 2,5m X 1,5m, embebidas e m querosene.

Passaram ao largo de Clanton e das pequenas cidades, seguindo pelo campo escuro. Os

alvos ficavam em áreas isoladas, longe do tráfego e de vizinhos, no meio do

campo, onde as

coisas passam despercebidas e todos vão para a cama cedo e dormem pr ofundamente.

O plano de ataque era simples. Uma pick-up parava a alguns metros da casa, na

estrada, onde não podia ser vista, com as luzes apagadas, e o motorista ficava à espera,

com o motor ligado, enquanto os outros três transportavam a cruz até o jard im, a enfiavam

no chão e atiravam a tocha acesa. A pick-up ia então ao encontro deles, em frente da casa,

para a fuga silenciosa e a viagem alegre para o próximo alvo.

O plano funcionou sem complicações em dezenove dos vinte alvos. Mas Luther

Picket, o vigésimo, tinha acordado um pouco antes com um ruído estranho e estava sentado

no escuro, na varanda da frente, quando viu uma pick-up entrar na passagem de cascalho,

um pouco além da sua amendoeira. Luther empunhou a espingarda e ouviu a pick -up dar a

volta e parar na estrada. Ouviu vozes e viu, então, os três vultos transportando um poste ou

coisa parecida para o seu jardim, ao lado da estradinha de cascalho. Agachado atrás de um

arbusto, perto da varanda, Luther fez pontaria.

O motorista bebeu um gole de cerveja gelada e olhou pela janela para ver as chamas

da cruz subirem para o céu. Mas em vez disso, ouviu um tiro. Os companheiros

abandonaram

a cruz, a tocha e o jardim e saltaram para uma pequena vala, ao lado da estrada. Outro tiro!

O homem dentro da pick-up ouvia os gritos e os palavrões. Tinha de salvá-los! Atirou para

longe com a lata de cerveja e apertou o acelerador.

O velho Luther atirou uma vez mais, saindo da varanda, e mais outra, quando a pick -

up apareceu e parou ao lado da vala rasa. Os três saltaram desesperadamente pelo meio da

lama, tropeçando e escorregando, praguejando e gritando, esforçando -se furiosamente por

treparem para a parte de trás da caminhonete.

-

Segurem-se bem! - gritou o homem ao volante, no momento exato em

que o velho Luther atirou de novo, acertando no carro. Com um sorriso, ele viu a pick -

up afastarse a toda velocidade, espalhando cascalho e derrapando, de vala em vala.

Um grupo de garotos bêbados, pensou ele.

Um homem do Klan entrou numa cabine telefônica, com uma lista de vinte nomes e

vinte números de telefone. Telefonou para todos, simplesmente pedindo que dessem uma

olhadela aos seus jardins.

TRINTA E UM

Na sexta-feira de manhã Jake telefonou para a casa de Noose e a Sra. lchabod

informou que o meritíssimo estava presidindo um julgamento em Polk County. Jake deixou

instruções a Ellen e seguiu de carro para Smithfield, a uma hora de Clanton. Cumprimentou

Sua Excelência com uma inclinação de cabeça ao entrar no tribunal vazio e sentou -se na

primeira fila. A não ser os jurados, não havia nenhum espectador. Noose estava aborrecido,

os jurados estavam aborrecidos, os advogados estavam aborrecidos e, ao fim de dois

minutos, Jake estava morrendo de tédio. Quando a testemunha terminou de depor, Noose

determinou um curto intervalo e Jake foi ao gabinete do juiz.

-

Como está, Jake? Que faz por aqui?

-

O senhor soube do que aconteceu ontem?

-

Vi no noticiário da noite.

-

Soube o que aconteceu esta manhã?

-

Não.

-

É evidente que alguém deu ao Klan uma lista das pessoas que f oram convocadas para o júri. A noite passada, queimaram cruzes nos jardins de vinte desses possíveis jurados.

Noose ficou chocado.

-

Os nossos jurados!

-

Sim, senhor.

-

Prenderam alguém?

-

É claro que não. Estavam ocupados apagando o fogo. Além disso, ninguém consegue apanhar essa gente.

-

Vinte dos nossos jurados - repetiu Noose.

-

Sim, senhor.

Noose passou a mão ao de leve pelo cabelo branco e brilhante e começou a

andar

lentamente pela salinha, abanando a cabeça e ocasionalmente coçando o sexo.

-

Isso me parece intimidação - resmungou ele. Que cérebro brilhante,

pensou Jake. Um verdadeiro gênio.

-

Eu diria que é.

-

E o que é que eu devo fazer? - perguntou Noose, frustrado.

-

Transferir o local do julgamento.

-

Para onde?

-

Para o Sul do estado.

-

Compreendo. Talvez Carey County. Se não me engano, é sessenta

por cento negro. Isso significaria pelo menos um júri indeciso, não acha? Ou talvez

você prefira Brower County. Acho que é ainda mais negro. Provavelmente, lá

conseguiria uma absolvição, não é isso?

-

Não me importa para onde vá transferir. Não é justo julgar Hailey em

Ford County. As coisas já estavam suficientemente difíceis antes do que aconteceu

ontem. Agora os brancos estão prontos para o linchamento e o meu cliente é o

pescoço mais acessível no momento. A situação era péssima antes do Klan começar

a decorar todo o condado com árvores de Natal. Quem sabe que mais é que vão fazer

antes de segundafeira? Não é possível escolher um júri justo e imparcial em Ford

County.

-

Você quer dizer um júri negro?

-

Não, Sr. Dr. Juiz! Quero dizer um júri que não tenha julgado

previamente o caso! Carl Lee Hailey tem direito a doze pessoas que ainda não

resolveram se ele é culpado ou inocente!

Noose dirigiu-se devagar para a cadeira e sentou-se pesadamente. Tirou os óculos e

encostou o dedo à ponta do enorme nariz.

-

Podemos prescindir desses vinte - pensou, em voz alta.

-

Isso não vai adiantar nada. Todos sabem tudo o que aconteceu ou

vão ficar sabendo dentro de poucas horas. O senhor sabe como as notícias correm.

O júri inteiro vai se sentir ameaçado.

-

Nesse caso, podemos prescindir de todos e fazer uma nova lista.

-

Isso também não vai dar certo - disse Jake, secamente, frustrado com

a teimosia de Noose. - Todos os jurados serão de Ford County e todos no distrito

sabem das ameaças. E como é que o senhor vai conseguir evitar que o Klan intimide

os novos escolhidos? Não dá certo.

-

Porque tem tanta certeza de que o Klan não vai acompanhar o caso

se transferirmos o local? - O sarcasmo soava em cada palavra.

-

Acho que vão acompanhar - admitiu Jake. - Mas não temos certeza.

O que sabemos é que o Klan já está em Ford County, bastante atuante agora, e que

já intimidou alguns possíveis jurados. Esta é a questão. A pergunta é: o que é que o

senhor vai fazer a esse respeito?

-

Nada - disse Noose, secamente. - Nada. Não vou fazer nada além de

dispensar os tais vinte. Interrogarei cuidadosamente os convocados, na próxima

segunda-feira, que é quando começa o julgamento, em Clanton.

Jake olhou incrédulo para o juiz. Noose tinha uma razão, um motivo, um receio,

alguma coisa que não queria dizer. Lucien estava certo: alguém o estava intimidando.

-

Posso perguntar porquê?

-

Eu acho que não interessa onde Carl Lee Hailey seja julgado. Acho

que não interessa quem seja escolhido para o júri. Acho que não interessa a cor dos

jurados. A decisão deles está tomada. Todos têm opinião formada, seja quem for,

venha de onde vier. Já decidiram, Jake, e compete a você escolher aqueles para

quem o seu cliente é um herói.

Talvez seja verdade, pensou Jake, mas não ia admiti-lo. Continuou olhando para as

árvores lá fora.

-

Porque tem o senhor medo de transferi-lo?

Ichabod olhou furioso para Jake, com os olhos semicerrados.

-

Medo? Não tenho medo de nenhuma das minhas decisões. Porque

razão você tem medo de fazer o julgamento em Ford County?

-

Penso que acabei de lhe explicar.

-

O Sr. Hailey vai ser julgado em Ford County a partir de segunda -feira.

Faltam três dias. E vai ser julgado em Ford County, não porque estou com medo de

transferir o foro, mas porque não adiantaria nada transferi-lo. Já ponderei tudo isso

cuidadosamente, Dr. Brigance, por diversas vezes, e sinto -me perfeitamente à

vontade com o julgamento em Clanton. Não será mudado. Mais alguma coisa?

-

Não, Sr. Dr. Juiz.

-

Ótimo. Até segunda-feira.

Jake entrou no escritório pela porta dos fundos. Há uma semana que tinha trancado

a porta da frente e havia sempre alguém batendo e gritando por ele. A maior parte eram

repórteres, mas alguns eram amigos à procura de notícias sobre o julgamento. Clientes eram

coisas do passado. O telefone não parava de tocar. Jake nem o pegava e Ellen atendia

quando estava por perto.

Foi encontrá-la na sala de conferências rodeada de livros de Direito. O relatório

M'Naghten era uma obra-prima. Jake pedira-lhe não mais de vinte páginas. Ellen entregou

setenta e cinco, datilografadas com perfeição e redigidas com clareza, explicando que de

modo nenhum era possível resumir em menor número de palavras a versão Mississipi do

M'Naghten original, em Inglaterra, na década de 1800, e fez a cobert ura de cento e cinqüenta

anos da lei sobre insanidade do Mississipi. Ignorou os processos insignificantes ou confusos

e explicou com maravilhosa simplicidade os mais importantes e complicados. O relatório

terminava com o resumo da lei atual, e aplicava-a ao caso de Carl Lee Hailey.

Num dossiê menor, de catorze páginas, Ellen chegava à conclusão de que o júri veria

as fotografias de Cobb e Willard com os miolos espalhados pela escada e pela parede. No

Mississipi admitia-se esse tipo de prova sensacionalista, e Ellen não descobriu nenhum meio

de contornar a questão.

Ela datilografara trinta e uma páginas que descreviam as pesquisas sobre a defesa

de homicídio justificável, algo em que Jake pensara, superficialmente, logo a seguir aos

crimes. Ellen chegou à mesma conclusão: não iria dar resultado. Descobrira um antigo

processo, no Mississipi, de um homem que encontrou e matou um preso fugido que estava

armado. O homem tinha sido absolvido, mas as diferenças entre esse caso e o de Carl Lee

Hailey eram muito grandes. Jake não tinha pedido essa pesquisa e ficou irritado co m a perda

de tempo. Mas não disse nada, uma vez que Ellen tinha apresentado tudo o que ele pedira.

A surpresa mais agradável foi o trabalho dela com o Dr. W. T. Bass. Ellen estivera

com ele duas vezes, naquela semana, e ambos tinham estudado minuciosament e o caso

M'Naghten. Preparara vinte e cinco páginas com as perguntas que Jake deveria fazer ao

médico e as respostas que o Dr. Bass deveria dar. Era um diálogo elaborado com perfeição

e Jake admirou o conhecimento que ela revelava. Quando tinha a idade del a, Jake era um

estudante banal, mais preocupado com namoros do que com pesquisas. Ellen, no terceiro

ano da Faculdade de Direito, redigia relatórios que eram verdadeiros tratados.

-

Como foi? - perguntou ela.

-

Como era de esperar. Ele não cedeu. O julgamento vai começar aqui,

na segunda-feira, com os mesmos jurados convocados, menos os vinte que foram

ameaçados tão sutilmente.

-

Ele é doido.

-

O que é que está fazendo?

-

Acabando o relatório para reforçar a nossa posição de que os detalhes

da violação devem ser discutidos na frente do júri. Até aqui, parece-me bem.

-

Quando pensa ter terminado?

-

Há alguma pressa?

-

Para domingo, se for possível. Tenho outro trabalho para você, um

pouco diferente.

Ellen afastou o bloco de notas e prestou atenção.

-

O psiquiatra do estado vai ser o Dr. Wilbert Rodeheaver, chefe da

equipe de Whitfield. Ele está lá há séculos e já testemunhou em centenas de casos.

Gostaria que procurasse descobrir quantas vezes o nome dele aparece nas decisões

do tribunal.

-

Já vi o nome dele.

-

Muito bem. Como sabe, os únicos processos que lemos do Supremo

Tribunal são aqueles em que o réu foi condenado e apelou. As absolvições não estão

registradas.

Estou mais interessado nessas.

-

Em que é que está pensando?

-

Tenho um palpite de que Rodeheaver não gosta de dizer que um réu

estava legalmente insano. É possível que nunca o tenha dito. Mesmo nos casos em

que o réu era evidentemente louco e não sabia o que estava fazendo. Eu gostaria de

perguntar a Rodeheaver, na reinquirição, alguma coisa sobre os casos e m que ele

testemunhou estar tudo bem quando um homem era obviamente doente e o júri o

absolveu.

-

Não vai ser fácil encontrar esses processos.

-

Eu sei, mas você é capaz de fazê-lo. Há uma semana que observo o

seu trabalho e sei que é capaz...

-

Sinto-me lisonjeada, chefe.

-

Talvez tenha de dar uns telefonemas a certos advogados de todo o

estado que cruzaram com Rodeheaver anteriormente. Será difícil, Row Ark, mas faça-

me isso.

-

Sim, chefe, tenho certeza de que quer isso para ontem.

-

Na verdade, não. Duvido que tenhamos Rodeheaver na próxima

semana.

Portanto, disporá de algum tempo.

-

Não sei como agir. Quer dizer que isso não é urgente?

-

Sim, mas o resumo sobre o estupro é.

-

Sim, chefe.

-

Já almoçou?

-

Não estou com fome.

-

Ótimo. Não faça planos para o jantar.

-

O que está querendo dizer?

-

Quero dizer que tive uma idéia.

-

Uma coisa assim como um encontro?

-

Não, uma coisa assim como um jantar de negócios com dois

profissionais.

Jake arrumou dois dossiês e saiu.

-

Estou na casa do Lucien - disse - mas não telefone a não ser em uma

emergência. Não diga a ninguém onde estou.

-

Em que está trabalhando?

-

No júri.

Lucien estava dormindo, bêbado, no balanço da varanda e Sallie não andava por ali.

Jake subiu para a sala de trabalho espaçosa no segundo andar. Lucien tinha mais livros de

Direito em casa do que a maioria dos advogados tem no escritório. Jake pôs o conteúdo de

um dos dossiês numa cadeira, e em cima da mesa uma lista dos jurados, por ordem

alfabética, uma pilha de fichas de 7,5 cm X 12,5 cm e várias canetas de feltro.

O primeiro nome era Acker, Barry Acker. O último estava escrito com letra de forma

no alto de uma ficha com marcador azul. Azul para os homens, vermelho para mulheres,

negro para os negros, independente do sexo. Sob o nome de Acker fez algumas anotações

a lápis. Idade, mais ou menos quarenta. Casado pela segunda vez, três filhos, duas filhas.

Tem uma pequena loja de ferragens pouco lucrativa na estrada, em Clanton. A mulher é

secretária num banco. Conduz uma pick-up. Gosta de caçar. Usa botas de cowboy. Um

homem bastante agradável. Atcavage fora à loja de ferragens na quinta -feira para dar uma

olhadela em Barry Acker. Disse que o homem tinha boa aparência, falava como se tivesse

alguma instrução. Jake escreveu o número 9 ao lado do nome de Acker.

Jake estava impressionado com a sua própria pesquisa. Certamente Buckley não

estava sendo tão minucioso.

O nome seguinte era Bill Andrews. Que nome! Havia cinco ou seis na lista telefônica.

Jake conhecia um. Harry Rex conhecia outro e Ozzie conhecia outro, negro, mas ninguém

sabia qual deles fora convocado. Pôs um ponto de interrogação à frente do nome.

Gerald Ault. Jake sorriu quando escreveu o nome na ficha. Ault tinha passado pelo

seu escritório, alguns anos antes, quando o banco executara a hipoteca da sua casa, em

Clanton. A mulher tivera uma complicação renal e as contas dos médicos levaram-nos à

falência. Ault era um intelectual, estudara em Princeton, onde conhecera a mulher. Ela era

de Ford County, filha única de uma família proeminente que tinha investido todo o dinheiro

em linhas de ferro. Gerald Ault chegara a Ford County justamente no momento em que a

família da mulher tinha ido à falência e a vida fácil com a qual casara transformou -se numa

vida de luta. Ault lecionou durante algum tempo, depois tomou conta da biblioteca, depois

trabalhou como auxiliar de escritório no tribunal. Adquiriu aversão a trabalhos pesados. Foi

então que a mulher ficou doente e eles perderam a modesta casa. Agora, trabalhava numa

loja de louças sanitárias.

Jake sabia uma coisa sobre George Ault que ninguém mais sabia. Quando ele era

pequeno, na Pensilvânia, a família vivia numa casa de quinta, perto da estrada. Uma noite,

quando todos estavam dormindo, a casa incendiou-se. Um motorista que passava abriu a

porta da frente com um pontapé e começou a salvar os Ault. O fogo espalhou -se rapidamente

e quando Gerald e o irmão acordaram, estavam presos, no quarto, no segundo andar.

Correram para a janela e gritaram por socorro. Os pais e ir mãos gritavam também, no jardim,

sem poder fazer nada. As chamas saltavam de todas as janelas, menos do quarto onde eles

estavam. De repente, o motorista salvador molhou o corpo todo com a mangueira do jardim,

entrou correndo na casa em chamas, subiu para o segundo andar e entrou no quarto. Partiu

os vidros da janela aos pontapés, agarrou Gerald e o irmão e saltou para o chão.

Miraculosamente, ninguém se feriu. Eles agradeceram com lágrimas e abraços.

Agradeceram comovidos ao estranho, que era negro. O primeiro negro que as crianças

tinham visto na sua vida.

Gerald Ault era um dos poucos brancos de Ford County que realmente gostava de

negros. Jake escreveu o número 10 à frente do nome dele.

Jake trabalhou durante seis horas com a lista dos jurados, anotand o nas fichas,

concentrando-se em cada nome, vendo mentalmente cada um dos jurados na bancada do

júri e na sala dos jurados, deliberando, conversando sobre o caso. Jake avaliou -os. Todos os

negros receberam automaticamente a nota 10. Com os brancos não foi tão fácil. Os homens

tiveram notas mais altas do que as mulheres, os jovens mais do que os velhos, para os que

tinham instrução a nota era um pouco mais alta do que para os sem instrução; os liberais,

dos dois tipos, receberam as notas mais altas.

Jake eliminou os vinte que Noose iria excluir. Sabia alguma coisa sobre cento e onze

dos possíveis jurados. Certamente que Buckley não podia saber tanto...

Ellen estava datilografando na máquina de Ethel quando Jake voltou da casa de

Lucien. Desligou a máquina, fechou o livro de Direito e olhou para ele.

-

Onde é o jantar? - perguntou com um sorriso malicioso.

-

Vamos fazer uma viagem.

-

Muito bem. Para onde?

-

Já esteve em Robinsonville, Mississipi?

-

Não, mas estou pronta. O que é que lá há?

-

Nada além de algodão, soja e de um excelente restaurante.

-

Qual é o código indumentário?

Jake olhou para ela. Ellen estava vestida como sempre: jeans, engomada e

desbotada, sem meias, uma camisa azul-marinho, grande demais para ela, abotoada na

frente, e enfiada por dentro das calças, delineando-lhe perfeitamente a cintura.

-

Parece-me bem - respondeu.

Desligaram a fotocopiadora, apagaram as luzes e saíram de Clanton no Sa ab. Jake

parou numa loja de bebidas e comprou uma caixa com seis latas de Coors e uma garrafa de

Chablis gelado.

-

É preciso levar as bebidas para esse restaurante - explicou, quando

saíam da cidade. O sol estava pondo-se à frente deles, e Jake desceu as palas. Ellen

fez o papel de bartender e abriu duas latas.

-

A que distância fica esse lugar? - perguntou ela.

-

Uma hora e meia.

-

Uma hora e meia! Estou morrendo de fome.

-

Pois então encharque-se de cerveja. Acredite, vale a pena.

-

Qual é o cardápio?

-

Camarão assado, sauté, pernas de rã e peixe grelhado.

Ela bebeu um gole de cerveja.

-

Veremos.

Jake apertou o acelerador a fundo e o Saab seguiu velozmente, atravessando as

inúmeras pontes sobre os afluentes do lago Chatulla. Subiram colinas íngremes cobertas

com espessas camadas de mato verde-escuro. Fizeram curvas em alta velocidade e

ultrapassaram caminhões enormes carregados de troncos de madeira, que faziam a sua

última viagem do dia. Jake abriu o teto, baixou os vidros e deixou entrar o vento. Ellen

recostou-se no banco e fechou os olhos. O cabelo farto e brilhante esvoaçava - lhe em volta

da cara.

-

Ouça, Row Ark, este jantar é estritamente de negócios.

-

Claro, claro...

-

Falo sério. Eu sou o patrão, você a secretária e é um jantar de

negócios. Nada mais e nada menos. Portanto, não comece a ter idéias malucas nessa

sua cabeça feminista, de mulher sexualmente emancipada.

-

Eu é que estou achando que você é que está com idéias...

-

Não é nada disso. Só que eu sei o que está pensando.

-

Como sabe o que estou pensando? Porque se considera irresistível e

pensa que estou querendo seduzi-lo?

-

Veja se fica quietinha! Sou maravilhosamente feliz no meu casamento

e tenho uma mulher belíssima que é capaz até de matar, se pensar que estou saindo

da linha.

-

Muito bem, vamos fingir que somos amigos. Apenas dois amigos que

saem para jantar.

-

Isso não funciona no Sul. Um homem não pode jantar com uma amiga

se for casado. Pura e simplesmente não funciona por essas bandas...

-

Porque não?

-

Porque homens não têm amigas. De maneira nenhuma. Não conheço

um único homem em todo o Sul que tenha uma amiga. Acho que isso já vem do tempo

da Guerra

Civil.

-

Acho que vem é da Idade das Trevas! Porque é que as mulheres

Sulistas são tão ciumentas?

-

Porque é assim que nós as treinamos. Aprenderam conosco. Se a

minha mulher almoçar ou jantar com um amigo, eu corto a cabeça dele e peço o

divórcio. Ela aprendeu comigo.

-

Isso não faz sentido.

-

É claro que não.

-

A sua mulher não tem amigos?

-

Não que eu saiba. Se souber de um avise-me.

-

E você não tem amigas?

-

Para que é que eu queria uma amiga? As mulheres não sabem falar

de futebol, de caçar patos, de política, de processos legais, de nada do que eu gosto.

Falam de filhos, vestidos, receitas, móveis, de coisas que eu não entendo. Não, eu

não tenho amigas. Não quero.

-

É disso que eu gosto no Sul. São todos tão tolerantes...

-

Muito obrigado.

-

Tem algum amigo judeu?

-

Não conheço nenhum em Ford County. Conheci um que era muito

meu amigo, na Faculdade. Ira Tauber, de Nova Jersey. Éramos muito amigos. Adoro

judeus. Jesus era judeu, como sabe. Nunca compreendi o anti-semitismo.

-

Meu Deus, é um liberal! E quanto a, ah, homossexuais?

-

Tenho pena deles. Não sabem o que perdem. Mas o problema é deles.

-

Seria capaz de ter um amigo homossexual?

-

Acho que sim, desde que ele não me contasse.

-

Não, é republicano!

Agarrou a lata de cerveja vazia de Jake e atirou-a para o banco de trás. Depois, abriu

mais duas. O sol tinha desaparecido e o ar pesado e úmido estava fresco a 145 quilômetros

por hora.

-

Então não podemos ser amigos? - perguntou ela.

-

Não.

-

Nem amantes.

-

Por favor, estou tentando dirigir.

-

Então, o que somos nós?

-

Eu sou o advogado, você a estagiária. Eu sou o patrão, você a

empregada. Eu sou o chefe, você é pau para toda obra.

-

Você é o homem, eu sou a mulher.

Jake olhou para os jeans e para a camisa larga.

-

Não há muita dúvida quanto a isso.

Ellen meneou a cabeça e olhou para as montanhas cobertas de mato verde que

passavam rapidamente por eles. Jake sorriu, aumentou a velocidade e bebeu um gole de

cerveja. Passou por vários cruzamentos nas estradas rurais desertas e, de repente, as

montanhas desapareceram e a terra ficou plana.

-

Como se chama o restaurante? - perguntou ela.

-

Hollywood. - O quê?

-

Hollywood.

-

Porque é que se chama assim?

-

Antes, ficava numa pequena cidade do Mississipi, a poucos

quilômetros daqui, chamada Hollywood. Ardeu e eles vieram para Robinsonville

e

continuaram a chamar-lhe Hollywood.

-

O que é que ele tem de especial?

-

Boa comida, boa música, boa atmosfera e fica a cento e sessenta

quilômetros de Clanton e ninguém me verá jantando com uma mulher estranha e

bonita!

-

Não sou mulher, sou pau para toda obra.

-

Um estranho e bonito pau para toda obra...

Ellen sorriu e passou os dedos pelo cabelo. Em outro cruzamento, ele virou à

esquerda e seguiu para o oeste, até chegar a uma peque na povoação perto da estação de

comboio. De um lado da rua, enfileiravam-se construções de madeira vazias e do outro lado,

isolado, estava um velho armazém com uma dúzia de carros parados em volta e música

suave que se espalhava no ar, através das janelas. Jake pegou na garrafa de Chablis e

conduziu a sua assistente para os degraus de entrada, passaram pela varanda e entraram.

Ao lado da porta, ficava um pequeno palco, onde uma bela e velha mulher negra, Merle,

sentada ao piano, cantava "Rainy Night in Geor gia". Três compridas filas de mesas

começavam na porta e terminavam ao lado do palco. Metade das mesas estava ocupada e

uma empregada, na parte de trás, que servia uma cerveja de garrafa, fez-lhes um sinal,

chamando-os. Sentaram-se a uma mesa pequena com toalha vermelha de xadrez.

-

Vão querer picles fritos, simpático? - perguntou a Jake.

-

Sim! Para dois.

Ellen franziu a testa e olhou para Jake.

-

Picles fritos?

-

Sim, é claro. Não servem isso em Boston?

-

Vocês do Sul fritam tudo?

-

Tudo o que vale a pena comer. Se não gostar, pode deixar que eu

como.

Um grupo, na mesa do outro lado da passagem, gritou alegremente. Quatro casais

brindaram a alguma coisa ou a alguém, depois começaram a rir alto gritando e a vozearia

eram constantes.

-

A coisa boa aqui no Hollywood - explicou Jake - é que se pode fazer

o barulho que se quiser e ficar o tempo que se quiser, que ninguém se incomoda.

Quando uma pessoa consegue uma mesa, é para o resto da noite. Daqui a pouco,

vão começar a cantar e dançar.

Jake pediu camarão sauté e peixe grelhado para ambos.

Ellen dispensou as pernas de rã. A empregada voltou imediatamente com o Chablis

e dois copos frios. Brindaram a Carl Lee Hailey e ao seu cérebro insano.

-

O que acha de Bass? - perguntou Jake.

-

A testemunha perfeita. Vai dizer o que quisermos que diga.

-

Isso a preocupa?

-

Me preocuparia se fosse testemunhar sobre o fato. Mas é um

especialista e pode convencer com as próprias opiniões. Quem vai interrogá -lo?

-

É possível acreditar nele?

-

Se estiver sóbrio. Conversamos duas vezes, esta semana. Na terça-

feira, ele estava lúcido e disposto a ajudar. Na quarta, estava bêbado e indiferente.

Acho que vai ser tão bom como qual quer outro psiquiatra. Ele não nem aí para a

verdade e dirá o que queremos ouvir.

-

Ele acha que Carl Lee estava legalmente louco?

-

Não. E você?

-

Não. Row Ark, cinco dias antes do crime, Carl Lee disse-me o que ia

fazer. Mostrou-me o lugar exato da emboscada, embora, naquele momento, eu não

tivesse compreendido. O nosso cliente sabia exatamente o que estava fazendo.

-

Porque não o impediu?

-

Porque não acreditei. A filha dele acabara de ser violentada e estava

ainda lutando contra a morte.

-

Você o teria impedido, se pudesse, Jake?

-

Eu falei com Ozzie. Mas, naquele momento, nenhum de nós imaginou

que pudesse acontecer. Não, eu não o teria impedido se tivesse certeza. Eu teria feito

a mesma coisa.

-

Como?

-

Exatamente como ele fez. Foi muito fácil.

Ellen espetou os picles fritos e fez girar o garfo, examinando -os desconfiada. Cortou-

os pelo meio, espetou um pedaço e cheirou. Meteu-o na boca e mastigou devagar. Engoliu

e empurrou os picles para o lado de Jake.

-

Ianque típica... - disse ele. - Não a compreendo, Row Ark. Não gosta

de picles fritos, é atraente, muito inteligente, podia trabalhar em qualq uer das

melhores firmas do país, ganhar mega dólares, mas prefere passar o tempo perdendo

o sono por causa de assassinos que estão no corredor da morte e prestes a

receber

o que merecem. Qual é a sua motivação, Row Ark?

-

Você perde o sono por causa dessa mesma gente. Agora Carl Lee

Hailey. O próximo vai ser outro assassino odiado por todos, mas você vai perder o

sono para o pôr em liberdade porque ele é seu cliente. Um desses dias, Dr. Brigance,

vai ter um cliente no corredor da morte e vai ficar sabendo como é terrível. Quando

eles o prenderem na cadeira e ele olhar para você pela última vez, o senhor vai ser

outro homem. Vai saber como este sistema é selvagem e vai lembrar -se de Row Ark.

-

Nessa altura, deixo crescer a barba e entro para a união.

-

Provavelmente, se eles o aceitarem.

O camarão sauté foi servido numa pequena frigideira preta, ainda fervendo na

manteiga e no alho, e no molho de churrasco. Ellen serviu -se generosamente e comeu como

um refugiado. Merle começou a cantar "Dixie" animadamente e t odos acompanharam,

batendo palmas. A empregada, sempre correndo, atirou praticamente com uma travessa de

pernas de rãs para cima da mesa. Jake esvaziou o copo de vinho e serviu -se de algumas.

Ellen tentou ignorá-las. Quando terminaram a entrada, foi servido o peixe. A gordura fervia,

sibilando, e eles não tocaram na louça. O peixe grelhado tinha, dos dois lados, as marcas

escuras da grelha. Comeram e beberam devagar, entreolhando -se e saboreando a comida

deliciosa.

À meia-noite a garrafa estava vazia e as luzes estavam quase apagadas.

Despediram-se da empregada e de Merle. Desceram cautelosamente os degraus e foram

para o carro. Jake afivelou o cinto de segurança e disse:

-

Estou bêbado demais para dirigir.

-

Eu também. Vi um pequeno motel perto daqui na estr ada.

-

Eu também vi e estava cheio. Boa tentativa, Row Ark. Primeiro

embebeda-me e depois aproveita-se de mim.

-

Eu o faria se pudesse, Dr. Brigance.

Os olhos deles encontraram-se por um momento. A cara de Ellen refletia a luz

vermelha lançada pelo letreiro luminoso que fazia cintilar HOLLYWOOD no alto do

restaurante.

O momento prolongou-se e a seguir o letreiro luminoso foi desligado. O restaurante

tinha fechado. Jake ligou o motor do Saab, esperou que ele aquecesse e avançou para a

escuridão.

Mickey Mouse telefonou para a casa de Ozzie, muito cedo, no sábado e prometeu

mais tumulto por parte do Klan. O distúrbio da quinta -feira não tinha sido por culpa deles,

explicou, mas estavam sendo responsabilizados por ele. Tinham chegado em boa paz, e

agora o líder deles estava quase à morte com queimaduras de terceiro grau em setenta por

cento do corpo. Ia haver retaliação, eram ordens vindas de cima. Reforços estavam a

caminho, vindos de outros estados, e ia haver violência. Nenhum detalhe específico por

enquanto, mas telefonaria quando soubesse de mais alguma coisa.

Ozzie, sentado na beira da cama, passou a mão na nuca ainda dolorida e telefonou

para o prefeito. Depois, para Jake. Uma hora depois, encontraram-se os três, no escritório

de Ozzie.

-

A situação pode fugir a qualquer controle - disse Ozzie, segurando

numa bolsa de gelo na nuca e fazendo uma careta a cada palavra. - Fui informado,

por fonte de confiança, que o Klan planejava retaliar por causa do que aconteceu na

quinta-feira.

Estão trazendo reforços de outros estados.

-

Acredita nisso? - perguntou o prefeito.

-

Tenho medo de não acreditar.

-

O mesmo informante? - perguntou Jake.

-

Sim.

-

Então eu acredito.

-

Alguém disse que se falava em mudar de foro ou adiar o julgamento -

disse Ozzie. - Alguma chance?

-

Não. Estive com o juiz Noose, ontem. Não será transferido e começará

na segunda-feira.

-

Falou-lhe das cruzes de fogo?

-

Contei tudo.

-

Ele é doido? - perguntou o prefeito.

-

Sim, e muito estúpido. Mas não contem a ninguém que eu disse isto.

-

A decisão dele tem base legal sólida? - perguntou Ozzie. Jake negou

com a cabeça.

-

Uma base mais de areia movediça.

-

Que pretende você fazer? - perguntou o prefeito.

Ozzie trocou de bolsa de gelo, e esfregou cuidadosamente a nuca. Fez uma careta

de dor ao falar:

-

Eu gostaria muito de impedir outra desordem. O nosso hospital não

tem capacidade para permitirmos que esta cretinice continue. Precisamos fazer

qualquer coisa. Os negros estão zangados e em pé de guerra, e não é preciso muito

para se atiçar o fogo... Alguns deles estão só à espera de um motivo para começarem

a atirar e esses mantos brancos são bons alvos. Tenho um palpite de que o Klan vai

fazer uma estupidez qualquer, como tentar matar alguém. Estão tendo mais atenção

nacional do que tiveram nos últimos dez anos. O informante disse que, desde quinta -

feira, têm recebido telefonemas de voluntários de todo o país, dispostos a virem a

Clanton para entrar na brincadeira.

Ozzie girou lentamente a cabeça para um lado e para o outro, ergueu e encolheu os

ombros e mudou novamente de bolsa de gelo.

-

Detesto ter de dizer isto, Sr. Prefeito, mas acho que deve telefonar

para o governador e pedir a ajuda da guarda nacional. Sei q ue é uma providência

drástica, mas não quero que ninguém seja morto.

-

A guarda nacional! - repetiu o Prefeito, incrédulo.

-

Foi isso que eu disse.

-

Ocupando Clanton?

-

Sim. Protegendo a sua população.

-

Patrulhando as ruas?

-

Sim. Com armas e o resto...

-

Meu Deus, isto é drástico. Não acha que está exagerando um pouco?

-

Não. É evidente que não tenho homens suficientes para manter a paz.

Não conseguimos nem mesmo evitar a desordem de outro dia. As cruzes de fogo do

Klan estão por toda a parte e não podemos fazer nada. O que vamos fazer, se os

negros criarem algum problema? Não tenho homens suficientes, Sr. Prefeito. Preciso

de ajuda.

Jake achou a idéia maravilhosa. Como escolher um júri justo e imparcial com o

tribunal cercado pela guarda nacional? Pensou nos jurados chegando, na

segunda-feira, e

passando pelos soldados armados, pelos jipes, talvez até por um ou dois tanques parados

em frente do edifício. Como podiam ser justos e imparciais? Como é que Noose podia insistir

em fazer o julgamento em Clanton? Como é que o Supremo Tribunal podia se recusar a

revogar a decisão do juiz se, que Deus não permitisse, o acusado fosse condenado? Era

uma grande idéia.

-

O que acha, Jake? - perguntou o Prefeito, à procura de ajuda.

-

Acho que não tem escolha, Sr. Prefeito. Não podemos ter outra luta

nas ruas. Pode ser politicamente prejudicial para você

-

Não estou preocupado com política - disse o Prefeito, zangado,

sabendo que Jake e Ozzie não iam acreditar nisso.

Nas últimas eleições, o Prefeito tinha conseguido a reeleição por menos de cinqüenta

votos e não fazia nada sem antes consultar a direção dos ventos da política. Ozzie

surpreendeu um sorriso de Jake quando o Prefeito se viu às voltas com a idéia de ter a sua

tranqüila cidadezinha ocupada pelo exército.

No sábado, depois do anoitecer, Ozzie e Hastings, escoltando Carl Lee, saíram pela

porta dos fundos da cadeia e entraram no carro de polícia. Conversavam e riam enquanto

Hastings, em marcha lenta, conduzia o carro para fora da cidade. Passaram pelo armazém

de Bates e entraram na Craft Road. O jardim da casa dos Hailey estava repleto de carros

quando eles chegaram, por isso Hastings estacionou na rua. Carl Lee entrou em casa como

um homem livre e foi imediatamente abraçado por uma multidão de parentes, amigos e pelos

filhos. Não sabiam que ele ia aparecer. Carl Lee envolveu os quatro filhos de uma vez num

abraço apertado como se soubesse que não ia poder abraçá -los durante muito tempo. Todas

as pessoas contemplaram, em silêncio, o homem enorme ajoelhado no chã o, com a cabeça

enterrada no meio das crianças que choravam.

Quase todos começaram também a chorar.

Havia muita comida na cozinha e o hóspede de honra sentou -se como sempre à

cabeceira da mesa com a mulher e os filhos em volta. O reverendo Agee fez uma b reve prece

de agradecimento, de esperança e de boas-vindas. Centenas de amigos serviam a família.

Ozzie e Hastings serviram-se e foram para a varanda onde, espantando os mosquitos,

delinearam a estratégia para o julgamento. Ozzie estava muito preocupado co m a segurança

de Carl Lee durante o deslocamento da cadeia para o tribunal e do tribunal para a cadeia. O

próprio Carl Lee havia provado que essas viagens não eram seguras.

Depois do jantar, os visitantes espalharam-se pelo jardim. As crianças brincavam,

enquanto os adultos permaneciam na varanda, o mais perto possível de Carl Lee. Ele era um

herói, o homem mais famoso que a maioria jamais veria e eles conheciam-no pessoalmente.

Para a sua gente, Carl Lee ia ser julgado por um único motivo. Sim, ele matou os dois

homens, mas não era essa a questão. Se fosse branco, seria premiado e homenageado. O

processariam apenas pro forma e com um júri branco o julgamento seria uma brincadeira.

Carl Lee ia ser julgado porque era negro. E se o condenassem, seria por ser negro. Nada

mais. Todos acreditavam nisso. Ouviam atentamente o que ele dizia sobre o julgamento. Carl

Lee queria as orações e o apoio de todos e queria que todos estivessem presentes para

assistir e proteger a sua família.

Passaram horas sentados no ar úmido da noite. Carl Lee e Gwen no balanço da

varanda, rodeados pelos admiradores que queriam estar perto do grande homem. Quando

começaram a retirar-se, abraçaram o herói e prometeram estar no tribunal na segunda -feira.

Perguntavam a si mesmos se o veriam novamente sentado na varanda de sua casa.

À meia-noite, Ozzie disse que era hora de partirem. Carl Lee abraçou Gwen e os filhos

pela última vez e entrou no carro de Ozzie.

Bud Twitty morreu durante a noite. O operador de rádio da polícia avisou Nesbit, q ue

contou a Jake. Jake tomou nota para mandar flores.

TRINTA E DOIS

Domingo. Um dia antes do julgamento. Jake acordou às cinco horas com um nó no

estômago, que atribuiu ao julgamento, e uma dor de cabeça, que atribuiu ao julgamento e à

sessão, na noite de sábado, na varanda de Lucien, com a sua estagiária e o seu expatrão.

Ellen resolvera dormir num quarto de hóspedes na casa de Lucien, por isso Jake passou a

noite no sofá do seu escritório.

Deitado no sofá ouviu vozes na rua. Sonolento ainda, foi até a varanda e ficou atônito

com a cena. Dia D! Estavam em guerra! Patton acabava de chegar! As ruas em volta da

praça estavam cheias de caminhões de transporte e jipes, e os soldados corriam de um lado

para outro procurando organizar-se estrategicamente. Os rádios estalavam e comandantes

barrigudos gritavam ordens. Um posto de comando foi instalado perto do coreto, no gramado.

Três esquadrões de soldados pregavam estacas, esticavam cordas e erguiam três enormes

pavilhões de lona de camuflagem. Barricadas foram erguidas nos quatro cantos da praça e

os sentinelas tomaram as suas posições, fumando, encostados aos postes de luz.

Nesbit, encostado à tampa da mala do seu carro, observava a fortificação do centro

da cidade de Clanton, conversando com alguns dos sentinelas. Jake fez café e levou uma

xícara ao seu guarda-costas. Estava acordado agora, a salvo e em segurança e Nesbit podia

ir para casa e descansar até à noite. Jake voltou para a varanda do segundo andar e observou

a atividade até o nascer do dia. Depois de desembarcar os homens, os caminhões seguiram

para o arsenal da guarda nacional, ao Norte da cidade, onde os homens iam dormir. Jake

calculou uns duzentos homens. Circulavam em volta do edifício do tribunal e na praça,

olhando para as vitrinas, à espera de que o dia nascesse e ansiosos para entrar em ação.

Noose ia ficar furioso. Como é que tinham ousado chamar a guarda nacional sem o

consultarem? O julgamento pertencia-lhe. O Prefeito tinha mencionado isso e Jake explicara

que a segurança de Clanton era responsabilidade do Prefeito e não do juiz do julgamento.

Ozzie concordou e não telefonaram para Noose.

O xerife e Moss Junior Tatum chegaram e foram falar com o coronel, no coreto.

Andaram em volta do edifício, inspecionando as tropas e os pavilhõe s. Ozzie apontou em

diversas direções e o coronel aparentemente concordou com o que ele queria. Moss Junior

abriu o edifício do tribunal para que os soldados pudessem beber água e ir ao banheiro.

Passava das nove quando os abutres se deram conta da ocupaçã o do centro de Clanton. Em

menos de uma hora, corriam por toda a parte com câmeras e microfones, recolhendo

palavras importantes de um sargento ou de um cabo.

- Como se chama o senhor?

- Sargento Drumwright.

- De onde é?

- Booneville.

- Onde fica isso?

- A mais de cento e cinqüenta quilômetros daqui.

- Porque está aqui?

- O governador nos chamou.

- Porque ele os chamou?

- Para manter tudo sob controle.

- Esperam problemas?

- Não.

- Quanto tempo pensam ficar?

- Não sei.

- Vão ficar até ao final do julgamento?

- Não sei.

- Quem sabe?

- O governador, penso eu. E assim por diante.

A notícia da invasão espalhou-se rapidamente na tranqüila manhã de domingo e,

depois da ida à igreja, a população acorreu à praça para se certificar de que o exército tinha

de fato ocupado o edifício do tribunal. As sentinelas retiraram as barricadas e permitiram que

os curiosos entrassem com os carros na praça, olhando boquiabertos para os soldados de

verdade com as suas espingardas e jipes. Sentado na varanda do segundo andar, Jake

tomava café e memorizava as fichas dos jurados.

Telefonou para Carla e explicou-lhe que a guarda nacional estava a postos na praça,

mas que ele estava seguro. Na verdade, nunca se sentira mais seguro. Contou que havia

centenas de militares armados no outro lado da rua, prontos a protegê-lo. Sim, ainda tinha o

guarda-costas. Sim, a casa ainda estava de pé. Jake duvidava que a imprensa já soubesse

da morte de Bud Twitty e não disse nada a Carla. Talvez ela não chegasse a saber. Carla e

Hanna iam sair para pescar no barco do pai dela e Hanna queria que o pai fosse também.

Jake despediu-se e mais do que nunca sentiu a falta das duas mulheres da sua vida.

Ellen Roark abriu a porta dos fundos do escritório e pôs o pacote com mantimentos

na mesa da cozinha. Tirou alguns papéis da pasta e saiu à procura do seu chefe. Ele estava

na varanda, lendo fichas e olhando o movimento em volta do tribunal.

-

Boa noite, Row Ark.

-

Boa noite, chefe. - Entregou-lhe um relatório com dois centímetros de

espessura. - A pesquisa que pediu sobre a admissibilidade do estupro. É um assunto

difícil e um pouco complicado. Peço desculpas pelo tamanho do relatório.

Era perfeito como todos os outros feitos por ela, completo, com sumário, bibliografia

e páginas numeradas.

-

Que diabo, Row Ark. Eu não pedi um livro...

-

Eu sei que o senhor se sente intimidado com o trabalho acadêmico,

por isso fiz o possível para usar só palavras com menos de três sílabas.

-

Ora, ora, como estamos atrevidos hoje.... Não podia fazer um resumo, digamos, de trinta páginas, mais ou menos?

-

Ouça, é um estudo completo da lei feito por uma estudante de Direito talentosa, com uma habilidade notável para pensar e escrever claramente. É o trabalho de um gênio, é todo seu e completamente de graça. Portanto, pare de reclamar.

-

Sim, senhora. Está com dor de cabeça?

-

Estou. Desde que acordei, esta manhã. Datilografei este trabalho durante dez horas e preciso de um copo. Tem um liquidificador ?

-

Um quê?

-

Liquidificador. Uma nova invenção que temos lá no Norte. Um aparelho de utilidade doméstica.

-

Há um na prateleira, ao lado do micro-ondas. Ellen desceu para a cozinha.

Era quase noite e o tráfego menos intenso na praça. Estava na hora de termi nar

o

passeio de domingo e a população, farta de ver os soldados que guardavam o tribunal,

começava a ir embora. Ao fim de doze horas de calor sufocante e de umidade, que era quase

uma névoa no centro de Clanton, os soldados estavam cansados e desejando vo ltar para

casa. Sentados na sombra das árvores em cadeiras de lona, amaldiçoavam o governador.

Quando começou a escurecer, estenderam fios elétricos do interior do edifício do tribunal e

acenderam holofotes em volta dos pavilhões. Um carro cheio de negros parou em frente dos

correios, munidos de cadeiras e velas, para começar a vigília. Começaram a andar no

passeio da rua Jackson, sob o olhar agora alerta de duzentos homens fortemente armados.

A líder era Rosia Alfie Gatewood, uma viúva de cem quilos, que t inha criado doze filhos e

mandado nove para a universidade. Fora a primeira mulher negra a beber água na fonte

pública da praça e a viver para contar isso. Olhou carrancuda para os soldados. Estes ficaram

calados.

Ellen voltou com duas canecas do Boston College cheias de um líquido verdeclaro.

Pôs as canecas na mesa e sentou-se.

-

O que é isso?

-

Beba. Vai ajudá-lo a relaxar.

-

Bebo. Mas gostaria de saber o que é.

-

Margaritas.

Jake olhou para a borda da sua caneca. - Onde está o sal?

-

Eu não gosto com sal.

-

Bem, então, eu também não gosto. Porquê margaritas?

-

Porque não?

Jake fechou os olhos e bebeu um longo gole. Depois outro.

-

Row Ark, é uma mulher talentosa.

-

Um pau para toda obra...

Ele bebeu outro gole.

-

Há oito anos que eu não bebia uma margarita.

-

É pena. - A caneca de Ellen estava meio-vazia.

-

Que tipo de rum?

-

A minha vontade era chamar-lhe de idiota, se não fosse meu patrão...

-

Muito obrigado.

-

Não é rum. É tequila,. com suco de lima e Cointreau. Pensei que

qualquer estudante de Direito soubesse isso...

-

Espero que me perdoe. Tenho certeza de que sabia quando fui

estudante de

Direito.

Ellen olhou para a praça.

-

Isto é incrível! Parece uma praça de guerra.

Jake esvaziou a caneca e passou a língua pelos lábios. Dentro das barracas, os

homens jogavam cartas e riam. Outros estavam dentro do edifício do tribunal para fugir dos

mosquitos. As velas dobraram a esquina e passaram pela rua Washington.

-

Sim - disse Jake, com um sorriso. - É maravilhoso, não é? Pense nos

nossos jurados justos e imparciais chegando de manhã e encontrando isto. Vou

renovar o pedido de transferência de foro. Noose vai negar. Vou pedir a anulação do

julgamento. O juiz Noose vai dizer que não. E, nessa altura, faço questão que conste

dos autos que o julgamento está sendo realizado no meio de um circo com três pistas!

-

Porque estão eles aqui?

-

O xerife e o Prefeito telefonaram para o governador e convenceram-

no de que precisavam da guarda nacional para garantir a paz em Ford County.

Disseram-lhe que nosso hospital não é bastante espaçoso para este julgamento.

-

De onde são eles?

-

De Booneville e de Columbus. Contei duzentos e vinte na hora do

almoço.

-

Passaram o dia todo aqui?

-

Acordaram-me às cinco da manhã! Segui-lhes os movimentos o dia

todo. O número diminuiu uma ou duas vezes, mas logo a seguir chegaram reforços.

Há poucos minutos encontraram o inimigo, quando a senhora Gatewood e os amigos

chegaram com as suas velas. Ela intimidou-os com um olhar, por isso agora estão

jogando cartas.

Ellen terminou a sua bebida e saiu para ir buscar mais. Jake pegou as fichas pela

centésima vez e espalhou-as em cima da mesa. Nome, idade, profissão, pais, raça,

educação: lia e decorava as informações desde o amanhecer. A Segunda Rodada chegou

rápido, e Ellen pegou uma das fichas.

-

Correen Hagan - disse ela, enquanto bebia. Jake pensou um segundo.

-

Idade, mais ou menos cinqüenta e cinco. Secretária de um corretor de

seguros. Divorciada, dois filhos crescidos. Educação: provavelmente liceu, nada mais.

Natural da Florida, se é que isso tem importância.

-

Nota?

-

Acho que lhe dei um seis.

-

Muito bem. Millard Sills.

-

Tem uma plantação de nogueira-pecã perto de Mays. Cerca de

setenta anos. O sobrinho foi morto com um tiro na cabeça, por dois negros, durante

um assalto em Little Rock, há alguns anos. Odeia os negros. Não estará no júri.

-

Nota?

-

Zero, acho.

-

Clay Bailey.

-

Idade, por volta dos trinta. Seis filhos. Pentecostal fervoroso. Trabalha

na fábrica de móveis a oeste da cidade.

-

Deu-lhe um dez!

-

Isso mesmo. Tenho certeza de que ele leu aquela parte da Bíblia que

diz olho por olho, etc. Além disso, dos seus seis filhos, calculo que haja pelo menos

duas meninas.

-

Conhece-os todos de cor?

Jake fez que sim com a cabeça e bebeu um gole.

-

Tenho impressão de conhecer todos, há anos...

-

Quantos é capaz de reconhecer?

-

Pouquíssimos. Mas sei mais sobre eles do que Buckley.

-

Estou impressionada.

-

O quê! O que foi que disse? Consegui impressioná-la com o meu

intelecto!

-

Entre outras coisas.

-

Sinto-me muito honrado! Impressionei um gênio do Direito penal! A

filha de Sheldon Roark, seja ele lá quem for. Uma summa cum laude em carne e osso.

Vai ver quando eu disser ao Harry Rex...

-

Onde está esse elefante? Tenho saudades dele. Acho-o um amor.

-

Vá chamá-lo. Convide-o a juntar-se à nossa festinha na varanda,

enquanto observamos as tropas preparando-se para a Terceira Batalha de Bull Run.

Ellen foi até à mesa de Jake onde estava o telefone.

-

E o Lucien?

-

Não! Estou farto do Lucien.

Harry Rex chegou com uma garrafa de tequila que encontrou no fundo do seu armário

de bebidas. Ele e a estagiária discutiram acaloradamente acerca dos ingredientes adequados

de uma boa margarita. Jake apoiou a sua estagiária.

Ficaram sentados na varanda, sorteando nomes da coleção de f ichas, bebendo

aquela mistura com um gosto forte, gritando para os soldados e cantando músicas de Jimmy

Buffet. À meia-noite, Nesbit levou Ellen para casa de Lucien. Harry Rex voltou a pé para casa.

Jake adormeceu no sofá.

TRINTA E TRÊS

Segunda-feira, 22 de Julho. Pouco depois da última margarita, Jake levantou -se de

um salto e olhou para o relógio da sua mesa. Tinha dormido três horas. Um enxame de

borboletas bravas lutava violentamente dentro do estômago dele. Uma dor nervosa

percorreu-lhe a virilha. Não tinha tempo para uma ressaca.

Nesbit dormia como uma criança atrás do volante. Jake acordou -o e com um salto

enfiou-se no banco de trás. Acenou para os sentinelas que observavam, curiosos, do outro

lado da rua. Nesbit passou dois quarteirões, chegou à rua Adams, deixou o seu passageiro

e esperou na entrada de automóvel, seguindo as instruções. Jake tomou um banho de

chuveiro e fez a barba rapidamente. Escolheu, por segurança, um terno de lã cinzento -

escuro, camisa branca social e uma neutra, discreta e inexpressiva gravata de seda vinho

com riscas azul marinho. As calças pregueadas caíam perfeitamente, a partir da cintura.

Estava formidável, muito mais elegante do que o inimigo...

Nesbit estava outra vez dormindo quando Jake soltou o cão e se sentou no banco de

trás do carro.

-

Tudo em ordem lá dentro? - perguntou Nesbit, enxugando a saliva do

queixo.

-

Não encontrei nenhuma bomba, se é isso que quer saber.

Nesbit deu uma gargalhada, a mesma gargalhada irritante com que reagia a tudo.

Deram a volta à praça e Jake desceu em frente do seu escritório. Trinta minutos depois de

ter saído, acendeu as luzes da frente e fez café. Jake tomou quatro aspirinas e bebeu quase

um litro de suco de laranja. Os olhos ardiam e a cabeça doía por causa da beb ida e do

cansaço, e a parte mais cansativa ainda nem sequer tinha começado. Espalhou na mesa de

conferências o dossiê do caso Carl Lee Hailey, organizado e indexado pela sua estagiária,

mas Jake queria modificar a ordem. Se um documento ou um processo não pode ser

encontrado em trinta segundos, não serve para nada. Jake sorriu, ao notar o

talento

organizador de Ellen. Tinha títulos e referências para tudo, cada um deles a dez segundos

do seguinte, na ponta dos dedos. Em um caderno de anotações com três espi rais estava o

resumo das qualificações do Dr. Bass e um relatório do seu testemunho. Havia notas sobre

possíveis objeções de Buckley e indicações de uma contraargumentação a tais objeções.

Jake orgulhava-se dos seus preparativos para os julgamentos, mas er a humilhante aprender

tanto com uma estudante do terceiro ano de

Direito.

Pôs os papéis outra vez na pasta pesada de couro negro, com as suas iniciais de

ouro, de um dos lados. A natureza chamou-o e, sentado no vaso, examinou outra vez as

fichas dos jurados. Conhecia-os a todos. Estava pronto. Alguns minutos depois das cinco,

Harry Rex bateu à porta. Estava escuro e ele parecia um assaltante.

-

O que estás fazendo de pé tão cedo? - perguntou Jake.

-

Não consegui dormir. Estou um pouco nervoso. - Estendeu a Jake um

saco de papel com manchas de gordura. - Dell mandou isto. Tudo fresco e quente.

Folhados de salsicha, folhados de bacon e queijo, folhados de frango e queijo, é só

escolher. Ela está preocupada com você.

-

Obrigado, Harry Rex, mas não tenho fome. O meu organismo está em

plena revolução.

-

Nervoso?

-

Como uma prostituta na igreja!

-

Parece um pouco abatido.

-

Obrigado.

-

Mas o terno é bonito.

-

- Escolha da Carla.

Harry Rex tirou do saco de papel uma mão-cheia de folhados enrolados em papel de

alumínio, empilhou tudo na mesa e serviu-se de café. Sentado do outro lado da mesa, Jake

examinava rapidamente o relatório de Ellen sobre o caso M'Naghten.

-

Ela escreveu isso? - perguntou Harry Rex, mastigando rapidamente,

com a boca cheia.

-

Escreveu, é um resumo de setenta e cinco páginas da defesa por

insanidade, no Mississipi. Trabalhou durante três dias.

-

Ela parece ser brilhante.

-Tem uma cabeça do outro mundo e redige fluentemente. O intelecto está ali, mas

tem dificuldade em aplicar o que sabe ao mundo real...

-

O que você sabe a respeito dela? - Caíram da sua boca algumas

migalhas sobre a mesa. Harry Rex varreu-as para o chão com a manga do casaco.

-

Ela é brilhante. Segunda em Ole Miss. Telefonei para Nelson Bates,

vice-decano da Faculdade de Direito, e ele confirmou tudo. Tem boas chances de

terminar em primeiro lugar.

-

Eu fiquei em nonagésimo terceiro lugar numa turma de noventa e oito.

Poderia ter sido o nonagésimo segundo mas apanharam-me copiando num exame.

Comecei a protestar, mas acabei por achar que nonagésimo terceiro era muito bom.

Que diabo, pensei, quem é que se vai importar com isso, em Clanton? Todos ficaram

felizes porque voltei para advogar aqui, em vez de ir para Wall Street ou para outro

lugar parecido.

Jake sorriu. Já tinha ouvido aquela história umas cem vezes. Harry Rex desembrulhou

um pacote de folhado de frango e queijo.

-

Pareces nervoso, homem...

-

Estou bem. O primeiro dia é sempre o mais difícil. Está tudo

preparado. Estou pronto. Agora é só esperar.

-

A que horas é que Row Ark faz a sua entrada?

-

Não sei.

-

Meu Deus, estou imaginando o que ela irá vestir...

-

Ou não vestir. Só espero que esteja decente. Você sabe como o juiz Noose é puritano.

-

Não vai deixar que ela se sente na mesa da defesa, não é?

-

Acho que não. Ela vai ficar em segundo plano, como você. A presença dela pode ofender algumas das mulheres do júri.

-

Isso mesmo, deixe-a estar presente, mas sem ser vista. Harry Rex limpou a boca com a mão enorme.

-

Você está dormindo com ela?

-

Não! Não sou louco, Harry Rex!

-

É louco se não dormir. Aquela mulher é conquistável. - Pois então fique com ela. Tenho mais em que pensar!

-

Ela me acha um amor, não é?

-

É o que ela diz.

-

Acho que vou tentar - disse ele, muito sério, depois sorriu, e deu uma

gargalhada, espirrando migalhas nas estantes de livros.

O telefone tocou. Jake meneou a cabeça e Harry Rex atendeu.

-

Não está, mas terei muito gosto em dar-lhe o recado - Piscou o olho

para Jake. - Sim senhor, sim senhor, ah ah, sim senhor. Uma coisa horrível, não é?

Pode acreditar que um homem faça uma coisa dessas? Sim, senhor, sim, senhor,

concordo cem por cento. Sim, senhor, e qual é o seu nome, senhor? Senhor? - Harry

Rex sorriu e desligou o telefone.

-

Quem era esse?

-

Disse que você é uma vergonha para a raça branca por defender um

negro, e que ele não compreende como é que um advogado pode defender um negro

como Hailey. E espera que o Klan se encarregue de você, e se não conseguir, ele

espera que a Ordem dos Advogados tome conhecimento disto e retire a sua licença

por ajudar os negros. Disse que sabia que você não valia nada porque foi

treinado

pelo Lucien Wilbanks, que vive com uma mulher negra.

-

E você concordou com ele!

-

Porque não? O homem estava sendo sincero, não cheio de ódio e

agora que descarregou tudo o que pensa, já se sente melhor. O telefone tocou outra

vez. Harry Rex atendeu rapidamente. - Jake Brigance, advogado, conselheiro,

consultor e guru de Direito.

Jake foi para o banheiro.

-

Jake, é um repórter! - gritou Harry Rex.

-

Estou no banheiro.

-

Ele está com diarréia... - disse Harry Rex ao repórter.

Às seis horas - sete em Wilmington - Jake telefonou para Carla. Ela estava acordada,

lendo o jornal e tomando café. Contou-lhe acerca de Bud Twitty, Mickey Mouse e a promessa

de mais violência. Não, ele não tinha medo. Isso não o preocupava. Estava era com medo

do júri, dos doze que iam ser escolhidos, e de como iam reagir a ele e ao seu cliente. O seu

único receio, no momento, era o que o júri ia fazer ao seu cliente. Todo o resto era irrelevante.

Pela primeira vez, Carla não falou em voltar para casa. Jake prometeu telefonar - lhe à noite.

Quando desligou, ouviu uma balbúrdia no primeiro andar. Ellen tinha chegado e Harry

Rex falava em voz alta. Ela trás uma blusa transparente e mini-saia, pensou Jake, descendo

a escada. Não estava. Harry Rex congratulava-se com ela por estar vestida como uma Sulista

com todos os acessórios. Um vestido de saia e casaco cinzento, o casaco com decote em V

e a saia curta e justa. A blusa de seda era preta e aparentemente estava com a peça

necessária por baixo. O cabelo, penteado para trás, terminava numa espécie de trança. Por

mais incrível que fosse, viam-se traços de rímel, lápis de olhos e baton. Segundo Harry Rex,

ela parecia ao máximo com uma advogada.

-

Obrigada, Harry Rex - disse ela. - Gostaria de ter o seu gosto para me

vestir.

-

Parece bem, Row Ark - disse Jake.

-

O senhor também - respondeu ela. Olhou para Harry Rex, mas não

disse nada.

-

Por favor, perdoe-nos, Row Ark - disse Harry Rex. - Estamos

impressionados porque não imaginávamos que você tivesse esse tipo de roupa.

Pedimos desculpas pelos elogios e sabemos como isso enfurece o seu emancipado

coração. Sim, somos porcos sexistas. Mas como resolveu vir para o Sul... E no Sul,

nós, via de regra, começamos a babar-nos quando vemos mulheres atraentes e bem-

vestidas, emancipadas ou não.

-

O que tem dentro desse saco? - perguntou ela.

-

O café da manhã.

Ela abriu e desembrulhou um folhado de salsicha.

-

Não tem bagel? - perguntou.

-

O que é isso? - perguntou Harry Rex.

-

Deixe pra lá.

Jake esfregou as mãos e tentou parecer entusiasmado.

-

Muito bem, agora que estamos aqui os três, três horas antes do

julgamento, o que é que gostariam de fazer?

-

Vamos fazer umas margaritas! - disse Harry Rex.

-

Não! - disse Jake.

-

É bom para acalmar os nervos.

-

Para mim, não - disse Ellen. - Isto é sério.

Harry Rex desembrulhou o último pacote de folhados.

-

O que acontece primeiro, hoje?

-

Depois que o sol se levantar, começamos o julgamento. Às nove, o

juiz Noose dirá algumas palavras aos jurados e iniciamos o processo de seleção.

-

Quanto tempo vai levar isso? - perguntou Ellen.

-

Dois ou três dias. No Mississipi temos o direito de interroga r cada jurado individualmente, na sala de audiências. Isso leva tempo.

-

Onde é que me sento e o que é que faço?

-

Ela parece, indubitavelmente, experiente - observou Harry Rex. - Ela sabe onde fica o tribunal?

-

Você não fica na mesa da defesa - disse Jake. - Só eu e Carl Lee.

Ellen limpou a boca.

-

Compreendo. Só você e o acusado, sozinhos, rodeados pelas forças do mal, enfrentando sozinhos a morte.

-

Mais ou menos isso.

-

O meu pai usa essa tática de vez em quando. .

-

Ainda bem que aprova. Fica sentada atrás de mim, logo depois da

grade divisória. Vou pedir ao Noose que autorize a sua entrada na sala de audiências

para as conversas particulares.

-

E quanto a mim? - perguntou Harry Rex.

-

O juiz Noose não gosta de você, Harry Rex. Nunca gostou. Vai ter um

ataque se eu pedir para você entrar na sala de audiência. Seria melhor fingir que não

nos conhece.

-

Obrigado.

-

Mas nós agradecemos a sua assistência - disse Ellen.

-

Não brinque, menina.

-

E pode continuar bebendo conosco - acrescentou ela.

-

Não quero nenhuma bebida alcoólica neste escritório - disse Jake.

-

Até ao intervalo do meio-dia - acrescentou Harry Rex.

-

Quero que fique por trás da mesa da escrivã, para trás e para diante,

como costuma fazer, e tome notas sobre o júri. Procure ligar os rostos aos nomes das

fichas. Provavelmente, vão aparecer cento e vinte.

-

Como quiser.

Com o nascer do dia o exército apareceu com toda a sua força. As barricadas foram

erguidas novamente e em cada canto da praça os soldados tomaram posição em volta dos

barris laranja e brancos que bloqueavam as ruas. Todos alerta e ansiosos, examinando

atentamente cada carro, à espera do ataque do inimigo, ávidos de entrarem em ação. As

coisas ficaram mais animadas quando alguns abutres apareceram, às sete e meia, com os

seus furgões e mini-furgões com logotipos nas portas. Os soldados cercaram os veículos e

informaram que não podiam estacionar em volta do edifício do tribunal durante o julgamento.

Os abutres desapareceram numa das ruas transversais para reaparecerem logo a seguir, a

pé, com as câmeras e os outros equipamentos. Alguns instalaram-se nos degraus em frente

do tribunal, outros na porta dos fundos e outro grupo na antecâmara, na frente da

porta da

sala do tribunal, no segundo andar.

Murphy, o zelador, a única testemunha ocular da morte de Cobb e Willard, informou

a imprensa, da melhor maneira possível, que a sala do tribunal seria aberta às oito horas em

ponto, nem um minuto antes. Imediatamente se formou uma fila que dava inúmeras voltas.

Os ônibus das igrejas estacionaram nas ruas que davam para a praça, e os seus

ocupantes foram conduzidos através da rua Jackson pelos pregadores. Levavam cartazes

com o brado de guerra LIBERTEM CARL LEE e cantavam "We Shall Overcome", num coro

perfeito. Quando se aproximaram da praça, os soldados ouviram-nos e os rádios começaram

a estalar. Ozzie e o coronel confabularam rapidamente e os soldados acalmaram-se. Ozzie

conduziu o grupo a uma parte do gramado onde ficaram à espera sob os olhos vigilantes da

guarda nacional do Mississipi.

Às oito horas, foi instalado um detector de metais na porta do edifício e três policiais

fortemente armados começaram a revistar e admitir no edifício os espectadores que agora

enchiam a antecâmara e os corredores. Prather orientava o tráfego no recinto do tribuna l,

fazendo os populares sentarem-se num dos lados da sala, reservando o outro lado para os

jurados. A primeira fila era reservada à família e a segunda já estava cheia de artistas que

começaram imediatamente a desenhar a cadeira do juiz e os retratos dos h eróis

confederados.

O Klan viu-se obrigado a fazer sentir a sua presença no primeiro dia, especialmente

para os jurados. Duas dúzias de homens do Klan com o uniforme de gala completo entraram

a pé na rua Washington. Foram imediatamente cercados por soldad os. O coronel barrigudo

atravessou a praça com o seu passo gingado e, pela primeira vez na vida, viu -se cara a cara

com um membro do Ku Klux Klan de manto branco, capuz e máscara, e ainda por cima, trinta

centímetros mais alto do que ele. Só então reparou nas câmeras assestadas sobre ambos e

toda a sua agressividade desapareceu. A voz habitualmente autoritária e dominadora foi

substituída por um gaguejar estridente, nervoso e trêmulo que nem ele mesmo podia

entender. Ozzie salvou-o com sua chegada.

-Bom dia, rapazes - disse friamente, ao posicionar-se ao lado do combalido

coronel. - Estão cercados e somos mais numerosos. Sabemos também que não

podemos impedi-los de estar aqui.

-Tem razão - disse o líder.

-Se me seguirem e fizerem o que eu disser, não teremos nenhum problema.

Eles seguiram Ozzie e o coronel até uma pequena área no gramado, onde foi

explicado que aquele era o lugar que deviam ocupar durante o julgamento. Fiquem aqui e

fiquem quietos, que o coronel pessoalmente irá manter as suas tropas à dista ncia. Eles

concordaram.

Como era de esperar, os mantos brancos provocaram uma agitação entre os negros,

agrupados a uns sessenta metros dos homens do Klan. Começaram a gritar:

"Libertem Carl Lee! Libertem Carl Lee! Libertem Carl Lee!"

Os homens do Klan ergueram os punhos fechados e responderam aos gritos de:

"Fritem Carl Lee!" "Fritem Carl Lee!" "Fritem Carl Lee!"

Duas filas de soldados postaram-se no passeio principal que dividia o gramado e

levava aos degraus do edifício. Outra fila estava entre o pa sseio e os homens do Klan, e uma

terceira, entre o passeio e os negros.

Os jurados começaram a chegar, passando rapidamente entre duas filas de soldados.

Tinham nas mãos as intimações judiciais e ouviam, incrédulos, os gritos dos dois grupos.

O ilustríssimo Dr. Rufus Buckley chegou a Clanton e educadamente informou os

sentinelas de quem era e o que isso significava, e obteve autorização para

estacionar na

vaga marcada com os dizeres RESERVADO PARA O PROMOTOR ao lado do edifício do

tribunal. Os repórteres enlouqueceram. Aquilo devia ser importante, alguém acabava de

passar pela barricada. Buckley ficou sentado no seu velho Cadillac durante um momento,

para dar a oportunidade aos repórteres de o alcançarem. Quando desceu e bateu com a

porta, eles cercaram-no. Buckley sorriu e caminhou lentamente para a porta da frente do

tribunal. O fogo cerrado de perguntas foi demais para ele e Buckley violou o segredo de

justiça pelo menos oito vezes, sorrindo e explicando que não podia responder à pergunta a

que acabava de responder. Musgrove ia atrás dele, transportando a pasta do grande homem.

Nervoso, Jake andava de um lado para o outro no escritório. A porta estava fechada

à chave. No primeiro andar, Ellen trabalhava em outro relatório. Harry Rex estava no Coffee

Shop comendo outra vez e contando mexericos. As fichas estavam espalhadas sobre a mesa

e Jake estava farto delas. Folheou um relatório, depois foi até às portas de vidro. Os gritos

subiam da praça, entrando pelas janelas abertas. Jake voltou para a mesa e estu dou o

resumo do seu comentário inicial para os jurados. A primeira impressão era importante.

Deitou-se no sofá, fechou os olhos e pensou em milhares de coisas que gostaria de

estar fazendo. De um modo geral, Jake gostava do seu trabalho. Mas havia momento s,

momentos assustadores como aquele, em que desejava ser um corretor de seguros ou da

bolsa. Ou talvez até um cobrador de impostos. Sem dúvida, esses tipos não sofriam crises

regulares de náusea e diarréia nos momentos críticos da sua carreira.

Lucien tinha-lhe ensinado que o medo era bom, o medo era um aliado, todos os

advogados sentiam medo quando se viam diante do júri defendendo a sua causa. Não havia

nada de mal em ter medo; só que não devia demonstrar. Os jurados não seguiam o advogado

mais fluente ou o que usava as palavras mais bonitas. Não seguiam o mais elegantemente

vestido. Não seguiam um palhaço ou um bobo do tribunal. Não seguiam o advogado que

pregava com voz mais forte ou que lutava com mais ardor. Lucien tinha -o convencido de que

os jurados seguiam o advogado que dizia a verdade, independentemente da sua aparência,

das suas palavras, das suas habilidades superficiais. O advogado tinha de ser ele mesmo no

tribunal, e se estivesse com medo, que assim fosse. Os jurados também estavam.

Trave amizade com o medo, costumava dizer Lucien, porque ele não vai embora e o

destruirá se não for controlado. O medo atacava-lhe o fundo das entranhas, e ele desceu

cautelosamente para o banheiro.

-

Como é que se sente, chefe? - perguntou Ellen, quando Jake a foi

buscar.

-

Pronto, penso eu. Saímos daqui a um minuto.

-

Existem repórteres à espera lá fora. Eu lhes disse que tinha se retirado

do caso e deixado a cidade...

-

Neste momento gostaria de que isso fosse verdade.

-

Já ouviu falar em Wendall Solomon?

-

Não que me lembre.

-

Ele trabalha para o Fundo de Defesa dos Presidiários Sulistas.

Trabalhei com ele, no Verão passado. Ele defendeu mais de cem casos de crimes de

homicídio em todo o Sul. Fica tão nervoso antes do julgamento que não consegue

comer nem dormir. O médico receita-lhe sedativos, mas mesmo assim, ninguém é

capaz de falar com ele, no primeiro dia de um julgamento. E isso ao fim de mais de

cem julgamentos.

-

E o seu pai?

-

Toma uns dois martinis com um comprimido de Valium. Depois deita-

se apoiado na mesa com a porta fechada e as luzes apagadas até à hora de ir para o

tribunal. Fica com os nervos à flor da pele e mal-humorado. É claro que uma boa parte

é natural nele.

-

Então você conhece a sensação?

-

Conheço-a bem.

-

Pareço nervoso?

-

Parece cansado. Mas vai se sair bem.

Jake consultou o relógio.

-

Vamos.

Os repórteres saltaram sobre a presa.

-

Sem comentários - insistiu Jake, andando vagarosamente para o edifício do tribunal. A barragem continuou.

-

É verdade que pretende pedir a anulação do julgamento?

-

Não posso fazer isso antes do julgamento começar.

-

É verdade que o Klan o ameaçou?

-

Sem comentários.

-

É verdade que a sua família vai ficar fora da cidade, até o fim do julgamento?

Jake hesitou e olhou para o repórter.

-

Sem comentários.

-

O que acha da guarda nacional?

-

Orgulho-me dela.

-

O seu cliente pode ter um julgamento justo em Ford County?

Jake abanou a cabeça e disse:

-

Sem comentários.

Um sub delegado montava guarda a poucos metros de onde os corpos tinham caído.

-

Quem é ela, Jake? - perguntou, apontando para Ellen.

-

É inofensiva. Está comigo.

Subiram rapidamente a escada dos fundos. Carl Lee estava sozinho à mesa da

defesa, de costas para os espectadores que enchiam o recinto. Jean Gillespie recebia os

jurados e os policiais percorriam as passagens, atentos a qualquer coisa ou pessoa suspeita.

Jake cumprimentou calorosamente o seu cliente, fazendo questão de apertar a mão dele,

com um largo sorriso, e depois apoiou a mão no ombro de Carl Lee. Ellen tirou os papéis dos

dossiês e arrumou as pastas de cartolina sobre a mesa.

Jake conversou em voz baixa com o cliente e olhou em volta. Todos olhavam para

ele. O clã dos Hailey estava sentado comportadamente na primeira fila. Jake sorriu para eles

e cumprimentou Lester com uma inclinação de cabeça. Tonya e os rapazes estavam com as

roupas de domingo, sentados entre Lester e Gwen, como quatro estátuas. Os jurados

estavam em um dos lados da sala, observando minuciosamente o advogado de Hailey. Jake

achou que aquele era um bom momento para todos verem a família e foi até à balaustrada

baixa. Bateu amigavelmente no ombro de Gwen, apertou a mão de Lester, beliscou a cara

de cada um dos rapazes e, finalmente, abraçou Tonya, a pequenina Hailey, que tinha sido

violada pelos dois brancos que tinham recebido o que mereciam. Os jurados observaram

cada um dos movimentos dessa encenação e prestaram atenção especial à menina.

-

O juiz Noose mandou nos chamar ao gabinete dele - murmurou

Musgrove a Jake, quando ele voltou para a mesa da defesa. Ichabod, Buckley e a

taquígrafa conversavam quando Jake e Ellen entraram. Jake apresentou a sua

estagiária ao juiz, a Buckley e Musgrove e a Norma Gallo, a taquígrafa. Exp licou que

Ellen Roarke era uma terceiranista de Direito da Ole Miss que estava estagiando no

escritório dele e pediu autorização para ela se sentar perto da mesa da defesa e

participar nas reuniões na sala de audiências. Buckley não tinha objeções. Era uma

prática comum, explicou Noose, e deu-lhe as boas-vindas.

-

Questões preliminares, meus senhores? - perguntou Noose.

-

Nenhuma - disse o promotor.

-

Várias - disse Jake, abrindo uma pasta. - Quero que isto conste dos

autos.

Norma Gallo começou a tomar notas.

-

Em primeiro lugar, quero renovar a moção para transferência de foro...

-

Nós objetamos - interrompeu Buckley.

-

Cale-se, governador! - gritou Jake. - Ainda não acabei e não me

interrompa mais!

A explosão sobressaltou todos. Tudo por causa daquelas margaritas, pensou

Ellen.

-

Peço desculpas, Dr. Brigance - disse Buckley, com calma. - Por favor,

não me trate por governador.

-

Deixem-me dizer uma coisa - começou Noose. - Este julgamento será

longo e difícil. Compreendo que estejam todos sob grande pressão. Já estive muitas

vezes onde estão agora e sei o que estão sentindo. Ambos são excelentes advogados

e fico satisfeito por ter dois bons advogados num julgamento desta importância. Noto

também uma certa hostilidade entre os dois. Isso é comum e não vou pedir qu e

apertem as mãos e ajam como bons amigos. Mas faço questão absoluta de que, no

meu tribunal ou no meu gabinete, não se interrompam um ao outro e que os gritos

sejam limitados ao mínimo possível. Devem tratar-se por Dr. Brigance e Dr. Buckley

e Dr. Musgrove. Bem, todos compreendem o que quero dizer?

-

Sim, senhor.

-

Sim, senhor.

-

Bom. Então continue, Dr. Brigance.

-

Obrigado, Meritíssimo, muito agradecido. Como eu estava dizendo, o

acusado renova a moção para transferência de foro. Quero que conste dos autos que,

neste momento, às nove e quinze do dia vinte e dois de Julho, quando nos

preparamos neste gabinete para a escolha do júri, o Tribunal de Justiça de Ford

County está cercado pela guarda nacional do Mississipi. Em frente do edifício um

grupo de homens do Ku Klux Klan, com mantos brancos, neste preciso momento

gritam para o grupo de negros que, naturalmente, lhes gritam em resposta. Os dois

grupos estão separados por soldados armados da guarda nacional. Quando os

jurados chegaram ao tribunal, esta manhã, viram o circo armado na frente do palácio

da justiça. Vai ser impossível escolher um júri justo e imparcial.

Buckley escutou com um sorriso de superioridade e, quando Jake terminou,

disse:

-

Posso responder, Meritíssimo?

-

Não - disse Noose secamente. - A moção é indeferida. O que mais o

senhor tem...

-

A defesa requer que todos os jurados convocados sejam dispensados.

-

Com que fundamento?

-

Com fundamento no fato de o Klan ter ameaçado abertamente esse

grupo de jurados. Sabemos de pelo menos vinte cruzes de fogo.

-

Pretendo dispensar esses vinte, se se apresentarem - disse Noose.

-

Ótimo - disse Jake com ironia. - E as ameaças das quais não tivemos

conhecimento? E os jurados que ouviram falar das cruzes de fogo?

Noose enxugou os olhos e não disse nada. Buckley tinha um discurso preparado mas

não quis interromper.

-

Eu tenho aqui uma lista - disse Jake, abrindo uma pasta - dos vinte

jurados que receberam visitas. Tenho também cópias de relatórios da polícia e

depoimentos juramentados do xerife Walls, onde ele descreve com detalhes os atos

de intimidação. Estou submetendo estes documentos à apreciação do tribunal, como

reforço à minha moção para a dispensa de todos os jurados convocados. Quero que

isto conste dos autos para que o Supremo Tribunal possa vê -lo preto no branco.

-

À espera de uma apelação, Dr. Brigance? - perguntou o Dr. Buckley.

Ellen acabava de conhecer Rufus Buckley e já compreendia por que Jake e Harry Rex o

detestavam.

-

Não, governador, não estou à espera de uma apelação. Estou

tentando garantir ao meu cliente um julgamento justo por um júri imparcial. O senhor

deve compreender isto.

-

Não vou dispensar estes jurados. Isso nos custaria uma semana -

disse Noose.

-

O que é o tempo quando a vida de um homem está em jogo? Estamos falando de justiça. O direito a um julgamento justo, lembrem-se, um Direito constitucional dos mais básicos. O julgamento será uma farsa se não houver a dispensa destes jurados, pois sabemos que alguns deles foram intimidados por um bando de assassinos vestidos com mantos brancos que querem ver o meu cliente enforcado.

-

Moção indeferida - disse Noose. - Que mais tem o senhor?

-

Na verdade, nada mais. Apenas peço que, quando dispensar os vinte, o faça de modo a que os outros não fiquem sabendo o verdadeiro motivo da dispensa.

-

Eu posso tratar disso, Dr. Brigance.

O juiz mandou o Dr. Pate procurar Jean Gillespie e entregou -lhe a lista dos vinte nomes. Jean voltou para a sala do tribunal e leu a lista. Eles não eram necessários para o júri e podiam retirar-se. Ela voltou ao gabinete do juiz.

-

Quantos jurados temos? - perguntou Noose. - Noventa e quatro.

-

Isso é suficiente. Estou certo de que podemos encontrar doze para o

nosso júri.

-

Não vai encontrar dois - sussurrou Jake ao ouvido de Ellen, em voz

bastante alta para que Noose ouvisse e Norma Gallo registrasse.

Sua Excelência dispensou-os e eles voltaram para a sala do tribunal. Noventa e

quatro nomes escritos em pequenas tiras de papel foram colocados num pequeno cilindro de

madeira. Jean Gillespie girou o cilindro, parou-o e tirou um nome ao acaso. Entregou a tira

de papel a Noose, que estava sentado acima dela, e de todas as pessoas da sala, no seu

trono. Todos observavam em silêncio. Noose semicerrou os olhos e olhou para o primeiro

nome.

-

Carlene Malone, jurado número um - gritou ele com sua voz estridente.

A primeira fila estava vazia e a Sra. Malone sentou-se na cadeira, ao lado da

passagem. Cada banco dava para dez pessoas e havia dez bancos, todos para os jurados.

Os dez bancos, do outro lado da passagem, estavam cheios com pessoas da família, amigos,

espectadores, mas especialmente repórteres, que imediatamente anotaram o

nome de

Carlene Malone. Jake também anotou. Ela era branca, gorda, divorciada, de baixos

rendimentos. A nota dela, na escala Brigance, era 2. Zero para a primeira, pensou ele.

Jean girou novamente o cilindro.

-

Marcia Dickens, jurado número dois - berrou Noose. Branca, gorda,

mais de sessenta anos, de aparência implacável. Zero para a segunda.

-

Jo Beth Mills, número três.

Jake afundou-se um pouco na cadeira. Era branca, cinqüenta anos, e ganhava o

salário mínimo numa fábrica de camisas em Karaway. Graças à ação afirmativa, tinha um

patrão negro que era ignorante e corrupto. Na ficha de Brigance havia um zero na frente do

nome. Zero para a terceira. Jake olhou desesperadamente para Jean quando ela girou outra

vez o cilindro.

-

Reba Betts, número quatro.

Jake afundou mais na cadeira, e apertou com força a testa. Zero para a quarta.

-

Isto é incrível - resmungou ele, na direção de Ellen. Harry Rex abanou

a cabeça.

-

Gerald Ault, número cinco.

Jake sorriu quando o seu jurado número um se sentou ao lado de Reba Betts.

Buckley fez uma marca preta ao lado do nome dele.

-

Alex Summers, número seis.

Carl Lee sorriu levemente quando o primeiro negro saiu de trás do grupo e se sentou

ao lado de Gerald Ault. Buckley sorriu também ao fazer um cí rculo em volta do nome do

primeiro negro.

Os quatro jurados seguintes eram mulheres brancas, nenhuma delas com mais de

três pontos na escala de Brigance. Jake olhou preocupado para o primeiro banco, cheio. A

lei permitia-lhe doze impugnações peremptórias, doze dispensas sem precisar explicar o

motivo. O resultado do sorteio iria obrigá-lo a usar pelo menos metade das suas peremptórias

no primeiro banco.

-

Walter Godsey, número onze - anunciou Noose, em voz bastante mais

baixa.

Godsey era um homem de meia-idade, sem compaixão e sem potencial. Quando

Noose concluiu a segunda fila, esta continha sete mulheres brancas, dois homens negros e

Godsey. Jake pressentiu um desastre. Só sentiu algum alívio na quarta fila, quando Jean

acertou a mão e tirou os nomes de sete homens, quatro deles negros.

Levou quase uma hora a chamada de todo o corpo de jurados. Noose determinou um

intervalo de quinze minutos para que Jean pudesse datilografar uma lista numérica dos

jurados. Jake e Ellen aproveitaram o intervalo para rever as suas anotações e ligar os nomes

às pessoas. Harry Rex, sentado atrás dos livros vermelhos de registro de processos havia

tomado notas febrilmente enquanto Noose proclamava os nomes. Aproximou -se de Jake e

concordou que as coisas não iam bem.

Às onze horas Noose voltou e a sala ficou em silêncio. Alguém sugeriu que usasse o

microfone, e Noose o ajeitou a poucos centímetros do nariz. Começou a falar alto e a sua

voz fraca e desagradável matraqueava violentamente dentro da sala, à medida que ele fazia

uma longa série de perguntas exigidas por lei. Apresentou Carl Lee e perguntou se algum

jurado era parente dele ou o conhecia. Todos o conheciam, e Noose esperava isso, mas

apenas dois admitiram conhecê-lo antes do mês de Maio. Noose apresentou os advogados,

depois explicou em breves palavras a natureza das acusações. Nenhum jurado admitiu não

ter conhecimento do caso Hailey. Noose continuou a falar e, misericordiosamente, terminou

ao meio dia e meio. Determinou um intervalo até às duas horas.

Dell levou sanduíches quentes e chá gelado à sala de conferências. Jake agradeceu

com um abraço e disse-lhe que lhe mandasse a conta. Sem tocar na comida, arrumou as

fichas sobre a mesa pela ordem em que os jurados estavam sentados. Harry Rex atacou uma

sanduíche de rosbife e queijo.

-

Um péssimo sorteio - repetia ele. - Um péssimo sorteio. Quando pôs

no lugar a nonagésima quarta ficha, Jake recuou e examinou -as. Ellen, ao lado dele,

mordiscava uma batata frita. Estudou as fichas.

-

Um péssimo sorteio - disse Harry Rex, bebendo um copo de chá.

-

Queres calar a boca? - disse Jake.

-

Nos primeiros cinqüenta temos oito homens negros, três mulheres negras e trinta mulheres brancas. Sobram nove brancos e a maior parte pouco atraente. Parece um júri de mulheres brancas - observou Ellen.

-

Mulheres brancas, mulheres brancas - disse Harry Rex. - Os piores jurados do mundo. Mulheres brancas!

Ellen encarou-o.

-

Acho que homens brancos gordos são os piores jurados.

-

Não me leve a mal, Row Ark. Adoro mulheres brancas. Casei com quatro delas, lembre-se. Apenas detesto juradas brancas.

-

Eu não votaria pela condenação dele.

-

Row Ark, você é uma comunista da União das Liberdades Civis. Não votaria pela condenação de ninguém por nada deste mundo. Na sua cabecinha insana você acredita que os corruptores de menores e os terroristas da OLP são pessoas muitíssimo boas que foram maltratadas pelo sistema e merecem ter uma

oportunidade.

-

E na sua mente racional, civilizada e compassiva, o que acha que devemos fazer com eles?

-

Dependurá-los pelos dedos dos pés, castrá-los e deixar sangrar até a morte.

Sem julgamento.

-

E do modo como compreende a lei, isso seria constitucional?

-

Talvez não, mas ia diminuir a incidência de estupros de crianças e de terrorismo. Jake, vai comer esse sanduíche?

-

Não.

Harry Rex desembrulhou o sanduíche de presunto e queijo.

-

Mantenha-se afastado da número um, Carlene Malone. É parente dos Malone de Lake Village. Lixo branco e má como o demônio.

-

Eu gostaria de me manter afastado de todos eles - disse Jake, olhando

para a mesa.

-

Um péssimo sorteio.

-

O que é que acha, Row Ark? - perguntou Jake.

Harry Rex engoliu rapidamente.

-

Acho que devíamos declará-lo culpado e sair logo daqui. Fugir como gato escaldado.

Ellen olhou para as fichas.

-

Podia ser pior.

Harry Rex deu uma gargalhada forçada.

-

Pior! A única coisa pior seria se os primeiros trinta usassem mantos brancos com capuzes pontiagudos e pequenas máscaras.

-

Harry Rex, quer calar a boca? - disse Jake.

-

Só estou tentando ajudar. Quer as suas batatas fritas?

-

Não. Porque não as mete na boca e mastiga muito lentamente?

-

Acho que não tem razão a respeito de algumas dessas mulheres -

disse Ellen. - Estou inclinada a concordar com Lucien. As mulheres, de um modo

geral, terão mais simpatia pelo acusado. Somos nós que costumamos ser violentadas,

lembra-se?

-

Não tenho resposta para isso - disse Harry Rex.

-

Obrigado - disse Jake.

-

Qual destas é a sua antiga cliente que supostamente faz qualquer

coisa que lhe mande?

Ellen riu com desprezo.

-

Deve ser a número vinte e nove. Tem um metro e cinqüenta e dois de

altura e pesa duzentos quilos.

Harry Rex limpou a boca com um guardanapo de papel.

-

Muito engraçado. Número setenta e quatro. Está muito atrás.

Esqueça.

Noose bateu com o martelo, às duas horas, e estabeleceu-se a ordem no tribunal.

-

O estado pode examinar o corpo de jurados - disse.

O ilustre promotor levantou-se lentamente e caminhou com imponência para a

balaustrada, onde parou, olhando pensativamente para os jurados e os espectadores.

Parecia estar posando, por um momento, para os desenhistas. Voltou -se para os jurados

com um sorriso sincero e apresentou-se. Explicou que era o advogado do povo, o estado do

Mississipi era o seu cliente. Há nove anos que servia como seu promotor e era uma honra

pela qual estaria eternamente grato ao maravilhoso povo de Ford County. Apontou para o

público e disse-lhes que eles, ali sentados, eram o povo que o elegera para os representar.

Agradeceu e disse que esperava não desapontá-los.

Sim, estava nervoso e assustado. Tinha acusado milhares de criminosos, mas

continuava a ficar assustado a cada novo julgamento. Sim! Estava com medo e não tinha

vergonha de admiti-lo. Com medo por causa da enorme responsabilidade com que o povo o

investira, de mandar para a prisão os criminosos e de proteger as pessoas. Com medo porque

podia não representar devidamente o seu cliente, o povo desse grande estado.

Jake já ouvira aquelas baboseiras muitas vezes. Já as conhecia de cor. Buckley, o

homem bom, o advogado do estado, de mãos dadas com o povo à procura de justiça, para

salvar a sociedade.

Buckley era um orador suave e talentoso que podia, num momento, conversar

mansamente com o júri, como um avô aconselhando os netos. No momento seguinte, podia

começar um discurso inflamado, um sermão que faria inveja a qualquer pregador negro. Um

segundo depois, numa fluida explosão de eloqüência, podia convencer o júri de que a

estabilidade da nossa sociedade, sim, até mesmo o futuro da raça humana, dependia de um

veredicto de culpa. Ele sobressaía nos grandes julgamentos e aquele era o maior de todos.

Buckley falava sem consultar notas e mantinha a sala toda presa às suas palavras, enquanto

se descrevia como um desprivilegiado, o amigo e parceiro do júri, que, junto com ele,

encontraria a verdade e puniria aquele homem pelo seu ato monstruoso.

Ao fim de dez minutos, Jake estava farto. Levantou-se com ar de frustração.

-

Meritíssimo, eu levanto objeção a isto. O Dr. Buckley não está escolhendo um

júri. Não percebo bem o que ele está fazendo, mas não está interrogando os

jurados.

-

Concedida! - gritou Noose pelo microfone. - Se não tem nenhuma pergunta a

fazer aos jurados, Dr. Buckley, por favor sente-se.

-

Peço desculpas, Meritíssimo - disse Buckley, embaraçado, fingindo-se

ofendido.

Jake acabava de desferir o primeiro golpe.

Buckley pegou um bloco de notas e fez a primeira de uma lista de mil perguntas.

Perguntou se algum deles ali presente já tinha feito parte de um júri. Várias mãos se

ergueram. Civil ou criminal? Votou pela absolvição ou condenação? Há quanto tempo? O

acusado era negro ou branco? A vítima, negra ou branca? Algum deles já fora vítima de crime

violento? Duas mãos. Quando? Onde? O assaltante foi apanhado? Condenado? Negro ou

branco? Jake, Harry Rex e Ellen enchiam páginas de anotações. Algum membro da sua

família foi vítima de crime violento? Mais algumas mãos. Quando? Onde?

O que aconteceu ao criminoso? Algum membro da sua família já foi acusado de crime?

Indiciado? Julgado? Condenado? Algum amigo ou parente policial? Que m? Onde?

Durante três horas a fio, Buckley explorou e examinou como um cirurgião. Foi

magistral. Era óbvio que estava bem preparado. Fez perguntas que nem sequer tinham

ocorrido a Jake. E perguntou praticamente tudo o que Jake pretendia perguntar.

Delicadamente, conseguia detalhes de sentimentos e opiniões pessoais. E no momento certo

dizia uma coisa engraçada e todos riam, aliviando a tensão. Buckley tinha o tribunal todo na

palma da mão e quando Noose o mandou parar, às cinco horas, ele estava a todo vap or.

Terminaria no dia seguinte, de manhã.

Sua Excelência determinou a suspensão até às nove da manhã seguinte. Jake

conversou com o seu cliente durante alguns momentos enquanto a multidão saía da sala.

Ozzie estava por perto com as algemas. Quando Jake terminou, Carl Lee ajoelhou-se diante

da família, na primeira fila, e abraçou-os a todos. Iria vê-los no dia seguinte, disse. Ozzie

introduziu-o na sala de espera e com ele desceu a escada, onde um enxame de policiais

estava à sua espera para levá-lo de volta à cadeia.

TRINTA E QUATRO

No segundo dia, o sol elevou-se rapidamente a leste e, em poucos segundos, secou

o orvalho da espessa relva das Bermudas em volta do tribunal de justiça de Ford County.

Uma névoa viscosa e invisível subia da relva e colava-se às botas pesadas e às calças largas

dos soldados. O sol queimava-os enquanto eles caminhavam despreocupadamente pelos

passeios do centro de Clanton. Procuravam a sombra das árvores e os toldos das lojas

pequenas. Quando o café foi servido nas grandes barracas, os soldados estavam sem as

túnicas e com as camisas verde-claras encharcadas de suor.

Os pregadores negros e os seus seguidores dirigiram-se para o seu lugar e

acamparam. Abriram as cadeiras dobráveis sob os carvalhos e puseram os congelado res em

cima das mesas de armar. Cartazes brancos e azuis com as palavras LIBERTEM CARL LEE,

pregados em estacas de tomateiros, foram enfiados no chão como espantalhos. Agee

mandara imprimir alguns cartazes novos, com fotografia ampliada de Carl Lee no cent ro e as

margens a branco, azul e vermelho. Era um trabalho bonito, feito por profissional.

Os homens da Klan foram obedientemente para o lugar designado pelo xerife. Tinham

também cartazes - fundo branco com letras enormes vermelhas - gritando FRITEM CARL

LEE, FRITEM CARL LEE. Agitavam os cartazes na direção dos negros, do outro lado da

passagem, e os dois grupos começaram a gritar. Os soldados enfileiraram-se no passeio,

armados, mas fingindo ignorar as obscenidades que voavam sobre as suas cabeças. Eram

oito horas da manhã, do segundo dia.

Os repórteres estavam atordoados com tantas manifestações. Correram para o

gramado da frente quando a gritaria começou. Ozzie e o coronel davam voltas e voltas em

redor do tribunal, vendo tudo e berrando para dentro do s seus rádios.

Às nove horas, Ichabod disse bom dia à multidão que enchia por completo a sala do

tribunal. Buckley levantou-se devagar e com grande animação informou Sua Excelência que

não tinha mais perguntas a fazer aos jurados.

O advogado Brigance levantou-se com as pernas bambas e uma turbulência na

barriga. Foi até à barra e fitou os olhos ansiosos dos noventa e quatro jurados. Todos ouviram

atentamente aquele jovem e atrevido defensor que um dia se gabara de nunca ter perdido

uma causa criminal. Parecia tranqüilo e confiante. A voz dele era forte, mas

calorosa. As

palavras eram cultas, mas coloquiais. Apresentou-se outra vez e apresentou o seu cliente,

depois a família deste, deixando Tonya para o fim. Cumprimentou o promotor p elo exaustivo

interrogatório do dia anterior e confessou que a maioria das suas perguntas já tinham sido

feitas. Consultou as suas notas. A primeira pergunta foi uma bomba.

-

Senhoras e senhores, alguém aqui acredita que a defesa não deve, em

circunstância alguma, apoiar-se na alegação de insanidade mental?

Os jurados mexeram-se um pouco nas cadeiras, mas ninguém levantou a mão. Ele

os tinha apanhado desprevenidos. Insanidade! Insanidade! A semente estava plantada.

-

Se provarmos que Carl Lee estava legalmente insano quando atirou em Billy

Ray Cobb e Pete Willard, haverá uma só pessoa neste júri que não possa achar que ele não

é culpado?

A pergunta era um tanto rebuscada, deliberadamente. Ninguém levantou a mão.

Alguns queriam responder, mas não estavam certos da resposta apropriada. Jake observou-

os cuidadosamente, sabendo que a maioria estava confusa, mas sabendo também que,

naquele momento, cada um dos membros do corpo de jurados pensava na possibilidade de

seu cliente estar insano. Era exatamente aí que ele os deixaria.

-

Muito obrigado - disse Jake, com todo o charme que tinha conseguido

durante toda a vida. - Não tenho mais nada a declarar, Meritíssimo.

Buckley ficou confuso. Olhou para o juiz que também estava perplexo.

-

É tudo? - perguntou Noose, incrédulo. - É tudo, Dr. Brigance?

-

Sim, senhor, Meritíssimo, o júri me parece plenamente satisfatório -

disse Jake, com ar confiante, ao contrário de Buckley, que os havia interrogado

durante três horas. O júri estava longe de ser aceitável para Jake, mas não adiantava

repetir as mesmas perguntas que Buckley tinha feito.

-

Muito bem. Quero falar com os advogados no meu gabinete.

Buckley, Musgrove, Jake, Ellen e o Sr. Pate seguiram Ichabod e sentaram-se em volta

da mesa no gabinete do juiz. Noose disse:

-

Suponho, meus senhores, que desejem inquirir cada um dos jurados

pessoalmente sobre a pena de morte.

-

Sim, senhor - disse Jake.

-

Exatamente, Meritíssimo - disse Buckley.

-

Muito bem. Sr. Meirinho, queira trazer o jurado número um, Carlene

Malone.

O Sr. Pate foi até à sala do tribunal e chamou Carlene Malone. Daí a momentos, ela

entrou no gabinete do juiz. Estava apavorada. Os advogados sorriram mas não disseram

nada: instruções de Noose.

- Sente-se, por favor - disse Noose, tirando a toga. - Isto não vai demorar mais de um

minuto, Sra. Malone. A senhora tem alguma opinião formada a favor ou contra a pena de

morte? - perguntou ele.

A mulher abanou a cabeça nervosamente e olhou para Ichabod.

-

Ah, não, senhor.

-

Compreende que se for escolhida para este júri e o Sr. Hailey for condenado,

a senhora será chamada para sentenciá-lo à morte?

-

Sim, senhor.

-

Se o estado provar, além de qualquer dúvida razoável, que os crimes foram

premeditados, e se a senhora acreditar que o Sr. Hailey não estava legalmente insano no

momento dos crimes, a senhora considerará a imposição da pena de morte?

-

Certamente. Eu acho que ela deve ser sempre usada. É suscetível de pôr um

fim a este tipo de ações. Sou totalmente favorável. Jake continuou a sorrir, meneando a

cabeça afirmativa e educadamente para a jurada número um. Buckley sorriu também e piscou

o olho a Musgrove.

-

Muito obrigado, Sra. Malone. Pode voltar para o seu lugar, na sala do tribunal

- disse Noose. - Traga o número dois - ordenou Noose ao Sr. Pate.

Marcia Dickens, uma mulher branca, idosa, de testa franzida, entrou no gabinete. Sim,

senhor, disse ela, era a favor da pena de morte. Não teria problemas em votar a favor. Jake

sorriu. Buckley piscou o olho outra vez. Noose agradeceu e chamou a número três.

Três e quatro demonstraram a mesma disposição. Estariam prontas a matar se as

provas fossem suficientes. Então o número cinco, Gerald Ault, a arma secreta de Jake, entrou

no gabinete e sentou-se.

-

Muito obrigado, Sr. Ault, isso não vai demorar mais de um minuto - repetiu

Noose. - Em primeiro lugar, o senhor tem opinião formada a favor ou contra a pena de morte?

-

Ah, sim, senhor - respondeu Ault, a voz e o rosto irradiando compaixão. - Sou

decididamente contra. É cruel e insólita. Tenho vergonha de viver em uma sociedade que

permite o assassinato legal de um ser humano.

-

Compreendo. Poderia o senhor, em quaisquer circunstâncias, se fosse jurado,

votar pela imposição da pena de morte?

-

Ah, não, senhor. Em nenhuma circunstância. Independentemente do crime.

Não, senhor.

Buckley pigarreou e anunciou sombriamente:

-

Meritíssimo, o estado impugna o Sr. Ault e requer que ele seja dispensado de

acordo com o precedente do estado contra Witherspoon.

-

Moção aceita. Sr. Ault, o senhor está dispensado de servir no júri - disse

Noose. - Pode abandonar o tribunal, se quiser. Se preferir permanecer no recinto do tribunal,

peçolhe que não se sente com os outros jurados.

Confuso, Ault olhou para o seu amigo Jake que, naquele momento, olhava para o

chão com os lábios apertados.

-

Posso perguntar porquê? - perguntou Gerald. Noose tirou os óculos,

transformando-se no professor.

-

De acordo com a lei, Sr. Ault, o tribunal deve dispensar qualquer jurado em

potencial que admita que não é capaz de considerar, e a palavra -chave é considerar, a pena

de morte. O senhor compreende, goste ou não, a pena de morte é um método punitivo legal

no Mississipi e na maioria dos estados. Sendo assim, não é justo escolher jurados incapazes

de obedecer à lei.

Todas as pessoas ficaram curiosas quando Gerald Ault apareceu atrás da cadeira do

juiz, passou pelo portãozinho da barra e saiu da sala do tribunal. O meirin ho chamou o

número seis, Alex Summers, e conduziu-o ao gabinete do juiz. Voltou logo a seguir e sentou-

se na primeira fila. Tinha mentido sobre a pena de morte. Era contra, como a maioria dos

negros, mas dissera a Noose que não tinha objeção. Nenhuma. Mais tarde, durante o

intervalo, procurou outros jurados negros e explicou -lhes como deviam responder às

perguntas, na sala do juiz.

O processo lento continuou até meio da tarde, quando o último jurado saiu do gabinete do

juiz. Onze tinham sido dispensados devido à atitude em relação à pena de morte. O tribunal

entrou em recesso às três e meia e Noose deu aos advogados até às quatro para reverem

as suas notas.

Na biblioteca do terceiro andar, Jake e a sua equipe examinaram as listas e fichas do

júri. Estava na hora da decisão. Ele tinha sonhado com nomes escritos em azul, vermelho e

preto, com números ao lado. Tinha-os observado no tribunal durante dois dias. Conhecia-os.

Ellen queria mulheres. Harry Rex queria homens. Noose examinou a sua lista - mestra, com

os jurados renumerados para refletir as dispensas justificadas, e olhou para os advogados.

-

Meus senhores, estão prontos? Ótimo. Como sabem, este é um caso

de homicídio, portanto cada um dos senhores tem direito a doze impugnações

peremptórias. Dr. Buckley, o senhor deve apresentar à defesa a sua lista de doze

jurados. Por favor, comece com o número do jurado e refira -se a cada um somente

pelo número.

-

Sim, senhor. Meritíssimo, o estado aceita os jurados número um, dois,

três, quatro, usa a primeira impugnação para o número cinco, aceita os números seis,

sete, oito, nove, usa a segunda impugnação para o número dez, aceita os números

onze, doze, treze, usa a terceira impugnação para o número catorze e aceita o número

quinze. Aí estão doze, suponho.

Jake e Ellen fizeram círculos e anotações nas suas listas. Noose voltou a contar

metodicamente.

-

Sim, doze. Dr. Buckley.

Buckley propusera doze mulheres brancas. Dois homens negros e um branco tinham

sido eliminados. Jake estudou a sua lista e riscou nomes.

-

A defesa dispensa os jurados número um, dois, três, aceita quatro,

seis e sete, dispensa oito, nove, onze, doze, aceita treze, dispensa quinze. Julgo que

usamos oito das nossas impugnações.

Sua Excelência fez linhas e marcas na sua lista, calculando lenta mente.

-

Ambos aceitaram os jurados número quatro, seis, sete e treze. Dr.

Buckley, é o senhor novamente. Dê-nos mais oito jurados.

-

O estado aceita dezesseis, usa a quarta impugnação para o

dezessete, aceita dezoito, dezenove, vinte, impugna vinte e um, ac eita vinte e dois,

impugna vinte e três, aceita vinte e quatro, dispensa vinte e cinco e vinte e seis e

aceita vinte e sete e vinte e oito. Um total de doze com direito a mais quatro

impugnações.

Jake estava perplexo. Buckley mais uma vez tinha eliminado todos os negros e todos

os homens. Estava lendo o pensamento de Jake.

-

Dr. Brigance, é o senhor agora.

-

Posso ter um momento para conferenciar, Meritíssimo?

-

Cinco minutos - respondeu Noose.

Jake e a sua assistente passaram para a sala de café, onde Harr y Rex esperava.

-

Vê isto - disse Jake, pondo a lista na mesa, e inclinaram-se os três

sobre ela. - Chegamos ao vinte e nove. Tenho quatro impugnações e Buckley

também. Ele eliminou todos os negros e todos os homens. No momento, temos um

júri só de mulheres brancas. Os dois seguintes são mulheres brancas, trinta e um é

Clyde Sisco e trinta e dois é Barry Acker.

-

Então quatro dos próximos seis são negros - disse Ellen. - Sim, mas

Buckley não vai chegar tão longe. Na verdade, estou surpreendido por ter nos deixado

chegar tão perto da quarta fila.

-

Eu sei que você quer o Acker. E o Sisco? - perguntou Harry Rex.

-

Tenho medo dele. Lucien diz que é um vigarista que pode ser

comprado.

-

Legal! Vamos pôr o homem no júri e depois o compramos.

-

Muito engraçado. Como é que sabe se Buckley não o comprou antes?

-

Eu ficaria com ele.

Jake estudou a lista, contando e voltando a contar. Ellen queria eliminar os dois

homens, Acker e Sisco. Voltaram para a sala do juiz e sentaram-se. A taquígrafa estava a

postos.

-

Meritíssimo, queremos eliminar o número vinte e dois e o número vinte

e oito, restam duas impugnações.

-

Dr. Buckley, a sua vez. Vinte e nove e trinta.

-

O estado aceita os dois. São doze, com direito ainda a quatro

impugnações. - Dr. Brigance.

-

Eliminaremos vinte e nove e trinta.

-

E não tem mais nenhuma impugnação, certo? - perguntou Noose.

-

Certo.

-

Muito bem. Dr. Buckley, trinta e um e trinta e dois.

-

O estado aceita os dois - disse Buckley rapidamente, olhando para os

nomes dos negros que vinham logo depois de Clyde Sisco.

-

Ótimo. Doze. Vamos escolher dois suplentes. Ambos têm duas

impugnações para os suplentes. Dr. Buckley, trinta e três e trinta e qu atro.

O jurado trinta e três era um negro. Trinta e quatro era uma mulher branca que Jake

queria. Os dois seguintes eram homens negros.

- Nós eliminamos trinta e três, aceitamos trinta e quatro e trinta e cinco.

- A defesa aceita os dois - disse Jake.

O Sr. Pate restabeleceu a ordem no tribunal quando Noose e os advogados tomaram

os seus lugares. Sua Excelência anunciou os nomes dos doze e eles lenta e nervosamente

dirigiram-se para a bancada do júri, onde se sentaram de acordo com a orientação de Jean

Gillespie. Dez mulheres, dois homens, todos brancos. Os negros presentes na

sala

resmungaram e entreolharam-se incrédulos.

-

Você escolheu esse júri? - murmurou Carl Lee a Jake.

-

Explico depois - disse Jake.

Os dois suplentes foram chamados e sentaram-se perto da bancada do júri.

-

Para que é o cara negro? - murmurou Carl Lee, indicando o suplente

com um movimento da cabeça.

-

Explico depois - disse Jake.

Noose pigarreou e olhou para o seu novo júri.

-

Senhoras e senhores, os senhores foram cuidadosamente

selecionados para jurados deste caso. Juraram julgar com justiça todos os assuntos

que lhes forem apresentados e seguir a lei de acordo com minhas instruções. Agora,

de acordo com a lei do Mississipi, ficarão isolados até ao fim do julgamento. Isso

significa que ficarão hospedados num motel e não podem voltar para casa antes do

fim do julgamento. Sei que é extremamente incômodo, mas é o que exige a lei. Dentro

de alguns momentos, vamos entrar em descanso até amanhã de manhã, e terão

oportunidade de telefonar para casa e pedir as suas roupas, objetos de toalete e tudo

o mais que for preciso. Passarão as noites num motel, cujo nome não será revelado,

fora de Clanton. Alguma pergunta?

Os doze pareciam atordoados com a idéia de passar vários dias fora de casa.

Pensavam nas famílias, nos empregos, na roupa para lavar. Porquê eles? De toda aquela

gente que estava no tribunal, porquê eles?

Como ninguém respondeu, Noose bateu com o martelo e a sala começou a esvaziar -

se. Jean Gillespie acompanhou o primeiro jurado até à sala do juiz, onde ela telefonou e pediu

roupas e a escova de dentes.

-

Para onde vamos? - perguntou a Jean.

-

É confidencial.

-

É confidencial - repetiu pelo telefone ao marido.

Às sete horas, as famílias tinham respondido com uma quantidade enorme de

mala s

e caixas. Os escolhidos saíram pela porta dos fundos do tribunal e embarcaram num ônibus

Greyhound, alugado. Precedido por dois carros-patrulha e um jipe do exército, e seguido por

três soldados da força pública estadual, o ônibus deu a volta à praça e s aiu de Clanton.

Stump Sisson morreu na noite de terça-feira no hospital de queimaduras de Memphis.

O corpo pequeno e gordo, mal tratado ao longo de anos, não resistiu às complicações

provocadas pelas queimaduras graves. A sua morte elevou para quatro o número de vítimas

fatais ligadas ao estupro de Tonya Hailey. Cobb, Willard, Bud Witty e agora Sisson.

A notícia da morte chegou imediatamente à cabana no meio do bosque, onde os

patriotas se reuniam, comiam e bebiam todas as noites depois do julgamento. Juraram

vingança, olho por olho e assim por diante. Havia novos recrutas de Ford County - cinco ao

todo - para fazer um total de onze rapazes locais. Estes estavam impacientes e ansiosos, e

queriam ação. O julgamento estava muito pacato. Era chegada a hora de movimentar as

coisas.

Andando de um lado para o outro diante do sofá, Jake ensaiou pela centésima

vez a

sua declaração de abertura. Ellen ouvia atentamente. Durante duas horas ela ouviu,

interrompeu, fez objeções, criticou e argumentou. Agora estava cansada. Jake atingira a

perfeição. As margaritas tinham-no acalmado e dado um banho de prata à sua língua. As

palavras fluíam com desembaraço. Jake tinha o dom da palavra. Especialmente, depois de

um ou dois copos.

Quando ele terminou, sentaram-se ambos na varanda e contemplaram as velas que

se moviam lentamente, no escuro, em volta da praça. As gargalhadas dos soldados que

jogavam pôquer nas barracas ecoavam suavemente na noite. Não havia lua. Ellen entrou

para preparar a última rodada. Voltou com as canecas de cerveja cheias de gelo e margaritas.

Pôs as canecas na mesa e ficou de pé atrás do patrão. Colocou as mãos nos ombros dele e

começou a esfregar-lhe a nuca com os polegares. Jake descontraiu-se e moveu a cabeça de

um lado para o outro. Ela massageou-lhe os ombros e a parte superior das costas e

comprimiu o corpo contra o dele.

- Ellen, são dez e meia e estou com sono. Onde vai passar a noite?

- Onde acha que devo passá-la?

- Acho que no seu apartamento em Ole Miss.

- Estou cansada demais para guiar.

- Nesbit irá levá-la.

- Onde, se me permite perguntar, é que vai dormir?

- Na casa que eu e a minha mulher possuímos, na rua Adams.

Ela parou com a massagem e pegou a caneca. Jake levantou -se, debruçou-se sobre

a grade da varanda e gritou:

- Nesbit! Acorde! Você vai até Oxford!

Carla encontrou a reportagem na segunda página do primeiro caderno. "Júri de

brancos escolhido para Hailey". Jake não tinha telefonado na noite de terça - feira. Carla leu e

até se esqueceu do café. A casa dos pais era isolada, numa par te deserta da praia. O vizinho

mais próximo ficava a duzentos metros. Todo o terreno entre as duas casas pertencia ao pai

e ele não pretendia vendê-lo. Tinha construído a casa há dez anos, quando vendera a

empresa de Knoxville e se aposentara como um homem rico. Carla era filha única e agora

Hanna seria a única neta. A casa - com quatro quartos e quatro banheiros, construída em

três planos - tinha espaço para uma dúzia de netos.

Acabou de ler a reportagem e foi até às janelas da sala de jantar, que dava pa ra a

praia e o mar. A massa brilhante, alaranjada do sol acabava de surgir no horizonte. Carla

preferia o calor da cama até bastante depois do nascer do sol, mas a vida com Jake trouxera

uma nova aventura para as primeiras sete horas do dia. O corpo dela e stava condicionado

para acordar, pelo menos, às cinco e meia. Certa vez, Jake dissera que seu objetivo era sair

para o trabalho enquanto estava escuro e voltar do trabalho quando já estava escuro.

Geralmente conseguia... Jake orgulhava-se muito de trabalhar mais horas por dia do que

qualquer outro advogado de Ford County. Ele era diferente, mas Carla amava -o.

Noventa e três quilômetros a nordeste de Clanton, Temple, a sede do condado de

Milburn, estendia-se tranqüilamente ao lado do rio Tippah. Tinha três mil habitantes e dois

motéis. O Temple Inn estava deserto não havendo nenhuma razão moral para ter algum

hóspede naquela época do ano. Na extremidade de uma das suas alas, oito quartos estavam

ocupados e guardados por soldados e dois homens da força públic a estadual. As dez

mulheres estavam se dando muito bem, assim como Barry Acker e Clyde Sisco. O suplente

negro, Ben Lester Newton, ficou sozinho em um quarto, bem como o outro

suplente, Francie

Pitts. A televisão fora desligada e nenhum jornal era permitid o.

Na terça-feira, o jantar foi servido nos quartos e o café da manhã, na quarta - feira,

chegou pontualmente às sete e meia, enquanto era aquecido o motor do Greyhound,

enchendo de fumaça de óleo diesel todo o estacionamento. Trinta minutos depois, os catorze

embarcaram e seguiram para Clanton.

No ônibus, falaram sobre as suas famílias e os seus empregos. Dois ou três já se

conheciam, os outros eram estranhos. Um tanto embaraçados, evitavam falar no motivo de

estarem juntos e na tarefa que iam executar. O juiz Noose fora muito claro nesse ponto.

Nenhuma conversa sobre o caso. Eles queriam falar sobre muitas coisas, o estupro, os

violadores, Carl Lee, Jake, Buckley, Noose, o Klan, muitas e muitas coisas. Todos sabiam

das cruzes de fogo, mas ninguém falou nesse assunto, pelo menos não no ônibus. Tinham

conversado muito nos quartos do motel.

Os jurados chegaram ao tribunal quando faltavam cinco minutos para as nove e,

através dos vidros escuros, tentavam calcular o número de negros, homens do Klan e

curiosos, separados pelas filas de soldados. O ônibus passou pela barricada e parou na parte

de trás do edifício, onde os policiais estavam a postos para os escoltarem para cima, o mais

rapidamente possível. Subiram para a sala do júri, onde os esperavam café e donu ts. O

meirinho informou-os de que eram nove horas e o meritíssimo estava pronto para começar o

julgamento. Conduziu-os para a sala cheia, até à bancada do júri.

-

Todos de pé - gritou o Sr. Pate.

-

Sentem-se, por favor - disse Noose, sentando-se pesadamente na cadeira de

couro. - Bom dia, senhoras e senhores - disse, com amabilidade, para os jurados. - Espero

que estejam todos bem esta manhã e prontos para recomeçar.

Todos inclinaram a cabeça afirmativamente.

-

Muito bem. Vou fazer a pergunta que lhes farei todas as manhãs. Alguém

tentou se comunicar com os senhores, conversar ou influenciá -los de qualquer modo, na

noite passada?

Todos negaram com a cabeça.

-

Muito bem. Os senhores discutiram o caso entre vocês? Todos mentiram,

movendo a cabeça de um lado para o outro. - Muito bem. Se alguém tentar entrar em contato

com os senhores e falar sobre o caso ou influenciá-los de qualquer modo, espero que me

informem o mais depressa possível. Compreenderam?

Todos fizeram que sim com a cabeça.

-

Agora estamos prontos para dar início ao julgamento. A primeira ordem de

serviço é permitir que os advogados façam as suas declarações iniciais. Quero avisar que

nada do que os advogados disserem é considerado testemunh o e não deve ser visto como

prova. Dr. Buckley, deseja fazer uma declaração inicial?

Buckley levantou-se e abotoou o casaco de poliéster brilhante.

-

Sim, Meritíssimo.

-

Foi o que pensei. Prossiga.

Buckley ergueu o pequeno pódio de madeira e levou-o para frente da bancada do júri.

De pé, atrás dele, respirou fundo e examinou lentamente as suas notas. Buckley gostava

daquele breve momento de silêncio, com todos os olhos pregados nele, todos os ouvidos

ansiosos pelas suas palavras. Começou por agradecer ao júri por estar ali, pelos seus

sacrifícios, pelo seu espírito cívico (como se eles tivessem escolha, pensou Jake). Disse que

se orgulhava deles e se sentia honrado por colaborar com eles naquele caso. Voltou a dizer

que era o advogado do povo. O seu cliente, o estado do Mississipi. Disse que temia a

responsabilidade que eles, o povo, lhe conferiam. Rufus Buckley, um simples advogado de

Smithfield. Falou de você mesmo e sobre o que pensava do julgamento, dos seus votos e

esperanças de poder fazer um bom trabalho ao povo desse estado.

Repetiu mais ou menos o que costumava dizer em todas as suas declarações iniciais,

mas com um desempenho muito melhor. Era refinado e polido, e bastante questionável. Jake

queria desfazer aquele efeito, mas sabia que Ichabod não ia permitir nenhuma objeção

durante a declaração inicial, a não ser que se tratasse de ofensa evidente, e a retórica de

Buckley não estava a esse nível, por enquanto. Toda aquela sinceridade fingida e

sentimentalóide irritava Jake, especialmente porque o júri ouvia e, na maioria das vezes, se

deixava levar por ela. O promotor era sempre o menino que procurava corrigir uma injustiça

e punir o criminoso por algum crime hediondo, encarcerálo para sempre para não pecar

nunca mais. Buckley era um mestre na arte de convencer o júri, já na sua declaração inicial,

de que dependia deles, de que Ele e os Doze Escolhidos iriam procurar diligentemente a

verdade, todos juntos, como uma equipe, unidos contra as forças do mal. O que procuravam

era a verdade, nada além da verdade. Encontrem a verdade e a justiça será vitoriosa. Sigam

o promotor, Rufus Buckley, o advogado do povo, e encontrarão a verdade.

O estupro foi um ato hediondo. Ele também era pai. Na verdade, tinha uma filha da

idade de Tonya Hailey e quando soube do estupro ficou extremamente chocado. Sofreu por

Carl Lee e sua mulher. Sim, pensou nas próprias filhas pequenas e pensou em vingança.

Jake sorriu para Ellen. Aquilo era interessante. Buckley preferia enfrentar o assunto

do estupro, em vez de ocultá-lo do júri. Jake tinha esperado um confronto difícil sobre a

menção do estupro por qualquer testemunha. A pesquisa feita por Ellen mostrava claramente

que não eram admissíveis os detalhes sensacionalistas, mas não era tão clara a respeito de

poder ou não ser mencionado durante o julgamento. Evidentemente, Buckley achou que seria

melhor reconhecer o estupro do que procurar escondê -lo. Boa jogada, pensou Jake, uma vez

que os doze jurados, tal como todas as pessoas, conheciam todos os detalhes.

Ellen retribuiu o sorriso. O estupro de Tonya Hailey estava prestes a ser julgado pela

primeira vez. Buckley explicou que era natural a qualquer pai pensar em vingança. Ele

também pensaria, admitiu. Mas, continuou, com a voz mais pesada, existe uma grande

diferença entre desejar vingança e vingar-se.

Buckley começava a aquecer e andava agora de um lado para o outro, ignorando o

pódio, entrando no ritmo. Lançou-se num discurso de vinte minutos sobre o sistema penal e

de como ele era praticado no Mississipi, e sobre o número de violadores que ele, Rufus

Buckley, tinha mandado para a penitenciária Parchman, quase todos condenados a prisão

perpétua. O sistema funcionava porque a população do Mississipi era bastante sensata para

fazer com que funcionasse e entraria em colapso se permitissem que pessoas como Carl Lee

Hailey, ignorando o sistema, fizessem justiça pelas próprias mãos. Imaginem! Uma sociedade

sem lei, onde os justiceiros agiam à vontade. Sem polícia, sem prisões, sem tribunais de

justiça, sem julgamentos, sem júris. Cada um por si. Não deixava de ser uma ironia, disse

ele, aliviando, por um momento, o ardor oratório. Carl Lee estava agora diante deles, pedindo

um processo e um julgamento justo, mas não acreditava em nada disso. Perguntem às mães

de Billy Ray Cobb e Pete Willard. Perguntem-lhes a elas que tipo de julgamento seus filhos

tiveram.

Fez uma pausa para que o júri e todos os presentes pudessem absorver esse último

pensamento e meditar sobre ele. O silêncio caiu pesadamente e todo o júri olhou para Carl

Lee Hailey. Não eram olhares de compaixão. Jake limpou as unhas com um pequeno

canivete, com uma expressão de tédio. Buckley fingiu rever as suas anotações no pódio,

depois olhou para o relógio. Recomeçou a falar, desta vez com um tom de voz mais confiante

e menos declamatório.

O estado ia provar que Carl Lee Hailey planejara cuidadosamente os crimes. Esperou,

durante quase uma hora, no quarto perto da escada pela qual sabia que os prisioneiros iriam

passar a caminho da cadeia. Conseguiu levar, às escondidas, uma M-16 para dentro do

edifício do tribunal.

Buckley foi até à mesinha perto da taquígrafa e ergueu a M16. "Esta é a M-16",

anunciou ao júri, sacudindo a arma no ar. Pôs a arma no pódio e explicou como fora

cuidadosamente escolhida por Carl Lee Hailey porque ele tinha usado uma igual em combate

e sabia matar com ela. Carl Lee Hailey fora treinado para usar uma M-16. Uma arma ilegal.

Que não se pode comprar no Western Auto. Ele teve que procurá -la em outro lugar. Ele

planejou tudo.

A prova seria clara: assassinato a sangue-frio, premeditado, cuidadosamente

planejado.

E havia também o sub delegado DeWayne Looney. Um veterano, há catorze anos no

departamento do xerife. Um homem de família, um dos melhores policiais que Buckley

conhecia. Ferido no cumprimento do dever por Carl Lee Hailey. A perna foi parcialmente

amputada. Qual o seu crime? Talvez a defesa diga que foi acidental, que não deve ser levado

em conta. Essa defesa não é válida no Mississipi.

-

Senhoras e senhores, não há nenhuma desculpa para toda esta

violência. O veredicto deve ser culpado.

Cada advogado dispunha de uma hora para a sua declaração inicial, e a sedução

dessa abundância de tempo mostrou-se irresistível para o promotor, cujas observações se

tornaram repetitivas.

Perdeu-se duas vezes numa digressão, ao condenar o recurso da alegação de

insanidade mental. Os jurados agora pareciam cansados e procuravam outros pontos de

interesse na sala. Os artistas pararam de desenhar e Noose limpou os óculos sete ou oito

vezes. Todos sabiam que Noose limpava os óculos para se manter acordado e lutar contra o

aborrecimento e geralmente fazia isso durante todo o julgamento. Jake já o vira limpar as

lentes com um lenço, a ponta da gravata ou da camisa, enquanto as testemunhas perdiam o

controle e choravam e os advogados agitavam os braços um para o outro em acalorada

discussão. Noose não perdia uma palavra, uma objeção, um artifício, apenas estava farto de

tudo aquilo, mesmo em um caso dessa amplitude. Ele não dormia nunca no tribunal, embora

às vezes a tentação fosse grande. Em vez disso, tirava os óculos, erguia-os contra a luz,

bafejava as lentes e esfregava-as como se estivessem cobertas de graxa seca, depois

ajeitava os óculos no nariz, imediatamente acima da verruga. Menos de cinco

minutos depois,

estavam sujos outra vez. Quanto mais se estendia a ladainha de Buckley, mais as lentes

precisavam ser limpas.

Finalmente, depois de uma longa hora, Buckley calou-se e todo o tribunal suspirou

aliviado.

-

Intervalo de dez minutos - anunciou Noose e levantou-se da cadeira,

passou pela porta, pelo gabinete do juiz, e entrou no banheiro.

Jake tinha planejado uma breve exposição e depois da maratona de Buckley resolveu

que seria mais curta ainda. Para começar, a maioria das pessoas não gosta de advogados,

especialmente advogados enfadonhos, prolixos, que acham necessário repetir duas ou três

vezes cada ponto insignificante da sua peroração e que martelam e explicam os mais

importantes com uma repetição constante. Os jurados, em especial, detestam advogados

que desperdiçam tempo, por dois motivos. Primeiro, não podem mandá-los se calar. São uma

audiência cativa. Fora do recinto do tribunal, qualquer um pode insultar um advogado e

mandá-lo ficar quieto, mas na bancada do júri, todos são obrigados a ouvir e proibidos de

falar. Por isso, dormem, ressonam, ficam com os olhos parados, remexem-se na cadeira,

consultam o relógio, qualquer um desses sinais que os advogados enfadonhos nunca

reconhecem. Segundo, os jurados não gostam de julgamentos longos. Ponha de lado as

baboseiras e vamos ao assunto. Dê-nos os fatos que nós daremos o veredicto. Explicou isso

ao seu cliente durante o intervalo.

-

Concordo. Seja breve - disse Carl Lee.

Jake obedeceu. Uma exposição de catorze minutos e o júri ouviu cada uma das

palavras. Jake começou por falar de filhas e de como elas são especiais. De como são

diferentes dos meninos e precisam de proteção especial. Falou da sua filha e do sentimento

que existia entre pai e filha, um elo que não pode ser explicado e que não deve ser violado.

Admitiu que admirava o Dr. Buckley e a sua suposta capacidade de perdoar e sentir

compaixão por qualquer pervertido bêbado que violentasse a sua filha. Sem dúvida, ele era

um grande coração. Mas, na verdade, podiam eles, como jurados e como pais, reagir com

tanta indulgência e mansidão se a sua filha fosse violentada, por dois animais brutais,

bêbados e drogados que a amarraram numa árvore e...

-

Protesto! - gritou Buckley.

-

Deferido! - gritou Noose.

Jake ignorou os gritos e continuou suavemente. Pediu aos jurados para imaginarem,

durante o julgamento, o que sentiriam se fosse a sua filha. Pediu que não condenassem Carl

Lee, mas que o mandassem de volta à sua família. Não mencionou insanidade. Todos sabiam

que ia ser mencionada. Jake terminou em pouco tempo, aprese ntando ao júri um contraste

marcante entre os dois estilos.

-

É tudo? - perguntou Noose, perplexo.

Jake fez um gesto afirmativo e sentou-se ao lado do seu cliente.

-

Muito bem, Dr. Buckley, pode chamar a sua primeira testemunha.

-

O estado chama Cora Cobb.

O meirinho foi até a sala das testemunhas e voltou com a Sra. Cobb, que depois de

prestar juramento diante de Jean Gillespie, se sentou no banco das testemunhas.

-

Fale pelo microfone - disse o meirinho.

-

A senhora é Cora Cobb? - perguntou Buckley em voz alta, atrás do

pódio que estava agora ao lado da grade divisória.

-

Sim, senhor.

-

Onde mora?

-

Na Lake Village, Ford County.

-

É a mãe do falecido Billy Ray Cobb?

-

Sim, senhor - disse ela com lágrimas nos olhos.

Cora era uma mulher do campo, abandonada pelo marido quando os filhos eram

pequenos. Estes tinham se criado sozinhos, enquanto ela trabalhava dois períodos numa

fábrica de móveis, entre Karaway e Lake Village. Muito cedo, perdera o controle sobre os

filhos. Tinha uns cinqüenta anos, procurava aparenta r quarenta com o cabelo

pintado e a

maquiagem, mas podia facilmente passar por sessenta e poucos.

-

Que idade tinha o seu filho quando foi morto?

-

Vinte e três.

-

Quando o viu com vida pela última vez?

-

Alguns segundos antes de ser morto.

-

Onde o viu?

-

Aqui, neste tribunal.

-

Onde foi ele morto?

-

No primeiro andar.

-

A senhora ouviu os tiros que mataram o seu filho? Ela começou a

chorar.

-

Sim, senhor.

-

Onde o viu pela última vez?

-

Na casa funerária.

-

Como estava ele?

-

Morto.

-

Não tenho mais perguntas - disse Buckley. - Deseja interrogar a

testemunha, Dr. Brigance?

Cora era uma testemunha inofensiva, chamada apenas para estabelecer o fato de

que a vítima estava realmente morta e para provocar alguma empatia no júri. Jake não tinha

nada a ganhar com uma reinquirição e normalmente a defesa não fazia perguntas. Mas Jake

viu uma oportunidade que não podia perder. Viu a oportunidade de mudar o tom do

julgamento, de acordar Noose, Buckley e o júri. De despertar a atenção de todos. O

sofrimento de Cora não era real. Grande parte era fingimento. Provavelmente

Buckley a tinha

instruído para chorar bastante.

-

Apenas umas perguntas - disse Jake passando por trás de Buckley e

Musgrove e chegando ao pódio.

O promotor suspeitou imediatamente de alguma artimanha.

-

Sra. Cobb, é verdade que o seu filho foi condenado por vender droga?

-

Protesto! - rugiu Buckley, levantando-se de um salto. - O passado

criminal da vítima é inadmissível!

-

Deferido!

-

Obrigado, Meritíssimo - disse Jake formalmente, como se Noose lhe

estivesse fazendo um favor.

Ela enxugou os olhos e chorou com mais força.

-

A senhora disse que o seu filho tinha vinte e três anos quando morreu?

-

Sim.

-

Nos seus vinte e três anos de vida, quantas outras crianças ele

violentou?

-

Protesto! Protesto! - berrou Buckley, sacudindo os braços no ar e

olhando desesperado para Noose, que bocejava.

-

Deferido! O senhor extrapolou, Dr. Brigance! Extrapolou!

A Sra. Cobb caiu no choro e soluçou incontrolavelmente no meio da gritaria. Teve o

cuidado de manter o microfone junto ao rosto, e os seus lamentos ecoavam pela sala.

-

Ele deve ser admoestado, Meritíssimo! - exigiu Buckley, os olhos e o rosto

brilhando de fúria e o pescoço muito vermelho.

-

Retiro a pergunta - disse Jake em voz alta, voltando ao seu lugar.

-

Golpe baixo, Brigance - resmungou Musgrove.

-

Por favor, advirta-o - pediu Buckley - e dê instruções ao júri para não

considerar a pergunta.

-

Mais alguma pergunta? ,- indagou Noose.

-

Não - respondeu Buckley, correndo para o banco das testemunhas com um

lenço na mão para socorrer a Sra. Cobb, que soluçava e se sacudia violentamente, o rosto

enterrado nas mãos.

-

Está dispensada, Sra. Cobb - disse Noose.-- Meirinho, por favor, ajude a

testemunha.

O meirinho segurou-lhe no braço e, ajudado pelo Dr. Buckley, a fez descer do banco

das testemunhas, passar pela frente dos jurados, pela barra do tribunal e caminhar pela

passagem central.

Durante todo o trajeto ela soluçava alto e gemia e o volume foi au mentando, de modo

que quando chegou à porta do tribunal gritava a plenos pulmões. Noose olhou furioso para

Jake até ela sair e a sala ficar silenciosa. Voltou-se então para o júri e disse:

-

Por favor, não considerem a última pergunta do Dr. Brigance.

-

Para que fez isto? - perguntou Carl Lee.

-

Explico depois.

-

O estado chama Eamestine Willard - anunciou Buckley, em voz mais

baixa e hesitante.

A Sra. Willard foi conduzida da sala das testemunhas para o recinto do tribunal.

Prestou juramento e sentou-se.

- A senhora é Eamestine Willard? - perguntou Buckley.

- Sim, senhor - respondeu ela, com voz baixa.

A Sra. Willard também fora maltratada pela vida, mas tinha uma certa dignidade que

a tornava mais patética e mais fiável do que a Sra. Cobb. Estava vestida c om roupas baratas,

mas limpas e bem passadas. O cabelo tinha a cor natural, sem a tinta preta e vulgar do cabelo

da Sra. Cobb. Não usava maquiagem. Quando começou a chorar, chorou discretamente.

-

E onde mora?

-

Perto de Lake Village.

-

Pete Willard era seu filho?

-

Sim, senhor.

-

Quando o viu com vida pela última vez?

-

Bem aqui nesta sala, um pouco antes dele ser morto.

-

Ouviu os tiros que o mataram?

-

Sim, senhor.

-

Onde o viu pela última vez?

-

Na casa funerária.

-

Como estava ele?

-

Estava morto - disse ela, enxugando as lágrimas com um lenço de papel.

-

Lamento - disse Buckley. - Não tenho mais perguntas - acrescentou,

olhando atentamente para Jake.

-

Deseja interrogar a testemunha, Dr. Brigance?

-

Apenas duas perguntas - disse Jake.

-

Sra. Willard, eu sou Jake Brigance. - De pé, atrás do pódio, olhou para

ela sem compaixão. Ela fez um gesto afirmativo. - Que idade tinha o seu filho quando

morreu?

-

Vinte e sete.

Buckley empurrou a cadeira e sentou-se na ponta, pronto para o salto. Noose tirou os

óculos e inclinou-se para frente. Carl Lee baixou a cabeça.

-

Nos seus vinte e sete anos de vida, quantas outras crianças ele

violentou?

Buckley levantou-se de um salto.

-

Protesto! Protesto! Protesto!

-

Deferido! Deferido! Deferido! A gritaria assustou a Sra. Willard e ela

chorou mais alto.

-

Advirta-o, Sr. Dr. Juiz! Ele deve ser admoestado!

-

Retiro a pergunta - disse Jake, voltando para seu lugar.

Buckley agitou as mãos no ar.

-

Mas isso não basta, Sr. Juiz! Ele deve ser advertido!

-

Todos no meu gabinete - ordenou Noose. Dispensou a testemunha e

determinou que a sessão estava suspensa até à uma da tarde. Harry Rex esperava

na varanda do segundo andar no escritório de Jake com sanduíches e uma garrafa

de margaritas. Jake preferiu suco de laranja. Ellen bebeu só uma, pequenina, para

acalmar os nervos, disse ela. Pela terceira vez o almoço fora preparado por Dell, que

o entregou pessoalmente no escritório de Jake. Cortesia do Coffee Shop.

Comeram e descansaram na varanda, observando o carnaval em volta do tribunal.

-

Que aconteceu no gabinete do juiz? - quis saber Harry Rex. Jake deu uma dentada na sanduíche e disse que não queria falar sobre o julgamento. - Que diabo, que aconteceu no gabinete do juiz?

-

Os Cardinais estão à frente com três pontos, sabia, Row Ark?

-

Pensei que fossem quatro.

-

Que aconteceu no gabinete do juiz?

-

Quer mesmo saber?

-

Sim, quero!

-

Muito bem! Tenho de ir ao banheiro. Eu digo quando voltar.

Jake saiu.

-

Row Ark, o que foi que aconteceu no gabinete do juiz?

-

Nada de especial. o juiz Noose deu uma bronca no Jake, sem nenhum dano permanente. Buckley queria sangue, e Jake disse que tinha certeza de que

todos iam ver sangue se o rosto do Buckley ficasse mais vermelho. Buckley gritou e

esbravejou, acusando Jake de inflamar deliberadamente o júri, foram estas as

palavras dele. Jake limitou-se a sorrir e disse que tinha muita pena, governador...

Cada vez que ele dizia governador, o Buckley desatava a gritar para o juiz Noose, "ele

está me chamando de governador, Sr. Dr. juiz, faça alguma coisa", e o juiz Noose

dizia, "por favor, meus senhores, espero que ajam como profissionais", e Jake dizia,

"muito obrigado, Meritíssimo, obrigado, Meritíssimo". Depois, esperava alguns

minutos e tratava o Buckley outra vez por governador.

-

Porque fez ele chorar aquelas duas mulheres?

-

Foi uma jogada brilhante, Harry Rex. Ele mostrou ao júri, à Noose, ao

Buckley, e a todos, que aquela sala de tribunal é dele e que não tem medo de ninguém

ali dentro. Fez o primeiro ataque dele. Deixou o Buckley tão nervoso que nunca mais

ele vai conseguir se acalmar. O juiz Noose o respeita por ele não se deixar intimidar.

O júri ficou chocado, mas isso os acordou, alertando-os para o fato de que estão numa

guerra. Uma jogada brilhante.

-

Sim, também achei.

-

Não nos prejudicou. Aquelas mulheres queriam simpatia, mas Jake lembrou ao júri o que doces filhinhos delas tinham feito antes de morrerem.

-

Aqueles estupores!

-

Se o júri tiver algum ressentimento, estará esquecido quando a última testemunha for interrogada.

-

Jake é bastante hábil, não é?

-

Ele é bom. Muito bom. O melhor que já vi com a idade dele.

-

Espere até ouvir a argumentação final. Já ouvi umas duas vezes. Ele é capaz de fazer chorar um sargento instrutor.

Jake voltou e bebeu uma pequena dose de margarita. Apenas para acalmar os nervos. Harry Rex bebeu como uma esponja.

Depois do almoço, Ozzie foi a primeira testemunha do estado. Buckley mostrou plantas grandes e coloridas do primeiro e do segundo andar d o prédio do

tribunal e os dois

juntos reconstituíram com precisão os últimos movimentos de Cobb e Willard.

Depois, Buckley mostrou uma coleção de fotografias 40 x 60 dos corpos de Cobb e

Willard na escada. Eram horripilantes. Jake já vira muitas fotos de pessoas mortas, e embora

nenhuma fosse especialmente agradável, dada a sua natureza, umas eram piores do que

outras. Num dos seus casos a vítima recebera um tiro de uma 357 no coração e caíra

simplesmente na varanda. Era um homem grande e musculoso e a bala não atravessou o

corpo. Assim, não havia sangue, apenas um pequeno orifício no macacão e outro, fechado,

no peito. Era como se, ao curtir a bebedeira, tivesse escorregado da cadeira e caído no chão,

como acontecia com Lucien. Não era nada espetacular e Buckley não as mostrara com

orgulho. Nem estavam ampliadas. Ele apenas as entregou ao júri, visivelmente aborrecido

com o fato de serem tão limpas.

Mas a maioria das fotos de assassinatos eram feias e impressionantes, com sangue

nas paredes e no teto, e pedaços dos corpos espalhados por toda a parte. Essas, o promotor

mandava sempre ampliar e as apresentava como prova com muita encenação,

depois

acenava com elas para os espectadores, enquanto ele e a testemunha descreviam a cena.

Finalmente, com o júri vibrando de curiosidade, Buckley delicadamente pedia ao juiz

autorização para mostrar as fotografias ao júri e o juiz consentia sempre. Buckley e todas as

pessoas na sala observavam, então, a reação do júri, de choque, horror e até mesmo de

náusea. Jake tinha visto dois jurados vomitarem quando viram a fotografia de um corpo

esfaqueado.

Essas fotografias eram extremamente prejudiciais e provocatórias, e também

extremamente admissíveis. "Probatórias", era a palavra usada pelo Supremo Tribunal. De

acordo com noventa anos de decisões do tribunal, podiam ajudar o júri. Era ponto pacífico no

Mississipi que, independentemente do seu impacto, essas fotografias eram sempre

admissíveis no julgamento.

Jake vira as fotografias de Cobb e Willard algumas semanas antes, apr esentara a

objeção de praxe e recebera o indeferimento da praxe.

As fotografias apresentadas agora por Buckley foram profissionalmente montadas

como pôsteres, coisa que o promotor nunca tinha feito antes. Passou a primeira à jurada

Reba Betts. Era a fotografia da cabeça e do cérebro de Willard tirada de muito perto.

-

Meu Deus! - arquejou ela, mostrando-a a outro jurado, que olhou

horrorizado e a passou adiante. Foram passando de mão em mão e depois aos

suplentes. Buckley recolheu-a e deu outra a Reba. O ritual continuou, durante trinta

minutos, até que todas as fotografias foram devolvidas ao promotor. Em seguida, ele

pegou a M-16 e a empurrou na direção de Ozzie.

-

Pode identificar isto?

-

Sim, é a arma encontrada na cena do crime.

-

Quem a encontrou na cena do crime?

-

Fui eu.

-

E que fez com ela?

-

Embrulhei-a em um saco plástico e guardei-a no cofre da cadeia. Eu

a mantive fechada até a entregar ao Sr. Laird, do laboratório criminal de Jackson.

-

Meritíssimo, o estado gostaria de apresentar esta arma como o

elemento material de prova S-13 - disse Buckley, brandindo-a freneticamente.

-

Nenhuma objeção - disse Jake.

-

Não temos nada mais a perguntar a esta testemunha - disse Buckley.

-

Deseja interrogar a testemunha, Dr. Brigance?

Jake consultou as suas anotações, enquanto se aproximava com passos lentos do

pódio. Tinha algumas perguntas para o seu amigo.

-

Xerife, o senhor efetuou a prisão de Billy Ray Cobb e Pete Willard?

Buckley empurrou a cadeira para trás e sentou-se na ponta, pronto para saltar e gritar,

se fosse necessário.

-

Sim - disse o xerife. - Porquê?

-

Pelo estupro de Tonya Hailey - respondeu Ozzie claramente.

-

E que idade tinha ela quando foi violada por Cobb e Willard?

-

Dez anos.

-

É verdade que Pete Willard assinou uma confissão escrita em...

-

Protesto! Protesto! Meritíssimo! Isto é inadmissível e o Dr. Brigance o sabe muito bem.

Ozzie meneou afirmativamente a cabeça durante a objeção.

-

Deferido.

Buckley tremia.

-

Peço que a pergunta seja riscada do registro e que o júri seja instruído para a não levá-la em conta.

-

Retiro a pergunta - disse Jake a Buckley com um sorriso.

-

Por favor, ignorem a última pergunta do Dr. Brigance - ordenou Noose ao júri.

-

Não tenho mais perguntas - disse Jake.

-

Vai contra-interrogar a testemunha, Dr. Buckley?

-

Não, senhor.

-

Muito bem, Xerife, pode descer.

A testemunha seguinte de Buckley foi um técnico em impressões digitais, de

Washington, que passou uma hora dizendo aos jurados o que eles sabiam há semanas. A

dramática conclusão final dele ligava de maneira inequívoca as impressões encontradas na

M-16 com as de Carl Lee Hailey. Depois, foi a vez do especialista em balística, do laboratório

criminal do estado, cujo depoimento foi tão cansativo e tão pouco informativo como o de seu

predecessor. Sim, sem dúvida, os fragmentos recolhidos na cena do crime foram disparados

pela M-16 que estava ali em cima da mesa. Essa era a sua opinião definitiva, e com os

gráficos e diagramas, exigiu de Buckley uma hora para transmiti-la ao júri. Excessos

promotoriais, como Jake dizia, uma debilidade de que padeciam todos os promotores.

A defesa não tinha perguntas a fazer a nenhum dos especialistas e, às cinco e quinze,

Noose despediu-se dos jurados com instruções rigorosas para não discutirem o caso. Todos

inclinaram a cabeça delicadamente enquanto saíam da sala. Depois, Noose bateu com o

martelo e anunciou a interrupção até às nove da manhã.

TRINTA E SEIS

O importante dever cívico de servir no júri deixou rapidamente de ser uma novidade.

Na segunda noite, os telefones foram retirados do Temple Inn - ordens do juiz. Algumas

revistas velhas doadas pela biblioteca de Clanton circularam entre os jurados e foram postas

de lado. Ninguém estava muito interessado nos artigos de The New Yorker, The Smithsonian

e Architectural Digest.

- Não tem nenhuma Penthouse? - perguntou baixinho Clyde Sisco ao meirinho,

quando ele distribuiu as revistas.

O meirinho disse que não, mas ia ver se podia arranjar. Confinados nos quartos, sem

televisão, jornais ou telefones, pouco faziam além de jogar cartas e conversar sobre o

julgamento. Uma ida ao final do corredor para buscar gelo e um refrigerante tornou -se uma

ocasião especial, coisa que os companheiros de quarto planejavam e faziam rotativamente.

O tédio envolvia-os pesadamente.

Em cada extremidade do corredor, dois soldados guardavam o escuro e a solidão, o

silêncio interrompido apenas pelo aparecimento sistemático dos jurados com moedas para a

máquina de refrigerantes. O sono chegava cedo e quando as sentinelas batiam à porta, às 6

da manhã, todos os jurados estavam acordados, alguns até já vestidos.

Devoraram o café da manhã de quinta-feira, panquecas e salsichas, e embarcaram

rapidamente no ônibus às oito horas, para a viagem de volta a Clanton.

Pelo quarto dia consecutivo, a antecâmara do tribunal estava cheia de gente, às oito

horas. Os espectadores tinham aprendido que às oito e meia todos os lugares estavam

ocupados. Prather abriu a porta e as pessoas entraram em fila, passando pelo detector de

metais e pelos olhares atentos dos policiais, antes de entrar na sala do tribunal, onde os

negros ocupavam o lado esquerdo e os brancos o lado direito. Hastings tinha reservado,

novamente, a primeira fila para Gwen, Lester, as crianças e outros parentes. Agee e outros

membros do conselho estavam na segunda fila com os parentes que não encontraram lugar

na primeira. Agee alternava sua presença na sala do julgamento com suas atividades fora do

edifício, ao lado dos outros pastores. Pessoalmente, preferia a sala do tribunal, onde estava

mais seguro, mas sentia falta das câmeras e dos repórteres, tão numerosos no gramado lá

de fora. À sua direita, no outro lado da passagem, estavam as famílias e amigos das vítimas.

Até então, todos estavam se portando muito bem.

Alguns minutos antes das nove, Carl Lee foi escoltado para fora da pequena sala de

espera. As algemas foram retiradas. Com um largo sorriso para a família, sentou-se na sua

cadeira. Os advogados tomaram os seus lugares e a sala ficou silenciosa. O meirinho enfiou

a cabeça na porta ao lado da bancada do júri e, satisfeito com o que viu, abriu a porta e

deixou passar os jurados. O Sr. Pate observava todo o movimento da porta que dava para o

gabinete do juiz e, quando tudo estava em ordem, deu um passo em frente e gritou:

-

Todos de pé!

Ichabod, com sua toga favorita, amarrotada e desbotada, subiu ao estrado, sentou-

se na cadeira e mandou que todas as pessoas se sentassem. Cumprimentou o júri e quis

saber o que tinha acontecido ou não tinha acontecido desde a véspera. Olhou para os

advogados.

-

Onde está o Dr. Musgrove?

-

Vai chegar um pouco atrasado, Meritíssimo. Estamos prontos para

prosseguir - disse Buckley.

-

Chame a sua próxima testemunha - ordenou Noose a Buckley.

O patologista do laboratório criminal do estado foi chamado na antecâmara e entrou

na sala. Normalmente, estaria muito ocupado para um simples julgamento e teria mandado

um dos seus assistentes para explicar ao júri exatamente o que tinha provocado a morte de

Cobb e de Willard. Mas este era o caso Hailey e ele achou que devia comparecer

pessoalmente. Na verdade, era o caso mais simples que tinha visto nos últimos tempos. Os

corpos tinham sido encontrados ainda com vida, a arma estava ao lado dos corpos, e havia

perfurações em número suficiente nos dois homens para matálos uma dezena de vezes.

Todos sabiam como aqueles homens tinham morrido. Mas o promotor insistiu numa

descrição patológica minuciosa, assim, o médico sentou-se no banco das testemunhas, na

quinta-feira de manhã, munido de uma infinidade de fotografias das autópsias e de gráfi cos

anatômicos coloridos.

Um pouco antes, no gabinete do juiz, Jake propusera que fossem eliminados os

testemunhos sobre as causas das mortes, mas Buckley não concordara. Não, senhor, ele

queria que o júri ouvisse e soubesse como os homens tinham morrido.

-

Admitiremos que morreram devido aos ferimentos múltiplos

provocados pelas balas de M-16 - disse Jake.

-

Não, senhor. Tenho o direito de provar isso - disse Buckley, teimoso.

-

Mas ele está se oferecendo para concordar quanto às causas da

morte - disse Noose, incrédulo.

-

Eu tenho o direito de provar - insistiu Buckley.

E assim fez. Num caso clássico de excessos promotoriais, Buckley provou tudo. Ao

longo de três horas, o patologista disse quantas balas tinham atingido Cobb e quantas tinham

atingido Willard e o que cada bala provocara ao penetrar e o terrível dano daí resultante. Os

gráficos anatômicos foram expostos em cavaletes diante do júri, e o perito pegou numa

bolinha de plástico numerada que representava uma bala e movimentou -a, devagarinho,

através do corpo. Catorze bolinhas para Cobb e onze para Willard. Buckley fazia uma

pergunta, obtinha uma resposta e interrompia para se alongar sobre um ponto.

-

Meritíssimo, estamos dispostos a concordar quanto às causas da morte -

anunciava Jake, inteiramente frustrado, a cada meia hora que passava.

-

Não senhor - respondia Buckley muito sério, e passava para outra bolinha.

Jake afundava-se na cadeira, meneava a cabeça e olhava para os jurados, para aqueles que

estavam acordados.

O médico terminou ao meio-dia e Noose, cansado e morto de tédio, concedeu duas

horas de intervalo para o almoço. Os jurados foram despertados pelo meirinho e conduzidos

à sala do júri onde comeram churrasco especial em pratos de plástico, jogando cartas depois.

Estavam proibidos de sair do edifício do tribunal.

Em qualquer cidadezinha do sul há sempre um garoto que nasceu com vontade de

ganhar dinheiro rapidamente. Era o garoto que, aos cinco anos, montava a primeira barraca

de limonada na sua rua e cobrava vinte e cinco centavos por um co po de água com sabor

artificial de limão. Sabia que o gosto era horrível, mas sabia que os adultos

achavam que o

pequeno comerciante era adorável. Ele era o primeiro garoto da rua a comprar um cortador

de grama a prestações, na Western Auto, e a bater às portas em Fevereiro, a fim de arranjar

trabalho de jardinagem para o Verão. Era o primeiro garoto a pagar a própria bicicleta, que

usava de manhã e de tarde para entregar jornais. Vendia cartões de Natal às velhinhas em

Agosto. Vendia bolos de frutas, de porta em porta, em Novembro. Nas manhãs de sábado,

quando os amigos viam desenhos animados na televisão, ele estava nas feiras vendendo

amendoins torrados e cachorros-quentes. Aos doze anos recebia a sua primeira caderneta

bancária. Tinha o seu próprio banqueiro. Aos quinze, pagava à vista a pick-up, no mesmo dia

em que passava no exame de direção. Comprava um trailer para acoplar na caminhonete e

enchia-a de equipamento de jardinagem. Vendia camisetas nos jogos de futebol do liceu. Era

um furão; um futuro milionário.

Em Clanton, chamava-se Hinky Myrick. Dezesseis anos. Ele aguardou nervosamente,

na antecâmara, até ao intervalo para o almoço. Depois passou pelos policiais e entrou na

sala do tribunal. Os lugares eram tão preciosos que poucos espectadores saía m para

almoçar. Alguns ficavam de pé, olhavam sisudos para os vizinhos, apontavam para a própria

cadeira, informando todos que o lugar era seu e que só saíam para irem ao banheiro. Mas a

maior parte ficava sentada, guardando o seu espaço precioso durante t odo o tempo do

intervalo.

Hinky pressentiu uma oportunidade. Ele sabia reconhecer as necessidades das

pessoas. Na quinta-feira, tal como fizera na quarta, entrou na sala do tribunal empurrando

um carrinho com sanduíches variados e refeições em recipientes de plástico. Começou a

gritar anunciando os seus produtos para os que estavam na outra extremidade dos bancos e

o pedido passava de mão em mão. Foi empurrando o carrinho até a parte de trás da sala.

Hinky era um tubarão. Uma sanduíche de atum em pão de fo rma custava dois dólares. Para

ele saía por um dólar e vinte e cinco. Um refrigerante em lata custava um dólar e meio. Mas

todos estavam dispostos a pagar os preços dele para garantir os lugares. O carrinho

esvaziava-se antes de chegar à quarta fila, a partir da frente, e Hinky começou a anotar os

pedidos. Hinky era o homem providencial.

Com uma mão-cheia de pedidos, saiu correndo do edifício, atravessou o gramado,

abriu caminho por entre o grupo de negros, atravessou a rua Caffey e entrou no Claude's.

Correu para a cozinha, deu vinte dólares ao cozinheiro e os pedidos. Esperou, olhando para

o relógio. O cozinheiro trabalhava muito devagar. Hinky deu -lhe mais vinte dólares.

Claude nunca seria capaz de imaginar a onda de prosperidade provocada pelo

julgamento. O café da manhã e o almoço no seu pequeno restaurante eram agora

verdadeiros happenings, com o número de fregueses sempre maior do que o número de

cadeiras e a fila no passeio à espera de uma mesa sob o sol escaldante. A seguir à

interrupção para almoço, na segunda-feira, Claude percorreu o centro de Clanton e comprou

todas as mesas de jogo e cadeiras que encontrou. À hora do almoço, as passagens entre as

mesas desapareciam e as empregadas eram obrigadas a difíceis manobras no meio das

pessoas, negros na sua grande maioria.

O julgamento era o único tema das conversas. Na quarta -feira, a composição do júri

foi criticada acerbamente. Na quinta-feira, todos falavam da crescente antipatia que sentiam

pelo promotor.

- Ouvi dizer que ele quer ser candidato a governador.

- Ele é democrata ou republicano?

- Democrata.

- Não pode vencer sem o voto dos negros, não neste estado.

- É verdade, e não vai ter muitos depois deste julgamento.

- Espero que seja candidato.

- Ele parece um republicano.

Antes do julgamento, na hora do almoço, em Clanton, começava ao meio-dia menos

dez, quando as secretárias jovens, bronzeadas, bonitinhas e bem vestidas dos bancos, firmas

de advocacia, companhias de seguros e do tribunal deixavam as suas mesas de trabalho e

saíam para a rua. À hora do almoço, elas tratavam de várias coisas na praça. Iam ao correio.

Aos bancos. Faziam compras. A maioria comprava o almoço na Casa Chinesa e comia nos

bancos do parque à sombra das árvores, em volta do edifício do tribunal. Encontravam

amigos e conversavam. Ao meio-dia, o coreto, em frente do tribunal, atraía mais mulheres

bonitas do que um concurso de Miss Mississipi. Era uma tradição, em Clanton, as garotas

chegarem primeiro à praça e só voltarem para o trabalho à uma hora. Os homens chegavam

ao meio-dia e ficavam a contemplá-las.

Mas o julgamento mudou tudo. As sombras das árvores, em volta do tribunal, eram

agora zona de combate. Os cafés, das onze da manhã à uma da tarde, abarrotavam de

soldados e de estranhos, que não encontravam lugar na sala do tribunal. A Casa Chinesa

enchia-se de estranhos. As garotas dos escritórios faziam o que tinham de fazer e comiam

nas suas mesas.

No Tea Shop, os banqueiros e outros profissionais liberais falavam sobre o

julgamento, mais em termos de publicidade e do modo como a cidade estava sendo

vista. Nenhum deles conhecia alguém ligado ao Klan, há muito tempo esquecido no norte do

Mississipi. Mas os abutres adoravam os mantos brancos, e para o mundo lá fora, Clanton,

Mississipi, era o centro do Ku Klux Klan. Detestavam o Klan por este ali estar. Criticavam a

imprensa por mantê-los na cidade.

No almoço das quintas-feiras, o prato especial do dia, na Coffee Shop, era costeletas

de porco fritas, nabiças e batata-doce caramelizada, creme de milho ou quiabo frito. Dell

serviu o prato especial do restaurante à cunha e perfeitamente dividido entre locais, estranhos

e soldados. A lei, não escrita mas estabelecida, de não falar com ninguém que usasse barba

ou que tivesse um sotaque diferente, era observada à risca e, para aqu ela gente amigável,

era difícil não sorrir e conversar com as pessoas de fora. Uma arrogância silenciosa substituía

agora o acolhimento caloroso dos primeiros dias depois dos crimes. Vários profissionais da

imprensa tinham traído os seus anfitriões, com palavras ofensivas e injustas, nos artigos

sobre a cidade e os seus habitantes. Era espantoso como eles podiam chegar de todos os

cantos do país e, em menos de vinte e quatro horas, se tornarem especialistas em tudo o

que dizia respeito a um lugar do qual nunca tinham ouvido falar e de uma gente que não

conheciam.

As pessoas de Ford County viam-nos correr como idiotas atrás do xerife, do promotor,

do advogado de defesa, ou de qualquer pessoa que pudesse saber qualquer coisa. Viam-

nos nos fundos do edifício do tribunal como lobos famintos, prontos a lançarem-se sobre o

acusado, invariavelmente cercado por policiais e que invariavelmente ignorava as perguntas

ridículas gritadas à sua volta. A população olhava com desagrado para as câmeras

assestadas sobre os homens do Klan e do grupo de negros, sempre à procura dos elementos

mais radicais e depois mostrando-os como padrões. Observavam-nos e odiavam-nos.

-

O que é aquela porcaria cor de laranja na cara dela? - perguntou Tim

Nunley, olhando para a repórter sentada em uma mesa perto da janela.

Jack Jones mastigou o quiabo e estudou a cara cor de laranja.

-

Acho que é qualquer coisa que usam para as câmeras. Faz a cara

dela parecer branca na televisão.

-

Mas já é branca.

-

Eu sei, mas não aparece branco na televisão se não estiver pintado

de laranja.

Nunley não ficou convencido.

-

Então, o que usam os negros na TV? - perguntou.

Ninguém soube responder.

-

Você a viu na TV, a noite passada? - perguntou Jack - Não. De onde

é ela?

-

De Memphis. Ontem à noite, entrevistou a mãe de Cobb, e é claro que

tanto fez que a mulher acabou em lágrimas. Tudo quanto mostraram foi o choro dela.

Uma chatice! Na noite anterior, entrevistou um homem do Klan, de Ohio, falando do

que nós precisamos aqui, no Mississipi. Ela é a pior de todas.

A promotoria encerrou o seu caso contra Carl Lee Hailey, na tarde da quinta - feira.

Depois do almoço, Buckley pôs Murphy no banco das testemunhas. Foi um testemunho

irritante e cansativo. O pobre homem gaguejou incontrolavelmente durante uma hora.

-

Acalme-se, Sr. Murphy - disse Buckley umas cem vezes. Murphy fazia

um gesto afirmativo e bebia um gole de água. Abanava a cabeça afirmativa ou

negativamente, sempre que era possível, mas a taquígrafa tinha dificuldade em ver

os seus movimentos de cabeça.

-

Não entendi - dizia ela, de costas para a testemunha. Murphy tentava

responder e ficava engasgado, geralmente num "p" ou num "t". De repente dizia

algumas palavras, depois gaguejava incoerentemente.

-

Não entendi - dizia ela, desanimada, quando ele parava de falar.

Buckley suspirava. Os jurados remexiam-se furiosamente nas cadeiras. Metade dos

espectadores roia as unhas.

-

Quer repetir? - dizia Buckley, com toda a paciência de que era capaz.

-

Desh-sh-sh-sh-culpe - dizia Murphy constantemente. Era patético. Por

fim, ficou estabelecido que ele estava bebendo uma Coca-Cola na escada dos fundos,

de frente para a escada onde os homens tinham sido mortos. Ele viu um homem negro

espreitando pela porta de um pequeno armário a uns doze metros de onde ele estava.

Mas não deu importância. Então, quando os homens desceram a escada, o homem

negro saiu do armário e abriu fogo, aos berros e a rir. Quando acabou de disparar,

atirou a arma para longe e desapareceu. Sim, era ele, sentado ali. O negro.

Noose fez buracos nas lentes dos óculos de tanto esfregá-los, durante o depoimento

de Murphy. Quando Buckley se sentou, o juiz olhou desesperado para Jake.

-

Vai interrogar a testemunha? - perguntou desanimadamente.

Jake ficou de pé com um bloco de notas na mão. A taquígrafa olhou fur iosa para ele.

Harry Rex cochichou qualquer coisa. Ellen fechou os olhos. Os jurados torceram as mãos,

olhando atentamente para ele.

-

Não faça isso - murmurou Carl Lee, com voz firme.

-

Não, Meritíssimo, não temos nenhuma pergunta.

-

Muito obrigado, Dr. Brigance - disse Noose, voltando a respirar.

A testemunha seguinte foi o policial Rady, investigador do departamento do xerife.

Informou o júri que tinha encontrado uma lata de Royal Crown Cola no armário perto da

escada, com as impressões digitais de Carl Lee Hailey.

-

Estava vazia ou cheia? - perguntou Buckley, dramaticamente.

-

Completamente vazia.

Grande coisa, pensou Jake. Tinha sede. Lee Oswald comeu um frango enquanto

esperava a passagem do carro de Kennedy. Não, não tinha nenhuma pergunta.

-

Temos só mais uma testemunha, Meritíssimo - disse Buckley com voz

decidida, às quatro horas da tarde. - O policial DeWayne Looney.

Looney entrou na sala coxeando e apoiado numa bengala, e foi para o banco das

testemunhas. Tirou o revólver do coldre e entr egou-o ao Sr. Pate. Buckley olhou-o com

orgulho.

-

Quer fazer o favor de dizer o seu nome, por favor?

-

DeWayne Looney.

-

Endereço?

-

Rua Bennington 1468, Clanton, Mississipi.

-

Quantos anos tem?

-

Trinta e nove.

-

Onde trabalha?

-

No Departamento de Policial de Ford County.

-

O que faz o senhor no departamento?

-

Sou operador de rádio.

-

Onde trabalhava na segunda-feira, 20 de Maio?

-

Era um sub delegado.

-

Estava de serviço?

-

Sim. Fui designado para escoltar dois elementos da cadeia para o tribunal e de volta para a cadeia.

-

Quem eram os dois elementos?

-

Billy Ray Cobb e Pete Willard.

-

A que horas saiu do tribunal com eles?

-

Mais ou menos, à uma e meia, eu acho.

-

Quem estava de serviço com o senhor?

-

O agente Prather. Ele e eu estávamos encarregados dos dois

elementos. Havia mais alguns sub delegados no tribunal que nos ajudavam e dois ou

três do lado de fora à nossa espera. Mas eu e o Prather estávamos encarregados dos

dois.

-

O que aconteceu quando terminou a audiência?

-

Algemamos imediatamente Cobb e Willard e saímos da sala. Nós os

levamos para a sala e esperamos um ou dois segundos, e Prather desceu a escada.

-

Que aconteceu depois?

-

Começamos a descer a escada. Cobb na frente, depois Willard e

depois eu.

Como eu disse, Prather já tinha descido. Ele estava do lado de fora da porta.

-

Sim, senhor. Depois o que é que aconteceu?

-

Quando Cobb estava quase no fim da escada começaram os

disparos. Eu estava no patamar, pronto para descer. A princípio, por um segundo, não

vi ninguém, e aí vi o Sr. Hailey disparando com a metralhadora. Cobb foi projetado

para trás, em cima de Willard, e os dois gritaram e caíram um em cima do outro,

tentando subir para onde eu estava.

-

Sim, senhor. Descreva o que viu.

-

Ouvi as balas ricocheteando nas paredes, por todos os lados. A arma

mais barulhenta que já ouvi e tive a impressão de que ele não ia parar de atirar. Os

homens contorciam-se e debatiam-se, sem parar de gritar. Estavam algemados, como

o senhor doutor sabe.

-

Sim, senhor. O que aconteceu com o senhor?

-

Como eu disse, não cheguei a sair do patamar. Acho que uma das

balas ricocheteou na parede e me acertou na perna. Eu estava tentando subir a

escada quando senti a queimadura na perna.

-

E o que aconteceu à sua perna?

-

Teve de ser cortada - disse Looney, calmamente, como se uma

amputação fizesse parte da rotina. - Logo abaixo do joelho.

-

O senhor viu bem o homem com a arma?

-

Vi, sim, senhor.

-

Pode identificá-lo para o júri?

-

Sim, senhor doutor. É o Sr. Hailey, aquele que está ali sentado.

Seria lógico que com esta resposta se desse por concluído o depoimento de Looney.

O sub delegado foi breve, direto, sincero e positivo na identificação. Até ali o júri tinha ouvido

cada uma das palavras. Mas Buckley e Musgrove foram buscar os diagramas do edifício do

tribunal e puseram-nos na frente do júri para que Looney pudesse coxear um pouco pela

sala. Orientado por Buckley, ele reconstruiu os movimentos exatos de cada um, antes dos

assassinatos.

Jake passou a mão pela testa e apertou o nariz. Noose limpou e tornou a limpar os

óculos. Os jurados ficaram irrequietos.

-

Deseja interrogar a testemunha, Dr. Brigance? - perguntou Noose,

finalmente.

-

Apenas algumas perguntas - disse Jake enquanto Musgrove retirava

o entulho da sala.

-

Agente Looney, para quem olhava Carl Lee enquanto disparava?

-

Para os homens, pelo que eu pude ver.

-

Alguma vez ele olhou para o senhor?

-

Bem, para dizer a verdade, eu também não passei muito tempo

tentando olhá-lo nos olhos. Na verdade, eu ia em sentido contrário.

-

Então, ele não apontou para o senhor?

-

Ah, não, senhor. Ele só apontou para os homens. E acertou.

-

Que fazia ele enquanto disparava?

-

Ele gritava e ria como um doido. Foi a coisa mais impressionante que

já ouvi, como se ele estivesse louco ou coisa assim. E o senhor sabe? O que eu nunca

vou esquecer é que, com todo aquele barulho, os tiros, as balas assobiando, os

homens gritando, acima de todo aquele barulho eu ouvia o riso dele, aquele riso de

louco. A resposta foi tão perfeita que Jake teve de reprimir um sorriso. Ele e Looney

tinham ensaiado uma centena de vezes e era uma obra de arte. Cada palavra era

perfeita. Jake consultou as suas anotações e lançou um olhar aos jurados. Todos

fitavam Looney, fascinados com a resposta. Jake rabiscou qualquer coisa, nada, só

para ganhar mais alguns segundos antes das perguntas mais importantes do

julgamento.

-

Agora, agente Looney, Carl Lee Hailey atingiu-o na perna?

-

Sim, senhor doutor, atingiu.

-

O senhor acha que foi intencional?

-

Oh, não, senhor. Foi um acidente.

-

O senhor quer que ele seja punido por tê-lo atingido?

-

Não, senhor, não tenho nada contra o homem. Ele fez o que eu teria

feito.

Buckley deixou cair a caneta e afundou-se na cadeira. Olhou tristemente para a sua

testemunha principal.

-

O que quer dizer com isso?

-

Quero dizer que não o culpo pelo que fez. Aqueles homens violaram

a filhinha dele. Eu tenho uma filhinha. Se alguém violar a minha filha é um cão morto.

Eu acabo com ele, como Carl Lee fez. Ele merece um prêmio!

-

Quer que o júri condene Carl Lee?

Buckley deu um pulo e rugiu.

-

Protesto! Protesto! Pergunta inadequada!

-

Não! - bradou Looney. - Não quero que seja condenado. Ele é um herói. Ele...

-

Não responda, Sr. Looney - disse Noose, em voz alta. - Não responda!

-

Protesto! Protesto! - continuava Buckley gritando, em bicos de pés.

-

Ele é um herói! Soltem-no! - berrou Looney para Buckley. - Ordem! Ordem! - Noose bateu com o martelo.

Buckley aquietou-se. Looney aquietou-se.

Jake caminhou para sua cadeira e disse:

-

Retiro a pergunta.

-

Por favor, desconsiderem a pergunta - instruiu Noose dirigindo-se ao

júri.

Looney sorriu para os jurados e saiu coxeando da sala do tribunal.

-

Chame a próxima testemunha - disse Noose tirando os óculos.

Buckley levantou-se devagar e, esforçando-se por manter a pose teatral, disse:

-

Meritíssimo, o estado dá por encerrada a inquirição de testemunhas.

-

Ótimo - disse Noose, olhando para Jake. - Suponho que tenha uma

ou duas moções, Dr. Brigance.

-

Tenho, Meritíssimo.

-

Muito bem, trataremos disso no meu gabinete.

Noose dispensou o júri com as mesmas instruções dos outros dias e o tribunal entrou

em descanso até às nove horas de sexta-feira.

TRINTA E SETE

Jake acordou no escuro com uma leve ressaca, uma dor de cabeça provocada pelo

cansaço e pela cerveja e com o som distante da campainha tocada com insistência, como se

alguém tivesse esquecido o dedo em cima do botão. Abriu a porta da frente, metido na sua

enorme camisa de dormir, e tentou concentrar-se nos dois vultos parados na varanda. Ozzie

e Nesbit, reconheceu por fim.

-

Posso ajudá-los? - perguntou Jake, abrindo a porta. Os dois policiais

seguiramno até à sua sala de trabalho.

-

Eles vão matá-lo hoje - disse Ozzie.

Jake sentou-se no sofá e massageou as têmporas.

-

Talvez consigam.

-

Jake, isto é sério. Planejam matá-lo.

-

Quem?

-

O Klan.

-

Mickey Mouse?

-

Isso mesmo. Telefonou ontem e disse que estavam planejando

qualquer coisa. Telefonou outra vez, há duas horas, e disse que o felizardo é você!...

Hoje é o grande dia. É a hora do barulho. Vão enterrar Stump Sisson hoje de manhã

em Loydsville e chegou a hora do olho por olho, dente por dente.

-

Porquê eu? Porque não matam Buckley, o juiz Noose, ou alguém mais

merecedor?

-

Não tivemos oportunidade de discutir isso.

-

Qual é o método da execução? - perguntou Jake, de repente

embaraçado com a sua grande camisa de dormir.

-

Ele não disse.

-

Ele sabe?

-

Não entrou muito em detalhes. Disse só que tentariam fazer a coisa

hoje, em algum momento.

-

E o que é que eu devo fazer? Render-me?

-

A que horas vai para o escritório?

-

Que horas são?

-

Quase cinco.

-

Assim que tomar banho e me vestir.

-

Nós esperamos.

Às cinco e meia, os dois policiais fizeram-no entrar rapidamente no escritório e

fecharam a porta. Às oito, um pelotão de soldados reuniu -se no passeio, debaixo da sacada,

e esperou pelo alvo.

Harry Rex e Ellen observavam do segundo andar do tribunal. Jake deixou-se

espremer entre Ozzie e Nesbit, e agacharam-se os três no centro de uma formação cerrada.

Dali partiram para o outro lado da rua Washington na direção do tribunal. Os abutres

farejaram alguma coisa e rodearam a comitiva.

O moinho abandonado ficava perto dos trilhos da linha de ferro abandonada, a meio

caminho da colina mais alta de Clanton, dois quarteirões a norte e leste da praça. Ao lado,

havia uma rua esquecida, de asfalto e cascalho, que descia a colina e atravessava a rua

Cedar, tornando-se depois muito mais lisa e mais larga e continuava a descer, até finalmente

desembocar na rua Quincy, o limite leste da praça de Clanton.

Da sua posição no interior do silo abandonado, o atirador, tinha uma visão clara mas

distante dos fundos do edifício do tribunal. Agachado no escuro e fazendo pontaria através

de uma pequena abertura, acreditava que ninguém no mundo poderia vê -lo. O uísque

favorecia a confiança e a pontaria, que ele ajustou mil vezes das sete e meia até às oito,

quando notou movimento em volta do escritório do advogado do preto.

Um companheiro esperava numa pick-up escondida num armazém em ruínas perto

do silo. O motor estava ligado e o motorista acendia um cigarro atrás do outro,

esperando

ansiosamente ouvir os estampidos da espingarda de caçar veados.

Quando o grupo armado começou a atravessar a rua Washington, o atirador entrou

em pânico. Pela mira telescópica, mal avistava a cabeça do advogado do negro quando ela

subia e descia no meio de um mar de verde, que era cercado e perseguido p or uma dúzia de

repórteres. Vá em frente, disse o uísque, arme alguma confusão. Calculou o melhor que pôde

a duração de cada movimento da cabeça e apertou o gatilho quando o alvo se aproximou da

porta dos fundos do tribunal.

O estampido da espingarda soou claro e inequívoco.

Metade dos soldados atirou-se ao chão, rebolando, e a outra metade agarrou Jake e

atirou-o violentamente para debaixo da varanda. Um soldado gritou de dor. Os repórteres e

o pessoal da televisão agacharam-se e tropeçaram, caindo no chão, mas valentemente

mantiveram as câmeras filmando para registrar a chacina. O soldado levou a mão à garganta

e tornou a gritar. Outro tiro. E depois outro.

- Ele está ferido! - gritou alguém.

Os soldados por terra deslocaram-se até onde estava o soldado caído. Jake escapuliu

pela porta para a segurança do tribunal. Deitou-se no chão da entrada dos fundos e enterrou

a cabeça nas mãos. Ozzie estava ao lado dele, observando os soldados através da porta.

O atirador saltou do silo, atirou a arma para trás do assento traseiro e desapareceu

com o camarada na zona rural. Tinham de ir a um enterro no sul do Mississipi.

-

Ele está ferido na garganta! - gritou alguém, enquanto os seus

companheiros abriam caminho por entre os repórteres. Ergueram-no do chão e

puseram-no num jipe.

-

Quem foi ferido? - perguntou Jake, sem tirar as mãos dos olhos.

-

Um dos soldados - disse Ozzie - Está bem, Jake?

-

Acho que sim. - Jake cruzou as mãos na nuca e olhou para o chão. -

Onde está a minha pasta?

-

Lá fora, na entrada. Vamos buscá-la num minuto. - Ozzie tirou o rádio

do cinto e deu algumas ordens ao operador, qualquer coisa sobre policiais no tribunal.

Quando parecia que o tiroteio tinha acabado, Ozzie aproximou -se dos soldados,

na

rua. Nesbit ficou ao lado de Jake.

-

O doutor está bem? - perguntou ele.

O coronel apareceu na esquina, gritando e a esbravejando.

-

Que diabo é que aconteceu? - perguntou. - Ouvi uns tiros.

-

Mackenvale foi ferido.

-

Onde está ele?

-

A caminho do hospital - respondeu um sargento, apontando para um

jipe que desaparecia ao longe.

-

O ferimento é grave?

-

Parece que sim. Acertou na garganta.

-

Na garganta! Porque o removeram? Ninguém respondeu.

-

Alguém viu alguma coisa? - perguntou o coronel.

-

Pelo som, parece ter vindo daquela encosta - disse Ozzie, olhando

para além da rua Cedar. - Porque não manda um jipe investigar?

-

Boa idéia.

O coronel deu algumas ordens, pontuadas por muitos palavrões. Os soldados

espalharam-se em todas as direções, empunhando as armas e prontos para combate , à

procura de um assassino que não podiam identificar e que, na verdade, já estava em outro

condado quando a patrulha de infantaria começou a revistar o moinho abandonado.

Ozzie pôs a pasta no chão, ao lado de Jake.

-

Você está bem? - perguntou a Nesbit, em voz baixa. Harry Rex e Ellen

estavam na escada onde Cobb e Willard tinham sido mortos.

-

Não sei. Há dez minutos que não se mexe - disse Nesbit.

-

Jake, como é que se sente? - perguntou o xerife.

-

Estou bem - disse Jake, sem abrir os olhos.

O soldado estava encostado ao seu ombro esquerdo. Tinha acabado de dizer a Jake,

"isto é um pouco idiota, não é?", quando a bala lhe atravessara a garganta. Caíra em cima

de Jake, com a mão no pescoço, gorgolejando sangue e gritando. Jake caíra e fora

empurrado para a varanda.

-

Ele está morto, não está? - perguntou Jake, em voz baixa.

-

Não sabemos ainda - respondeu Ozzie.

-

Está no hospital.

-

Está morto. Eu sei que está. Ouvi quando o pescoço dele estalou.

Ozzie olhou para Nesbit, depois para Harry Rex. No terno cinza -claro de Jake havia

quatro ou cinco manchas de sangue. Só ele não as tinha visto ainda.

-

Jake, o seu terno está manchado de sangue - disse Ozzie, finalmente.

- Vamos voltar ao seu escritório para que possa mudar de roupa.

-

Que importância que isso tem? - resmungou Jake, olhando para o

chão. Entreolharam-se.

Dell e os outros do Coffee Shop, de pé no passeio, viram os policiais escoltar Jake do

tribunal para o escritório, ignorando as perguntas a bsurdas dos repórteres. Harry Rex fechou

a porta da frente à chave, deixando os guarda-costas no passeio. Jake subiu e tirou o casaco.

-

Row Ark, por que não prepara umas margaritas? - disse Harry Rex. -

Vou subir e ficar com ele.

-

Sr. Dr. Juiz, tivemos alguns problemas - disse Ozzie, enquanto Noose

tirava os papéis da pasta e depois o casaco.

-

O que foi? - indagou Buckley.

-

Tentaram matar o Dr. Jake, esta manhã.

-

O quê? Quando? - perguntou Buckley.

-

Há uma hora, mais ou menos. Alguém disparou sobre o Sr. Jake

quando ele ia entrar no tribunal. Foi uma espingarda de longo alcance. Não sabemos

quem foi. Erraram o alvo e atingiram um soldado. Ele está sendo operado agora.

-

Onde está o Jake? - perguntou o meritíssimo. - No escritório dele. Está

muito abalado.

-

Eu também estaria - disse Noose.

-

Ele pediu para o senhor lhe telefonar quando chegasse.

-

Claro.

Ozzie discou o número e estendeu o auscultador ao juiz.

-

É o juiz Noose - disse Harry Rex, entregando o auscultador a Jake.

-

Alô.

-

Você está bem, Jake?

-

Na verdade, não. Não tenho como ir ao tribunal hoje.

Noose não sabia o que dizer.

-

Vai fazer o quê?

-

Eu disse que não vou ao tribunal hoje. Não estou disposto.

-

Bem, Jake, e nós, o que vamos fazer, então?

-

Não quero nem saber - disse Jake, bebericando a sua segunda margarita.

-

Que foi que disse?

-

Eu disse que não quero nem saber, Sr. Dr. Juiz. Não quero saber o que o senhor vai fazer, eu não estarei aí.

Noose abanou a cabeça e olhou para o auscultador.

-

Está ferido, Jake? - perguntou, preocupado.

-

Alguém já disparou sobre o senhor, Sr. Dr. Juiz?

-

Não, Jake.

-

Já viu um homem receber um tiro, ouviu o grito dele?

-

Não, Jake.

-

Já teve o sangue de alguém espirrando sobre o seu terno?

-

Não, Jake.

-

Não vou estar presente.

Noose fez uma pausa e pensou por um momento.

-

Venha aqui, Jake, e vamos conversar sobre isso.

-

Não. Não vou sair do meu escritório. É muito perigoso aí fora.

-

Que tal suspendermos a sessão até à uma hora. Vai sentir -se melhor

nessa hora?

-

À uma hora, vou estar bêbado.

-

O quê?!

-

Eu disse que, à uma hora, vou estar bêbado.

Harry Rex cobriu os olhos com a mão. Ellen foi para a cozinha.

-

Quando é que acha que poderá estar sóbrio? - perguntou Noose,

secamente.

Ozzie e Buckley entreolharam-se.

-

Na segunda-feira.

-

Que tal amanhã?

-

Amanhã é sábado.

-

Sim, eu sei, e tinha planejado continuar o julgamento amanhã. Temos

um júri de quarentena, lembra-se?

-

Muito bem! Estarei pronto amanhã, de manhã.

-

É bom ouvir isso. Que digo ao júri? Eles estão na sala dos jurados à

nossa espera. O tribunal está cheio. O seu cliente está sentado sozinho, à sua espera.

Que digo a essa gente?

-

Pense em uma coisa qualquer, Sr. Dr. Juiz. Confio em você - Jake

desligou.

Noose ficou a ouvir, incrédulo, até não haver dúvidas de que Jake tinha mesmo

desligado na sua cara. Entregou o auscultador a Ozzie. O meritíssimo olhou pela janela e

tirou os óculos.

-

Ele disse que não vem ao tribunal hoje. Incaracteristicamente, Buckley

ficou em silêncio. Ozzie mantinha-se na defensiva.

-

Ele ficou muito abalado, Sr. Dr. Juiz.

-

Ele anda bebendo?

-

Não, não o Jake - respondeu Ozzie. - Só ficou abalado com o soldado

que levou o tiro. Ele estava ao lado de Jake e foi atingido pela bala que er a destinada

a ele. Isso transtornaria qualquer um, Sr. Dr. Juiz.

-

Ele quer que fiquemos em interrupção até amanhã, de manhã - disse

Noose a Buckley, que encolheu os ombros e novamente não disse nada.

Quando a notícia se espalhou, um verdadeiro carnaval in stalou-se no passeio em

frente do escritório de Jake. A imprensa acampou perto da porta, espreitando pelas janelas,

na esperança de avistar alguém que pudesse ser notícia. Amigos paravam para saber de

Jake, mas os repórteres informavam que ele estava fechado lá dentro e não queria sair. Não,

ele não estava ferido.

O Dr. Bass estava programado para testemunhar nessa manhã. Ele e Lucien

entraram no escritório pela porta dos fundos, alguns minutos depois das dez, e Harry Rex

saiu para a loja de bebidas.

Com o choro todo, foi difícil a conversa com Carla. Jake telefonou -lhe depois da

terceira bebida e as coisas não correram bem. Jake falou com o pai de Carla, disse que

estava seguro, incólume, e que metade da guarda nacional do Mississipi estava incumbida

de protegê-lo. Tranqüilize-a, disse; mais tarde voltaria a ligar.

Lucien estava furioso. Tinha lutado com Bass para conseguir mantê -lo sóbrio, na noite

de quinta-feira, a fim de que pudesse depor na sexta-feira. Agora que ele iria depor no

sábado, não tinha maneira de mantê-lo sóbrio dois dias seguidos. Pensou em todos os copos

que perdera na quinta-feira e ficou furioso.

Harry Rex voltou com bastante álcool. Ele e Ellen prepararam as bebidas, discutindo

sobre os ingredientes. Ela lavou o bule de café, encheu -o de Bloody Mary e uma quantidade

absurda de vodka sueca. Harry Rex acrescentou uma dose generosa de Tabasco e serviu

as bebidas na sala de conferências, enchendo os copos assim que estes se esvaziavam.

O Dr. Bass bebeu freneticamente e pediu mais. Lucien e Harry Rex falavam da

provável identidade do atirador. Ellen, em silêncio, observava Jake que, sentado num canto,

olhava fixamente para a estante dos livros. O telefone tocou. Harry Rex atendeu e ouviu com

atenção. Desligou e disse:

-

Era Ozzie. O soldado já saiu da sala de cirurgia. A bala está alojada na

espinha. Acham que vai ficar paralítico.

Todos beberam sem dizer nada, esforçando-se por ignorar Jake que passava uma

das mãos pela testa, segurando a bebida com a outra. Ouviram bater de leve na porta dos

fundos.

-

Vá ver quem é - ordenou Lucien a Ellen, que saiu para ver quem batia.

-

É Lester Hailey - disse ela reaparecendo na sala de conferências.

-

Deixe-o entrar - resmungou Jake, quase incoerentemente. Lester foi

apresentado a todos, e convidado a tomar um Bloody Mary. Recusou e pediu alguma coisa

com uísque.

-

Boa idéia - disse Lucien. - Estou farto de coisas leves. Vamos beber um Jack

Daniel's.

-

Boa idéia - disse Bass, esvaziando a xícara que tinha na mão.

Jake sorriu palidamente para Lester e voltou olhando para a estante. Lucien pôs uma

nota de cem dólares na mesa e Harry Rex saiu para a loja de bebidas.

Quando acordou horas mais tarde, Ellen estava no sofá do escritório de Jake. A sala

estava escura e vazia, com um forte cheiro de álcool no ar. Andando com cuidado, chegou à

sala de guerra, onde o seu chefe ressonava, deitado no chão, com uma parte do

corpo

debaixo da mesa. Todas as luzes estavam apagadas, e Ellen desceu a escada

cautelosamente. A sala de conferências estava cheia de garrafas vazia s, latas de cerveja,

copos de plástico e caixas de galinha frita. Eram nove e trinta da noite. Tinha dormido cinco

horas.

Ellen podia ficar na casa de Lucien, mas precisava mudar de roupa. O seu amigo

Nesbit podia levá-la a Oxford, mas ela estava sóbria. Além disso, Jake precisava da maior

proteção possível. Fechou a porta da frente e foi para o seu carro. Estava quase em Oxford

quando viu as luzes azuis atrás dela. Como habitualmente, conduzia a cento e vinte por hora.

Estacionou no acostamento, e encaminhou-se para as lanternas traseiras do seu carro, onde

procurou qualquer coisa na bolsa e ficou à espera da policial. Dois homens à paisana

aproximaram-se, vindos das luzes azuis.

-

Está embriagada, minha senhora? - perguntou um deles, cuspindo tabaco de

mascar.

-

Não, senhor. Estou à procura da minha carteira. Ela inclinou -se em frente das

luzes e tratou de pegar a carteira dentro da bolsa. De repente, foi golpeada e caiu no chão.

Os homens cobriram-na com um cobertor e passaram-lhe uma corda em volta da cintura e

do peito. Ela esperneou e esbracejou, mas não pôde oferecer muita resistência. O cobertor

cobria-lhe a cabeça e prendia-lhe os braços. Os homens puxaram a corda com força,

apertando-a.

-

Quieta, sua ordinária. Fique quieta!

Um deles tirou as chaves da ignição e abriu a mala do carro. Atiraram-na dentro e

fecharam a mala. Retiraram as luzes azuis da capota do velho Lincoln e arrancaram a toda

velocidade com os dois carros. Encontraram uma estrada de cascalho e, seguindo por ela, o

Lincoln e o BMW entraram no bosque, que deu lugar a uma estrada de terra levando a uma

pequena pastagem onde uma cruz enorme estava sendo incendiada por um punhado de

homens do Klan.

Os dois assaltantes vestiram rapidamente os mantos brancos e as máscaras e tiraram

Ellen da mala do carro, atiraram-na ao chão e retiraram o cobertor que a cobria. Amarraram-

na, amordaçaram-na, depois arrastaram-na para uma grande estaca a poucos passos da

cruz onde foi amarrada, de costas voltadas para os homens do Klan, o rosto para a estaca .

Ela viu os mantos brancos e os capuzes pontiagudos e tentou desesperadamente

cuspir o trapo de algodão oleoso enfiado na boca. Conseguiu apenas engasgar - se e tossir.

A cruz em chamas iluminava a pequena pastagem, libertando uma onda ardente de

calor que começou a assá-la enquanto ela lutava com a estaca e emitia estranhos ruídos

guturais.

Um vulto encapuzado destacou-se dos outros e aproximou-se dela. Ellen ouvia-o

caminhar e respirar.

-

Sua ordinária, amiga de pretos - disse ele com o sotaque áspero do meio

oeste. Agarrou na parte de trás da gola e rasgou-lhe a blusa branca até a deixar em tiras em

volta do pescoço e dos ombros. As mãos de Ellen estavam amarradas fortemente à estaca.

O homem sacou do manto uma faca do mato e começou a cortar o que resta va da blusa.

-

Sua ordinária, amiga de pretos. Sua ordinária, amiga de pretos.

Ellen insultou o homem, mas as suas palavras eram gemidos abafados. Ele abriu

o

zíper do lado direito da saia de linho azul-marinho. Ela tentou defender-se com pontapés,

mas os tornozelos estavam presos com corda à estaca. O homem pôs a ponta da faca na

parte superior do fecho, e cortou até abaixo seguindo a bainha. Segurou a saia pela cintura

e puxou-a, como um mágico. Os homens do Klan deram um passo à frente. O homem deu

uma palmada na nádega dela e disse:

-

Bonita, muito bonita. - Recuou para admirar o seu trabalho. Ela grunhia e

contorcia-se, mas não podia resistir. A combinação escorregou para o meio das coxas. Com

grande cerimônia ele cortou as alças, depois retalhou -a cuidadosamente nas costas.

Arrancou-a com um puxão e atirou-a aos pés da cruz em chamas. Cortou as alças do sutiã e

retirou-o. Ela se contraiu e os gemidos tornaram-se mais audíveis. O semicírculo silencioso

avançou um pouco e parou a cerca de três metros.

O fogo estava agora muito quente. O suor gotejava nas costas e nas pernas nuas de

Ellen. O cabelo louro-avermelhado estava encharcado em volta do pescoço e dos ombros. O

homem enfiou a mão sob o manto e puxou por um chicote. Ele o fez estalar com

força perto

dela, e ela encolheu-se. Ele recuou alguns passos, medindo cuidadosamente a distância que

o separava da estaca.

Ele ergueu o chicote e visou as costas nuas. O mais alto do grupo adiantou -se, de

costas para ela, e meneou a cabeça. Nada foi dito, mas o chicote desapareceu.

Aproximou-se dela e segurou-lhe a cabeça. Com a faca cortou-lhe o cabelo. Agarrava

as mechas e cortava-as até o couro cabeludo ficar à mostra. O cabelo cortado empilhava -se

a seus pés. Ela gemia e não se mexia.

Os homens dirigiram-se para os seus carros. Esvaziaram um galão de gasolina dentro

do BMW com placas de Massachusetts e alguém atirou um fósforo aceso. Quando teve

certeza de que todos tinham partido, Mickey Mouse saiu do meio das moitas. Desamarrou

Ellen e levou-a para uma pequena clareira, longe da pastagem. Recolheu o que restava das

roupas dela e procurou cobri-la. Quando o carro dela acabou de queimar, ao lado da estrada

de terra, ele a deixou. Pegou o seu próprio carro e, ao chegar a Oxford, foi até um telefone

público e ligou para o xerife de Lafayette County.

TRINTA E OITO

Sessões de tribunal ao sábado eram raras, mas não inauditas, especialmente nos

casos de crime de morte, quando o júri ficava isolado. Os participantes não reclamavam

porque o sábado encurtava um dia o fim do julgamento.

As pessoas da cidade também não se importavam. Ninguém trabalhava no sábado e

para muitos era a única oportunidade de assistir ao julgamento, ou, se não conseguissem um

lugar na sala do tribunal, pelo menos andar pela praça e saber das notícias em primeira mão.

Quem sabe, até podia haver mais tiroteios.

Às sete horas, os cafés do centro da cidade estavam cheios, abarrotados de

estranhos. Para cada freguês que conseguia um lugar, dois eram recusados e tinham de se

contentar em andar pela praça, ou tentar uma vaga na sala do tribunal. Muitos paravam por

alguns instantes na frente do escritório do advogado, esperando ver o homem que sofrera

um atentado. Vários se gabavam de serem clientes daquele homem famoso.

No segundo andar, o alvo, sentado à mesa de trabalho, tomava a mistura vermelha

que tinha sobrado da noite anterior. Fumou um charuto, tomou analgésicos para a dor de

cabeça e tentou tirar as teias de aranha do cérebro. Esqueça o soldado, repetia mentalmente,

há três horas. Esqueça o Klan, as ameaças, esqueça tudo, menos o julgamento, e

especialmente o Dr. W T. Bass. Resmungou uma breve oração, pedindo para o Dr. Bass

estar sóbrio quando se sentasse no banco das testemunhas. O médico e Lucien tinham

passado a tarde toda bebendo e discutindo, acusando -se um ao outro de alcoolismo e de

terem sido excluídos desonrosamente das respectivas profissões. Quando estavam de saída,

quase se engalfinharam perto da mesa de Ethel. Nesbit interveio e conduziu -os até ao carro

e depois para casa. Os repórteres ferveram de curiosidade quando os dois homens

completamente embriagados saíram do escritório de Jake e entraram no carro da policial,

onde continuaram discutindo e trocando impropérios, Lucien no banco de trás, Bass ao lado

de Nesbit.

Jake releu a obra-prima de Ellen sobre a defesa baseada na alegação de insanidade

mental. Fez pequenas modificações na lista de perguntas que devia fazer ao Dr. Bass.

Estudou o currículo do médico. Nada de importante, mas o suficiente para Ford County. O

psiquiatra mais próximo estava a cento e trinta quilômetros de Clant on.

O juiz Noose viu de relance o promotor e olhou compassivo para Jake, que sentado

perto da porta contemplava o retrato desbotado de algum juiz morto, dependurado por cima

do ombro de Buckley.

-

Como se sente hoje, Jake? - perguntou Noose calorosamente.

-

Estou Ótimo.

-

Como está o soldado? - perguntou Buckley.

-

Paralítico.

Noose, Buckley, Musgrove e o Sr. Pate olharam para o mesmo ponto no tapete e

abanaram as cabeças soturnamente em sinal de respeito.

-

Onde está a sua estagiária? - perguntou Noose, olhando para o relógio

na parede. Jake consultou o seu relógio de pulso. - Não sei. Achei que já tivesse

chegado. - Está pronto?

-

Claro.

-

A sala do tribunal está pronta, Sr. Pate?

-

Sim, senhor.

-

Muito bem. Então vamos.

Noose mandou as pessoas se sentarem e durante dez minutos apresentou aos

jurados uma justificação desconexa pelo adiamento do dia anterior. Eles eram os únicos

catorze moradores do condado que não sabiam o que tinha acontecido na sexta - feira de

manhã, e podia ser prejudicial contar-lhes. Noose alargou-se monotonamente sobre

emergências e em como, às vezes, durante os julgamentos as coisas conspiram para

provocar protelações. Quando conseguiu terminar, os jurados, completamente atordoados,

pediam a Deus para que alguém chamasse uma testemunha.

-

Pode chamar a sua primeira testemunha - disse Noose a Jake.

-

Dr. W T Bass - anunciou Jake, caminhando para o pódio.

Buckley e Musgrove trocaram olhares e sorrisos idiotas. Bass estava sentado junto a

Lucien na segunda fila, no meio da família. Levantou -se atabalhoadamente e andou na

direção da passagem central, pisando pés e agredindo pessoas com a sua pesada pasta de

couro vazia. Jake ouviu a agitação nas suas costas e continuou a sorrir para o júri.

-

Eu juro, eu juro - Bass disse rapidamente quando Jean Gillespie

começou a ler o juramento.

O Sr. Pate conduziu-o ao banco das testemunhas, e deu a ordem habitual de falar

alto e usar o microfone. Embora acanhado e com uma tremenda ressaca, o perito mantinha

uma pose arrogante e sóbria. Estava com seu melhor terno cinzento, de lã tecida à mão,

camisa social branca, muito limpa e engomada, e um laço de lã escocesa estampado de

vermelho que lhe dava um ar muito intelectual. Parecia mesmo um perito. Apesar das

objeções de Jake, calçava botas de cowboy de pele de avestruz cinzenta, pelas quais tinha

pago mais de mil dólares e tinha usado menos de uma dúzia de vezes. Lucien insistira nas

botas onze anos antes, no primeiro processo envolvendo insanidade mental. Bass usou -as e

o réu, perfeitamente são de espírito, foi parar na penitenciária de Parchman. Usou-as no

segundo processo de insanidade, novamente a pedido de Lucien, novamente, Parchman.

Lucien passou a chamá-las o amuleto da sorte de Bass.

Jake não queria saber das malditas botas. Mas o júri podia gostar delas, argumentou

Lucien. Não de botas caras de pele de avestruz, contrapôs Jake. Eles são muito ignorantes

para perceberem a diferença, retrucou Lucien. Jake não ficou convencido. Os parolos

brancos confiam em alguém que usa botas, explicou Lucien. Pois entã o, disse Jake, que use

um par de botas camufladas de caçar esquilos, com um pedaço de lama nos calcanhares e

nas solas, botas com que pudessem, realmente, identificar -se. Essas não completavam o

terno dele, tinha dito Bass.

Cruzou as pernas, pondo a bota direita sobre o joelho esquerdo para que fosse vista.

Sorriu para ela, depois sorriu para o júri. A avestruz teria ficado orgulhosa. Jake ergueu os

olhos das suas anotações para o pódio e viu a bota, perfeitamente visível acima da grade do

banco das testemunhas. Bass contemplava-a, os jurados examinavam-na. Jake engasgou-

se e voltou às suas anotações.

-

Diga o seu nome, por favor.

-

Dr. W T. Bass - respondeu ele, desviando os olhos da bota e olhando

para Jake, muito sério.

-

Qual é o seu endereço?

-

West Canterbury 908, Jackson, Mississipi.

-

Qual é sua profissão?

-

Sou médico.

-

Tem licença para praticar a medicina no Mississipi?

-

Tenho.

-

Quando tirou a licença?

-

A oito de Fevereiro de 1963.

-

Tem licença para praticar a medicina em qualquer outro esta do? - Sim.

-

Onde?

-

No Texas.

-

Quando obteve essa licença?

-

A três de Novembro de 1962.

-

Onde fez a faculdade?

-

Recebi o meu diploma de bacharel no Millsaps College em 1956, e o

título de doutor em medicina no Health Science Center da Universidade do Te xas, em

Dallas, em 1960.

-

É uma faculdade de medicina reconhecida?

-

Sim.

-

Por quem?

-

Pelo Conselho de Educação Médica e de Hospitais da Associação

Médica Americana, o órgão regulamentador da nossa profissão, e pelo departamento

de educação do estado do Texas.

Bass descontraiu-se um pouco, descruzou e cruzou de novo as pernas, exibindo a

bota do pé esquerdo. Balançou-se levemente e virou parcialmente para o lado do júri a

confortável cadeira giratória.

-

Onde foi interno e por quanto tempo?

-

Depois de me formar na faculdade de medicina, passei doze meses

como interno, no Centro Médico de Rocky Mountain, em Denver.

-

Qual é a sua especialidade?

-

Psiquiatria.

-

Explique-nos o que isso significa.

-

A psiquiatria é o ramo da medicina que se ocupa do tratamento dos

distúrbios da mente. De um modo geral, mas nem sempre, lida com a disfunção

mental, cuja base orgânica é desconhecida.

Jake respirou pela primeira vez desde que Bass tinha se sentado no ban co. O seu

médico estava causando boa impressão.

-

Agora, doutor - disse Jake, aproximando-se calmamente do júri -,

descreva ao júri o treino especializado que recebeu no campo da psiquiatria.

-

O meu treino especializado em psiquiatria consistiu em dois anos

como residente em psiquiatria do Hospital Psiquiátrico do Estado do Texas, um centro

de estudos reconhecido. Participei de trabalho clínico com pacientes psiconeuróticos

e psicóticos. Estudei psicologia, psicopatologia, psicoterapia e as terapias fisiológicas.

Esse treino, supervisado por competentes professores de psiquiatria, incluía instrução

nos aspectos psiquiátricos da medicina geral, nos aspectos comportamentais de

crianças, adolescentes e adultos.

Era duvidoso que uma só pessoa na sala do tribunal compreendesse uma palavra do

que Bass acabara de dizer, mas ela vinha da boca de um homem que, de repente, parecia

ser um gênio, um perito, pois tinha de ser um homem de grande sabedoria e inteligência para

pronunciar aquelas palavras. Com o laço e o vocabulário, e a despeito das botas, Bass

ganhava credibilidade a cada resposta.

-

O senhor é diplomado pelo Conselho Americano de Psiquiatria?

-

É claro - respondeu Bass, confiante.

-

Em que ramo é diplomado?

-

Sou diplomado em psiquiatria.

-

E quando obteve o diploma?

-

Em Abril de 1967.

-

O que é preciso fazer para ser diplomado pelo Conselho Americano

de

Psiquiatria?

-

O candidato deve passar nos exames oral e prático, bem como num teste escrito na sede do Conselho.

Jake consultou as suas notas e viu Musgrove piscar um olho a Buckley. - Doutor, o senhor pertence a algum grupo de profissionais?

-

Sim.

-

Diga os nomes, por favor.

-

Sou membro da Associação Americana de Medicina, da Associação Americana de Psiquiatria e da Associação de Medicina do Mississipi.

-

Há quanto tempo pratica a psiquiatria?

-

Vinte e dois anos.

Jake deu três passos na direção do juiz e encarou Noose, que observava com atenção.

-

Meritíssimo, a defesa apresenta o Dr. Bass como perito no campo da psiquiatria.

-

Muito bem - respondeu Noose. - Quer interrogar a testemunha, Dr.

Buckley?

O promotor levantou-se com seu bloco de notas na mão.

-

Sim, Meritíssimo, tenho algumas perguntas.

Surpreendido mas não preocupado, Jake ocupou o seu lugar junto a Carl Lee. Ellen

ainda não estava no tribunal.

-

Dr. Bass, em sua opinião o senhor é um perito no campo da

psiquiatria? - perguntou Buckley.

-

Sim.

-

Já lecionou psiquiatria?

-

Não.

-

Já publicou algum artigo sobre psiquiatria?

-

Não.

-

Já publicou algum livro de psiquiatria?

-

Não.

-

Ora, creio que o senhor afirmou que é membro da Associação

Americana de Medicina, da Associação de Medicina do Mississipi e da Associação

Americana de

Psiquiatria.

-

Sim.

-

Alguma vez ocupou algum posto em qualquer dessas organizações?

-

Não.

-

Que postos hospitalares ocupa o senhor, atualmente?

-

Nenhum.

-

A sua experiência em psiquiatria incluiu algum trabalho sob os

auspícios do governo federal ou de qualquer governo estadual?

-

Não.

A arrogância começava a desaparecer do rosto de Bass, e a confiança sumia da sua

voz. Lançou um rápido olhar a Jake, que estava mexendo em uma pasta.

- Dr. Bass, o senhor está empenhado, agora, na prática da psiquiatria a tempo

integral?

O perito hesitou e lançou um breve olhar a Lucien, na segunda fila.

-

Atendo pacientes regularmente.

-

Quantos pacientes e com que regularidade? - retorquiu Buckley com

enorme ar de confiança.

-

Atendo entre cinco a dez pacientes por semana.

-

Um ou dois por dia?

-

Mais ou menos isso.

-

E o senhor considera isso tempo integral?

-

Estou tão ocupado quanto desejo estar.

Buckley atirou com o seu bloco de notas para cima da mesa e olhou para Noose.

-

Meritíssimo, o estado opõe objeção a que este homem deponha como

perito em psiquiatria. É óbvio que ele não está habilitado.

Jake estava de pé, com a boca aberta.

-

Indeferida, Dr. Buckley. Pode prosseguir, Dr. Brigance.

Jake pegou as suas anotações e voltou para o pódio, bem consciente da suspeita que

o promotor astutamente acabava de lançar sobre a sua testemunha -chave. Bass mudou a

posição das botas.

-

Agora, Dr. Bass, o senhor examinou o acusado, Carl Lee Hailey?

-

Sim.

-

Quantas vezes?

-

Três.

-

Quando foi o primeiro exame? - No dia 10 de Junho.

-

Qual o objetivo desse exame?

-

Examinei-o para determinar as suas condições mentais atuais, bem

como as suas condições mentais no dia 20 de Maio, quando ele, presumivelmente,

atirou no Sr.

Cobb e no Sr. Willard.

-

Onde foi feito o exame?

-

Na cadeia de Ford County.

-

O senhor fez o exame sozinho?

-

Sim, só o Sr. Hailey e eu.

-

Quanto tempo durou o exame?

-

Três horas.

-

O senhor examinou o histórico clínico do réu?

-

De modo indireto, pode-se dizer. Falamos bastante sobre o passado

dele.

-

O que foi que o senhor descobriu?

-

Nada de especial, exceto o Vietnã.

-

O que tem o Vietnã?

Bass cruzou as mãos sobre a barriga ligeiramente protuberante e franziu a testa com

ar inteligente para o advogado de defesa.

-

Bem, Dr. Brigance, como muitos veteranos do Vietnã a que atendi, o

Sr. Hailey passou ali por algumas experiências traumatizantes.

A guerra é um inferno, pensou Carl Lee, ouvindo atentamente. Sim, o Vietnã foi

horrível. Ele fora ferido. Perdera amigos. Matara gente, muita gente. Matara crianças,

crianças vietnamitas que empunhavam armas e granadas. Foi horrível. Queria nunca ter

posto os pés lá. Sonhava com ele, ocasionalmente revia cenas, tinha pesadelos. Mas não se

sentia deformado ou insano por causa disso. Não se sentia deformado ou insano por causa

de Cobb e Willard. Na verdade, sentia-se satisfeito por estarem mortos. Como os do Vietnã.

Tinha explicado tudo isso a Bass uma vez na cadeia, e Bass não parecera impressionado. E

tinham conversado apenas duas vezes, e nunca mais de uma hora.

Carl Lee observava o júri e ouvia desconfiado o perito, que falava demoradamente

das terríveis experiências de Carl Lee na guerra. O vocabulário de Bass subia várias oitavas

enquanto ele explicava aos leigos, em termos não-leigos, os efeitos do Vietnã sobre Carl Lee.

A coisa soava bem. Tinha havido pesadelos ao longo dos anos, sonhos com os quai s Carl

Lee nunca se tinha preocupado muito, mas ao ouvir Bass explicar tudo, descobria que eram

eventos da máxima importância.

-

Ele falou livremente do Vietnã?

-

Na verdade, não - respondeu Bass, explicando com muitos detalhes

a tremenda tarefa que tinha sido desentranhar a guerra daquela mente complexa,

sobrecarregada, provavelmente instável. Carl Lee não se lembrava disso daquele

modo. Mas ouvia, obedientemente, com expressão sofrida, perguntando -se pela

primeira vez na vida, se não seria talvez um pouco maluco.

Ao fim de uma hora, a guerra fora revivida e seus efeitos fustigados completamente.

Jake resolveu passar adiante.

-

Agora, Dr. Bass - disse Jake, coçando a cabeça. - Além do Vietnã,

que outros eventos importantes o senhor notou a respeito da história mental do réu?

-

Nenhum, a não ser o estupro da filha.

-

O senhor abordou o estupro com Carl Lee?

-

Longamente, durante cada um dos três exames.

-

Explique ao júri o que o estupro causou em Carl Lee Hailey.

Bass passou a mão pelo queixo e pareceu perplexo.

-

Francamente, Dr. Brigance, eu iria precisar de muito tempo para

explicar o que o estupro causou ao Sr. Hailey.

Jake pensou um momento, e pareceu analisar com cuidado esta última declaração.

-

Bem, o senhor não poderia fazer um resumo para o júri?

Bass assentiu gravemente.

-

Tentarei.

Cansado de ouvir Bass, Lucien começou a observar o júri na esperança de pôr os

olhos em Clyde Sisco, que também tinha perdido o interesse e admirava as botas. Lucien

observava atentamente pelo canto do olho, à espera de que Sisco passasse o olhar pela sala

do tribunal. Finalmente, enquanto Bass divagava, Sisco deixou o depoimento e olhou para

Carl Lee, depois para Buckley, depois para um dos repórteres da primeira fila. Então, o seu

campo de visão concentrou-se num velho de barba, de olhar feroz, que certa vez lhe dera

oitenta mil dólares em dinheiro para cumprir o seu dever cívico e proferir um veredicto justo.

Os olhos dos dois encontraram-se e ambos esboçaram um sorriso. Quanto? perguntava o

olhar de Lucien. Sisco regressou ao depoimento, mas segundos depois estava fitando Lucien.

Quanto? perguntou Lucien, movendo os lábios, mas sem emitir som algum.

Sisco desviou a vista e olhou para Bass, pensando num preço justo. Olhou na direção

de Lucien, coçou a barba e aí, de repente, enquanto fitava Bass, abriu os cinco dedos sobre

a cara e tossiu. Tornou a tossir e examinou o perito.

Quinhentos ou cinco mil? perguntou Lucien a si mesmo. Conhecendo Sisco, eram

cinco mil, talvez cinqüenta mil. Não fazia diferença; Lucien pagar ia. Ele valia o seu peso em

ouro. Às dez e meia, Noose já tinha limpado os óculos uma centena de vezes e consumido

umas dez xícaras de café. A bexiga estava a ponto de lhe estourar.

-

Está na hora do intervalo da manhã. Recomeçaremos às onze. -

Noose bateu com o martelo e desapareceu.

-

Como é que tenho me saído? - perguntou Bass, nervoso, entrando

com Jake e Lucien na biblioteca do terceiro andar.

-

Tem se saído bem - disse Jake. - Basta só esconder essas botas.

-

As botas são decisivas - protestou Lucien.

-

Preciso de um copo - disse Bass, desesperado.

-

Nem pense nisso - disse Jake.

-

Eu também preciso - disse Lucien. - Vamos até ao seu escritório para um copo rápido.

-

Grande idéia! - aprovou Bass.

-

Nem pense - repetiu Jake. - O doutor está sóbrio e está se saindo muito bem.

-

Temos trinta minutos - disse Bass, saindo atrás de Lucien e caminhando para a escada.

-

Não! Não faça isso, Lucien! - ordenou Jake.

-

Só um - respondeu Lucien, levantando um dedo para Jake. - Um só.

-

Vocês nunca bebem um só.

-

Venha conosco, Jake. Isto vai lhe acalmar os nervos.

-

Só um - gritou Bass, descendo a escada.

Às onze, Bass sentou-se na cadeira da testemunha e olhou para o júri com olhos

vidrados. Sorriu, e por pouco dava uma gargalhadinha. Viu os artistas na primeira fila, e

procurou parecer o mais profissional possível. Os nervos estavam realmente no lugar.

-

Dr. Bass, o senhor conhece o teste de responsabilidade criminal

relativo ao precedente M'Naghten? - perguntou Jake.

-

Certamente! - respondeu o Dr. Bass com repentino ar de

superioridade.

-

Pode explicá-lo ao júri?

-

É claro. O precedente M'Naghten é o padrão para a responsabilidade

criminal no Mississipi, como em outros quinze estados. Remonta à Inglaterra, no ano

de 1843, quando um homem chamado Daniel M'Naghten tentou assassina r o

Primeiro-ministro, Sir Robert Peel. Ele errou a pontaria e matou com um tiro o

secretário do Primeiro-ministro, Edward Drummond. Durante o seu julgamento, ficou

definitivamente provado que M'Naghten sofria daquilo a que chamaríamos

esquizofrenia paranóide. O júri deu um veredicto de inocente, considerando -o insano.

Firmou-se desde então o precedente M'Naghten. Ainda é seguido na Inglaterra e em

dezesseis estados.

-

O que significa o precedente M'Naghten?

-

O precedente M'Naghten é muito simples. Todo o homem é

presumivelmente são, e para estabelecer uma defesa baseada em insanidade, deve

ficar claramente provado que quando o réu fez o que fez atuava sob o peso de

tamanha deficiência da razão, em virtude de um distúrbio mental, que não tinha noção

da natureza e da qualidade do ato que praticava, ou se sabia o que estava fazendo,

não sabia que isso era um erro.

-

Poderia simplificar isso?

-

Sim. Se um réu não pode distinguir o certo do errado, está legalmente

insano.

-

Defina a insanidade, por favor.

-

Não tem significado algum, do ponto de vista médico. É rigorosamente

um padrão judiciário para o estado ou condição mental de uma pessoa.

Jake respirou fundo e prosseguiu.

-

Agora, doutor, baseado no seu exame do acusado, o senhor tem uma

opinião sobre as condições mentais de Carl Lee Hailey, no dia 20 de Maio deste ano,

por ocasião dos disparos?

-

Tenho, sim.

-

E qual é?

-

É minha opinião - Bass falava devagar - que o acusado sofreu uma

total ruptura de relações com a realidade quando a filha foi violada. Quando ele a viu

logo depois do estupro, não a reconheceu, e quando lhe disseram que ela fora violada,

espancada e quase enforcada, alguma coisa se partiu na mente de Carl Lee. É um

modo bastante elementar de dizer, mas foi isso que aconteceu. Alguma coisa se

partiu. Ele rompeu com a realidade. Eles tinham de morrer. Ele me disse, em uma das

visitas, que quando os viu pela primeira vez no tribunal não pôde compreender por

que razão os policiais os protegiam. Ficou à espera de que um dos policiais sacasse

de uma arma e lhes estourassem os miolos. Passaram-se alguns dias e ninguém os

matou, ele achou, então, que era sua obrigação. Quero dizer, ele achava que alguém,

dentro do sistema, devia executar os dois por terem violad o a filha dele. O que estou

dizendo, Dr. Brigance, é que, mentalmente, ele nos deixou. Estava em outro mundo.

E sofria de delírios. Sucumbiu.

Bass sabia que parecia convincente. Falava para o júri agora, não para o advogado.

-

No dia seguinte ao estupro ele falou com a filha no hospital. Ela mal

podia falar, com os maxilares quebrados e todo o resto, mas disse que o tinha visto

no bosque correndo para salvá-la e perguntou-lhe porque é que ele tinha

desaparecido. Muito bem. Pode imaginar o que isso significa ria para um pai? Mais

tarde ela lhe contou que tinha chamado pelo paizinho e que os dois homens riram e

disseram que ela não tinha pai.

Jake deixou que essas palavras fossem bem absorvidas. Examinou as anotações de

Ellen e viu só mais duas perguntas.

-

Agora, Dr. Bass, baseado nas suas observações de Carl Lee Hailey,

e no seu diagnóstico das condições mentais do acusado, por ocasião dos disparos, o

senhor tem uma opinião, um grau razoável de certeza médica, quanto à possibilidade

de Carl Lee Hailey ser capaz de saber a diferença entre o certo e o errado quando

atirou naqueles homens?

-

Tenho.

-

E qual é essa opinião?

-

Que em virtude de suas condições mentais, ele estava totalmente

incapaz de distinguir o certo do errado.

-

Baseado nos mesmos fatores, o senhor tem uma opinião sobre a

capacidade de Carl Lee Hailey em compreender e avaliar a natureza e a qualidade

das suas ações?

-

Tenho.

-

E qual é essa opinião?

-

Na minha opinião, como perito no campo da psiquiatria, o Sr. Hailey

estava totalmente incapaz de compreender e avaliar a natureza e a qualidade do que

estava fazendo.

-

Muito obrigado, doutor. Não tenho mais perguntas à testemunha.

Jake pegou o seu bloco de notas e caminhou confiante para o seu lugar. Olhou para

Lucien que sorria e aprovava com a cabeça. Olhou para o júri. Os jurados observavam Bass

e pensavam no seu depoimento. Wanda Wormack, uma mulher jovem de expressão

compreensiva, olhou para Jake e sorriu quase imperceptivelmente. Foi o primeiro sinal

positivo que recebeu do júri, desde o início do julgamento.

-

Até aqui tudo bem - murmurou Carl Lee. Jake sorriu para seu cliente.

-

Você é um verdadeiro psicótico, homem!

-

O promotor deseja interrogar a testemunha? - perguntou Noose a

Buckley.

-

Só algumas perguntas - disse Buckley, segurando o pódio.

Jake não conseguia imaginar Buckley discutindo psiquiatria com um especialista,

mesmo que fosse W T. Bass. Mas Buckley não tinha nenhuma intenção de discutir psiquiatria.

-

Dr. Bass, como é seu nome completo?

Jake ficou gelado. A pergunta estava carregada de ma u agouro. Buckley envolveua

em muita desconfiança.

-

William Tyler Bass.

-

Como é tratado habitualmente?

-

W T. Bass.

-

Alguma vez foi conhecido como Tyler Bass?

O perito hesitou.

-

Não - disse ele humildemente.

Uma enorme sensação de ansiedade atingiu Jake, era como uma lança em brasa perfurando-lhe seu estômago. A pergunta só podia significar problemas.

-

Tem certeza? - perguntou Buckley, erguendo as sobrancelhas, num tom de extrema incredulidade.

Bass encolheu os ombros.

-

Talvez quando era mais novo.

-

Compreendo. Agora, se não me engano, o senhor declarou que estudou medicina no Centro de Ciência da Saúde da Universidade do Texas.

-

Certo.

-

E onde fica isso?

-

Em Dallas.

-

E quando estudou lá?

-

De 1956 a 1960.

-

E com que nome estava registrado?

-

William T. Bass.

Jake morria de medo. Buckley estava de posse de alguma coisa, de algum segredo

obscuro do passado, que só ele e Bass conheciam.

-

Alguma vez usou o nome de Tyler Bass quando estudava medicina?

-

Não.

-

Tem certeza?

-

Claro que tenho.

-

Qual é o seu número de segurança social?

-

410-96-8585.

Buckley marcou qualquer coisa nos seus apontamentos.

-

E a sua data de nascimento? - perguntou, cuidadosamente.

-

Catorze de Setembro de 1934.

-

E qual era o nome de sua mãe?

-

Jonnie Elizabeth Bass.

-

E o apelido de solteira?

-

Skidmore.

Outra marca nas anotações. Bass olhou nervoso para Jake.

-

E o local do seu nascimento?

-

Carbondale, Illinois.

Outro risco. Uma objeção à pertinência dessas perguntas era cabível e sustentável,

mas os joelhos de Jake pareciam geléia e os seus intestinos eram fluido de repente. Tinha

medo de se sentir embaraçado se levantasse e tentasse falar.

Buckley estudou os riscos feitos nas suas anotações e deixou passar alguns

segundos. Todos na sala esperavam a pergunta seguinte, sabendo que seria brutal. Bass

olhava para o promotor como um prisioneiro olha para o pelotão de fuzilamento, esperando

e rezando para que os fuzis negassem fogo. Finalmente, Buckley sorriu para o perito.

-

Dr. Bass, alguma vez foi condenado por delito grave?

A pergunta ecoou no silêncio e, vinda de todas as direções, Pousou nos ombros de

Tyler Bass. Uma breve olhadela ao seu rosto revelava a resposta. Carl Lee apertou os olhos

e encarou o seu advogado.

-

É claro que não! - respondeu Bass em voz alta e em desespero.

Buckley limitou-se a baixar a cabeça e caminhar lentamente para a mesa, onde

Musgrove, com muita cerimônia, lhe entregou alguns documentos que pareciam muito

importantes.

-

Tem certeza? - trovejou Buckley.

-

É claro que tenho - protestou Bass, olhando para os documentos que

pareciam importantes.

Jake sabia que precisava se levantar e dizer ou fazer alguma coisa para impedir a

carnificina iminente, mas o seu cérebro estava paralisado.

-

Tem certeza? - perguntou Buckley.

-

Tenho - respondeu Bass com os dentes cerrados. - Nunca foi

condenado por delito grave?

-

É claro que não.

-

Tem tanta certeza disso como do resto do seu depoimento perante

este júri?

Era essa a armadilha, o golpe mortal, a pergunta mais letal de todas, uma pergunta

que Jake tinha usado muitas vezes, e quando a ouviu, compreendeu que Bass estava

liquidado. E com ele Carl Lee.

-

É claro - respondeu Bass, com fingida arrogância.

Buckley avançou para o xeque-mate.

-

Está dizendo a este júri que, em 17 de Outubro de 1956, em Dallas,

Texas, não foi condenado por delito grave sob o nome de Tyler Bass? - Buckley fez a

pergunta, olhando para o júri e lendo os documentos aparentemente importantes.

-

Isso é mentira - disse Bass, em voz baixa e pouco convincente.

-

Tem certeza de que é mentira? - perguntou Buckley.

-

Uma mentira descarada.

-

O senhor sabe distinguir entre uma mentira e a verdade, Dr. Bass?

-

Pode estar certo de que sei.

Noose pôs os óculos no nariz e inclinou-se para frente. Os jurados pararam de se

mexer nas cadeiras. Os repórteres pararam de escrever. Os policiais no fundo da sala ficaram

imóveis, escutando. Buckley pegou um dos documentos e examinou -o.

-

Está dizendo a este júri que, no dia 17 de Outubro de 1956, não foi

condenado por estupro de menor?

Jake sabia que, em qualquer crise no tribunal, era importante manter o rosto

inexpressivo. Era importante que os jurados, que não perdiam nada, vissem uma expressão

positiva no rosto do advogado de defesa. Jake tinha praticado essa aparência positi va, de

tudo-está-maravilhosamente bem, tudo-sob-controle, em muitos julgamentos e durante

muitas surpresas, mas com o "estupro de menor" a aparência positiva, confiante e segura foi

imediatamente substituída por uma expressão doentia, pálida e dolorosa, at entamente

examinada pelo menos por metade dos jurados. A outra metade olhava carrancuda para a

testemunha.

-

O senhor foi condenado por estupro de menor, doutor? - perguntou

Buckley, depois de um longo silêncio.

Nenhuma resposta. Noose, que se tinha encolhido na cadeira, inclinou-se na direção

da testemunha.

-

Por favor, responda à pergunta, Dr. Bass.

Bass ignorou o meritíssimo e encarou o promotor; disse:

-

O senhor está enganado.

Com um sorriso de desprezo, Buckley foi até à mesa onde Musgrove lhe estendeu

outros documentos que pareciam importantes. Abriu um envelope grande e branco e retirou

o que parecia ser uma fotografia 20 X 25.

-

Bem, Dr. Bass, eu tenho algumas fotografias suas tiradas pelo

Departamento de Policial de Dallas, no dia 11 de Setembro de 1956. O senhor gostaria

de vê-las?

Nenhuma resposta. Buckley estendeu as fotografias à testemunha.

-

Gostaria de ver estas aqui, Dr. Bass? Talvez elas pudessem refrescar-

lhe a memória.

Bass abanou a cabeça devagar, depois baixou-a e olhou para as botas.

-

Meritíssimo, o estado deseja juntar ao depoimento estas cópias,

autenticadas conforme as Leis do Congresso, do julgamento final e da ordem de

sentença no processo denominado Estado do Texas contra Tyler Bass, documentos

obtidos pelo estado das autoridades competentes de Dallas, Texas, segundo os quais,

em 17 de Outubro de 1956, um certo Tyler Bass se declarou culpado da acusação de

estupro de um menor, um delito grave de acordo com as leis do Estado do Texas.

Podemos provar que Tyler Bass e esta testemunha, Dr. W T. Bass, são uma só e a

mesma pessoa.

Musgrove educadamente entregou a Jake uma cópia de tudo ó que Buckley agitava

no ar.

-

Alguma objeção à inclusão disso no depoimento? - perguntou Noose

na direção de Jake.

Um discurso era imprescindível. Uma explicação brilhante e cheia de emoção, que

tocasse os corações do jurados e os fizessem chorar de pena de Bass e do seu paciente.

Mas as normas de procedimento não permitiam isso naquele momento.

Obviamente a prova

era admissível. Incapaz de se pôr de pé, Jake meneou negativamente a cabeça.

Nenhuma objeção.

-

Não temos mais perguntas - disse Buckley.

-

Deseja reinquirir a testemunha, Dr. Brigance? - perguntou Noose.

Naquela fração de segundo de que dispunha, Jake não conseguiu pensar numa única

coisa que pudesse perguntar a Bass para melhorar a situação. O júri tinha ouvido bastante a

respeito do perito da defesa.

-

Não - disse Jake calmamente.

-

Muito bem, Dr. Bass, o senhor está dispensado.

Bass atravessou rapidamente o portãozinho da barra, enveredou pela passagem

central e saiu da sala do tribunal. Jake observou atentamente a saída de Bass, deixando

perceber todo o seu ódio. Era importante que o júri visse até que ponto o réu e o ad vogado

estavam chocados. O júri tinha de acreditar que um réu convicto não fora deliberadamente

levado ao banco das testemunhas.

Quando a porta se fechou e Bass desapareceu, Jake olhou em volta, na esperança

de encontrar um rosto encorajador. Não havia nenhum. Lucien cofiava a barba e olhava para

o chão. Lester, com os braços cruzados, estava com um ar enojado. Gwen chorava.

-

Chame a sua próxima testemunha - disse Noose.

Jake continuou à procura. Na terceira fila, entre o reverendo Ollie Agee e o reverendo

Luther Roosevelt, estava Norman Reinfeld. Quando os olhos dele encontraram os de Jake,

ele franziu a testa e abanou a cabeça como se dissesse: "Eu o avisei". Do outro lado da sala,

a maioria dos brancos parecia aliviada e alguns até sorriam para Jake.

-

Dr. Brigance, pode chamar sua próxima testemunha. Contra a própria

avaliação, Jake tentou levantar-se. Os joelhos vergaram e ele inclinou-se para frente

com as palmas das mãos espalmadas de encontro à mesa.

-

Meritíssimo - disse ele, com voz estridente, descontrolada, derrotada

-, poderíamos suspender a sessão até à uma hora?

-

Mas, Dr. Brigance, são só onze e meia.

Uma mentira pareceu oportuna.

-

Sim, Meritíssimo, mas a nossa próxima testemunha não está aqui e

só chegará à uma hora.

-

Muito bem. A sessão fica suspensa até à uma hora. Quero ver os

advogados no meu gabinete.

Ao lado da sala do juiz, havia uma sala de café onde os advogados se reuniam para

conversar. Perto dela, havia uma pequeno banheiro. Jake fechou -se no banheiro, tirou o

casaco e atirou-o ao chão. Ajoelhou-se ao lado do vaso, esperou um momento, depois

vomitou.

Ozzie estava de pé diante do juiz e tentava conversar enquanto Musgrove e o

promotor sorriam um para o outro. Estavam à espera de Jake. Finalmente, este entrou na

sala e pediu desculpas.

-

Jake, tenho más notícias - disse Ozzie.

-

Deixe-me sentar primeiro.

-

Recebi há uma hora um telefonema do xerife de Lafayette County. A

sua estagiária, Ellen Roark, está no hospital.

-

Que aconteceu?

-

O Klan a apanhou na noite passada. Em algum entre Clanton e

Oxford.

Amarraram-na a uma árvore e a espancaram.

-

Como é que ela está?

-

Estável, mas o estado é grave.

-

Que aconteceu? - perguntou Buckley.

-

Não temos certeza. Eles arranjaram uma maneira de fazê-la parar o

carro e levaram-na para o bosque. Cortaram-lhe a roupa toda e o cabelo também. Ela

sofreu comoção cerebral e golpes na cabeça. Por isso julgam que foi espancada.

Jake precisava vomitar outra vez. Não conseguia falar. Massageou as têmporas e

pensou em como seria bom amarrar Bass numa árvore e espancá-lo. Noose olhou para o

advogado de defesa e teve pena dele.

-

Dr. Brigance, o senhor está bem?

Não obteve resposta.

-

Vamos fazer um intervalo até às duas horas. Acho que nós todos

precisamos de um intervalo destes - disse Noose.

Jake caminhou devagarinho para os degraus da frente com uma garrafa vazia de

cerveja e, por um momento, pensou seriamente em despedaçá -la na cabeça de Lucien. Mas

compreendeu que o outro nem sequer sentiria.

Lucien sacudiu os cubos de gelo no copo, olhando para longe, na direção da praça,

que há muito tempo estaria deserta não fossem os soldados e a multidão costumeira de

adolescentes que se dirigiam para o cinema para ver o programa duplo dos sábados.

Não diziam nada. Lucien olhava para longe. Jake olhava ferozmente para ele, com a

garrafa vazia na mão. Bass estava a centenas de quilômetros de distância.

Cerca de um minuto depois, Jake perguntou:

-

Onde está o Bass?

-

Foi embora.

-

Para onde?

-

Para casa.

-

Onde é que ele vive?

-

Porque quer saber?

-

Eu gostaria de ver a casa dele. Gostaria de vê-lo em casa. Gostaria

de espancálo até o matar com um bastão de beisebol, dentro da casa dele.

Lucien sacudiu os cubos de gelo.

-

Eu não o culpo, Jake.

-

Você sabia?

-

Sabia de quê?

-

Da condenação.

-

Que diabo, não! Ninguém sabia. O registro foi cancelado.

-

Não estou entendendo.

-

Bass me disse que o registro da condenação no Texas foi cancelado

três anos depois de ter sido feito.

Jake pôs a garrafa vazia no chão, ao lado da cadeira. Pegou num copo sujo, sopro u

para dentro dele, encheu-o de gelo e serviu-se de uma dose de Jack Daniel's.

-

Você é capaz de me explicar?

-

Segundo o Bass, a garota tinha dezessete anos e era filha de um juiz

eminente de Dallas. Eles estavam no cio e o juiz os apanhou embrulhados no so fá da

sala. Iniciou um processo e Bass não teve a menor chance. Declarou -se culpado de

violação de menor. Mas a garota estava apaixonada. Eles continuaram a encontrar -

se e ela apareceu grávida. Bass casou com ela e deu ao juiz um bebê perfeito

como

primeiro neto. O velho mudou de opinião e a queixa foi cancelada.

Lucien bebeu e contemplou as luzes da praça.

-

O que aconteceu à garota?

-

Diz Bass que uma semana antes de se formar em medicina, a mulher,

que estava grávida outra vez, e o menino morreram num de sastre de trem em Fort

Worth. Foi quando ele começou a beber e parou de viver.

-

E ele nunca lhe tinha contado isso a você?

-

Não me interrogue. Eu já lhe disse que não sabia de nada. Lembre -

se, eu mesmo o chamei para testemunhar por duas vezes. Se eu soubes se isto, ele

nunca teria deposto.

-

Porque é que ele nunca lhe contou nada?

-

Penso que porque ele julgava que o registro tinha sido apagado. Não

sei. Tecnicamente ele tem razão. Não há registro depois do cancelamento. Mas

ele

foi condenado.

Jake bebeu um gole longo e amargo de uísque. Era horrível. Ficaram sentados em

silêncio durante dez minutos. Estava escuro e os grilos cantavam em coro animado. Sallie

chegou à porta de rede e perguntou a Jake se queria jantar.

-

Não, obrigado.

-

Que aconteceu esta tarde? - perguntou Lucien.

-

Carl Lee fez o seu depoimento e encerramos às quatro horas. O

psiquiatra de Buckley não está pronto. Vai testemunhar na segunda -feira.

-

Como é que ele se saiu?

-

Mais ou menos. Veio logo depois de Bass e a gente podia se ntir o ódio

dos jurados. Ele estava pouco à vontade e parecia ensaiado. Acho que não ganhou

muitos pontos.

-

Que é que Buckley fez?

-

Perdeu a cabeça. Berrou com o Carl Lee durante uma hora. Carl Lee

estava decidido a enfrentá-lo, e os dois digladiaram-se o tempo todo. Acho que ambos

saíram feridos. Na contra-interrogação, animei-o um pouco e ele ficou quase patético.

Quase que chorou no fim.

-

Isso é bom.

-

É, muito bom. Mas eles vão condená-lo, não vão?

-

Imagino que sim.

-

Depois do intervalo, tentou me despedir. Disse que eu tinha perdido a

causa e que queria outro advogado.

Lucien foi até à frente da varanda e abriu o fecho das calças. Encostou -se a uma

coluna e regou os arbustos. Estava descalço e parecia uma vítima de cheias. Sallie trouxe -

lhe outra bebida.

-

Como está Row Ark? - perguntou Lucien.

-

Estável, dizem. Telefonei para o quarto dela e uma enfermeira disse -

me que ela não pode falar. Vou lá amanhã.

-

Espero que esteja bem. É uma boa garota.

-

É uma garota radical, mas muito inteligente. Eu acho que a culpa é

minha, Lucien.

-

Não é culpa sua. É um mundo louco, Jake. Cheio de gente louca.

Neste momento, penso que metade dessa gente está em Ford County.

-

Há duas semanas puseram dinamite debaixo da janela do meu quarto.

Depois mataram o marido da minha secretária. Ontem, dispararam sobre mim e

acertaram um soldado. Agora apanham a minha estagiária, amarram-na a uma

estaca, arrancam-lhe a roupa, cortam-lhe cabelo e ela está no hospital em estado de

choque. Só penso no que virá a seguir.

-

Acho que deve se render, Jake.

-

Por mim, fazia-o... Por mim, ia ao tribunal agora mesmo e entregava

a minha pasta, depositava as minhas armas, desistia. Mas render -me a quem? O

inimigo é invisível.

-

Não pode desistir, Jake. O seu cliente precisa de você - Para o inferno

com o meu cliente! Ele tentou me despedir hoje.

-

Ele precisa de você Esta coisa só vai acabar quando chegar ao fim.

A cabeça de Nesbit pendia metade para fora da janela e a saliva escorria pelo lado

esquerdo do queixo, descia pela porta e formava uma pequena poça em cima do "O" do Ford

da insígnia do Departamento de Policial na lateral do carro. Uma lata vazia de cerveja

umedecia-lhe a calça. Ao fim de duas semanas como guarda-costas, já tinha se habituado a

dormir com os mosquitos no carro-patrulha enquanto protegia o advogado.

Momentos depois do sábado passar a domingo, o rádio veio perturbar -lhe o descanso.

Agarrou o microfone enquanto enxugava o queixo na manga esquerda.

- S.0.8 - atendeu.

- Qual é o seu 10-20? .

- O mesmo lugar de há duas horas.

- A casa de Wilbanks?

-10-4.

- Brigance ainda está lá?

-10-4.

- Vá buscá-lo e leve-o para casa, na rua Adams. É uma emergência.

Nesbit passou pelas garrafas vazias da varanda, pela porta que não estava fechada

e encontrou Jake esparramado no sofá na sala da frente.

- Levante-se, Jake! Tem que ir para casa! É uma emergência!

Jake levantou-se de um salto e acompanhou Nesbit. Pararam nos degraus da frente

e olharam para além da cúpula do edifício do tribunal. Ao longe, uma chaminé incandescente,

expelindo fumaça negra, erguia-se acima de um clarão alaranjado e era arrastada

tranqüilamente pelo vento à meia-lua. A rua Adams estava bloqueada por um grande número

de veículos de voluntários, quase todos pick-ups. Cada um tinha diversas luzes vermelhas e

amarelas de emergência, pelo menos mil ao todo. Elas giravam e clareavam e cortavam a

escuridão num coro silencioso, iluminando a rua.

Os carros dos bombeiros estavam parados desordenadamente na frente da casa. Os

bombeiros e voluntários trabalhavam freneticamente, estendendo as mangueiras,

começando a organizar-se, respondendo ocasionalmente às ordens do chefe. Ozzie, Prather

e Hastings estavam perto de um carro de bombeiros. Alguns soldados assistiam calmamente,

encostados em um jipe.

O fogo brilhava intensamente. As chamas saíam de todas as janelas da frente da

casa, em cima e em baixo. A garagem estava completamente em chamas. O Cutlass de Carla

ardia por dentro e por fora, os quatro pneus emitindo um clarão próprio, mais escuro.

Curiosamente, um outro carro, menor, não o Saab, ardia perto do Cudass. O crepitar e

assobiar do fogo, mais o barulho surdo dos motores dos carros dos bombeiros, mais as vozes

altas dos homens que trabalhavam atraíam curiosos de vários quarteirões. Do gramado, do

outro lado da rua, olhavam para o incêndio.

Jake e Nesbit desceram a rua correndo. O chefe dos bombeiros, ao vê -los, veio

encontrá-los correndo:

-

Jake, há alguém dentro de casa?

-

Não!

-

Ótimo! Eu pensei que havia...

-

Só um cão.

-

Um cão?!

Jake confirmou com a cabeça e olhou para a casa.

-

Lamento muito - disse o chefe.

Reuniram-se junto do carro de Ozzie, em frente da casa da Sra. Pickle. Jake

respondia às perguntas.

-

Aquele Volkswagen ali debaixo, não é seu, não é Jake?

Jake olhou num silêncio atônito para o marco histórico de Carla. Abanou a cabeça.

-

Calculei que não fosse. Parece que foi ali que o fogo começou.

-

Não compreendo - disse Jake.

-

Se não é o seu carro, então alguém o estacionou ali, certo? Está

vendo como o chão da garagem está ardendo? É gasolina. Alguém encheu o carrinho

de gasolina, estacionou ali e foi embora. Provavelmente, tinha algum dispositivo para

atear o fogo.

Prather e dois voluntários concordaram.

-

Há quanto tempo está tudo queimando? - perguntou Jake.

-

Chegamos aqui há dez minutos - disse o chefe - e já estava tudo em

chamas. Diria uma meia-hora. É um belo incêndio. Sabiam o que estavam fazendo.

-

Suponho que não se possa tirar nada de dentro, não é? - perguntou

Jake, já sabendo a resposta.

-

Não há como, Jake. Está muito espalhado. Os meus homens não

conseguiriam entrar mesmo que houvesse alguém lá dentro... É um belo incêndio!

-

Por que diz isso?

-

Bem, olhe para aquilo! Está queimando por igual pela casa toda. Vê

chamas em todas as janelas. Em cima e em baixo. Isso é raríssimo! Mais um minuto

e vai queimar o telhado!...

Dois grupos avançaram alguns passos com as mangueiras, atirando água na direção

das janelas pelo alpendre da frente. Uma mangueira menor estava assestada a uma janela

do segundo andar. Depois de observar durante um ou dois minutos a água que desaparecia

no meio das chamas, sem qualquer efeito, o chefe cuspiu e disse:

-

Vai queimar totalmente. - Disse isto e desapareceu no meio dos carros

de bombeiros e começou a gritar ordens.

Jake olhou para Nesbit.

-

Pode me fazer um favor?

-

Claro, Jake.

-

Vá a casa de Harry Rex e traga-o aqui. Não quero que ele perca isto.

-

Com certeza.

Durante duas horas, Jake, Ozzie, Harry Rex e Nesbit, sentados no carro da

policial,

viram o fogo cumprir a profecia do chefe dos bombeiros. De vez em quando um vizinho

aproximava-se, expressava a sua simpatia e perguntava pela família. A Sra. Pickle, a doce

velhinha da casa vizinha, chorou ruidosamente quando Jake lhe disse que Max tinha sido

consumido pelo fogo.

Às três horas os policiais e outros curiosos tinham desaparecido e às quatro a

graciosa casinha vitoriana estava reduzida a um monte de escombros fumegantes. Os

últimos bombeiros abafaram todos os sinais de fumaça das ruínas. Só a chaminé e as

carroçarias queimadas de dois carros se erguiam acima dos escombros quando as pesadas

botas de borracha avançavam aos tropeções pelos destroços à procura de fagulhas ou de

chamas ocultas que pudessem de algum modo saltar e incendiar o resto do entulho.

As últimas mangueiras foram enroladas quando o sol começava a aparecer. Jake

agradeceu aos bombeiros quando eles partiram. Ele e Harry Rex foram andando até o quintal

e inspecionaram a extensão da perda.

-

Ora, ora - disse Harry Rex. - É só uma casa.

-

Você é capaz de telefonar para Carla e dizer isso?

-

Não. Acho que você é que deve telefonar.

-

Acho que vou esperar... Harry Rex consultou o relógio.

-

Está quase na hora do café, não está?

-

Hoje é domingo, Harry Rex. Não há nada aberto.

-

Ah, Jake, você é um amador, e eu um profissional. Arranjo comida quente a qualquer hora de qualquer dia.

-

No estacionamento de caminhões?

-

No estacionamento de caminhões!

-

Está bem. E quando terminarmos, vamos a Oxford ver como está Row Ark.

-

Ótimo. Mal consigo esperar até para vê-la com um corte de cabelo

masculino!

Sallie pegou o telefone e o atirou-o a Lucien, que só depois de algumas tentativas

conseguiu pô-lo na posição certa.

-

Sim, quem fala? - perguntou ele, olhando pela janela para a escuridão

lá fora.

-

É Lucien Wilbanks?

-

Sim, quem fala?

-

Conhece Clyde Sisco?

-

Conheço.

-

São cinqüenta mil.

-

Volte a me telefonar de manhã.

Sheldon Roark, sentado na janela com os pés nas costas de uma cadeira, lia n o jornal

de domingo de Memphis a reportagem sobre o julgamento de Hailey. No fim da primeira

página estava uma fotografia da sua filha e a história do seu encontro com o Klan. Ela

repousava confortavelmente na cama a alguns passos dali. O lado esquerdo da cabeça

estava raspado e coberto com uma ligadura grossa. A orelha esquerda tinha levado vinte e

oito pontos. A comoção cerebral, julgada séria a princípio, não tinha maior gravidade, e os

médicos tinham prometido que ela teria alta na quarta -feira.

Ela não fora violada nem chicoteada. Os médicos que telefonaram para Boston não

deram muitos detalhes. Sheldon Roark passou sete horas num avião sem saber o que lhe

tinham feito à filha, mas à espera do pior. No sábado, a altas horas da noite, os médicos

fizeram novas radiografias e disseram-lhe que podia ficar descansado. As cicatrizes

desapareceriam e o cabelo voltaria a crescer. Ela fora aterrorizada e maltratada, mas podia

ter sido muito pior.

Ele ouviu um alarido no corredor. Alguém discutia com uma enferme ira. Sheldon pôs

o jornal sobre a cama da filha e abriu a porta. Uma enfermeira tinha surpreendido Jake e

Harry Rex no corredor. Explicou-lhes que o horário das visitas começava às duas da tarde e

que já eram oito horas; que só pessoas da família podiam visitar os pacientes e que ia chamar

a segurança se eles não se fossem embora. Harry Rex explicou que estava pouco se

importando com o horário de visitas ou para qualquer outro regulamento idiota do hospital,

que a paciente era sua noiva, e que ele a ia ver pela última vez antes que ela expirasse e

que se a enfermeira não se calasse, a processaria por tê -lo molestado porque era advogado

e há uma semana que não processava ninguém e estava ficando impaciente.

-

O que é está acontecendo aqui? - perguntou Sheldon.

Jake olhou para o homenzinho ruivo, de olhos verdes, e disse:

-

O senhor deve ser Sheldon Roark.

-

Sou.

-

Eu sou Jake Brigance, o que...

-

Sim, tenho lido algumas coisas a seu respeito. Está tudo bem,

enfermeira, eles estão comigo.

-

Isso mesmo - disse Harry Rex. - Está tudo bem. Nós estamos com ele.

Agora, quer fazer o favor de nos deixar a sós, antes que eu penhore o seu salário?

Ela jurou que ia chamar a segurança e afastou-se furiosa.

-

Eu sou Harry Rex Vonner - disse ele, apertando a mão de Sheldon

Roark.

-

Entrem - disse ele.

Seguiram-no, entraram no pequeno quarto e avistaram Ellen, que ainda dormia.

-

Como está ela? - perguntou Jake.

-

Uma comoção cerebral leve. Vinte e oito pontos na orelha e onze na

cabeça. Vai ficar boa. O médico disse que ela poderia ter alta na quarta-feira. Ontem

à noite ela estava acordada e conversamos bastante.

-

O cabelo dela está horrível - observou Harry Rex.

-

Eles puxaram-no e cortaram à faca, disse-me ela. Também lhe fizeram

a roupa em pedaços e ameaçaram açoitá-la. Os ferimentos na cabeça foram feitos

por ela mesma. Ela pensou que ia ser morta ou violada, por isso bateu com a cabeça

na estaca em que estava amarrada. Deve ter assustado os homens.

-

Quer dizer que não a espancaram?

-

Não. Eles não lhe fizeram mal. Só a deixaram morta de medo.

-

O que foi que ela viu?

-

Não muita coisa. Uma cruz em chamas, mantos brancos, uns doze

homens.

O xerife disse que foi numa pastagem, dezoito quilômetros a leste daqui.

Propriedade de uma fábrica de papel.

-

Quem a encontrou? - perguntou Harry Rex.

-

O xerife recebeu um telefonema anônimo de um cara chamado Mickey

Mouse.

-

Ah, sim. O meu velho amigo... Ellen gemeu baixinho e espreguiçou -

se. - Vamos para fora - disse Sheldon.

-

Este lugar tem um bar? - perguntou Harry Rex. - Fico faminto quando

entro em um hospital.

-

Claro. Vamos tomar um café.

O bar no primeiro andar estava vazio. Jake e Sheldon Roark beberam café puro.

Harry Rex começou por três donuts doces e uma garrafa de leite.

-

Pelo que diz o jornal, as coisas não vão muito bem - disse Sheldon.

-

O jornal é muito bondoso - disse Harry Rex com a boca cheia. - O

nosso Jake está recebendo pontapés no rabo de toda a sala do tribunal. E a vida não

está fácil do lado de fora também. Quando não estão atirando nele, ou seqüestrando

a estagiária, estão incendiando-lhe a casa.

-

Incendiaram a sua casa!? Jake confirmou com a cabeça.

-

A noite passada. Ainda está soltando fumaça.

-

Tive a impressão de sentir cheiro de fumaça...

-

Nós a vimos queimar completamente. Levou quatro horas.

-

Lamento muito. Já me ameaçaram com isso, mas o pior que fizeram

foi cortarem os pneus do carro. Também nunca dispararam sobre mim.

-

Em mim já foram duas vezes...

-

Também existe o Klan em Boston? - perguntou Harry Rex.

-

Não que eu saiba.

-

É uma pena... Estes caras acrescentam uma dimensão real à prática

do Direito.

-

É o que parece... Vimos na televisão o tumulto do lado de fora do

tribunal na semana passada. Tenho acompanhado isto muito de perto desde que Elen

se envolveu. É um caso famoso. Mesmo no norte. Gostaria que fosse meu.

-

É todo seu - disse Jake. - Acho que o meu cliente está à procura de

um novo advogado.

-

Quantos psiquiatras o estado vai chamar para depor?

-

Só um. Vai testemunhar amanhã de manhã e depois teremos a nossa

argumentação final. Devemos entregar o caso ao júri amanhã, no fim da tarde.

-

É uma pena que Ellen não possa estar presente. Ela telefonava -me

todos os dias para falar sobre o caso.

-

Onde foi que você errou? - perguntou Harry Rex.

-

Não fale com a boca cheia - disse Jake.

-

Eu acho que você fez um bom trabalho. Para começo de conversa, é

um conjunto de fatos desagradáveis. Hailey cometeu os crimes, planejou -os

cuidadosamente e depende de uma alegação bastante fraca de insanidade. Os jú
ris

de Boston não teriam muita simpatia por ele.

-

Nem de Ford County - disse Harry Rex.

-

Espero que tenha um trunfo final emocionante escondido na manga -

disse Sheldon.

-

Ele não tem nem mangas... - disse Harry Rex. - Foram todas

queimadas! Juntamente com as calças e as cuecas.

-

Porque não vem assistir ao julgamento amanhã? - perguntou Jake. -

Eu o apresento ao juiz e peço que autorize a sua presença no gabinete.

-

Ele não faria isso por mim - disse Harry Rex.

-

Percebo porquê... - disse Sheldon com um sorriso. - Talvez vá. De

qualquer forma, já tinha planejado ficar até terça-feira. É seguro aquilo lá?

-

Não muito.

A mulher de Woody Mackenvale, sentada num banco de plástico no corredor junto ao

quarto do marido, chorava mansamente, procurando parecer corajosa para os dois filhos

pequenos sentados a seu lado. Cada uma das crianças segurava uma caixa de lenços e uma

vez ou outra enxugava a cara e assoava o nariz.

Jake ajoelhou-se diante dela e ouviu com atenção o que ela lhe contou que os

médicos haviam dito. A bala tinha se alojado na coluna vertebral, a paralisia era grave e

irreversível. Ele era chefe de seção numa fábrica de Booneville. Bom emprego. Uma boa

vida. Ela não trabalhava, pelo menos até agora. Haviam de encontrar maneira de se

arranjarem, mas ela não sabia como. Ele era treinador da equipe de beisebol onde os filhos

jogavam. Era um homem muito ativo.

Ela se pôs a chorar mais alto e as crianças enxugaram o rosto.

- Ele me salvou a vida - disse-lhe Jake, olhando para as crianças.

Ela fechou os olhos e meneou a cabeça afirmativamente.

- Estava fazendo o seu trabalho. Nós vamos nos arranjar.

Jake tirou um lenço de papel da caixa e enxugou os olhos. Um grupo de parentes de

pé nas imediações estava observando-os. Harry Rex, nervoso, andava de um lado para o

outro, no fim do corredor. Jake abraçou-a e afagou a cabeça dos meninos. Deu-lhe o número

do seu telefone - do escritório - e disse-lhe que telefonasse se ele pudesse fazer alguma

coisa. Prometeu visitar Woody depois do julgamento.

No domingo, as lojas que vendiam cerveja abriam ao meio -dia como se os fiéis

precisassem disso, nessa altura, e, a caminho de casa, ao saírem da casa do Senhor,

tivessem de fazer uma parada para levarem duas caixas de seis latas, antes de irem para o

almoço dominical na casa da avó e passar a tarde como o diabo gosta. O estranho era que

elas fechavam de novo às seis da tarde, como se devessem negar cerveja aos mesmos fiéis

que retornavam à igreja para os ofícios da noite de domingo. Nos outros seis dias, a cerveja

era vendida das seis da manhã até à meia-noite. Mas no domingo, a venda era encurtada

em homenagem ao Todo-Poderoso.

Jake comprou uma caixa de seis, no Armazém Bates, e mandou o motorista ir em

direção ao lago. O velho Bronco de Harry Rex tinha mais de cinco centímetros de lama seca

nas portas e nos pára-lamas. Os pneus nem apareciam. O pára-brisas, perigosamente

rachado, estava cheio de insetos mortos, colados nas bordas. O certificado de revisão tinha

quatro anos e não se via do lado de fora. Dezenas de latas de cerveja vazias e de

garrafas

quebradas espalhavam-se pelo chão. O ar-condicionado não funcionava há seis anos. Jake

tinha sugerido o Saab. Harry Rex praguejou dizendo que não compreendia tanta estupidez.

O Saab vermelho era um alvo fácil para francoatiradores. Ninguém iria suspeitar daquela lata

velha.

Saíram devagarinho na direção geral do lago, para nenhum luga r definido. O lamento

de Willie Nelson vibrava no leitor de cassetes. Ao mesmo tempo em que marcava o ritmo no

volante, Harry Rex cantava. A sua voz normal era áspera e rude. Cantando, era medonha.

Jake bebia a sua cerveja, à procura da luz do dia através do pára-brisas.

A onda de calor estava prestes a ser quebrada. Nuvens escuras apareciam a

sudoeste, e quando eles passaram pelo Huey's, a chuva começou a cair, regando a terra

ressequida e limpando as trepadeiras que ladeavam o leito da estrada e pendiam das árvores

como barbas-de-velho. Esfriou o asfalto e formou uma névoa pegajosa, que se erguia a um

metro do chão. As ravinas na terra vermelha absorviam a água e, quando cheias, formavam

pequenos regatos que desciam para as valas irrigando os campos e as laterais da estrada.

A chuva encharcou o algodão e a soja e castigou as fileiras das plantações, até formar

pequenas poças entre uma planta e outra.

Surpreendentemente, os limpadores de pára-brisas funcionavam. Dançavam

furiosamente de um lado para o outro, removendo a lama e a coleção de insetos. A

tempestade cresceu. Harry Rex aumentou o volume do estéreo.

Os negros com as suas varas de pesca e chapéus de palha abrigaram-se debaixo

das pontes, à espera de que a chuva passasse. Lá em baixo, os regatos se cos voltavam à

vida. Água barrenta descia dos campos e das ravinas, alimentando os riachos. A água subia

e avançava. Os negros comiam queijo e biscoitos e contavam histórias de pescarias.

Harry Rex estava com fome. Parou no Armazém Treadway's, perto do la go, e

comprou mais cerveja, dois pratos feitos de peixe frito e um saco grande de torresmos com

molho de pimenta. Atirou os torresmos a Jake.

Atravessaram a represa sob a cortina cerrada de chuva. Harry Rex parou ao lado de

um pequeno pavilhão na área para piqueniques. Sentaram-se à mesa e ficaram vendo a

chuva sobre o lago Chatulla. Jake bebia cerveja enquanto Harry Rex comia os dois pratos de

peixe frito.

-

Quando é que vai contar à Carla? - perguntou ele, bebendo um gole

de cerveja. A chuva batia ruidosamente no teto de zinco.

-

Contar o quê?

-

Da casa.

-

Não vou contar. Acho que posso mandar reconstruí-la antes que ela

volte. - Quer dizer, até o fim da semana?

-

Isso mesmo.

-

Está ficando maluco ou quê, Jake? Anda bebendo demais e está

perdendo a noção da realidade.

-

É o que mereço. Trabalhei para isso. Estou a duas semanas da

falência. Estou à beira de perder o maior caso da minha carreira, pelo qual recebi

novecentos dólares. A minha bela casa, que todas as pessoas gostavam de fotografar

e que as velhas senhoras do Clube de Jardinagem queriam que aparecesse na

Southern Living, está reduzida a escombros. A minha mulher deixou -me e quando

souber do incêndio, vai pedir o divórcio. Não tenho a menor dúvida. Assim, vou perder

a minha mulher. E quando a minha filha souber que o maldito cão dela morreu no

incêndio, vai me odiar para sempre. Há uma conspiração para me matar. Os

assassinos do Klan estão atrás de mim. Atiradores disparam contra mim. Há um

soldado que está no hospital com uma bala na espinha, a bala que era para mim. Está

condenado a ser um vegetal e vou pensar nele dia e noite enquanto eu viver. O marido

da minha secretária foi morto por minha causa. A minha última funcio nária está no

hospital com um corte de cabelo punk e uma comoção cerebral porque trabalhava

para mim. O júri pensa que sou um salafrário mentiroso por causa do perito que

escolhi para testemunhar. O meu cliente quer me despedir. Quando ele for

condenado, todos vão me culpar. Ele vai contratar outro advogado para a apelação,

um daqueles sujeitinhos da associação, e vão me processar por ter sido inepto como

advogado de defesa. E com razão. Assim, vou ser acusado de imperícia. Ficarei sem

mulher, sem filha, sem casa, sem profissão, sem dinheiro, sem nada.

-

Você estás precisando da ajuda de um psiquiatra, Jake... Acho que deve marcar uma hora com o Dr. Bass. Tome, beba uma cerveja.

-

Acho que vou viver com Lucien e ficar sentado na varanda o dia inteiro.

-

Posso ficar com o seu escritório?

-

Você acha que ela vai pedir o divórcio?

-

Provavelmente. Eu já passei por quatro, e elas pedem o divórcio por qualquer ninharia.

-

A Carla não. Eu adoro o chão que ela pisa e ela sabe isso.

-

No chão, ela vai dormir quando voltar para Clanton.

-

Nada disso, vamos comprar um trailer bonitinho e confortável. Vai servir até terminar o processo da minha falência. Depois, procuramos outra casa e recomeçamos a vida.

-

Provavelmente, vai ter de arranjar outra mulher para recomeçar. Por

que a Carla haveria de deixar uma casa elegante na praia para passar a viver num

trailer em Clanton?

-

Porque eu vou estar no trailer.

-

Não vai dar certo, Jake. Você vai ser um advogado bêbado, proibido

de exercer, falido, vivendo num trailer! Publicamente desonrado, esquecido por todos

os amigos, menos eu e Lucien. Carla nunca mais voltará. É o fim, Jake. Como seu

amigo e advogado, aconselho-o a entrar com o pedido de divórcio antes dela. Peça o

divórcio amanhã, assim ela não vai ter tempo de saber o que acont eceu.

-

Porque é que eu tenho de pedir divórcio?

-

Porque ela vai te processar. Nós entramos com o pedido antes,

alegando que ela o abandonou quando você mais precisava do apoio dela.

-

Isso é motivo para divórcio?

-

Não. Mas diremos também que você estás louco, insanidade

momentânea... Deixe isso por minha conta. O precedente M'Naghten. Não se

esqueça de que eu sou o advogado especialista em divórcios?

-

Como é que eu me esqueceria?

Jake colocou no copo o resto da cerveja quente e abriu outra garrafa. A chuva

diminuiu e as nuvens ficaram mais claras. Um vento frio começou a soprar do lago.

-

Vão condená-lo, não vão, Harry Rex? - perguntou Jake, olhando para

o lago.

Harry Rex parou de mastigar e limpou a boca. Pousou o prato de papelão na mesa e

bebeu um longo gole de cerveja. Gotas de chuva, trazidas pelo vento, molharam-lhe a cara.

Enxugou-as com a manga.

-

Vão, Jake. O seu homem está para ir desta para melhor... Vejo isso

nos olhos deles. Aquela coisa da insanidade não colou. Eles, logo no início, não

queriam acreditar em Bass e depois de Buckley ter lhe baixado as calças em público,

resolveram definitivamente. Carl Lee também não ajudou muito. Parecia

ensaiado e

sincero demais. Como se implorasse compaixão. Fez um depoimento repugnante.

Observei o júri enquanto ele testemunhava. Não vi nenhum sinal de simpatia. Eles

vão condenar, Jake. E rapidamente.

-

Obrigado por ser tão franco.

-

Sou seu amigo e acho que você deve se preparar para a condenação

e para um longo recurso.

-

Sabe de uma coisa, Harry Rex, eu queria nunca ter ouvido falar em

Carl Lee Hailey.

-

Acho que é tarde demais para isso, Jake.

Sallie abriu a porta e disse a Jake que lamentava o que acontecera à casa. Lucien

estava lá em cima, no escritório, sóbrio e trabalhando. Apontou para uma cadeira e mandou

Jake sentar-se. A mesa estava cheia de bloco de notas.

-

Passei a tarde toda trabalhando numa argumentação final - disse ele,

mostrando a papelada à sua frente. - A sua única esperança de salvar Hailey é com

um desempenho arrebatador nas alegações finais. Repare, estamos falando da maior

alegação final da história da jurisprudência. É o que ela vai ser.

-

E presumo que tenha criado essa obra-prima.

-

Para ser franco, sim. É melhor do que qualquer coisa que pudesse

produzir, Jake. E calculei, corretamente, que você ia passar a tarde de domingo

lamentando a perda da sua casa e afogando as mágoa s em cerveja. Eu sabia que

não ia ter nada preparado. Por esse motivo, preparei isto para você

-

Gostaria de conseguir ficar tão sóbrio como o senhor, Lucien.

-

Eu bêbado era melhor advogado do que você sóbrio.

-

Pelo menos sou um advogado.

Lucien atirou um bloco de notas para o lado de Jake.

-

Aí está! Uma compilação das minhas maiores alegações finais. Lucien

Wilbanks na sua melhor forma, tudo condensado numa só alegação para você e

para

o seu cliente. Sugiro que decore e use palavra por palavra. Vale a pen a. Não tente

modificar nem improvisar. Só iria estragar tudo.

-

Vou pensar nisso. Já fiz isso uma vez, não se lembra?

-

Pois não parece.

-

Que diabo, Lucien! Não me chateie!

-

Calma, Jake. Vamos tomar alguma coisa. Sallie! Sallie!

Jake atirou a obra-prima para o sofá e foi até à janela que dava para a parte de trás

da casa. Sallie subiu correndo a escada. Lucien pediu uísque e cerveja.

-

Passou a noite toda em claro? - perguntou Lucien. - Não. Dormi das

onze ao meio-dia!

-

Você está horrível! Precisa de uma boa noite de sono.

-

Sinto-me péssimo, e o sono não vai adiantar. Nada vai adiantar,

exceto o fim deste julgamento. Eu não compreendo, Lucien. Não compreendo por que

tudo saiu mal. Deus sabe que mereço um pouco de sorte. O caso nem devia ser

julgado em Clanton. Deram-nos o pior júri possível, um júri corrupto. Mas eu não posso

provar isso. A nossa testemunha-chave foi completamente destruída. O réu prestou

um depoimento horroroso. E o júri não confia em mim. Não sei que mais poderia me

acontecer!

-

Ainda pode ganhar o caso, Jake. Vai precisar de um milagre, mas

essas coisas às vezes acontecem. Eu arranquei a vitória das garras da derrota muitas

vezes com uma alegação final eficiente. Concentre a atenção em um ou dois jurados.

Represente para eles. Fale com eles. Lembre-se, basta um para impedir que o

veredicto seja alcançado por unanimidade.

-

Devo fazer o júri chorar?

-

Se puder. Não é fácil. Mas eu acredito em lágrimas por parte dos

jurados. É muito eficaz.

Sallie voltou com as bebidas e eles desceram para a var anda. Quando anoiteceu,

Sallie serviu sanduíches e batatas fritas. Às dez horas, Jake foi para o quarto. Telefonou para

Carla e conversaram durante uma hora. Não disse nada sobre a casa. O estômago apertou -

se quando ouviu a voz dela e compreendeu que ia te r de lhe dizer que a casa, a casa dela,

já não existia. Jake desligou, rezando para que Carla não soubesse pelos jornais.

QUARENTA

Na segunda-feira de manhã, Clanton voltou ao normal com as barricadas em volta da

praça e o número de soldados reforçado, para garantir a ordem pública. Eles andavam pela

praça tranqüilamente, observando os homens do Klan e o grupo de negros, que voltavam

aos seus lugares, um de cada lado da passagem central. Depois do dia de descanso, todos

voltaram com renovada energia e, às oito e meia, ambos os coros estavam animados. Com

a notícia do fracasso do Dr. Bass, o Klan farejou a vitória. Além disso, tinham ma rcado um

ponto na rua Adams. Pareciam mais barulhentos do que nunca. Às nove, Noose convocou

os advogados ao seu gabinete.

-

Só queria ter certeza de que estavam todos vivos e gozando de

perfeita saúde - disse com um largo sorriso dirigido a Jake.

-

Sr. Dr. Juiz, porque não vai plantar batatas? - disse Jake em voz baixa,

mas de modo que todos pudessem ouvir.

Os promotores ficaram gelados. O Sr. Pate pigarreou alto. Noose inclinou a cabeça

para o lado, como se fosse meio surdo.

-

O que foi que disse, Dr. Brigance?

-

Eu disse, porque não começamos logo, Sr. Dr. Juiz?

-

Sim, foi o que eu pensei que tinha dito. Como está a sua estagiária,

Miss Roark? - Vai ficar boa.

-

Foi o Klan?

-

Foi, Sr. Dr. Juiz. O mesmo Klan que tentou me matar. O mesmo Klan

que iluminou todo o distrito com as cruzes de fogo e que fez só Deus sabe o quê

visando o nosso rol de jurados. O mesmo Klan que provavelmente intimidou a maioria

dos jurados que estão sentados lá fora. Sim, senhor, o mesmo Klan.

Noose tirou os óculos com um gesto brusco.

-

Pode provar isso?

-

Quer dizer, se eu tenho confissões escritas, assinadas, autenticadas

em cartório, dos homens do Klan? Não, senhor. Eles recusam-se a cooperar.

-

Se não pode provar, Dr. Brigance, então esqueça.

-

Sim, Meritíssimo.

Jake saiu da sala e bateu com a porta. Segundos depois, o Sr. Pate pediu ordem no

tribunal e todos se levantaram. Noose deu as boas-vindas ao seu júri e garantiu que o

sacrifício estava quase no fim. Ninguém sorriu para ele. Fora um fim de semana solitário no

Temple Inn.

-

O estado oferece alguma refutação? - perguntou ele a Buckley.

-

Uma testemunha, Meritíssimo.

O Dr. Rodeheaver foi trazido da sala das testemunhas. Sentou -se cuidadosamente

na cadeira da testemunha e cumprimentou o júri com uma demorada inclinação da cabeça.

Parecia um psiquiatra. terno escuro, sem botas. Buckley assumiu o pódio e sorriu para o júri.

-

O senhor é Dr. Wilbert Rodeheaver? - trovejou ele, olhando para o júri

como se dissesse: "Agora vocês vão ver o que é um verdadeiro psiquiatra".

-

Sim, senhor.

Buckley fez perguntas, milhões de perguntas, sobre o seu currículo acadêmico e

profissional. Rodeheaver parecia confiante, calmo, preparado e habituado ao banco de

testemunhas. Falou longamente da sua vasta preparação profissional, da sua vasta

experiência clínica e da enorme magnitude do seu trabalho mais recente como chefe de

equipe do hospital estadual de doentes mentais. Buckley perguntou -lhe se tinha escrito

artigos sobre psiquiatria. Ele disse que sim e, durante trinta minutos, comentaram os artigos

daquele homem tão culto. Tinha recebido subsídio do governo federal e de vários estados

para as suas pesquisas. Era membro de todas as instituições citadas por Bass e de mais

algumas. Era reconhecido por todas as associações que tinham alguma relação, por mai s

remota que fosse, com o estudo da mente humana. Era um homem educado e discreto.

Buckley apresentou-o como perito e Jake não fez perguntas. Buckley continuou:

-

Dr. Rodeheaver, quando examinou pela primeira vez Carl Lee Hailey?

O perito consultou suas anotações.

-

A dezenove de Junho.

-

Onde foi feito o exame?

-

No meu consultório em Whitfield.

-

Durante quanto tempo o examinou?

-

Umas duas horas.

-

Qual o objetivo desse exame?

-

Determinar as suas condições mentais naquela ocasião e também na ocasião em que matou o Sr. Cobb e o Sr. Willard.

-

O senhor obteve o seu histórico clínico?

-

A maior parte da informação foi conseguida por um médico da equipe do hospital.

Eu fiz a revisão com o Sr. Hailey.

-

O que revelou o histórico?

-

Nada de importante. Ele falou muito sobre o Vietnã, mas nada de importante.

-

Ele falou voluntariamente sobre o Vietnã?

-

Ah, sim. Ele queria falar no assunto. Era quase como se o tivessem aconselhado a falar nisso tanto quanto possível.

-

Sobre que mais falaram nesse primeiro exame?

-

De várias coisas. Da infância, família, estudos, vários empregos, praticamente de tudo.

-

Ele falou do estupro da filha?

-

Sim, detalhadamente. Foi doloroso para ele falar no assunto, como seria para mim se tratasse da minha filha.

-

Ele falou sobre os eventos que provocaram a morte de Cobb e

Willard?

-

Sim, conversamos longamente sobre isso. Tentei determinar o seu

grau de conhecimento e compreensão desses acontecimentos.

-

Que foi que ele disse?

-

No começo, não muita coisa. Mas aos poucos ele abriu-se e contou

que tinha examinado o edifício três dias antes e escolhido o melhor lugar para agir.

-

E sobre os tiros?

-

Não falou muito sobre isso. Disse que não se lembrava, mas eu

suspeito que não é verdade.

Jake levantou-se de um salto.

-

Protesto! A testemunha só pode falar sobre o que sabe com certeza.

Não pode fazer insinuações.

-

Deferido. Por favor, continue, Dr. Buckley.

-

O que mais observou a respeito do seu estado de espírito, atitude e

modo de falar?

Rodeheaver cruzou as pernas e mexeu-se levemente na cadeira. Franziu a testa,

pensando profundamente.

-

Inicialmente, não confiou em mim e evitava me olhar nos olhos. As

respostas eram muito breves. Estava ressentido por ser mantido sob escolta e

algemado durante o tempo que permaneceu na nossa instituição. Questionou as

paredes acolchoadas. Mas, ao fim de algum tempo, começou a falar livremente.

Recusou-se terminantemente a responder a certas perguntas, mas de um modo geral

cooperou bastante.

-

Quando e onde o senhor o voltou a examiná-lo?

-

No dia seguinte, no mesmo lugar.

-

Qual era o seu estado de espírito, a atitude dele?

-

Mais ou menos idênticos aos da véspera. Distante, a princípio,

abrindo-se mais, aos poucos. Falamos praticamente sobre as mesmas coisas do dia

anterior.

-

Quanto tempo durou esse exame?

-

Aproximadamente quatro horas.

Buckley consultou as suas notas e conversou em voz baixa com Musgrove.

-

Agora, Dr. Rodeheaver, como resultado do exame do Sr. Hailey, nos

dias 19 e 20 de Junho, o senhor chegou a um diagnóstico da condição psiquiátrica do

acusado nesses dias?

-

Sim, senhor.

-

E qual é esse diagnóstico?

-

Nos dias 19 e 20 de Junho o Sr. Hailey demonstrou estar mentalmente

são. Perfeitamente normal, diria eu.

-

Muito obrigado. Com base nos seus exames, o senhor chegou a um

diagnóstico das condições mentais do Sr. Hailey no dia em que matou Billy Ray Cobb

e Pete Willard?

-

Sim.

-

E qual é esse diagnóstico?

-

Naquela ocasião, as condições mentais dele eram perfeitas, sem

alteração de qualquer natureza.

-

Em que fatores se baseia o senhor para afirmar isso?

Rodeheaver voltou-se para o júri e começou a aula.

-

Deve-se considerar o nível de premeditação envolvido neste crime. O

motivo é um elemento de premeditação. Ele tinha certamente um motivo para fazer o

que fez e as condições mentais dele, na ocasião, não o impediam de alimentar a

necessária premeditação. Francamente, o Sr. Hailey planejou cuidadosamente o que

fez.

-

Doutor, o senhor conhece o precedente M'Naghten como teste de

responsabilidade criminal?

-

Certamente.

-

E está ciente de que outro psiquiatra, um tal Dr. W. T. Bass, disse a

este júri que o Sr. Hailey era incapaz de distinguir entre o certo e o errado e, mais,

que não era capaz de compreender e avaliar a natureza e a qualidade das suas

ações?

-

Sim, estou ciente disso.

-

O senhor concorda com essas declarações?

-

Não. Considero-as absurdas e sinto-me pessoalmente ofendido por

elas. O próprio Sr. Hailey afirmou que planejou os crimes. Na verdade, admitiu que as

suas condições mentais, na ocasião, não o impediram de planejar cuidadosamente.

A isso chama-se premeditação em qualquer livro de Direito ou de Medicina. Eu nunca

soube de ninguém que, tendo admitido que planejou um crime, diga depois que não

sabia o que estava fazendo. Isso é absurdo.

Naquele momento Jake achou que era absurdo também e, quando as palavras

ecoaram pela sala, pareceu extremamente absurdo. Rodeheaver parecia correto e

infinitamente digno de confiança. Jake pensou em Bass e praguejou mentalmente contra si

mesmo.

Lucien, sentado no meio dos negros, concordava com cada palavra de Rodeheaver.

Quando comparado com Bass, o médico do estado era extremamente digno de confiança.

Lucien ignorou o júri. De vez em quando, sem mover a cabeça, mexia os olhos e surpreendia

Clyde Sisco olhando acintosamente para ele. Mas Lucien não permitia que os seus olhos se

encontrassem. O mensageiro não tinha telefonado na manhã de segunda -feira, conforme as

instruções. Um aceno afirmativo com a cabeça ou uma piscadela de Lucien consumaria o

contrato, com pagamento a ser combinado mais tarde, depois do veredicto. Sisco conhecia

as regras e aguardava a resposta dele. Que não veio. Lucien queria conversar prime iro com

Jake.

-

Agora, doutor, com base nesses fatores e no seu diagnóstico das

condições mentais do acusado no dia 20 de Maio, o senhor tem uma opinião, com um

grau razoável de certeza médica, quanto à capacidade do Sr. Hailey de reconhecer a

diferença entre o certo e o errado quando disparou sobre Billy Ray Cobb, Pete Wilard,

e o subdelegado DeWayne Looney?

-

Tenho.

-

E qual é essa opinião?

-

As suas condições mentais eram boas e ele era perfeitamente capaz

de distinguir entre o certo e o errado.

-

E o senhor tem uma opinião pessoal, baseada nos mesmos fatores,

quanto à capacidade do Sr. Hailey em compreender e avaliar a natureza e a qualidade

das suas ações?

-

Tenho.

-

E qual é essa opinião?

-

Que ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Buckley pegou seu bloco de notas e curvou-se educadamente.

-

Muito obrigado, doutor. Não tenho mais perguntas.

-

Deseja interrogar a testemunha, Dr. Brigance? - perguntou Noose.

-

Apenas algumas perguntas.

-

Foi o que pensei. Faremos um intervalo de quinze minutos.

Ignorando Carl Lee, Jake saiu rapidamente da sala, subiu a escada e entrou na

biblioteca do terceiro andar. Harry Rex esperava-o com um sorriso.

-

Acalma-se, Jake. Telefonei para todos os jornais da Carolina do Norte

e não saiu nada sobre a casa, nada acerca de Row Ark. O matutino de Raleigh traz

uma reportagem sobre o julgamento, mas em termos muito gerais. Nada mais. Carla

não sabe nada sobre a casa, Jake. Por hora, o seu lindo marco histórico continua de

pé. Não é ótimo?

-

Maravilhoso. Simplesmente maravilhoso. Obrigado, Harry Rex.

-

Não tem de quê. Escute, Jake. Eu detesto ter de falar nisto.

-

Mal posso esperar.

-

Você sabes que eu detesto Buckley. Eu o odeio mais do que você.

Mas eu e Musgrove nos damos bem. Eu posso falar com o Musgrove. Ontem à noite,

estive pensando se não seria uma boa idéia contata-los, através de Musgrove, e ver

se há possibilidade de um entendimento.

-

Não!

-

Ouça, Jake. Que mal pode fazer? Nenhum! Se você puder fazer com

que ele se confesse culpado de homicídio, sem câmara de gás, saberá então que lhe

salvou a vida.

-

Não!

-

Preste atenção, Jake, o seu cliente está a quarenta e oito horas de

uma condenação de pena de morte. Se você não acredita nisso, está cego, Jake. Meu

amigo você está cego.

-

Por que razão Buckley iria querer negociar? Ele nos levou às cordas!

-

Talvez ele não queira. Mas deixe-me pelo menos descobrir. - Não,

Harry Rex. Nem pense nisso!

Rodeheaver voltou para o seu lugar, após o intervalo, e Jake, por trás do pódio, olhou

para ele. Na sua curta carreira forense jamais tinha ganho uma discussão, no tribunal ou fora

dele, com um perito. E da maneira que estava a sua sorte, resolveu não discutir com este.

-

Dr. Rodeheaver, a psiquiatria é o estudo da mente humana, não é?

-

É.

-

E é, na melhor das hipóteses, uma ciência inexata, não é?

-

Isso é correto.

-

O senhor poderia examinar uma pessoa e fazer um diagnóstico, e

outro psiquiatra poderia chegar a um diagnóstico completamente diferente?

-

Isso é possível, sim.

-

Na verdade, dez psiquiatras podem examinar um paciente com

problemas mentais e chegar a dez opiniões diferentes acerca do que não está bem

nesse paciente?

-

Isso é pouco provável.

-

Mas poderia acontecer, não poderia, doutor?

-

Poderia, sim. Da mesma forma que as opiniões jurídicas, calculo eu.

-

Mas não estamos tratando de opiniões jurídicas neste caso, não é,

doutor?

-

Não.

-

Na verdade, doutor, em muitos casos a psiquiatria não pode dizer o que está mal no cérebro de uma pessoa?

-

Isso é verdade.

-

E os psiquiatras passam a vida discordando uns dos outros, não é verdade, doutor?

-

É claro.

-

Agora, para quem trabalha o senhor, doutor?

-

Para o estado do Mississipi.

-

E há quanto tempo?

-

Onze anos.

-

E quem é que está processando o Sr. Hailey?

-

O estado do Mississipi.

-

Durante os seus onze anos de carreira no estado, quantas vezes é

que o senhor depôs em julgamentos onde a alegação de insanidade foi usada pela

defesa?

Rodeheaver pensou um momento.

-

Penso que este é o meu quadragésimo terceiro julgamento.

Jake consultou alguns papéis numa pasta e olhou para o médico com um sorrisinho

maldoso.

-

Tem certeza de que não é o seu quadragésimo sexto?

-

Pode ser, sim. Não tenho certeza.

Toda a sala ficou imóvel. Buckley e Musgrove consultaram as suas anotações

avidamente, sem deixar de observar com atenção a testemunha.

-

Quarenta e seis vezes o senhor foi testemunha do estado em

julgamentos de insanidade?

-

Se é o que o senhor diz.

-

E quarenta e seis vezes o senhor testemunhou que o réu não era

legalmente insano. Correto, doutor?

-

Não tenho certeza.

-

Bem, deixe-me simplificar. O senhor testemunhou quarenta e seis

vezes, e quarenta e seis vezes emitiu a opinião de que o réu não era legalmente

insano. Correto?

Rodeheaver remexeu-se levemente, e um indício de desconforto apareceu nos seus

olhos.

-

Não tenho certeza.

-

O senhor nunca viu um réu criminal legalmente insano, doutor?

-

É claro que sim.

-

Ótimo. O senhor poderá então, por favor, dizer -nos o nome do

acusado e onde foi julgado?

Buckley levantou-se e abotoou o casaco.

-

Meritíssimo, o estado faz objeção a estas perguntas. O Dr.

Rodeheaver não é obrigado a lembrar-se dos nomes e dos lugares dos julgamentos

nos quais testemunhou.

-

Indeferida. Sente-se. Responda à pergunta, doutor.

Rodeheaver respirou fundo e olhou para o teto. Jake olhou para os jurados.

Estavam acordados e à espera de uma resposta.

-

Não me lembro - acabou ele por dizer.

Jake levantou uma grossa pilha de papéis e brandiu-a à frente da testemunha.

-

É possível, doutor, que a razão pela qual o senhor não se lembra é

que em onze anos, quarenta e seis julgamentos, o senhor nunca testemunhou em

favor do réu?

-

Sinceramente, não sou capaz de me lembrar.

-

O senhor pode sinceramente citar um único julgamento em que

verificou que o réu era legalmente insano?

-

Estou certo de que há alguns.

-

Sim ou não, doutor. Um único julgamento?

O perito olhou rapidamente para o promotor.

-

Não. A memória não me ajuda. Neste momento não posso

Jake caminhou vagarosamente para a mesa da defesa e pegou numa pasta

volumosa.

-

Dr. Rodeheaver, o senhor lembra-se de ter testemunhado no

julgamento de um homem chamado Danny Booker, em McMurphy County, em

Dezembro de 1975? Um caso bastante sinistro de duplo homicídio?

-

Sim, lembro-me desse julgamento.

-

E o senhor testemunhou dizendo que ele não era legalmente insano, não foi?

-

Isso é correto.

-

Lembra-se de quantos psiquiatras testemunharam em favor do acusado?

-

Não exatamente. Houve vários.

-

Os nomes dos doutores Noel McClacky, O. G. McGuire e Lou Watson lhe dizem alguma coisa?

-

Sim.

-

São todos psiquiatras, não são?

-

Sim.

-

São todos qualificados, não são?

-

Sim.

-

E todos examinaram o Sr. Booker e, no julgamento, testemunharam

que na opinião deles o desgraçado era legalmente insano?

-

Correto.

-

E o senhor testemunhou que ele não era legalmente insano?

-

Correto.

-

Quantos outros médicos endossaram o seu parecer?

-

Nenhum, que eu me lembre.

-

Então, foram três contra um?

-

Sim, mas continuo convencido de que eu tinha razão.

-

Compreendo. O que foi que o júri fez, doutor?

-

O réu, ahh, foi julgado inocente em virtude de insanidade mental.

-

Muito obrigado. Agora, Dr. Rodeheaver, o senhor é o médico -chefe de

Whitfield, não é?

-

Sim, por assim dizer.

-

O senhor é direta e indiretamente responsável pelo tratamento de

todos os pacientes de Whitfield?

-

Sou diretamente responsável, Dr. Brigance. Posso não tratar

pessoalmente de cada um dos pacientes, mas os médicos deles estão sob a minha

supervisão.

-

Muito obrigado. Doutor, onde está Danny Booker hoje?

Rodeheaver lançou um olhar desesperado a Buckley, e logo o encobriu com um

sorriso cálido e descontraído para o júri. Hesitou alguns segundos, depois
hesitou durante

um segundo longo demais.

-

Ele está em Whitfield, não está? - perguntou Jake num tom de voz que

informava todas as pessoas que a resposta era sim.

-

Creio que sim - disse Rodeheaver.

-

E está diretamente sob os seus cuidados, nesse caso, doutor?

-

Suponho que sim.

-

E qual é o diagnóstico de Danny Booker, doutor?

-

Realmente não sei. Tenho muitos pacientes e...

-

Esquizofrênico paranóide?

-

É possível, sim.

Jake deu alguns passos para trás e sentou-se na barra do tribunal. Subiu o tom de voz.

-

Agora, doutor, quero deixar isto claro para o júri. Em 1975, o senhor testemunhou que Danny Booker era legalmente são e entendia exatamen te o que fazia quando cometeu o crime, e o júri discordou de você e julgou -o inocente, e

desde

aquela época ele é um paciente no seu hospital, sob a sua supervisão e é tratado pelo

senhor como um esquizofrênico paranóide. Está correto?

O sorriso afetado na cara de Rodeheaver informou o júri que a afirmação era de fato

correta. Jake pegou outra folha de papel e pareceu examiná -la.

-

Lembra-se de testemunhar no julgamento de um homem chamado

Adam Couch, em Dupree County, em Maio de 1977?

-

Lembro-me desse caso.

-

Foi um caso de estupro, não foi?

-

Sim.

-

E o senhor testemunhou em nome do estado, contra o Sr. Couch?

-

Isso é correto.

-

E o senhor disse ao júri que ele não era legalmente insano?

-

Foi esse o meu depoimento.

-

O senhor lembra-se de quantos médicos testemunharam em favor do

acusado e disseram ao júri que ele era um homem muito doente, que era legalmente

insano?

-

Houve vários.

-

Já ouviu falar nos seguintes médicos: Felix Perry, Gene Shumate e

Hobny Wicker?

-

Sim.

-

São todos eles psiquiatras qualificados?

-

São.

-

E todos eles testemunharam em favor do Sr. Couch, não foi?

-

Sim.

-

E todos eles disseram que ele era legalmente insano, não disseram?

-

Disseram.

-

E o senhor foi o único médico no julgamento a dizer que ele nã o era

legalmente insano?

-

Ao que me lembro, sim.

-

E o que fez o júri, doutor?

-

O réu foi julgado inocente.

-

Por motivo de insanidade?

-

Sim.

-

E onde está o Sr. Couch hoje, doutor?

-

Julgo que está em Whitfield.

-

E há quanto tempo está lá?

-

Desde o julgamento, creio eu.

-

Compreendo. O senhor normalmente admite pacientes e mantém-nos

lá durante vários anos ainda que eles sejam perfeitamente sãos?

Rodeheaver mudou de posição na cadeira e começou a ferver. Olhou para o seu

advogado, o advogado do povo, como se dissesse que estava farto daquilo, e pedisse que

pusesse um fim àquilo tudo. Jake pegou outros papéis.

-

Doutor, o senhor lembra-se do julgamento de um homem chamado

Buddy Wooddall, em Cleburne County, em Maio de 1979?

-

Sim, certamente.

-

Assassinato, não foi?

-

Sim.

-

E o senhor testemunhou como perito no campo da psiquiatria e disse

ao júri que o Sr. Wooddall não era insano?

-

Sim.

-

Lembra-se de quantos psiquiatras testemunharam em favor do

acusado e disseram ao júri que o pobre homem estava legalmente insano?

-

Acredito que foram cinco, Dr. Brigance.

-

Isso é correto, doutor. Cinco contra um. O senhor lembra -se do que

fez o júri?

A raiva e a frustração cresciam visivelmente no banco das testemunhas. O sábio e

velho avô/professor com todas as respostas certas começava a ficar perturbado.

-

Sim, lembro-me. Foi inocentado por insanidade.

-

Como é que o senhor explica isso, Dr. Rodeheaver? Cinco contra um

e o júri decide contra o senhor?

-

Não se pode confiar nos júris! - explodiu ele, e logo se conteve.

Inquieto, sorriu amarelo para os jurados.

Jake fitou-o com um sorriso malicioso, depois olhou incrédulo para o júri. Cruzou os

braços e deixou que as últimas palavras calassem fundo. Esperou, olhando e sorrindo para

a testemunha.

-

Pode prosseguir, Dr. Brigance - disse Noose por fim. Com movimentos

lentos e muito animado, Jake arrumou as suas pastas e anotações sem tirar os olhos

de Rodeheaver.

-

Acho que já ouvimos bastante esta testemunha, Meritíssimo.

-

Alguma pergunta, Dr. Buckley?

-

Não, senhor. O estado dá por finda a inquirição da testemunha.

Noose dirigiu-se ao júri.

-

Senhoras e senhores, este julgamento está quase terminado. Não

haverá mais testemunhas. Agora vou me reunir com os advogados para resolvermos

alguns problemas de ordem técnica, em seguida, eles poderão apresentar as suas

alegações finais. Isso começará às duas horas e levará umas duas horas. Os

senhores terão finalmente o caso por volta das quatro e eu lhes concederei o prazo

para deliberar até às seis. Se não chegarem a um veredict o hoje, serão conduzidos

de volta aos seus quartos até amanhã. São quase onze horas, e a sessão fica

suspensa até às duas. Quero falar com os advogados no meu gabinete.

Carl Lee inclinou-se e falou com o seu advogado pela primeira vez desde sábado.

-

Desmontou-o que foi uma beleza, Jake.

-

Espere até ouvir as alegações finais.

Jake evitou Harry Rex e seguiu de carro para Karaway. A casa da sua infância era

uma antiga casa de campo no centro da cidade, cercada de velhos carvalhos, bordos e

álamos que mantinham o ar fresco apesar do verão escaldante. Atrás da casa, passadas as

árvores, um longo campo aberto estendia-se ao longo de duzentos metros e desaparecia

depois de uma pequena colina. Uma tela de arame erguia -se em um canto. Ali,

Jake dera os

primeiros passos, andara na sua primeira bicicleta, atirara as primeiras bolas de futebol e

beisebol. Debaixo de um carvalho ao lado do campo tinha enterrado três cães, um guaxinim,

um coelho e alguns patos. Um pneu de um Buick 54 oscilava dependurado não muito longe

do pequeno cemitério.

A casa estava fechada e vazia há dois meses. Um garoto da vizinhança cortava a

grama e cuidava do jardim. Jake vinha abri-la uma vez por semana. Os pais estavam no

Canadá numa viagem: o ritual do Verão. Jake desejou estar com eles.

Abriu a porta e subiu para o seu quarto. Continuaria a ser sempre o mesmo . Retratos

de futebol nas paredes, troféus, bonés de beisebol, pôsteres de Pete Rose, Archie Manning

e Hank Aaron. Uma porção de luvas de beisebol pendiam por cima da porta do armário. Um

retrato da formatura, com toga e capelo, estava em cima da cômoda. A mãe continuava a

limpar o quarto todas as semanas. Certa vez, ela tinha dito que entrava muitas vezes no

quarto à espera de encontrar Jake sentado, fazendo os deveres ou separando figurinhas de

beisebol. Folheava os álbuns de recortes dele e ficava com os olhos cheios de lágrimas.

Jake pensou no quarto de Hanna, com os bichos de pelúcia e o papel de parede com

figuras dos contos de fadas. Sentiu um nó na garganta.

Olhou pela janela, para além das árvores, e viu a si mesmo balançando no pneu perto

das três cruzes brancas onde estavam enterrados os seus cães. Lembrou -se de cada um

dos enterros, das promessas do pai de arranjar outro cão. Pensou em Hanna e no seu cão,

e os olhos encheram-se de lágrimas. A cama era muito pequena agora.

Jake tirou os sapatos e deitou-se. Um capacete de futebol pendia do teto. Oitava série,

Mustangs de Karaway. Jake tinha marcado sete touchdowns em cinco games. Estava tudo

no filme guardado na estante lá em baixo. Tinha o estômago ardendo.

Cuidadosamente arrumou as suas notas - as suas, não as de Lucien - na cômoda.

Estudou demoradamente a sua imagem no espelho.

Jake dirigiu-se ao júri. Começou por enfrentar o seu maior problema, Dr. W. T. Bass.

Pediu desculpas. Um advogado entra no tribunal, enfrenta um júri estranho e nada tem a

oferecer além de sua credibilidade. E se ele faz qualquer coisa que prejudique essa

credibilidade, está prejudicando a sua causa, o seu cliente. Pediu que acreditassem que ele

não chamaria nunca a depor, como perito, em qualquer julgamento, um réu c

onvicto. Não

sabia da condenação; levantou a mão e jurou. O mundo está cheio de psiquiatras, e poderia

ter encontrado outro facilmente se soubesse que o Dr. Bass tinha um problema, mas

simplesmente não sabia. E pedia desculpas. Mas, e o depoimento de Bass? Há trinta anos

ele fizera sexo com uma menor de menos de 18 anos no Texas. Isso significa que está

mentindo agora neste julgamento? Significa que não se pode confiar na sua opinião de

profissional? Por favor, sejam justos com Bass, o médico, esqueçam Bass , o indivíduo. Por

favor, sejam justos com o paciente dele, Carl Lee Hailey. Ele nada sabia do passado do

médico.

Havia uma coisa sobre o Dr. Bass que eles gostariam de saber. Uma coisa que não

tinha sido mencionada pelo Dr. Buckley quando estava estraçalhando o médico. A menina

com quem ele tinha feito sexo tinha dezessete anos. Mais tarde ela tornara -se sua mulher,

dera-lhe um filho varão, e estava grávida quando ela e o filho foram mortos num desastre de

trem...

-

Protesto! - gritou Buckley. - Protesto, Meritíssimo. Essa prova não consta dos

autos!

-

Deferido. Dr. Brigance, o senhor não deve referir -se a fatos que não constam

do depoimento. O júri deve ignorar as últimas afirmações do Dr. Brigance.

Jake ignorou Noose e Buckley, e fitou sofridamente o júri. Quando a gritaria acabou,

ele prosseguiu. E Rodeheaver? Ele perguntava a si próprio se o médico do estado alguma

vez fizera sexo com uma menor de dezoito anos. Parecia tolice pensar numa coisa dessas,

não parecia? Bass e Rodeheaver nos seus dias de juven tude... isso parecia tão sem

importância agora, neste tribunal, quase trinta anos depois. O médico do estado é um homem

com um preconceito óbvio. Um especialista muito preparado, que cuida de milhares de

pessoas com todos os tipos de doenças mentais, porém, quando se trata de crimes, não é

capaz de reconhecer os sintomas de insanidade. O seu testemunho deve ser ponderado

cuidadosamente.

Os jurados olhavam para ele, ouvindo cada palavra. Jake não era um orador de

tribunal, como o seu opositor. Era calmo, sincero. Parecia cansado, quase abatido.

Lucien, sóbrio, com os braços cruzados, observava os jurados, todos menos Sisco.

Não era o seu texto, mas era bom. Vinha do coração. Jake pediu desculpas pela sua

inexperiência. Não tinha estado em muitos julgamentos, não em tantos quanto o Sr. Buckley.

E se parecia um pouco verde ou se cometia erros, por favor, não usassem isso contra Carl

Lee. Não era culpa dele. Jake era apenas um principiante tentando fazer o possível contra

um adversário experiente, que atuava em processos criminais todos os meses. Jake tinha

cometido um erro com Bass, e tinha cometido outros erros, e pedia ao júri que lhos

perdoasse.

Ele tinha uma filha, a única que teria em toda a sua vida. Ela tinha quatro anos, quase

cinco, e o mundo dele girava em volta dela. Ela era especial, era uma menina e competia a

ele protegê-la. Havia ali um elo, alguma coisa que não sabia explicar. Falou de filhas

pequenas. Carl Lee tinha uma filha. Chamava-se Tonya. Apontou para ela, na primeira fila,

ao lado da mãe e dos irmãos. É uma bonita menina de dez anos. E ela nunca poderá ter

filhos. Nunca poderá ter uma filha porque...

- Protesto! - disse Buckley, sem gritar.

- Deferido - disse Noose.

Jake ignorou o alvoroço. Falou sobre estupro durante algum tempo e explic ou por que

razão o estupro é muito pior do que o assassinato. No caso de assassinato, a vítima

desaparece e não é obrigada a lidar com o que lhe aconteceu. A família sim, mas não a

vítima. Mas o estupro é muito pior. A vítima tem uma vida inteira para se a fligir, para tentar

entender, fazer perguntas e, a pior parte, saber que o violador ainda está vivo e pode algum

dia fugir ou ser solto. Em todas as horas do dia, a vítima pensa na violação e faz a si mesma

milhares de perguntas. Revive-o passo a passo, minuto a minuto, e a dor é sempre

insuportável.

Talvez o crime mais hediondo de todos seja o estupro violento de uma menina. Uma

mulher violada tem uma idéia razoável da razão por que isso aconteceu. Algum animal estava

cheio de ódio, raiva e violência. Mas e uma menina? Uma menina de dez anos? Suponha

que é um pai ou uma mãe. Imagine-se tentando explicar por que razão ela não pode ter filhos.

- Protesto.

- Deferido. Por favor, senhoras e senhores, não considerem a última frase.

Jake não perdeu o ritmo. Suponha, disse ele, que a sua filha de dez anos seja violada,

que o senhor seja um veterano do Vietnã, inteiramente familiarizado com uma M16, e que

consegue pôr as mãos em uma enquanto sua filha está no hospital lutando para sobreviver.

Suponha que o violador seja apanhado, e que seis dias depois consegue chegar muito perto

dele quando ele vai sair do tribunal. E tem a M-16.

O que é que faz?

O Dr. Buckley disse-lhes o que faria. Depois de chorar a morte da filha, ofereceria a

outra face e esperaria que o sistema judiciário funcionasse. Esperaria que o violador

recebesse a sentença, fosse mandado para Parchman e nunca conseguisse a liberdade

condicional. É isto que ele faria, e devem admirá-lo por ser uma alma tão bondosa,

compassiva e misericordiosa. Mas o que faria um pai normal?

O que faria Jake? Se tivesse a M-16? Estouraria os miolos do patife. Era simples. Era

justo.

Jake parou para beber água, depois mudou de ritmo. A expressão sofredora e humilde

desapareceu, substituída pela indignação. Falemos d e Cobb e Willard. Foram

eles que

começaram esta confusão. Era a vida deles que o estado estava tentando justificar. Quem

sentiria a falta deles, além das mães? Violadores de crianças. Traficantes de drogas. A

sociedade sentiria falta de cidadãos tão produtivos? Ford County não estava mais seguro

sem eles? As outras crianças do condado não estavam em melhor situação, agora que dois

estupradores e traficantes tinham sido eliminados? Todos os pais se deviam sentir mais

seguros. Carl Lee merece uma medalha, ou pelo menos aplausos. Ele era um herói.

Exatamente aquilo que Looney disse. Dêem ao homem um troféu. Mandemno de volta para

o seio da sua família.

Falou de Looney. Looney tinha uma filha. Também tinha só uma perna, graças a Carl

Lee Hailey. Se alguém tinha direito de estar revoltado, de querer sangue, era DeWayne

Looney. E ele tinha dito que Carl Lee devia ser mandado para casa, para junto da sua família.

Jake incitou-os a perdoar como Looney perdoara. Pediu-lhes que atendessem ao

desejo de Looney.

Já bem mais sereno, declarou que estava quase concluindo. Queria deixá -los com

um único pensamento. Imaginassem isto, se pudessem. Quando estava lá deitada,

espancada, ensangüentada, com as pernas abertas e amarradas às árvores, ela olhou para

a mata que a rodeava. Semi-consciente e desvairada, viu alguém correndo na sua direção.

Era o seu pai, correndo desesperadamente para salvá -la. Em sonhos, ela o viu quando mais

precisava dele. Gritou por ele, e ele desapareceu. Tinha sido levado. Ela precisa do pai agora,

tanto quanto precisava naquele momento. Por favor, não o levem. Ela espera na primeira fila

pelo seu pai. Deixem que ele volte para casa e para a sua família.

O tribunal estava em silêncio quando Jake se sentou ao lado do seu cliente. Ele olhou

para o júri e viu Wanda Womack enxugar uma lágrima com o dedo. Pela primeira vez em

dois dias ele sentiu uma centelha de esperança.

Às quatro horas, Noose despediu-se do seu júri. Disse-lhes que elegessem um

primeiro-jurado, que se organizassem e começassem a trabalhar. Disse-lhes que podiam

deliberar até às seis, tal vez sete, e se não chegassem a um veredicto, determinaria uma

suspensão até às nove da manhã de terça-feira. Eles levantaram-se e, em fila, saíram

lentamente da sala do tribunal. Longe deles, Noose susp endeu as atividades até

às seis

horas e recomendou aos advogados que permanecessem perto da sala do tribunal ou

deixassem um número de telefone com o meirinho.

Os espectadores ficaram sentados, conversando em voz baixa. Carl Lee teve

autorização para se sentar, na primeira fila, com a família. Buckley e Musgrove esperavam

no gabinete do juiz, com Noose. Harry Rex, Lucien e Jake foram para o escritório a fim de

comerem e beberem qualquer coisa. Ninguém esperava um veredicto rápido.

O meirinho fechou os jurados na sala do júri e ordenou aos dois suplentes que

ficassem sentados no corredor estreito. Lá dentro, Barry Acker foi eleito primeiro -jurado por

aclamação. Ele pôs as instruções do júri e as provas numa mesinha de canto. Sentaram-se

ansiosos em volta de duas mesas dobráveis unidas pelas extremidades.

- Sugiro que façamos uma votação informal - disse ele. - Só para nos situarmos.

Alguma objeção?

Nenhuma. Ele tinha uma lista com os doze nomes.

- Votem culpado, inocente ou indeciso. Ou podem passar, por enq uanto. - Reba Betts.

- Indecisa.

- Bernice Toole. - Culpado.

- Carol Corman.

- Culpado.

- Donna Lou Peck.

- Indecisa.

- Sue Williams.

- Passo.

- Jo Ann Gates.

- Culpado.

- Rita Mae Plunk.

- Culpado.

- Frances McGowan.

- Culpado.

- Wanda Womack.

- Indecisa.

- Eula Dell Yates.

- Indecisa, por enquanto. Quero conversar primeiro.

- Conversaremos. Clyde Sisco.

- Indeciso.

- São onze. Eu sou Barry Acker, e voto inocente. Fez as contas durante alguns segundos e disse:

- Temos cinco culpados, cinco indecisos, um passou e um inocente. Parece que temos de trabalhar agora. Examinaram as provas, as fotografias, as impressões

digitais e os relatórios de balística.

Às seis horas informaram o juiz que não tinham chegado a um veredicto. Estavam

com fome e queriam ir embora. Noose determinou uma suspensão até à manhã de terçafeira.

QUARENTA E UM

Ficaram horas sentados na varanda, falando pouco, vendo a noite envolver a cidade

lá em baixo e trazer os mosquitos. O ar úmido colava-se à pele e umedecia as camisas. Os

ruídos de uma noite quente de Verão ecoavam suavemente no jardim. Sallie ofereceu -se

para fazer o jantar. Lucien recusou a oferta e pediu uísque. Jake não tinha apetite para comer,

mas a cerveja satisfazia qualquer tipo de fome que por acaso tivesse. Quando ficou mu ito

escuro, Nesbit saiu do carro, atravessou a varanda e entrou na casa. Logo a seguir saiu,

bateu a porta, passou por eles com uma cerveja gelada na mão e desapareceu na direção

do carro. Não disse uma palavra. Sallie abriu um pouco a porta e

pela última vez ofereceu comida. Ambos recusaram.

-

Jake, recebi um telefonema esta tarde. Clyde Sisco quer vinte e cinco mil

dólares para impedir que o júri chegue a unânime a um veredicto e cinqüenta mil por uma

absolvição.

Jake começou a abanar a cabeça.

-

Antes de dizer não, ouça o que eu tenho a dizer. Ele sabe que não pode

garantir uma absolvição, mas sabe que pode impedir a unanimidade da decisão. Para isso

basta um só jurado. Isso custa vinte e cinco mil. Eu sei que é muito dinheiro, mas você sabe

que eu tenho dinheiro. Eu pago e você me reembolsa aos poucos durante anos. Quando,

não interessa. Se não pagar, também não interessa. Tenho um montão de certificados de

aforro. Sabe muito bem que o dinheiro não significa nada pra mim. Se eu fosse a você, fa ria

isso já.

-

Você é louco, Lucien.

-

É claro que sou louco. Você também não tem agido sensatamente

ultimamente. O trabalho no tribunal enlouquece qualquer um. Repare bem no que esse

processo lhe fez. Não dorme, não come, não tem horas para nada, não tem c asa. Mas está

bancando o importante!

-

Mas ainda tenho ética.

-

Pois eu não tenho nenhuma! Nem ética, nem moral, nem consciência. Mas

ganhei todas, meu amigo. Ganhei mais do que qualquer um nestas redondezas, e você sabe

disso muito bem.

-

Isso é corrupção, Lucien.

-

E vai me dizer que Buckley não é corrupto? Ele está disposto a mentir,

enganar, subornar e roubar para ganhar este caso. Não está preocupado com ética, normas

ou opiniões. Não se preocupa com moralidade. Só está preocupado com uma coisa: ganhar!

E você tem uma oportunidade de ouro de vencê-lo no seu próprio jogo. Eu o faria, Jake.

-

Nem pense, Lucien. Por favor, esqueça.

Passaram uma hora em silêncio. Lá em baixo, as luzes da cidade foram-se apagando

pouco a pouco. Na escuridão, ouviam o ressonar de Nesbit. Sallie serviu a última rodada de

copos e deu boa noite.

-

Esta é a parte pior - disse Lucien. - Esperar que doze pessoas

medianas, vulgares, dêem algum sentido a tudo isto.

-

É um sistema um pouco doido, não é?

-

É, sim. Mas geralmente funciona. Os júris acertam em noventa por

cento dos casos.

-

Não me sinto com sorte. Estou à espera do milagre.

-

Jake, meu rapaz, o milagre acontecerá amanhã.

-

Amanhã?

-

Sim, amanhã cedo.

-

Pode explicar?

-

Amanhã, por volta do meio-dia, Jake, haverá dez mil negros raivosos

reunidos como um bando de formigas em torno do edifício do tribunal de Ford County.

Talvez mais.

-

Dez mil! Porquê?

-

Para gritar, berrar e entoar "Libertem Carl Lee, Libertem Carl Lee".

Para fazer um barulho dos diabos, assustar todas as pessoas, intimidar o júri. Só para

abalar tudo. Haverá tantos, mas tantos negros, que os brancos vão se pôr a milhas...

O governador irá mandar mais soldados.

-

E como é que você sabe de tudo isso?

-

Porque foi o que eu planejei, Jake.

-

Você?

-

Ouça, Jake, quando eu estava no apogeu, eu conhecia todos os

pregadores negros de quinze condados em redor. Estive nas igrejas de todos eles.

Rezei com eles, marchei com eles, cantei com eles. Eles me mandavam clientes, e

eu mandava-lhes dinheiro. Eu fui o único advogado radical branco da associação a

norte do Mississipi. Promovi mais ações contra a discriminação racial do que dez

firmas de Washington. Eles eram a minha gente. Limitei-me a dar alguns telefonemas.

Começarão a chegar de manhã e, ao meio-dia, ninguém vai poder passar entre os

negros no centro de Clanton.

-

De onde vêm eles?

-

De toda parte. Você sabe como os negros adoram desfiles e protestos.

Isto vai ser uma beleza para eles. Estão ansiosos que chegue a hora.

-

Você é louco, Lucien. Meu amigo louco.

-

Eu ganho todas, meu amigo!

No quarto 163, Barry Acker e Clyde Sisco terminaram o jogo de cartas e começaram

a preparar-se para dormir. Acker pegou algumas moedas e disse que ia buscar um

refrigerante. Sisco disse que não estava com sede.

Acker passou na ponta dos pés por um guarda no corredor. A máquina informou-o de

que estava avariada, e ele então abriu a porta de saída e subiu a escada para o segundo

andar, onde encontrou outra máquina perto de um aparelho de fazer gelo. Colocou as

moedas na abertura. A máquina respondeu com uma diet Coke. Acker abaixou-se para pegá-

la. Dois vultos surgiram do escuro. Derrubaram Acker, deram-lhe pontapés e empurraram-no

para um canto perto da máquina de fazer gelo, ao lado de uma porta com corrente e cadeado.

O mais alto agarrou-o pelo colarinho e atirou-o contra a parede. O mais baixo ficou ao lado

da máquina de Coca Cola, vigiando o corredor escuro.

-

Você é Barry Acker! - disse o mais alto com os dentes cerrados.

-

Sim. Largue-me! - Acker tentou soltar-se, mas o assaltante ergueu-o

pelo pescoço e manteve-o contra a parede com uma só mão. Usou a outra mão para

desembainhar uma reluzente faca de caça que aproximou do nariz de Acker,

deixando-o estatelado.

-

Agora ouça - disse o homem num murmúrio audível - e ouça bem.

Sabemos que você é casado e que mora em Forrest Drive 1161. Sabemos que tem

três filhos e sabemos onde eles brincam e em que escola estudam. A sua mulher

trabalha no banco.

Acker sentiu-se desfalecer.

-

Se aquele preto for solto, você vai se arrepender. A sua família vai s e

arrepender.

Pode levar anos, mas você vai se arrepender.

Deixou-o cair no chão e segurou-o pelos cabelos.

-

Se você disser uma só palavra sobre isto, perde um filho.

Compreendeu?

Os homens desapareceram. Acker respirou fundo, quase sem fôlego. Massageo u a

garganta e a nuca. Sentou-se no escuro, apavorado demais para se mexer.

QUARENTA E DOIS

Em centenas de igrejinhas negras no norte do Mississipi os fiéis reuniram-se antes do

nascer do dia e encheram os ônibus escolares e os furgões da igreja com cestas de

piquenique, caixas térmicas e garrafas de água. Cumprimentavam os amigos e conversavam

nervosamente sobre o julgamento. Durante semanas tinham lido e trocado idéias sobre Carl

Lee Hailey. Agora preparavam-se para ajudá-lo. Muitos eram velhos e reformados, mas havia

famílias inteiras, com filhos pequenos e parques para os mais novos. Quando os ônibus

estavam cheios, amontoaram-se nos carros e seguiram os seus pregadores. Cantavam e

rezavam. Os pregadores encontraram-se com outros pregadores em pequenas cidades e

sedes de condados e em grande número rumavam para as escuras estradas. Quando

amanheceu, as estradas e auto-estradas que levavam a Ford County estavam cheias de

caravanas de peregrinos.

Engarrafaram as ruas laterais ao longo de muitos q uarteirões em torno da praça.

Estacionavam onde os carros paravam e descarregavam tudo o que traziam.

O coronel gordo tinha acabado de tomar café e estava no coreto observando

atentamente. Ônibus e carros, muitos buzinando, chegavam de todas as direções. As

barricadas continuavam firmes. Gritou algumas ordens de comando e os soldados puseram-

se em movimento. Mais confusão. Às sete e trinta, o coronel telefonou para Ozzie e informou -

o da invasão. Ozzie chegou imediatamente e encontrou Agee, que lhe asseguro u que era

uma manifestação pacífica. Mais ou menos como uma greve branca. Quantos iam chegar?

perguntou Ozzie. Milhares, disse Agee. Milhares.

Acamparam à sombra dos carvalhos imponentes e começaram a andar pelo gramado,

inspecionando as coisas. Arrumaram as mesas, as cadeiras e os pequenos parques das

crianças. Agiam de fato pacificamente, até que um grupo começou a gritar "Libertem Carl

Lee". Todos temperaram a garganta e se uniram ao coro. Ainda não eram oito horas.

Logo de manhã cedo, naquela terça-feira, uma estação de rádio negra de Memphis

inundou os receptores com um pedido de ajuda. Precisavam de negros para uma

manifestação em Clanton, Mississipi, a uma hora de distância. Centenas de carros afluíram

a uma das avenidas e rumaram para o sul. Todos os políticos negros e ativistas dos direitos

civis da cidade fizeram a viagem.

Agee era um possesso. Usava um alto-falante para gritar ordens aqui e acolá.

Conduzia os recém-chegados aos seus lugares. Organizava os pregadores negros. Garantia

a Ozzie e ao coronel que tudo estava bem.

Tudo estava bem até que um grupo de homens da Klan fez o seu aparecimento

rotineiro. Muitos negros nunca tinham visto os mantos brancos e reagiram com vigor.

Avançaram alguns passos, gritando e vaiando. Os soldados cercaram o s homens de branco,

protegendo-os. Os membros da Klan, atônitos e assustados, não responderam com os gritos

habituais. Às oito e meia, as ruas de Clanton estavam completamente fechadas. Carros,

furgões e ônibus espalhavam-se desordenadamente nos estacionamentos e nas tranqüilas

ruas residenciais. Uma corrente contínua de negros dirigia -se para a praça, vinda de todas

as direções. O trânsito parou. As passagens que davam acesso às casas e edifícios estavam

bloqueadas. Os lojistas estacionavam longe das suas lojas. O prefeito, de pé no centro do

coreto, torcia as mãos e pedia a Ozzie que fizesse alguma coisa. À volta dele, milhares de

negros apinhados gritavam em uníssono. Ozzie perguntou ao prefeito se queria que ele

começasse a prender todos os que estavam no gramado do edifício do tribunal.

Noose estacionou num posto de gasolina, oitocentos metros ao sul do edifício da

cadeia, e caminhou para o tribunal com um grupo de negros. Estes observavam-no com

curiosidade mas não diziam nada. Ninguém suspeitava de qu e ele fosse uma autoridade.

Buckley e Musgrove estacionaram na entrada de uma casa, na rua Adams. Praguejando,

encaminharam-se para a praça. Viram o monte de entulho que fora a casa de Jake mas não

disseram nada. Estavam muito ocupados reclamando e a vociferando. Com os soldados da

força estadual abrindo caminho, o ônibus vindo de Temple chegou à praça vinte minutos

depois das nove. Através dos vidros escuros das janelas, os catorze passageiros olhavam

incrédulos para o carnaval em volta do tribunal.

O Sr. Pate chamou à ordem o tribunal superlotado e Noose deu as boas -vindas ao

júri. Pediu desculpa pela desordem lá fora, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Se

não havia problemas a registrar, podiam continuar as deliberações.

-

Muito bem, podem retirar-se para a sala do júri e comecem a trabalhar.

Voltaremos a nos reunir pouco antes do almoço.

Os jurados seguiram em fila para a sala do júri. Os filhos de Hailey sentaram-se ao

lado do pai na mesa da defesa. Os espectadores, agora predominantemente negros ,

continuavam sentados e conversavam em voz baixa. Jake voltou ao seu escritório. O

primeiro-jurado Acker sentou-se na cabeceira da mesa comprida e empoeirada e pensou nas

centenas, talvez milhares, de habitantes de Ford County que tinham prestado serviços

naquela sala e se tinham sentado em volta daquela mesa e discutido sobre justiça no último

século. Qualquer orgulho que talvez tivesse sentido por servir no júri do caso mais famoso

de todos era em grande parte obscurecido pelo que lhe acontecera na noite anterior.

Perguntou a si mesmo quantos dos seus antecessores tinham sido ameaçados de morte.

Provavelmente alguns, concluiu.

Os outros prepararam o café e pouco a pouco foram se sentando em volta das mesas.

A sala trazia boas lembranças a Clyde Sisco. A sua presença em júris anteriores tinha sido

lucrativa para ele, que agora se deliciava com a idéia de receber outra generosa soma em

troca de outro veredicto justo e autêntico. O seu mensageiro não voltara a contatá -los.

-

O que querem fazer agora? - perguntou Acker.

Rita Mae Plunk parecia uma mulher impiedosa e vingativa. Vivia numa roulotte, não

tinha marido, mas tinha dois filhos marginais que odiavam Carl Lee Hailey. Precisava aliviar

um pouco o que trazia dentro do seu vasto peito.

-

Quero dizer algumas coisas - informou ela.

-

Ótimo, Miss Plunk. Podemos começar pela senhora e, em seguida,

um a um daremos volta à mesa.

-

Na primeira votação, ontem, votei culpado e vou votar culpado outra

vez. Não compreendo como é que alguém pode votar inocente, e gostaria que me

explicassem como se pode votar a favor desse preto!

-

Não repita essa palavra! - gritou Wanda Womack.

-

Eu digo "preto" sempre que quiser dizer "preto" e você não pode fazer

nada. - respondeu Rita Mae.

-

Por favor, não repita essa palavra - disse Frances McGowan.

-

Eu considero-a uma ofensa pessoal - disse Wanda Womack.

-

Preto, preto, preto, preto, preto, preto! - berrou Rita Mae a todos os

jurados.

-

Vamos parar com isso - disse Clyde Sisco.

-

Calma - disse o porta-voz. - Ouça, Miss Plunk, vamos ser francos,

certo? Quase todos nós usamos essa palavra de vez em quando. Tenho certeza de

que alguns a usam mais do que outros. Mas é ofensiva para muita gente, e seria uma

boa idéia não usá-la durante as nossas deliberações. Já temos muito com que nos

preocupar. Será que todos concordam em não usar essa palavra?

Todos inclinaram a cabeça afirmativamente, menos Rita Mae. Sue Williams resolveu

responder. Era uma mulher de mais ou menos quarenta anos, atraente e bem ve stida.

Trabalhava no departamento de bem-estar social do condado.

-

Ontem eu não votei. Passei. Mas a minha tendência é simpatizar com

o Sr. Hailey. Eu tenho uma filha, e se ela fosse violada, isso afetaria bastante a minha

estabilidade mental. Percebo perfeitamente que um pai, ou uma mãe, fique

completamente descontrolado numa situação dessas, e acho que não é justo

julgarmos o Sr. Hailey como se ele pudesse agir racionalmente.

-

Acha que ele estava legalmente insano? - perguntou Reba Betts, uma

indecisa.

-

Não tenho certeza. Mas sei que não estava equilibrado. Não podia

estar.

-

Então acredita naquele médico maluco que testemunhou a favor dele?

- perguntou Rita Mae.

-

Acredito. Ele é tão digno de confiança quanto o médico do estado.

-

Eu gostei das botas dele - disse Clyde Sisco.

Ninguém riu.

-

Mas ele é um condenado - disse Rita Mae. - Mentiu e tentou esconder

o passado dele. Não podemos acreditar numa palavra do que ele disse.

-

Ele fez sexo com uma moça que tinha menos de dezoito anos - disse

Clyde. - Se isso é crime, então muitos de nós devíamos ser condenados.

Mais uma vez a sua tentativa de graça não foi apreciada. Clyde resolveu ficar calado

durante algum tempo.

-

E depois casou com ela - disse Donna Lou Peck, uma indecisa.

Foram indo por ordem em volta na mesa, um de cada vez, expressando opiniões e

respondendo às perguntas uns dos outros. A palavra foi cuidadosamente evitada pelos que

eram a favor da condenação. As linhas da batalha começaram a definir-se. Aparentemente,

a maioria dos indecisos inclinava-se para a culpa. O fato de Carl Lee ter planejado o crime,

de saber exatamente os movimentos dos dois homens, a M-16, tudo isso parecia tão

premeditado! Se ele tivesse apanhado os dois em flagrante e morto ambos, ninguém poderia

culpá-lo. Mas planejar com tanto cuidado durante seis dias não indicava falta de sanidade

mental.

Wanda Womack, Sue Williams e Clyde Sisco inclinavam-se para a absolvição, o

resto

para a condenação. Barry Acker parecia ostensivamente neutro.

Agee desfraldou uma longa bandeira azul e branca, onde estava escrito LIBERTEM

CARL LEE. Os pregadores reunidos atrás dele em colunas de quinze esperavam a ordem

para começar o desfile. Pararam no meio da rua Jackson, em frente do tribunal, enquanto

Agee gritava instruções à multidão. Milhares de negros juntaram-se numa massa compacta

atrás deles e o desfile começou. Caminharam lentamente pela rua Jackson, viraram para a

esquerda na Caffey, na direção do lado oeste da praça. Agee liderava com os gritos de

"Libertem Carl Lee! Libertem Carl Lee!" Todos gritavam, num coro infindável e repetitivo. À

medida que se aproximava da praça, a multidão crescia em número e aumentava o volume

do canto.

Os negociantes e lojistas, antevendo problemas, cerraram as portas e foram para

casa. Examinaram as apólices de seguro para ver se cobriam avarias por desordens de rua.

Os soldados de verde perdiam-se num mar de negros. O coronel, suado e nervoso, mandou

os seus homens cercarem o edifício do tribunal e estarem prontos para qualquer

eventualidade. Quando Agee e a multidão que o seguia apareceram na rua

Washington,

Ozzie procurou o líder do Klan. Com sinceridade e diplomacia, convenceu -o de que se as

coisas saíssem do seu controle não poderia garantir a segurança dos homens do Klan.

Reconheceu o seu direito de reunião, disse-lhe que já tinham demonstrado o seu ponto de

vista e pediu-lhe que saíssem da praça antes que acontecesse alguma coisa desagradável.

Eles juntaram-se rapidamente e foram embora.

Quando a bandeira passou sob a sala do júri, os doze foram para a janela,

boquiabertos. A incessante cantilena fazia estremecer os vidros. O alto falante soava como

se estivesse pendurado no teto da sala. Os jurados olhavam incrédulos para a multidão, a

multidão de negros que enchia a rua e dobrava a esquina da rua Caffey. Inúmeros cartazes

feitos em casa ondulavam sobre as cabeças, pedindo a liberdade de Carl Lee Hailgy.

-

Eu não sabia que havia tantos pretos em Ford County - disse Rita

Mae. Naquele momento, os outros onze pensavam a mesma coisa.

Buckley estava furioso. Ele e Musgrove olhavam de uma janela da biblioteca no

terceiro andar. O barulho tinha perturbado a conversa tranqüila entre eles.

-

Não sabia que havia tantos pretos em Ford County - disse Musgrove.

-

Não há. Alguém trouxe esses pretos. Eu gostaria de saber quem foi.

-

Provavelmente Brigance.

-

É, provavelmente. Para ele é extremamente conveniente essa gritaria

toda enquanto o júri está deliberando. Deve haver uns cinco mil negros lá em baixo.

-

No mínimo.

Noose e o Sr. Pate, no gabinete do juiz, no segundo andar, observaram e escutaram

durante algum tempo. O meritíssimo não estava gostando nada daquilo.

Preocupava-se com o seu júri.

-

Não sei como é que eles podem concentrar-se com toda esta gritaria.

-

Eles calcularam perfeitamente o momento certo, não acha, Sr. Dr.

Juiz? - disse o Sr. Pate.

-

Sem dúvida.

-

Eu não sabia que tínhamos tantos negros em Ford County.

O Sr. Pate e Jean Gillespie levaram vinte minutos para encontrar os advogados e

estabelecer a ordem no tribunal. Quando tudo estava sob controle, os jurados entraram. Não

se via nem um sorriso. Noose pigarreou.

-

Senhoras e senhores, está na hora do almoço. Suponho que não têm

nenhuma informação para me dar.

Barry Acker sacudiu a cabeça.

-

Foi o que pensei. Vamos fazer uma pausa para almoço, até à uma e

meia. Sei que não podem sair do edifício do tribunal, mas quero que almocem sem

trabalhar no caso. Peço desculpas pela perturbação lá fora, mas, francamente, não

posso fazer nada. A sessão fica suspensa até à uma e meia da tarde.

No gabinete do juiz, Buckley teve um acesso de fúria.

-

Isto é uma loucura, Sr. Dr. Juiz! Como é que o júri se pode concentrar

com toda essa balbúrdia? É uma tentativa deliberada de intimidação do júri.

-

Eu não estou gostando disto - disse Noose.

-

Foi planejado, Sr. Dr. Juiz! É intencional! - berrou Buckley.

-

Não me parece nada bom - acrescentou Noose.

-

Estou quase pedindo a anulação do julgamento!

-

Não vou concedê-la. O que é que acha, Jake?

Jake riu e depois disse:

-

Libertem Carl Lee. .

-

Muito engraçado - rosnou Buckley. - Provavelmente você planejou

tudo isto.

-

Não. Não se esqueça, Dr. Buckley, que eu tentei impedir isto. Por

diversas vezes pedi a transferência de foro. Cansei de repetir que o julgamento não

devia ser feito neste tribunal. O senhor quis que fosse aqui, Dr. Buckley. E o senhor

resolveu que seria aqui, Juiz Noose. É tolice se queixarem agora.

Jake ficou impressionado com a própria arrogância. Buckley rosnou e olhou pela

janela.

-

Olhem para eles. Pretos selvagens. Deve haver milhares deles lá fora.

Durante o almoço os dez mil passaram a quinze mil. Carros de lugares distantes -

alguns com placas do Tennessee - estacionavam nas beiras das estradas, fora dos limites

da cidade. As pessoas caminhavam quatro ou cinco quilômetros sob o sol escaldante para

participar das festividades em volta do tribunal. Agee determinou uma pausa para almoço e

a praça ficou calma.

Os negros continuavam a agir pacificamente. Abriram as caixas térmicas e os cestos

de piquenique e partilharam o almoço. Procuravam a sombra, mas não havia árvores

suficientes para todos. Entraram no edifício do tribunal para beber água e ir ao banheiro.

Andavam pelos passeios, vendo as vitrinas das lojas fechadas. Temendo alguma desordem,

o Coffee Shop e o Tea Shoppe fecharam as portas à hora do almoço. Do lado de fora do

Claude's, a fila estendia-se ao longo de um quarteirão e meio.

Jake, Harry Rex e Lucien descansavam na varanda do escritório e olhavam o circo lá

embaixo. A garrafa com margaritas rapidamente ficou vazia. Uma vez por outra, eles

participavam do movimento gritando "Libertem Carl Lee" ou cantarolando com eles o "We

Shall Overcome". Só Lucien sabia a letra, aprendida nos dias gloriosos dos direitos civis, nos

anos 60, e afirmava que era o único branco em Ford County que sabia a letra inteira. Naquele

tempo, ele chegara até a entrar para uma igreja negra, explicou Lucien, entre dois copos,

depois da sua igreja ter expulso todos os membros negros. Abandonou a igreja negra ao fim

de um sermão de três horas e de uma hérnia discal. Resolveu que os brancos não eram feitos

para aquele tipo de ritual. Mas contribuía ainda para a igreja.

Ocasionalmente, uma equipe da televisão aproximava-se do edifício do escritório de

Jake e gritava uma pergunta. Jake fingia não ouvir e ao fim de algum tempo, gritava "Libertem

Carl Lee!"

À uma e meia em ponto, Agee pegou no seu auto falante , desfraldou a bandeira,

alinhou os seus pregadores e reuniu os manifestantes. Começou com o hino, cantado

diretamente no auto falante e o desfile seguiu lentamente pela rua Jackson, entrou na Caffey

e começou a dar voltas à praça. Cada volta atraía mais gente e aumentava o

barulho.

A sala do júri ficou em silêncio durante um quarto de hora a seguir a Reba Betts ter

mudado a sua posição de indecisa para um voto de inocente. Se um homem a violasse, ela

sem dúvida que lhe estouraria os miolos se tivesse oportunidade. O placar agora era de cinco

a cinco com dois indecisos, e parecia impossível um acordo. O primeiro -jurado continuava de

fora. A pobre e velha Eula Dell Yates tinha votado uma vez de uma maneira e outra vez de

outra, e todos sabiam que acabaria por acompanhar a maioria. Junto à janela teve uma crise

de choro e foi conduzida à sua cadeira por Clyde Sisco. Queria ir para casa. Disse que se

sentia como uma prisioneira.

Os gritos e o desfile surtiram efeito. Quando o auto falante passava perto, o nível de

ansiedade na salinha chegava ao ponto mais alto. Acker pedia silêncio e depois esperava

pacientemente até a agitação se deslocar para frente do edifício. Mas nunca desaparecia por

completo. Carol Corman foi a primeira a levantar a questão da segurança dos jurados. Pela

primeira vez numa semana o motel silencioso era tremendamente atraente.

Três horas de ininterrupta cantilena tinham deixado os nervos de todas as

pessoas à

flor da pele. O primeiro-jurado sugeriu que falassem de suas famílias enquanto esperavam

que Noose os chamasse às cinco horas.

Bernice Toole, que discretamente votara culpado, sugeriu uma coisa em que todos

tinham pensado mas que ninguém tinha mencionado.

-

Porque não dizemos ao juiz que chegamos irremediavelmente a um

impasse?

-

Ele declararia inconclusivo o processo, não é isso? - perguntou Jo Ann

Gates.

-

Sim - respondeu o primeiro-jurado. - E o réu seria julgado novamente

dentro de alguns meses. Por que não terminamos por hoje e tentamos outra vez

amanhã?

Todos concordaram. Não estavam prontos para desistir. Eula Dell chorava baixinho.

Às quatro horas, Carl Lee e os filhos foram até uma das janelas altas que se alinhavam

dos dois lados da sala do tribunal. Ao ver uma pequena maçaneta, girou -a e a janela abriu-

se para uma pequena plataforma acima do lado oeste do jardim. Fez um sinal ao policial e

saiu para a varanda. Com Tonya ao colo, olhou para a multidão.

Viram-no. Gritando o seu nome, correram para o edifício. Agee desviou o desfile e

atravessou o gramado. Uma multidão de negros concentrou -se debaixo da varanda e

procurava ver mais de perto o seu herói.

"Libertem Carl Lee!" "Libertem Carl Lee!" "Libertem Carl Lee!"

Ele acenou para seus admiradores. Beijou a filha e abraçou os filhos. Acenou outra

vez e mandou os filhos acenar também. Jake e seu pequeno grupo, aproveitando a distração,

desceram do escritório e atravessaram a rua na direção do tribunal. Jean Gillespie tinha

telefonado. Noose queria falar com os advogados no seu gabinete. O juiz estava perturbado.

Buckley fervia de raiva.

-

Exijo a anulação do julgamento! Exijo a anulação do julgamento! -

gritava o promotor, quando Jake entrou.

-

O promotor pede anulação, governador, não exige - disse Jake,

secamente.

-

Vá para o inferno, Brigance! Você planejou tudo isto. Você armou esta insurreição. Aqueles ali são os seus pretos.

-

Onde está a taquígrafa? - perguntou Jake. - Quero que isso conste dos autos.

-

Senhores, senhores - disse Noose. - Sejamos profissionais.

-

Sr. Dr. Juiz, o estado requer a anulação do julgamento - disse Buckley, mais ou menos profissionalmente.

-

Negada.

-

Está bem, então. O estado faz uma moção para que o júri possa deliberar num lugar mais tranqüilo.

-

Bem, essa é uma idéia interessante - disse Noose.

-

Não vejo por que não podem deliberar no motel. Aquilo lá é tranqüilo e poucas pessoas sabem onde fica - disse Buckley, confiante.

-

Jake? - disse Noose.

-

Não, não vai dar certo. Não existe nenhum dispositivo legal que confira

ao juiz autoridade para permitir que o júri delibere fora do edifício do tribunal. - Jake

tirou algumas folhas de papel do bolso e atirou-as para cima da mesa. - O estado

contra Dubose, 1963, Linwood County. O ar-condicionado no edifício do tribunal de

Linwood County avariou-se durante uma onda de calor. O juiz itinerante permitiu que

o júri deliberasse numa biblioteca local. A defesa fez objeção. O júri condenou o

acusado. Na apelação, o Supremo Tribunal decidiu que a decisão do juiz tinha sido

imprópria e arbitrária. Por fim, o tribunal estabeleceu que as deliberações do júri

devem ser tomadas na sala do júri, no edifício do tribunal, onde o acusado está sendo

julgado. O senhor não pode deslocá-los.

Noose estudou o caso e entregou os papéis a Musgrove.

-

Prepare o recinto do tribunal - disse o juiz ao Sr. Pate. Com exceção

dos repórteres, só havia negros no tribunal. Os jurados pareciam abatidos e tensos.

-

Suponho que não chegaram a um veredicto - disse Noose.

-

Não, senhor - respondeu o porta-voz.

-

Deixem-me perguntar uma coisa. Sem indicar nenhuma divisão numérica, chegaram a um ponto do qual é impossível sair?

-

Falamos sobre isso, Meritíssimo. E gostaríamos de sair agora, ter uma boa noite de descanso e tentar novamente amanhã. Não estamos prontos para desistir.

-

Folgo em ouvir isso. Peço desculpas pela perturbação, mas, repito, não há nada que eu possa fazer. Lamento muito. Terão de fazer o possível. Mais alguma coisa?

-

Não, senhor.

-

Muito bem. Faremos um intervalo até às nove da manhã.

Carl Lee pôs a mão no ombro de Jake.

-

Que significa tudo isto?

-

Significa que chegaram a um impasse. Pode ser seis a seis, ou onze

a um contra você, ou onze a um pela absolvição. Portanto, acalme -se.

Barry Acker aproximou-se do meirinho e entregou-lhe uma folha de papel dobrada.

Dizia:

Luann, Pegue as crianças e vá para a casa da sua mãe. Não diga nada a ninguém.

Fique lá até isto acabar. Faça o que digo. Isto está perigoso.

Barry

-

Pode entregar isto à minha mulher, hoje? O nosso telefone é 881 -

0774. - Claro - disse o meirinho.

Tim Nunley, mecânico no concessionário da Chevrolet, ex-cliente de Jake Brigance e

freguês habitual do Coffee Shop, sentou-se num sofá da cabana no meio do bosque e bebeu

uma cerveja. Ouvia os seus irmãos do Klan bêbados insultando os negros. Uma vez por

outra, insultava também. Há duas noites que escutava cochichos e sentia que estavam

preparando qualquer coisa. Ouviu com atenção. Levantou-se para ir buscar outra cerveja. De

repente, eles lançaram-se sobre ele. Três dos seus camaradas seguraram-no contra a

parede e espancaram-no com socos e pontapés. Muito machucado, foi amordaçado,

amarrado e levado para fora. Atravessaram a estrada de cascalho e entraram no campo onde

ele fora iniciado como membro do Klan. Atearam fogo numa cruz e Tim foi amarrado a uma

estaca e despido. Depois, açoitaram-no até os seus ombros, costas e pernas se

transformarem numa pasta sangrenta.

Vinte e quatro dos seus ex-irmãos observavam, horrorizados e mudos, o corpo ferido

e a estaca serem ensopados com querosene. O líder, o que empunhava o chicote, ficou

parado ao lado dele durante uma eternidade. Pronunciou a sentença de mo rte e em seguida

atirou o fósforo aceso.

Mickey Mouse fora silenciado.

Empacotaram os mantos e outros objetos, e foram para casa. A maioria não voltaria

nunca mais a Ford County.

QUARENTA E TRÊS

Quarta-feira. Pela primeira vez em semanas Jake dormiu mais de oito horas.

Adormecera no sofá do escritório e acordou, às cinco horas da manhã, ao som dos soldados

que se preparavam para o pior. Estava descansado, mas a pulsação nervosa recomeçou

com o pensamento de que aquele podia ser o grande dia. To mou uma ducha e fez a barba

no primeiro andar e depois abriu um novo maço de Fruit of the Loom comprado na farmácia.

Vestiu o melhor terno azul-marinho de Stan Atcavage, dois centímetros mais curto e um

pouco largo, mas, muito bom, dadas as circunstâncias. Pensou no que sobrara da casa da

rua Adams, depois em Carla, e o nó na barriga começou a agitar -se. Saiu para ir buscar os

jornais.

Os jornais de Memphis, Jackson e Tupelo estampavam nas primeiras páginas

fotografias idênticas de Carl Lee, de pé na pequena varanda, acima da multidão, com a filha

no colo e acenando para a sua gente. Nem uma palavra sobre a casa de Jake. Ficou aliviado

e de repente sentiu fome.

Dell abraçou-o como se ele fosse o filho pródigo. Tirou o avental e sentou -se ao lado

dele. Os fregueses que entravam aproximavam-se e batiam no ombro de Jake. Era bom vê-

lo de novo. Tinham sentido a sua falta, e estavam todos torcendo por ele. Estava abatido,

disse Dell, e por isso ele pediu quase o menu completo.

-

Jake, acha que aqueles negros todos vão voltar hoje? - perguntou Bert

West.

-

Provavelmente - disse ele, atacando as panquecas.

-

Ouvi dizer que eles pretendem trazer mais gente esta manhã - disse

Andy Rennick. - Todas as estações de rádio negras do norte do Mississipi estão dizendo que venham para Clanton.

Ótimo, pensou Jake. Acrescentou Tabasco aos ovos mexidos.

-

O júri consegue ouvir aquela gritaria toda? - perguntou Bert.

-

É claro que consegue - respondeu Jake.

-

É por isso que gritam. O pessoal do júri não é surdo.

-

Devem estar assustados.

Jake esperava que sim.

-

Como vai a família? - perguntou Dell em voz baixa.

-

Bem, julgo eu. Falo com a Carla todas as noites.

-

Ela está assustada?

-

Apavorada.

-

O que foi que lhe fizeram a você, ultimamente?

-

Nada desde a manhã de domingo.

-

A Carla sabe?

Jake negou com a cabeça enquanto mastigava.

-

Foi o que eu pensei. Coitado...

-

Eu vou ficar bem. E por aqui?

-

Ontem fechamos à hora do almoço. Havia tantos negros lá fora que

tivemos medo de algum tumulto. Vamos ver o que acontece hoje, e conforme for,

fechamos outra vez. Jake, e se ele for condenado?

-

A coisa pode esquentar.

Jake ficou por ali uma hora, respondendo a todas as perguntas. Chegaram estranhos,

ele pediu licença e saiu. Agora era só esperar. Sentou-se na varanda, tomou café, fumou um

charuto e observou os soldados. Pensou nos seus antigos clientes, em um tranqüilo escritório

no sul, com uma secretária e os clientes à espera para o consultarem. Nas idas ao tribunal e

nas entrevistas na cadeia. Pensou em coisas normais, família, uma casa, a igreja aos

domingos. E pensou que não fora feito para coisas sensacionais.

O primeiro ônibus da igreja chegou às sete e meia e foi interceptado pelos soldados.

As portas abriram-se e a fila infindável de negros desceu com cadeiras de jardim e cestas de

piquenique e dirigiu-se ao gramado em frente do tribunal. Durante uma hora Jake expeliu

baforadas de fumo no ar pesado, enquanto observava com satisfação a praça abarrotada de

manifestantes pacíficos. Os reverendos estavam a todo o vapor, orientando as pessoas e

garantindo a Ozzie e ao coronel que não eram violentos. Ozzie acreditou. O coronel estava

nervoso. Às nove horas as ruas estavam repletas. Alguém avistou o ônibus dos jurados. "Aí

vêm eles!" gritou Agee pelo auto falante. A multidão deslocou -se para a esquina da rua

Jackson com Quincy, onde soldados e policiais formaram um cordão de isolamento em volta

do ônibus e o conduziram para a porta dos fundos do edifício.

Eula Dell Yates chorava copiosamente. Clyde Sisco, sentado perto da janela,

segurava-lhe na mão. Os outros olhavam amedrontados enquanto o ônibus avançava

lentamente na praça. Homens fortemente armados abriram caminho do ônibus até o tribunal

e Ozzie subiu a bordo. Tudo estava sob controle, garantiu ele, falando alto por causa do

barulho.

O meirinho fechou a porta quando eles se reuniram em volta da cafeteira. Eula Dell,

sozinha a um canto, chorava baixinho, estremecendo a cada grito de "Libertem Carl Lee!"

-

Não me importa o que vamos fazer - disse ela. - Francamente, não me

importa. Só que já não agüento mais isto. Há oito dias não vejo a minha família e agora esta

loucura. Não dormi nada esta noite - chorou mais alto. - Acho que estou à beira de um colapso

nervoso. Vamos sair daqui.

Clyde estendeu-lhe um lenço de papel e passou-lhe a mão pelo ombro. Jo Ann Gates

era um voto moderado a favor da culpa e estava a ponto de ir também abaixo.

-

Eu também não dormi nada esta noite. Não agüento outro dia como o de

ontem.

Quero ir para casa tratar dos meus filhos.

Barry Acker, de pé junto à janela, pensava no tumulto que se iria seguir se o veredicto

fosse culpado. Não ia ficar de pé um único edifício no centro da cidade, incluindo o do tribunal.

Duvidava de que alguém pudesse proteger os jurados nos momentos seguintes a uma

sentença indesejada. Provavelmente, não conseguiriam voltar para o ônibus. Graças a Deus

a mulher e os filhos tinham ido refugiar-se no Arkansas.

-

Sinto-me como uma refém - disse Bernice Toole, um voto certo pela

condenação. - Essa multidão ia invadir o tribunal numa fração de segundo se nós o

condenássemos.

Sinto-me intimidada.

Clyde estendeu-lhe uma caixa de lenços de papel.

-

Não me importa o que a gente faça - choramingou Eula Dell desesperada. -

Vamos embora daqui. Sinceramente, para mim tanto faz que a gente o condene ou o absolva.

Mas façamos qualquer coisa. Os meus nervos não agüentam mais.

Wanda Womack, de pé na extremidade da mesa, temperou nervosamente a garganta

e pediu a atenção de todos.

-

Eu tenho uma proposta - disse ela devagar - que talvez solucione esta coisa.

O choro parou, e Barry Acker voltou para a sua cadeira. Estavam todos atentos.

-

Pensei uma coisa, ontem à noite, quando não conseguia dormir, e

quero submetê-la à consideração de vocês. Pode ser dolorosa. Pode obrigá -los a

sondar o seu coração e a lançar um olhar ao fundo da alma. Mas vou pedir -lhes que

o façam, mesmo assim. E se cada um for sincero consigo mesmo, acho que podemos

terminar isto antes do meio-dia.

Os únicos sons eram os que vinham da rua.

-

Neste momento, estamos divididos em partes iguais, com um voto a

mais ou a menos. Poderíamos dizer ao juiz Noose que chegamos a um impasse

irremediável. Ele poderia declarar o processo inconcluso, e nós iríamos para casa.

Depois, ao fim de alguns meses, todo este espetáculo voltaria a se repetir. O Sr. Hailey

seria julgado novamente neste mesmo tribunal, pelo mesmo juiz, mas por um outro

júri sorteado neste condado, um júri constituído pelos nossos amigos, maridos,

mulheres e pais. O mesmo tipo de pessoas que está agora aqui nesta sala. Esse júri

iria enfrentar os mesmos problemas que nós, e essas pessoas não serão mais

inteligentes do que nós. O momento de decidir este caso é agora. Seria moralmente

errado fugir às nossas responsabilidades e passar o problema para um próximo júri.

Está todas as pessoas de acordo?

Concordaram em silêncio.

-

Muito bem. Vou lhes dizer o que quero que façam. Quero que, por um

instante, tentem fazer um esforço comigo. Quero que usem a imaginação. Quero que

fechem os olhos e ouçam apenas a minha voz.

Todos fecharam os olhos obedientemente. Alguma coisa merecia ser tentada.

Deitado no sofá do escritório, Jake ouvia Lucien falar do pai e d o avô, dois homens

de prestígio e da sua importante firma de advocacia, e de toda aquela gente a quem eles

tinham extorquido dinheiro e terras.

-

A minha herança foi construída pelos meus promíscuos

antepassados! - berrou. - Eles espoliaram todas as pessoas que puderam.

Harry Rex ria à gargalhada. Jake já tinha ouvido aquelas histórias, mas eram sempre

engraçadas e diferentes.

-

E o filho atrasado da Ethel? - perguntou Jake.

-

Não fale dessa maneira do meu irmão - protestou Lucien. - Ele é o

mais brilhante da família. É claro que é meu irmão. O meu pai contratou-a quando ela

tinha dezessete anos e, acreditem ou não, ela era atraente naquele tempo. Ethel Witty

era a coisinha mais quente de Ford County. O meu pai não conseguia tirar as mãos

de cima dela. Hoje, até dá enjôo pensar nisso, mas é verdade.

-

É revoltante - disse Jake.

-

Ela tinha uma casa cheia de filhos, e dois deles tinham a minha cara,

especialmente o idiota. Naquele tempo era muito constrangedor.

-

E a sua mãe? - perguntou Harry Rex.

-

Era uma daquelas velhas senhoras sulistas muito dignas cuja

preocupação principal era saber quem tinha sangue azul e quem não tinha. Como não

há muito sangue azul por aqui, ela passava a maior parte do tempo em Memphis,

tentando impressionar as famílias dos reis do algodão e tentando ser aceita por elas.

Passei boa parte da minha infância no Peabody Hotel, com terninhos engomados e

um lacinho vermelho ao pescoço, tentando ser muito bem educado com os filhos dos

milionários de Memphis. Eu odiava aquilo e também não gostava muito da minha mãe.

Ela sabia da Ethel mas aceitava a coisa. Disse ao velho que fosse discreto e não

envergonhasse a família. Ele foi discreto e eu acabei com um meio irmão retardado...

-

Quando é que ela morreu?

-

Seis meses antes de o meu pai morrer no desastre de avião.

-

De que morreu ela?

-

De blenorragia. Foi o jardineiro que lhe passou.

-

Lucien! Sério?

-

Cancro. Sofreu durante três anos mas manteve a dignidade até ao fim.

-

E você, onde foi que desatinou?

-

Acho que foi logo na primeira classe... O meu tio tinha uma grande

plantação no sul da cidade e era dono de uma porção de famílias de negros. Isto foi

no período da depressão, certo? Passei grande parte da minha infância ali porque o

meu pai tinha sempre muito que fazer aqui neste escritório e minha mãe muito

ocupada com os chás dela. Todos os meus companheiros de brincadeira eram

negros. Fui criado por criados negros. O meu melhor amigo era Willie Ray Wilbanks.

Sério. O meu bisavô tinha comprado o bisavô dele. E quando os escravos foram

libertados, quase todos mantiveram o nome da família. O que é que eles podiam

fazer? Por isso há tantos Wilbanks negros por aqui. Nós éramos donos de todos os

escravos de Ford County e a maioria deles adotou o nome Wilbanks.

-

Provavelmente, alguns são seus parentes.

-

Dadas as inclinações dos meus antepassados, provavelmente são

todos meus parentes...

O telefone tocou. Os três ficaram imóveis e olharam para o aparelho. Jake sentouse

no sofá e susteve a respiração. Harry Rex pegou no auscultador, e logo a seguir desligou.

-

Foi engano - disse ele. Entreolharam-se, depois sorriram.

-

Sendo assim, voltemos à primeira classe - disse Jake.

-

Certo. Quando chegou a hora de ir para a escola, Willie Ray e o resto

dos meus amigos entraram no ônibus da escola negra. Eu entrei também e o motorista

pegou-me na mão com todo o cuidado e me fez descer. Chorei e gritei e o meu tio me

levou para casa e contou à minha mãe: "Lucien apanhou o ônibus da escola dos

negros". Ela ficou horrorizada e deu-me uns açoites. O meu velho também me bateu,

mas anos mais tarde admitiu que tinha achado graça. Fui então para a escola dos

brancos onde eu era sempre o menino rico. Todas as pessoas odiavam o menino rico,

especialmente numa cidade pobre como Clanton. Não que eu fosse digno de ser

amado, mas o caso era que todas as pessoas se divertiam me detestando só porque

não tinham dinheiro. É por isso que eu nunca liguei muito para o dinheiro. E foi aí que

começou o meu inconformismo. Na primeira classe. Resolvi que não havia de ser

igual à minha mãe porque ela estava sempre com a testa franzida e olhava com

superioridade para o mundo inteiro. E o meu velho estava sempre muito ocupado para

gozar a vida. Decidi: Que se lixe tudo isto. Voume divertir um pouco!

Jake espreguiçou-se e fechou os olhos.

-

Nervoso? - perguntou Lucien.

-

Eu só queria que isto já tivesse acabado.

O telefone tocou outra vez e Lucien atendeu. Ouviu um momento e desligou.

-

O que foi? - perguntou Harry Rex.

Jake sentou-se e olhou para Lucien. Tinha chegado a hora.

-

Jean Gillespie. O júri está pronto.

-

Oh, meu Deus - disse Jake, esfregando as têmporas.

-

Preste atenção, Jake - aconselhou Lucien. - Milhões de pessoas verão

o que vai acontecer. Tenha calma. Cuidado com o que diz.

-

E eu? - gemeu Harry Rex. - Eu vou vomitar.

-

É um conselho estranho vindo de você, Lucien - disse Jake abotoando

o casaco.

-

Eu sei! Mostre que tem classe. Se ganhar, cuidado com o que diz à

imprensa. Não se esqueça de agradecer ao júri. Se perder...

-

Se perder - disse Harry Rex -, corra o máximo que puder, porque

aquela pretalhada toda vai invadir o tribunal.

-

Sinto-me sem forças - disse Jake.

Agee subiu para a plataforma nos degraus da frente do tribunal e anunciou que o júri

estava pronto. Pediu silêncio e, instantaneamente, a multidão se calou. Adiantaram-se para

as colunas da frente. Agee pediu-lhes que se ajoelhassem para rezar. Todos obedeceram e

começaram a rezar fervorosamente. Cada homem, cada mulher e cada criança ali presente

se inclinou perante Deus, pedindo-Lhe que libertasse o homem.

Os soldados reuniram-se e rezaram também, pedindo a absolvição. Ozzie e Moss

Junior fizeram sentar os espectadores e distribuíram os subdelegados e as tropas de reserva

ao longo das paredes e na passagem central. Jake entrou pela sala de espera dos acusados

e encarou Carl Lee, sentado à mesa da defesa. Depois olhou rapidamente para os

espectadores. Muitos rezavam. Muitos roíam as unhas. Gwen enxugava as lágrimas. Lester

olhou temeroso para Jake. As crianças estavam confusas e assustadas.

Noose sentou-se e um silêncio eletrificado envolveu a sala. Não vinha nenhum som

lá de fora. Vinte mil negros estavam ajoelhados no chão, como muçulmanos.

Imobilidade e silêncio na sala do tribunal e lá fora.

- Fui informado de que o júri chegou a um veredicto. Isso é certo, Sr. Meirinho? Mui to

bem. Em breve o júri estará no seu lugar, mas antes disso quero dar algumas instruções.

Não vou tolerar explosões ou demonstrações de emoção. Mandarei o xerife retirar qualquer

pessoa que perturbe a ordem. Se for preciso, mando evacuar a sala. Sr. Meiri nho, queira

instalar o júri.

A porta abriu-se, e foi como se decorresse uma hora tivesse até Eula Dell Yates

aparecer com os olhos cheios de lágrimas. Jake baixou a cabeça. Carl Lee olhou

corajosamente para o retrato de Robert E. Lee, acima de Noose. Os j urados entravam

desajeitadamente. Pareciam nervosos, tensos, assustados. A maioria tinha chorado. Jake

sentiu-se agoniado. Barry Acker segurava numa folha de papel que atraía a atenção de todos.

-

Senhoras e senhores, chegaram a um veredicto?

-

Sim, senhor, chegamos - respondeu o primeiro-jurado com voz

estridente e nervosa.

-

Por favor, entregue-o à escrivã.

Jean Gillespie pegou no papel e entregou-o a Sua Excelência, que o examinou

durante uma eternidade.

-

Está tecnicamente em ordem - disse Noose, finalmente.

Eula Dell estava lavada em lágrimas e as suas fungadelas eram o único ruído que se

ouviam na sala. Jo Ann Gates e Bernice Toole enxugavam os olhos com os lenços. O choro

só podia significar uma coisa. Jake tinha prometido a si mesmo ignorar o júri ant es de saber

o veredicto, mas era impossível. No seu primeiro julgamento criminal os jurados tinham

aparecido sorrindo. Nesse momento, Jake tivera certeza de uma absolvição. Segundos

depois, ficou sabendo que estavam rindo porque o criminoso ia sair de circ ulação... Desde

aquele julgamento que Jake tinha decidido nunca olhar para o júri. Mas acabava sempre por

olhar. Seria bom ver uma piscadela, um polegar erguido, mas nada disso aconteceu.

Noose olhou para Carl Lee.

-

O réu queira, por favor, levantar-se.

Jake sabia que provavelmente havia convites mais aterrorizantes em qualquer língua,

mas para um advogado criminologista aquele pedido, naquele momento, continha

implicações terríveis. O seu cliente levantou-se, desajeitado, patético. Jake fechou os olhos

e conteve a respiração. As mãos tremiam e doía-lhe o estômago.

Noose devolveu o veredicto a Jean Gillespie.

-

Por favor, leia, minha senhora.

Jean desdobrou o papel e encarou o réu.

-

Com referência a cada capitulação do indiciamento, nós, o júri,

consideramos o acusado inocente por motivo de insanidade.

Carl Lee voltou-se e correu para a barra do tribunal. Tonya e os meninos saltaram do

banco da frente e agarraram-se a ele. O tribunal explodiu num pandemônio. Gwen deu um

grito e desatou a chorar. Enterrou a cabeça nos braços de Lester. Os reverendos ficaram de

pé, olharam para o alto e gritaram: "Aleluia!" e "Jesus seja louvado!" e "Senhor! Senhor!

Senhor!"

Era como se Noose não tivesse feito nenhuma recomendação. Este batia com o

martelo, sem muita convicção, e dizia:

-

Ordem, ordem, ordem no tribunal. - Era impossível ouvi-lo no meio da

gritaria, e Noose parecia contente por permitir uma pequena comemoração.

Jake estava entorpecido, inerte, paralisado. O seu único movimento foi um fraco

sorriso na direção do júri. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, os lábios tremeram e

resolveu não se deixar dominar pela emoção. Inclinou a cabeça levemente para Jean

Gillespie, que estava chorando, e sentou-se à mesa da defesa, movendo a cabeça

afirmativamente e tentando sorrir, incapaz de fazer qualquer outra coisa. Pelo canto do olho

viu Musgrove e Buckley pegarem em papéis, bloco de notas e documentos de aspecto

importante e atirarem tudo para dentro das suas pastas. Seja indulgente, disse para si

próprio.

Um garoto passou como um raio, por entre dois policiais, e atravessou a antecâmara

gritando "Inocente! Inocente!" Correu para uma varandinha acima dos degraus da entrada e

gritou para a multidão lá em baixo: "Inocente! Inocente!" A multidão explodiu.

-

Ordem, ordem no tribunal! - dizia Noose quando a reação retardada

do exterior atravessou como um trovão as janelas.

-

Ordem, ordem no tribunal! - Noose tolerou a agitação durante mais um

minuto, depois pediu ao xerife para restaurar a ordem.

Ozzie levantou as mãos e falou. Os abraços, as palmas, os apertos de mão cessaram

rapidamente. Carl Lee deixou os filhos e voltou para a mesa da defesa. Sentouse perto do

seu advogado e passou um braço pelo ombro dele, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Noose sorriu para o acusado.

-

Sr. Hailey, o senhor foi julgado por um júri formado pelos seus pares

e declarado inocente. Não me recordo de nenhum depoimento dos peritos que tenha

afirmado que o senhor é agora um homem perigoso ou que precisa de ulterior

tratamento psiquiátrico. O senhor é um homem livre.

Sua Excelência olhou para os advogados.

-

Se não há nada mais a tratar, este tribunal ficará encerrado até 15 de

Agosto.

Carl Lee foi praticamente sufocado pela família e pelos amigos. Abraçavam-no,

abraçavam-se uns aos outros, abraçaram Jake. Choravam sem constrangimento e louvavam

o Senhor. Disseram a Jake que o adoravam.

Os repórteres, comprimidos junto à barra, disparavam perguntas a Jake. Este

levantou as mãos e disse que não tinha nenhum comentário a fazer. Mas que faria u ma

conferência de imprensa, no seu escritório, às duas horas da tarde.

Buckley e Musgrove saíram por uma porta lateral. Os jurados, fechados na sala do

júri, esperavam o ônibus para a última viagem ao motel. Barry Acker pediu para falar com o

xerife. Ozzie foi ao encontro dele no corredor, ouviu com atenção e prometeu escoltá -lo

para casa e providenciar-lhe proteção dia e noite.

Os repórteres cercaram Carl Lee.

- Eu só quero ir para casa - repetia ele. - Eu só quero ir para casa. A comemoração

chegou ao auge no jardim do tribunal. Cantavam, dançavam, choravam, trocavam

palmadinhas nas costas, abraçavam-se, davam graças a Deus, congratulavamse, rindo,

aplaudindo, vozes agudas, vozes graves e apertos de mãos comovidos. Erguiam louvores

aos céus num júbilo glorioso, tumultuoso, irreverente. Todos muito juntos, na frente do edifício

do tribunal, esperavam impacientes o seu herói para aquecêlo com o carinho merecido.

A paciência daquelas pessoas estava esgotando-se. Ao fim de meia-hora aos gritos

de "Queremos Carl Lee, Queremos Carl Lee", o homem apareceu na porta. Um rugido

ensurdecedor e vibrante recebeu-o. Carl Lee avançou, lentamente, pelo meio da multidão

com o seu advogado e a sua família e parou no primeiro degrau sob as colunas onde estava

a plataforma improvisada com milhares de microfones. Os gritos de vinte mil vozes eram

ensurdecedores. Ele abraçou o seu advogado e os dois acenaram para o mar de rostos que

gritavam.

Era impossível ouvir as perguntas gritadas pelo exército de repórteres. Uma vez por

outra, Jake parava de acenar e gritava qualquer coisa acerca de uma conferência de

imprensa, no seu escritório, às duas horas.

Carl Lee abraçava a mulher e os filhos e todos acenavam. A multidão aprovou com

um rugido. Jake conseguiu voltar para dentro do edifício, onde encontrou Lucien e Harry Rex

à espera a um canto, longe da massa de espectadores.

-

Vamos sair daqui - gritou Jake.

Abriram caminho no meio da multidão e saíram pela porta de trás. Jake viu uma

multidão de repórteres no passeio, em frente do seu escritório.

-

Onde está o seu carro? - perguntou Jake a Lucien. Lucien apontou

para uma das ruas laterais e os três desapareceram atrás do Coffee Shop.

Sallie fritou costeletas de porco e tomates verdes e serviu-os na varanda. Lucien abriu

uma garrafa de champanhe de alto preço e jurou que a tinha guardado para a ocasião. Harry

Rex comeu com as mãos, roendo os ossos como se há um mês não visse comida. Jake

quase não comeu e serviu-se do champanhe gelado. Após duas taças, sorriu com o olhar

perdido na distância. Saboreou o momento.

-

Você parece um autêntico palerma - disse Harry Rex, com a boca

cheia de carne de porco.

-

Cale-se Harry Rex - disse Lucien. - Deixe-o desfrutar a sua hora mais

bela. É isso que ele está fazendo. Repare no sorriso de cretino.

-

Que devo dizer à imprensa? - perguntou Jake.

-

Diga-lhes que precisa de alguns clientes - respondeu Harry Rex.

-

Clientes não vão faltar - disse Lucien. - Vão fazer fila à sua porta.

-

Porque não falou com os repórteres no tribunal? Estavam com as

câmeras ligadas e tudo... Eu comecei a dizer-lhes umas coisas - disse Harry Rex.

-

Aposto que foram jóias raras do pensamento - observou Lucien.

-

Tenho todos na mão - disse Jake. - Não vão lugar nenhum. Podíamos vender entradas para a reunião com a imprensa e ganhar uma fortuna.

-

Posso sentar-me e assistir, por favor, Jake, por favor? - disse Harry Rex.

QUARENTA E QUATRO

Discutiram durante algum tempo se deviam usar o Bronco caindo aos pedaços ou o

Porsche feio e sujo. Jake disse que não ia guiar. Harry Rex pr aguejou mais alto e todos três

entraram no Bronco. Lucien no banco de trás. Jake, ao lado do condutor, ia indicando o

caminho. Meteram por ruas secundárias, evitando o grande movimento dos carros que

começavam a deixar a praça. A estrada estava movimentada e, seguindo as indicações de

Jake, tomaram vários atalhos de cascalho. Por fim, encontraram asfalto e Harry Rex seguiu

na direção do lago.

-

Tenho uma pergunta, Lucien - disse Jake.

-

O que é?

-

E quero a verdade.

-

O quê?

-

Fez algum acordo com Clyde Sisco?

-

Não, menino, você ganhou por você mesmo.

-

Jura?

-

Juro por Deus. Em cima de uma pilha de bíblias.

Jake queria acreditar, por isso não insistiu. Continuaram sem falar, no calor

escaldante, ouvindo Harry Rex cantar com o gravador de cassetes. De repente, Jake apontou

e gritou. Harry Rex pisou no freio, virou rapidamente para a esquerda e acelerou por outra

estrada de cascalho.

-

Para onde é que vamos? - perguntou Lucien.

-

Espere um momento - disse Jake, olhando para uma fila de casas à

direita. Apontou para a segunda e Harry Rex parou na sombra de uma árvore na

passagem que levava à porta da casa. Jake desceu do carro, olhou em volta e

caminhou para a varanda.

Bateu na porta de rede. Apareceu um homem. Um desconhecido.

-

Sim, o que quer?

-

Sou Jake Brigance e...

O homem escancarou a porta e correu para apertar a mão a Jake.

-

É um prazer conhecê-lo, Jake. Eu sou Mack Loyd Crowell. Eu estava

no júri de instrução que por pouco não indiciava o seu cliente. Fez um trabalho de lh e

tirar o chapéu! Estou orgulhoso de você. - Jake apertou-lhe a mão e repetiu o nome.

E então lembrou-se. Mack Loyd Crowell, o homem que calara Buckley e o obrigara a

sentar-se.

-

Sim, Mack Loyd, agora me lembro. Obrigado. - Jake olhou

desajeitadamente para dentro da casa. - Está procurando Wanda? - perguntou

Crowell.

-

Bem, sim. Eu ia passando e lembrei-me do endereço dela que estava

na lista de jurados.

-

Veio ao lugar certo. Ela mora aqui, e eu também a maior parte do

tempo. Não somos casados, ou coisa assim, mas vivemos juntos. Ela está dormindo.

Está muito cansada.

-

Não a acorde - disse Jake.

-

Ela me contou o que aconteceu. Você ganhou a causa graças a ela.

-

Como? O que é que aconteceu?

-

Pediu a todos que fechassem os olhos e ouvissem o que ela ia dizer.

Pediu-lhes que imaginassem que a menina tinha cabelos louros e olhos azuis, que os

dois violadores eram negros, que eles tinham amarrado o pé esquerdo dela numa

cerca e o direito numa árvore. Que a violaram repetidamente e a insultaram porque

ela era branca. Pediu-lhes que imaginassem a garotinha ali deitada, chamando pelo

pai, enquanto eles lhe davam pontapés na boca, quebrando -lhe os dentes, quebrando

-lhe os maxilares, o nariz. Disselhes que imaginassem dois negros bêbados

entornando cerveja em cima dela e urinando no seu rosto e rindo como, anormais. E

depois acabou por lhes dizer que imaginassem que a garotinha lhes pertencia,

que

era sua filha. Recomendou-lhes que fossem honestos com eles mesmos e que

escrevessem em um papel se matavam ou não aqueles ne gros miseráveis se

pudessem. E eles votaram, voto secreto. Os doze, todos, disseram que cometeriam o

assassinato. O primeiro jurado contou os votos. Doze a zero. Wanda disselhes que

estava disposta a ficar sentada naquela sala até ao Natal, mas que nunca votaria pela

condenação, e se todos fossem honestos consigo próprios, pensariam da mesma

maneira. Dez concordaram com ela e houve uma mulher que se opôs. Todos

desataram a gritar e a censurá-la com palavras tão duras que ela, por fim, acabou por

ceder. A coisa foi dura lá dentro, Jake.

Jake escutava cada uma das palavras sem respirar. Ouviu um ruído. Wanda Womack

foi até à porta de rede. Sorriu e começou a chorar. Jake olhou para ela através da rede, mas

não conseguiu dizer nada. Mordeu o lábio e inclinou a cabeça.

-

Obrigado - foi tudo o que disse, com voz fraca.

Ela enxugou as lágrimas e inclinou também a cabeça.

Na rua Craft centenas de carros enfileiravam-se dos dois lados da passagem que

levava à casa dos Hailey. O jardim estava cheio de carros, de crianças que

brincavam,

enquanto os pais, sentados à sombra das árvores e nos capôs dos carros, conversavam.

Harry Rex parou numa vala, ao lado da caixa do correio. Uma multidão correu para

cumprimentar o advogado de Carl Lee. Lester segurou -o pelo braço e disse:

-

Conseguiu, Jake, conseguiu outra vez.

Trocaram apertos de mão e deram palmadas nas costas um do outro, at é chegarem

à varanda. Agee abraçou-o e louvou a Deus. Carl Lee levantou-se do balanço e desceu os

degraus seguido pela família e pelos admiradores. Juntaram-se todos em torno de Jake

quando os dois heróis ficaram frente a frente. Carl Lee segurou nas mãos de Jake e ambos

se entreolharam, à procura das palavras. Abraçaram-se. A multidão bateu palmas e gritou.

-

Muito obrigado, Jake - disse Carl Lee em voz baixa. Advogado e

cliente sentaram-se no balanço e responderam a perguntas sobre o julgamento.

Lucien e Harry Rex juntaram-se a Lester e a alguns de seus amigos à sombra de uma

árvore para um copo. Tonya corria e saltava no jardim com uma centena de crianças.

Às duas e meia, Jake sentou-se à mesa de trabalho e falou com Carla. Harry Rex e

Lucien tomaram os últimos goles de margarita e depressa ficaram bêbados. Jake tomou café

e disse à mulher que sairia de Memphis dentro de três horas e estaria na Carolina do Norte

às dez. Sim, estava bem. Tudo estava bem, e tudo tinha terminado. Havia dezenas de

repórteres na sala de conferências; portanto não deixe de ver o noticiário da noite. Ele iria

conversar com eles rapidamente, depois seguiria de carro para Memphis. Disse - lhe que a

amava, que sentia saudades do seu corpo e que em breve estaria junto ela.

Desligou. No dia seguinte telefonaria a Ellen.

-

Porque vai embora hoje? - perguntou Lucien. - É idiota, Jake, um

perfeito idiota.

Tem milhares de repórteres na palma da mão e vai sair da cidade.

-

Burrice, burrice completa - gritou Harry Rex.

Jake pôs-se em pé.

-

Que tal estou, amigos?

-

Como um idiota, se sair da cidade - disse Harry Rex.

-

Fique mais uns dias - pediu Lucien. - Nunca mais vai ter uma

oportunidade como esta. Por favor, Jake.

-

Acalmem-se. Vou falar com eles agora, deixar que me tirem o retrato,

responder a algumas das suas perguntas estúpidas e depois saio da cidade.

-

Você é louco, Jake - disse Harry Rex.

-

Concordo - disse Lucien.

Jake olhou-se no espelho, ajustou a gravata e sorriu para os amigos.

-

Eu gosto de vocês, amigos. Gosto mesmo. Recebi novecentos dólares

de honorários por este julgamento e estou planejando dividi-los com ambos.

Eles despejaram nos copos o que restava das margaritas, beberam apressadamente

e desceram a escada com Jake Brigance para enfrentar os repórteres.